O SUPRASSEGMENTAL EM TIKUNA E A TEORIA FONOLÓGICA

VOLUME I

INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS DA SINTAXE TIKUNA

Marília Facó Soares

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre

Trabalho apresentado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título Doutor em Ciências

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Marília Facó Soares e aprovada pela Comissão Julgadora em 09 / 05 / 92.

PROFA. DRA. MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE
ORIENTADORA

Campinas, fevereiro de 1992

So11s
v.1
17151/BC

Para os meus pais.

Para Rachel, Gustavo e Maria.

Agradecimentos

A Silvio Cavuseens, que me apresentou a perspectiva de trabalho com os Tikuna.

A Jussara Gruber, a quem devo os meus primeiros contatos com a área Tikuna e com as pessoas que nela trabalham ou trabalharam.

A Marina Khan e a André Villas-Bôas, pela hospitalidade e pelo apoio recebido em meu primeiro trabalho de campo, na aldeia Vendaval - um trabalho de campo feliz que determinou (quem sabe?) a felicidade de muitas outras estadas no campo.

A Charlotte Emmerich, que apoiou, quando da minha chegada oficial ao Museu Nacional, a minha escolha de trabalho junto aos Tikuna.

A Maria Bernadete Marques Abaurre, pela orientação tranqüila e pela confiança depositada em meu trabalho.

A Luiz Carlos Cagliari, pela possibilidade de desenvolver o meu gosto pela fonética.

A Carlos Franchi, que leu e comentou criticamente o volume de sintaxe desta tese; muitas de suas observações foram de grande importância e resultaram em benefício para o texto, sendo eu sozinha, no entanto, a única responsável pelos possíveis erros cometidos.

Ao CNPq e a FAPESP, que através da concessão de bolsas e auxílios, tornaram possível a realização da pesquisa lingüística.

Ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional, pelo espaço institucional privilegiado de trabalho com línguas e grupos indígenas.

A Tania Clemente de Souza, pela amizade.

A Bethania Mariani, pelos gestos de ajuda e carinho que pontuaram momentos da redação desta tese.

E a Digerlaine Tenório, que datilografou com alma os páginas que

se seguem.

Em boa parte cronologicamente distribuídos, os agradecimentos acima não são muitos. Sem serem numerosos, eles são, porém, significativos e fundamentais.

SUMÁRIO

Introdução Geral

Volume I

Parte I: ORDEM DE PALAVRA

0 - Considerações Gerais

1 - A ordem SOV

2 - A ordem SVO

2.1. Vinculações

2.2. Vinculações em Tikuna

2.2.1. Os sintagmas "adverbiais"

2.2.2. O sintagma nominal complexo: a relação genitivo-nome

2.2.3. Uma proposta de categoria vazia

2.3. O sintagma nominal sujeito

2.4. Vinculações e ordem SVO

3 - A ordem OVS

4 - Tópico e sintagma posposto ao verbo

5 - Sentenças encaixadas

Parte II: DA EXTRAÇÃO DE FRASES NOMINAIS

1 - Orações relativas

2 - Movimento wh-

Conclusão

Notas

Bibliografia

Introdução Geral

Este trabalho é o resultado da execução de um projeto que, levando o mesmo nome da tese, é ele próprio fruto de um projeto nosso anterior de pesquisa com a língua Tikuna, língua considerada isolada, isto é, sem relação com qualquer família lingüística. Como muitos projetos voltados para línguas indígenas cujo estudo se inicia, também esse projeto anterior, a que dei o nome de Descrição e documentação da língua Tikuna, via na necessidade de realização de uma descrição segura a superação do problema do pouco conhecimento que ainda cerca muitas de nossas línguas indígenas. No âmbito desse primeiro projeto, iniciado em 1983, foram realizados e publicados dois trabalhos. O primeiro deles, "Alguns processos fonológicos em Tikuna", nos levou às conclusões de que processos ocorridos no nível segmental podem ter efeito sobre o nível suprassegmental e de que características prosódicas como o tom e a duração estão relacionadas entre si. No segundo dos trabalhos, "Traços acústicos das vogais em Tikuna", estudamos a *expansão* do sistema vocálico Tikuna, partindo da substância fonética e procurando pensar o problema da interseção e da nasalização de segmentos vocálicos de modo a relacioná-lo a aspectos prosódicos. Ambos os trabalhos nos colocaram no caminho de uma busca de elementos para uma relação entre som e estrutura. No início dessa busca, elaboramos o texto "Som, forma e estrutura em Tikuna", que, modificado e ampliado em alguns de seus pontos e recebendo o título de "Padrões rítmicos em Tikuna: elementos para uma relação entre som e estrutura", foi apresentado IX EN-

CONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, realizado em 1984. Foi no contexto dessa mesma busca que elaboramos o projeto cujos resultados apresentamos. No momento de sua elaboração já tínhamos, em função dos próprios fatos que a língua estudada nos apresentava, a consciência de que seria necessário pensar fatos lingüísticos de maneira integrada. Na prática, isso significou o não-abandono imediato de características fonéticas sem poder distintivo e a absoluta impossibilidade de circunscrição do trabalho a um único nível lingüístico. Do ponto de vista teórico, a necessidade de pensar fatos lingüísticos de maneira integrada significou executar um movimento contrário à tendência que vem sendo experimentada pela teoria fonológica, já que, ao longo das modificações ocorridas nessa teoria, é possível notar uma tendência isolacionista: o componente fonológico vem-se tornando um componente fechado em si mesmo, e os fonólogos estão deixando de refletir sobre a relação entre a fonologia e os demais níveis lingüísticos. É, portanto, como parte de um movimento contrário a essa tendência que o presente trabalho se apresenta. E foi com o objetivo de reintroduzir uma reflexão sobre a relação entre níveis lingüísticos que ele foi escrito.

VOLUME I

INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS DA SINTAXE TIKUNA

Investigamos aqui[1] alguns aspectos da sintaxe da língua Tikuna. Tais aspectos referem-se à questão do tópico e à das restrições existentes, em construções transitivas, à localização de sujeito e objeto nominais. Pretendemos, através dessa investigação, discutir a aparente flexibilidade da ordem de palavra em Tikuna, fornecer uma explicação para o surgimento de uma marcação de caso nessa língua e contribuir para a verificação dos limites formais à variação de ordem de palavra entre os constituintes maiores de uma sentença gerados por uma gramática[2].

O percurso que realizamos passou pelo exame da ordem de palavra e da extração de frase nominal, tópicos que levaram o trabalho a ser subdividido em duas grandes partes. Na primeira parte, relativa à ordem de palavra, consideramos as ordens SOV, SVO e OVS, o tópico, as sentenças encaixadas. A ordem SVO, por nela se fazerem presentes elementos existentes em outras construções, nos levou a falar de vinculações dentro do quadro teórico adotado, de vinculação em Tikuna e especificamente de vinculações e ordem SVO. Na segunda parte, tratamos da extração de frase nominal porque isso se impunha como algo decorrente de conclusões tiradas na primeira parte.

Finalmente, queremos reafirmar que este trabalho, em que se investiga a sintaxe de uma língua indígena, não se esgota na sintaxe. Ele faz parte de uma reflexão que queremos ver tecida: a reflexão sobre as relações existentes entre os níveis lingüísticos.

ORDEM DE PALAVRA

0 - Considerações iniciais

Tida como língua isolada, sem relação com qualquer família lingüística[3], o Tikuna é falado por uma grande população cuja maioria vive no Brasil, habitando, de forma espalhada, uma extensa área do Alto Solimões[4].

Por ser uma língua tonal com cinco níveis de altura[5] - caso único na América do Sul -, sua área maior de interesse tem sido identificada como sendo a fonologia: em termos de descrição, o seu sistema de tom intrincado revestiu-se, em uma dada época, de particular interesse para o campo lingüístico[6]; em termos de aprendizado, esse mesmo sistema tonal tem sido considerado por falantes de outras línguas como um obstáculo para a penetração e o domínio do Tikuna.

Embora a fonologia do Tikuna justifique o interesse de que vem sendo cercada, os estudos de sintaxe feitos sobre essa língua mostram, porém, que também nesse terreno as dificuldades não são menores.

Lowe (1960 c: 1) afirma que:

> Tikuna is a language, which on first appearences at any rate, seems to have a relatively simple morphology. The syntax, however, is characterized and complicated by an extremely flexible word order and the lack of morphological markers adds to the difficulty of syntactical analysis.

Na abordagem preliminar que fez da sintaxe Tikuna, Lowe

(1960 c) trata de dois tipos de oração: as orações intransitivas e as orações transitivas. Apesar de não ter certeza quanto à diferença êmica entre ambas, Lowe assume, no trabalho em questão, que essa diferença existe[7].

Nas orações intransitivas, percebe ele que a ordem ("slot order") é extremamente fluida e que o núcleo da oração é o verbo ou o complexo verbal. Propõe, então, uma estrutura em camadas, que tem: o verbo ou o complexo verbal como seu núcleo; uma posição (slot) facultativa de direção-locacional como a primeira camada fora da camada verbal; as posições facultativas de tempo e modo como segunda camada fora da camada verbal. Isso posto, estabelece que:

- as posições precedendo e seguindo imediatamente o núcleo podem ser ocupadas por direção-"locacional" que é facultativo (± DL);
- quando somente uma posição de direção-"locacional" é preenchida, ela é sempre a que está antes do núcleo; exemplo:

  j u^{3} r u^{3} r u^{3} a^{3} w a^{3} n i^{1} j a^{4} ? u

  Jururua from I come

  'I come from Jururua'

- ambas as posições de direção-"locacional" pré-núcleo e pós-núcleos podem ser preenchidas; exemplo:

  n u^{3} m a^{15} t a^{2} t a^{5} m a^{3} j a^{5} n u^{4} ? i^{2}

  here right I stay

M a^{3} r i^{3} a w a^{3} c u^{3} w a^{1}

at Mariawassu

'I am going to stay right here at Mariawassu'

- no preenchimento da posição tempo (T)/modo (M), parece haver uma estrutura em camadas simétrica, a qual seria expressa pela fórmula[8]

± T/± M (± DL + S ± DL) ± T/± M

exemplificada em

ŋ a^{1} e m a^{5} c a^{4} ? u^{3} p a^{3} p a^{1} a^{5} r ɨ^{4}

there I go father

j ɨ^{4} ? ɨ^{4} a e^{3} n i^{2} ŋ a i^{5} k a^{5} t a^{2}

feast soon fut

n i^{2} ŋ a i^{5} k a^{5}

soon

- estando a segunda camada a partir do núcleo ocupada, parece permitido à direção-"locacional" preceder ou seguir o núcleo, tendo sido constatadas as ordens:

± T + V ± DL

± T ± DL + V

± DL + V ± T

As orações transitivas, na visão de Lowe, têm a forma

± O + A

ou a forma

+ A ± O

em que + A é

> an obligatory action tagmeme manifested by a verb or verb complex - the verb belonging to a certain verb class[9]

e ± O é

> an optional object tagmeme manifested by a noun or noun expression (seemingly often with an object marker on the noun)[10].

E isso significa que tais orações não necessitam possuir um objeto expresso, o que levou Lowe a duvidar da diferença êmica entre oração transitiva e oração intransitiva.

Anderson (1966) considera que, em Tikuna, orações transitivas são aquelas constituídas de verbos transitivos, isto é, de formas verbais que assim são consideradas por apresentarem raízes transitivas ou mesmo intransitivas, identificadas de acordo com os elementos com os quais cada raiz pode ocorrer. Assim é que, segundo Anderson, o Tikuna possui cinco classes maiores de verbos transitivos, subdivididas, por exemplo, com base na ocorrência do objeto externo, nos alomorfes do objeto interno e nas séries de alomorfes do prefixo referencial de pessoa ɨ[5]. A subdivisão de Anderson é exaustiva, podendo cada classe de verbo transitivo atingir subdivisões que congregam, por sua vez, outras tantas subdivisões[11]. A excessiva subdivisão de Anderson teve como efeito prático o de permitir que uma análise das orações, entre elas as transitivas, fosse feita basicamente nos mesmos termos que aquela levada a cabo

para os verbos. Diz ele:

> TS clauses are transitive statements. These are TS_1 simple transitive + P: TV_1 (obligatory predicate slot filled by transitive verb 1) [12].
>
> TS_2, desiderative action, is represented by the minimum formula + P:TV_2 (obligatory predicate slot filled by transitive verb 2) [13].

Em outras palavras: os verbos foram classificados de acordo com seus componentes e/ou de acordo com os componentes da oração (objetos externos); as orações, por sua vez, foram classificadas de acordo com o tipo de verbo que nelas aparece. Dessa forma, Anderson promoveu apenas um inventário de verbos e orações, tendo deixado de lado a oportunidade de pensar, entre outras coisas, a relação entre o verbo e seus argumentos.

A relação entre o verbo e seus argumentos tem, neste nosso trabalho, um lugar central. Ao conferir a essa relação um tal lugar, estamos, antes de mais nada, descartando não só a realização de uma análise em que se ordenam posições categoriais (análise distribucional), mas estamos também deixando de lado uma análise na qual a adoção de regras de estrutura frasal é fator fundamental para a ordenação de constituintes (análise gerativa em versões mais antigas).

A nossa análise segue versões mais recentes da teoria ge

rativa, pelas quais a ordem é uma conseqüência de princípios mais gerais da teoria e de parâmetros especificamente determinados. Tais versões estão ancoradas em dois trabalhos fundadores: Stowell (1981) e Travis (1984). Esses trabalhos, devido à sua importância, são aqui brevemente considerados em suas passagens mais importantes para a nossa análise.

No terceiro capítulo de sua tese, Stowell (1981) discute sobretudo, os princípios que determinam a ordem de complementos no nível $\bar{X}$. Justificada pela ausência de uma predição da teoria $\bar{X}$ quanto à ordem específica de constituintes em um dado nível-barra, a discussão realizada leva à construção de uma explicação para a ordem de complementos SN, SP e $\bar{S}$ no interior de diferentes sintagmas categoriais. Essa explicação está decisivamente apoiada nas teorias de Caso e de atribuição de papel temático, teorias que, seguindo-se Stowell, levam a uma compreensão imediata da ordem dos complementos.

Um dos pontos necessários para essa compreensão é a observação da condição de adjacência, um ponto essencial na atribuição de Caso. Estabelecendo que um constituinte governado recebe Caso de uma cabeça não-nominal que lhe seja adjacente, a condição de adjacência tem contra a sua universalidade possíveis violações. Identificadas quando da interveniência de um constituinte não-argumental entre o verbo e seu complemento ou mesmo quando da interveniência, entre o verbo e seu objeto, de elementos passíveis de serem argumentos do verbo, as violações observadas terminam por ser caracterizadas como violações aparentes. Uma caracterização nesse sentido é re-

sultante de certas hipóteses. Uma dessas hipóteses é a de que a atribuição de Caso possa se aplicar, em determinadas línguas, a uma representação abstrata de $\bar{X}$ na qual se façam presentes apenas a cabeça e seus argumentos. Essa hipótese faz com que deixe de ser problema a interveniência observada, por exemplo, em uma língua como o italiano, de um advérbio de modo entre o verbo e o objeto: tal advérbio é invisível para os propósitos da atribuição de Caso. Uma outra hipótese é a de que, no caso da interveniência de elementos argumentais entre o verbo e o objeto, como se dá, por exemplo, no holandês, haja uma dupla posição de núcleo na estrutura $\bar{X}$. Essa hipótese, que afirma o espalhamento do verbo por mais de uma posição, faz com que ao objeto posa ser atribuído Caso de maneira adjacente. Sustentadas por fatos das línguas a partir das quais foram levantadas, as hipóteses mencionadas permitem que a atribuição de Caso sob adjacência possa ser mantida como um princípio invariante da gramática universal.

Ainda no âmbito da teoria de Caso, Stowell explica, a partir das condições formais de atribuição de Caso, por que em línguas não-configuracionais, que se caracterizam por uma morfologia rica, a ordem de constituintes aparece como livre: nessas línguas, o Caso não é atribuído pelo verbo; antes, o verbo deve ter a sua subcategorização ligada a complementos nominais, os quais estão especificamente marcados para Caso - algo semelhante ao que se passa, por exemplo, com um verbo do inglês cuja subcategorização pede um determinado complemento preposicionado sem a ele atribuir Caso. A partir de explicações como essa, perde o sentido o estabelecimento de uma dicotomia rígida entre línguas configuracionais e não-configuracionais: no quadro das teorias do Caso e do $\bar{X}$, as línguas podem ser não-configuracionais de várias maneiras.

Por fim, ao examinar estruturas nas quais um sintagma nominal argumento aparece na estrutura D em uma posição que não é adjacente a um núcleo [-N], Stowell colhe evidências a

favor da dicotomia entre categorias [+N] e [-N], no que diz respeito à atribuição de Caso, e determina quando a atribuição de Caso a um constituinte se faz por outros meios que não sob adjacência a um núcleo [-N]. Apoiado ainda na teoria do Caso, focaliza a regra de movimento sintático (move α) que se aplica a um sintagma nominal argumento que aparece, na estrutura D, em uma posição à qual não corresponde, na estrutura S, uma posição passível de atribuição de Caso ou de recebimento de um marcador de Caso postiço. Focaliza também casos em que a mesma regra se aplica, ao aparecer o sintagma nominal na estrutura D em uma posição à qual, na estrutura S, pode ser atribuído Caso. Mostrando como interagem as teorias de Caso e de atribuição de papel temático com outros componentes da teoria de Regência e Vinculação (Government and Binding), o propósito maior de Stowell é o de fornecer uma visão da teoria formal da gramática como sendo capaz de deduzir diferenças superficialmente arbitrárias de princípios gerais, e não de estipulações apoiadas em generalizações estruturais expressas em termos de regras categoriais.

A visão fornecida por Stowell é extensível a outras categorias que não sintagmas nominais. Na extensão operada, merece registro, em particular, o estabelecimento por Stowell do Princípio de Resistência ao Caso. Por esse princípio, não se pode atribuir Caso a uma categoria que porta um traço de atribuição de Caso. E, com base nesse princípio, opõem-se categorias que se diferenciam através do valor nelas atribuído ao traço [Tempo], além de serem criadas as condições para a previsão de movimento de complementos oracionais: para Stowell,

um complemento de um verbo ativo que seja complemento oracional com o traço [+ Tempo] deve-se mover, em função da sua resistência ao recebimento de Caso, para uma posição não-argumental, deixando seu traço para funcionar como o argumento ao qual são atribuídos Caso e papel temático.

O percurso que faz Stowell (1981) no estudo da ordem dos complementos termina por fornecer a visão de que os constituintes podem aparecer em qualquer ordem que seja compatível com os princípios gramaticais abstratos das teorias de Caso e de atribuição de papel temático.

Travis (1984) investiga, no segundo capítulo de sua tese - Word Order Parameters and Typology -, os problemas do componente de base, voltando-se especificamente para as ordens de palavra encontradas nas línguas naturais. Sendo seu objetivo o de de evitar o uso estipulativo de regras de reescrita no componente de base, Travis tem, nos diferentes sub-sistemas da gramática vigentes na literatura relacionada a Government and Binding (Chomsky (1981)), o ponto de partida para a sua proposta.

A teoria $\bar{X}$ fornece os elementos para que se tenha o modelo básico para as regras de estrutura frasal, ao capturar a generalização de que cada projeção não-lexical deve possuir uma cabeça, isto é, um elemento nuclear com os mesmos traços categoriais. Paralelamente, aquilo que uma regra de estrutura frasal, formulada nos termos do $\bar{X}$, deixa elíptico enquadra-se no princípio chomskyano de interpretação plena: por esse princípio, tanto no componente fonológico quanto naquele que representa um tipo de forma lógica cada elemento deve ser licencia-

do por uma interpretação apropriada, que é alcançada através da subcategorização e da predicação. A subcategorização coloca a estrutura de complemento de um item lexical no léxico, dispensando-a de ser gerada por regras de estrutura frasal. E através da predicação - um nível com lugar na gramática desde Williams (1980) - são licenciados elementos que, sem ser parte de uma regra de reescrita, não são nem cabeças (núcleos) nem complementos.

Seguindo com Travis, as teorias do léxico, do $\bar{X}$ e da predicação determinam quais elementos têm lugar dentro de uma projeção máxima. Quanto ao problema da ordem desses elementos, Travis o resolve por partes.

A ordem de não-núcleos em relação a núcleos tem a sua solução encontrada na categorização das línguas como sendo núcleo-inicial (V-O) ou núcleo-final (O-V): línguas V-O tendem a ser preposicionais e línguas O-V, posposicionais - algo que se sabe desde Greenberg (1963). O parâmetro da nuclearidade alcança em Travis (1984) categorias não-lexicais: $\bar{S}$ é equivalente a $\overline{\text{COMP}}$ e S, a $\overline{\text{Flex}}$, o que faz de línguas em que esse parâmetro é integralmente observado, línguas com COMP e Flex inicial ou final.

A ordem de projeções máximas entre si é predita pela relação de atribuição de Caso. Travis apóia-se, nesse ponto, em Stowell (1981), que propôs, como já vimos, o parâmetro da adjacência para atribuição de Caso. Retoma também o princípio da resistência ao Caso, igualmente devido a Stowell (1981): como já se viu, para esse último sentenças (ou qualquer outra cate-

goria que contenha um traço de atribuição de Caso) não podem receber Caso. Aceitando, inicialmente, esse princípio, Travis justifica com ele o movimento, por exemplo em alemão, de sentenças encaixadas para uma posição não-argumental. Ainda dentro da relação de atribuição de Caso, está a predição da ordem do sintagma nominal sujeito em relação ao seu núcleo, Flex. Nesse ponto, é novamente o parâmetro de adjacência a fonte para a predição: estendendo o que se encontra em Stowell (1981), Pesetsky, em sua tese **Paths and Categories**, se vale da adjacência para explicar por que, em uma língua núcleo-inicial como o inglês, o sintagma nominal sujeito - sintagma não-nuclear - ocupa na sentença a posição inicial: o sujeito em inglês deve ser adjacente a Flex para poder receber Caso, e essa adjacência, na língua, só é obtida com o sujeito à esquerda de Flex. Travis aceita as conclusões de Pesetsky e com elas fortalece a idéia de que as condições de atribuição de Caso constituem também um parâmetro para a descrição da ordem de palavra.

Reunidos, a teoria $\bar{X}$ e a nuclearidade, os quadros de subcategorização lexicalmente especificados e as condições de atribuição de Caso constituem um conjunto de parâmetros necessários para o tratamento da ordem de palavra. Esse conjunto é acrescido de mais três outros parâmetros: a direção da atribuição de Caso e a direção da atribuição de papel temático, vistos como necessários por Travis ao tratar das mudanças ocorridas no chinês quanto à ordem de palavra; e, por fim, a direção da predicação, parâmetro ligado à explicação da ordem de constituintes no nível de $\overline{\text{Flex}}$.

A variação na ordem de palavra é resultado da atuação de diversos parâmetros. Exemplo disso é encontrado no mandarim moderno, em que a ordem de palavra é determinada pelo estabelecimento da direção de marcação de papel temático, independentemente do parâmetro da nuclearidade, que, nessa língua, é caracterizado como uma especificação default[14] . Vista como um resultado da atuação de parâmetros, a variação existente em uma língua quanto à ordem de suas palavras deixa de indicar situações de instabilidade ou de falta de pureza tipológica e passa a apontar para a existência de pontos estáveis de organização sintática. Paralelamente, diante do desenvolvimento das teorias de Caso e de papel temático - formadoras de parâmetros -, abre-se espaço para que se tornem mais restritas as possibilidades de ramificação na representação de constituintes, o que por sua vez, pode restringir outras partes da gramática[15] . Uma confirmação nesse sentido advém da relação de predicação, que, para Travis, é constituidora do último parâmetro aqui mencionado como integrando o conjunto de parâmetros por ela colocados como necessários a uma descrição acurada da ordem de palavra: a direção da predicação.

Ligada à explicação da ordem de constituintes no nível de $\overline{\text{Flex}}$, a predicação é o meio pelo qual se atribui papel temático externo ao sintagma nominal sujeito[16] . Por estarem em uma relação de predicação, o sintagma verbal e o sintagma nominal sujeito devem ser constituintes do mesmo nível. Por outro lado, como o sintagma verbal é visto como o complemento de Flex, ambos também devem estar no mesmo nível: ambos são irmãos. Com isso, surge uma divisão tripartida que reúne sob o

nódulo $\overline{\text{Flex}}$ o sintagma nominal sujeito, o sintagma verbal e Flex. No nível em que esses três constituintes se reúnem, algumas diferenças se estabelecem. Uma primeira diferença é que a atribuição de Caso ao sintagma nominal sujeito por Flex se dá via co-indexação, não se podendo falar aqui em condição de adjacência: para que a co-indexação se dê - e com ela a atribuição do caso nominativo - a única exigência feita é a de que Flex e o sintagma nominal sujeito sejam irmãos. A essa peculiaridade junta-se uma outra: não se dando sob adjacência, a atribuição de Caso pode apresentar uma direção diferente daquela efetuada por V ou P. Um segundo ponto de diferença é que SN e SV, irmãos, estão envolvidos em uma relação de atribuição de papel temático própria: o sintagma nominal sujeito recebe papel temático de maneira composicional, vindo essa atribuição da relação de predicação, relação fundamental para que, no nível de $\overline{\text{Flex}}$, se tenha uma ramificação tripartida[17].

As possibilidades e restrições quanto à ramificação na representação de constituintes estão, como se vê no caso da predicação, ligadas ao desenvolvimento de certas noções da teoria, não se seguindo elas de elaborações especificamente voltadas para a ramificação. Possibilidades e restrições também existem quanto à ordem de palavra e, segundo Travis, elas são o resultado da adoção dos parâmetros há pouco apontados.

Uma parte importante dos parâmetros estabelecidos em Travis (1984) está apoiada nas teorias de Caso e atribuição de papel temático, com o desenvolvimento que a essas teorias foi proporcionado por Stowell (1981).

Neste nosso trabalho, a relação entre o verbo e seus argumentos tem, como já dissemos, um lugar central. Vamos abordá-la através dos fatos lingüísticos mais imediatos - a ordem das palavras - e vamos, à medida que a análise se desenvolve, deixar claro como as questões relativas à ordem em Tikuna estão crucialmente relacionadas à teoria do Caso e ao princípio da visibilidade, necessariamente observado na atribuição de papel temático.

1 - A Ordem SOV

Nas sentenças abaixo, temos o verbo precedido de dois argumentos: o primeiro indica o agente; o segundo, o paciente, o resultado, o objeto da ação :

(1.1.) Maria pacara i'ũ ga ine

Maria cesto 3p.fem- fazer x ontem

'Maria fez cesto ontem'

(1.2.) Reinaldo airu nima'

Reinaldo cachorro 3p-matar

'Reinaldo matou o cachorro'

(1.3.) Gracila Luiza'ũ̃ iyau

Gracila Luiza-dativo[18]

3p. fem-pegar

'Gracila pegou a Luiza'

(1.4.) Maria rũ Elisasi idau

Maria tõpico Elisa-piolho

3p.fem-procurar

'Maria catou piolho da Elisa'

(1.5.) airu rũ ãtape nabũ'ũ

cachorro tópico cobra 3p-morder

'O cachorro mordeu a cobra'

(1.6.) Elisa rũ Luiza'ũ iyawũpara

Elisa tópico Luiza-dativo 3p.fem-coçar(riscar)-perna

'Elisa está coçando a perna da Luiza'

Poderíamos considerar os dois argumentos em questão como sendo, respectivamente, o sujeito e o objeto de suas sentenças. No entanto, antes de fazê-lo, há alguns fatos a serem levados em conta.

Em primeiro lugar, na ordem focalizada nota-se que o que poderíamos considerar como sujeito aparece, muitas vezes, seguido da partícula *rũ*, como se vê nos exemplos (1.4.), (1.5.) e (1.6.). Essa partícula aparece também, facultativamente, em orações intransitivas após o agente como em

(1.7.) Reinaldo rũ nifene i ngewa

Reinaldo tópico 3p-caçar x hoje

'Reinaldo foi caçar hoje'

(1.8.) Reinaldo nifene i nhumã

Reinaldo 3p-caçar x agora

'Reinaldo foi caçar hoje'

Essa mesma partícula, nas orações transitivas, pode não aparecer após o agente, como acontece em (1.1), (1.2.) e (1.3.), tudo indicando que ela não é identificadora de um sujeito. Nós a consideramos como marca de tópico e vamos voltar a ela mais adiante (cf. 4).

Em segundo lugar, quando os argumentos que indicam o agente e o paciente se encontram antes do verbo, ambos não recebem necessariamente uma marca morfológica: como mostra o exemplo (1.2.), a ordem pode bastar para a identificação de agente e paciente. A necessidade da marcação de caso surge aqui a partir do momento em que o segundo argumento, que é o paciente, possui o traço [+ animado] , como ocorre no exemplo (1.3.)[19].

Feitas essas considerações, teríamos como exemplos realmente representativos da ordem SOV as sentenças (1.1), (1.2.) e (1.3.), podendo-se nelas, em princípio, identificar um sujeito: a primeira frase nominal contrasta com a segunda no que diz respeito a algumas das características que têm sido consideradas como identificadoras do sujeito[20] : a interpretação agentiva, propriedades de marcação de caso, concordância verbal.

Com relação à concordância verbal, tem-se que, na ordem SOV, o verbo só exibe concordância com a primeira frase nominal:

(9) Peduru Luiza'ũ *niwũ*para

Pedro Luiza-dativo 3p-coçar - perna

'Luiza está coçando a perna da Luiza'

(10) Luiza Peduru'ü *iyawü*para

Luiza Pedro-dativo 3p.fem- coçar - perna

'Luiza está coçando a perna de Pedro'

A concordância entre o verbo e o primeiro sintagma nominal é o meio que a língua oferece para manifestar a relação entre um predicado e o seu sujeito. Essa relação - a relação de predicação - pode ser vista nos mesmos termos em que a considerou Williams (1980). Seguindo-se Williams, quando um sintagma nominal c - comanda[21] um outro sintagma e quando esse último é c - subjacente[22] ao sintagma nominal que lhe serve de antecedente, estão presentes as condições que permitem a co-indexação de um predicado a um SN . Vista como manifestação de uma relação - a relação de predicação - expressa através de co-indexação, a concordância entre o verbo e o primeiro sintagma nominal tem um lugar na teoria dos Casos: a concordância revela o caminho pelo qual se dá a atribuição do Caso nominativo ao sujeito[23]. E essa atribuição, nas construções focalizadas, faz-se da direita para a esquerda.

No que diz respeito às propriedades de marcação de caso em Tikuna, que é uma língua que pode apresentar caso morfologicamente expresso, a frase nominal em que se tem sempre o caso morfologicamente realizado como zero é aquela que poderia ser considerada como o sujeito da sentença. Como a língua em questão não é ergativa, o caso sempre realizado como zero marcaria não apenas o sujeito de verbo intransitivo, mas também o sujeito de verbo

transitivo.

Como a questão do sujeito se reapresenta em outros tipos de construção, a ela retornaremos por mais de uma vez.

Nos mesmos exemplos considerados acima como representativos da ordem SOV, podemos identificar um objeto direto. À esquerda do verbo e adjacente a ele, esse objeto pode ser visto como regido pelo verbo, que atribui ao objeto, da direita para a esquerda, o Caso acusativo.

A atribuição de Caso e das funções temáticas de agente e paciente faz-se, assim, da direita para a esquerda no interior de uma ordem estrutural caracterizada por ser núcleo final - a ordem SOV. Vale dizer ainda que, mantendo as expectativas geradas pela atribuição de Caso e sua manifestação em uma ordem estrutural, é gramatical a presença de objeto indireto em posição pré-verbal:

(11) Peduru rũ nũna na'ne na'a ...

Pedro tópico 3p. para flecha 3p-dar

'Pedro deu flecha para ele ...' (ele≠Pedro)

2 - A ordem SVO

São exemplos da ordem SVO as seguintes sentenças:

(2.1.) *Reinaldo nayama ga airu ga Ũpa'Ũra*

Reinaldo ele-objeto-matar x cachorro

x tempo passado (recente)

'Reinaldo matou o cachorro faz dias'

(2.2.) *Bu'Ũ nanayau ya nũta*

menino ele-objeto-pegar x pedra

'O menino pegou a pedra'

Sentenças como as que estão acima são comuns em Tikuna. Nelas o argumento que expressa o paciente, o resultado ou o objeto da ação (P), situado à direita do verbo, é antecedido de determinadas partículas que, de acordo com falantes nativos, identificam o item que as segue como sendo 'feminino' ou 'masculino'[24]. As mesmas partículas - tratadas em nossa tradução literal como x - estão ligadas, ainda segundo alguns falantes, a uma noção de tempo. Assim:

i 'não-passado'

ya 'não-passado'

a 'não-passado'

Tais partículas alternam com

ga 'passado'

Podemos, inicialmente, considerar essas formas como introduto -

ras do argumento P situado à direita do verbo. Antes, porém,de nos determos nelas, vamos fazer algumas observações que envolvem os argumentos por elas introduzidos.

Em primeiro lugar, o uso das partículas mencionadas não se restringe à introdução do argumento P, como se pode constatar em (2.1.): aí se tem não só o emprego de

ga

antes de

aiɾu 'cachorro'

como também antes de

ɪ̃pa'ɪ̃ɾa 'tempo passado (recente)'

Em segundo lugar, há boas indicações para não se dizer que em sentenças semelhantes a (2.1.) e (2.2.), nas quais se tem a forma verbal expressando internamente a noção objeto, o argumento situado à direita do verbo tenha sido apensado no decorrer do processo de produção do enunciado pelo falante, sendo, em virtude disso, um "afterthought". A noção 'objeto' interna ao verbo tem como função indicar que em um enunciado há um argumento que é P. De modo geral, esse argumento se situa à direita do verbo em sentenças do tipo abordado . A regularidade de tal ocorrência permite que se identifique P a partir da noção 'objeto' interna à forma verbal. Quando não se encontra expressa tal noção, ou P precede imediatamente o verbo, como em

(1.2.) *Reinaldo aiɾu nima'*

Reinaldo cachorro 3ª p. - matar

'Reinaldo matou o cachorro'

ou P se segue ao verbo, havendo, porém, à esquerda deste um clí

tico[25] marcado casualmente e co-referente ao argumento em questão, como em

(2.3.) *Yatll* *nll'll*$_i$ *ni'u* *i* *oreqll*$_i$

homem 3ª p.-dativo ele-contar x história-plural

'O homem conta história'

(2.4.) *Airu* *nll'll*$_i$ *nangõ'* *i* *bu'll*$_i$

cachorro 3ª p.-dativo ele-comer x menino (criança pequena)

'O cachorro mordeu o menino'

No caso de não se ter o clítico ou de estar ausente do verbo a noção 'objeto' e, ainda assim, o argumento P se encontrar à direita do verbo, esse último se encontrará marcado casualmente, como se dá em

(2.5.) *Elisa* *iyawllpara* *Luiza'll*

Elisa ela-coçar-perna Luiza-dativo

'Elisa coça a perna da Luiza'

Até o momento, situações como a exibida em (2.5.) só foram encontradas nos casos de incorporação do tema no verbo.

Em (2.3.) e (2.4.), a presença do clítico co-índiciado ao argumento P à direita do verbo mostra que o falante, ao produzir o enunciado, o faz levando em consideração esse mesmo argumento. Isso também se dá em (2.1.) e (2.2.), em que a expressão da noção 'objeto' interna à forma verbal é uma maneira de estabele -

cer uma concordância entre o verbo e o argumento P, que se encontra regularmente à sua direita.

Colocadas as observações acima, podemo-nos indagar pelo papel desempenhado pelas partículas anteriormente mencionadas como introdutoras do argumento P situado à direita do verbo.

Como já foi dito, as partículas

i

ya

a

ga

não ocorrem apenas antes do argumento P, podendo, algumas vezes, ser dispensadas ou mesmo aparecer precedendo mais de um item em uma mesma sentença:

(2.6.) *Nangewaca'ũ i Reinaldo arũ napa*

3ª p.-novo x Reinaldo de rede

'A rede do Reinaldo é nova'

(2.7.) *Nangewaca'ũ Reinaldo arũ napa*

3ª p.-novo Reinaldo de rede

'A rede do Reinaldo é nova'

(2.8.) *Nĩgene i Reinaldo ngewa*

3ª p.-caçar x Reinaldo hoje

'Reinaldo foi caçar hoje'

(2.9.) *Nĩɬene i Reinaldo i ngewa*

3ª p.-caçar x Reinaldo x hoje

'Reinaldo foi caçar hoje'

Deve ainda ser notado que, em uma sentença, o próprio tópico (ver 4) pode vir a receber uma dessas partículas:

(2.10.) *I nhumã rã nanore i doñ'ñgã*

x agora tópico 3ª p.-pouco x pessoa-plural

'Agora, tem pouca gente'

(2.11.) *Ya natchi rã naca' tchadau*

x piolho tópico 3ª p.-por 1ª p.-procurar

'Piolho, eu cato'

Uma primeira questão que se coloca, a partir da observação dos dados, diz respeito ao aparecimento das partículas em questão antes do argumento P situado à direita do verbo. Seria esse aparecimento resultante apenas de uma necessidade discursiva? Estaria esse aparecimento ligado à presença do clítico ou à noção 'objeto' interna à forma verbal? Teria ele uma relevância sintática mais ampla?

Para começar a responder a essas questões, vamos voltar a dizer que o argumento P é o objeto da sentença: a ele seria atribuído o Caso objetivo, que pode ser morfologicamente realizado através do sufixo

- *'ñ* 'dativo'

como acontece em (2.5.). A ausência de realização morfológica

do Caso por meio de tal sufixo é coincidente com o aparecimento do clítico à esquerda do verbo ou com a expressão da noção 'objeto' no próprio verbo - como se pode constatar em (2.1.), (2.2.), (2.3.) e (2.4.).

Nas sentenças em que, como (2.3.) e (2.4.), aparece o clítico referente ao objeto que está à direita do verbo, é o clítico que fornece informações relativas não só a número e pessoa, mas também a Caso.

De acordo com Borer (1981), a co-indexação obrigatória do clítico e da frase nominal complemento se deve ao fato de o clítico governar essa última, por ser ele um traço da cabeça (ou núcleo). Em Tikuna, que é uma língua que permite a ordem OVS (ver 3), uma sentença que apresente frase nominal duplicando o clítico não será, de acordo com nossos dados, ambígua. Por exemplo, para uma sentença como

(2.12.) *Nɨ'ɨ* *nadau* *ya* *yatɨ*
3ª p.-dativo 3ª p.-ver x homem

não encontramos como sentido possível

o homem$_i$ viu ele$_j$

sendo ela interpretada como

x viu ele$_i$ o homem$_i$

devido à co-indexação existente entre o clítico e o objeto nominal. Da mesma maneira, sentenças como

(2.13.) *Nɨma'ɨ* , *nɨ'ɨ* *nadau* *ya* *yatɨ*
ele-dativo 3ª p.-dativo 3ª p-ver x homem

(2.14.) *Ãtape'l̃l̃* *nima'* *ya* *yatll*

cobra-dativo 3ª p-matar x homem

terão sua possibilidade de interpretação ligada à presença/ausência do clítico.

Em (2.13.), a presença do clítico leva à interpretação de *yatll* como objeto. Quanto a *nllma'l̃l̃*, também objeto, refere-se a uma outra terceira pessoa:

x está olhando ele$_i$ o homem$_i$ e um outro

E, em um caso como esse, haveria agramaticalidade caso o clítico estivesse ausente, como acontece em

(2.15.)* *nllma'l̃l̃* *nima'* *ya* *yatll*

ele-dativo 3ª p-matar x homem

Em (2.14.), a ausência do clítico permite que a frase nominal situada à direita do verbo seja tida como sujeito, resultando daí a interpretação

o homem matou a cobra

interpretação essa dependente das condições estabelecidas para o surgimento da ordem OVS (ver 3).

Nas sentenças em que o clítico se faz presente, a co-indexação entre ele e a frase nominal objeto é obrigatória. Se o clítico em Tikuna ocupasse uma posição argumental, a co-indexação não seria obrigatória, isto é, a referência poderia ser disjunta. Como tal não acontece, construções com clítico em Tikuna apóiam a tese de Borer (1981), a de que o clítico é um traço da cabeça, governando a frase nominal complemento.

Ainda segundo Borer (1981), o clítico despoja a frase nominal complemento do Caso e, para não haver violação do filtro de Caso, é necessário que seja introduzido um marcador de Caso

"dummy" antes da frase nominal complemento - um marcador que, a fora a observância quanto ao filtro de Caso, pode não vir a ter relevância sintática, uma vez que é perfeitamente plausível, em uma dada língua, a sua introdução no componente fonológico. Em Tikuna, há as já mencionadas partículas

i 'não-passado'

ya 'não-passado'

a 'não-passado'

ga 'passado'

precedendo a frase nominal objeto na ordem SVO. Vejamos, então, se é possível manter para o Tikuna as afirmações que Borer, seguindo Kayne (1975), faz sobre clítico e atribuição de Caso.

Clíticos e absorção de Caso em Tikuna. Não é difícil verificar que o clítico absorve Caso:

(2.16.) a. *Manuel* *nɨ'ɨ* *nadau* *ya* *yatɨ*
3p-dativo 3p-ver x homem

'Manuel viu o homem'

b.**Manuel* *nɨ'ɨ* *nadau* *yatɨ*
3p-dativo

Construções como (2.16.b.) não são possíveis em Tikuna: *yatɨ* 'homem' ficou desprovido do Caso devido à absorção realizada pelo clítico. Já construções como (2.16.a.) se tornam viáveis porque, apesar da presença do clítico, a frase nominal complemento tem, aparentemente, a sua visibilidade ligada à presença de uma das partículas mencionadas.

Atribuição de Caso por partículas. As partículas inicialmen

te apontadas e que, mais adiante (ver Orações relativas), serão por nós chamadas de partículas índice, também se fazem igualmente necessárias fora do âmbito da relação verbo e frase nominal complemento. A necessidade da presença dessas partículas em outros tipos de relação é o que se pode observar em certas construções. Por exemplo, nas construções que envolvem a relação genitivo- nome:

(2.17.) a. *catchiwemũ* 'comida do porco'
porco comida

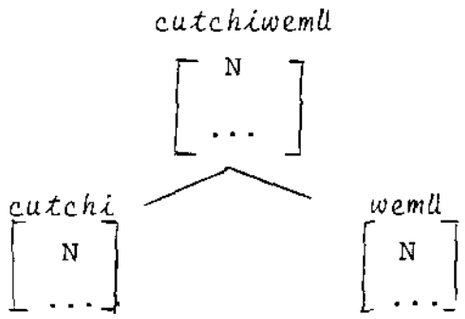
b. *nawemũ* *i* *ngobũ* 'comida do jabuti'
3ª. p-comida x jabuti

(2.18.) a. *Tchowiri* *arũ* *ore* 'História sobre Tchowiri'
de história

b. *Oregũ* *i* *werigũ* 'História sobre pássaros'
história-pl x pássaro-pl

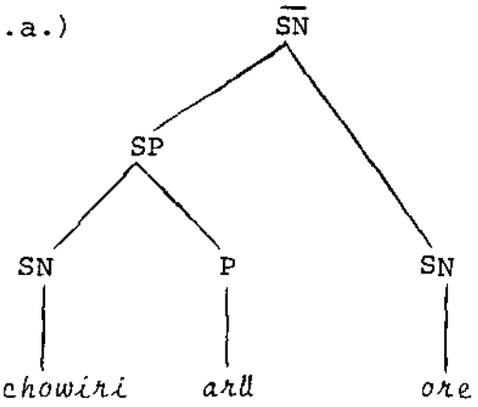
Na inversão de ordem operada entre os termos de uma relação genitivo-nome, as partículas focalizadas necessariamente aparecem, quer quando essa relação, manifestada dentro da palavra é invertida e ampliada para uma relação entre palavras (cf. (2.17.)), quer quando essa relação, mantida como relação entre palavras, é atingida por uma inversão da ordem (cf. (2.18.)). Dizendo isso de outra maneira, as referidas partículas aparecem quando a relação genitivo-nome é tratada como nome-genitivo, alterando-se uma ligação entre um núcleo e o termo que sobre ele incide. No nível da palavra, tal ligação é expressa

através da simples precedência da parte não-nuclear sobre a parte nuclear, como em (2.17.a.):



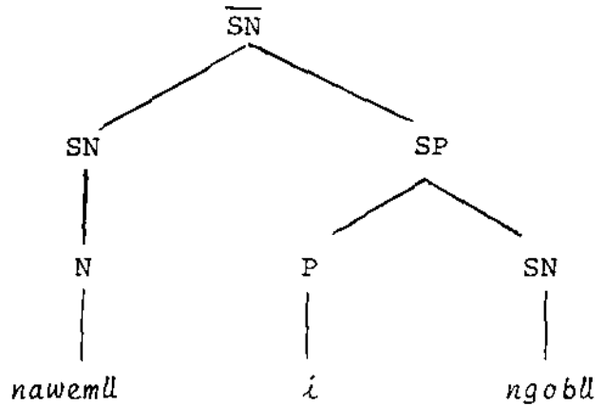
No nível da locução, não é suficiente a relação de precedência, uma vez que em construções similares a (2.18.a) não pode faltar *arll* 'de', que estabelece a relação de dependência imediata que um termo mantém com o núcleo da construção que ambos integram. Isto é, em construções como (2.18.a.) as relação sintáticas seriam expressas como no diagrama abaixo:

(2.18.a.)

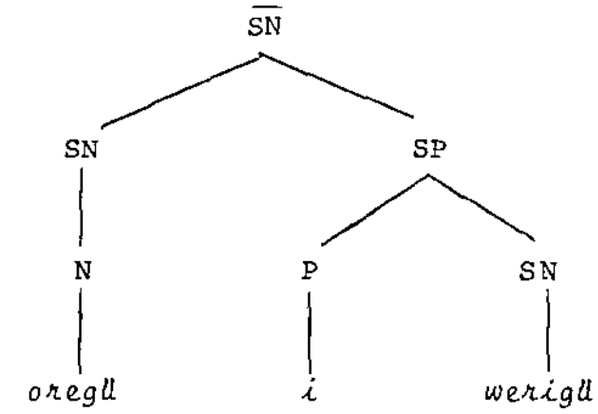


Quando invertida a relação entre parte não-nuclear e parte nuclear, mantém-se, no nível da locução, a exigência de subordinar o termo não-nuclear ao núcleo da construção via a presença de uma partícula que, nesse caso, não será mais *arll* 'de', mas uma dentre as partículas de que estamos tratando. Assim, casos como (2.17.b.) e (2.18.b.) teriam o mesmo diagrama:

(2.17.b.)



(2.18.b.)



Pode-se indagar por que uma inversão da ordem operada entre a parte não-nuclear e o núcleo de uma construção, leva, de acordo com os diagramas precedentes, à manutenção, no nível da locução, de uma mesma relação sintática, ao mesmo tempo em que há, inexplicavelmente, a necessidade de não mais se empregar uma forma que é de antemão explicitadora da relação que está em jogo, sendo essa forma substituída por uma outra utilizada em outras construções. Na relação genitivo-nome, a forma que explicita, no nível da locução, tal relação é *arll* 'de', posposta a um nome que, juntamente com ela, incide sobre o núcleo. Quando essa relação é colocada em outra ordem, *arll* 'de' não mais é expresso, muito embora não constitua impedimento para a sua ...ex-

pressão o fato de que poderia vir a se encontrar em final de enunciado. A ocorrência de *arã* em final de enunciado não é impossível, como se pode ver em (2.19.),

(2.19.) - *Te'e arã napa ?* 'De quem é a rede?
Quem de rede

- *Reinaldo arã.* 'De Reinaldo'

e não seria essa, portanto, a razão para não terem sido encontradas ocorrências semelhantes a (2.20.), em que *arã* 'de' ocupa o final do enunciado, ao acompanhar a parte não-nuclear posposta ao núcleo dentro da locução .

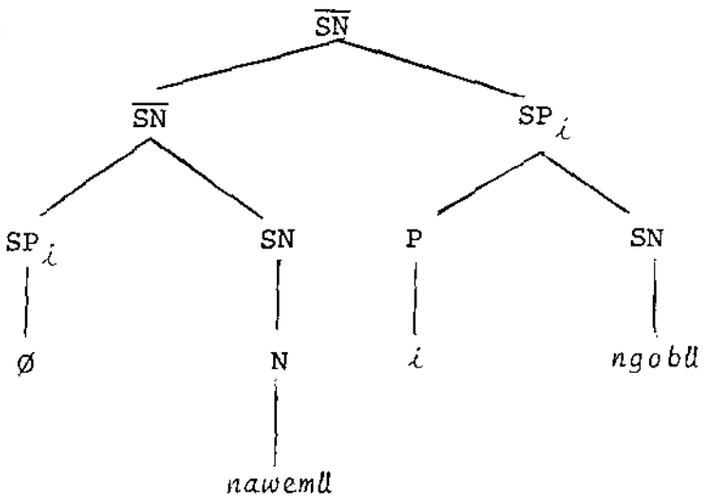
(2.20.)* $[_{SN}$ *Oregã werigã arã*$]$ 'Histórias sobre
história-pl pássaro-pl de pássaros'

Uma razão plausível para a inexistência de ocorrências semelhantes a (2.20.), ao lado da possibilidade da ocorrência de *arã* 'de' em final de enunciado, pode ser buscada no nível da constituição da própria locução. Uma simples inversão da ordem entre parte não-nuclear e núcleo sem modificação na estrutura de constituinte deixa a ausência de *arã* na relação em causa sem explicação. Se pensada, porém, uma modificação na estrutura de constituinte quando se altera a ordem na relação genitivo-nome, pode ser encontrada uma motivação para a dispensa de *arã* e para o conseqüente aparecimento de uma das partículas que vêm sendo mencionadas ao longo desta seção. Uma alteração na estrutura de constituinte que justifique a ausência de *arã* seria aquela que levasse a uma quebra na ligação entre núcleo e parte não-nuclear, ao estar aquele seguido dessa última. Tal quebra seria ob

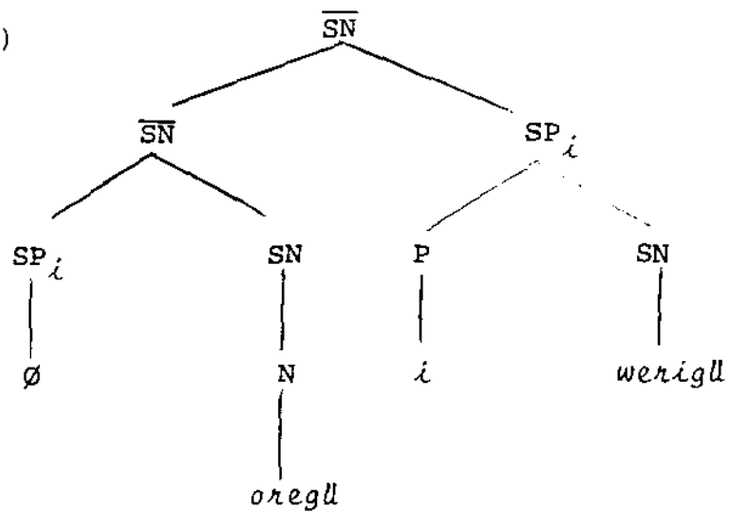
tida pelo deslocamento da parte não-nuclear para outro nível diferente daquele ocupado pelo núcleo, de modo que aquela não viesse a incidir diretamente sobre esse último. Com isso, a subordinação imediata da parte não-nuclear ao núcleo estaria afetada. E como *ard* é forma posposta estabelecedora de subordinação imediata, a sua presença, ao ser invertida a ordem no caso em questão, é insuficiente para resgatar a relação que está em jogo.

Ao pensarmos a quebra na ligação entre os termos participantes da relação invertida nome-genitivo como fruto do deslocamento da parte não-nuclear para um nível diferente daquele do núcleo, estamos, de fato, postulando uma nova ramificação em termos de constituinte. De acordo com tal postulação, as partículas que estamos focalizando assumiriam o papel de elementos subordinadores indiretos ao núcleo da parte não-nuclear, agora ocupante de um outro nível. Essas partículas, entretanto, não são capazes por si sós de nos dizer qual exatamente o tipo de relação mantida entre a parte não-nuclear posposta e o núcleo, uma vez que essas mesmas partículas ocorrem em outros tipos de construção. Para que isso aconteça, será necessário que à face subordinadora exibida por elas venha a se juntar uma propriedade de co-indexação, isto é, elas teriam a propriedade de subordinar um termo a outro através da co-indexação. Se for assim, os diagramas referentes a (2.17.b.) e (2.18.b.) deverão ser alterados para

(2.17.b')


SN
SN
SP i
SP i
SN
P
SN
Ø
N
i
ngobll
nawemll

(2.18.b')


SN
SN
SP i
SP i
SN
P
SN
Ø
N
i
werigll
oregll

Um ponto a favor do que acabamos de postular está no fato de que a categoria vazia que agora surge no diagrama pode ser propriamente governada: o sintagma preposicionado mais alto preenche, com relação àquele que está mais baixo no diagrama, as condições de c - comando[26] e, além disso, ambos estão co-indexados. E, no que se refere à propriedade de co-indexação exibida pelas partículas de que estamos tratando, essa terminaria por decorrer da própria característica subordinadora apresentada por essas mesmas partículas, característica que permitiria o resgate de uma dada relação sintática.

Um outro tipo de construção em que se dá o aparecimento das referidas partículas é aquele em que ocorre sintagma adverbial posposto ao verbo:

(2.21.) a. *Yatll* *tocutchigu* *inangu*
homem meio-dia-locativo (lugar dentro) aspecto-3ª p- chegar
'O homem chegou ao meio-dia'

b. *Yatll* *inangu* *i* *tocutchigu*
homem aspecto-3ª p-chegar x meio-dia-locativo (lugar dentro)
'O homem chegou ao meio dia'

c. **Yatl inangu tocutchigu*

'O homem chegou ao meio-dia'

d. *nallane dautchitagu*

3ª.p-fazer-roça terra firme-locativo (lugar dentro)

'Ele fez roça na terra firme'

e. *wairawa na'ũ i dautchitawa*

açaí-locativo 3ª.p-ir x terra firme-locativo (lugar para)

'em busca de açaí ele foi, na terra firme'

(ele foi em busca de açaí na terra firme)

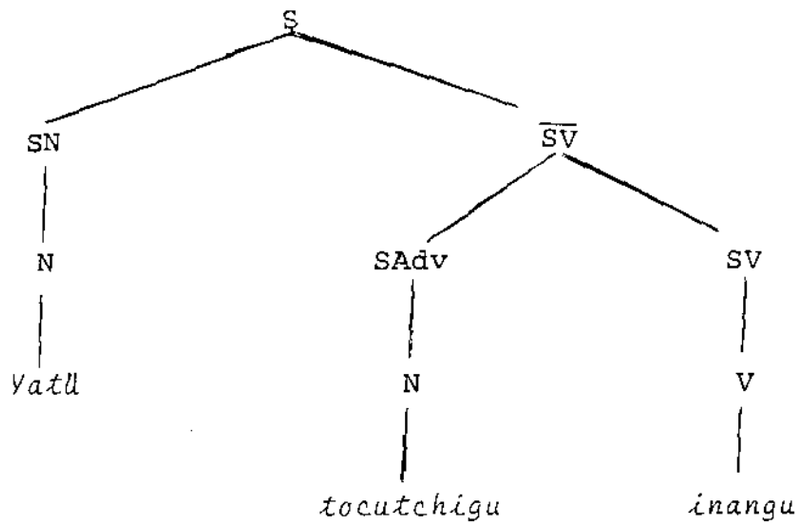
f. *ni'ũ namagu*

3ª.p-ir caminho-locativo

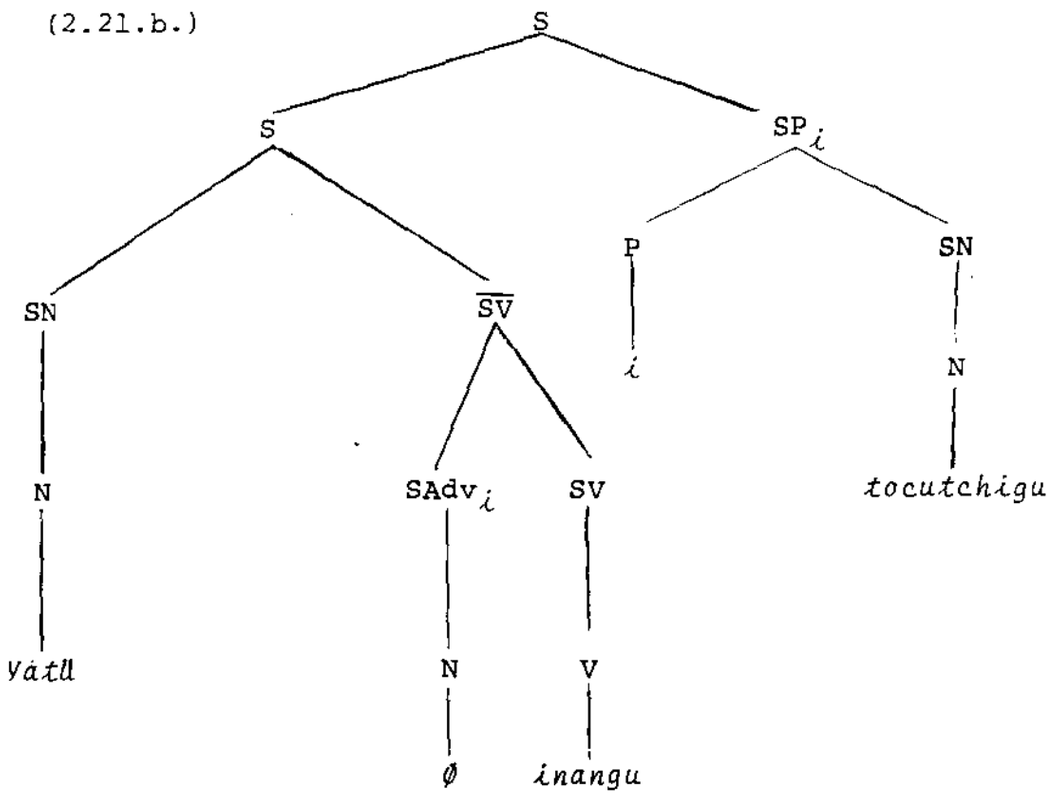
'ele foi no caminho'

Seguindo-se o mesmo tipo de raciocínio há pouco desenvolvido, seria possível postular, para as sentenças acima, os seguintes diagramas:

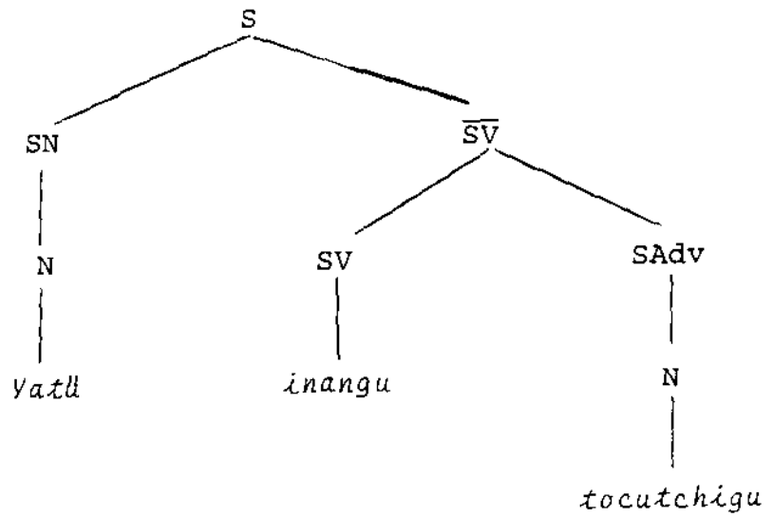
(2.21.a.)


S
SN
SV
N
SAdv
SV
Yatll
N
V
tocutchigu
inangu

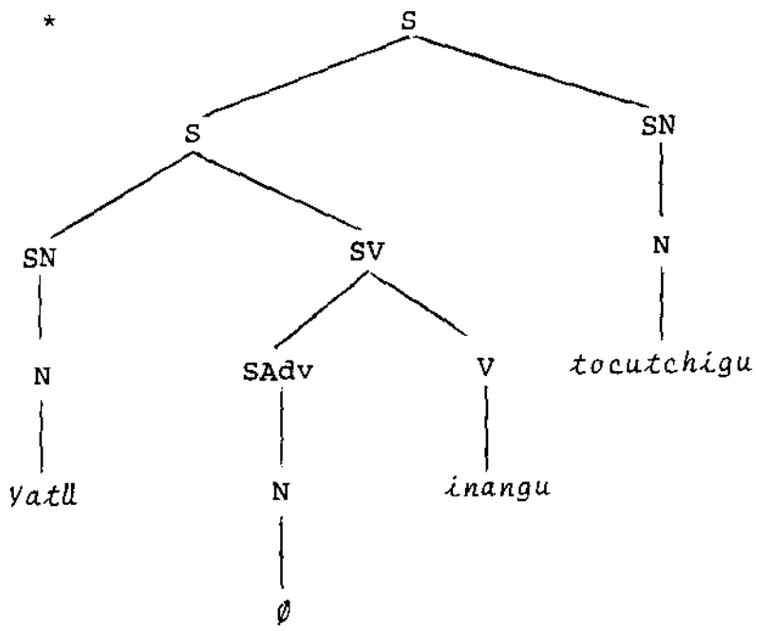
(2.21.b.)


S
S
SP i
P
SN
SN
SV
i
N
N
SAdv i
SV
tocutchigu
Yatll
N
V
Ø
inangu

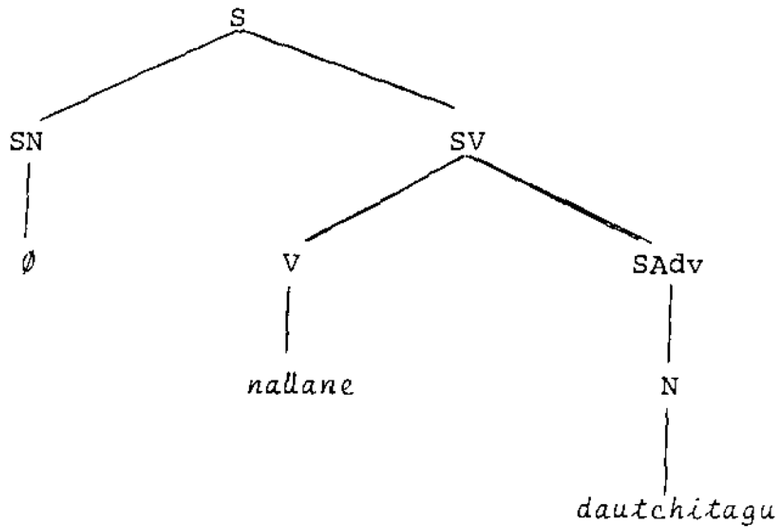
(2.21.c.)*


S
SN
SV
N
SV
SAdv
yatll
inangu
N
tocutchigu

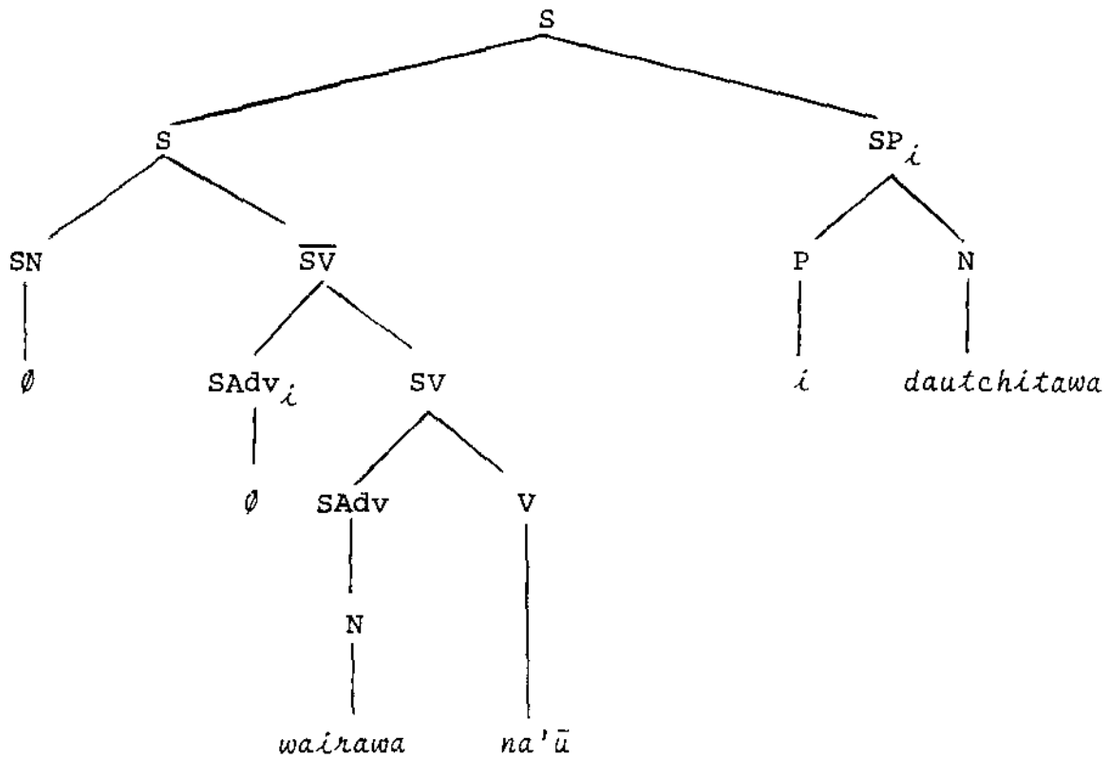
*


S
S
SN
SN
SV
N
N
SAdv
V
tocutchigu
yatll
N
inangu
∅

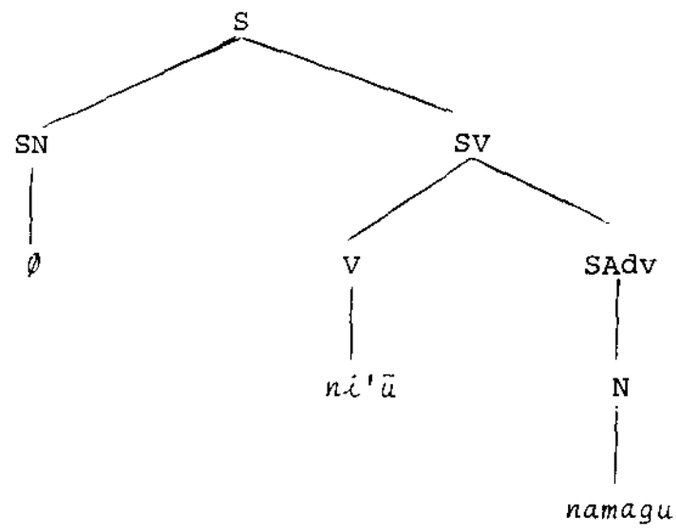
(2.21.d.)


S
SN
SV
∅
V
SAdv
nallane
N
dautchitagu

(2.21.e.)


S
S
SP$_i$
SN
$\overline{SV}$
P
N
∅
SAdv$_i$
SV
i
dautchitawa
∅
SAdv
V
N
wairawa
na'ū

(2.21.f.)



Alguns fatos, a partir do que se postula, são dignos de nota.

Em primeiro lugar, o grau de ligação entre o sintagma adverbial e o núcleo do sintagma verbal é responsável pela maneira como é atribuído o Caso a um dado sintagma adverbial. Se há uma estreita ligação entre o verbo e o sintagma adverbial, esse último funciona como um complemento circunstancial e tem o seu Caso diretamente atribuído pelo verbo. É o que se dá, por exemplo, um (2.21.d.), em que, não importando a posição à direita do verbo, a simples adjacência ao verbo de um nome flexionado no caso locativo é suficiente para conferir a esse último o status de complemento circunstancial do verbo. É bem verdade que isso não se dá com todos os verbos, mas somente com aqueles cuja semântica inclui um complemento circunstancial. Entre esses verbos estão não somente aqueles referentes a 'fazer roça' (2.21.d.)

nallane 'ele fez roça'

e 'ir' (cf. (2.21.e.) e (2.21.f.)),

waiʀawa na'ũ 'ao açaí ele foi'
(=ele foi em busca de açaí)

ni'ũ namagu 'ele foi no caminho'

mas também aqueles referentes a 'embriagar', 'mamar', entre outros:

(2.22.) a. *nawa* *paiyawaʀuwa* *tanga'ũ*
3ª.p-locativo pajuaru-locativo 1ª.p.pl-embriagar

'nós nos embriagamos nele (no pajuaru)'

(=ele o pajuaru dá embriaguez)

b. *namaĩ* *naẽyi'ũwa*
3ª.p-mamar mãe-peito-locativo

'ele mama no peito da mãe'

As formas verbais ligadas a um complemento circunstancial permitem que esse complemento gire em torno delas à maneira de um espelho, já que apenas a adjacência de determinados sintagmas adverbiais em relação a determinadas formas verbais é suficiente para que àqueles venha a ser atribuído Caso. Quanto aos sintag

mas adverbiais que não constituem um complemento circunstancial do verbo, mas que, ao invés disso, incidem sobre o sintagma verbal (exs.: (2.2 1.a., b.)), esses retirariam a sua função sintática dessa incidência, assumindo a condição de modificadores do sintagma verbal e, aparentemente, dele recebendo Caso. Colocados à direita do sintagma verbal, esses sintagmas adverbiais não levarão à existência de uma imagem em espelho: sem a presença de uma das partículas de que vimos falando, eles serão rejeitados como agramaticais.

Em segundo lugar, as construções com sintagma adverbial introduzem aqui pontos importantes relacionados à atribuição e manifestação causal em Tikuna.

Um desses pontos diz respeito à existência de casos morfológicos na língua. Uma evidência nesse sentido se encontra no sintagma adverbial que, independentemente do seu posicionamento à esquerda ou à direita do verbo, foi apresentado como tendo o seu Caso diretamente atribuído pelo verbo. Considerando aqui a atribuição de Caso de uma outra maneira, temos que um verbo pode ser concebido como estando associado a uma grade temática que representa os papéis temáticos que ele pode atribuir. Além disso, na representação que se faz do verbo, pode-se ter, através da indexação de seus slots temáticos, a associação biunívoca de traços de caso a papéis temáticos[27]. Com isso, é possível se ter, de maneira direta, a recuperação de relações semânticas a partir de uma marca morfológica presente em uma forma nominal. Esse tipo de representação se adequa às situações de sintagma adverbial com íntima ligação com o verbo. Diante do fato de

que a interpretação está diretamente ligada à própria presença de uma marca morfológica, tais situações têm, na existência de um caso morfológico que pode ser visto como a expressão de um caso semântico, a explicação para o fato de que nelas o complemento adverbial possa girar em torno das formas verbais, sem que seja necessário observar a ordem estrutural existente na língua (ver 1, A Ordem SOV).

A existência de caso morfológico também pode ser estendida aos sintagmas adverbiais que não constituem um complemento circunstancial do verbo e ainda às construções que, apresentando incorporação do tema, exibem um complemento que pode igualmente girar em torno do verbo.

No último tipo de construção, cuja exemplificação feita anteriormente em (2.5) pode ser ampliada de modo a conter um par,

(2.5) a) Elisa iyawüpara Luiza'ü̃

Elisa ela-coçar-perna Luiza-**dativo**

'Elisa coça a perna da Luiza'

b) Elisa Luiza'ü̃ iyawüpara

Elisa Luiza-**dativo** ela-coçar-perna

'Elisa coça a perna da Luiza'

uma explicação para a utilização do caso morfológico pode ser encontrada no próprio processo de incorporação. De acordo com Baker (1988)[28], um nome incorporado não necessita receber Caso, uma vez que a sua visibilidade decorre da sua própria composição com o núcleo que o incorpora[29]. Como o potencial de atribuição de Caso de um verbo acusativo não é esgotado pelo objeto que ele incorpora, o verbo continua livre para atribuir seu Caso a alguma outra frase nominal. Nos exemplos Tikuna acima, o fato de que a incorporação se dá pelo lado direito do verbo favorece o ponto de vista de que o nome incorporado não necessita receber Caso. Por outro lado, o Caso acusativo - atribuído ao possuidor do nome incorporado (nos exemplos, o item lexical Luiza) - não tem condições, devido ao processo de incorporação, de se manifestar estruturalmente através da adjacência. Resta-lhe, então, a manifestação como caso morfológico através do morfema 'ũ - o mesmo morfema que vimos surgir na seção anterior para a marcação de SN objeto animado à esquerda do verbo[30]. Ao marcar mais de um papel temático, esse caso morfológico se distingue daquele outro que apontamos como existente no sintagma adverbial intimamente ligado ao verbo.

No que diz respeito à possibilidade de existência de caso morfológico também em sintagmas adverbiais que não constituem um complemento circunstancial do verbo, ela nos conduz a um outro ponto importante relacionado à atribuição e manifestação casual em Tikuna. Em princípio, considerar para tais sintagmas a existência de um caso morfológico imediatamente associável a uma função temática independe do status do sintagma adverbial como argumental (isto é, intimamente ligado ao verbo) ou adjungido[31]. No en

tanto, é justamente o status de sintagma adjungido que coloca em uma situação particular o sintagma adverbial que não é complemento do verbo. Dessa situação particular faz parte um mesmo mecanismo, mecanismo esse que também opera nas construções que envolvem inversão da relação genitivo-nome. O quanto esse mecanismo interage com a atribuição e manifestação casual e, em razão disso, apresenta conseqüências para a ordem é uma questão que nos leva a considerá-lo mais de perto.

Nos tipos de relação exemplificados — nome-genitivo e sintagma verbal - sintagma adverbial não-argumental — há um mecanismo que, operando no sentido de tornar visível o sintagma pós-nuclear, não é aquele derivado de propriedades estruturais decorrentes de uma dada configuração formal. Tal mecanismo residiria em um processo de co-indexação entre o sintagma colocado em um outro nível e aquele - preenchido por uma categoria vazia - que modifica diretamente ou o sintagma verbal (cf. (2.21.b, e)) ou o sintagma nominal (cf. 2.17.b', 2.18.b'). Esse processo de co-indexação, por sua vez, teria lugar em situações que envolvessem adjunção. Adjunção, como se pôde notar, na relação nome-genitivo. Adjunção, também, em casos de sintagma adverbial posposto ao verbo. E, nesses casos de adjunção, as partículas

i

ya

a

ga

desempenham um papel fundamental.

Que tais partículas estão ligadas a uma função que deva se tornar visível parece um ponto provável, por exemplos já dados anteriormente. Essa necessidade de conferir visibilidade a certos sintagmas se dá em determinadas construções, entre as quais aquelas que são objeto deste capítulo: as construções em que se tem a ordem SVO. E, ao que tudo indica, aparentemente poderiam ser mantidas para o Tikuna as afirmações que Borer (1981) faz sobre clítico e atribuição de Caso. No entanto, as possíveis propriedades de co-indexação das partículas que vimos focalizando, bem como a sua exata relevância sintática são, ainda, pontos por serem desenvolvidos. Estão eles estreitamente relacionados, uma vez que ambos são dependentes da existência demonstrada de determinadas configurações sintáticas e, inevitavelmente, da existência de estabelecimento de um vínculo entre formas da língua estudada. Por essa razão, vamos aqui dar seqüência a este capítulo explorando, de um lado, a possibilidade da existência de vinculações em Tikuna e, de outro lado, a articulação dessa possibilidade com as especifidades da ordem SVO. Uma e outra são explorações que nos obrigarão a falar, entre outras coisas, da relação entre sintagmas e, sobretudo, de clíticos e processos de indexação.

2.1. Vinculações

Nas relações entre sintagmas vinculados, importam especialmente o termo que vincula e o termo vinculado. Dependendo da natureza do vínculo estabelecido e da natureza dos elementos vinculados, pode-se estar diante de variáveis, traços de sintagma nominal ou de elementos pronominais.

A palavra variável aparece em Chomsky - e vamos aqui nos referir de maneira especial a Lectures on Govenment and Binding - no sentido de uma categoria vinculada a um operador, sendo considerados operadores quantificadores, frase wh-, sintagma nominal vinculador em COMP e determinados elementos que aparecem nas orações relativas. Os operadores são vistos como formando uma classe natural: operadores se situam em posições não-argumentais, isto é, não são argumentos - elementos que portam um papel temático por satisfazerem traços de subcategorização do núcleo lexical de uma construção. Entre o operador e a variável que ele vincula há uma relação de natureza diferente daquela existente em outras vinculações. Operadores são termos vinculadores, mas nem todos os termos vinculadores estabelecem o mesmo tipo de vínculo. Por exemplo, no caso de constituintes pós-verbais adjungidos - termos vinculadores[32] -, pode-se ter, devido a uma possível atuação da regra que move α , o aparecimento de um determinado elemento[33]. Dependendo da argumentação utilizada e dos casos considerados, esse elemento pode ser um elemento pleonástico ou um clítico inserido na posição de sujeito, ou ainda um clítico gerado sob FLEX e acompanhado de PRO na posição de sujeito[34] . Nesse exemplo e em outros do mesmo

tipo[35], o que se vê é um vínculo mantido tomando-se por base um elemento que c - comanda outro a partir de uma posição argumental. Há aqui uma relação de outra natureza, diferente daquela estabelecida entre operador e variável, e a diferença está situada na natureza do vínculo que elementos vinculadores - operadores e não-operadores - podem estabelecer a partir da posição que ocupam.

Elementos vinculadores localizados em posições periféricas (operadores) passam, em função da posição que ocupam, a ter como escopo um certo nódulo dentro da sentença, ao passo que elementos vinculadores situados em posição argumental (não-operadores ou antecedentes) passam, também em função da posição que ocupam, a permitir a constituição de cadeias argumentais dentro de sentenças.

Se a natureza do vínculo estabelecida a partir dos elementos vinculadores não é a mesma, também não é a mesma a natureza dos elementos vinculados.

Variáveis, elementos em posição argumental vinculados a elementos em posição não-argumental (operadores), possuem Caso e podem funcionar como sintagma nominal pleno. São verdadeiras expressões referenciais, na medida em que não são admitidas onde não o são sintagmas nominais referenciais, isto é, em posições não selecionadas como temáticas por certos verbos, como no exemplo abaixo do português, lido de maneira não-metafórica:

* (2.23.)

$[_{\bar{S}}$ O que $[_{S}$ Ø troveja$]]$ (para cada x, x troveja)

Com respeito aos elementos que estão vinculados àqueles em

posição argumental, esses, quando são categorias deixadas para trás por uma regra de movimento , têm como característica o fato de transmitir, e não propriamente de reter, o papel temático que portam. Em razão de transmitirem seu papel temático, tais elementos chegam a ser considerados como não-argumentos[36], apesar de ocuparem uma posição argumental. Para poderem transmitir seu papel temático a um antecedente, é necessário que esse antecedente não possua papel temático próprio, independente: como um argumento só pode, pelo critério θ, possuir apenas um papel temático, a transmissão de papel temático pelo elemento vinculado a seu antecedente pode-se dar apenas se esse último estiver previamente desprovido de papel temático. Essa exigência coloca a necessidade de conciliação teórica entre posição argumental (posição ocupada no caso pelo antecedente do elemento vinculado e pelo próprio elemento vinculado) e antecedente (elemento vinculador em posição argumental e, ao mesmo tempo sem papel temático, ocupante que é de uma posição não-temática). A conciliação necessária surge da definição de posição argumental, que é vista como sendo aquela em que um argumento pode aparecer na estrutura gerada pelas regras de base e pode ou não ocupar uma posição temática. Dito de outra forma, a posição argumental é aquela que potencialmente aparece como posição temática, mas não necessariamente[37] .

Passado o papel temático ao antecedente que está em posição argumental, mas, ao mesmo tempo, está situado em posição

não-temática, as categorias vazias deixadas para trás podem ser consideradas traços de sintagma nominal, isto é, um tipo de anáfora. Traços de sintagma nominal, anáforas, não se confundem com variáveis, tendo em vista características já apontadas. São elementos vinculados de natureza diferente. Tal diferença, entretanto, não impede que ambas, variáveis e anáforas que são traços de sintagma nominal, possam ser reunidas em uma única categoria vazia, a categoria de traço . O que permite a passagem de um traço de sintagma nominal à condição de variável é justamente a possibilidade de transposição de um limite: o limite fornecido pela sentença.[38] Transposto esse limite, o elemento vinculador pode sair de uma posição argumental e passar para uma posição não-argumental, periférica. Se essa saída se dá, o elemento vinculador assume a condição de operador, levando à constituição de uma cadeia não-argumental, por meio da qual um elemento de fora da sentença tem como escopo algo dentro da sentença. Nem sempre é possível a um elemento vinculador em posição argumental transpor simplesmente o limite imposto pela sentença e se tornar um operador; essa transposição se dá sob condição. Da mesma forma, não é possível simplesmente transmudar um traço de sintagma nominal em variável; essa passagem também se dá sob condição. De um lado, deve existir uma situação estrutural específica, que é aquela que permite o movimento cíclico sucessivo do elemento deslocado[39] até que esse chegue a uma posição periférica. De outro lado, espera-se que, ao se aplicar a regra que move α para uma posição fora da sentença, possa haver atribuição de Caso atra-

vés da própria regra que move α[40], a qual teria o poder de conferir o mesmo índice àquele que passa à condição de operador e à categoria vazia que, hierarquicamente, dele se encontra mais próxima. É o respeito a condições como essas que permitem que, por exemplo, em uma sentença passiva como

(2.24.) Quem$_i$ [t$_i$ foi morto t']

se tenha uma anáfora sem Caso (t') que transmitiu, por meio de regra que move α, seu papel temático a um elemento vinculador em posição argumental (t) que, por sua vez, ainda através da regra que move α, se encontra vinculado ao que é agora um operador (Quem), sendo que t, em razão disso, pode ser então considerado uma variável com Caso.

A reunião de variáveis e traços de sintagma nominal em uma categoria mais ampla não quer dizer que essa última tenha permanentemente que admitir as outras duas como suas integrantes. Uma modificação na maneira de conceber um dado processo sintático pode fazer com que haja uma redução qualitativa em termos dos movimentos que podem levar um traço de sintagma nominal para uma posição argumental dentro da sentença e lá mantê-lo [41]. E, como conseqüência de uma tal modificação, tem-se, dentro da teoria, uma permissão para que a categoria mais ampla - traço - acabe por conter um único integrante - a variável -, que termina por ser a ele igualada [42].

Variáveis e traços de sintagma nominal, reunidos na categoria traço, não são os únicos tipos de vazio admitidos dentro da teoria gerativa. Além deles, há o vazio estrutural e um vazio de comportamento idêntico ao de um pronome.

O vazio estrutural é aquele que não recebe Caso, não recebe função temática, não é governado. É o vazio completo.

O outro tipo de vazio referido é conhecido como PRO. Ao contrário do traço de sintagma nominal, ele requer um antecedente com papel temático independente e possui ele próprio um papel temático independente. Esse antecedente é remoto, não estando necessariamente na mesma oração ou no mesmo sintagma nominal. A escolha do antecedente pode ser determinada pelos papéis temáticos ou uma outra propriedade semântica do verbo ou ainda envolver certas condições pragmáticas de alguma espécie. Dado o fato de a escolha do antecedente de PRO não ser algo que se possa determinar com precisão, ela pode ser vista como não nascendo de uma configuração estrutural em que exista necessariamente uma relação de c - comando.[43] Ao contrário, como se busca para PRO um antecedente que pode estar em algum lugar, mas não necessariamente em um lugar determinado de antemão, a exigência estrutural que termina por ser compatível com a liberdade de PRO em relação ao seu antecedente é a exigência de que PRO não seja governado. Com relação às características gramaticais do próprio PRO, essas fazem lembrar as de um pronome: PRO é compatível com informações relativas a pessoa, número, gênero e, eventualmente, Caso [44]. Relacionando-se as características gramaticais de PRO à questão de domínios estruturais, tem-se que PRO, enquanto possuidor de tais características e tratado como categoria vazia não-governada, está ausente de domínios considerados como opacos[45] - domínios relevantes para a vinculação de uma anáfora e para a manutenção da referência disjunta entre um pronome e um seu possível anteceden-

te. As posições em que PRO aparece são não-opacas, transparentes, posições que tanto incluem o sujeito de um infinitivo quanto a de complementizador. Por poder ocupar tais posições é que se pôde aventar para PRO, em determinadas construções, a condição de operador [46] ou mesmo a de sujeito em sentenças de línguas pro-drop [47]. Nessas últimas, o verbo flexionado - indício da existência de concordância entre o verbo e um pronome sujeito ausente - não é prova de que a posição de sujeito seja governada, já que o elemento concordância (AGREEMENT) pode ser visto como intimamente ligado ao verbo e, conseqüentemente, como um elemento não-governante da posição de sujeito, que se torna, assim, transparente.

A partir da exclusão de PRO de certos domínios, resta à teoria lidar formalmente com a referência de PRO e, com isso, lidar com os limites dentro dos quais PRO pode encontrar essa sua referência.

A referência de PRO, já foi aqui mencionado, não é precisa. PRO pode encontrar sua referência no complemento ou no sujeito de um verbo de uma outra oração. PRO também pode possuir uma referência arbitrária, que é possível em certas construções [48]. Ainda é pertinente a PRO um outro tipo de referência, referência que não se confunde com aquela em que PRO encontra sintaticamente o seu antecedente ou com a referência arbitrária, em que se pode, a partir de informações sintáticas, afirmar que determinados sintagmas não podem ser candidatos a antecedentes de PRO [49]. O outro tipo de referência sugerido é aquele em que PRO pode ter como antecedente um sintagma dentro

da sentença de que faz parte ou qualquer outra coisa que esteja fora dela. Esse tipo de referência pode ser chamada de referência incontrolada de PRO. Ela encontra exemplos em casos de adjunção de sintagma nominal ao sintagma verbal[50], quando PRO é inserido na posição de sujeito no curso da derivação. Participa ainda desse mesmo tipo de referência o PRO que, nas línguas pro-drop, é gerado na base e co-indexado com o elemento concordância (AGREEMENT)[51].

Como PRO não está necessariamente sujeito a c - comando[52] e não é categoria governada, a referência de PRO não pode ser obtida através da teoria de vinculação, e sim através da teoria de controle. A teoria de controle, que trata da referência de PRO , pode prever em parte o antecedente da categoria em questão, através da constatação de que propriedades do verbo podem estar envolvidas no controle de PRO. Da mesma forma, a teoria de controle pode falar da referência arbitrária de PRO, levando em conta ambientes sintáticos em que essa referência é possível[53]. Entretanto, a maneira que a teoria de controle vem possuindo para lidar formalmente com a referência de PRO é a checagem de índices atribuídos por indexação[54]. No mais, o que se tem é um campo aberto à investigação, onde há caminhos sugestivos - caminhos como o estudo da relação entre a escolha do controlador de PRO e os papéis temáticos ou outras propriedades do verbo, ou caminhos como o estudo de condições pragmáticas. No que diz respeito, portanto, aos limites dentro dos quais PRO pode encontrar a sua referência, existe, aparentemente, um imenso terreno de possibilidades. Entretanto, nesse terreno há espaço para certezas, entre elas a de que é suficien-

te que o antecedente de PRO seja um elemento da estrutura de argumento da oração. Essa certeza, por sua vez, faz de PRO uma categoria de comportamento idêntico a de outros elementos pronominais e promove um deslocamento teórico: à questão da referência de PRO sobrepõe-se outra, que diz respeito ao aparecimento do próprio PRO. Essa última questão passa a ter mais relevância, na medida em que, tanto ou mais que a referência de PRO, importa demonstrar que PRO pode e deve aparecer em certos lugares. Dessa forma, a teoria de controle - que checa a referência de PRO - se torna secundária em relação às teorias de governo e vinculação e ao princípio de projeção associado à teoria de Caso - que, respectivamente, permitem dizer onde PRO pode e deve aparecer.

Na predominância assumida, em face da teoria de controle, por aquilo que é considerado matéria de governo, vinculação, princípio da projeção, teoria de Caso, pode ser localizado o fator que contribui para reunir PRO à variável e ao traço de sintagma nominal. Nessa reunião, os três acabam por ser vistos como manifestações de uma única categoria vazia[55]. Também na referida predominância pode ser localizada e justificada uma atitude do analista, que, envolvido pelo problema da identificação das categorias vazias, adota como procedimento seguro a inspeção do par estrutura D e estrutura S. Durante essa inspeção, verificam-se posições e vinculações:

> "Se α em uma estrutura S foi derivado por movimento de β a partir da posição ocupada por α, então será dito que α é o traço de β e β o antecedente t de α. Pelo princípio de projeção, o antecedente t de α está em uma posição não - θ [não-temática] ... Se α é $\bar{A}$ vinculado localmen

> te [= localmente vinculado a partir de uma posição não-argumental] por um antecedente t, é variável. Se α é A vinculado localmente [=localmente vinculado a partir de uma posição argumental], é um traço de sintagma nominal, uma anáfora não-pronominal. Em qualquer outro caso, uma categoria vazia é PRO, uma anáfora pronominal. Segue-se que se α é livre ou vinculado por um vinculador local A [vinculador local em posição argumental] em uma posição θ [posição temática], então ele é PRO."[56]

Ainda envolvido pelo problema da identificação das categorias vazias, o analista deve recorrer não só a inspeção do par estrutura D e estrutura S, mas também à noção de categoria de governo [57], esteio do que são os princípios de vinculação: uma anáfora é vinculada na sua categoria de governo; um pronominal é livre na sua categoria de governo; uma expressão referencial é livre [58].

Se, convencido de que uma associação existente entre elementos é violadora dos princípios de vinculação, o analista chega à conclusão de que, apesar da violação, há uma associação necessária entre elementos, tal associação pode ser vista, no quadro teórico adotado, como sendo de natureza diferente daquela relevante para a teoria da vinculação. Ela pode ser vista não como co-indexação entre elementos, mas como co-superescrição [59].

Assumiu-se em certo momento a co-superescrição para se dar conta de casos em que, por exemplo, um sintagma nominal pós-verbal está co-indexado com um elemento c-comandante [60], numa flagrante violação do terceiro princípio da teoria de vinculação, pelo qual uma expressão referencial é livre. A co-superescrição também se tornou útil para explicar a concordância existente em línguas pro-

drop. Como esse tipo especial de associação entre elementos é de natureza diversa da teoria de vinculação e como a teoria gerativa está modularizada em teorias que se interligam, a co-superescrição foi ligada à teoria de governo, sendo tida como um "controle local", isto é, um subcaso de governo[61].

Por fim, digamos que estão explicitadas aqui possibilidades teóricas referentes à vinculação entre elementos. Vejamos como são essas possibilidades confrontadas com o nosso objeto de estudo.

2.2. Vinculações em Tikuna

Para alguns dos diagramas até agora apresentados (cf. 2.17. b', 2.18.b', 2.21.b, 2.21.e), foram colocadas a existência de uma categoria vazia, a existência de um sintagma adjungido e de uma vinculação desse sintagma ao nódulo que domina a categoria vazia, dando-se tal vinculação através de um processo de co-indexação. Vejamos se essas são "existências" teoricamente possíveis e se são "existências" que encontram apoio em dados da língua Tikuna.

Voltemo-nos para a categoria vazia. Trata-se, nos diagramas mencionados, de um traço de sintagma nominal, de uma variável, de um vazio completo ou de um PRO?

A favor de se considerar o vazio pretendido como um traço de sintagma nominal, pesaria uma certa visão do sintagma adjungido, sintagma ao qual a categoria vazia se encontra ligada. Nessa visão [62], o sintagma adjungido é ocupante de uma posição não-temática, e, afinal, é sabido que sintagmas nominais movidos e que deixam traços só podem ser movidos para posições não-temáticas.

Como principal evidência contra a se considerar o vazio focalizado como um traço de sintagma nominal há um ponto. A adjunção pode ser vista como envolvendo uma posição não-temática, dado o fato de o sintagma adjungido não ser imediatamente visível para a atribuição de papel temático: é necessária a presença de uma partícula atribuidora de Caso para que um sintagma em adjunção adquira condições de visibilidade. Além disso, não há uma motivação sintática para o movimento do sintagma adjungido [63].

O vazio em questão poderia ser PRO, não fossem alguns inconvenientes. O termo vinculador não está em posição temática. Some-se a isso o fato de que, como PRO é sempre visível para a atribuição de papel temático[64], a permissão para o seu aparecimento terá que ser detectada não a partir de sua visibilidade, mas a partir da demonstração de que, nas construções consideradas, há posições não-opacas. Tais inconvenientes recebem um outro, que é aquele que, nas construções consideradas, faria de PRO uma categoria governada - algo incompatível com a própria definição de PRO. Esse último inconveniente pode ser contornado se for repensada a questão do governo dentro das construções que estamos considerando.

O vazio pretendido poderia ser visto como uma variável, por estar portando Caso em função de uma indexação proposta. A exigência de que uma categoria vazia porte Caso, para ser defi

nida como variável, vem sofrendo restrições[65]. E, com essas restrições, o que ganha relevo em termos da definição de variável, é a posição à qual um elemento vazio se encontra vinculado. Nas construções consideradas, a posição à qual se encontra vinculado o elemento vazio proposto é não-argumental, no sentido de que ela não é uma posição que expresse por si uma função gramatical. Na realidade, trata-se de uma posição não-argumental que, vinculando um elemento vazio em posição argumental, participa, através da utilização de determinadas partículas, da recuperação de uma dada função sintática. O elemento vinculado, pela natureza da posição que ocupa o elemento vinculador, pode ser considerado uma variável.

Compatível com uma variável, o elemento vazio em questão pode alternar com uma forma pronominal, como se vê pelos exemplos abaixo:

(2.25.) *to'rã* *tacãma* 'nosso costume'
lp.pl-genitivo lp.pl-costume

(2.26.) *no'rã* *nacãmagã* 'costume deles'
3p.-genitivo 3p-costume-plural

(2.27.) ... *no'rã* *naane* *i* *Ticunagã*
3p-genitivo 3p-terra x Ticuna-pl

'a terra deles, dos Ticuna'

(2.28.) ... *no'rll*	*daru'll̃*	*i*	*ngema*	*woca*
3p-genitivo	guarda; cuidador	x	dêitico	boi, vaca

'o guarda (pastor) dela, daquela vaca'

(2.29.)	*Yeguma*	*tchillẽ*
	naquele tempo	1p.s.-embarcar

'naquele tempo eu embarquei'

(2.30.)	*nagu*	*tchille*	*i*	*ngema*	*avião*
	nele	1p.s.-embarcar	x	dêitico	avião

'nele eu embarquei, aquele avião'

(2.31.) ... *nhumata*	*nhema*	*nangu*	*i*	*tll'll̃*	*nangocull̃wa*	*ga*	*buã*
até que	lã	3p-chegar	x	3p-dativo	3p-comer-tudo-nominalizador locativo	x	criança

'... até que lã ele chegou, no lugar de comê-las , as crianças'

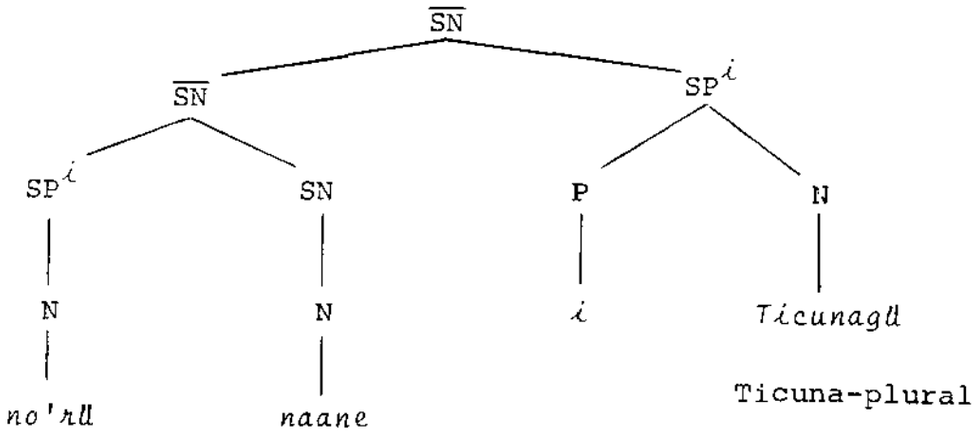
A variável ẽ uma verdadeira expressão referencial, não sen do admitida - como foi dito anteriormente - onde não o são sin-

sintagmas referenciais. A alternância de uma variável com um elemento pronominal em uma mesma posição está de acordo com a visão que se tem do que seja uma variável . Nos dados acrescentados, o que se vê é que, com respeito às construções que envolvem as relações genitivo-nome e sintagma adverbial posposto, há uma co-referência entre uma expressão referencial em adjunção e um elemento pronominal. Esse elemento pode ter duas fontes em termos de atribuição de Caso: ou o núcleo da construção dentro da qual ele se encontra ou uma posposição que a ele estaria cliticizada por razões fonológicas. Não é preciso nem possível pensar aqui em indexação como meio de atribuição de Caso ao elemento em posição argumental. Quando é o vazio que se apresenta, no lugar do elemento pronominal, não é inviável pensar em um elemento elidido que também não necessita receber Caso de um sintagma adjungido a ele indexado. O elemento vazio, que é uma variável e como tal é livre, necessita apenas estar propriamente identificado. Essa identificação passa, a nosso ver, pela constituição de uma cadeia da qual faz parte o sintagma adjungido. Tal sintagma é o antecedente da variável e ele tem a sua visibilidade ligada a um mecanismo sintático que inclui as partículas que o antecedem. Participando da visibilidade do sintagma adjungido, essas partículas também fazem com que esse último seja relacionado sintaticamente ao que ficou para trás no enunciado. Essa face que possuem as partículas de desencadear a recuperação de uma informação sintática é vital para a constituição da cadeia de que faz parte a variável. Além disso, é essa mesma face que propicia a identificação do elemento vazio em posição argumental. Como a idéia bá-

sica aqui é a de relacionar um antecedente a um elemento vazio, sem afirmar que esse elemento deve a priori possuir Caso, vamos fazer notar a associação entre o sintagma adjungido e o elemento em posição argumental através de índices superescritos.

Assim, os dados acima que contêm um sintagma adjungido terão esse sintagma associado ao elemento argumental:

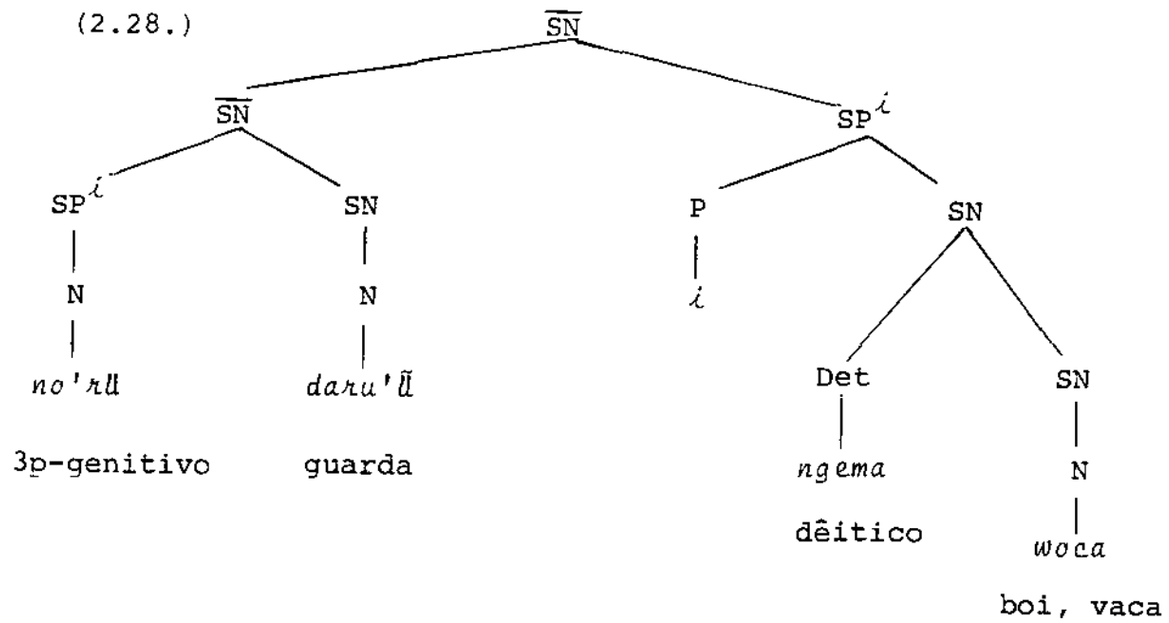
(2.27.a.)



3p-genitivo 3ª.p-terra

'a terra deles, dos Ticuna'

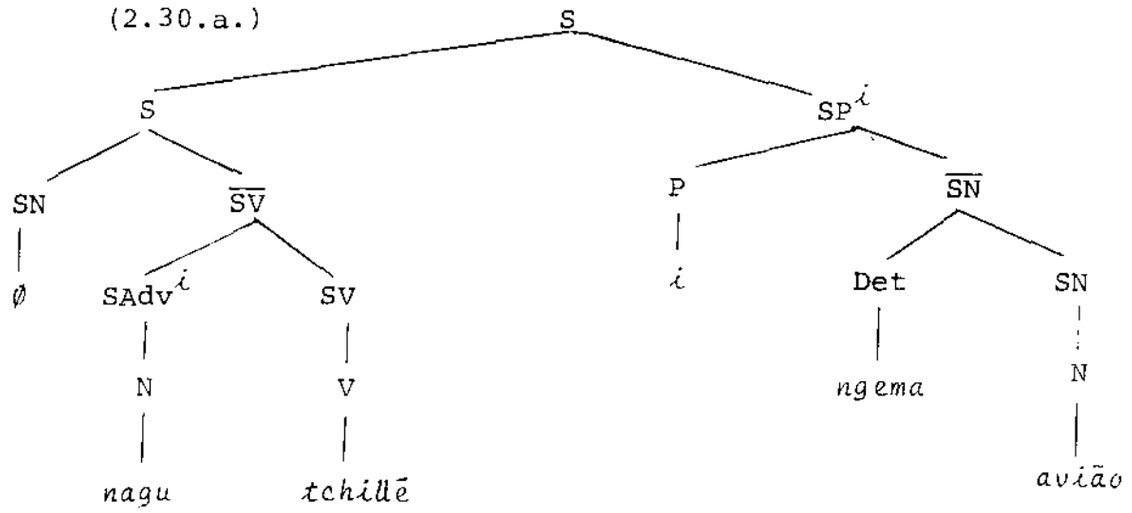
(2.28.)



3p-genitivo guarda dêitico boi, vaca

'O guarda (pastor) dela, daquela vaca'

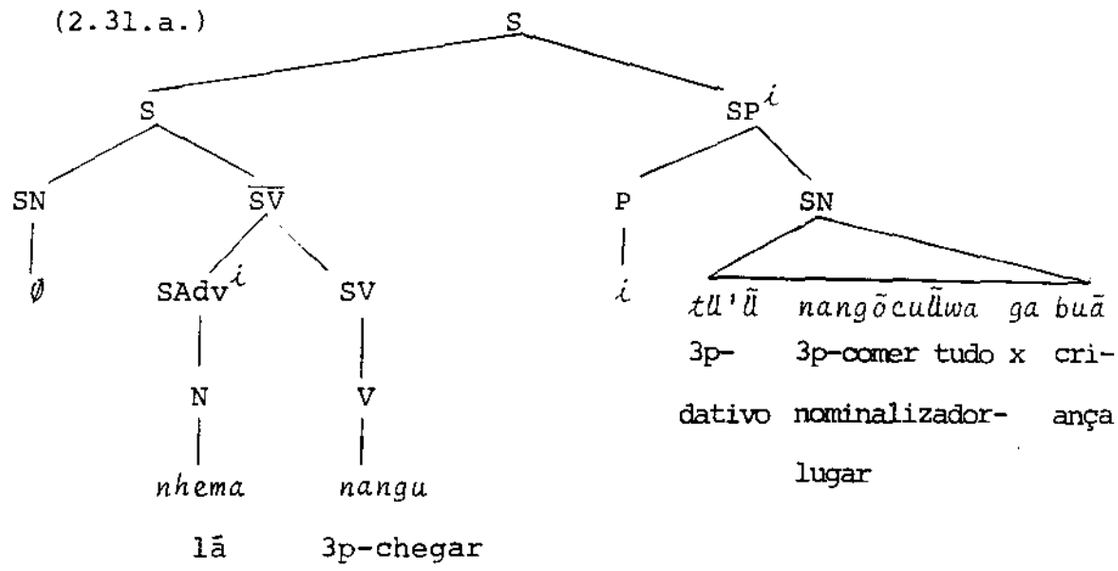
(2.30.a.)



nele lp-embarcar

'nele eu embarquei, aquele avião'

(2.31.a.)



lã 3p-chegar

'lã ele chegou, no lugar de comê-las, as crianças'

Com o fim de verificar a validade da cadeia que estamos instituindo e, ao mesmo tempo, de determinar o status da categoria vazia que surge nessa cadeia, vamos focalizar determinados constituintes que desempenham determinadas funções sintáticas.

2.2.1. Os sintagmas "adverbiais"

Introduzidos em passagem precedente, os constituintes que estamos chamando de adverbiais serão aqui considerados de dois ângulos. O primeiro deles é o ângulo estrutural, quando pensamos a posição desses sintagmas em termos da relação Caso/governo. O segundo ângulo é o da indexação de um atribuidor de função temática para Caso (Caso-indexação).

Do ponto de vista estrutural, a posição de sintagma adverbial diretamente dominado por $\overline{SV}$ coloca uma questão imediata, que é aquela referente a governo. Nessa questão, surgem alguns candidatos possíveis: uma posposição, SV ou mesmo V.

A um dentre alguns morfemas poderia ser atribuída, no interior de um sintagma adverbial, a condição de posposição. Dependendo da construção, esse morfema poderia ser, por exemplo, um dos abaixo:

gu	'locativo (lugar dentro)'
wa	'locativo (lugar em, para)'
ca'	'por causa de'
ma'ã	'com'

Tais morfemas, no entanto, não desempenham, dentro da língua, uma única função. Podem ser modificadores de uma raiz ou base [66], definindo, com a sua presença, a existência de uma categoria lexical - um nome. Nesse caso possuem papel idêntico ao de prefixos que, juntados a uma raiz, fazem-na integrar uma outra categoria lexical - um verbo. E, por desempenharem tal papel, podem os morfemas em questão ser considerados afixos, e não posposições. Exemplos abaixo dão provas disso:

(2.32.) *pocu* 'estar preso/prisão'

(2.33.) [*cupocu*]$_V$ 'você está preso'
2p-estar preso

(2.34.) [*pocugu*]$_N$ 'dentro da delegacia'
estar preso/prisão-locativo

(2.35.) *tae* 'comerciar; comércio'

(2.36.) [*natae*]$_V$ 'ele comercia (vende ou compra)'
3p-comerciar

(2.37.) [*taewa*]$_N$ 'no comércio (compra ou venda)'
comerciar-locativo

(2.38.) *me* 'bom, bonito'

(2.39.) [*name*]$_V$ 'ele é/está bom'
3p-bom, bonito

(2.40.) [*mẽca'*]$_N$ 'pelo direito'
bom, bonito-
nominalizador-por

(2.41.) *pe* 'dormir, o dormir'

(2.42.) $[ipe]_V$ 'ela dorme'

3p. feminino-

dormir

(2.43.) $[pema'\tilde{a}]_N$ 'com sono'

dormir- com

Por outro lado, apesar de modificarem uma raiz ou base, participam os mesmos morfemas da expansão de sintagmas nominais na condição de modificadores do todo resultante, fato que os aproxima das posposições[67]:

(2.44.) *yema* *orewa* 'naquela religião'

dêitico palavra-

locativo

(2.45.) *ga* *yema* *ngutaqueegu* 'naquela reunião'

x dêitico reunião-

locativo

(2.46.) *guma* *berureca'* 'por causa daquela abelha [= daquele mel de abelha]'

dêitico abelha-por

(2.47.) *muĩma* *ga* *nhure* *ga* *to* *tarũ'ĩ*

muito x quanto x outro 1p.pl-

mesmo tipo

duũ'ĩca'

pessoa-por

'por muitas outras pessoas como nós'

(2.48.) *guma* *naɬ̃ma'ã* 'com esse peido'
dêitico bosta, merda;
peido-com

(2.49.) *napa* *i* *weawa* 'na rede velha'
3p-rede x velha-
locativo

(2.50.) *ngewaca'ɬ̃cɬ̃* *ya* *paneɾagu*
novo-nominalizador x panela-locativo
'dentro da panela nova'

(2.51.) *i* *popeɾa* *i* *ngewaca'ɬ̃wa* 'no caderno novo'
x papel x novo-locativo

(2.52.) *wɬ̃'i* *ya* *tɬ̃ma* *aɾɬ̃* *omeca'*[68]
um x 3p-íntima de macaco barrigudo-por
'por um macaco barrigudo dele'

A flutuação exibida pelos morfemas que caracterizam a existência de um sintagma adverbial pode ser olhada e pensada pelo ângulo da análise sintática . Do ponto de vista da análise sintática, é possível dizer que um verbo atribui a um seu argumento um determinado papel semântico[69] e que, por princípio, ele atribui somente um papel semântico. Quando a organização de argumentos em um predicado mostra que há mais de um argumento

servindo a um verbo, essa organização não necessita se chocar com o princípio de atribuição de papel semântico pelo verbo a um único argumento, uma vez que atribuição de papel semântico e organização de argumentos em um predicado podem ser vistas como coisas diferentes. Assim, um argumento de um verbo que dele não receba papel semântico tem a possibilidade de ter esse papel atribuído por um outro elemento que não o verbo e, ao mesmo tempo, de se manter como um argumento - argumento indireto - desse mesmo verbo[70] . No tocante à correspondência entre o nível das relações gramaticais e aquilo que possivelmente seriam as relações lógico-semânticas entre constituintes, algumas coisas semelhantes podem ser ditas. No nível das relações estritamente gramaticais, pode-se dizer de um argumento de um verbo que ele recebe papel sintático desse último e que, em razão disso, ele é um argumento direto do verbo[71]. Pode-se ainda dizer que, no nível das relações gramaticais, um argumento de um verbo que dele não receba papel sintático é um argumento indireto do verbo[72] .

Nas construções em Tikuna que apresentam, no sintagma verbal ,um sintagma adverbial que serve de complemento ao verbo (ver 2.21.d., 2.21.e.), esse sintagma é, em termos sintáticos , um argumento direto do verbo, por poder dele receber um papel sintático. Sendo assim, as marcas morfológicas portadas, na superfície, por esse argumento direto podem ser consideradas como marcas previstas pelo próprio verbo, isto é, pelo significado do verbo, que as traz codificadas no léxico . Assim:

(2.53.) *ta'e* (tema) 'comprar'

ca'

(2.54.) *dau* (tema) 'procurar'

ca'

(2.55.) *ta'e* (tema) 'vender'

ma'ã

(2.56.) *nũnha* (tema) 'topar, encontrar'

ma'ã

(2.57.) *ngi* (tema) 'roubar'

ca'

(2.58.) *ʃene* (tema) 'caçar'

ca'

(2.59.) *'ũ* (locativo) 'ir com finalidade'

wa

(2.60.) *'ũ* (locativo) 'ir percorrendo'

gu

Codificadas no léxico, as marcas morfológicas em questão não serão vistas como atribuidoras de papel semântico, em um nível de relações lógico-semânticas, nem como atribuidoras de papel sintático, em um nível de relações gramaticais: num nível como no outro, quem atribui aqui ambos os papéis é o verbo, que governa o seu complemento. E, como Caso e governo estão interligados na teoria gerativa, é também o verbo que aqui atribui Caso. Portanto, as mesmas marcas morfológicas apontadas não

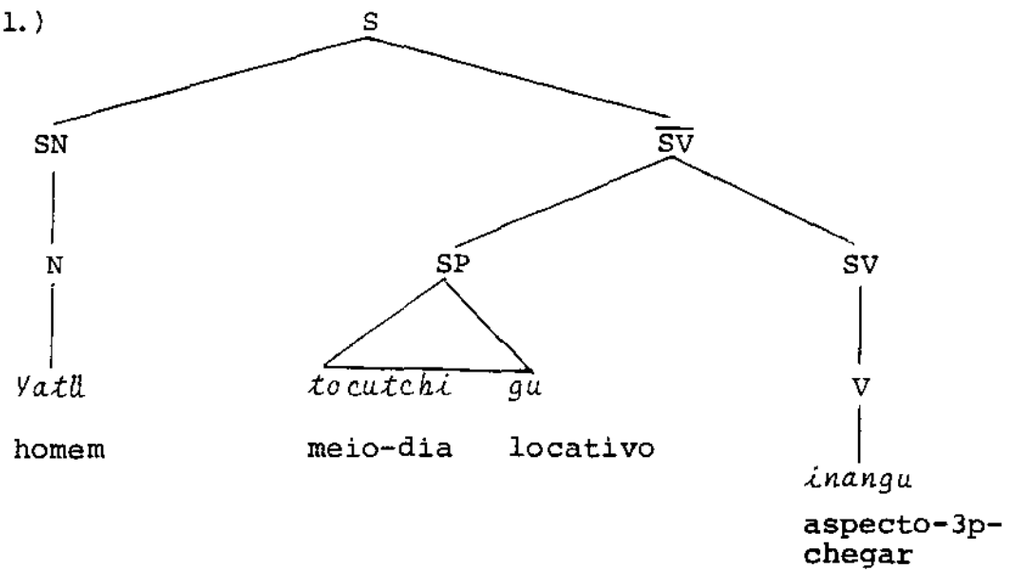
serão vistas como atribuidoras de Caso. Como conseqüência, em nenhum momento da análise as mesmas marcas poderão ser vistas como posposições - elementos atribuidores de Caso. Elas deverão ser vistas como afixos.

Nas construções que apresentam sintagma adverbial incidindo sobre SV (cf. 2.21.a., 2.21.b, 2.21.e.) ,a questão da atribuição de papéis e da relação governo/Caso sofre uma alteração. Aqui o verbo não irá, no nível das relações lógico-semânticas, atribuir papel semântico a um sintagma que pode ser interpretado livremente como locativo, instrumental, causal, benefactivo, isto é, independentemente do verbo, que não possui a propriedade de determinar-lhe ou fixar-lhe uma interpretação. A interpretação, nesse caso, está diretamente ligada à presença mesma, no nível das relações lógico-semânticas, de marcas morfológicas. No nível das relações estritamente gramaticais, o sintagma adverbial diretamente dominado por $\overline{SV}$ tem como irmão SV, e não V, categoria da qual o sintagma adverbial em questão não é complemento, isto é, categoria que não pode atribuir papel sintático ao sintagma adverbial, nem, conseqüentemente - governá-lo ou atribuir-lhe Caso. O governo da posição de sintagma adverbial imediatamente dominado por $\overline{SV}$ não vem, portanto, do verbo. Esse governo poderia vir de SV ($\overline{V}$ em outra notação possível), não fosse o fato de que, em Tikuna, não é demonstrável que SV possua características de elemento governante. A posição de sintagma adverbial diretamente dominado por $\overline{SV}$ converte-se, então, em posição não-governável. E, como ela não é governada, a questão do governo deve ser pensada o-

lhando-se para dentro da própria posição de sintagma adverbial. Aí, não é difícil pensar a respeito de governo e Caso. As marcas morfológicas anteriormente citadas são presença indispensável para a interpretação do sintagma adverbial, o que vale dizer que são elas que realizam a atribuição de papel semântico. Para poderem atribuir papel semântico, tais marcas não devem ser afixos, e sim posposições. Como posposições, elas se tornam, no nível das relações estritamente gramaticais, capazes de governar um sintagma e de a ele atribuir Caso.

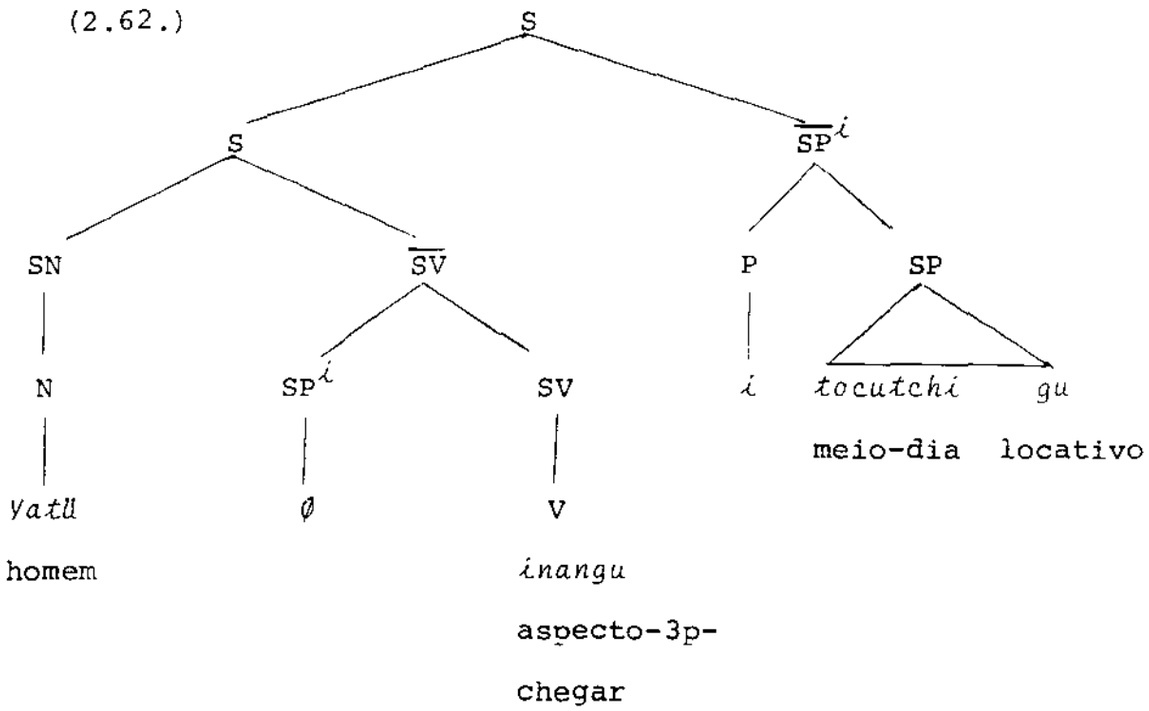
Vemos, assim, repetir-se, no nível da análise sintática, a a dubiedade exibida por certas marcas morfológicas - dubiedade já revelada no nível da própria análise morfológica. No preciso ponto em que estamos a observá-las, elas são posposições e, por serem posposições, o que vimos chamando até agora de sintagma adverbial diretamente dominado por $\overline{SV}$ torna-se um sintagma posposicionado que tem SV como constituinte irmão. Essa alteração traz, consigo, obviamente, uma modificação em diagramas já apresentados: 2.21.a, 2.21.b, 2.21.e passam a ser, respectivamente:[73]

(2.61.)



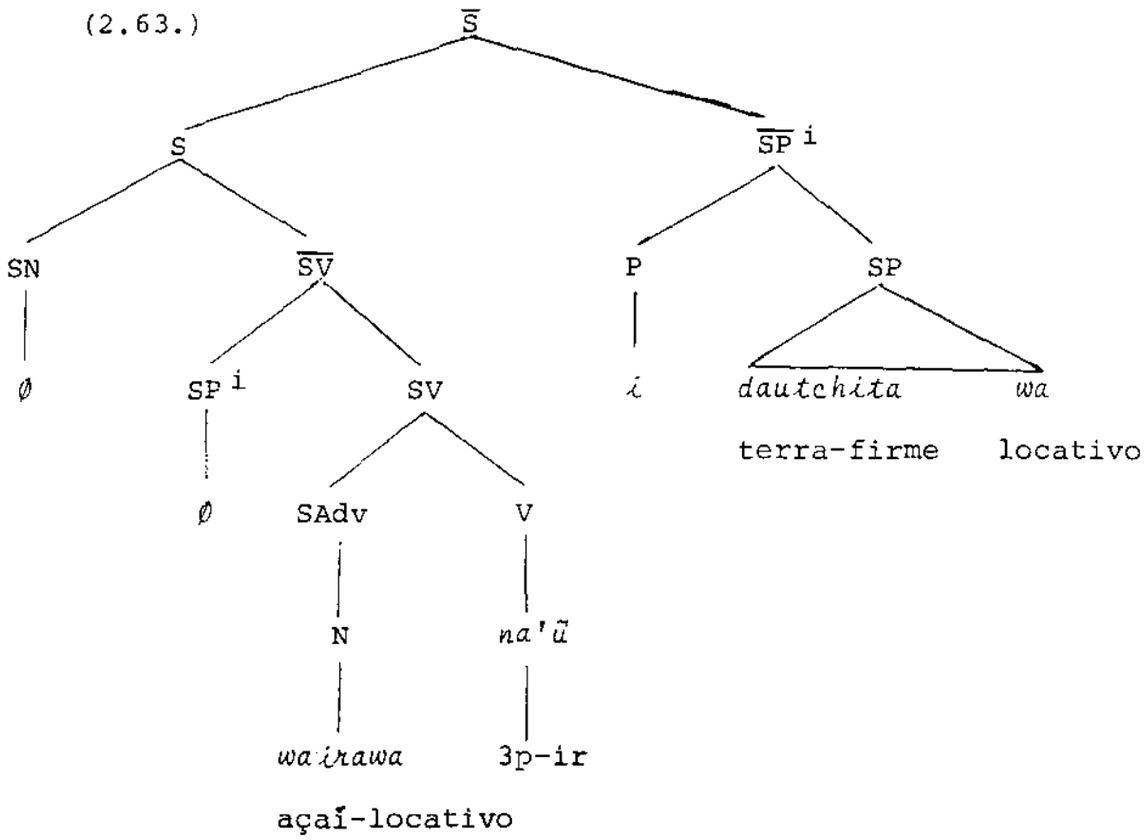
'O homem chegou ao meio-dia'

(2.62.)



'O homem chegou ao meio-dia'

(2.63.)



'em busca de açaí ele foi, na terra firme'

E, com as posposições inseridas nos diagramas acima, visualiza-se a impossibilidade de se ter, do ponto de vista da configuração sintática, a existência de um governo estruturalmente exercido sobre a posição ocupada pelo constituinte que é irmão de SV dentro de $\overline{SV}$.

Do ponto de vista de uma análise por Caso-indexação, já referida aqui anteriormente, o Caso não é atribuído pelo verbo. Seguindo-se Stowell (1981), o verbo deve ter a sua subcategorização ligada a complementos nominais, os quais estão especificamente marcados para Caso. Expressando essa idéia mais recentemente ao se voltar para línguas com um rico sistema de caso,

Baker (1988: 112-113) representa a associação de um verbo a uma determinada grade temática, esquematizando a atribuição de funções temáticas através da indexação de casas temáticas (slots temáticos) do verbo a seus sintagmas nominais argumentos. Em relação de irmandade no indicador sintagmático de base, as casas temáticas indexadas estão associadas a rótulos semânticos. O verbo também está lexicalmente especificado para a manifestação casual e tem essa manifestação associada, de maneira biunívoca, a seus papéis temáticos. Exemplificando a construção dessa representação, a partir de uma sentença como 'João roubou a maçã de mim' em uma língua com sistema de caso rico, Baker oferece o seguinte esquema:

VERBO			SN-ablativo	SN-acusativo
$[[\ \theta_1$	$\theta_2]$	$\theta_3]$	$'ABLA^j,$	AC^i
tema	fonte	agente	$[\ \theta_2]$	$[\ \theta_1]$
(|)	(|)			
AC^i	$ABLA^j$			

Esse tipo de representação permite que se formalize o recebimento do Caso por sintagmas nominais fora de uma exigência de adjacência. Além disso, como atribuição de Caso e manifestação casual são coisas distintas, a proposta de Baker é extensí

vel a sistemas lingüísticos que exibem outros mecanismos de manifestação casual, entre eles a própria adjacência. Isso é possível, nos termos do próprio Baker (Baker 1988: 116), através de um princípio de interpretação fonolológica pelo qual cada relação de Caso-indexação na estrutura S deve ser interpretada pelas regras do componente fonológico.

No exemplo fornecido por Baker, a manifestação casual é morfológica, está relacionada a casos semânticos e sobre ela não pesam, evidentemente, exigências relativas à ordem.

No que diz respeito aos constituintes que estamos chamando de adverbiais em Tikuna, uma análise por Caso-indexação nos levará, em primeiro lugar, a dizer (como de fato já dissemos em passagem anterior) que neles o mecanismo de manifestação casual é morfológico. Em segundo lugar, que, por estar a interpretação ligada à própria presença de determinadas marcas morfológicas, tais marcas expressam casos semânticos, no sentido de Baker. Nessa situação, ainda segundo Baker, atua uma condição pela qual

> "Se A atribui um Caso semântico X, então B recebe um $teta_X$ de A se e somente se B recebe um Caso semântico X de A."
>
> ($teta_X$ se refere ao papel temático específico associado ao caso semântico X)

Com a decisão de ver, nas marcas morfológicas que portam os sintagmas adverbiais, casos morfológicos de base semântica,

perde o sentido a separação que fizemos entre sintagma adverbial de natureza argumental (sintagma que serve de complemento ao verbo) e sintagma adverbial de natureza não-argumental (sintagma adverbial que incide sobre SV). Isso porque a atribuição de função temática agora independe de o sintagma nominal estar ou não mais intimamente ligado ao verbo. No entanto, essa separação é, na língua, uma separação necessária, na medida em que é a natureza argumental ou não-argumental de um sintagma "adverbial" que permite um tratamento desse sintagma quando posposto ao verbo (cf. diagramas 2.21.a., 2.21.b, 2.21.c., 2.21.d., 2.21.e., 2.21.f.). Assim, embora admitindo a existência de casos morfológicos na língua, somos levados a afirmar que esses casos, em princípio livres de restrições de ordem, estão eles próprios sujeitos à ordem quando se trata de considerar o caráter argumental ou não-argumental de um constituinte.

Quanto às posposições identificadas no âmbito do sintagma adverbial de natureza não-argumental, essas também poderiam ser tratadas como afixos, de acordo com uma análise por Caso-indexação, que nelas veria casos morfológicos: o sintagma em questão poderia, nos termos de Baker, receber Caso diretamente do afixo casual. É importante registrar, porém, que aqui tanto do ângulo dessa última análise quanto da primeira apresentada, o sintagma adverbial não-argumental se revela como ocupante de uma posição sobre a qual não pesa um governo exercido por V ou SV.

2.2.2. O sintagma nominal complexo: a relação genitivo-nome

Para a relação genitivo-nome/nome-genitivo construímos diagramas, os quais já foram aqui apresentados. Para esses diagramas, aventou-se a hipótese de um vazio. Esse vazio poderia ser visto como ocupante de uma posição governada, dado o conceito de governo exposto em Chosmky (1981: 162-170), que faz com que um núcleo lexical governe seus complementos dentro de uma mesma projeção máxima ($\bar{S}$; SN, SAdj, SP, SV) e que faz com que traços de subcategorização sejam atribuidores de Caso, e não algo a ser igualado a governo. De acordo com tal conceito, um sintagma nominal com Caso genitivo pode ser visto como governado por um nome devido ao fato de estarem ambos contidos em uma mesma projeção máxima (SN). No entanto, em Tikuna, fica difícil provar que sintagmas que recebem o Caso genitivo são sintagmas nominais governados por um nome. Em Tikuna, na relação genitivo-nome, a situação básica é aquela em que sintagmas recebedores de Caso genitivo têm seu Caso ligado à existência de uma posposição *arü* 'de'-

Estamos considerando *arü* 'de' uma posposição e não um afixo, porque se trata de um formativo explicitador de uma relação gramatical não só entre palavras, mas também entre sintagmas. Se *arü* 'de' fosse considerado um afixo em Tikuna, estaríamos diante de uma marca morfológica de caso genitivo. Tal marca poderia se fazer presente, à maneira do latim, em cada elemento de um sintagma nominal expandido que viesse a desempenhar função sintática associada à marca morfológica de caso genitivo, isto é, ter-se-ia algo como *insulae magnae* 'da grande ilha' ou *insularum magnarum* 'das grandes ilhas'. Tal marca poderia, ainda, ser considerada um afixo modificador de toda uma locução, à maneira do que se pode sugerir para o inglês, em construções como **the King of England's hat** ' o chapéu do rei da Inglaterra' ou **the boy who used to live next door's old bicycle** 'a velha bicicleta do garoto que era nosso vizinho'. No âmbito das construções genitivas em Tikuna, as coisas não

se passam examente como no latim ou no inglês. Não há em Tikuna a presença de uma marca morfológica de genitivo em cada elemento de um sintagma expandido que desempenhe função sintática com a qual seja compatível a marca morfológica de genitivo. Nem há em Tikuna, nas construções com genitivo, exemplos de saltos na hierarquia gramatical, isto é, exemplos em que um suposto afixo *arü* 'de' estivesse ora modificando uma raiz ou uma base, ora uma locução. Ao contrário, *arü* 'de' modifica palavras e locuções, estabelecendo uma relação de subordinação entre palavras, entre sintagmas. Os exemplos abaixo deixam ver isso:

(2.64.a.) [[[[*cowü*]$_{SN}$ *rü* [*tema*]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$ *arü*]$_{SP}$ [*ore*]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

veado e buriti de história

'história de veado e buriti'

(2.64.b.) [[[*nori*]$_{SN}$ *arü*]$_{SP}$ [*ügü*]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

primeiro de início
princípio

'início do princípio'

(2.65.) [[[*nguerü'ü̃*]$_{SN}$ *arü*]$_{SP}$ [*puracütchiga*]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

ensinar- de trabalho-notícia
nominalizador

'notícia do trabalho do professor'

(2.66.) [[[[*yatü*]$_{SN}$i [*ya* *tchune'ecü*]$_{SN}$i]$_{\overline{SN}}$ *arü*]$_{SP}$ [*ore*]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

homem x pescar- de história
nominalizador

'história do homem pescador'

(2.67.) [[[[[o'i]$_{SN}$ i [ya [ai]$_{\overline{SN}}$ [yaẽẽcɨɨ]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$ i]$_{\overline{SN}}$ arɨɨ]$_{SP}$ [ore]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

avô x onça criar de história

causativo-

nominalizador

'história do vovô criador de onça'

(2.68.) [[[[[Ticuna]$_{SN}$ arɨɨ]$_{SP}$ [ɨane]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$ arɨɨ]$_{SP}$ [aẽgacɨɨgɨɨ]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

Ticuna de aldeia de governo-plural

'os governos (governadores) das aldeias dos Ticuna'

(2.69.) Ena [[[curɨɨɨ̃wa]$_{SN}$ arɨɨ]$_{SP}$ [i nameɨɨ na cuɨɨcueɨ̃...?]$_{SN}$]$_{\overline{SN}}$

Será 2p-mesmo tipo-locativo de x 3p-bom nominalizador conectivo 2p-entrar-não-singular-nominalizador

'Será que é bom, de no grupo dos semelhantes a você, o vocês entrarem...?'

(= Será bom entre vocês o vocês entrarem...?)

Convém aqui explicitar as situações em que *aɾũ* 'de' não se faz presente. São elas: aquelas em que se tem a relação genitivo-nome expressa no interior de uma mesma palavra (cf. 2.17 a.); aquelas em que é o vazio que ocupa a posição do sintagma posposicionado (cf. 2.18.b.); aquelas em que uma forma pronominal, com caso morfológico genitivo, é co-referente a uma expressão referencial adjungida. A essas situações acrescente-se mais uma: aquela em que uma palavra, constituída de uma raiz obrigatoriamente possuída , apresenta uma flutuação na interpretação do marcador de pessoa - interpretado ora como formando um todo semântico com a raiz, ora como uma parte da palavra que leva a sua contribuição semântica para a interpretação dessa última. Tal flutuação tem, conseqüentemente, um efeito sobre o que vai ser considerado como núcleo da palavra. Por exemplo, não é difícil ver, ao lado da regularidade exibida em dados como

(2.70.) $[napata]_N$ 'casa dele'

3p-casa

(2.71.) $[otapata]_N$ 'casa da galinha'

galinha-casa

(2.72.) $[naeya]_N$ 'irmã dele'

3p-irmã

(2.73.) $[Ipieya]_N$ 'irmã de Ipi'

Ipi-irmã

exemplos em que, no nível da palavra, a correspondência regular entre o significado das partes constituintes e o significado da palavra não é a tônica. Há dados em que o marcador de pessoa significa e há dados em que não:

(2.74.) $[nanatɯ]_N$ 'pai dele'

3p-dono, pai

(2.75.) $[Tunetɯnatɯ]_N$ 'dono do Igarapé Preto'

Igarapé Preto-dono

(2.76.) $[Pedurunanatɯ]_N$ 'pai de Pedro'

Peduru-3p-pai

(2.77.) $[nama']_N$ 'esposa dele'

3p-esposa

(2.78.) $[Pedurunama']_N$ 'esposa de Pedro'

Pedro-3p-esposa

Com a flutuação que atinge o marcador de pessoa, o próprio núcleo da palavra passa a ter uma identidade oscilante, identidade que irá, por sua vez, atingir a identidade da própria palavra e a constituição da relação genitivo-nome, que ora pode ser construída dentro de uma palavra, ora entre palavras:

(2.79.) *Ngutapanama'* 'esposa de Ngutapa'

Ngutapa-3p-esposa

(2.80.) *duü̃'ügü* *arü* *ama'* 'esposa de pessoas'

pessoa-plural de esposa

(2.81.) *nacüma* 'costume dele'

3p-costume

(2.82.) *to'rü* *tacüma* 'nosso costume'

1p.pl-genitivo 1p.pl-costume

(2.83.) *no'rü* *nacümagü* 'costume deles'

3p-genitivo 3p-costume-plural

É difícil tomar essas últimas situações como básicas em Tikuna e propor, a exemplo do que se fez para outras línguas, uma regra de inserção de marcador de Caso postiço em uma categoria [+N]. Se isso estivesse ocorrendo em Tikuna, estaríamos diante de um caso de inserção de uma posposição postiça antes do núcleo - o que nos levaria a insistir na suposição de que *arü* 'de' seria apenas a expressão morfológica do Caso genitivo, atribuído via governo exercido por um nome dentro de uma projeção máxima. Dessa maneira, o Caso genitivo - morfologicamente expresso - estaria sendo atribuído por meio da configuração sintática.

Essa é a situação de línguas que possuem Caso genitivo morfológico, como o inglês, o russo, o japonês, o hebraico . Entretanto, nessas línguas, o núcleo que governa (X) faz com que o elemento governado adquira o Caso genitivo, que é nele morfologicamente expresso. Não se tem em Tikuna uma situação seme-

lhante. Aqui não é o núcleo do sintagma nominal que atribui a um outro nome, com o status de palavra, o Caso genitivo. De maneira interessante, é a própria posposição - elemento governante dentro do sintagma posposicionado (SP) - que porta a identidade morfológica do Caso genitivo, e apenas quando se tem uma forma pronominal presente nesse sintagma é que a posposição perde a sua autonomia, para se juntar à forma pronominal[74].

A situação básica existente em Tikuna aponta, a partir da relação genitivo-nome, para um sintagma nominal que pode receber um modificador (o sintagma com posposição) à esquerda do núcleo (ver o diagrama 2.18.a). Também à esquerda do núcleo, mas composto com ele no que poderia ser visto como resultado de um processo de incorporação, tem-se o nome que é interpretado como genitivo. Essas são as duas alternativas de construção do genitivo à esquerda do núcleo. A outra alternativa de construção de genitivo se dá através de estrutura de adjunção como já foi aqui anteriormente apontado. Quanto aos outros elementos do sintagma nominal (vistos na parte referente às orações relativas), eles também apóiam a existência de estruturas com adjuntos.

2.2.3. Uma proposta de categoria vazia

Se está correto o que esboçamos em termos das posições ocupadas pelo que era o sintagma adverbial diretamente dominado por $\overline{SV}$ e pelo sintagma posposicionado dentro do sintagma nominal, tais posições poderiam ser consideradas como não-governadas, quando nelas ocorre um vazio. O motivo para uma consideração como essa estaria no fato de as posições em questão não serem governadas por um núcleo nominal ou verbal. Se consideradas como não-governadas, essas mesmas posições surgem como candidatas ao aparecimento de uma das categorias vazias que a teoria prevê: PRO.

Aparecendo PRO nos tipos de construção apresentados, haveria dois problemas, quais sejam, o de se lidar com a opção que há na língua de se selecionar um pronominal com ou sem conteúdo fonológico e o de se estar aparentemente igualando um PRO Ā vinculado (vinculado a uma posição não-argumental) ao pronome "sombra" ("resumptive pronoun") que ocorre nos mesmos tipos de construção (cf. (2.25.), (2.26.), (2.28.)).

Se igualarmos um PRO a um pronome "sombra", estaremos não só dizendo que em Tikuna uma categoria pronominal vazia pode surgir em posições não-coincidentes com aquela em que PRO está sujeito à teoria de controle (por exemplo, a posição de sujeito de infinitivo), mas também que não há diferenças, em termos de indexação, entre elementos que integram uma cadeia argumental e aqueles que fazem parte de uma cadeia não-argumental.

O elemento pronominal vazio que, de acordo com a análise, surge nas construções focalizadas é um elemento pronominal cuja referência não é arbitrária: como a sua contraparte abertamente manifesta, ele é capaz de denotar e tem a sua denotação ligada à existência de um operador, isto é, o seu conteúdo é compatível com o conteúdo de seu operador. Como não se trata de um elemento pronominal cuja referência esteja vinculada à presença de um antecedente que possua papel temático independente, o elemento pronominal em questão não está sujeito a controle e não é, portanto, uma anáfora pronominal. Ele é um pronominal não-anafórico. Da mesma forma que sua contraparte abertamente manifesta, ele deve possuir uma referência definida e, ao integrar uma cadeia não-argumental, essa sua referência se casa com a de seu operador.

Um pronominal não-anafórico é pro , e não PRO. Enquanto pro, espera-se que ele seja licenciado , isto é, espera-se que ele seja legitimado ou propriamente identificado[75].

As construções que envolvem a relação genitivo-nome e modificação do sintagma verbal apresentam, ainda segundo análi-

se proposta, um sintagma pospocionado[76]. Isso vale dizer que nesse sintagma há uma posposição que governa um sintagma nominal que se encontra dentro do sintagma posposicionado, não vindo o governo aqui nem do nome núcleo do sintagma nominal (no caso da relação genitivo-nome) nem do verbo ou de um núcleo verbal (no caso da modificação do sintagma verbal). Quando é uma forma pronominal que exerce, no sintagma nominal ou no sintagma verbal, função compatível com aquela desempenhada, nos mesmos sintagmas, por uma expressão referencial contida no sintagma posposicionado, a essa forma pronominal se encontra agregada, por razões fonológicas[77], a posposição que, em outras circunstâncias, mantém sua autonomia fonológica ao reger uma expressão referencial incluída no sintagma posposicionado.

A perda de autonomia fonológica da posposição, quando está presente um elemento pronominal nas situações apontadas, não indica ainda, a nosso ver, uma reinterpretação das relações de Caso e governo fundada em uma reinterpretação morfológica. De acordo com os dados que possuímos, a posposição continua ainda a existir, em termos sintáticos, perdendo sua autonomia no nível fonológico.

O elemento pronominal em causa, quando abertamente manifesto, indica pessoa e possui Caso, por estar licenciado por uma posposição no nível sintático. Quando desprovido de conteúdo fonológico, o mesmo elemento pronominal continua a ter possibilidades de indicar pessoa e portar Caso . Ele é aqui um pronominal não-anafórico e, como tal, compatível com posições que não estão sujeitas à teoria de controle, podendo ocorrer nas posições que vimos referindo.

No que diz respeito à associação entre o pronominal não-anafórico e um elemento em posição não-argumental, essa associação pode autorizar a identificação da categoria vazia em questão como um pronominal.[78] Com isso, o pronominal não estará indexado a qualquer outro argumento dentro de sua categoria de governo e terá liberdade para procurar seu antecedente. O sintagma em posição não-argumental, por sua vez, como dispõe de um índice relacionado à presença de uma partícula que lhe dá visibilidade, não terá esse índice imediatamente associado a uma posição argumental, porque, antes que essa associação se faça, estarão em jogo o elemento pronominal vazio e as demais posições argumentais.[79] Esse pronominal vazio não está sujeito a controle e não terá, portanto, a sua referência relacionada a um antecedente com papel temático independente. Seu antecedente, então, deverá ser buscado junto a um elemento não-argumental, que constituirá, juntamente com a categoria vazia, uma cadeia não-argumental. O índice que possui o sintagma adjungido será passado, em outro momento, ao pronominal e, através desse índice, ambos possuirão o mesmo Caso e o mesmo papel temático. O elemento pronominal vazio indexado, agora, a um sintagma em adjunção terá condições de ser considerado uma variável e, com isso, de ser igualado, sem qualquer problema, a um pronome "sombra". Em outras palavras, a categoria pronominal vazia postulada é, no momento em que são olhadas as posições para a aplicação da teoria de vinculação, um elemento pronominal. No entanto, como está se procedendo a uma indexação entre uma posição não-argumental e uma posição argumental, tem-se nessa última uma variável. Essa interpretação da categoria vazia sur

ge em um segundo momento, quando o pronominal não-anafórico sem conteúdo fonológico passa pelo processo de indexação, igualan - do-se, em termos de interpretação ao pronome "sombra" abertamen te manifestado.[80]

A indexação em causa não estaria ocorrendo sem a presença de um índice no sintagma adjungido, índice que é dependente do aparecimento das partículas que vimos mencionando até agora. Tais partículas são propiciadoras de visibilidade e são elas que permi tem, através da indexação, a recuperação de uma categoria vazia como pronome "sombra" e, com essa recuperação, a explici- tação de uma relação sintática obscurecida por um vazio.

A recuperação de uma relação sintática em Tikuna dá-se, então, a nosso ver, em construções que envolvem um vazio em po- sição argumental e um sintagma em adjunção situado à direita do núcleo do sintagma nominal ou do sintagma verbal. Trata-se de uma recuperação que se dá no nível da interface entre a sintaxe e a representação semântica. Como é nesse nível que se dá a mencionada recuperação, cabe indagar pela necessidade sintática de se ter uma das partículas *i*, *ya*, *a*, *ga* em sintagma adjungi- do.

A posição à direita do núcleo quer do sintagma nominal, quer do sintagma verbal, não é, em si, visível para a atribui - ção de papel temático. O que dá visibilidade a um sintagma nessa posição, permitindo-lhe manifestar uma função, é a presen ça de uma das partículas mencionadas. Na suposição de que o sintagma em adjunção tenha chegado onde se encontra via movimen to (suposição que, de resto, a existência de pronomes "sombra" contradiz), a teoria adotada prevê que o sintagma movido carre

que consigo seu índice, e não que esse índice seja "criado" pelo movimento[81]. Supondo-se que o sintagma adjungido não seja resultado de movimento, dele pode-se dizer que é no nível da interface sintaxe/semântica que ele adquire um índice[82]. Entretanto, se adotada essa última suposição, não se poderá igualar esse índice às próprias partículas que vimos focalizando até agora: para que o sintagma em questão adquira um índice ele já deve dispor de visibilidade e quem lhe dá essa visibilidade é uma das partículas *i, ya, a, ga,* e é devido à presença de uma delas que o sintagma em adjunção porta um índice.

O processo de co-indexação focalizado se dá, pelo que vimos, em um nível que não é o da estrutura S. Por ser assim, vamos, com o fim de estabelecer diferenças entre os níveis em que se dão processos de co-indexação em Tikuna, fazer corresponder tais diferenças a uma distinção em termos de notação: trataremos com índices superescritos processos de co-indexação que se dão na interface entre a sintaxe e a semântica e com índices subescritos processos de co-indexação que ocorrem no nível da estrutura S.

Antes de passarmos a exemplos de alguns outros possíveis casos de vinculação em Tikuna, gostaríamos de tocar em um ponto, que é o do porquê de se ter uma das partículas *i, ya, a, ga,* em um sintagma adjungido que já conta com uma posposição. Essa é a situação do sintagma posposicionado que foi inicialmente visto como sintagma adverbial. Conforme mostram alguns diagramas feitos anteriormente, por conter uma posposição, esse sintagma é tratado como SP. Ao ser adjungido, ele recebe uma das partículas acima, partículas que, por justificativas já dadas, levam à constituição de um sintagma que se ramifica em P e SP, isto é, de um sintagma $\overline{SP}$. Uma pergunta que naturalmente surge é por que, na adjunção, se deveria fazer presente uma partícula nesse tipo de sintagma, se já existe um elemento que lhe atribui Caso (a posposição).

Para responder a essa pergunta vamos observar os seguintes exemplos abaixo:

(2.83.) *natchũta* 'anoiteceu'

3p-noite

(2.84.) [[[*wũ'i*]$_{SN}$*i* [*ga* *tchũtaũ*]$_{SN}$*i* *gu*]$_{SP}$ *rũ*]

um x noite- locativo tópico

nominalizador

tchautchiũ *wa* *nanhã*...

minha-casa locativo 3p-correr

'uma noite, à minha casa ele correu...'

(2.85.) [[*tchũtacũ*]$_{SN}$ *rũ*] *nawiyaegũ*...

noite- tópico 3p-cantar-plural

nominalizador

'À noite, eles cantam...'

(2.86.) [[[*wũ'i*]$_{SN}$*i* [*ga* *tchũtaũ*]$_{SN}$*i* *gu*]$_{SP}$ *rũ*]

um x noite- locativo tópico

nominalizador

nape'etchi...

3p-dormir-intensificador

'em uma noite, ele dormia muito...'

(2.87.) *powaewa* *na'ũ* [*i* *tchũtacũ*]$_{SP}$

pescar- 3p-ir com x noite-

locativo finalidade nominalizador

'ele foi pescar à noite'

(2.88.) *ningune* 'amanheceu'

3p-dia

(2.89.) [[[*wũ'i*]$_{SN}$*i* [*i* *nguneẽ*]$_{SN}$*i* *gu*]$_{SP}$ ... *rũ*]

um x dia- locativo tópico

nominalizador

tchune'ewa *na'ũ*

pesca com flecha- 3p-ir com finalidade

locativo

'um dia..., à pesca ele foi'

(2.90.) *Deerecũ* *rũ* *wairawa* *na'ũ*

tópico açaí- 3p-ir com finalidade

locativo

[*i* [*dautchita* *wa*]$_{SP}$]$_{\overline{SP}}$ [*i* [[*tchawuru*

x terra-firme locativo x sábado

arũ *nguneẽ*]$_{\overline{SN}}$ *gu*]$_{SP}$]$_{\overline{SP}}$

de dia- locativo

nominalizador

'Deerecũ, em busca de açaí foi, na terra-firme, em um dia de sábado'

(= Deerecũ foi tirar açaí no centro da mata num dia de sábado)

(2.91.) *nape* [*i* *nganecũ*]$_{SP}$

3p-dormir x dia-nominalizador

'ele dorme de dia'

Nos dois grandes conjuntos de exemplos aqui fornecidos, sobressaem itens que, contendo as raízes referentes ora a 'noite', ora a 'dia', podem ou não participar de construções que envolvem uma posposição e/ou uma das partículas de que vimos falando. Nas construções que apresentam um tópico no qual se faz presente uma expressão temporal, pode ou não haver uma posposição. Quando a posposição está ausente, isso não gera maiores problemas, porque, pelo menos em tese, se admite que o tópico tem por papel fornecer um quadro de referência ao qual se aplica uma predicação (ver 4). Em outras palavras, o que a admissão de uma tese como essa implica é que o tópico não é um lugar em que necessariamente devam ser explicitadas funções sintáticas. Daí, o fato de se ter a possibilidade da presença ou da ausência da posposição em exemplos acima. Quanto ao sintagma adjungido, a situação não é exatamente a mesma. Nele funções explícitas ou recuperáveis são importantes, porque elas estão relacionadas com a interpretação e, como acabamos de ver, com a identificação da relação sintática da variável vinculada. Nos

dois últimos exemplos de cada um dos dois grandes conjuntos há pouco apresentados (2.87 e 2.91), a marca de locativo se encontra ausente. Nesses exemplos, para os quais foram dadas, respectivamente, as traduções 'ele foi pescar de noite' e 'ele dorme de dia', a relação gramatical, para ser estabelecida, pode prescindir da posposição. Ela não pode, entretanto, prescindir da partícula que introduz o sintagma em adjunção. Essa partícula é a própria manifestação das construções em adjunção e, como tal, não pode ser dispensada. Nesse sentido, esse tipo de partícula se distingue da marca de tópico, que pode ser dispensada.

Os exemplos acima foram fornecidos tendo como pano de fundo a situação do sintagma posposicionado inicialmente visto como sintagma adverbial. Ele, porém, não é o único sintagma adjungido a revelar ausência de posposição. Um outro sintagma posposicionado também apresenta ausência de posposição quando aparece adjungido. Trata-se do sintagma que desempenha a função de objeto indireto:

(2.92.)	*Reinaldo*	*na*	nana'a	ya	na'ne	ya
		dativo	3p-objeto interno-dar	x	flecha	x

Peduru

'Pedro deu uma flecha *a Reinaldo*'

(2.92.) Peduru nana'a ya na'ne *ya Reinaldo*

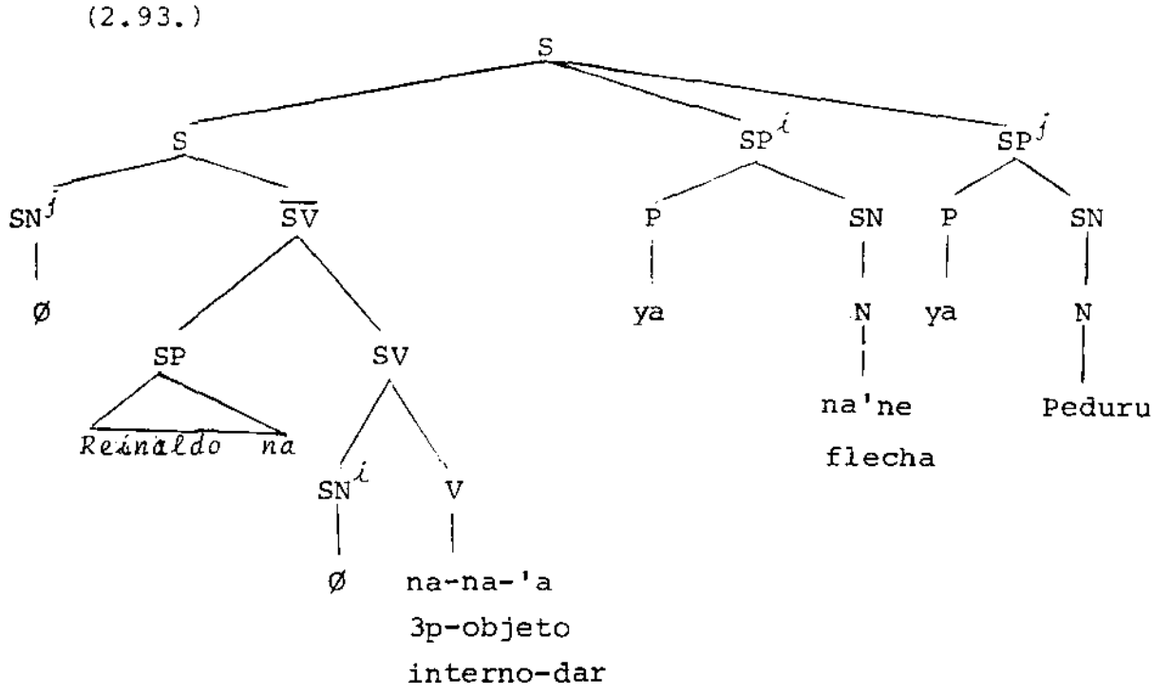
3p-objeto x flecha x

interno-dar

'Pedro deu uma flecha *a Reinaldo*'

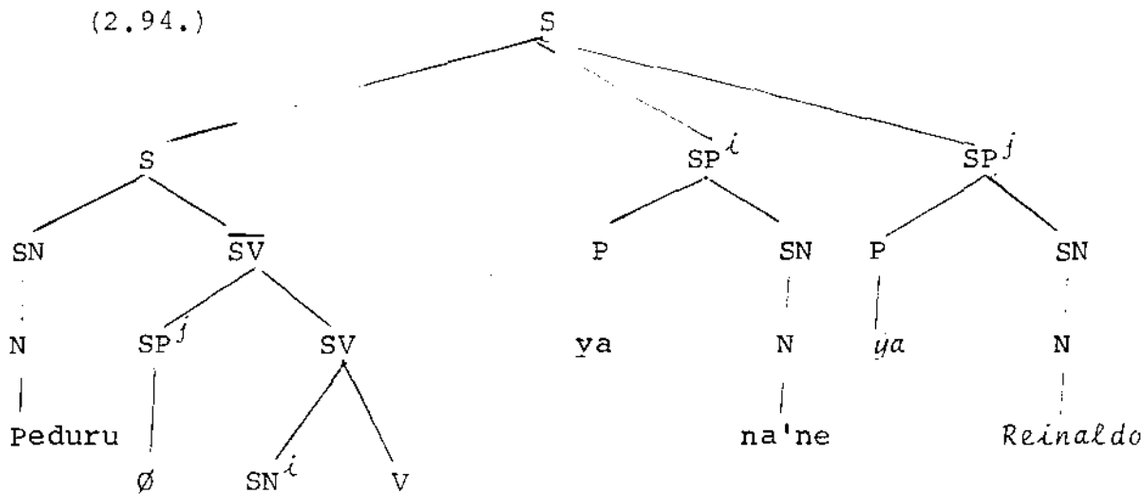
Diagramados, (2.91.) e (2.92.) passam a ser, respectivamente:

(2.93.)



'Pedro deu uma flecha *a Reinaldo*'

(2.94.)



Ø na-na-'a
3p-objeto
interno-dar

'Pedro deu uma flecha *a Reinaldo*'

A possibilidade que os diagramas colocam - a da equivalência entre as partículas

i
ya
a
ga

e posposições - fica afetada pelo fato de que, se é possível pensar que tais partículas suprem a função da posposição, quando essa se encontra ausente, não é possível pensar em dupla atribuição de Caso quando ambas se encontram presentes no sintagma em adjunção. Com os elementos que exibimos até aqui, podemos dizer, no entanto, que tais partículas, ao introduzirem sintagmas livres da exigência de Caso, no sentido do princípio de

visibilidade associado à rede temática do verbo, são necessárias a uma visibilidade associada à manifestação de uma função não-temática.

Para dar seqüência a essa última idéia, precisamos passar por uma outra amostra de exemplos em que poderiam existir vinculações, amostra diferente daquela explorada até aqui: passamos por construções com genitivo e sintagmas posposicionados que estão no mesmo nível hierárquico de SV, e não vimos ainda com detalhe as construções nas quais há sintagmas que podem revelar as funções gramaticais de sujeito ou de objeto direto.

2.3. O sintagma nominal sujeito

No início de toda a seção 2, afirmamos que nem só o argumento P seria introduzido por uma dentre as partículas vistas. Mostramos também dados em que as referidas partículas ocorrem, ao lado de dados em que elas não ocorrem. Repetimos aqui esses dados com outra numeração:

(2.95.) *Nangewaca'ũ* *i* *Reinaldo* *arũ* *napa*
3p-novo x Reinaldo de rede
'A rede do Reinaldo é nova'

(2.96.) *Nangewaca'ũ* *Reinaldo* *arũ* *napa*
3p-novo Reinaldo de rede
'A rede do Reinaldo é nova'

(2.97.) *Nifene* *i* *Reinaldo* *ngewa*
3p-caçar x Reinaldo hoje
'Reinaldo foi caçar hoje'

(2.98.) *Nifene* *i* *Reinaldo* *i* *ngewa*
3p-caçar x Reinaldo x hoje
'Reinaldo foi caçar hoje'

(2.99.) *I* *nhumã* *rũ* *nanore* *i* *doũ'ũgũ*
x agora tópico 3p-pouco x pessoa-plural
'Agora, tem pouca gente'

(2.100.) *Ya* *natchi* *rũ* *naca'* *tchadau*
x piolho tópico 3p-por 1ª.p-procurar
'Píolho, eu cato'

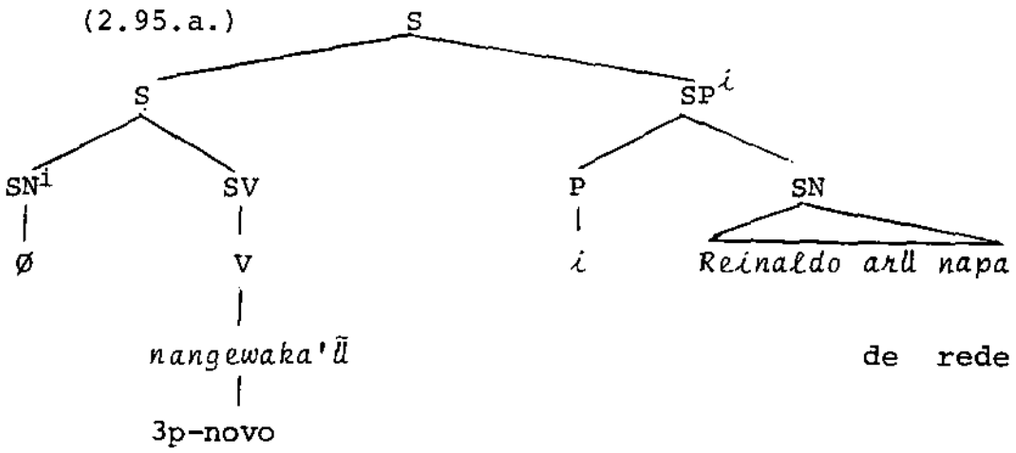
Nos exemplos que contêm um dêitico (2.97.), (2.98.)), esse pode ou não ser introduzido pela partícula que focalizamos e que recupera a relação sintatica. Esse fato não chega a surpreender, uma vez que os dêiticos se destacam no âmbito da sintaxe da língua. O que acontece em Tikuna é que, ao ocuparem a posição preenchível por uma circunstância interpretável como tal independentemente do verbo (posição de sintagma posposicionado), os dêiticos não serão regidos por uma posposição nem serão obrigatoriamente acompanhados por uma partícula estabelecedora de subordinação entre sintagmas. Além disso, da mesma forma que não são sintaticamente acompanhados de um formativo obrigatório quando na posição de um sintagma posposicionado, os dêiticos se distinguem, dentro do sintagma nominal, por não necessitarem do recurso de que dispõe a língua para o estabelecimento das relações entre determinante e determinado (ver 1, segunda parte).

Para os exemplos em que o tópico aparece esporadicamente precedido da partícula tratada como recuperadora de uma relação sintática (2.99.) e (2.100.)), vamos manter a afirmação já feita de que o tópico não é o lugar onde necessariamente devam ser explicitadas funções gramaticais. Tal explicitação se dá em situações bastante específicas, quando, de dentro da própria sentença, não partem as informações necessárias à explicitação de funções gramaticais (ver 4). Não é esse o caso dos dois exemplos apresentados: em(2.99.) tem-se um dêitico na posição de tópico; em (2.100.) está um argumento do verbo na posição de tópico, mas desse argumento há cópia dentro da sentença. Em ambos os exemplos, a partícula em foco surge

como um formativo que pode ser dispensado. E, se o tópico pode recebê-lo, isso não decorre, pelo menos nos exemplos apresentados, de uma necessidade sintática.

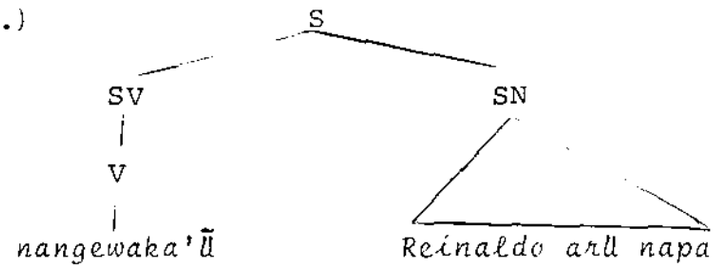
Quanto aos exemplos em que aparece "sujeito" posposto ao que é um verbo intransitivo (2.95.) e (2.96.)), esse "sujeito" pode ser visto de mais de uma maneira. Ele pode ser de fato um sintagma nominal sujeito, no sentido de ter sido apenas posicionado à direita do núcleo da sentença - o predicado - sem que se tenham alterado as relações entre sujeito e predicado. Nesse caso, não há necessidade da presença de uma das partículas *i*, *ya*, *a*, *ga* para conduzir à revelação sintática do sintagma posposto ((2.96.)). O sintagma posposto também pode ser visto como um sintagma adjungido, isto é, como um sintagma que, colocado à direita do predicado, não mantém com relação a esse o mesmo nível hierárquico. Nesse caso, uma das partículas apontadas aparece para resgatar a função sintática de sujeito ((2.95.). As duas possibilidades de visão do sintagma posposto corresponderão, evidentemente, dois diagramas diferentes:

(2.95.a.)



'A rede do Reinaldo é nova'

(2.96.a.)



3p-novo de rede

'A rede do Reinaldo é nova'

A situação exibida nesses dois diagramas faria supor que , em se tratando de verbos intransitivos em Tikuna, é irrelevante a altura em que venha a ser situado o sintagma posposto, uma vez que esse será, inevitavelmente, associado à função sintática de sujeito. Novos exemplos esclarecem essa suposição:

(2.101.) *natau* *i* *nanɬɬ*
3p-não ter x maniva

'não tinha maniva'

(2.102.) *tcho'ɬ̃* *nangema* *ya* *tchaunatɬɬ*
1p-dativo 3p-ter, existir x 1p-pai

'meu pai existe para mim (=eu tenho pai)'

(2.103.) *nɬɬ'ɬ̃* *nangema* *i* *naa'tɬɬwa*
3p-dativo 3p-ter, existir x terreiro

'o terreiro existe para ele (=ele tem terreiro)'

Para nenhum desses últimos exemplos, que contêm um verbo existencial, pôde ser encontrado um sintagma posposto, lexicalmente entendido como sujeito, que não estivesse precedido de uma das partículas já mencionadas. Mais do que isso: para nenhum verbo existencial foi encontrado um sintagma que, revelado sintaticamente como sujeito, estivesse ocupando posição inicial na sentença. Esse fato indica que, com um certo tipo de verbo, a posição pré-verbal que revelaria o sujeito não é necessariamente preenchida. Apesar de não ser preenchida, teria essa posição relevância sintática, isto é, contaria ela com um elemento sintaticamente presente? Mais alguns dados permitem, talvez, uma resposta a essa questão:

(2.104.) *nangema* *i* *no'rɻ* *daru'ɻ̃*
3p-existe x 3p-genitivo cuidador
'existe o cuidador dela'

(2.105.) *woca* *rɻ* *campu* *wa* *nangema*
boi, vaca tópico campo locativo 3p-existir
'A vaca (ou boi), existe no campo'

(2.106.) [*Detchi* *rɻ*...]$_S$ [*Rɻ* *na'taa* *wa* *nangema*]$_S$
pirarucu tópico e lago locativo 3p-existir
'Pirarucu... E (ele) existe no lago'

(2.107.) *Na'taa rɻ*... *ngerɻ* *nawa* *nangema*
lago tópico porque 3p-locativo 3p-existir

i gu'ɬ̃rɬ̃'ɬ̃ i tchoní SN SP $\overline{S}$

x todo-espécie x peixe

'O lago... nele existem todos os tipos de peixe'

(2.108.) *airu ɾɬ gu'ɬ̃guma no'ɾɬ yoraɬ̃ta*

cachor- tõpi sempre 3p-genitivo dono-junto
ro co

wa nangema

locativo 3p-existir

'O cachorro sempre está com o seu dono'

(2.109.) *ye'guma ɾɬ nayema ga wɬ'i ga*

naquele tõpico 3p-existir um tempo

pacɬ SN SP

moça

'Naquele tempo, existia uma moça'

(2.110.) *nhumã ɾɬ nataulma*

agora tõpico 3p-não ter

i tatɬ i ãuɬ̃ SN SP

x rio x grande

'Não tem rio grande agora'

(=Não tem mar aqui)

(2.111.) *Daa ĩpata rɨɨ... nɨɨ'ɨ̃ nangema i*

dêitico casa tópico 3p-dativo 3p-existir x

tamae'pɨɨ i naã

três x janela SN SP S

'Esta casa... para ela existem três janelas'

(=A casa... tem três janelas)

(2.112.) *Daa ĩpata rɨɨ nɨɨ'ɨ̃ nangema*

dêitico casa tópico 3p-dativo 3p-existir

i naa'tɨɨwa

x terreiro

'Esta casa, para ela existe um terreiro'

(=A casa tem um terreiro)

(2.113.) *gu'ɨ̃ma i togɨɨ i mayugɨɨ rɨɨ nɨɨ'ɨ̃*

todos x outro- x índio- tópico 3p-dativo

plural plural

nangema i no'rɨɨ nacɨɨmagɨɨ

3p-existir x 3p-genitivo costume-plural

'todos os índios, para eles existe a cultura deles'

(≠ todos os indígenas têm sua própria cultura)

Nesses últimos exemplos não é difícil discriminar fatos que podem nos ajudar a responder à questão da relevância sintática da posição de sujeito em Tikuna. Tais fatos dizem respeito à possibilidade de concordância entre o verbo e um argumento na posição de tópico, à simetria aparente entre tópico e sintagma posposto e à existência ou não de um governante da posi-

ção de sujeito.

Na maior parte dos dados acima está presente um tópico . Esse tópico pode ou não encontrar na forma verbal uma marca de pessoa que com ele estabeleça concordância. Alguns elementos irão determinar o entendimento do sintagma que se encontra na posição de tópico como sendo aquele com o qual o verbo efetivamente concorda. Um dêitico na posição de tópico não será entendido, em momento algum, como um elemento que participa da estrutura de argumento de um verbo, razão pela qual não será tratado, também em momento algum, como algo com o qual o verbo deva exibir concordância (ver (2.109.) e (2.110.)). Além dos dêiticos, há um sintagma na posição de tópico que, sendo entendido como participante da estrutura de argumento do verbo e possuindo uma cópia dentro da sentença, não terá igualmente no marcador de pessoa presente no verbo um elemento de concordância (ver (2.107.), (2.111.), (2.112.), (2.113.)). Por outro lado, há aquele sintagma que, na posição de tópico, não é um dêitico nem um participante da estrutura de argumento do verbo que possua cópia dentro da sentença. Esse sintagma faz parte da estrutura de argumento do verbo, mas não há necessidade de haver cópia dele dentro da sentença e é com ele que o verbo concorda (ver (2.105.), (2.106) e (2.108.)). Esse sintagma, que é um tópico, não necessita, além disso, ser o tópico da sentença que se estiver focalizando; ele pode ser o tópico de uma outra sentença e, mesmo assim, ser identificado como o elemento com o qual o verbo estabelece concordância (ver (2.106.)).

A situação específica desse último tipo de sintagma na posição de tópico aponta para dois caminhos, ambos relativos à

questão da existência de um sujeito sintático. Pode-se considerar como sujeito sintático o sintagma que, concordando com o verbo e marcado como tópico, não está reproduzido através de cópia dentro da sentença. Pode-se considerar que o tópico caracterizado por não estar reproduzido dentro da sentença e com o qual o verbo concorda é, na realidade, um elemento em posição não-argumental que vincula uma variável - uma variável ocupante da posição de sintagma nominal diretamente ligada ao nódulo S, isto é, uma variável na posição de sujeito. Os caminhos apontados merecem alguma exploração.

A favor da existência de uma variável na posição de sujeito tem-se, em princípio, a possibilidade de constituição de uma cadeia de tópicos com apagamento de um ou mais tópicos. Em face, por exemplo, de um enunciado como (2.106.), no qual há um verbo existencial concordando com o que é o tópico de uma outra sentença, pode-se aventar a existência de um tópico zero co-indexado ao tópico da sentença anterior e vinculador de uma variável na posição de sujeito . A idéia de que haja um tópico zero em Tikuna encontra ressonância em outros dados da língua, dados para os quais se pode pensar na co-indexação entre tópicos ou mesmo na co-indexação de parte de um tópico com outro tópico:

(2.114.) *Tchoratchi* *rũ*$_i$ *nanatchu'u* *i*
ariramba tópico 3p-objeto-flechar x
interno

tcho'ni *erũ* $\emptyset_i$ $\emptyset_i$ *nataiya* *rũ*
peixe porque tópico 3p-ter fome e

ngɛ'guma $\emptyset_i$ $\emptyset_i$ *na'ãcɯ* na_j

quando tópico 3p-filho dativo

(dêitico)

nana'ãgu *i tcho'ni rɯ* $\emptyset_j$

3p-objeto-dar-locativo x peixe tópico

interno

nanangõ' *erɯ* $\emptyset_j$ $\emptyset_j$ *nataiɲa*

3p-objeto-comer porque tópico 3p-ter fome

interno

'A ariramba, (ela) pega o peixe porque (ela) tem fome e (quanto a) o momento em que (ela) dá o peixe para o filho dela, (o filho) o come porque (ele) tem fome'

(2.115.) *ɯɯ'i ga ngune'ɯ̃ gu* $rɯ_i$ *ø nɯgɯma'ã*

um x dia locativo tópico se-com

naãmɯcɯɛ *natɯrɯ* *patu* $rɯ_i$ $\emptyset_i$ *tɯ'ɯ̃*

3p-fazer amizade então mas pato tópico 3p-íntima dativo

nɯ'ɯ̃ *narɯcuamaẽ* *ga* *ngũnɯ̃* *rɯ* $\emptyset_i$

3p-dativo 3p-saber mais, suplantar em saber x mutum e tópico

$\emptyset_i$ *tɯmacutɯ̃ɯ̃* *nadau...*

3p-íntima-pé-dativo 3p-ver

'Um dia, entre si fizeram amizade, mas o pato, pa

ra ele (ele, o pato) sabia mais do que o mutum e (o pato) viu o pé dele [dele = do mutum] '

Além disso, a idéia de um tópico zero fruto de uma co-indexação entre tópicos é fortalecida pela existência de um encadeamento entre tópicos abertos:

(2.116.) ... *yeguma* *rũ* *tchama* *rũ* taũma
naquele tempo (dêitico) tópico eu tópico negação

tchacuaega rũ Ø wũ'i i
lp-ter conhecimento e tópico um x

duũ'ũ i pemareũ tchi'ĩ natũrũ
pessoa x ignorante lp-ser então, mas

muepũcũna i tchama rũ ta
muitas vezes x eu tópico também

nũ'ũ tchacua ga nanhunhaũ ga
3p-dativo lp-saber x como x

guũma ga tacũ ga yatũgũ
todos x coisa, que x homem-plural

nũ'ũ i uũ natũrũ *yeguma* rũ
3p-dativo x contar então, mas naquele tempo (dêitico) tópico

tauũtama	tchacua	nhaã	aegacügü	arü
negação	1p-saber	dêitico	governo-plural	de

ore	ga	nhuma	nawa	i	maeũ	erü
palavra	x	agora (dêitico)	nela	x	vida	porque

yeguma	i	*tchama*	*rü*	tauũtama	ni'ĩ...
naquele tempo (dêitico)	x	eu	tópico	negação	3p-ser

'... *naquele tempo eu*, não tinha conhecimento e era uma pessoa ignorante, então *eu*, também sabia como eram todas as coisas que os homens contavam, então *naquele tempo*, não conhecia esta palavra do governo no meio da qual é a vida agora porque *naquele tempo eu*, não era...'

A possibilidade de encadeamento de tópicos bem como a possibilidade de existência de um tópico zero em Tikuna não asseguram, entretanto, que haja uma variável na posição de sujeito. É certo que o tópico pertence a uma posição não-argumental, como também é certo que, nessa posição, ele pode assumir a condição de operador que tenha por escopo um certo nódulo dentro da sentença. Diante do que se tem como certeza a respeito das possibilidades de vinculação que venham a ser estabelecidas entre tópicos e entre um tópico e um elemento no interior da sentença, a atenção aqui vai ser deslocada do elemento vinculador para a posição onde se situaria o elemento possivelmente vinculado.

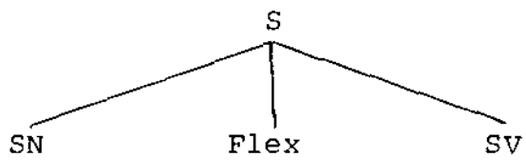
A posição de sujeito não é vista como possuindo relevância estrutural em línguas que, como o chinês, o japonês, o coreano,

são considerados como orientadas para o discurso, e não para a sentença[83]. Apesar disso, admite-se, para essas mesmas línguas a existência de um sujeito sintático[84]. Tal admissão não deixa, porém, de suscitar algumas dúvidas. Se para o chinês, por exemplo, encontrou-se um respaldo para o sujeito sintático no fato de haver, naquilo que é "intuitivamente" uma oração não-infinitiva, uma realização lexical que permite pensar em uma posição de sujeito governada, o mesmo não se dá quando se considera a questão da atribuição de Caso e a constituição do elemento Flexão, que está intimamente ligado ao governo da posição de sujeito. Para o chinês, diz-se que o sujeito é marcado por Caso, muito embora não haja o elemento concordância, por meio do qual o sujeito deveria receber Caso. Diz-se também, ainda no que é "intuitivamente" uma oração não-infinitiva em chinês, que há um nódulo Flexão, que pode ser foneticamente vazio e que é governante do sujeito, mesmo que a esse nódulo possa estar ligada apenas a marca de aspecto e não a de tempo, inexistente na língua.

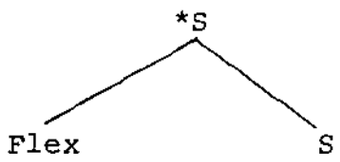
Ao invés de postular para o Tikuna elementos já colocados e "assegurados" teoricamente, é possível encontrar no próprio quadro da teoria gerativa, trilhas que conduzam a uma visão da língua Tikuna que não seja meramente reprodutora do que já se logrou alcançar para outras línguas dentro desse mesmo quadro teórico.

Em primeiro lugar, não se pode afirmar para o Tikuna que o elemento Flexão - intimamente ligado à questão do governo da posição de sujeito - pertença ao âmbito da sentença. Ao contrário, em Tikuna há dados suficientes para a demonstração de que

uma categoria como tempo, que integra teoricamente o nódulo Flexão, é um dêitico que tem por escopo toda a sentença. Isso vale dizer que o nódulo Flexão de que faz parte o tempo funciona como um operador de proposição que pode atingir elementos dentro da proposição, mas que, por se situar fora dela, não tem a propriedade de ser a cabeça da sentença e de, como tal, governar um sintagma nominal sujeito. Dito de outra maneira, o nódulo Flexão participa em Tikuna não de um diagrama



mas de um diagrama como



teoricamente possível a se levar em conta Stowell (1981)[85]. Seguem abaixo alguns dados que comprovam o que acabamos de afirmar:

(2.117.) *Yeguma* Hilda nanagu *ga*
naquele tempo/ 3p-moquear locativo x
quando
(dêitico)

tcho'ni rũ Reinaldo nanangõ'
peixe tõpico 3p-objeto interno-comer

'Quando Hilda moqueou o peixe, Reinaldo o comeu'

(2.118.) *Ngeguma* Hilda nanagu *i* tcho'ni rũ
quando 3p-moquear x peixe tópico
(dêitico) locativo

ta Reinaldo nanangõ'
não-agora 3p-objeto interno-comer

'Quando Hilda moquear o peixe, Reinaldo vai comer'

(2.119.) *ũpa* rũ nanore *ga* nai *nhumã*
antes tópico 3p-pouco x pau agora

rũ namoõtchi *i* nai
tópico 3p-muito- x pau
intensificador

'Antes tinha pouca árvore aqui, agora tem bastante'

De acordo com os dados acima, um dêitico em posição não-argumental determina a forma que assumem elementos dentro da sentença: - partículas que vimos examinando (*i*, *ga*) têm a sua forma ligada à presença de um dêitico, que situa temporalmente os acontecimentos relatados em um discurso .

Em segundo lugar, a questão da concordância. A concordância também pode ser vista teoricamente como elemento pertencente ao nódulo Flexão.

Na visão chomskyana[86] , a concordância é um elemento que possui traços que lhe conferem um caráter nominal, os traços [+N, -V] , compatíveis com as informações relativas a pessoa,

gênero e número. Esse elemento termina por integrar uma categoria (Flexão) basicamente "verbal", uma vez que essa compartilha com elementos não-nominais ([-N]) a propriedade de atribuição de Caso: cabe à Flexão, quando nela está contido o elemento concordância, a atribuição do Caso nominativo ao sujeito.

A atribuição de Caso envolve governo, porque a questão da atribuição do Caso abstrato e da sua realização morfológica está intimamente ligada a governo, isto é, ligada à relação entre o núcleo (cabeça) de uma construção e as categorias que dele dependem. Dessa forma, a concordância pode ser pensada em termos de governo, resolvendo-se, do ponto de vista formal, a associação entre a concordância e o sintagma nominal que ela governa através da co-indexação. A co-indexação faz com que um sintagma nominal compartilhe traços apropriados com o elemento concordância ou com um pronominal que lhe seja equivalente (pro ou PRO). Como a concordância não é um elemento vinculador - não podendo, portanto, integrar a teoria de vinculação -, a associação entre a concordância e o sintagma nominal que ela governa deve ser vista não exatamente como co-indexação, mas como co-superescrição.

A concordância deve, ainda na visão chomskyana, ser absorvida em um dado momento pelo verbo, passando, pois, a fazer parte do sintagma verbal. A determinação do momento em que se dá tal absorção em uma língua é responsável pela existência ou não de uma posição de sujeito governada . Se a absorção é colocada como se dando no componente fonológico, a posição de sujeito pode ser sintaticamente governada. Se, ao contrário , a absorção da concordância pelo verbo é vista como se dando no

nível sintático, a posição de sujeito não será governada, prevendo-se para essa posição uma ausência de realização lexical.

Um fator de peso para a determinação do momento da absorção da concordância é a própria manifestação da concordância: a constatação da maior ligação dessa com o elemento verbal que a manifesta será tomada como indício de que a absorção se dá no nível sintático; uma constatação em sentido inverso colocará a concordância como se dando em um momento mais tardio, isto é, no nível fonológico. Cada uma dessas constatações deverá, é claro, ser correlacionada às expectativas mantidas quanto ao governo da posição de sujeito.

Na busca de uma correlação entre a manifestação da concordância e o governo da posição de sujeito, chegou-se a afirmar que uma morfologia verbal rica estaria ligada à ausência de uma realização lexical para o sintagma nominal sujeito, uma vez que uma morfologia rica permitiria a recuperação de uma informação não-veiculada por um sujeito lexicalmente nulo[87] , ou seja, por um sujeito não-governado. Por outro lado, verificou-se que, em certas línguas, um sujeito lexicalmente nulo pode conviver com a inexistência de uma morfologia verbal capaz de indicar o elemento lexicalmente nulo[88] . Essa verificação, entretanto, não levou ao abandono da afirmação de que há uma ligação entre a morfologia manifestada pelo verbo e a ausência/presença de um sujeito lexicalmente expresso. E isso porque a convivência entre um sujeito lexicalmente nulo e uma morfologia verbal inexistente se deve à possibilidade de aquele poder ser identificado através de um sintagma nominal que, colocado em uma outra oração, funcione como um antecedente do elemento

nulo [89]. Dessa maneira, a correlação entre manifestação da concordância e governo da posição de sujeito se mantêm, sendo necessário apenas acrescentar que também um sintagma nominal manifesto pode exercer o papel desempenhado por uma morfologia verbal rica, qual seja o da recuperação de uma informação não-veiculada por um sujeito não-governado (lexicalmente nulo).

A correlação entre concordância e governo da posição de sujeito não é algo que deva ser desvinculado da atribuição do Caso nominativo, e a teoria, nesse ponto, indica caminhos .

Uma absorção da concordância pelo verbo no nível fonológico não é provocadora de alterações: a posição de sujeito será governada e o Caso nominativo será atribuído pelo nódulo Flexão - via concordância - ao sujeito. Uma absorção da concordância pelo verbo no nível sintático levanta o problema da atribuição do Caso nominativo, uma vez que, não sendo a concordância absorvida capaz de governo, a posição de sujeito não pode receber Caso. Como conseqüência, o sujeito sintático não pode ser um sintagma nominal realizado nem uma variável; o sujeito aqui só pode ser PRO.

Em orações não-infinitivas, a existência de PRO como sujeito sintático não é um impedimento definitivo para a atribuição do Caso nominativo . A atribuição acaba vindo através da co-superescrição. Pela co-superescrição, tem-se, como já foi dito anteriormente, uma solução formal para lidar com a associção entre a concordância e o sintagma nominal que ela governa. No caso de uma oração não-infinitva com PRO , essa associação, que ocorre antes da aplicação de qualquer regra , passa pela co-superescrição com um sintagma nominal pós-verbal. Esse sin-

tagma nominal recebe o Caso nominativo, por estar co-superescrito à concordância. Esse mesmo sintagma nominal, que tanto pode estar dentro do sintagma verbal quanto estar adjungido, integra uma cadeia argumental da qual faz parte PRO.

O sujeito sintático lexicalmente não-realizado de uma oração não-infinitiva (PRO) tem a sua existência ligada a um sintagma nominal posposto ao verbo. Sujeito subentendido, esse último cria condições para que PRO, um não-argumento, participe de uma cadeia argumental por meio da qual é veiculado Caso. E essa participação depende, fundamentalmente, da noção de concordância associada à de governo.

Retomando, para o Tikuna, os exemplos que contêm um verbo existencial e olhando-os sob o ângulo da concordância, é possível verificar que neles não é exatamente a concordância que leva ao licenciamento de um sujeito.

Nos dados focalizados, o verbo carrega sempre um marcador de terceira pessoa, fato esperado na língua porque com um verbo existencial a referencialidade assume o primeiro plano. Isso cria a possibilidade de que, havendo em uma sentença mais de um sintagma nominal que não seja visível estruturalmente, se venha a ter mais de um candidato a uma associação com o marcador de pessoa portado pelo verbo. Para lidar com essa possibilidade , está presente na língua um mecanismo que permite a exclusão de candidatos possíveis, de modo que a apenas um reste a possibilidade da associação com o marcador de pessoa. O mecanismo em questão é o da cópia.

Quando surgem construções como (2.107.), (2.111.), (2.112.), (2.133.), nas quais está presente um sintagma nominal na posi-

ção de tópico e um sintagma nominal em adjunção, todos os dois sintagmas são candidatos potenciais a uma associação com o marcador de pessoa do verbo. O que irá determinar aqui a associação em pauta é a existência de um tópico copiado ou não dentro da sentença. Argumentos do verbo na posição de tópico devem, em princípio (ver 4) , estar copiados no interior da sentença e essa cópia, como se pode comprovar pelos dados mostrados até aqui e por aqueles que serão fornecidos mais adiante (ver 4), nunca diz respeito à função sintática de sujeito; essa cópia sempre diz respeito a outras funções sintáticas. A existência de um tópico copiado faz com que esse seja imediatamente descartado como sintagma passível de associação com o marcador de terceira pessoa. A associação, então, se dá com o sintagma em adjunção: será esse o sintagma identificado como sujeito subentendido.

Ainda com relação a construções com verbo existencial, no caso de não se ter um tópico não-copiado no interior da sentença e de esse tópico não ser um dêitico, surgem restrições. O tópico só poderá apresentar um argumento do verbo se não estiver presente um sintagma adjungido (ver 2.108.), porque, do contrário, não haveria condições de se descartar um deles como não estando associado ao marcador de pessoa. Por outro lado, se estiver presente um sintagma adjungido, não será encontrado um sintagma na posição de tópico que seja argumento do verbo e que não esteja copiado dentro da sentença.

Uma aparente distribuição complementar que, em termos sintáticos, existe entre tópico e sintagma adjungido se reveste de um interesse especial, ao ser levado em consideração o mecanis-

mo da cópia. Esse mecanismo preenche, quando há um tópico, um espaço dentro da sentença que não pode ser deixado vazio e, ao mesmo tempo, permite a identificação, por exclusão, de um sujeito. É um mecanismo que aponta para a possibilidade de vazios estruturais e, ao que tudo indica, o único vazio estrutural permitido em Tikuna é aquele relativo à posição de sujeito .

Um vazio estrutural na posição de sujeito é algo que se coaduna com a estreita ligação entre o marcador de pessoa e a forma que esse marcador integra - o verbo. O marcador de pessoa é um prefixo e define, com a sua presença, uma categoria lexical que é o verbo. Se formos raciocinar em termos de um elemento Flexão cabeça da sentença, a ligação do marcador de pessoa com o verbo nos levaria a colocar a absorção da concordância no nível sintático. Colocada no nível sintático, tal absorção conduziria à existência de uma posição sintática de sujeito não-governável, o que significaria admitir PRO nessa posição e colocaria a questão da atribuição do Caso nominativo. Pelos caminhos indicados teoricamente, a solução formal poderia vir via co-superescrição, que associa o elemento concordância a um sintagma nominal pós-verbal. Dando-se em um momento anterior à absorção da concordância pela forma verbal, a co-superescrição garantiria a relação de associação entre a concordância e o sintagma nominal que ela governa. O raciocínio, no entanto, interromper-se-ia aqui. Primeiro, porque o sintagma posposto ao verbo não se situa dentro do sintagma verbal nem adjungido a ele, o que é um impedimento para que a con

cordância o governe. Segundo, porque não é o marcador de pessoa que desempenha aqui o papel de elemento identificador principal. A identificação de um sujeito subentendido se dá por exclusão, quando um sintagma nominal não pode ser associado a funções sintáticas que não incluem o sujeito.

Ao invés de um marcador de pessoa que desempenhe um papel semelhante ao de um elemento concordância tal como esse é colocado teoricamente, o que os dados da língua Tikuna indicam é que são outros os caminhos seguidos na explicitação de funções sintáticas e que, nessa explicitação, o sujeito sintático possui menos relevância. E o fato de se ter uma posição de sujeito com menos relevância sintática é demonstrável não apenas através do questionamento da existência de um elemento concordância contido em um nódulo Flexão, mas também através da própria inércia sintática da posição estrutural de sujeito.

Além das construções existenciais, onde está situada parte da evidência a favor de um vazio estrutural na posição de sujeito há na língua construções que reafirmam a possibilidade desse vazio. Tais construções são as correspondentes em Tikuna daquelas que, em outras línguas, são habitualmente analisadas como contendo um PRO que é sujeito de uma oração encaixada com verbo no infinitivo e que é controlado pelo sujeito de uma oração superordenada:

(2.120.)	tama	na*n*awae	*na*	*natchibü*
	negação	3p-objeto-querer interno	conectivo	3p-comer

'ele não quer comer'

(2.121.) nama'ã *nü'ũ* tchi'u *na* tama

3p-com 3p-dativo 1p-pedir conectivo negação

cuma'ã nanũũ*ca*

2p-com 3p-brigar-nominalizador-finalidade

'eu pedi a ele para ele não brigar com você'

(2.122.) Hilda rü inameẽ'ẽ i

tópico aspecto-3p-bom-causativo x

tcho'ni *na* naitü'ũ*ca*

peixe conectivo 3p-moquear-nominalizador-finalidade

'Hilda faz o peixe ficar bom para moquear'

(2.123.) Hilda rü i*na*tchuuna

tópico 3p-feminino-objeto interno-abrir e tirar as tripas

i tcho'ni *na* ru'ũ

x peixe conectivo moquear-nominalizador

'Hilda está limpando peixe para moquear'

(2.124.) Lindalva rü ingu *na*

tópico 3p-feminino-chegar conectivo

cu'ũ nangüeũ*ca*...

2p-dativo 3p-ajudar-nominalizador-finalidade

'Lindalva chegou para ajudar você...'

(2.125.) naca' cuca'ũ ya Peduru

3p-por 2p-chamar-nominalizador x Pedro

na nama'ã quifene'ũ i

conectivo 3p-com 2p-caçar-nominalizador x

mo'ũ

amanhã

'Você chamou Pedro para com ele você caçar amanhã?'

(2.126.) naca' cuca i Peduru *na*

3p-por 2p-chamar x conectivo

cuma'ã mo'ũ ya feneũc*a*'

2p-com amanhã x caçar-nominalizador-finalidade

'Você chamou Pedro para com você caçar amanhã?'

No quadro da teoria gerativa[90], complementos oracionais são geralmente da categoria $\bar{S}$, que se reescreve como COMP e S. As orações infinitivas, quando são complementos oracionais de certos verbos, estão desprovidas de Flexão e PRO nelas se faz presente, estando essa presença relacionada à teoria de Caso, ao princípio de projeção, ao critério θ e ao princípio de que PRO é não-governado . A presença de PRO se casa, portanto, com a necessidade se ver na sentença um sintagma nominal diretamente dominado por S, isto é, de um sintagma nominal sujeito sintaticamente relevante. Por outro lado, orações infinitivas vistas como $\bar{S}$ impedem que PRO seja governado pelo verbo da oração superordenada.

No primeiro par de exemplos acima fornecido há um bom indício de que o que seria um "complemento oracional" constituído de uma "oração infinitiva" não caracteriza uma categoria $\bar{S}$. Em (2.120.) o complemento da forma verbal referente a 'ele quer' traz em si um objeto interno que está de acordo com o fato de o próprio complemento estar situado à direita do verbo, numa reprodução do que, no início de toda esta seção, foi considerado característico das construções SVO. Em (2.121.), mantendo-se também como uma característica da ordem SVO, há um clítico ao qual se encontra co-indexado o complemento situado à direita do verbo. A co-indexação é matéria de governo e o que é o complemento do verbo - um suposto $\bar{S}$ introduzido por um COMP - é um complemento que possui estrutura basicamente nominal, o que o torna um sintagma introduzido por um conectivo e não por um complementizador.

A possibilidade de se ter sintagmas nominais no que seria o equivalente de orações infinitivas se repete mais adiante. Nos dados seguintes, o verbo não exibe qualquer elemento morfológico que leve à suposição de que o sintagma situado à sua direita esteja a ele relacionado. Em compensação, esse sintagma, introduzido pela mesma partícula dos dois exemplos anteriores - *na* -, recebe marcas que permitem identificá-lo como um sintagma posposicionado: seguindo-se a um sufixo nominalizador há uma posposição que modifica o todo constituído e que, algumas vezes, é dispensada, entrando em uma relação de complementaridade com o conectivo que introduz todo o sintagma (cf. (2.122.), (2.124.), (2.126.), de um lado, e (2.123.), (2.125.), de outro). O sintagma constituído possui características que lembram o sintagma

posposicionado que aqui já foi considerado. Desse sintagma, participa, na qualidade de termo regido, um sintagma nominal. Esse último, em sua constituição interna, pode ou não apresentar marca de pessoa na forma nominalizada (ver, por exemplo, (2.125.) x (2.126.) e pode, de acordo com a forma nominalizada que estiver em jogo, apresentar um complemento a ela relacionado, como se dá em (2.124.), que pode mais nitidamente ser focalizado assim:

(2.124.) a. cu'ũ nangüe
2ª.p-dativo 3ª.p-ajudar
'ele ajuda você'

b. cu'ũ nangüeũ
-nominalizador
'ajuda dele a você'

c. cü'ũ nangüeüca
-finalidade
'para a ajuda dele a você'

Tendo-se em Tikuna, uma base nominal para o que seria, em outras línguas, uma oração infinitiva com sujeito PRO, não se tem como sustentar ou procurar evidências de que o sintagma nominal - que nessa construção é básico - necessita de um sujeito. A teoria prevê que em sintagmas nominais o sujeito pode ou não estar presente e que sentenças diferem fundamentalmente de sintagmas nominais pela presença obrigatória naquelas de um sujeito[91] . Como em Tikuna, nas construções focalizadas, não

há uma categoria $\bar{S}$ e nem mesmo um S , a própria teoria utiliza da leva à improbabilidade da presença de PRO como sujeito. E como, ainda nessas construções, marcas pessoais podem ser dispensadas, tudo leva a crer que nelas a questão da referência passa por outros caminhos que não aqueles ligados a PRO sujeito.

A posição de sujeito não é, portanto, algo que revele , pelo que vimos até aqui, atividade sintática. Se se considerar que em Tikuna há um sujeito, ele estará situado no nível do tópico. E não sendo a posição sintática de sujeito ativa na língua, não há inconveniente em considerá-la candidata a um vazio estrutural. Da mesma forma, não há razão para considerar que um sintagma em adjunção, subentendido como sujeito, deva ser vinculado a uma categoria vazia. Colocada em adjunção, não há necessidade de haver para ele recuperação de uma função sintática.[92]

Ainda com relação à função sintática de sujeito, há uma última particularidade a ser apontada aqui. Tal particularidade refere-se aos verbos existenciais. Lexicalmente, esses verbos possuem, em Tikuna, um único argumento, que é o tema. Sintaticamente, entretanto, esse argumento é colocado na posição de tópico ou de sintagma em adjunção; nunca há para ele a possibilidade de ser colocado na posição de sintagma nominal interno ao sintagma verbal. Isso significa, a nosso ver, que há uma impossibilidade sintática para os verbos existenciais em Tikuna em serem tidos como elementos nucleares da sentença. Eles contrariam a tendência geral observada na língua, que é a de ter o verbo como núcleo da sentença e, como veremos mais adiante, como elemento que fornece indícios para a delimitação da própria

sentença. O argumento lexical que esses verbos possuem ocupam, sintaticamente, sempre posições periféricas, sem que o verbo traga consigo qualquer informação relacionada à posição desse argumento lexical. Em virtude da ausência de um caráter, digamos, nitidamente verbal, para tais verbos não se coloca a questão da função sintática exercida pelo seu argumento lexical. Isso vale dizer que esse argumento não é um sintagma nominal complemento com função sintática recuperada ou recuperável nem um sintagma nominal relacionado à função sintática de sujeito. Ao que tudo indica, trata-se de um sintagma ao qual se aplica uma forma que tem muito pouco das características exibidas pelos predicados verbais da língua[93].

2.4. Vinculações e ordem SVO em Tikuna

Nas construções SVO, o fato de a frase nominal complemento se encontrar à direita do verbo está ligado a modificações apresentadas pela forma verbal e, conseqüentemente, à relevância de um sintagma verbal constituído de sintagma nominal complemento e de um verbo, num fortalecimento, dentro da língua, da seqüência OV.

Antes, porém, de olharmos o sintagma verbal, tentemos justificar a separação que estamos operando entre um sintagma verbal hierarquicamente mais alto ($\overline{SV}$) e o sintagma verbal nuclear, constituído do sintagma nominal complemento e do verbo.

No ponto em que nos encontramos, nossa análise mostra que no sintagma verbal ($\overline{SV}$) em Tikuna há um sintagma posposicionado modificador de SV que não é governado nem pelo verbo nem por SV. Nessa análise, o sintagma posposicionado passa a abrigar não só sintagmas que expressam, digamos, circunstâncias, mas também aquele sintagma que seria facilmente identificado como o objeto indireto da sentença. E não existirá um mesmo abrigo sintático para circunstâncias e para um argumento que pode ser visto como objeto indireto sem evidência e, é claro, sem conseqüências.

Entre as evidências devem estar a de que o objeto indireto se comporta como outros sintagmas posposicionados e a de que o elemento que marca morfologicamente o objeto indireto possui características, ao realizar essa marcação, de uma verdadeira posposição.

Em Tikuna sintagmas relacionados a circunstâncias podem ser relativizados, da mesma forma que sintagmas identificados como objetos indiretos:

(2.127.) Peduru *nɨ̈na* nana'a ya
3p-dativo 3p-objeto interno - dar x

na'ne *ɰa* *ɰatɨ̈* [ga ine Galdinu
flecha x homem x ontem

nɨ̈'ɨ̃ nadaucɨ̈]$_S$
3p-dativo 3p-ver-nominalizador

'Pedro deu flecha para o homem que Galdino viu ontem'

(2.128.) Grasira rɨ̈ *pacɨ̈* *na* ina'a
tópico moça dativo 3p.fem-objeto interno-dar

i ona [ga ine recreiu gu
x comida x ontem recreio locativo

inguchɨ̈]$_S$
3p.fem-chegar-nominalizador

'Gracila deu comida para a moça que chegou ontem de recreio'

(2.129.) tchama nɨ̈'ɨ̃ tcha'ã ya ucu *nɨ̈'ɨ̃*
eu 3p-dativo 1p-dar x aqulha 3p-dativo

ɰa *ngee* [i nacuaɨ̈
x mulher x 3p-saber-nominalizador

nangaitchiruɨ̈]$_S$
3p-costurar-roupa

'eu de agulha para aquela mulher que sabe costurar'

(2.130.) ngema tatʉ [i nawa tapowae
dêitico rio x 3p-locativo 1p.pl-pesca

wa ta'ĩ'ʉ i mo'ʉ̃]$_S$
locativo 1p.pl-ir-nominalizador x amanhã

rʉ nayaʉ̃ʉ̃tchi
tópico 3p-longe-intensificador

'aquele rio onde vamos pescar amanhã, é bem longe'

(2.131.) nʉma rʉ inawʉatae
ele tópico aspecto-3p-riscar-trocar,
escrever

[i ngweaka'ʉ̃'ʉ̃] i popera wa
x novo x papel,caderno locativo

'ele está escrevendo no caderno que é novo'
(= ele está escrevendo no caderno novo)

(2.132.) nʉma naʉmatʉtae i popera
ele 3p-desenhar-trocar, x papel,caderno
escrever

[i ngewaka'ʉ̃] wa
x novo

'ele está escrevendo no caderno que é novo'
(= ele está escrevendo no caderno novo)

A relativização está, em Tikuna, ligada a uma indexação entre sintagmas (ver Orações relativas). Através desse recurso todo sintagma pode ser relativizado e daí decorre uma igualdade de comportamento entre sintagmas na língua, estejam eles relacionados a objetos diretos , a circunstâncias, a sintagmas identificados como objetos indiretos.

Apesar dessa igualdade generalizante, sintagmas identificados como objetos indiretos podem, quando coordenados, ser o complemento de uma posposição. E o mesmo acontece com sintagmas relacionados a circunstâncias:

(2.133.) Yutche rü Clovi 'ü nü'ü pi'a,
José e Clóvis dativo 3p-dativo 2p.pl-dar

arpão?

'Vocês deram arpão pra José e pra Clóvis?'

(2.134.) ...Wɨra rü tchutchi *ma'ã* rü
arco e zagaia instrumental tópico

inapowae ...
aspecto-3p-pescar

'... com arco e zagaia, ele pesca...'

Se objetos indiretos se comportam como outros sintagmas posposicionados, justifica-se a postulação de um sintagma posposicionado modificador de SV. A conseqüência mais imediata de tal postulação é a de que entre o sintagma posposicionado

(SP) e o sintagma verbal (SV) há uma fronteira demarcadora de comportamentos sintáticos. E é a possibilidade de existência dessa fronteira que nos obriga a olhar mais detidamente SV.

Dentro de SV, quando o verbo define a existência de um argumento interno, esse argumento carregará ou não certas marcas morfológicas, dependendo do significado do verbo. A marca morfológica que o argumento interno porta possui uma íntima ligação com o verbo, que a traz codificada no léxico. E isso a ponto de raízes - que integram uma forma verbal - só terem o seu significado definido quando associadas a uma determinada marca morfológica. É, por exemplo, o que acontece abaixo:

(2.135.) dau — 'ver'
\
'ũ

(2.136.) dau — 'procurar'
\
cã'

(2.137.) dau — 'cuidar; olhar para'
\
na

(2.138.) ca' — 'chamar'
\
ca'

(2.139.) ca' — 'perguntar'
\
nã

Fora do sintagma verbal, as marcas morfológicas em questão readquirem seu significado original e possuem status de posposição. Dentro do sintagma verbal, porém, elas são parte imprescindível de um nome abertamente expresso. E, se esse último estiver au-

sente, elas integrarão uma forma pronominal. Assim:

(2.140.) nũ'ĩ̃ tchadau 'eu o vi'
3p-dativo 1p-

(2.141.) naca' tchadau 'eu o procurei'
3p-causa/ 1p-
beneficiário

(2.142.) nũna tchadau 'eu cuido dele; eu o-
3p-locativo 1p- lho para ele'
(ponto de origem/chegada)

(2.143.) naca' tchaca' 'eu o chamo'
3p-causa/
beneficiário

(2.144.) nũna tchaca' 'eu perguntei dele'
3p-locativo 1p- (= eu perguntei a ele)
(ponto de origem/chegada)

Já foi mencionado aqui que marcas como as apresentadas, não exibem o status de posposição, uma vez que, estando intimamente ligadas ao verbo, não são atribuidoras de Caso. E o argumento interno do verbo que as porta é, em razão desse fato,

um objeto direto.

Quando é uma forma nominal que carrega uma marca morfológica prevista pelo verbo, essa forma ocupa a posição de sintagma nominal irmão de V. Quando, no entanto, é uma forma pronominal que carrega essa mesma marca, não é tão claro que tal forma esteja ocupando uma posição argumental, isto é, que ela esteja preenchendo a posição de sintagma nominal. Ao iniciarmos 2., mostramos que,em Tikuna, uma sentença que apresente sintagma duplicando uma forma pronominal ligada ao verbo não é ambígua, embora a língua admita a ordem OVS. Também afirmamos que, nessa circunstância, uma única interpretação é possível , o que se explica pela existência de um clítico co-indexado obrigatoriamente ao sintagma que o duplica. A essa afirmação vamos acrescentar outra: a de que a existência de uma forma pronominal ligada ao verbo faz com que a posição argumental de sintagma nominal irmão de V esteja obrigatoriamente vazia, porque, do contrário, as sentenças serão agramaticais, como comprovam dados abaixo:

(2.145.) *Ãtape rü *Reinaldo'ü̃* *nü'ü̃*
cobra tópico -dativo 3p-dativo

nima'
3p-matar

'A cobra matou Reinaldo'

(2.146.) Ãtape rü *Reinaldo'ü̃* nima'
-dativo 3p-matar

'A cobra matou Reinaldo'

(2.147.) Ãtaɒe rũ nũ'ɰ̃ nima'
cobra tópico 3p-dativo 3p-matar

'A cobra o matou'

(2.148.) *Nũ'ɰ̃* nadau *ɰa ɰatũ*
3p-dativo 3p-ver x homem

'Ele viu o homem'

(2.149.) Peduru *nũ'ɰ̃* nadau *ɰa ɰatũ*
3p-dativo 3p-ver x homem

'Pedro viu o homem'

(2.150.) Yatũ *nũ'ɰ̃* nadau
homem 3p-dativo 3p-dar

'O homem o viu'

(2.151.) **Peduru'ɰ̃* *nũ'ɰ̃* nadau *ɰa ɰatũ*
-dativo 3p-dativo 3p-ver x homem

'O homem viu Pedro'

As duas sentenças marcadas acima como agramaticais têm sua agramaticalidade explicada por uma violação do filtro de Caso. Como se pode dizer que o clítico requer Caso, o verbo , que o governa, a ele atribui Caso. Com isso, não há possibilidade de aparecer um elemento nominal na posição de sintagma nominal irmão de V, visto que esse não possui mais, ao estar

presente o clítico, condições de receber Caso.

Dentro de SV, o elemento pronominal - um clítico - está, de modo geral, em distribuição complementar com os morfemas que, de dentro da forma verbal, indicam a existência de um objeto direto. Esses últimos morfemas são

na - 'objeto interno'

ya - 'objeto interno'

e ambos têm o seu aparecimento dependente, em primeiro lugar, da forma verbal a qual se ligam, isto é, o seu aparecimento está previsto no léxico, de modo que certas formas verbais aceitam um, mas não aceitam outro, além do fato de que certas formas verbais não aceitam nem um nem outro. Em segundo lugar, o papel desses morfemas é indicar que, em um enunciado, há, um sintagma que pode ser identificado como argumento interno de um verbo. Redizendo, de maneira esquemática, o que existe em Tiku na quando estão em jogo elementos pronominais clíticos e morfemas 'objeto interno', tem-se:

- complementaridade entre elemento pronominal (clítico) e morfema 'objeto interno':

(2.152.) nũ'ũ̃ ni?u 'ele o disse'
3p-dativo 3p-dizer, contar

(2.153.) *nina'u 'ele o disse'
3p-objeto-dizer,
interno contar

- alternância entre elemento pronominal (clítico) e morfe

ma objeto interno:

(2.154.) nü'ũ pi'a 'vocês o deram'
3p-dativo 2p.pl-dar

(2.155.) nana'a 'ele o deu'
3p-objeto-dar
interno

- codificação no lêxico quanto ao morfema 'objeto interno' que deve integrar - se for o caso - o verbo possuidor de um argumento interno não-expresso dentro de SV[94]:

(2.156.) a 'dar'
\
na-

(2.157.) nana'a 'ele o deu'
3p-objeto-dar
interno

(2.158.) a'ũ 'beber'
\
ya-

(2.159.) iyaa'ũ 'ela o bebeu'
3p f.-objeto-beber
interno

(2.160.) tayaa'ũ 'nõs o bebemos'
1p.pl-objeto-beber
interno

(2.161.) bu'u 'colher'
\
na-

(2.162.) nanabu'u 'ele o colheu'
3p-objeto-colher
interno

(2.163.) daye 'torar'
\
ya-

(2.164.) tayadaye 'nós o toramos'

1p.pl-objeto-torar

interno

(2.165.) fe 'matar com tiros'

\

na-

(2.166.) nanafe 'ele o matou'

3p-objeto-matar com tiros

interno

(2.167.) ma' 'matar'

\

ya

(2.168.) nayama' 'ele o matou'

3p-objeto-matar

interno

- aparecimento de um clítico ou de um morfema 'objeto interno' quando o argumento interno do verbo é situado à direita desse último :

(2.169.) nanangõ' *ya ma'ẽ*

3p-objeto-comer x capim

interno

'ele come capim'

(2.170.) nanatchu'u *i tcho'ni*

3p-objeto-arpoar x peixe

interno

'ele arpoou o peixe'

(2.171.) na*ŋ*a*y*a'u *i tcho'ni*

3p-objeto-pegar x peixe

interno

'ele pega peixe'

(2.172.) na*y*ama' *ga aiɲu*

3p-objeto x cachorro

interno

'ele matou o cachorro'

(2.173.) *naca'* nataegũ *i ui*

3p- por 3p-trocar-plural x farinha

'eles compram a farinha'

(2.174.) *nama'ã* tatae *i ui*

3p-instrumental 1p.pl-trocar x farinha

companhia

'nós vendemos farinha'

(2.175.) *nũ'ũ̃* nangau *ya ai*

3p-dativo 3p-encontrar x onça

'ele encontrou a onça'

(2.176.) *nũ'ũ̃* ni'u *i one*

3p-dativo 3p-dizer, contar x história

'ele contou história'

O clítico pode receber marcas morfológicas que, quando ele não está presente, também caracterizam o sintagma complemento do verbo em posição argumental[95]. Tal não se dá com a expressão interna ao verbo da noção 'objeto': ela não é caracterizada por caso morfológico. Apesar disso, não parece inadmissível requerer para o morfema 'objeto interno' a propriedade de absorção do Caso. Isso porque não se espera o preenchimento da posição de sintagma nominal complemento do verbo quando nesse ocorre o morfema 'objeto interno':

(2.177.) Abel rũ *nana*'a i tcho'ni...

tópico 3p-objeto-dar x peixe

interno

'Abel, deu o peixe...'

(2.178.) ? Abel rũ tcho'ni *nana*'a ...

tópico peixe 3p-objeto-dar

interno

'Abel, deu o peixe...'

(2.179.) Abel rũ wairatchi'ũ nia'ũ

tópico açaí-líquido 3p-beber

'Abel bebeu vinho de açaí'

(2.180.) ?Abel rũ wairatchi'ũ ni*ɣ*a'ũ

tópico açaí-líquido 3p-objeto-beber interno

'Abel bebeu vinho de açaí'

Os dados indicam uma distribuição complementar entre a noção 'objeto' expressa internamente à forma verbal e o sintagma nominal complemento do verbo situado dentro de SV. Para esse fato obtém-se uma explicação se considerarmos a hipótese de que o verbo, ao receber o morfema 'objeto interno', não está mais em condições de atribuir Caso ao sintagma nominal irmão de V.

Além de um ponto de contato entre o elemento pronominal que recebe marca morfológica e o morfema objeto interno no que tange à presença do sintagma nominal complemento, é possível estabelecer mais uma outra aproximação entre ambos. Tanto um quanto outro estão relacionados a uma liberdade na busca de um antecedente. Consideremos os dados abaixo:

(2.181.) ũpa rũ *Reinaldo* ãtape *nũ'ĩ*

tempo passado tópico cobra 3p-dativo

nima'

3p-matar

'Algum tempo atrás, a cobra matou Reinaldo'

(2.182.) ũpa rũ *ãtape* Reinaldo *nũ'ĩ*

tempo passado tópico cobra 3p-dativo

nima'

3p-matar

'Algum tempo atrás, Reinaldo matou a cobra'

(2.183.) *Maria* Luiza *ngi'll* niwüpara

3p-fem-dativo 3p-coçar-perna

'Luiza coça a perna da Maria'

(2.184.) ? Abel rü *i* *wairatchi'll* na*y*aa'e

tópico x açaí-líquido 3p-objeto-beber interno

'Abel, bebeu vinho de açaí'

(2.185.) Mo'ü rü ya Abel *i* *wairatchi'll*

amanhã tópico x x açaí-líquido

ta na*y*aa'e

não-agora 3p-objeto-beber interno

'Amanhã, Abel vinho de açaí vai beber'

(2.186.) Cupata wa rü ya Abel *i*

2p-casa locativo tópico x x

wairatchi'll ta na*y*aa'e

açaí-líquido não-agora 3p-objeto-beber interno

'Na tua casa, Abel vinho de açaí vai beber'

Se o que estamos tratando como clítico é imediatamente antecedido de um sintagma nominal desprovido de marca morfológica, não será esse último interpretado como antecedente do clítico: os dados mostram que o antecedente será buscado fora da sentença ou do predicado (fora do predicado se quisermos questionar o lugar ocupado pelo argumento externo do verbo quando esse se faz presente dentro da sentença) [96]. No caso de formas verbais que exibem internamente a noção 'objeto', o antecedente desse 'objeto' terá que estar, pelos dados acima, fora do predicado: a presença da partícula temporal *ta* fecha o predicado e, conseqüentemente, permite a expressão do antecedente à esquerda do todo constituído pelo predicado (cf. (2.185.) e (2.186.)); a ausência da partícula *ta* permite se tomar o predicado como aberto e o antecedente como estando no interior do mesmo, o que gera incerteza quanto à gramaticalidade da sentença (cf. 2.184.).

A liberdade na busca de um antecedente exclui a possibilidade de que, se viermos a pensar em movimento da frase nominal completo, exista, na posição de sintagma nominal, um traço de sintagma nominal. Na hipótese de haver movimento, a posição a partir da qual a extração teria lugar conteria uma variável, uma vez que o movimento estaria ocorrendo para uma posição periférica. Pode haver dúvidas quanto à posição localizada à esquerda do predicado, isto é, essa posição poderia vir a não se caracterizar como posição de operador .

O vazio na posição de sintagma nominal combinado ao clítico constituirá, porém, um elemento pronominal descontínuo, nos

moldes em que foi proposto por Borer (1981, 1984), em construções em que o vazio estiver indexado a um elemento em posição argumental fora de sua categoria mínima de governo (ver capítulo referente à extração de frases nominais).

Na ordem SVO, a relação que o clítico mantém com a frase nominal complemento seria aquela ditada pela capacidade de governo possuída pelo clítico, por ser ele um traço da cabeça. Há uma co-indexação obrigatória entre o clítico e a frase nominal complemento. Há também, antes da frase nominal complemento que duplica o clítico, uma das partículas que aqui já foram focalizadas. No entanto, diante do que vimos a respeito dessas partículas quando elas aparecem em posição de adjunção à direita do sintagma verbal, seria difícil considerá-las como um marcador de caso "dummy" necessariamente introduzido antes da frase nominal complemento para se evitar uma violação do filtro de Caso. Seria difícil, ainda, manter para o Tikuna as informações que Borer, seguindo Kayne (1975), faz sobre clítico e atribuição de Caso, e isso por duas razões:

a) as partículas em questão constituem elementos que participam da visibilidade[97] de um elemento para a atribuição de uma função e permitem, no nível da interface entre sintaxe/semântica, a explicitação de uma relação sintática que venha a ser obscurecida por um vazio; no nível exclusivamente sintático, que é aquele em que o clítico exibe as suas propriedades, as referidas partículas já se fazem presentes, inde -

pendentemente da existência do clítico, e isso porque elas são necessárias a um nível de interpretação que não é exclusivamente sintático;

b) nas sentenças de ordem SVO em que se tem a forma verbal expressando internamente a noção 'objeto', não se tem, pelas mesmas razões, necessidade de inserção de um marcador de caso "dummy"; as partículas que se fazem presentes no sintagma adjungido não existem apenas porque há uma noção 'objeto' interna à forma verbal;

Desvinculando-se o aparecimento de partículas no sintagma adjungido do clítico e do morfema 'objeto' interno à forma verbal, outra deverá ser a maneira de se fazer com que a frase nominal adjungida seja interpretada como objeto direto.

Uma maneira de se alcançar essa interpretação seria, diferentemente de Borer, dizer que o clítico, que absorve Caso, possui a propriedade da transmissão do Caso à frase nominal objeto em adjunção. Essa solução, que é compatível com o fato de o clítico governar a frase nominal complemento, pode ser conciliada com a presença de uma das partículas mencionadas, desde que, para efeito de transmissão do Caso objetivo, sejam vistos como pares Casuais não só o clítico e o verbo do qual ele é a cabeça, mas também o traço de Caso contido no verbo e o sintag-

ma nominal que se encontra associado a uma das partículas[98].

Ainda nessa maneira de ver as coisas, teríamos que, se nas construções com o clítico há uma transmissão de Caso pelo clítico à frase nominal complemento, algo semelhante pode ser alcançado nas construções em que se tem a noção 'objeto' interna à forma verbal. O argumento que se encontra à direita do sintagma verbal, não retira como já foi dito, sua visibilidade da posição de adjunção. Sua visibilidade está ligada à existência de uma das partículas já referidas. No entanto, as partículas em questão não têm a propriedade de atribuir ao sintagma que as segue o Caso objetivo. Essa atribuição estaria, mais uma vez, ligada ao verbo. A noção 'objeto' presente no verbo é uma maneira de estabelecer concordância entre o verbo e a frase nominal complemento à sua direita, concordância que, igualando-se ao processo de que participa o clítico, permite a identificação de uma frase nominal como objeto direto. Em outros termos, o morfema 'objeto' interno à forma verbal, ao permitir identificação de um objeto nominal, passaria a desempenhar a mesma função do caso morfológico[99].

Essa maneria de olhar as construções com objeto posposto ao verbo pode sofrer reparos, sobretudo se se considera que, por nossa análise anterior do adjunto com as mesmas partículas em causa, a adjunção do objeto direto deve se dar sobre S, com o clítico sendo gerado como "spell-out" do slot temático de V. Com adjunção sobre S, a estrutura em questão não estaria reproduzindo a conhecida construção de "clítico duplo", na qual o SN que dobra o clítico, tendo a sua posição básica gerada sob SV, desencadeia o problema da atribuição de seu Caso diante da

absorção realizada pelo clítico. Além disso, no nosso estudo sobre vinculação em Tikuna, excluímos a regência do SN adjungido por V ou por N, e esse fato coloca de imediato um problema para a necessidade de atribuir o Caso objetivo ao SN adjungido.

Com os reparos feitos, outra seria a maneira de considerar as construções com frase nominal adjungida interpretada como objeto direto. Nessa outra maneira, os clíticos, aparecendo caracterizados morfologicamente, se combinam com um vazio e, a partir dessa combinação com valor pronominal, têm a possibilidade de estabelecer uma cadeia com o sintagma nominal posposto, a ele fazendo chegar o Caso objetivo e, conseqüentemente, garantindo-lhe a interpretação como objeto direto. Ainda nessa outra maneira, a marca de 'objeto' interna ao verbo - cujo relacionamento com o clítico é patente a partir das muitas generalizações descritivas que fizemos - não seria mais vista como um dispositivo para o estabelecimento de concordância entre o verbo e a frase nominal complemento à sua direita. Diante da situação já exposta do sintagma adjungido, esse não precisaria estar identificado por uma marca morfológica à qual a concordância equivaleria. Assim, as marcas de 'objeto' interno poderiam ser tratadas, nos termos de Baker (1988), como resultado de um processo de incorporação dos clíticos, abrindo-se, em função desse tratamento, espaço para um estudo sobre autorização de cadeias na língua - estudo esse que poderia contrapor construções com clítico àquelas com a noção 'objeto' in

corporada. Esse estudo não é levado a termo aqui. Aqui, para os nossos objetivos, é suficiente dizer que cadeias com clíticos, em Tikuna, se constituem em mais um modo de manifestação casual.

3 - A Ordem OVS

Quando o argumento posposto ao verbo é aquele que poderia ser considerado um sujeito subentendido, as mesmas partículas examinadas na seção anterior precedem esse "sujeito". Nas sentenças

(1.1.) Luiza'ũ iyawũpara i Elisa

Luiza-dativo 3p.fem-coçar-perna x Elisa

'Elisa está coçando a perna da Luiza'

(1.2.) Luiza'ũ iyame i Elisa

Luiza-dativo 3p.fem- lavar - mão x Elisa

'Elisa está lavando a mão da Luiza'

(1.3.) Viuma'ũ nangõ' ya airu

Vilmar-dativo 3p-morder x cachorro

'O cachorro mordeu Vilmar'

observa-se que as partículas *i*, *ya* sucedem também o "sujeito" posposto. Uma outra observação a ser feita é a de que o objeto nominal, nessas circunstâncias, é morfologicamente marcado por

um sufixo. Nos exemplos apresentados, esse sujeito é 'ũ 'dativo'. A marcação do objeto é aqui resultante não propriamente do fato de estar ele preposto ao verbo - situação em que o objeto não necessita obrigatoriamente de uma marca - mas do fato de ter sido o "sujeito" nominal posposto. Observe-se, ainda, que, na ordem OVS, o verbo nunca expressa internamente a noção 'objeto' - ao contrário do que se constata na ordem SVO.

A partir dessas observações, podemos repetir aqui o que foi dito, quando tratamos da ordem SVO, a propósito da transposição de um argumento para a direita do verbo. A posição de adjunção não dá visibilidade ao argumento posposto. Essa visibilidade está ligada ao aparecimento das partículas *i*, *ya*, *a*, *ga*, que, por sua vez, poderão ser associadas a um elemento em posição argumental. No caso da ordem OVS, a identificação do argumento posposto é obtida indiretamente, através da marcação casual do argumento preposto: marcado o objeto, identifica-se, por exclusão, o argumento posposto. E aqui, escolhida essa estratégia de identificação do argumento posposto, desnecessária se torna então a existência de qualquer modificação na forma verbal.

Por fim, resta-nos dizer que, na constituição da ordem OVS, o objeto nominal, que ocupa uma posição argumental, tem sobre si uma restrição: ele nunca assume uma forma pronominal.

4 - Tópico e Sintagma Posposto ao Verbo

De difícil definição, o tópico já foi identificado em certas línguas com base em propriedades gramaticalmente compartilhadas por frases nominais . Entre essas propriedades estão a posição sempre inicial na sentença, o fato de que não há entre o tópico e o verbo em uma sentença uma relação de seleção e o próprio papel desempenhado pelo tópico, que é o de fornecer um quadro de referência ao qual se aplica a predicação.

Em Tikuna, observando-se apenas as sentenças (1.4.), (1.5.) e (1.6.) (ver 1), não se tem como assegurar que a primeira frase nominal, seguida de

rü

seja um tópico. A única constatação que se pode fazer, com relação a essas sentenças, é aquela que de fato foi feita: a partícula mencionada que nelas aparece não é identificadora de sujeito. Observando-se, porém, outras sentenças, como, por exemplo,

(4.1.) ãpa rü nata'uma i nanetügü natürü

nhumã rü marü namuũtchi i nanetügü

. antes tópico 3p.-negação x
planta-plural então

. agora tópico já 3p.-muito x
planta-plural

'Antes não tinha planta, agora já tem bastante'

(4.2.) ãpa rũ nanore ga nai nhumã rũ

namuũtchi i nai

antes tõpico 3p.-pouco x árvore(pau) agora tõpico 3p.-muito x árvore(pau)

'Antes tinha pouca árvore, agora tem bastante'

vê-se que

ãpa 'antes'

nhumã 'agora'

são itens que, indicando tempo, ocupam a posição inicial das sentenças sem que se possa demonstrar que são, necessariamente, um argumento do verbo . Em (4.3.), abaixo,

(4.3.) mo'ũ rũ tapowaegũ

amanhã tõpico 1p.-pl.-pescar

'Nós vamos pescar amanhã'

mo'ũ 'amanhã'

não é, claramente, um argumento de 'nós-pescar'. Por outro lado, em (4.1.) e (4.2.) estão presentes, respectivamente, argumentos que, precedidos das partículas que começamos a focalizar em 2, podem ser tomados como os argumentos necessários dos verbos em questão. Em outras palavras,

i	nanetũgũ	x	planta-plural
i	nai	x	árvore (pau) 'árvore'
ga	nai	x	árvore (pau) 'árvore'

seriam os argumentos necessários de verbos de existência .

Quanto a

ãpa 'antes'

nhumã 'agora'

mo'ũ 'amanhã'

seriam os tópicos de suas referidas sentenças (4.1.), (4.2.) e (4.3.) -, encontram-se seguidos de uma marca de tópico

rü

A favor da existência de um tópico sentencial em Tikuna marcado através de uma partícula, está o fato de que aparente - mente qualquer argumento pode ocupar a posição inicial na sen - tença e ser seguido da partícula

rü

Isso ocorreu em (4.1.), (4.2.) e (4.3.) e também ocorre em

(4.4.) Dapü rü ya yatü ya powaecü ngema na'ü

Terra Vermelha tópico x homem x pescar-nominalizador dêitico 3p.-ir

Terra Vermelha, o homem que pesca (= o homem pescador) foi lá.
(O homem que pesca foi na Terra Vermelha)

(4.5.) Yatü rü ya powaecü Dapü wa na'ü

homem tópico x pescar-nominalizador Terra Vermelha locativo 3p.-ir

O homem, o que pesca, foi na Terra Vermelha

(O homem que pesca foi na Terra Vermelha)

(4.6.) nhumã rũ ya yatũ ya powaecũ Dapũ wa na'ũ

agora tópico x homem x pescar-nominaliza
dor Terra Vermelha locativo 3p.-ir

'O homem que pesca foi agora na Terra Verme -
lha'

(Agora, o homem que pesca foi na Terra Verme-
lha)

Essa possibilidade de que qualquer argumento seguido de *rũ* venha a ocupar a posição inicial da sentença é característica do tópico. Afinal, como foi dito, entre o tópico e o verbo em uma sentença não existe uma relação de seleção e o próprio papel funcional desempenhado pelo tópico é o de fornecer um quadro de referência ao qual se aplica a predicação.

Algumas observações, no entanto, devem ser feitas com relação aos argumentos que venham a ocupar a posição de tópico em uma sentença. Nessa língua, não há uma situação única, em que um argumento qualquer simplesmente ocupa a posição de tópico - posição não-argumental. Há que se levar em conta o tipo de argumento que está nessa posição e a necessidade da existência ou não de cópia desse argumento dentro da sentença. A esse respeito, pudemos constatar as seguintes situações:

1) na posição de tópico não estão argumentos do verbo (situação comum); não há cópia do sintagma dentro da sentença; exemplos (4.1.), (4.3.) e (4.7.), (4.8.), abaixo:

(4.7.) napa wea wa rũ ipe i
rede velho locativo tõpico ela-dormir x
Luiza

'Luiza dormiu na rede velha'
(Na rede velha, dormiu a Luiza)

(4.8.) wea rũ napa wa ipe i
velho tõpico rede locativo ela-dormir x
Luiza

'Luiza dormiu na rede velha'
(Na velha, na rede dormiu a Luiza)

2) o agente está na posição de tõpico (situação comum) ; não há necessidade de cõpia dentro da sentença:

(4.9.) Maria rũ Elisasi idau
tõpico Elisa-piolho 3p.fem-procurar

'Maria catou piolho da Elisa'
(Maria, catou piolho da Elisa)

(4.10.) airu rũ ãtape nabũ'ũ
cachorro tõpico cobra ele-morder

'O cachorro mordeu a cobra'
(O cachorro, mordeu a cobra)

(4.11.) yatʉ̃ rʉ̃ powae wa na'ũ
homem tõpico pescar locativo 3p.-vir

'O homem foi pescar'
(O homem foi na pesca)

3) argumento na posição de tõpico, sem que esse argumento seja o agente e sem que haja cópia desse argumento dentro da sentença, nem marcação de caso dentro do tõpico; aqui as sentenças podem ser agramaticais ou de gramaticalidade duvidosa:

(4.12.) *Dapʉ̃ rʉ̃ ya yatʉ̃ ya
Terra Vermelha tõpico x homem x

powaecʉ̃ na'ũ
pescar-nominalizador ele-ir

'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
(Terra Vermelha, o homem que pesca foi)

(4.13.) *ãtape rʉ̃ imoʉ̃ i Luiza
cobra tõpico ela-temer x

'Luiza tem medo de cobra'
(Cobra, Luiza tem medo)

(4.14.) ?ãtape rʉ̃ Luiza imoʉ̃
cobra tõpico ela-temer

'Luiza tem medo de cobra'

(Cobra, Luiza tem medo)

4) argumento que não é o agente na posição de tópico; há cópia desse argumento dentro da sentença; nesse caso, não é posta em dúvida a gramaticalidade das sentenças:

(4.15.) Dapũ rũ ya yatũ ya
Terra Vermelha tópico x homem x

powaecũ ngema na'ũ
pescar-nominalizador dêitico ele-ir

'O homem que pesca foi na Terra Vermelha'
(Terra Vermelha, o homem que pesca foi lá)

(4.16.) ya nasi rũ naca' tchadau
x piolho tópico 3p.-por 1p.-procurar

'Eu cato piolho'
(Piolho, eu cato = Piolho, por ele procuro)

5) há dois argumentos na posição de tópico, sendo um deles o agente e o outro o paciente (situação incomum); aqui surge a necessidade da marcação de caso no tópico, pois, do contrário, a sentença resultará ambígua:

(4.17.) Elisa Luiza rũ iyawũpara
tópico ela-coçar-perna

'Elisa coça a perna da Luiza'

ou

'Luiza coça a perna da Elisa

(4.18.) Luiza'ũ Elisa rũ iyawũpara

Luiza-dativo Elisa tópico ela-coçar-perna

'Elisa coça a perna da Luiza'

Uma observação a ser feita é a de que na situação 3, que é a inversa de 4, é possível se ter uma sentença gramatical, mesmo que não haja, dentro da sentença, uma cópia do argumento que ocupa a posição de tópico. Para isso, basta que se utilize a marcação de caso no tópico, como ocorre em

(4.19.) ãtape rũ'ũ imoũ i Luiza

cobra tópico-dativo ela-temer x

'Luiza tem medo de cobra'

(Cobra, Luiza tem medo)

Ainda uma observação a ser feita é aquela referente à situação 2. Quando o agente ocupa a posição de tópico, a posição que fica vazia, isto é, sem cópia, é aquela de sujeito. Com isso, poder-se-ia concluir que em Tikuna o tópico é gerado em dois lugares: há o tópico seguido de uma partícula *rũ* e há o tópico comum da sentença, que seria o sujeito. Como alternativa a essa conclusão está, porém, a possibilidade de que a questão do tópico passe por outros lugares relativos à constituição de S, cabendo uma investigação futura a respeito.

Por fim, uma última observação: o fato de não haver uma situação única, em que um argumento qualquer simplesmente ocupa a posição de tópico não representa um problema para a postulação de um tópico sentencial em Tikuna marcado por uma partícula. Ao contrário, a questão aqui reside na existência de va-

zios estruturais. Ao que parece, o vazio estrutural livremente permitido é aquele na posição de sujeito. Nas outras posições, pode haver restrições e são essas restrições que impedem que um argumento ocupe pura e simplesmente a posição de tópico. Esse fato cria uma diferença básica, do ponto de vista sintático, entre o tópico e o sintagma posposto ao verbo. Pelo que vimos, com relação a esse último está presente a possibilidade de constituição de uma cadeia não-argumental - que permite a recuperação de uma função sintática nos limites entre a sintaxe e a semântica - e a possibilidade de identificação, no nível sintático, do complemento verbal, dada a existência de um processo de indexação entre um elemento verbal e o sintagma posposto. Aqui, tanto em termos da constituição de uma cadeia nas fronteiras da sintaxe quanto em termos da existência de um processo de indexação no nível sintático, há que se levar em conta as partículas que focalizamos. Falando delas novamente, mas agora de uma maneira - queremos crer - mais generalizante, diremos que elas propiciam um "olhar para trás", olhar esse que necessariamente percorre as posições e os elementos que pertencem à sentença e permite o estabelecimento de uma ponte entre essas posições e elementos e a posição não-argumental ocupada pelo sintagma posposto. Quanto ao tópico, ele é fornecedor de um quadro ao qual se aplica a predicação e, sintaticamente, ele é uma fonte de revelação daquilo que pode ser vazio estrutural na língua.

A título de apêndice a esta seção, vamos acrescentar algumas considerações discursivas que envolvem o tópico e o sintagma posposto ao verbo. Tais considerações têm como ponto de par

tida o recurso à utilização de cenários para a explicitação de funções pragmáticas desempenhadas por sintagmas deslocados à esquerda e à direita, recurso já utilizado por Ilari e Franchi (1984)

No caso Tikuna, o sintagma nominal à esquerda de *rü* é um tópico e é possível construir cenários em que se pode constatar que o tópico veicula informação implicada ou evocada do contexto precedente e que há aplicação do comentário apenas ao tópico e não a um outro referente, sendo o tópico particularmente utilizado em contextos de oposição. Essas são características já depreendidas para o tópico em outras línguas e, nesse ponto, o Tikuna não constituiria uma exceção, como se pode verificar pelos exemplos que se seguem:

(4.20.) F1: Arnaldo nguegu ni'ũ
depressa 3p-ir

'Arnaldo está andando depressa'

F2: Nguegu Arnaldo rü ta nipa
depressa tópico não-agora 3p-cansar

'Depressa, Arnaldo, vai-se cansar logo'

(4.21.) Ticuna rü tomacü napowae
tópico 'várias maneiras' 3p-pescar

Yuta rü arpão ma'ã natchu'u
surubim tópico com 3p-flechar

caweya tchutchi ma'ã natchu'u
curimatã zagaia com 3p-flechar

'Tikuna pesca de várias maneiras. Surubim, Tikuna pesca com arpão. Curimatã, Tikuna pesca com flecha'

(4.22.) F1: Cuma rũ cutauẽ tchautchagũ,
2p. tópico 2p-perder 1p-colar
tama nũ'ũ cucua'ũ
negação 3p-dativo 2p-saber-nominalizador
nama'ã cuuũta
3p-com cuidado

'Você perdeu meu colar. Você não tem cuidado com as coisas'

F2: Tchama rũ bai nũ'ũ tchacua'ũ
1p. tópico nem 3p-dativo 1p.-saber-nominalizador
i cutchagũ
x 2p-colar

'Eu?! Eu nem vi teu colar!
(Eu?! Eu nem sei do teu colar!)

(4.23.) F1: Cuma nũ'ũ cucua' Maria rũ
2p. 3p-dativo 2p-saber tõpico
napagu weagu nape ?
3p-rede-locativo velho-locativo 3p-dormir

'Você acha que Maria dorme na rede velha?'

F2: Weagu rũ napagu
velho-locativo tõpico 3p-rede-locativo
tama nape i Maria
negação 3p-dormir x

'Na velha, na rede velha, Maria não dorme'

A construção de cenários coloca, porém, alguns problemas que dificilmente se resolvem no nível dos próprios cenários. Por exemplo, considerando apenas os cenários que construímos, não temos condições de explicar por que enunciados aparentemente bons do ponto de vista pragmático são recusados quando neles é inserido um tõpico. Por exemplo:

(4.24.) F1: Pemagũ ipipowae Sacãbu
2p-pl aspecto-2p.pl-pescar Sacambu
wa rũ Denetũ wa
locativo e Tacana locativo

'Vocês foram pescar no Sacam-

bu e no Tacana?'

F2: *Denetɨ̃* *wa* rica tcha'ũ
Tacana locativo sõ 1p-ir

'Sõ fui *no Tacana*'

**Denetɨ̃* *wa* *rɨ̃* nawa
Tacana locativo tõpico 3p-locativo
tcha'ũ

'Fui *no Tacana*'

A situação se torna um pouco mais complicada ao se contrapor o exemplo acima ao que se segue, o qual, em cenário semelhante, foi aceito :

(4.25.) F1: Tacũma'ã pipowaegũ arpão ma'ã
que-com 2p-pl-pescar-plural com
rũ tchautchi ma'ã
zagaia com

'Vocês pescam com arpão e flecha?'

F2: *Tchautchi* *ma'ã* rica tchapowae
zagaia com sõ 1p-pescar

'*Com flecha*, eu pesco'

Tchutchi *ma'ã* *nũ* nama'ã rica

zagaia com tõpico 3p-com sõ

tchapowae

1p-pescar

'*Com* flecha, eu pesco'

Ao lado da impossibilidade de se explicar a aceitação ou não do aparecimento do tõpico em cenários aparentemente do mesmo tipo, outra dificuldade surge, quando se considera a colocação de sintagmas pospostos ao verbo. A partir da criação de contextos em que se tem a exclusão de qualquer outro referente, o falante pode optar por um tipo de construção em que se tem o SN objeto ou "sujeito" posposto ao verbo e precedido de uma das partículas anteriormente abordadas, como se pode ver pelos exemplos abaixo:

(4.26.) F1: Te'e ta na'ũtanũ ya

quem não-agora 3p-fazer-preço x

daugũ ?

camisa-plural

'Quem vai pagar as camisas?'

F2: Daugũ na'ũtanũ ya pai

camisa-plural 3p-fazer-preço x padre

ricatama

'sõ'

'As camisas quem paga é o padre'

(4.27.) F1: Tchama ta meũgu tcharü'inü
1p. não-agora bem 1p-pensar
ngutaqueeca'
reunir-por

'Estou ficando preocupado com a reunião'

F2: Ngutaqueeca' tcharü'inü i tchama
reunir-por 1p-pensar x 1p.

'Com a reunião me preocupo eu'

Fato importante a ser ressaltado aqui é que esse último tipo de construção pode representar uma alternativa à construção com tópico, como comprovam (4.28.) e (4.29.):

(4.28.) F1: aicuma rü ta naũatchi
tópico não-agora 3p-ir-pouco
(valor intensivo)
muturu ʻOta wa na'ũ ?
motor Tabatinga locativo 3p-ir

'É verdade que o barco vai sair para Tabatinga?'

F2: Ngũ, *Arnaldo* rü nini'u
sim tópico 'ele o contou'

'Vai. Foi Arnaldo que disse isso'

(4.29.) F1: Aicuma rũ ta na'ũatchi
verdade tópico não-agora 3p-ir-pouco
(valor intensivo)

muturu Ota wa na'ũ
motor Tabatinga locativo 3p-ir

'É verdade que o barco vai sair para Tabatinga?'

F2: Nɋ̃ , nini'u *ya Arnaldo*
sim 'ele o contou' x

'Vai. Foi Arnaldo que disse isso'

Vemos que a utilização de cenários em que aparecem um tópico e um sintagma posposto ao verbo aponta, ao mesmo tempo, para uma divergência e uma superposição parcial entre os dois tipos de construção. Acreditamos que a captação na especificidade no uso de ambos em Tikuna é algo que deve ser alcançado indo-se além do nível dos próprios cenários, isto é, indo-se além do acúmulo gradual de fatos distribucionais sobre ambos.

5 - Sentenças Encaixadas

Nas sentenças encaixadas não se tem uma situação muito diferente daquela encontrada em orações independentes.

Nelas pode aparecer o tópico, depois de um complementizador:

(1.1.) Peduru rü natayaũtchi natürü
tópico 3p-ter fome-intensificador então

tama natchibü erü ona rü
negação 3p-comer porque comida tópico

nata?uma
3p-não existir

'Pedro está com fome, mas não come porque não tem comida'

Nelas é igualmente possível não só encontrar o objeto antes do verbo, mas também à direita do verbo, manifestando essas modificações idênticas àquelas exibidas na ordem SVO em orações independentes (cf. 2):

(1.2.) Luiza rü ngigü iogü erü
tópico 3p-reflexivo 3p-fem-vomitar porque

ãurüma tchawütchí'ü ĩyaa'ü
muito milho-líquido 3p-fem-beber

'Luiza vomitou porque bebeu muita chicha'

(1.3.) Rita *inawae* [*na*

3p-fem-objeto-querer conectivo

interno

kuna'ʉ̃ʉ̃ [*i* *wʉ'i* *pacara*

2p-objeto-fazer-nominalizador x um cesta

interno

nʉ'ʉ̃]]

3p-dativo

'Rita quer que você faça uma cesta para ele'

Nas encaixadas, também o argumento externo do verbo pode-se encontrar posposto ao verbo:

(1.4.) nayema ga reunião ga Vendaval wa ga

3p-dêitico x locativo x

yeguma *marʉ* *dinheru'ʉ̃* *nayaugu*

dêitico já -dativo 3p-pegar-locativo

(naquele

tempo;

quando)

ga *Peduru* *ga* *Benjamim* *wa*

x locativo

'Teve reunião em Vendaval, depois que Pedro pegou dinheiro em Benjamin Constant'

O fato de repetir-se, nas encaixadas, a situação encontrada em orações independentes mostra que, nas sentenças declarativas, se de um lado se tem uma flexibilidade em termos de ordem

de palavra, por outro lado essa flexibilidade vem acompanhada de modificações, quer em termos da relação do verbo com seus argumentos quer em termos de caso (ordens SVO e OVS). Resta agora verificar se essas modificações estão ou não relacionadas a regras de movimento.

DA EXTRAÇÃO DE FRASES NOMINAIS

Ao tratarmos da ordem SVO, afirmamos que a posição à direita do verbo não é em si uma posição que dê visibilidade a um argumento. Afirmamos também que a visibilidade de um argumento situado à direita do verbo passa pela existência das partículas i, ya, a, ga - partículas que, não se fazendo presentes apenas na ordem SVO, caracterizam a adjunção e permitem, por possuirem uma face subordinadora, a recuperação de uma dada relação sintática. Um argumento em adjunção está apto a entrar, por meio de uma das partículas mencionadas, em relação com um elemento da sentença. Na ordem SVO, pode haver um clítico, que transmite o Caso objetivo à frase nominal objeto através de uma cadeia que é compatível com a existência da partícula que precede o argumento em adjunção. Não havendo clítico, o argumento em adjunção poderá ser identificado se se recorre a uma das análises aqui apresentadas para a noção 'objeto' interno à forma verbal. Em relação à ordem OVS, a colocação do que seria a frase nominal sujeito à direita do verbo coincide com a utilização de uma marca morfológica na frase nominal objeto. Aqui a identificação do argumento posposto é obtida indiretamente. O verbo não traz consigo qualquer elemento que possa transmitir ao argumento posposto o Caso objetivo. Na realidade, não há qualquer transmissão de Caso ao sintagma posposto. Por outro lado, a partícula que o precede pode colocá-lo em relação com um elemento da sentença, relação que, entretanto, acaba não ocorrendo, porque não há, dentro da sentença, um elemento que esteja apto a entrar em relação com o sintagma adjungido. Diante disso, esse acaba sendo identificado por exclusão: marca-se casualmente o argumen-

preposto ao verbo e, marcado o objeto, identifica-se o argumento posposto.

A necessidade de utilizar, nas ordens SVO e OVS os recursos mencionados - presença do clítico, modificação na forma do verbo (SVO); marcação necessária de caso na frase nominal objeto (OVS) - é um indicativo de que o Caso objetivo não está sendo atribuído estruturalmente. A esse indicativo soma-se a presença de uma das partículas i, ya, a, ga, que possuem uma ce subordinadora. Em face disso, podemos manter o que vimos propondo, isto é, podemos manter a proposta de que, tanto na ordem SVO como na ordem OVS, o que se tem é um nódulo que, situado fora do SV, está no nível de S. De acordo com essa proposta, as ordens SVO e OVS poderiam ser ordens derivadas, com um nódulo adjungido a S. Para tornar válida essa proposta, é necessário, primeiramente, provar que tanto o objeto nominal quanto o sujeito nominal são extraídos de sua posição de origem, indo ocupar o nódulo adjungido a S. Na tentantiva de verificar se essa extração existe em Tikuna, abordaremos construções que habitualmente são tomadas como construções-teste para a verificação de movimento de frases nominais: as orações relativas e construções com movimento wh-.

1 - Orações Relativas

Em Tikuna, na construção correspondente ao que em português é uma oração relativa está presente, na maioria das vezes, um morfema nominalizador sufixado a uma forma verbal. A forma resultante desse processo de formação de palavra pode, em razão da existência do próprio processo, funcionar como um argumento. Por exemplo, tem-se em Tikuna

(1.1.) nipowae 3p-pescar 'ele pesca'

(1.2.) nangõ' 3p-comer 'ele come'

(1.3.) nima' 3p-matar 'ele mata'

mas, ao se dizer 'que pesca', 'que come', 'que mata', aparecem as formas

(1.4.) powaecü pescar-nominalizador
'pescador'

(1.5.) ngõcü comer-nominalizador
'comedor'

(1.6.) macü matar-nominalizador
'matador'

que são precedidas de uma das partículas focalizadas em 2. Assim:

(1.7.) ya yatü ya powaecü

x homem x pescar-nominalizador

'o homem que pesca'

(= o homem pescador)

(1.8.) ga tcho'ũ ngõcũ

x 1p-dativo comer-nominalizador

'que me mordeu'

(= mordedor de mim)

(1.9.) ya yima ãtape ya macũ

x dêitico cobra x matar-nominalizador

'que matou aquela cobra'

(= matador daquela cobra)

Na realidade, a "oração relativa" em Tikuna é uma construção nominal caracterizada pela presença de uma partícula e de um morfema nominalizador. O fato de ser essa uma construção duplamente caracterizada permite que uma dessas características - o morfema nominalizador - seja algumas vezes dispensada, dado o seu caráter redundante. Por exemplo:

(1.10.) yatũ ya nũ'ũ tchadaucũ i

homem x 3p-dativo 1p-ver-nominalizador x

ine rũ nifene

ontem tópico 3p-caçar

'o homem que eu vi ontem'

(1.11.) yatũ ya nũ'ũ tchadau i ine rũ
homem x 3p-dativo 1p-ver x ontem tópico

nifene
3p-caçar

'o homem que eu vi ontem foi caçar'

Essa mesma construção funciona como um modificador de uma frase nominal, o que pode ser visto no exemplo (1.10.),parcialmente analisado em (1.12.):

(1.12.) $[[_{\overline{SN}}\ [_{SN}$ yatũ$]\ [_{S}$ ya nũ'ũ tchadaucũ i ine$]$
rũ$]\ [_{S}\ \emptyset\ [_{SV}$ nifene$]]]$

De acordo com essa análise, a frase nominal que é modificada c- comanda a construção que a modifica, a qual, por sua vez, é c- subjacente à frase nominal que lhe serve de antecedente. Estão presentes aqui, pois, as condições que, segundo Williams (1980), permitem a co-indexação de um predicado a um SN, após a derivação de uma estrutura S. Desse modo, ter-se-ia a aplicação de uma regra de predicação em (1.12.), o que nos daria:

(1.13.) $[_{\overline{SN}}\ [_{SN_i}$ yatũ$]\ [_{S_i}$ ya nũ'ũ tchadaucũ i ine$]$
rũ$]$

No que diz respeito à estrutura interna dessa construção nominal, que corresponde a uma oração relativa em portu -

guês, nela pode estar presente um clítico co-indexado a um vazio. Se representarmos o vazio, governado pelo clítico, à direita da forma nominalizada estaremos apenas mantendo uma simetria com relação ao que determinamos na ordem SVO; nessa, em sentenças declarativas, o clítico aparece quando a frase nominal complemento, que a ele está co-indexada, se encontra à direita do verbo. Se representarmos o vazio à esquerda da forma nominalizada, estaremos admitindo que, não havendo razão para deslocá-lo para a direita nas construções consideradas, seu lugar coincide com a posição de sintagma nominal à esquerda de V. Ficaremos com essa última alternativa, admitindo que o vazio é governado pelo clítico; assim:

(1.14.) $[_{\overline{SN}}\ [_{SN}$ yatũ$]\ [_{S}$ ya $\emptyset_i$ nũ'ũ$_i$ tchadaucũ i ine$]$ rũ$]$

Segundo Borer (1981:155/1984:120), diríamos que o clítico, co-indexado a um vazio, passa a constituir, juntamente com esse vazio, um pronome descontínuo que, como tal, é livre para procurar seu antecedente. A estrutura interna das "orações relativas" em Tikuna não nos permite, portanto, falar em extração de frase nominal. E a isso se adiciona o fato de as "orações relativas" serem construções nominais: enquanto tal, são caracterizadas pela presença de uma partícula e de um morfema nominalizador, nelas não havendo um nódulo COMP. Sem COMP, não há um nódulo para o qual possa ser movida uma frase nominal dentro dessas construções, o que está de acordo com a impossibilidade de nelas se poder falar em extração.

Nas "orações relativas" em Tikuna há, de acordo com o que vimos, uma relação entre modificador e modificado. E essa relação, porque há condições para isso, foi vista como predicação. Vimos também que a frase nominal que desempenha a função de modificador é precedida de uma das partículas que focalizamos em 2., na primeira parte deste trabalho. Em 2., dissemos que tais partículas possuem uma face subordinadora, à qual se juntam propriedades de indexação e de visibilidade . Vamos chamá-las a partir de agora de partículas índice.

A presença das partículas índice, dentro do sintagma nominal, não se restringe ao que seriam "orações relativas". Nós já as vimos quando consideramos a relação nome-genitivo, e elas também se fazem presentes quando existe, no sintagma nominal, um nome que funciona como quantificador:

(1.15.) *wü'i ga* nguneẽ̈
um x dia
'um dia'

(1.16.) ... Ticunagü ari wü'i
Ticuna=plural de um
'o um (a unicidade) dos Ticuna'

(1.17.) yima *tamaepü ya* yatügü *i*
dêitico três x homem-plural x
tchoũgü
branco-plural

'aqueles (previamente referidos) três homens brancos'

(1.18.) *yima *tamaepü* yatügü *i* tchoũgü

'aqueles (previamente referidos) três homens brancos'

(1.19.) *yima *ya* *tamaepü* *ya* yatügü *i* tchoũgü

'aqueles (previamente referidos) três homens brancos'

(1.20.) *yima *tamaepü* *ya* yatügü tchoũgü

'aqueles (previamente referidos) três homens brancos'

(1.21.) gucüma *tamaepü* *ya* yatügü *i*
dêitico três x homem-plural x
tchoũgü
branco-plural

'todos aqueles três homens brancos'

Pelos dados acima, vê-se que, afora o dêitico (em posição de determinante), os demais integrantes do sintagma nominal dependem da existência de uma partícula índice para que possa haver entre eles alguma relação sintática. No sintagma nominal não há uma estrutura configuracional pela qual se

possa identificar a projeção de uma categoria lexical. No sintagma nominal há nomes, e a relação entre esses nomes é dependente da posposição *arũ* 'de' e das partículas índice. As partículas índice permitem, através da indexação, o estabelecimento de uma hierarquia entre nomes continuamente dispostos, como em

(1.22.) $[_{SN_i}$ [yatũgũ] $[_{S_i}$ i tchoũgũ]]

homem-plural x branco-plural

'homens brancos'

(1.23.) $\overline{\overline{SN}}$ [[tamaepũ] $[_{\overline{SN}_i}$ ya yatũgũ i tchoũgũ]]
Q_i

As mesmas partículas permitem a indexação e, conseqüentemente, o estabelecimento de uma predicação entre termos de um sintagma nominal descontínuo:

(1.24.) Grasira $[_{SN_i}$ pacũ] na ina'a i ona $[_{S_i}$ *ga*
ine recreio gu inguclũ]

Gracila moça para 3p.fem x comida x ontem recreio locativo 3p.fem -chegar-nominalizador

'Gracila deu comida para a moça que chegou ontem no recreio'

E, finalmente, a propriedade de indexação exibida pelas

partículas índice pode levar a uma reflexão sobre a necessidade de se estipular o c- comando e a c- subjacência para que haja, em Tikuna, uma relação de predicação tal como essa foi aqui colocada para as "orações relativas".

2. MOVIMENTO WH-

2.1. Das construções que aparentemente envolvem movimento wh- em Tikuna, temos os seguintes tipos de exemplos, todos de questões:

(2.1.) *Tacü i Peduru naca' ɓenẽü?*

Que x Pedro 3ª. pessoa - por
caçar - sufixo nominalizador

'O que Pedro caçou?'

(2.2.) *Ta'cü i nü'ẽ quiu'ẽ i cuma?*

Que x 3ª. pessoa - dativo
2ª. pessoa - contar - sufixo nominalizador
x 2ª. pes. sg

'O que você está dizendo?'

(2.3.) *Te'e ta nangai i cutchiru?*

Quem não-agora 3ª. pessoa -
costurar x 2ª. pes. sg -
roupa

'Quem costurou o teu vestido?'

(2.4.) *Te'e ya ngema ngu'e*

Quem x dêitico chegar -
sufixo nominalizador

'Quem chegou aí?'

(2.5.) *Te'e nɯ'ɯ̃ nadau ya Peduru?*

Quem 3ª. pessoa - dativo 3ª. pes - ver
x Pedro

'Quem que Pedro viu?'

(2.6.) *Te'e'ɯ̃ nɯ'ɯ̃ nadau ya Peduru?*

Quem - dativo 3ª. pes - dativo
3ª. pes - ver x Pedro

'Quem que Pedro viu?'

(2.7.) *Ta'cɯ Peduru nɯ'ɯ̃ dauɯ̃?*

Que Pedro 3ª. pes - dativo
ver - sufixo nominalizador

'O que que Pedro viu?'

(2.8.) *Ta'cɯ'ɯ̃ Peduru nɯ'ɯ̃ dauɯ̃?*

Que - dativo Pedro 3ª. pes - dativo
ver - sufixo nominalizador

'O que que Pedro viu?'

(2.9.) *Te'e nɯ'ɯ̃ dauɯ̃ ya Peduru nayɯ'ɯ?*

Quem 3ª. pes - dativo ver - sufixo nomina
lizador x Pedro 3ª. pes - dançar

'Quem que Pedro viu dançar?'

Pelos exemplos acima, pode-se constatar que há em Tikuna dois itens wh- que se distinguem apenas em termos semânticos: *te'e* se refere ao que é [+ humano] e *ta'cll*, ao que é [- humano]. Uma outra constatação a ser feita é a de que, em questões wh-, podem ser suspensas as modificações que acompanham, nas sentenças declarativas, a colocação de determinadas frases nominais à direita do verbo; ver, a propósito, o exemplo (2.3.), no qual não se tem a noção 'objeto' interna à forma verbal nem a presença de um clítico à esquerda do verbo acompanhando a colocação da frase nominal objeto à direita do verbo. Além disso, é comum em questões, o aparecimento de partículas índice seguindo-se aos itens wh- - como se pode ver em (2.1.), (2.2.) e (2.4.) -, assim como é comum serem dispensados os marcadores de pessoa subjetivos - exemplos (2.1.), (2.4.), (2.7.), (2.8.) e (2.9.) (as formas em que esses marcadores não aparecem se encontram sublinhadas). Também é comum o aparecimento de sufixos nominalizadores nessas construções - exemplos (2.1.), (2.2.) (2.4.), (2.7.), (2.8.), (2.9.).

Podemos tentar aqui relacionar o conjunto de características que acabamos de apontar à questão da suspensão das modificações que deveriam acompanhar determinadas ordens de palavra bem como à das outras alterações mencionadas.

2.2. Comecemos pela dispensa no uso de marcadores subjetivos. Algumas das sentenças acima podem ser cotejadas com as seguintes, que a elas correspondem:

(2.10.) * *Ta'cll i Peduru naca' nißenell*

Que x Pedro 3ª pes - por

(2.11.) * *Ta'cu i nũ'ĩ u'ĩ i cuma?*

Que x 3ª. pes - dativo

contar - sufixo nominalizador x 2ª. pes sg

'O que você está dizendo?'

(2.12.) * *Te'e ya ngema ngu?*

Quem x dêitico chegar

'Quem chegou aí?'

(2.13.) *Te'e ngema inangu?*

Quem dêitico aspecto continuativo - 3ª. pes - chegar

'Quem chegou aí?'

(2.14.) *Te'e nũ'ĩ dauĩ ya Peduru?*

Quem 3ª. pes - dativo ver - sufixo nominalizador x Pedro

'Quem foi que Pedro viu?'

(2.15.) ? *Te'e'ĩ i nũ'ĩ nadauĩ ya Peduru*$_{i}$*?*
$_{j}$

Quem - dativo x 3p - dativo

3p - ver - nominalizador x Pedro

'Quem foi que Pedro viu?'

'Quem foi que foi ver o Pedro?'

(2.16.) *Ta'cɯ Peduru nu'ɯ̃ nadau?*

Que Pedro 3ª pes - dativo

3ª pes - ver

'Que foi que Pedro viu?'

(2.17.) *Ta'cɯ'ɯ̃ Peduru nɯ'ɯ̃ nadau?*

Que - dativo Pedro 3ª pes - dativo

3ª pes - ver

'O que que Pedro está vendo?'

Os exemplos acrescentados permitem verificar que nem sempre a presença do sufixo nominalizador é compatível com a existên - cia de um marcador de pessoa subjetivo (cf. (2.1.)/(2.10.), (2. 6.)/(2.15.)), mais especificamente com um marcador subjetivo de 3ª pessoa. Com um marcador subjetivo de 2ª pessoa, ao contrário, o sufixo nominalizador pode coexistir (ex. (2.2.)). O marcador subjetivo de 2ª pessoa não pode inclusive ser dispensado quando está em jogo o processo de derivação em que se tem a junção de um sufixo nominalizador a uma forma verbal (cf. (2.11.).

A dispensa do marcador subjetivo de 3ª pessoa ao ser acrescentado um sufixo nominalizador à forma verbal aponta, a partir do que estamos vendo, para dois fatos importantes.

O primeiro desses fatos diz respeito ao tratamento diferenciado dos marcadores de pessoa subjetivos que integram as formas verbais na condição de prefixos. A 3ª pessoa é omitida e a 2ª pessoa não o é, caso o verbo receba um sufixo nominalizador, o que revela haver aqui uma distinção entre os marcadores de pes-

soa, distinção em que a 2ª pessoa, na medida em que não pode ser dispensada, tem prioridade sobre a 3ª pessoa.

A ausência do marcador subjetivo de 3ª pessoa em nominalizações a partir de formas verbais não está, em Tikuna, restrita a questões wh-, como se pode ver em

(2.18.) *Nhaã i duɨ̈'ɨ̈gɨ̈ i wɨ̈'ɨwa puracɨ̈eɨ̈*

dêitico x pessoa-plural x um-
locativo trabalhar - plural - sufixo nominalizador

'Esse povo em um o trabalharem'
(='Esse povo trabalha unido')

(2.19.) *...tama name na nɨ̈'ɨ̈̃ rɨ̈o'ɨ̈̃ i torɨ̈ tacɨ̈ma*

negação 3ª pes - bom conectivo
3ª pes - dativo deixar - sufixo nominalizador x nosso costume

'Não é bom que haja o afastamento dele, do nosso costume'
(='Não é bom deixá-lo, o nosso costume')

sentenças nas quais, ao invés de serem encontradas, respectivamente, as formas

na -	*puracɨ̈* -	*e* -	*ɨ̈*
3ª pes	trabalhar	plural	nominalizador

na -	*rɨ̈o* -	*'ɨ̈̃*
3ª pes	deixar	nominalizador

correspondentes a

na - puracũ - e 'eles trabalham'

na - rũo 'ele deixou'

o que se tem são nominalizações em que a 3ª. pessoa é omitida.

Entre a ausência do marcador subjetivo de 3ª. pessoa em outras constrições em Tikuna que não questões wh- e a possível existência de um desnivelamento entre os marcadores de pessoa (no qual a segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira), há ainda espaço para a ocorrência, na língua, de construções que, resultantes de nominalizações, apresentam sem qualquer problema a 3ª. pessoa. Exemplos dessa ocorrência estão em:

(2.20.) ...*tũ'ĩ nange ya purure na tũma ma'ã na de'ne inato'ũca*

3ª. pes - dativo conectivo cana

3ª. pes - levar x enxada ela com conectivo aspecto contínuo - 3ª. pessoa - plantar - sufixo nominalizador finalidade

'ele a levava, a enxada, para com ela plantar cana'

(2.21.) *Rita ngite na ica na na'ũũca i pacara cu'ũ*

Rita 3ª. pes fem - marido para 3ª. pes fem - chamar conectivo 3ª. p - fazer - nominalizador finalidade

pacará 2ª. pessoa - dativo

Nesses exemplos, a

inato 'ele planta'

na'll 'ele fez'

foram acrescentados, respectivamente, o sufixo nominalizador *'l̃* e o sufixo *ca* 'causa/finalidade' . E, da mesma maneira, que em exemplos do último tipo a 3ª. pessoa está presente, ela neles também pode ser omitida, como acontece em

(2.22.)... *na gul̃tama i nhure i ticunagll i yaul̃ca...*

conectivo todos x quanto x Ticuna -

plural x pegar - nominalizador causa/finalidade

'para pegar todos os Ticuna'

A presença/ausência do marcador subjetivo de 3ª. pessoa em construções que envolvem processos de nominalização pode se constituir em um critério para o estabelecimento de distinções dentro do grupo maior formado por essas construções. Mais do que isso, porém, a ausência do marcador subjetivo de 3ª. pessoa nas construções que aparentemente envolvem movimento wh- e que exibem nominalização, nos leva ao segundo fato que consideramos importante: o da relação mesma entre a presença/ausência do marcador subjetivo de 3ª. pessoa e a nominalização a partir de verbos.

Em questões wh-, como já dissemos, o prefixo de 3ª. pessoa tende a não permanecer quando a uma base é acrescentado um sufixo nominalizador. Mais do que isso, há uma busca de complementaridade entre o prefixo e o sufixo focalizados: em (2.12.), a

base desprovida do prefixo e do sufixo torna a sentença agramatical; em (2.13.), (2.16.) e (2.17.), a base com o prefixo e sem o sufixo não cria problemas de gramaticalidade para as sentenças, o mesmo acontecendo em (2.4.), onde se tem a base com o sufixo nominalizador mas sem o prefixo de 3ª. pessoa. A razão para uma tal complementaridade pode ser vislumbrada através da observação de sentenças como (2.5.), (2.14.) e (2.6.), (2.15.).

Em sentenças como essas, ou se tem o ato verbal como processo e a conseqüente necessidade de marcar no verbo o agente ou o experienciador específico desse processo por meio de um prefixo ((2.5.) e (2.6.)) ou se tem o ato verbal visto como resultado. Nesse último caso, o ato verbal pode ser considerado independentemente de um agente ou experienciador específico, sem necessidade de expressão de um prefixo de 3ª. pessoa (2.14.). Se, ainda nesse caso, o prefixo de 3ª. pessoa estiver marcado, estará criado um problema em termos da referência que poderá ter esse marcador, e a sentença será de aceitação duvidosa .

Quanto a sentenças como (2.1.), (2.7.) e (2.10.), que são iniciadas por palavra wh- referente ao que é - humano , a questão de ato verbal visto como processo ou resultado se recoloca (todos os exemplos que possuimos são de formas nominalizadas) e qualquer menção feita à presença de um marcador de 3ª. pessoa não pode ser categórica, apesar da agramaticalidade exibida por (2.10.) .

Fora do âmbito de questões wh-, as nominalizações a partir de verbos também podem encerrar a referência ao ato verbal sem a exigência de vinculá-lo a um agente/experienciador específico. Por exemplo, em (2.18.) tem-se um caso de predicação (cf.1) ,

e não há nenhuma necessidade de fazer constar, na forma nominalizada, o prefixo de 3ª. pessoa que indicaria um agente específico. Já (2.19.) integra um texto no qual se fala da festa de pelação, costume que não seria bom que os Ticuna, de modo geral, deixassem. O autor do texto opta pela forma nominalizada para fazer referência ao significado básico do que seria deixar, não o relacionando, a um experienciador específico:

(2.17.) *yũ'ũ rũ wũ'i i peta... rũ tama*

festa de pelação tópico um x festa e negação

name na nũ'ĩ rũo'ũ

3p-bom conectivo 3p-dativo deixar-nominalizador

i to'rũ tacũma

x nosso costume

'Pelação, é uma festa... e não é bom deixá-lo, nosso costume'

Quando, no entanto, no mesmo texto, o autor menciona o fato de alguns Ticuna não realizarem mais a festa da pelação, ele o faz de modo a remeter quem recebe o texto a determinados Ticuna e, nesse ponto, a sua opção é pela forma verbal referente a "deixar", forma na qual não é evitado o prefixo de 3ª. pessoa:

(2.27.) *nũmaĩ i Ticuna rũ marũ tama nanaũ ...*

nũ'ũ narũo i ngema nacũma

alguns x Ticuna tópico já negação 3ª. pes-
objeto interno - fazer 3ª. pes - dativo

3ª pessoa - deixar x dêitico costume

'Alguns Ticuna, já não a fazem... eles o deixam, aquele costume'

No que diz respeito a (2.22.), a situação não é diferente. A construção apresentada faz parte de um trecho que, na íntegra, é o seguinte:

(2.22.) *nhumã naca'* *tchangema*
agora 3ª pes-por eu-convidar, chamar

i yatʉgʉ *i aegacʉgʉ* *i coroneugʉ*
x homem-plural x governo-plural x coronel-plural

rʉ gũma i tchuraragʉca ta
todos x soldado-plural tempo não-presente por

tchangema *na* *gũtama* *i*
eu-convidar, chamar conectivo todos x

nhure i Ticunagʉ *i yaũca*
quanto x Ticuna-plural x pegar-nominalizador finalidade

'... agora por eles eu chamo, os governadores dos homens, coronéis e todos os soldados eu vou chamar para pegar todos os Ticuna'

No trecho em questão, as instâncias a que irá recorrer o detentor do discurso, na ameaça que profere, situam-se no nível do

governo, sendo vistos como seus representantes na área, no momento da enunciação, coronéis e soldados. Quem dentre os representantes do governo irá pegar os Ticunas não é relevante. Tal ato, ao deixar de ser visto como processo, é o que é relevante, não importando exatamente quem irá realizá-lo, se coronéis, se soldados. E isso leva à dispensa do marcador subjetivo de 3ª pessoa, que, se estivesse presente, revelaria a existência de um agente específico relacionado ao ato de pegar. Já em (2.20.) o que se tem é uma situação inversa, em que na forma nominalizada referente ao ato de pegar o marcador subjetivo de 3ª pessoa se faz presente. A razão para a sua presença é revelada pelo texto de que (2.20.) é uma parte: nele o conjunto de enunciados é dirigido a um ator de nome Paulo:

(2.20.)

Naye'ma	*wu'i*	*ya*	*yatu*	*ga*	*naega*
3ª pes-existir	um	x	homem	x	3ª pes-nome

ya	*Pauru.*	*Ru*	*gucu*	*ya*	*taunecu*	*gu*
x	Paulo	e	todo	x	ano	locativo

ru	*nanato'*	*ya*	*de'ne...*
tópico	3ª pes-objeto interno-plantar	x	cana

Ru	*naãtu*	*gu*	*tu'ũ*	*naunacogũru*
e	3ª pes-ombro	locativo	3ª pes-dativo	3ª pes-colocar no alto

ru	*naane*	*wa*	*tu'ũ*
	3ª pes-roça	locativo	3ª pes-dativo

nange	*ya*	*purure*	*na*	*tüma*	*ma'ã*
3ª pes-levar	x	enxada	conectivo	ela	com

na	*de'ne*	*ínato'ũca*
conectivo	cana	aspecto contínuo - 3ª pessoa-plantar-sufixo nominalizador finalidade

'Existia um homem cujo nome era Paulo. E todo ano, ele a plantava, a cana... E no ombro ele a colocava no alto e para a roça ele a levava, a enxada, para com ela ele plantar cana.'

Todo o texto gira em torno de um determinado personagem e da relação deste com a cana. As ações referidas no texto dizem respeito a esse personagem, que delas participa na condição de agente. Na construção que envolve nominalização

ínato'ũca

aspecto contínuo - 3ª pessoa - plantar - sufixo nominalizador finalidade

'para ele plantar'

(=para a plantação dele)

não é de se estranhar, portanto, que esteja presente o marcador subjetivo de 3ª pessoa.

A menção a uma motivação semântica como determinante de uma característica do processo de nominalização em Tikuna não soa aqui como algo deslocado. Ela se sustenta nos textos produzidos e, para ela, não foi encontrada um outro tipo de motivação. Nem mesmo uma motivação que pudesse estar ancorada exclu-

sivamente na sintaxe, como bem o demonstram os enunciados abaixo, nos quais, a partir de razões sintáticas, não é possível fazer qualquer previsão sobre a presença/ausência do marcador em questão:

(2.24.) *Ngema dautchita wa na$_i$nango' i ori na na$_i$poraẽca rẽ na$_i$aũca*

dêitico centro locativo 3ª. pessoa$_i$ - objeto interno - comer x fruta conectivo 3ª. pessoa$_i$ - forte - sufixo nominalizador finalidade e 3ª. pessoa - grande finalidade

'Lá no centro ele$_i$ o macaco barrigudo ele as come, as frutas, para ele$_i$ ficar forte e grande'

(2.25.) *Rita rẽ ngiacẽ i$_i$mõ na de'a wa na$_j$'ũẽca tatẽ wa*

Rita tópico 3ª. pes. feminino$_i$ - filha 3ª. pes.fem.$_j$ - mandar conectivo água locativo 3ª. pessoa$_j$ - ir - sufixo nominalizador - finalidade rio locativo

'Rita mandou a filha buscar água no rio'

(2.26.) *Ĩtẽ rẽ na$_i$me nangõ'ẽ̃ erẽ gu'ãma ta$_i$nango' ya yima ĩtẽ*

pupunha tópico 3ª. pes$_i$ - bom 3ª. pes-comer-sufixo nominalizador porque todo o mundo

3ª pessoa$_{\ell}$ - objeto interno - comer x dêitico pupunha

'Pupunha, ela é boa para a gente comer porque todo o mundo a come, essa pupunha'

(2.27.) *Cutchi rũ natchibũ na ya nguũca*

porco tópico 3ª pes - comer conectivo x engordar - sufixo nominalizador finalidade

'O porco, come para engordar'

Atribuída a um fator semântico, a questão da presença do marcador subjetivo de 3ª pessoa em construções nominalizadas faz com que a dispensa desse marcador não seja algo exclusivo de construções wh-, mas sim uma possibilidade ligada ao próprio processo de nominalização, que, ao focalizar o ato verbal como resultado, pode considerá-lo em si, não o vinculando a um agente ou experienciador específico. Em outras palavras, um determinado agente ou experienciador pode ser expresso em uma nominalização, mas nem sempre. E o que até aqui distingue uma questão wh- com nominalização de outras construções nominalizadas é a tendência a uma complementaridade revelada naquela entre prefixo de pessoa e sufixo nominalizador, complementaridade sustentada pela presença de um sintagma nominal passível de ser relacionado a um agente ou experienciador. Em questões iniciadas por palavra wh- referente a [+ humano], se tal sintagma existe, ou um ato verbal é visto como processo e o prefixo subje

tivo de 3ª. pessoa aparece, ou um ato verbal é considerado em si e não há expressão do prefixo subjetivo de 3ª. pessoa.

Uma outra constatação relativa a questões wh- e já mencionada é o aparecimento de partículas índice, seguindo-se aos itens wh-. Se observados os enunciados em que, dentro de questões wh-, tais partículas aparecem, não é difícil notar que elas ocorrem, embora não necessariamente, quando há uma nominalização (cf. (2.1.), (2.2.), (2.4.)). Esse fato nos leva a relacionar ambas as coisas e a considerar que as referidas partículas desempenham funções idênticas àquelas já mencionadas em outra oportunidade .

Por fim, tratemos da questão relativa à suspensão das modificações que esperaríamos ver acompanhar uma determinada ordem de palavra.

Em (2.3.) - exemplo em que se tem à direita do verbo o sintagma nominal que desempenha a função de objeto direto - não há um clítico à esquerda do verbo nem mesmo a noção 'objeto' interna à forma verbal . Para tentar saber por que isso acontece, observemos as construções abaixo:

(2.28.) ngai*tchiru* 'costurar'

pano, roupa

(2.29.) na'ã *tchiru* 'ele tem roupa'

3ª.p ter-pano, roupa

(2.30.) ngema rũ iyau*tchiru* 'ela lava roupa'

dêitico tópico 3.p-fem.-lavar-roupa

(2.31.) natunaãpüü 'ele (alguma coisa) furou, rebentou o joelho' (por exemplo, "quando faz um tumor")'

3ª.pes-furar-joelho

(2.32.) natuna i natchiru 'a roupa dele se rasgou rebentou'

3ª.p-furar x 3ª.p-pano, roupa

(2.33.) a. Maria Manuel'ü iyautchiru

Maria Manuel-dativo 3ª p.fem.-lavar-roupa

'Maria lava a roupa do Manuel'

b. Elisa Luiza'ü iyawüpara

'Elisa está coçando a perna da Luiza'

(2.34.) narütchaãpüü 'joelho inchado'

3ª.pes-inchar-joelho

(2.35.) Naãpüü rü ãürima narütcha

3ª.p.-joelho tópico muito 3ª.pes-inchar

'O joelho dele inchou muito'

(2.36.) Daa yatü rü gutüguma na'üane

dêitico homem tópico sempre 3ª.pes-fazer-roça

'Este homem sempre faz roça'

(2.37.) Nüma rü nana'ü i wü'i
Ele tópico 3ª p.-objeto interno-fazer x um

naane i ta'ũ
3ª p-roça x grande

'Ele, a fez, uma roça dele grande'

(2.38.) Peduru nama' tanayau
Pedro 3ª p-esposa 3ª pes-objeto interno-lavar

i cutchiru
x 2ª p-roupa

'A mulher do Pedro lavou a tua roupa'

(2.39.) Peduru nama' tanayau
Pedro 3ª pes-esposa 3ª pes-objeto interno-la -
var

i natchiru
x 3ª p-roupa

'A mulher do Pedro lavou a roupa'

(2.40.) Ngima rü guũguma tatü wa
ela tópico sempre rio locativo

iyautchiru
3ª p.fem-lavar-roupa

'ela sempre lava roupa no rio'

(2.41.) Peduru nama' iyayau*tchiru*

3ª.p.fem-lavar-roupa

'A mulher do Pedro lavou a roupa'

(2.42.) Meãmücü inarüda rü

aspecto-3ª.pes-z-levantar contínuo e

türe wa na'ũ rü nayayau*tchametü*...

porto locativo 3ª.p-ir e 3ª.p. lavar rosto

'Meãmücü se levantou, foi ao porto, lavou o rosto...'

(2.43.) Pacü rü türe wa iyayaugü

Moça tópico porto locativo 3ª.p.fem-lavar - plural

ya poratu

x prato

'A moça está lavando prato (=pratos) no porto'

(2.44.) Wü'i i ngecü ya yau*tchiru*'ũ

um x mulher x lavar-roupa-sufixo nominalizador

ingu

3ª.p.fem-chegar

'Uma mulher que lavou a roupa chegou'

(2.45.) Marũ ingu i ngecũ ya

Já 3ª.p.fem-chegar x mulher x

Pedurutchiru tayayau

Pedro-roupa 3ª.p-lavar

'A mulher que lavou a roupa do Pedro já chegou'

(2.46.) Tãũta ena ya yautchiru'ũ

Não ainda será x lavar-roupa-sufixo nominalizador

i Peduru nama'

x Pedro 3ª.p.esposa

'A mulher do Pedro ainda não lavou a roupa'

(2.47.) Na tãũtama tayayau'ũ

Não ainda 3ª.p-lavar-sufixo nominalizador

i cutchiru i Peduru nama' ?

x 2ª.p.-roupa x Pedro 3ª.p-esposa

'A mulher do Pedro ainda não lavou a tua roupa?'

(2.48.) Te'e ya tayau'e i

Quem x 3ª.p-lavar-sufixo nominalizador x

Pedurutchiru

Pedro-roupa

'Quem lavou a roupa do Pedro?'

(2.49.) Te'e ya tayayau'e i

Quem x 3ª.p-lavar-sufixo nominalizador x

Pedurutchiru?

Pedro-roupa

'Quem lavou a roupa do Pedro?'

(2.50.) Manueltchiru tangai ya ngee

Manuel-roupa 3ª.p-costurar x mulher

'A mulher costurou a roupa do Manuel'

(2.51.) Tãũta ena cungaitchiruũ?

Não ainda será 2ª.p-costurar-roupa-sufixo nominalizador

'Você ainda não costurou?'

(2.52.) Tãũta ena cunangai i

Não ainda será 2ª.p-objeto-costurar interno x

Mariatchiru?

Maria-roupa

(2.53.) Ya ngee ya ngaitchiruũ

x mulher x costurar-roupa-sufixo nominalizador

tidawe

3ª.p-doente

'A mulher que costura está doente'

(2.54.) Ya ngee ya Manuel*tchiru* ngaie
x mulher x Manuel-roupa costurar-sufixo nominalizador

tidawe
3ª.p-doente

'A mulher que costurou a roupa do Manuel está doente'

(2.55.) Te'e ya cu'rü ngea'*tchiru* ngai'e ?
quem x tcu mulher-roupa costurar-sufixo nominalizador

'Quem costurou o teu vestido?'

(2.56.) Falante 1: - Te'e ga nangaie
quem x 3ª.p. costurar-sufixo nominalizador

ga cu*tchiru* ?
x 2ª.p-roupa

'Quem costurou o teu vestido?'

Falante 2: - Mama inangai
mamãe 3ª.p-fem-objeto interno-costurar

'Mamãe o costurou'

(2.57.) Nangema ngecü na tãũtama
3ª p-existir mulher conectivo não ainda

bu'ü ya wüparaü ?
menina x coçar-perna-sufixo nominalizador

'Aquela mulher ainda não coçou a perna da menina?'

(2.58.) Te'e ya wüe ya
quem x coçar-sufixo nominalizador x

bu'epara?
menina-perna

'Quem coçou a perna da menina?'

(2.59.) Te'e a naane ü'e ?
quem x roça fazer-sufixo nominalizador

'Quem fez a roça?'

Dentre as construções que acabamos de apresentar, uma boa parte (exs: (2.28.), (2.29.), (2.30.), (2.31.), (2.33.), (2.34.), (2.36.), (2.40.), (2.41.), (2.42.), (2.44.), (2.46.), (2.51.), (2.53.), (2.57.)) aparece com incorporação de raiz referente ao tema , sendo que tal processo se dá pelo lado direito da forma à qual é juntada a raiz incorporada.

No restante das construções apresentadas (2.32.), (2.35.),

(2.37.), (2.38.), (2.39.), (2.43.), (2.45.), (2.47.), (2.48.), (2.49.), (2.50.), (2.52.), (2.54.), (2.55.), (2.56.), (2.58.), (2.59.)) estão aquelas em que não se tem o processo de incorporação de raízes e nas quais estão em foco as mesmas raízes que apareceram no bloco precedente como incorporadas.

Tanto em um bloco de exemplos como no outro há construções de natureza diversa. E é dessa diversidade que vamos nos valer para tentar obter uma resposta para o problema da suspensão de modificações que deveriam acompanhar à colocação de frases nominais objeto à direita do verbo nas chamadas questões wh-.

Nas sentenças declarativas com tema incorporado a frase nominal que desempenha a função sintática de objeto direto aparece morfologicamente marcada com o caso dativo, se nessa função estiver um argumento [+ animado] (ex: (2.33.)). Além disso, a tendência é a colocação da frase nominal objeto à esquerda do verbo.

Nas sentenças declarativas em que a alternativa sintática é a não-incorporação do tema, a frase nominal objeto, colocada à direita do verbo, pode provocar ou não a já por mais de uma vez mencionada mudança na forma verbal, que facultativamente expressa a noção 'objeto interno' (ex: (2.37.), (2.38.), (2.39.), (2.43.)).

Nas construções nominais correspondentes ao que em outras línguas seria uma oração relativa, o que se tem, em termos do tema que deixa de estar incorporado, é o fato de a frase nominal complemento, regularmente colocada à esquerda do nome ao qual ela serve de complemento, não estar em posição que

possa levar ao aparecimento de um morfema que, do interior do que é a contraparte nominal de um verbo, possa servir à identificação da própria frase nominal complemento. Exemplos disso estão em (2.45.) e (2.54.). Em (2.45.), tem-se

tayayau 'ela lavou'
3ª.p-lavar

em que a base referente a 'lavar', yau, se encontra aumentada por reduplicação.

Um confronto entre (2.40.), (2.41.), (2.42.), (2.43.) mostra que a sequência *ya* que precede *yau* constitui com essa última um todo semântico, uma vez que aquela dificilmente poderia ser interpretada como integrando o morfema de '3ª. pessoa feminina' ou constituindo, sozinha, o morfema que expressa a noção 'objeto interno'. Para ser interpretada como integrando o morfema de pessoa - '3ª. pessoa feminino' - que então supostamente se manifestaria como iya '3ª. pessoa feminino ' -, a seqüência ya necessitaria estar ausente de formas relativas a outras pessoas, o que não acontece, como se pode ver em (2.42.), que apresenta

nayayau*tchametl* 'ele lavou o rosto'
3ª.p-lavar-rosto

em que a seqüência *ya* não pode ser atribuída a uma '3ª. pessoa feminina'. Para ser interpretada como expressão da noção 'objeto interno', a sequência *ya* deveria ver explicada a sua aparente alternância com a forma na-, expressão da noção 'objeto interno' que acompanha a raiz referente a 'lavar' (vide exemplos (2.38.) e (2.39.)). Além dessa dificuldade, haveria ainda uma

outra a ser superada, qual seja a da presença da seqüência ya, supostamente na qualidade de forma vinculada à noção 'objeto interno', em construções que não admitiriam a presença de um 'objeto interno', tal como as construções (2.41.) e (2.42.), que apresentam incorporação do tema, e (2.45.), que aparece com frase nominal complemento à esquerda do termo que essa mesma frase complementa.

Tudo indicando, portanto, que a base referente a 'lavar' pode-se encontrar aumentada, isto é, que 'lavar' pode ser

yau

ou

yayau

tem-se em (2.45.), com

tayayau 'ela lavou'
3ª p-lavar

a ausência de um morfema que sirva à localização da frase nominal complemento, ausência justificada pela própria posição da frase nominal complemento. Da mesma forma, por idêntica razão, em (2.54.)

ngaie 'costuradora'
costurar-sufixo nominalizador

também não apresenta um morfema localizador de frase nominal complemento. Essas são constatações que, passando pelos exemplos (2.45.) e (2.54.), abarcam as construções nominais correspondente ao que conhecemos por 'oração relativa'.

Em construções interrogativas que não envolvem as chamadas palavras wh, como (2.46.), (2.47.), (2.51.), (2.52.), (2.57.), o que se observa, quando não se dá a incorporação do tema, é o fato de que podem ocorrer ou não modificações que acompanhem o aparecimento da frase nominal complemento à direita do termo que ela complementa. Exemplos disso estão em (2.47.) e (2.52.).

Nas construções que envolvem palavras wh-, uma única situação se apresenta, quando o tema não está incorporado: a não-incorporação do tema e a sua expressão em frase nominal complemento colocada à direita do núcleo de toda a construção - nos exemplos dados,uma forma nominalizada - não desencadeia qualquer modificação nesse último. Exemplos disso estão em (2.48.), (2.49.), (2.56.), que pode ser cotejado com (2.55.) e (2.58.).

A partir das constatações feitas quanto ao tipo de construções observadas, pode-se,em primeiro lugar, afirmar que a não-incorporação de um tema onde seria de se esperar um processo de incorporação não obriga a uma modificação na forma verbal, quando a frase nominal complemento é colocada à direita daquela. Isso se dá nas sentenças declarativas e nas interrogativas sem palavra wh-. Uma segunda afirmação a fazer é a de que, nas construções interrogativas que não envolvem palavras wh-, optar pela não-incorporação do tema e expressá-lo através de uma frase nominal complemento situada à direita do núcleo de toda a construção só fará com que haja modificações nesse núcleo, se a construção não for nominal (confrontem-se, a propósito, os exemplos (2.47.) e (2.52.). Por fim, em se tratan-

do das chamadas questões wh, aquilo que se apresenta nos outros tipos de construção como tendência pode ser nelas radicalizada, já que nenhuma modificação é desencadeada em função de uma determinada posição assumida pela frase nominal complemento, que expressa então o tema não-incorporado.

A razão para o fato de se ter nas "questões" wh- uma única situação no que diz respeito a temas não-incorporados reside, ao que tudo indica, na associação entre uma tendência - manifestada já nas sentenças declarativas - e uma característica dessas construções, a nominalização. Nos exemplos utilizados, há quase sempre nominalização. O quanto a nominalização se choca com a existência de modificações no interior do núcleo de uma construção pode ser entrevisto nas construções interrogativas que não envolvem palavras wh-. Entretanto, o quanto a nominalização afeta as chamadas questões wh- é algo que, embora ligado ao problema da suspensão das modificações que se esperaria ver acompanhar uma determinada ordem de palavra, transcende esse último problema e o coloca na dependência de um problema mais amplo - o problema do real status sintático e da interpretação das chamadas questões wh- em Tikuna.

2.3. Atendo-nos àquelas sentenças em que as características tratadas na seção anterior não ocorrem, é possível levantar, de início, algumas suposições relativas a questões wh-.

Em (2.5.) e (2.6.), podemos supor que as "frases wh-", movidas para o início de suas sentenças, deixam um traço em sua posição de origem e que esse traço é uma variável, por estar em uma posição argumental e ser localmente vinculado a uma posição

a uma posição não argumental. Assim:

(2.5a.) Te'e nü'ũ$_i$ nadau t_i ya Peduru ?

(2.6a.) Te'e'ũ nü'ũ nadau t_i ya Peduru ?

Como se pode notar a partir desses exemplos, o antecedente do traço pode realizar o Caso. Para uma situação como essa, já foram levantadas, dentro do quadro teórico atual da teoria gerativa, algumas hipóteses[100]:

a) a frase wh- recebeu o Caso da posição da qual foi movida para COMP;

b) a frase wh-, movida ou gerada na base, recebe o Caso da variável que a ela se vincula;

c) o Caso é atribuído ao índice do sintagma nominal e o portador desse índice pode facultativamente realizar o Caso (a variável, a frase wh- ou ambos).

Para essas hipóteses já foram igualmente feitas, no mesmo quadro teórico, determinadas considerações: fazer com que a frase wh- receba Caso da posição da qual foi movida significa tornar indeterminada a homogeneidade de princípios de atribuição de Caso, além de surgirem problemas com os possíveis pronomes "resumptives"; permitir que a frase wh- receba o Caso da variável a ela vinculada significa criar problemas, já que em tese uma frase wh- pode estar co-indexada a mais de um traço em posição argumental; postular que o Caso é atribuído ao índice

do sintagma nominal é explicar a "herança" do Caso e do papel temático pela atribuição dessas propriedades a certas seqüências associadas de funções gramaticais. A se levar em conta tais considerações, as hipóteses a e b se tornam pouco atraentes, enquanto c adquire condições de ser explorada. No entanto, a exploração de c se fez no sentido de se eliminar a "herança" do Caso para a frase wh- em COMP[101]: a teoria ficaria mais uniforme se a "herança" do Caso e do papel temático ficasse restrita às cadeias argumentais. Para justificar a presença do Caso na frase wh- em COMP, afirmou-se que o Caso pode ser um traço inerente de um item retirado do léxico e que a variável que esse item deixa, ao ser movimentado para COMP, retém esse Caso; para explicar a ausência do Caso na frase wh- em COMP, afirmou-se que essa foi retirada do léxico sem Caso e que a variável a ela vinculada recebe Caso de sua cabeça, se estiver em uma posição passível de atribuição de Caso.

No que diz respeito à língua Tikuna, a hipótese c dá conta do fato de a frase wh- em COMP poder ou não realizar o Caso. No entanto, se não se assume a "herança" do Caso para a frase wh- em COMP, ter-se-á que admitir uma instabilidade no léxico dos falantes Tikuna em relação às frases wh-: elas podem ou não possuir inerentemente Caso .

Independentemente do fato de a "herança" do Caso para a frase wh- em COMP ser questão aberta dentro da teoria gerativa, uma primeira conclusão pode ser tirada com relação à questão que nos ocupa, que é a comprovação de extração de frase nominal. Se as frases wh- possuíssem sempre inerentemente Caso em Tikuna, poderíamos questionar a existência de um movimento

wh- na língua: elas poderiam ser geradas, com Caso, já na posição inicial da sentença. Como as frases wh- nem sempre realizam o Caso, podemos admitir ter o inverso, isto é, que há movimento wh- e que esse movimento deixa um traço que recebe Caso. Assim, se o exemplo (2.6.) pode deixar dúvidas quanto à existência de movimento wh- em Tikuna, o mesmo não se dá em (2.5.).

O que se tem em (2.5.) não está, entretanto, isento de dúvidas. A mesma sentença, aceita por alguns falantes, é recusada por outros por não possuir a interpretação indicada:

(2.5.)*Te'e nü'ü̃ nadau ya Peduru

Quem 3ª.pessoa-dativo
3ª.p.-ver x Pedro

'Quem que Pedro viu?'

A razão da recusa está em fatos que se associam. O primeiro deles é que há dois itens em posições periféricas identificados pelo traço [+ humano] , podendo qualquer um dos dois ser tido como expericenciador, dada a estrutura argumental de *dau* 'ver'. O segundo é que o clítico continua a exibir propriedade de co-indexação com relação ao sintagma adjungido - no caso, *ya Peduru* -, apesar da suposição quanto à existência de um traço no que seria a posição de origem da palavra wh- *te'e* 'quem'. Em face disso, a palavra wh- em questão não será tida como antecedente de uma variável que esteja à direita do verbo.

Dentre os caminhos sintáticos que a língua possui para, ainda no caso em questão, assegurar à palavra wh- uma associação com o Caso objetivo estão:

. a realização do Caso na palavra wh- em COMP; como acontece com (2.6.);

. a não-utilização do clítico e o conseqüente apareci - mento da palavra wh-, que porta caso morfologicamente expresso, na posição de sintagma nominal complemento à esquerda do verbo, como se pode constatar em:

(2.60.) Te'e'ũ nadau ya Peduru

Quem-dativo 3p-ver x Pedro

'Quem que Pedro viu?'

(2.61.) Peduru te'e'ũ nadau?

Pedro quem-dativo 3p-ver

'Quem que Pedro viu?'

(2.62.)*Peduru te'e nadau

Pedro quem 3p-ver

'Quem que Pedro viu?'

Duas são as primeiras conclusões que tiramos dos fatos expostos. Se o clítico ainda exibe, apesar da hipótese de uma variável à direita do verbo, propriedade de co-indexação

com um outro sintagma pós-verbal abertamente expresso, tal como se dá em (2.5.), parece claro que não se deve postular uma categoria vazia à direita do verbo co-indexada ao clítico e vinculada a um operador. Se houver uma categoria vazia, ela deverá estar à esquerda do verbo. A segunda conclusão diz respeito à realização do caso morfológico. A se levar em conta (2.60.), (2.61.), (2.62.), tal realização é dependente do verbo. Some-se a isso a consideração de que, estando a palavra wh- em adjunção e, portanto, sem caso morfologicamente expresso através de um sufixo, como em

(2.63.) Nũ'ũ$_i$ nadau ga ta'cũ$_i$ ga Peduru

3p-dativo 3p-ver x que x Pedro

'O que que Pedro viu?'

a identificação da função sintática desempenhada por ela continua dependente do verbo. Isso porque o que é elemento pertencente à esfera do verbo (o clítico) tem um papel decisivo na interpretação da frase nominal complemento.

As primeiras conclusões a que chegamos indiciam a ausência de um movimento de palavra wh- a partir da posição à direita do verbo. Consideremos, então, a possibilidade de um vazio à esquerda do verbo.

Os dados (2.7.), (2.8.), (2.60,), (2.61.) apontam para a possibilidade de um vazio na posição de sintagma nominal à esquerda do verbo. Essa possibilidade encontra apoio na inexistência, à direita do verbo, de frase nominal que possa ser tomada como um seu complemento. O clítico co-indexado ao

vazio à esquerda do verbo, isto é, constituindo uma seqüência $\emptyset_i$ cl_i, pode ser visto como um pronome descontínuo, que é livre para procurar seu antecedente, em uma situação semelhante ao que ocorre nas "orações relativas". Nesse caso, não só seria necessário que se deixasse de pensar em extração de frase nominal, mas também que se questionasse a própria posição da palavra wh-, quando essa aparece no início da sentença: não estando vinculada a uma variável, não se terá que requerer para ela obrigatoriamente a condição de operador.

Indo por partes, diremos que, fora das construções transitivas, palavras wh- são acompanhadas de morfemas relacionados a Caso, como se pode ver abaixo:

(2.64.) Ta'cũca' ni'Ĩ ya cowũ i tema nangõ'ũ?

que por 3p-ser x veado x buriti 3p-comer-nominalizador

'Por que o veado come buriti?'

(2.65.) Ta'cũwa name'ũ ya cowũ?

que para 3p-bom-nominalizador x veado

'Para que é bom o veado?'

(2.66.) Ta'cũwa name ya naemũ

que para 3p-bom x 3p-remo

'Para que é bom o remo?'

(2.67.) Ta'cümɑ'ã i naãwemũ i woca

que com x 3p-alimentar x vaca

'Com que se alimenta a vaca?'

Na primeira parte deste trabalho falamos da possibilidade de determinados morfemas poderem ser considerados ora como afixos, ora como posposições. Nos quatro exemplos acima, os morfemas que acompanham a palavra wh- estão mais prõximos de uma posposição, por não constituirem uma marca lexicalmente prevista pela semântica do verbo. Com isso, pode-se questionar a existência de um movimento wh- na língua, já que agora é plausível que a atribuição de Caso a palavras wh- esteja se dando na posição inicial da sentença, posição que elas ocupariam independentemente de movimento.

Nas construções para as quais se poderia supor extração com um longo movimento wh-, os mecanismos existentes na língua também apontam para a inexistência de movimento:

(2.68.) Te'egũ i Peduru ngi'ũ daucũ iyũe?

que-plural x Pedro 3p.fem-dativo ver-nominalizador 3p.fem-dançar-plural

'Que mulheres Pedro viu dançar?'

(2.69.) Te'e ti'Ĩ ya Dawina tũ'ũ̃ iugu rũ taguma nge'aẽ'e?

quem 3p.íntima-ser x Davina 3p.íntima-dativo 3p-contar tópico nunca ter relações com mulher-nominalizador

'Quem Davina disse que não tinha relações com a mulher?'

Em (2.68.), a palavra wh- está relacionada ao clítico: à indicação de pessoa fornecida pelo clítico junta-se a marca de plural afixada à palavra wh-, informações que, combinadas, levam o ouvinte a saber que a palavra wh- diz respeito a *nge'ũ̃gũ* 'mulheres', item ausente da sentença. A combinação de informações aqui apóia a tese de que há um vazio co-indexado ao clítico, constituindo-se uma seqüência $\emptyset_i$ cl_i que, na qualidade de pronome descontínuo, é livre para procurar o seu antecedente. Considerando-se ainda (2.68.), é possível reencontrar nela características identificadas nas "orações relativas", as quais permitem derrubar a tese de movimento. Em primeiro lugar, nominalização de uma forma verbal, de modo que, no lugar de

a.	ngi'ũ̃	nadau	'ele a viu'
	3p-dativo	3p-ver	

o que se tem é

b.	ngi'ũ̃	daucũ	'vedor dela'
	3p-dativo	ver-nominalizador	(que a viu)

Em segundo lugar, a existência de uma partícula índice que precede a construção que contém a nominalização:

c. i Peduru ngi'ũ daucũ

x Pedro 3p-dativo ver-nominaliza - dor

'que Pedro viu'

Com essas características, pode-se analisar (2.68.) como

d. $\overline{SN}$[SN_i[Te'egũ] S_i[i Peduru Ø ngi'ũ daucũ]]

iyũe

Nessa análise, a palavra wh-, equivalente a um pronome, não estará ocupando a posição de operador nem terá chegado ao lugar em que se encontra via movimento.

Em (2.69.), a palavra wh- está contida em um tópico e a ela se associa o clítico, que indica uma '3ª pessoa íntima'. Dentro do tópico, o clítico, co-indexado a um vazio, irá buscar o seu antecedente por sobre uma forma - *ti'i* 'ele é' - que, apesar de portar um marcador de pessoa tido como verbal, estabelece uma ligação entre formas nominais[102]. No caso, a ligação estabelecida será entre a palavra wh- e todo o sintagma que constitui o restante do tópico. E, mais uma vez, se poderá dizer de um item wh- em posição inicial que ele não é fruto de um processo de extração nominal.

Com o que vimos, não se falará em movimento wh-, em extração nominal. Ao contrário, com o que vimos, se falará em

ausência de movimento: na língua coexistem basicamente o recurso à indexação de sintagmas e o recurso a informações que partem de elementos pertencentes à esfera do verbo. Ambos permitem a identificação de sintagmas e explicam a sua liberdade de posicionamento em uma sentença.

Conclusão

Os caminhos percorridos na análise nos levaram a uma determinada visão da língua Tikuna. Nessa visão, o Tikuna é uma língua sem movimento, o que nos impede de falar em ordens derivadas. Dada a flexibilidade existente com relação à ordem de palavra, outro é o modo, na língua, de se chegar a uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença.

Os constituintes na língua têm a sua ordenação determinada, de um lado, por um parâmetro básico estrutural e, de outro lado, por uma variada manifestação casual.

O parâmetro básico estrutural do Tikuna é núcleo final, com predicação e atribuição de papéis temáticos e casos estruturais à esquerda.

A manifestação casual, por sua vez, inclui:

1) casos estruturais:

   a) Caso nominativo via concordância (entendendo-se a concordância como manifestação da relação de predicação, e não como algo contido em Flex);

   b) Caso acusativo via regência pelo verbo e pelas posposições e adjacência a esses regentes;

2) casos morfológicos (que distingui das posposições);

3) casos via cadeia com clíticos;

4) casos via modificação na forma do verbo (isto é, marca

ção da diátese verbal, com a presença de marcas de objetivo direto interno); esses casos são passíveis de redução ao mecanismo anterior através da possível incorporação do clítico ao verbo.

Os casos não-estruturais acima têm a sua presença na língua ligada ao rompimento da ordem estrutural.

Além de um parâmetro básico estrutural e de uma manifestação casual variada, a língua também apreenta uma distinção entre o que é predicado e o que é adjunto, sendo os adjuntos gerados na base. As estruturas de adjunção incluem:

a) sintagmas nominais pospostos ao núcleo
b) "adjetivos"
c) orações "relativas"
d) sintagmas "adverbiais" não-argumentais
e) sintagmas nominais que expressam o escopo de operadores (estando aqui contidos os operadores de quantificação - quantificadores, verbos existenciais).

A distinção entre o caráter argumental e o caráter adjuntivo de um constituinte possui um papel restritivo suplementar sobre a ordem, na medida em que é desse caráter que um constituinte pode retirar o seu ordenamento em relação ao núcleo atribuidor de função temática.

Resta dizer algumas coisas sobre o verbo. Em primeiro lugar, a existência de modificações na forma verbal mostra que o verbo funciona como uma fronteira na língua, visto que um argu-

mento interno não é simplesmente colocado à direita do verbo. Em segundo lugar, vem a íntima conexão entre o verbo e a frase nominal complemento, isto é, a íntima ligação existente entre os elementos que constituem o sintagma verbal no seu nível mais básico, a íntima ligação existente entre O e V. Prova disso está na utilização de marcas morfológicas que, fora do SV, readquirem sua autonomia e podem, em função dessa autonomia, serem consideradas como posposições (e não afixos, que é o que ocorre quando elas estão dentro do SV). Por fim, a existência de modificações na forma do verbo e a íntima conexão existente entre O e V revelam que o verbo é o elemento que basicamente permite e limita certos comportamentos sintáticos. Em outras palavras, o verbo, que é fronteira na língua, é também o núcleo da sentença, no sentido de que é do núcleo que partem certas informações e é no núcleo que, conseqüentemente, poderão ser introduzidas certas informações.

Finalmente, vamos dizer que a sintaxe Tikuna, tal como foi apresentada, tem as suas principais questões relacionadas à teoria do Caso e, possivelmente, a uma extensão futura dessa mesma teoria.

Notas

1 - O que aqui apresentamos é a ampliação de um trabalho que, com o mesmo título, escrevemos no segundo semestre de 1984. A ampliação trouxe consigo algumas modificações na análise. Queremos dizer ainda que, neste volume, nos valemos da escrita em Tikuna para facilitar a leitura dos dados por parte de quem queira vê-los, sobretudo, pelo ângulo sintático.

2 - Cf. EMONDS (1980: 33)

3 - Cf. RODRIGUES (1970: 4034-4036)

4 - Há também Tikunas no Peru e na Colômbia. Atualmente, a estimativa do número total de Tikunas se situa acima de 20.000 indivíduos (cf. OLIVEIRA FILHO, 1986: XX-XXIV), estando a maior parte localizada no Brasil, em área que abrange terras de oito municípios do estado do Amazonas: Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins, Jutaí e Beruri.

5 - Ver ANDERSON (1959), LOWE (1960) e SOARES (1986)

6 - Ver ANDERSON (1959: 77): "É de particular interesse para o campo lingüístico o sistema de cinco níveis fonêmicos de altura que constituem o primeiro sistema de tom assim intrincado a ser encontrado na América do Sul. Até agora admitiu-se que na América do Sul não havia línguas tonais de tipo semelhante às da

China, da África ou do México ..."

7 - Lowe fez seu trabalho com base na teoria tagmênica, teoria maciçamente seguida, na época, pelos lingüísticas do Summer Institute of Linguistics (SIL).

8 - Cf. LOWE, 1960 c: 4.

9 - Idem, p. 5.

10 - Idem, ibidem.

11 - Assim como Lowe, Anderson também seguiu a teoria tagmêmica (ver nota 7). Para se ter uma idéia da subdivisão feita por ANDERSON (1966), basta citar, como exemplo , a subdivisão da classe de raízes constituída de uma raiz transitiva acompanhada de prefixo pessoal obrigatório e de um objeto externo ou de um objeto interno; essa classe é a classe 1 de raízes verbais transitivas, e ela se subdivide em 3 subclasses: a, b e c; as subclasses, por sua vez, são passíveis de subdivisões: a se subdivide em a_1 e a_2; b se subdivide em b_1, b_2 e b_3. E por aí prossegue a descrição.

12 - Cf. ANDERSON, 1966: 22.

13 - Idem, ibidem.

14 - Tomar aqui o parâmetro da nuclearidade como uma especificalçai default significa, para Travis (cf. p. 55), dizer que, se há um constituinte que não se inclui no domínio de um parâmetro já especificado, a sua colocação é determinada pelo parâmetro da nuclearidade. Com raízes na fonologia, regras default recebem um suporte advindo da **Elsewhere Condition**, de Kiparsky (1973), a qual impõe um ordenamento disjuntivo sobre regras e tem a sua formulação feita nos seguintes termos:

> Regras A, B no mesmo componente se aplicam disjuntivamente a uma forma ϕ se e somente se:
> (i) a descrição estrutural de A (a regra especial) inclui propriamente a descrição estrutural de B (a regra geral);
> (ii) o resultado da aplicação de A a ϕ é distinto do resultado da aplicação de B a ϕ.

Nesse caso, A se aplica primeiro e, se tem efeito, então B não se aplica. Ao admitir a especificação default na sintaxe, Travis também se vale da Elsewhere Condition de Kiparsky: essa condição assegura que a direção de marcação de papel temático afeta a estrutura D antes do parâmetro da nuclearidade, visto que o primeiro age em um subconjunto desse último.

15 - Ao se deter na ramificação de constituintes, Travis (cf. pp. 71-86) termina por admitir a existência apenas dos nódulos X^{max} e X^{o}. Tal fato tem, por exemplo, conseqüência imediata sobre as regras da gramática, já que não se poderá admitir como integrando o conjunto dessas regras aquelas que fazem referência, de maneira crucial, a projeções intermediárias.

16 - Travis segue aqui Williams (1981).

17 - Cf. Travis (1984: 91).

18 - O termo dativo é aqui utilizado como um rótulo sintático arbitrário. Encontrado em seqüências espontaneamente obtidas como

tcho'ǖ		curü	buratcha
1p-	dativo	2p.	bolacha

'[dê] para mim a tua bolacha'

o morfema que aqui referimos como 'dativo' reaparecerá quando, tratando da ordem SVO, focalizarmos os casos de incorporação do tema no verbo.

19 - Esse fato fica mais patente a partir de pares de exemplos como:

a. Gracila natchiru iyau

Gracila 3p-roupa 3p.fem-pegar

'Gracila pegou a roupa'

b. *Gracila natchiru'ǖ iyau

Gracila 3p.roupa-dativo 3p.fem-pegar

'Gracila pegou a roupa'

c. Gracila airu iyau

Gracila cachorro 3p.fem-pegar

'Gracila pegou o cachorro'

d. Gracila airu'ɯ̃ iyau

Gracila cachorro-dativo 3p.fem-pegar

'Gracila pegou o cachorro'

20 - Ver KEENAN (1976).

21 - A noção de c-comando adotada por Williams (1980: 204) é a do primeiro nó ramificante: A c-comanda B se e somente se cada nódulo ramificante que domina A domina B.

22 - Para Williams (1980: 204), B é subjacente a A se e somente se A é dominado por no máximo um nódulo ramificante que não domina B.

23 - A concordância aqui não está sendo concebida dentro de um nódulo Flexão. Em outra seção deste trabalho (2.3.), falamos da posição do nódulo Flexão.

24 - As palavras 'feminino' e 'masculino', usadas pelos falantes ao refletirem sobre sua língua, estão ligadas a distinções na altura da voz: 'feminino' indica uma altura de voz baixa; 'masculino' se refere à voz alta. Por exemplo, no que diz respeito às partículas em foco,

i [i̯] 'não-passado'

é produzido com um tom meio-baixo, isto é, é 'feminino'; quanto a

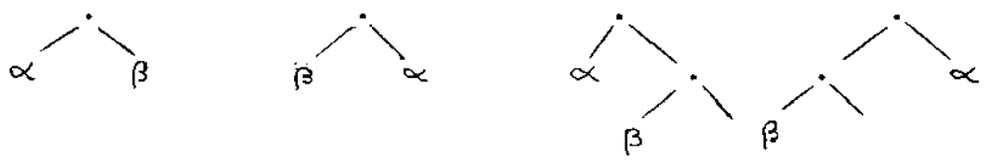
ya [dzǎ] 'não-passado'

ga [gǎ] 'passado'

são produzidos com um tom meio-alto, isto é, são 'masculinos'.

25 - Clíticos serão vistos ainda mais adiante, em 2.4

26- A noção de c- comando que estamos utilizando é aquela definida pelo primeiro nó ramificante, conforme Reinhart em The syntactic domain of anaphora (1976), cuja definição de c- comando é, por exemplo, reproduzida e revista em BORER (1984:54-55). Por essa definição, um nódulo α c- comando um nódulo β se nenhum dos dois domina o outro e o primeiro nó ramificado que domina α também domina β . Sem a revisão que faz Borer (pela qual a relação de c- comando deve estar efetivamente contida dentro do domínio da cabeça do sintagma), os diagramas



são possíveis relações de c- comando.

27 - Essa idéia já se encontra basicamente em Stowell (1981) (ver nossas considerações iniciais no início deste volume). Ainda a esse propósito, ver BAKER (1988: 112-113). Voltaremos a ela mais adiante.

28 - Ver BAKER (1988: 76-129).

29 - A comprovação de que nomes incorporados não necessitam de Caso advém, para Baker, dos fatos apresentados por línguas nas quais se tem incorporação de argumento de verbo intransitivo. Esse argumento, na estrutura D, é objeto de um verbo inacusativo (verbos inacusativos não atribuem Caso ao seu objeto estrutural).

30 - Ver nota 18.

31 - Cf. BAKER (1988: 112-113).

32 - Cf. e confrontar em CHOMSKY (1981: 185, 332) as seguintes passagens:

"... (6) α is a variable if and only if

(i) α = [NP e]

(ii) α is in an A position (hence bears an GF)

(iii) there is a β that locally $\bar{A}$ binds α

...

In the case of a variable, the binder β in (6) may be an operator, a trace in COMP, an empty NP in COMP, or some other element adjoined to S or $\bar{S}$ ..." (p. 185) (o grifo é nosso).

"... We have considered two $\bar{A}$ positions in the preceding discussion: (i) COMP, or in any event peripheral to S; (ii) the adjunction position created by NP inversion... It is fairly clear from that discussion and from the earlier consideration of Case and θ-role inheritance that the relevant distinction we require is between A-positions and (ii) on the one hand, and positions peripheral to S on the other. The first type enter into chains relevant to Case and θ-role

inheritance; the second type break such chains. Let us therefore slightly modify our terminology and include the adjunction position (ii) among the A-positions, revising the notions "A-bind", etc., accordingly." (p. 332) (o grifo é nosso).

33 - Ver a propósito CHOMSKY (1981: 224, nota 29) e JAEGGLI (1982: 106-121).

34 - Um clítico sob Flex permite a PRO não ser governado (ver JAEGGLI, 1982: 93).

35 - Exemplos de constituintes pós-verbais adjungidos continuam a envolver inversão de SN, inversão que não necessita ser vista como resultado de movimento. A inversão pode, por exemplo, se dar em função de diferenças lexicais existentes entre verbos. Em outras palavras, haveria verbos para os quais [SN, S] é uma posição temática e haveria verbos para os quais [SN, S] não é uma posição temática. Para esse último conjunto de verbos [SN, SV] é que constitui uma posição temática, o que equivale a dizer que um SN pós-verbal é gerado na base (ver JAEGGLI (1982: 106-119)).

36 - Cf. CHOMSKY (1981: 101): "Since NP-trace transmits its θ-role (if any), I will take trace to be a non-argument if it is not a variable. The intuitive idea is that arguments are the elements that bear θ-role. Thus each argument or its trace is in a θ-position, hence an A-position... There will be slight revisions as we proceed."

37 - Cf. CHOMSKY (1981: 47). A posição argumental que pode ficar sem papel temático acaba sendo a de sujeito.

38 - Esse limite também pode ser considerado em termos de sintagma nominal, o que cobriria, por exemplo, os nossos casos em Tikuna de posposição do genitivo.

39 - Observado o princípio da subjacência, a condição estrutural específica fica aqui sendo aquela em que se tem posições não-preenchidas (sujeito sentencial, COMP) pelas quais o elemento deslocado possa "caminhar" (ver, por exemplo, CHOMSKY (1981: 174 e 223, nota 17).

40 - Ver a propósito CHOMSKY (1981: 331).

41 - Ver MARANTZ (1984: 70, 92-108), que não concebe o alçamento como resultado de movimento e que vê "Move Alpha" como uma relação que sanciona a presença, na estrutura de superfície, de constituintes e relações não diretamente conectados a relações e constituintes na estrutura S. Em outras palavras "Move Alpha" é uma relação entre constituintes A e B em uma estrutura de superfície que permite a A e B estarem co-indexados.

42 Idem, p. 92.

43 - Carlos Franchi (comunicação pessoal) me apontou aqui a existência de uma argumentação contrária a Williams (W.E. "Predication". Linguistic Inquiry 11, 203-238) e Bresnan (B. J. "Control e complementation". Linguistic Inquiry 13, 343-434), que exigem que o controlador c-comande o elemento controlado. A argumentação em questão se encontra em Chiechia,G. ("Topics in the syntax and semantics of infinitves and gerunds", tese de doutorado, MIT, 1984).

44 - PRO com caso aparece em CHOMSKY (1981: 64-65) quando está em jogo o Caso genitivo. Em uma sentença como

I'd much prefer [$_{NP}$PRO going to a movie]

PRO é admitido uma vez que a posição não é governada. Mas a essa mesma posição pode ser também atribuído o Caso genitivo, como se vêm em

I'd much prefer [$_{NP}$ his going to the movie]

Quanto a esse fato, Chomsky afirma que a atribuição de Caso genitivo é facultativa (quando o sintagma nominal sujeito é foneticamente realizado) ou obrigatória (mesmo quando PRO, elemento foneticamente não-realizado, é selecionado como a opção, de modo que PRO, embora não-governado, fique sendo marcado com Caso). Chomsky deixa a escolha entre uma e outra alternativa como matéria de execução e confirma, na página 157 do mesmo trabalho, o que coloca anteriormente, ao rejeitar PRO como preenchedor apenas da posição de sujeito de infinitivo.

45 - Ver CHOMSKY (1981). Os domínios considerados como opacos são o do sujeito de uma sentença com tempo e o de c- comando do sujeito de um SN ou S.

46 - Ver, por exemplo, CHOMSKY (1981: 200-201)

47 - Idem, p. 256.

48 - Por exemplo, em orações encaixadas finais de sentenças cuja oração principal esteja na passiva. Nas passivas não há posição de sujeito preenchida na estrutura D e, também nesse nível, o objeto é não-temático, fato que permite a omissão do antecedente de PRO; exs.:

a. The books were sold [PRO to help the refugees]

b. Os livros foram comprados para [PRO ajudar aos estudantes]

49- Ainda a propósito, ver CHOMSKY(1981: 204),onde é analisada a construção

John is too cleaver [PRO to expect us to catch]

ou igualmente, na mesma obra, a página 262, onde são colocados como exemplos de referência arbitrária para PRO as sentenças do inglês

. it is unclear [what PRO to do]

. John doesn't know [how [PRO to behave oneself in public]]

50 - Cf. CHOMSKY (1981: 260-263).

51 - Idem, ibidem

52 - Ver nota 43.

53 - Essa referência é possível em passivas que apresentam certos verbos, complementos interrogativos, complementos de adjetivos que, em inglês,pedem "for-clauses"...

54 - Ver CHOMSKY (1980).

55 - "Nós temos, portanto, razões tanto conceptuais quanto empíricas para supor que há realmente apenas uma categoria vazia básica, que pode ter os traços gramaticais pessoa, número, gênero, Caso, wh- e talvez outros, conforme determinados por sua derivação e contexto" (CHOMSKY, 1981: 323).

56 Idem, p. 328. Os grifos são nossos.

57 - α é uma categoria de governo para β se e somente se α é a categoria mínima que contém β e um governante de β onde α = SN ou S (CHOMSKY, 1981: 188).

58 - Idem, ibidem

59 - É nesse caso que estaria uma construção como a do francês il$_i$ est arrivé trois hommes$_i$.

60 - K. Safir, em sua tese de doutorado (The ECP Status, MIT, 1981) criticou o mecanismo sintático de co-superescrição.

61 - Cf. CHOMSKY (1981: 249).

62 - Ver nota 32.

63 - Com relação à existência de motivação sintática para movimento, considerem-se os casos da passiva e do alçamento. Na passiva, por exemplo, o sintagma na posição de objeto direto nela não pode permanecer, porque o verbo se encontra intransitivizado pela adição de um afixo característico da passiva. Além disso, a posição de sujeito se encontra liberada: para ele não há papel temático, tendo em vista a estrutura de argumento do verbo, tal como esse é utilizado em passivas.

No que diz respeito a uma visão chomskyana mais recente sobre teoria do movimento (CHOMSKY (1986: 4-8), a adjunção só é possível a uma projeção máxima ($\bar{\bar{X}}$) que seja um não-argumento. Essa colocação exclui a adjunção a um sintagma nominal obtida por movimento. Ela não exclui, porém, a adjunção gerada na base.

64 - A visibilidade, de acordo com a Hipótese da Visibilidade (cf. BORER (1984: 110)), não é decorrente apenas da existência de Caso. Um elemento será visível para atribuição de papel temático se ele portar um traço, que pode ser, de um lado, gênero, número ou pessoa ou, de outro lado, Caso.

65 - Cf. BORER (1984: 114-117).

66 - Conforme é encontrado em BASILIO (1987: 90), base é o "elemento que constitui o núcleo de uma construção morfológica; forma sobre a qual um processo atua para a formação de uma palavra".

67 - Ver USPENSKY (1968).

68 - Para os morfemas em questão, não consideramos que a análise lingüística, que aponta para uma "instabilidade" estrutural, devesse estar necessariamente refletida na escrita, já que, nesse último domínio, há outros fatores a serem pesados.

69 - Isso é possível desde que não se queira ver os significados dos verbos decompostos em complexos de predicados primitivos caracterizados pela presença de "casas" associadas a papéis temáticos, conforme propõe JACKENDOFF (1976).

70 - Cf. MARANTZ (1984: 15-23).

71 - Idem, p. 50.

72 - Idem, ibidem.

73 - $\overline{SP}$ que aparecerá nos diagramas a seguir será repensado mais adiante, em função da coexistência e da complementaridade entre a posposição e a partícula (a nosso ver, subordinadora) que introduz o sintagma posposto.

74 - Quando a forma pronominal é monossilábica, a posposição a ela se junta, perdendo sua primeira vogal. Quando a forma pronominal não é monossilábica, a posposição mantém sua integridade:

tcho	arü	= tcho'rü	'meu'
no	arü	= no'rü	'dele'
tüma	arü		'dela (íntimo)'

75 - Da história de pro faz parte a sua caracterização como [+pronominal, -anafórico] (cf. CHOMSKY (1982)) e a sua autorização pelo elemento concordância ou por um clítico. A categoria vazia pro também foi vista como legitimada por uma categoria regente ou identificada referencialmente por saturação lexical (ver RIZZI (1986)). Fazem parte, ainda, do percurso de pro, a sua necessária regência por uma matriz íntegra de traços pronominais - isto é, traços que se encontram em uma categoria regente e que permitem a identificação de pro (conforme ROUVERET (1987a), citado por GALVES (1988) - e a sua legitimação por predicação (GALVES 1988)).

76 - Conforme já apontamos em (2.2.1.), a admissão de um caso morfológico no sintagma adverbial não-argumental não muda o fato de que aí não há governo vindo do verbo ou do núcleo verbal.

77 - Ver nota 74.

78 - Isso se dá porque pode-se postular um operador vazio que, pelas informações que contêm (pessoa, número) identifique propriamente pro e que faça, posteriormente, a mediação entre pro e o sintagma adjungido abertamente expresso.

79 - Muitos considerarão esse passo desnecessário, já que pro está autorizado. Vamos mantê-lo porque ele é a evidência de que o vazio em questão só pode ser pro e não PRO.

80 - Com isso estamos querendo dizer que um pronome explícito ou um pro são compatíveis com um valor de variável funcionalmente definida (cf. LASNIK & URIAGEREKA (1988: 67)).

81 - Ver CHOMSKY (1982: 68).

82 - Idem, ibidem.

83 - Ver HUANG (1984).

84 - Idem.

85 - Essa visão é sustentada pela conexão entre marcação temporal e o sistema complementizador. E complementizadores estão situados em uma posição estrutural na qual se esperaria encontrar operadores de proposição. (ver STOWELL, 1981). O tratamento de Flex como um operador de proposição em Tikuna não tem, como conseqüência para a análise

da língua Tikuna, um tratamento nos mesmos termos da concordância. Na realidade, os nossos argumentos para tratar Flex como um operador sentencial são compatíveis com proposta recente (ver IATRIDOU, S. 1990) que, retirando o nódulo/traço concordância da área de Flex, faz com que a concordância deixe de ser vista como uma posição estrutural e passe a ser tratada como uma manifestação da relação entre um predicado e seu sujeito.

86 - Leia-se: na visão de CHOMSKY (1981). Os comentários que se seguem a respeito da concordância estão, como deixamos claro, presos à sua visão teórica dentro do nódulo Flexão. Enquanto assim concebida, a concordância pôde ser vista como ativa nas teorias de vinculação e Caso. Sem papel ativo no nódulo de vinculação desde Chomsky (1985), quando a noção de categoria de governo foi redefinida em termos de complexos funcionais completos (cf. IATRIDOU; S. 1990: 569), a concordância mantém a sua relevância para a teoria do Caso. E foi no âmbito da teoria do Caso que, ao tratarmos da ordem SOV, dissemos que a atribuição do Caso nominativo a um SN se dá, da direita para a esquerda, via concordância, que manifesta a relação de predicação.

87 - Segundo TARALDSEN (1978). Op. citada em HUANG (1984).

88 - Cf. HUANG (1984).

89 - Idem.

90 - Leia-se: no quadro da teoria gerativa anterior à extensão

do $\bar{X}$ a categorias não-lexicais (extensão sancionada em CHOMSKY (1986).

91 - CHOMSKY (1981: 40-41, 64). Conferir a não-obrigatoriedade de PRO como especificador de um SN nos exemplos abaixo, retirados de CHOMSKY (p. 64):

a. I'd much prefer

$[_{NP}$PRO going to a movie]

b. I'd much prefer $[_{NP}$ his going to the movie]

92 - Isso traz conseqüências em termos do posicionamento de sintagmas adjungidos, que não necessitarão obrigatoriamente espelhar a ordem dos elementos em posição argumental (por exemplo, SOV/V-OS). Apenas um desses sintagmas será relevante para a atribuição de um índice e esse sintagma será aquele que corresponda ao argumento interno do verbo.

93 - Cabe aqui a observação de que "a análise dos existenciais como operadores de quantificação é semanticamente natural (na verdade, impositiva)". (Carlos Franchi, comunicação pessoal).

94 - A linha simples indica aqui apenas a forma que assume a noção 'objeto' interna à forma verbal.

95 - A marca morfológica que porta o clítico pode, às vezes, não se fazer presente no sintagma nominal pleno - fato que, a nosso ver, depende não só da semântica do verbo como dos traços semânticos contidos na frase nominal complemento.

96 - Nos dados acima que apresentam o clítico (2.181., 2.182., 2.183), o objeto direto - à esquerda - troca de posição com o sujeito e o clítico, co-indexado a um vazio, pode buscá-lo e identificá-lo. Se houvesse, porém, nos mesmos dados, uma frase nominal pós-verbal abertamente expressa e compatível com os traços do clítico, seria ela a ser identificada como objeto direto - o que levaria os mesmos dados a serem considerados agramaticais. Exploração de dado nesse sentido se encontra na seção referente a movimento wh (parte II).

97 - Ver nota 64. Como conseqüência das considerações que fizemos, ao longo desta seção, sobre a necessidade de se utilizar as partículas em pauta, a noção de visibilidade deveria ser ampliada de modo a poder ser associada à atribuição de papel não-temático (isto é, papel não-associado à rede temática do verbo, papel discursivo). Uma ampliação dessa noção permitiria considerar as mesmas partículas focalizadas como atribuidoras de um "Kaso" (devo o termo e a sugestão a Carlos Franchi). Por outro lado, uma extensão nesse sentido importaria em ampliar de muito os objetivos do presente trabalho, sem contar o fato de que, para essa extensão, enfrentaríamos dificuldades de ordem teórica, na medida em que a própria teoria de Caso está limitada a posições argumentais e tematizadas.

98 - De acordo com JAEGGLI (1986: 37-38), um par Casual é construído para cada traço de Caso de um atribuidor de Caso, o qual corresponde a um recebedor de Caso. Assim:

Seja α um traço de Caso

Se há dois ou mais pares Casuais

(α, β) $(\alpha \gamma)$

então β e γ não podem ambos ser elementos nominais.

99 - Essa foi a solução que oferecemos em SOARES (1990), onde não lidamos com a questão da vinculação em Tikuna.

100- Cf. CHOMSKY (1981: 170-183).

101- Idem, pp. 331-332.

102- A presença de uma das formas cuja tradução contém a idéia de 'ser, existir' (thi'ĩ 'eu sou'; qui'ĩ 'você é'; ni'ĩ 'ele é'; i'ĩ 'ela ẽ'; ti'ĩ 'ele/ela íntimo(a) é'; ti'ĩgü 'nós somos' pi'ĩgü 'vocês são'; ni'ĩgü 'eles são') leva a ocorrência de um processo de nominalização:

. nainecü	wa	ni'ĩ	namũü
mato, selva	locativo	3p-ser, existir	3p-viver-nominalizador

'ele vive na selva'

Conclusão

Os caminhos percorridos na análise nos levaram a uma determinada visão da língua Tikuna. Nessa visão, o Tikuna é uma língua sem movimento, o que nos impede de falar em ordens derivadas. Dada a flexibilidade existente com relação à ordem de palavra, outro é o modo, na língua, de se chegar a uma variação de posicionamento entre os constituintes maiores de uma sentença.

Os constituintes na língua têm a sua ordenação determinada, de um lado, por um parâmetro básico estrutural e, de outro lado, por uma variada manifestação casual.

O parâmetro básico estrutural do Tikuna é núcleo final, com predicação e atribuição de papéis temáticos e casos estruturais à esquerda.

A manifestação casual, por sua vez, inclui:

1) casos estruturais:

   a) Caso nominativo via concordância (entendendo-se a concordância como manifestação da relação de predicação, e não como algo contido em Flex);

   b) Caso acusativo via regência pelo verbo e pelas posposições e adjacência a esses regentes;

2) casos morfológicos (que distingui das posposições);

3) casos via cadeia com clíticos;

4) casos via modificação na forma do verbo (isto é, marca

ção da diátese verbal, com a presença de marcas de objetivo direto interno); esses casos são passíveis de redução ao mecanismo anterior através da possível incorporação do clítico ao verbo.

Os casos não-estruturais acima têm a sua presença na língua ligada ao rompimento da ordem estrutural.

Além de um parâmetro básico estrutural e de uma manifestação casual variada, a língua também apreenta uma distinção entre o que é predicado e o que é adjunto, sendo os adjuntos gerados na base. As estruturas de adjunção incluem:

a) sintagmas nominais pospostos ao núcleo
b) "adjetivos"
c) orações "relativas"
d) sintagmas "adverbiais" não-argumentais
e) sintagmas nominais que expressam o escopo de operadores (estando aqui contidos os operadores de quantificação - quantificadores, verbos existenciais).

A distinção entre o caráter argumental e o caráter adjuntivo de um constituinte possui um papel restritivo suplementar sobre a ordem, na medida em que é desse caráter que um constituinte pode retirar o seu ordenamento em relação ao núcleo atribuidor de função temática.

Resta dizer algumas coisas sobre o verbo. Em primeiro lugar, a existência de modificações na forma verbal mostra que o verbo funciona como uma fronteira na língua, visto que um argu-

mento interno não é simplesmente colocado à direita do verbo. Em segundo lugar, vem a íntima conexão entre o verbo e a frase nominal complemento, isto é, a íntima ligação existente entre os elementos que constituem o sintagma verbal no seu nível mais básico, a íntima ligação existente entre O e V. Prova disso está na utilização de marcas morfológicas que, fora do SV, readquirem sua autonomia e podem, em função dessa autonomia, serem consideradas como posposições (e não afixos, que é o que ocorre quando elas estão dentro do SV)*. Por fim, a existência de modificações na forma do verbo e a íntima conexão existente entre O e V revelam que o verbo é o elemento que basicamente permite e limita certos comportamentos sintáticos. Em outras palavras, o verbo, que é fronteira na língua, é também o núcleo da sentença, no sentido de que é do núcleo que partem certas informações e é no núcleo que, conseqüentemente, poderão ser introduzidas certas informações.

Finalmente, vamos dizer que a sintaxe Tikuna, tal como foi apresentada, tem as suas principais questões relacionadas à teoria do Caso e, possivelmente, a uma extensão futura dessa mesma teoria.

Notas

1 - O que aqui apresentamos é a ampliação de um trabalho que, com o mesmo título, escrevemos no segundo semestre de 1984. A ampliação trouxe consigo algumas modificações na análise. Queremos dizer ainda que, neste volume, nos valemos da escrita em Tikuna para facilitar a leitura dos dados por parte de quem queira vê-los, sobretudo, pelo ângulo sintático.

2 - Cf. EMONDS (1980: 33)

3 - Cf. RODRIGUES (1970: 4034-4036)

4 - Há também Tikunas no Peru e na Colômbia. Atualmente, a estimativa do número total de Tikunas se situa acima de 20.000 indivíduos (cf. OLIVEIRA FILHO, 1986: XX-XXIV), estando a maior parte localizada no Brasil, em área que abrange terras de oito municípios do estado do Amazonas: Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antonio do Içá, Tonantins, Jutaí e Beruri.

5 - Ver ANDERSON (1959), LOWE (1960) e SOARES (1986)

6 - Ver ANDERSON (1959: 77): "É de particular interesse para o campo lingüístico o sistema de cinco níveis fonêmicos de altura que constituem o primeiro sistema de tom assim intrincado a ser encontrado na América do Sul. Até agora admitiu-se que na América do Sul não havia línguas tonais de tipo semelhante às da

Bibliografia

ANDERSON, L. Ticuna vowels with special regard to the system of fire tonemes. Série lingüística 1, Rio de Janeiro, Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1959.

_____. The structure and distribution of Ticuna independent clauses. Linguistics 20, Paris, Mouton & Co, 1966.

BAKER, M. C. Incorporation. A theory of grammatical function changing. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1988.

BASILIO, M. Teoria lexical. São Paulo, Ática, 1987.

BORER, H. Parametric variation in clitic constructions. Thesis submitted to the Department of Linguistics and Philosophy, M.I.T, 1981.

_____. Parametric syntax. Case studies in Semitic and Romance languages. Dordrecht, Foris Publications, 1984.

CHOMSKY, N. On binding. Linguistic Inquiry 11, nº 1, 1980.

_____. Lectures on government and binding. Dordrecht, Foris Publications, 1981.

_____. Some concepts an consequences of the theory of government and binding. Cambridge, MIT Press, 1982.

_____. Knowledge of language: its nature, origin and use. New York, Praeger Publishers, 1985.

_____. Barriers. Cambridge, MIT Press, 1986.

EMONDS, Y. Word order in generative grammar. Journal of Linguistic Research 11, Indiana University Linguistic Club, 1980.

GALVES, C. Objeto nulo e predicação: elementos para uma caracterização da sintaxe do Português Brasileiro, 1988. Mimeo.

HUANG, C. T. Y. Logical relations in Chinese and the theory of grammar. Thesis submitted to the Department of Linguistics and Philosophy, Massachussetts Institute of Technology, 1982.

_____. On the distribution and reference of empty pronouns. Linguistic Inquiry 15, nº 4, 1984.

IATRIDOU, S. About Agr (P). Linguistic Inquiry, volume 21, number 4: 551-577, 1990.

ILARI, R. & FRANCHI, C. Clitic component and "pragmatic" functions in Biellese, 1984. Mimeo.

JACKENDOFF, R. Toward an explanatory semantic representation. Linguistic Inquiry 7: 89-150, 1976.

JAEGGLI, O. A. Topics in Romance syntax. Dordrecht, Foris Publications, 1982.

_____. Three issues in the theory of clitics: case, doubled NPs, and extraction. In BORER, H. (ed.) Syntax and semantics 19. The syntax of pronominal clitics. London, Academic Press, 1986.

KAYNE, R. S. French syntax. Cambridge, MIT Press, 1975.

KEENAN, E. Towards a universal definition of subject of. In: LI, Charles, N. (ed.) Subject and topic. New York, Academic Press, 1976.

KIPARSKY, P. Elsewhere in Phonology. In: ANDERSON, S. R. & KIPARSKY, P. (eds.) A Festschrift for Morris Halle. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1973.

LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. A Course in GB Syntax. Lectures on Binding and Empty Categories. Cambridge and London, The MIT Press, 1988.

LOWE, I. Tikuna phonemics. SIL, 1960a. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

_____. Tikuna noun and verb morphology. SIL, 1960b. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

_____. A preliminary survey of Tikuna syntax. SIL, 1960c. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

MARANTZ, A. On the nature of grammatical relations. Cambridge MIT Press, 1984.

RIZZI, L. Theory of pro Linguistic Inquiry 17, nº 3, 1986.

RODRIGUES, A. D. Línguas ameríndias. Verbete Língua da Gran de Enciclopédia Delta Larousse, v. 9, 1970.

_____. Three issues in the theory of clitics: case, doubled NPs, and extraction. In BORER, H. (ed.) Syntax and semantics 19. The syntax of pronominal clitics. London, Academic Press, 1986.

KAYNE, R. S. French syntax. Cambridge, MIT Press, 1975.

KEENAN, E. Towards a universal definition of subject of. In: LI, Charles, N. (ed.) Subject and topic. New York, Academic Press, 1976.

KIPARSKY, P. Elsewhere in Phonology. In: ANDERSON, S. R. & KIPARSKY, P. (eds.) A Festschrift for Morris Halle. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1973.

LASNIK, H. & URIAGEREKA, J. A Course in GB Syntax. Lectures on Binding and Empty Categories. Cambridge and London, The MIT Press, 1988.

LOWE, I. Tikuna phonemics. SIL, 1960a. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

_____. Tikuna noun and verb morphology. SIL, 1960b. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

_____. A preliminary survey of Tikuna syntax. SIL, 1960c. No Arquivo do Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ.

MARANTZ, A. On the nature of grammatical relations. Cambridge MIT Press, 1984.

RIZZI, L. Theory of pro. Linguistic Inquiry 17, nº 3, 1986.

RODRIGUES, A. D. Línguas ameríndias. Verbete Língua da Gran de Enciclopédia Delta Larousse, v. 9, 1970.

SOARES, Marília Facó. Alguns processos fonológicos em Tükuna (1983). Cadernos de Estudos Linguísticos 10: 97-138, Campinas, 1986.

SOARES, M. F. Marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna Cadernos de Estudos Linguísticos 18: 79-114. Campinas, 1990.

STOWELL, T. A. Origins of phrase structure. Thesis submitted to the Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, 1981.

TRAVIS, L. Parameters and effects of word order variation. PhD. Thesis, MIT, 1984.

USPENSKY, B. Principles of structural typology. Paris, Mouton, 1968.

WILLIAMS, E. Predication. Linguistic Inquiry 11, nº 1, 1980.

WILLIAMS, E. Argument structure and morphology. The Linguistic Review, 1,2, 1981.

O SUPRASSEGMENTAL EM TIKUNA E A TEORIA FONOLÓGICA

Volume II

R I T M O

Tomo I

Marília Facó Soares

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre

Trabalho apresentado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título Doutor em Ciências

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Marília Facó Soares e aprovada pela Comissão Julgadora em 29/06/92.

PROFA DRA MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE

Campinas, fevereiro de 1992

So11s
v.2
17152/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. ENTRE A SINTAXE E A FONOLOGIA

2.1. Constituição de todos fonológicos: primeiras aproximações .....

2.2. Padrões rítmicos .....

2.2.1. Aproximações e distanciamentos .....

2.2.1.1. Sucessões e alternâncias ....

2.2.1.2. Recorte de seqüências rítmi - cas .....

2.2.1.3. Configurações e domínios fonéticos .....

2.2.1.4. Conjuntos rítmicos e características fonéticas .....

2.2.1.4.1. Altura .....

2.2.1.4.2. Duração .....

2.2.1.4.3. Segmentos vocálicos .....

2.2.1.5. Relações entre características fonéticas .....

2.2.1.5.1. Relações com base na análise auditiva .....

2.2.1.5.2. Relações com base na análise experimental .....

2.2.2. Do tratamento fonológico do ritmo ....

2.2.2.1. O modelo determinista de Halle e Vergnaud .....

2.2.2.2. O modelo paramétrico de Hayes

2.2.2.3. Ritmo em Tikuna .....

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....

Introdução

Este segundo volume é inteiramente dedicado ao ritmo. Por razões que se encontram explicitadas logo ao início, localizamos no estudo do ritmo o caminho para a explicação do desajustamento observado entre a sintaxe e a fonologia. Também logo ao início, deixamos claro por que não partimos de formas plenas para lidar com a constituição rítmica de todos fonológicos em Tikuna e por que, mesmo tendo por meta a representação de identidades rítmicas, optamos por nos apoiar em dados fonéticos e por operar com uma noção - a noção de agrupamento fonológico - que permite a observação da constituição de grupos rítmicos sem uma vinculação prévia à estrutura morfológica e sintática. Essa noção é tomada como básica para o estabelecimento do elo existente entre agrupamentos rítmicos revelados e organizações possuidoras de uma identidade lingüística.

No caminho para o estabelecimento de tal elo, três tipos de textos são apresentados para exame, dando-se a sua apresentação de mais de uma maneira: os textos são apresentados sob sua forma escrita, produzida, e, ainda, fragmentada - essa última sendo resultante da utilização da noção de agrupamento fonológico. Os três tipos de texto vistos neste trabalho são um texto político, um texto mítico e um texto narrativo que não está ligado nem a uma arte do bem contar nem à expressão de unidades em conflito. Sendo diferentes do ponto de vista discursivo, os três textos apresentam similaridades quanto a aspectos da materialidade sonora que possuem estreita ligação com o ritmo. Identificadas em termos de aproximações e distanciamentos, tais similaridades apontaram para a possibilidade de utilização de determinados percursos analíticos, percursos esses que eliminamos após tê-los considerado em seções especialmente a eles destinadas. Com a eliminação de possíveis percursos de análise, voltamo-nos para o estudo de características fonéticas e da inter-relação entre elas, sendo essas características extraídas e relacionadas a partir dos domínios em que se constituem os agrupamentos fonológicos.

As características fonéticas que estudamos, objetivando uma compreensão do ritmo, são a altura, a duração e, no âmbito dos segmentos vocálicos, a abertura vocálica. O estudo do pla-

no da altura revela a existência de uma extensão-limite sobre a qual são constituídas melodias com efeito rítmico e, ao mesmo tempo, a existência de esquemas rítmicos básicos. No plano da duração, as revelações obtidas estão ligadas, de um lado, a uma análise que associa a questão do tempo e a das possibilidades de ramificação no interior da sílaba e, de outro lado, à demonstração do papel condutor da duração na criação de movimento no plano suprassegmental. Quanto à abertura vocálica, o seu tratamento foi no sentido de evidenciar a sua subordinação à altura e/ou à duração.

No plano do trabalho em que são relacionadas as características fonéticas mencionadas, o objetivo foi o de fornecer uma visão do processo de organização dos padrões rítmicos na língua e, ao mesmo tempo, o de determinar o tipo de relação que, nessa organização, mantêm a altura e a duração. Esse trecho do trabalho está fundamentalmente voltado para a demonstração de que existe, na língua, uma regulação rítmica programada para desenvolvimento em mais de um plano. Recebendo uma comprovação do ponto de vista da análise experimental, essa regulação é o que vai nos permitir falar em acento em Tikuna. Conseqüentemente, é essa mesma regulação que vai nos permitir, ao final do volume, passar à questão da representação de identidades rítmicas e associar os resultados da análise àqueles obtidos na investigação de aspectos sintáticos da língua.

2. ENTRE A SINTAXE E A FONOLOGIA

2.1. Constituição de todos fonológicos: primeiras aproximações

Em nossa análise, tivemos bons motivos para considerar como palavras o que chamamos de partículas índice.

O primeiro desses motivos foi o fato de ter sido encontrada pausa tanto antes quanto depois dos elementos em questão, como em (1), (2), (3) e (4).

O segundo motivo que tivemos foi o da reflexão lingüística feita pelos próprios falantes, que identificaram o que chamamos de partículas índice como algo separado do elemento seguinte, embora a ele referente.

Além da pausa real e da identificação feita por falantes nativos, há um outro "sintoma" a fortalecer a posição de que tais partículas em Tikuna podem ser palavras. Trata-se da especificação de um constituinte sintático em termos de um item dependente combinado ou a um item independente ou a um conjunto de itens independentes. Tal especificação se dá, por exemplo, em uma "oração relativa", que, como vimos na primeira parte deste trabalho, é basicamente caracterizada pela presença de uma das partículas apontadas (item dependente) e de um morfema nominalizador afixado a uma palavra que é, então, fruto de um processo de nominalização (item independente).

O que chamamos de partícula índice foi visto, na parte deste trabalho referente à sintaxe, como sendo um elemento que exibe uma face subordinadora que não pode ser devidamente apreciada sem uma reflexão sobre propriedades de indexação e atribuição de Caso. No que diz respeito ao que seria uma

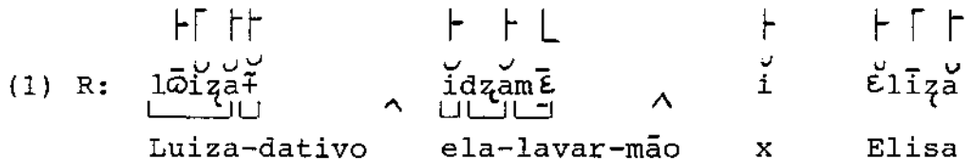
oração relativa – na realidade, uma construção nominal em Tikuna –, a relação modificado/modificador é assegurada pela presença do elemento em questão: ele permite o estabelecimento, dadas as suas propriedades de indexação, de uma predicação entre termos de um sintagma nominal. Tais termos podem ser dois nomes, sendo um deles correspondente a uma "oração relativa", como se dá em(5). Ao ser expandida, a construção nominal que é a "oração relativa" passa a conter uma locução que se mantém na condição de modificador de um nome devido à existência da partícula índice. Nessa situação, o que se tem é uma construção que passa a conter, no lugar de um item dependente combinado a uma categoria lexical, um item dependente combinado a uma locução, como acontece em (6).

A pausa real, a identificação feita por falantes nativos e a especificação de um constituinte sintático são critérios de natureza diferente. Combinados, os três propiciam uma visão das partículas índice como palavras.

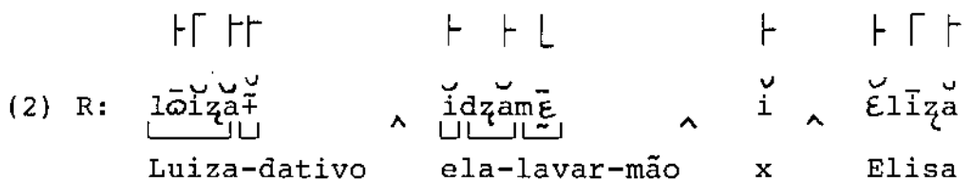
Com relação ao que consideramos ser marca de tópico, o seu status é igualmente o de palavra. A marca de tópico pode ser precedida e/ou seguida de pausa (exemplos 7, 8 e 9). Também ela pode ser identificada como palavra pelos falantes nativos e a ela pode ser atribuída de igual maneira a condição de item dependente combinado a um sintagma.

Possuidores de características que os aproximam, a marca de tópico e a partícula índice revelam ambos uma identidade de comportamento quando são observados de um ângulo que combina sintaxe e fonologia. Em sentenças da língua, como se pode ver abaixo, a marca de tópico e a partícula índice podem-se encontrar

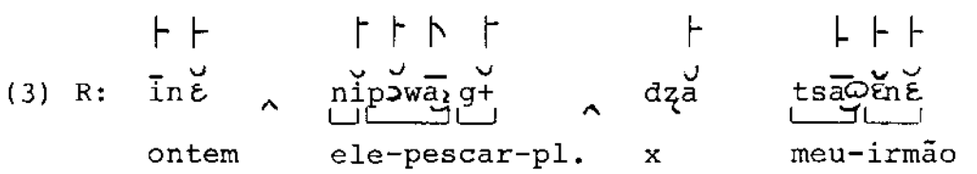
Exemplos (letras maiúsculas após o número de cada exemplo indicam o falante nativo):



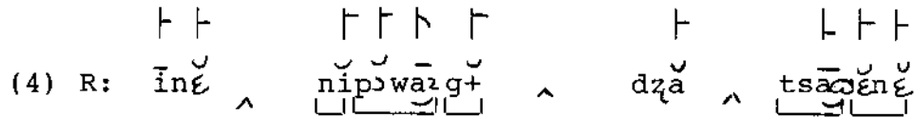
'Elisa está lavando a mão da Luiza'



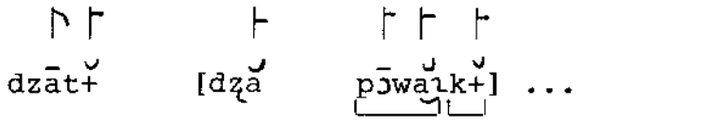
'idem'



'Ontem meus irmãos foram pescar'

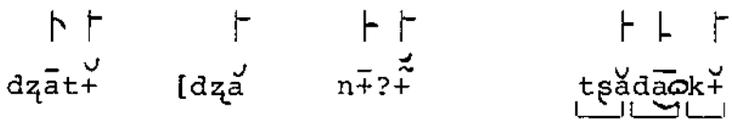
(4) R: 

'idem'

(5) R: ...  ...

homem x pescar-nominalizador

'o homem que pesca'

(6) R: 

homem x 3p-dativo 1p-ver-nominalizador

x ontem tópico 3p-caçar

'o homem que eu vi ontem foi caçar'

(7) P: ɛɾiza ɾ+ ^ lɷizapaɾa idzawa

Elisa tópico Luiza perna ela-riscar

'Elisa está coçando a perna da Luiza'

(8) P: ɛɾiʒa ^ ɾ+ lɷiʒa ^ idʒawəpaɾa

Eliza tópico Luiza ela-riscar-perna

'Elisa está coçando a perna da Luiza'

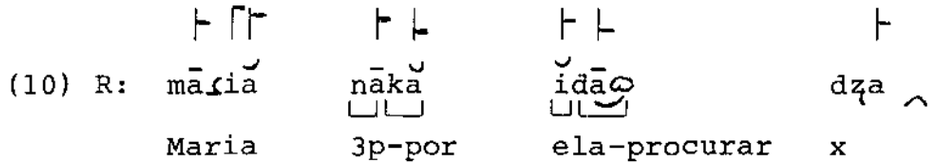
(9) P: hɛʒnaɷdu ^ ɾ+ ^ nidʒago i

Reinaldo tópico ele-objeto interno-assar x

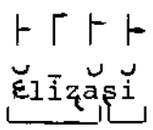
tʂɔ̃ʔni

peixe

'Reinaldo assou o peixe'

(10) R: 

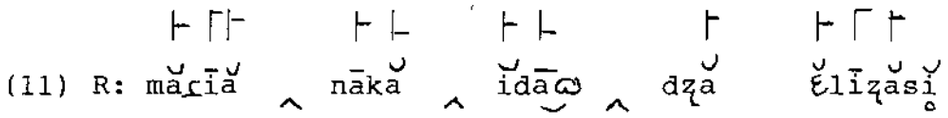
Maria 3p-por ela-procurar x



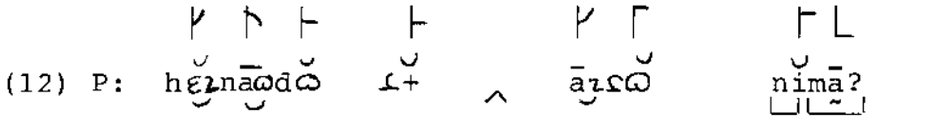
Elisa-piolho

'Maria está procurando o piolho da Elisa'

(Maria está catando o piolho da Elisa)

(11) R: 

'idem'

(12) P: 

Reinaldo tópico cachorro ele-matar

'Reinaldo matou o cachorro'

(13) R: ãpa ^ ɾ+ nãnɔ̃ɾɛ̃ ga nãɻ ...

antes tópico 3p-pouco x pau, árvore

'Antes tinha pouca árvore'

(14) P: aɾəɸõ̃ɐ̃ɷ̃ ɾ+ ^ hãɻ ^ dãɻmɷ̃ɾɷ̃ma ^ nãnõ̃ ^

Afonso tópico Raimundo com 3p-brigar

ɾ+ ãɸɾɛ̃dɷ̃ mã tã ^

tópico Alfredo com também

'Afonso brigou com Raimundo e Alfredo'

(15) aɾəɸõ̃ɐ̃ɷ̃ ^ɾ+ dãɻmɷ̃ɾɷ̃ ^ mãnãnõ̃ ^ ɾ+

Afonso tópico Raimundo com 3p-brigar e

ãɸɾɛ̃dɷ̃ ma tã ^

Alfredo com também

'Afonso brigou com Raimundo e Alfredo'

ou não fonologicamente ligados aos elementos aos quais semanticamente se referem (exemplos 10, 11, 12, 13). Esse fato recorrente nos permite afirmar que, no nível da sentença, tanto a marca de tópico quanto as partículas índice integram todos fonológicos independentemente das relações gramaticais que ambos estabelecem.

No nível sintático, não temos razões para considerar que os dois elementos em foco sejam clíticos sentenciais, clíticos aos quais seria aplicada a discutida "lei" de Wackernagel, pela qual eles ocupariam, nas línguas que os possuíssem, a segunda posição depois do primeiro constituinte (ou palavra) acentuado da oração, independentemente da categoria desse constituinte (ou palavra) (cf. KAISSE 1982, 1985). A razão para negar que estejamos diante de clíticos sentenciais é que esses, entendidos como constituintes de S, pressupõem a modificação de S, o que é comumente alcançado através da adverbialização ou modalização de uma sentença. Longe de serem clíticos (na nossa análise são palavras)[1], a marca de tópico e a partícula índice não adverbializam nem modalizam sentenças. E, mesmo que em Tikuna o caráter subordinador e a complementaridade em certos momentos existente entre partícula índice e posposições (ver parte I) permitam um tratamento sintático da partícula índice como conectivo - termo que abrange preposições/posposições e conjunções -, difícil será demonstrar que ela é um conectivo sentencial de caráter adverbial, adquirindo, em razão disso, afinidade com um clítico sentencial.

Ao que nos parece, tanto a marca de tópico quanto a

partícula índice se tornam clíticos apenas ao passarem a integrar todos fonológicos, não sendo possível determinar - no nível da sentença - a direção em que se dá essa cliticização.

A mesma cliticização se repete com conectivos e posposições (exemplos 14 e 15).

O nível da sentença mostra que as relações gramaticais não determinam a constituição de todos fonológicos, sendo de se esperar que esses sejam constituídos em função de algo que extrapola a sentença e que está ligado a uma determinada organização temporal. Por essa razão, voltamo-nos para a própria organização temporal, tentando nela detectar os elementos desencadeadores da constituição de todos fonológicos.

Ao procurarmos lidar com a constituição rítmica de todos fonológicos em Tikuna, tomamos a decisão de partir inicialmente de formas plenas cujos elementos exibissem um determinado grau de coesão. Uma decisão aparentemente sem problemas e que inscreveria o trabalho de buscar identidades rítmicas na língua que particularmente nos ocupa em uma linha de análise bem justificada: tomada uma forma plena, haveria uma comparação entre ela e outras manifestações a ela correspondentes, podendo-se chegar a arranjos rítmicos básicos, os quais seriam relacionados, por meio de certas regras, a arranjos rítmicos derivados. A busca de uma identidade rítmica lingüisticamente válida teria, assim, um respaldo na própria relação que viesse a ser estabelecida entre os termos que estivessem em jogo, assegurando-se, com isso, a existência de identidades lingüísticas não necessariamente vinculadas e/ou dependentes de

identidades físicas.

Nossa decisão inicial, se efetivamente tomada, apresentaria, entretanto, dois inconvenientes. Primeiramente, nossos dados apontavam para uma quebra, um desajustamento entre a sintaxe e a fonologia, e partir de formas plenas significaria tratar a questão do ritmo e, conseqüentemente, abordar o nível fonológico não só aceitando o predomínio do que é sintático e morfológico sobre o que é fonológico, mas também tornando inviável a verificação dos limites do próprio desajustamento observado entre sintaxe e fonologia. Em segundo lugar, partir de formas plenas e chegar a identidades rítmicas seria dar maior peso às relações que estivessem a sustentar o vínculo entre representações lingüisticamente estabelecidas e manifestações físicas, assumindo as próprias representações um segundo plano.

Em razão do que seriam nossos problemas, se partíssemos de formas plenas para lidar com a constituição rítmica de todos fonológicos em Tikuna, optamos por nos apoiar na noção de agrupamento fonológico, que, introduzida em SOARES (1991: 75-76), é aqui repetida, por necessidade de clareza:

> "A noção de agrupamento fonológico está ligada ao questionamento da idéia de que fenômenos fonológicos acabam por ser totalmente determinados pela estrutura morfo-sintática. Dito de modo mais claro, o agrupamento fonológico é uma tentativa de determinação de agrupamentos rítmicos sem que esteja na base dessa determinação a idéia de que a estrutura morfológica e sintática termina por fornecer o domínio maior dentro do qual são desencadeados os processos fonológicos. Os agrupamentos alcançados poderiam fazer supor que na noção de agrupamento fonológico poderia estar contido o velho vocábulo fonológico ou ainda o grupo de força, não fosse o fato de que o agrupamento fonológico é por nós colocado na perspectiva do falante nativo, e não na do

analista. Não se trata de tomar os enunciados produzidos e de neles identificar elementos demarcadores de agrupamentos fonológicos. Ao contrário, trata-se de recorrer ao falante nativo para que ele próprio passe ao pesquisador agrupamentos que poderiam ser efetivados se fossem outras as circunstâncias de produção de um determinado enunciado ou se fosse outro o estilo utilizado pelo falante. Para a obtenção de agrupamentos fonológicos, buscamos fragmentar o texto, isto é, buscamos fazer com que o próprio produtor de um texto ouça e fragmente a sua produção ou, não sendo isso possível, que o texto seja ouvido e fragmentado por um outro falante. No ato de fragmentar, um determinado falante pode retomar um texto e, à medida que o escuta, interrompê-lo a certos espaços de tempo - através do controle da tecla de pausa do gravador usado para a audição - e refazer seqüências dentro de um trecho do texto isolado. O papel do pesquisador, no que estamos chamando de fragmentação do texto, consiste em solicitar ao falante que reproduza o trecho isolado, pronunciando-o em velocidade lenta e nele inserindo pausas. A inserção de pausas, no caso, se dá por meio de uma fragmentação em que se fala "palavra" por "palavra"[2], sem que aqui se forneça ao falante qualquer definição de palavra e sem que esse mesmo falante possa ser considerado como alguém que efetivamente domine a escrita[3].

Como resultado do recurso ao falante nativo para a obtenção de agrupamentos fonológicos através da fragmentação do texto, tem-se, primeiramente, a constituição de grupos rítmicos sem uma vinculação prévia à estrutura morfológica e sintática. Seguem-se a isso a possibilidade de verificar a existência de certas medidas temporais na constituição dos agrupamentos fonológicos, bem como a possibilidade de checar essas medidas no texto estudado. E, ainda como um efeito do recurso mencionado, cria-se a possibilidade de discutir em outras bases a relação grupamento rítmicos e pés, já que não se está tomando como primordial o acento de intensidade, quer durante a constituição de agrupamentos fonológicos, quer durante o confronto desses mesmos agrupamentos com aqueles já existentes no texto que estiver sendo focalizado.

Em SOARES (1991), a noção de agrupamento fonológico nos foi

útil para o esclarecimento de questões preliminares. Ela nos serviu para verificar a relação grupamentos rítmicos/marcações de acento de intensidade, para determinar e justificar a existência de grupos rítmicos em um dado texto e, sobretudo, para identificar medidas temporais relevantes localizadas acima dos segmentos e da sílaba, isto é, para fixar a exitência de padrões rítmicos no interior de grupos rítmicos. Padrões rítmicos, de acordo com o trabalho em questão se localizariam em determinadas faixas temporais, por sua vez ligadas a um jogo de medidas que não levariam nem a um ritmo fixo nem a um ritmo em tudo variado. As faixas temporais, ainda de acordo com o mesmo trabalho, teriam a separá-las, do ponto de vista objetivo, um percentual. Esse percentual estaria situado entre 29% e 37% e permitiria a diferenciação entre troqueus (*-u*), de um lado, e dátilos (*-uu*), de outro lado. Além disso, tendo sido alcançado quer no nível sintagmático, quer no nível paradigmático dentro de um mesmo texto, esse percentual se manteria de texto para texto[4] e estabeleceria a diferença não só entre troqueus e dátilos/anapestos, mas estaria também na base da diferença entre dátilos/anapestos, de um lado, e peões (*-uuu*), de outro lado. Mais importante, porém, do que a demarcação de faixas temporais seria o fato de que a flutução em torno de um percentual indicaria a existência de uma medida temporal relevante.

As medidas encontradas e relacionadas ao percentual que demarca faixas temporais podem ser vistas, de um lado, como excessivamente grandes e, em razão disso, como reveladora de metros temporalmente muito extensos[5] e, de outro lado, como

medidas que, diretamente relacionadas a conjuntos rítmicos realizados, possuiriam uma ligação imediata com identidades físicas e nenhum vínculo necessário com identidades lingüísticas. Além disso, como o seu meio de obtenção está apoiado no abandono do acento de intensidade como elemento demarcador de pés ou intervalos, os percentuais encontrados seriam fruto não mais de um parâmetro arbitrário como o acento de intensidade, mas de um outro parâmetro igualmente arbitrário - a duração.

No caminho para o estabelecimento do tipo de elo existente entre agrupamentos temporais revelados e organizações possuidoras de uma identidade lingüística, vamos aqui retomar SOARES (1984), levando adiante as conseqüências da noção de agrupamento fonológico e voltando a atenção, em um momento inicial, para conjuntos rítmicos e características fonéticas, para a conexão entre características fonéticas e para as relações existentes entre diferentes agrupamentos fonológicos resultantes de diferentes fragmentações de um mesmo texto.

2.2. Padröes Rítmicos

Em "Padröes rítmicos: elementos para uma relação entre som e estrutura", trabalho realizado em 1984[6], não há qualquer formulação de agrupamento fonológico. Lá está, no entanto, o cotejo entre texto produzido e texto fragmentado, sendo que o texto fragmentado já é ele próprio fruto da fragmentação de texto tal como essa foi há pouco descrita[7]. Os agrupamentos fonológicos - conseqüências do ato de fragmentar - também lá se encontram na prática.

A constituição de agrupamentos fonológicos não nos leva, de acordo com o que afirmamos anteriormente, a tomá-los como um degrau que dá acesso imediato a representações rítmicas básicas. Na realidade, agrupamentos fonológicos são o ponto de partida para a busca de medidas relevantes, medidas que se tornam visíveis através do confronto entre o que está no texto produzido e o que está no texto fragmentado. São ainda os agrupamentos fonológicos um ponto de partida para o entendimento do que venham a ser representações e relações na língua estudada.

Retomando o que, em "Padröes rítmicos: elementos para uma relação entre som e estrutura", se tem na prática, em termos de agrupamentos fonológicos, vamos explorar as possibilidades por eles oferecidas, quer revendo textos cujas partes já foram consideradas em outras oportunidades[8], quer submetendo à análise um novo texto. Vamo-nos centrar em três textos: um texto produzido, na aldeia Vendaval, município de São Paulo de Olivença, em janeiro de 1983, por Pedro Inácio Pinheiro, capitão da aldeia na época[9]; um texto mítico narrado, em

setembro de 1985, na aldeia Belém do Solimões, município de Tabatinga, pela velha Dalvina, exímia contadora de histórias; um texto narrativo em primeira pessoa que, centrado em um único personagem atingido por certos acontecimentos, não está ligado, à primeira vista, a uma arte do bem contar [10] nem à expressão de unidades em conflito. Esse último texto foi produzido, em setembro de 1987, na aldeia Kanimaru, município de Amaturá, por Erâncio Pereira Guedes, filho de capitão e, na época, com aspirações a líder. Os três textos estão geográfica e temporalmente separados, e é de se esperar que, dadas as diferenças de gênero[11] e estilo, sejam diversos quanto à exploração do ritmo. No entanto, como os três textos foram produzidos na mesma língua, é de se esperar também que neles estejam concretizadas certas possibilidades rítmicas oferecidas pela própria língua. Os três textos se fazem aqui presentes de mais de uma maneira.

Os textos são, em primeiro lugar, textos produzidos e, como tal, estão transcritos conforme o Alfabeto Fonético Internacional, do qual se afastam apenas no que diz respeito ao registro da intensidade e de certas referências feitas à duração. (A intensidade é transcrita com o sinal ˈ acima da representação da altura. A duração - assinalada imediatamente acima do nível dos segmentos - é sempre duração silábica e é coincidente, de modo geral, com a duração do núcleo; apenas nos casos em que essa coincidência não se dá, é que a transcrição recebe o acréscimo do registro da duração do núcleo, um registro que é feito logo abaixo do próprio núcleo). Os textos produzidos (TP),

assim representados, são objeto de uma segmentação morfológica, de uma tradução justalinear e de uma tradução livre. E possuem todos uma contraparte escrita: os três estão escritos segundo uma grafia que vem resultando de um consenso, entre os Tikunas do lado brasileiro, quanto a representação de aspectos da língua[12].

Não há, como se poderá constatar, afastamentos consideráveis entre o texto produzido e o texto escrito que o quer refletir. Uma proximidade entre as duas modalidades em que se apresentam os textos se deve, certamente, a uma iniciativa do pesquisador, que solicitou aos falantes nativos realizadores do texto escrito[13] uma fidelidade ao que o falante autor ou narrador estava efetivamente produzindo. Essa solicitação não evitou, porém, que no texto escrito houvesse cortes, acréscimos ou substituições de itens presentes no texto produzido[14]. Para que o leitor possa identificar, passo a passo, os pontos de semelhança e as diferenças entre texto escrito (TE) e texto produzido (TP), ambos são apresentados de maneira interligada: o texto produzido, dividido arbitrariamente em linhas que se iniciam por pausas ou por acentos de intensidade[15], tem para cada uma dessas linhas uma contraparte escrita que a acompanha; uma referência fundada na numeração associa as linhas do texto produzido à sua contraparte escrita, e a tradução justalinear e a tradução livre oferecidas para as linhas do texto produzido podem ser confrontadas com aquelas referentes ao que é contraparte escrita.

Na esteira da apresentação interligada entre texto produzido e texto escrito, estão as seqüências de fragmentações que fazem

parte do que estamos chamando de texto fragmentado (TF). As seqüências de fragmentações - reveladoras dos agrupamentos fonológicos há pouco mencionados - também são relacionadas, em sua apresentação, às linhas do texto produzido e, quando necessário, são objeto de tradução justalinear.

As três diferentes maneiras de apresentar os textos que são agora objeto de nossa atenção têm a sua razão de ser. A fragmentação do texto é, como já foi dito, estratégia para a obtenção de agrupamentos fonológicos. E a apresentação do texto escrito, de interesse para a verificação daquilo que a escrita acolhe ou elimina, tem aqui um papel importante, que é o de propiciar a visão de determinadas representações concretamente fornecidas por falantes nativos - representações que não resultam da análise do lingüista e que constituem, desde Sapir[16], um ponto de interesse para essa mesma análise.

Das três maneiras de apresentar os textos, apenas uma exibe variações. é aquela relacionada ao ato de fragmentar o texto. Dado o interesse que temos em comparar agrupamentos fonológicos resultantes de diferentes fragmentações de um mesmo texto, as fragmentações realizadas pelos falantes que participaram da fragmentação dos textos produzidos são apresentadas na íntegra e com as variações que cada uma delas comportou. O primeiro texto foi produzido e fragmentado por um mesmo falante - no caso, Pedro Inácio Pinheiro (Ngematücü), pertencente à nação onça. O segundo texto -parte de uma narrativa mítica - não foi fragmentado por quem o produziu: a velha Dalvina, por ser vista como uma contadora de histórias por excelência, dificilmente assumiria

(mesmo que momentaneamente) o papel de professora, de explicadora de coisas da língua Tikuna. A fragmentação do texto mítico foi feita, então, por três outros falantes. O primeiro texto fragmentado (TF_1) pertence a José Tenazor, um Tikuna de 39 anos sem nação (porque apenas sua mãe é Tikuna)[17], e morador de Belém do Solimões. A segunda fragmentação (TF_2) foi realizada por Gilberto Alves Tertuliano (Detchacurecü), pertencente à nação avai, filho de uma Tikuna originária da Colômbia, morador da aldeia Kanimaru e contando, na época, 23 anos. A terceira fragmentação (TF_3) foi efetuada por Erâncio Pereira Guedes, da nação avai, originário de Kanimaru e já anteriormente mencionado.

O terceiro texto tem como um de seus fragmentadores o próprio autor: Erâncio Pereira Guedes (Mucucü) produziu e é responsável por aquela que aparece como a última (TF_3) dentre as duas fragmentações referentes ao terceiro texto. Quanto à outra fragmentação desse texto (TF_2), ela foi realizada por Gilberto Alves Tertuliano.

Passemos, então, aos textos e às possibilidades presentes na variedade de sua apresentação.

TEXTO 1

Autor: Pedro Inácio Pinheiro (Ngematũcũ)

T.E. 1)	Tchamanacũ ,	nũcũma	i	nori	itchama	cũana
	eu mesmo	antigamente/antigo	x	primeiro	x eu	não é mesmo?

tchona	nangema	ya	tchaũnatũ
eu-para	3p-existir	x	meu-dono,pai

'Eu mesmo. Antigamente primeiro eu — não é mesmo? —, para mim existia meu pai ...'

T.P. 1) s.amanãkɨ nõkɨma i nɔɾi tʂama kan tʂɔnaŋɛɛma

eu mesmo | antigamente | x | primeiro | eu | não é mesmo? | eu-para-3p existir

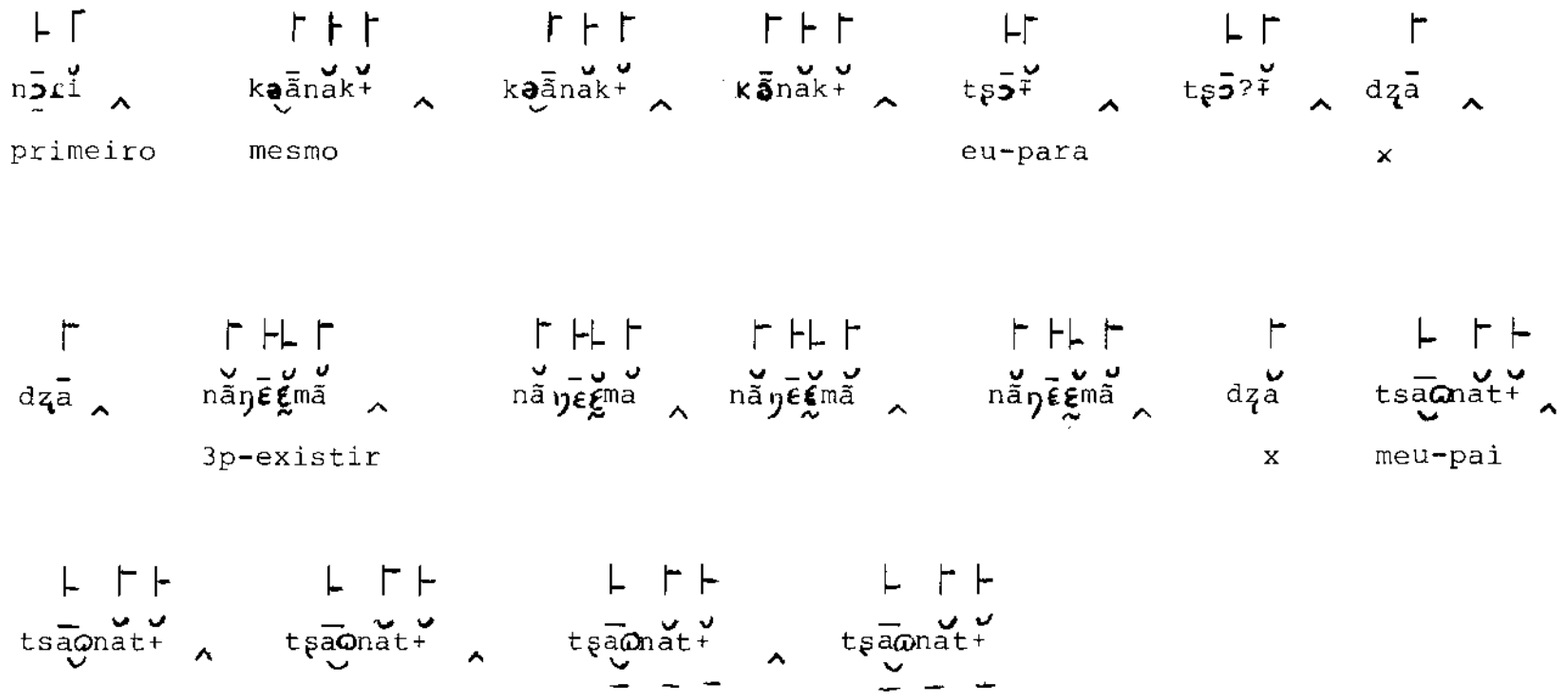
dʐa tsaɷnatɨ

x | meu-dono, pai

'Eu mesmo. Antigamente primeiro eu — não é mesmo? —, para mim existia meu pai ...'

T.F. 1) nãkɨ i tʂama nõkɨma nõkɨma i nɔɾi i ŋɛgɷma

mesmo | x | eu | antigo | antigo | x | primeiro | x | dêitico 'quando'

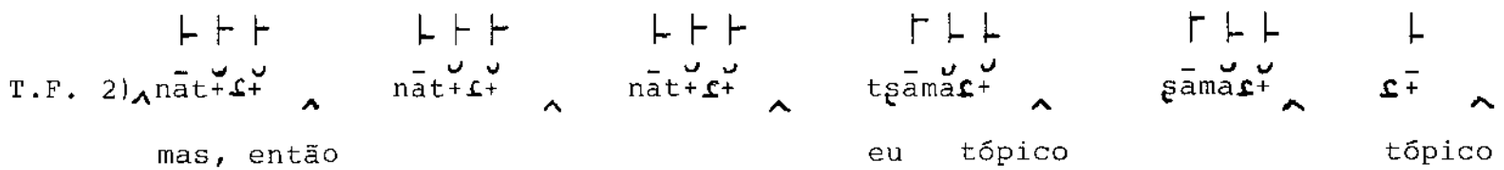

primeiro
mesmo
eu-para
x
3p-existir
x
meu-pai

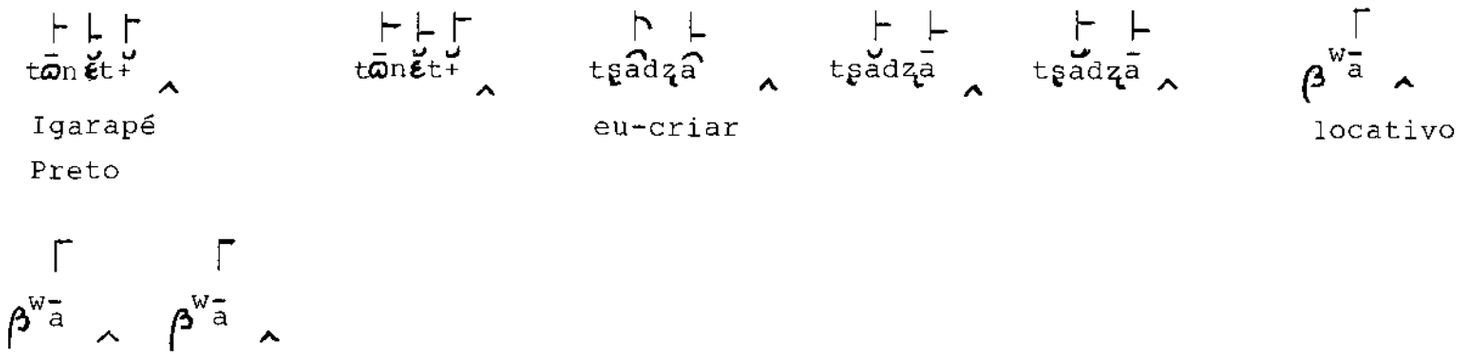
T.E. 2) natürü tchama rü tunetüwa tchayá,

então, mas eu tópico Igarapé Preto em eu criar

'mas eu, me criei no Igarapé Preto'

'mas eu, me criei no Igarapé Preto'




Igarapé
Preto
eu-criar
locativo

T.E. 3) tunetücüã tchi'ĩ i tchama

Igarapé Preto origem eu-ser x eu

'sou natural do Igarapé Preto'

T.P. 3) tɷnɛ̆tɨ̆ kə̄a ? dzĭ ɨ̆ tʂāmă

Igarapé Preto origem eu-ser x eu

'sou natural do Igarapé Preto'

T.F. 3) kɨ̄ã ^ kɨ̄ã tʂī?ĩ ^ tʂī?ĩ ^

origem origem eu-ser eu-ser

T.E. 4) natürũ mu'ũma i dũ'ũgũ rũ tama nũ'ũ

mas muito x pessoa plural (monte) tópico negação 3p-dativo

nacuaega nanhunhaacũ nayi'iũ

3p ter conhecimento como 3p-ser

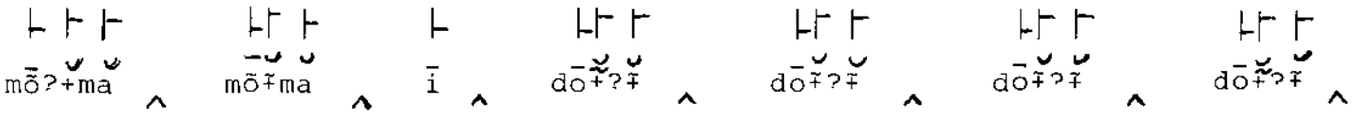
'mas muitas pessoas não sabem como é ...'

T.P. 4) nãt+ mõ?ma x dõ g+ tama

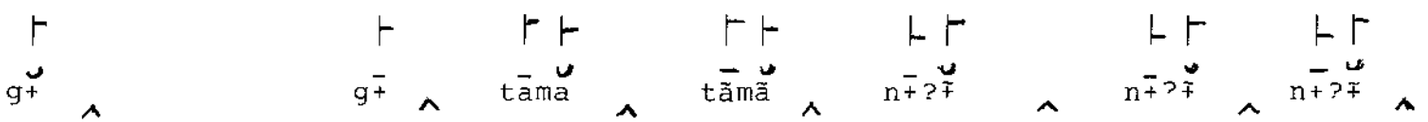
mas muito x pessoa plural (monte) tópico negação

3p- ter conhecimento como 3p-ser

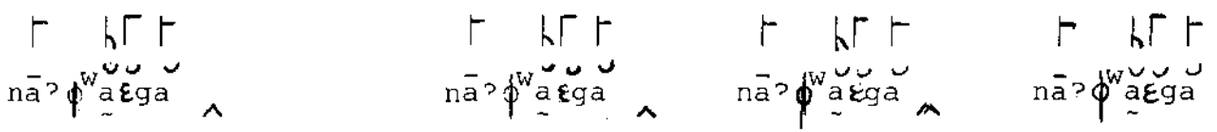
'mas muitas pessoas não sabem como é ...'

T.F. 4) 

muito x pessoa



plural (monte) negação 3p-dativo



3p-ter conhecimento

nāʔɸʷaɛgā ^ ɲō ^ ɲō ^ nāʔ ^ nāʔ ^ nāʔ ^ nā dʑiʔī ^ nāʔ

como

dʑiī ^

T.E. 5) i tchorũ mãũ rũ tchorũ bu, nageta na tcha buũ

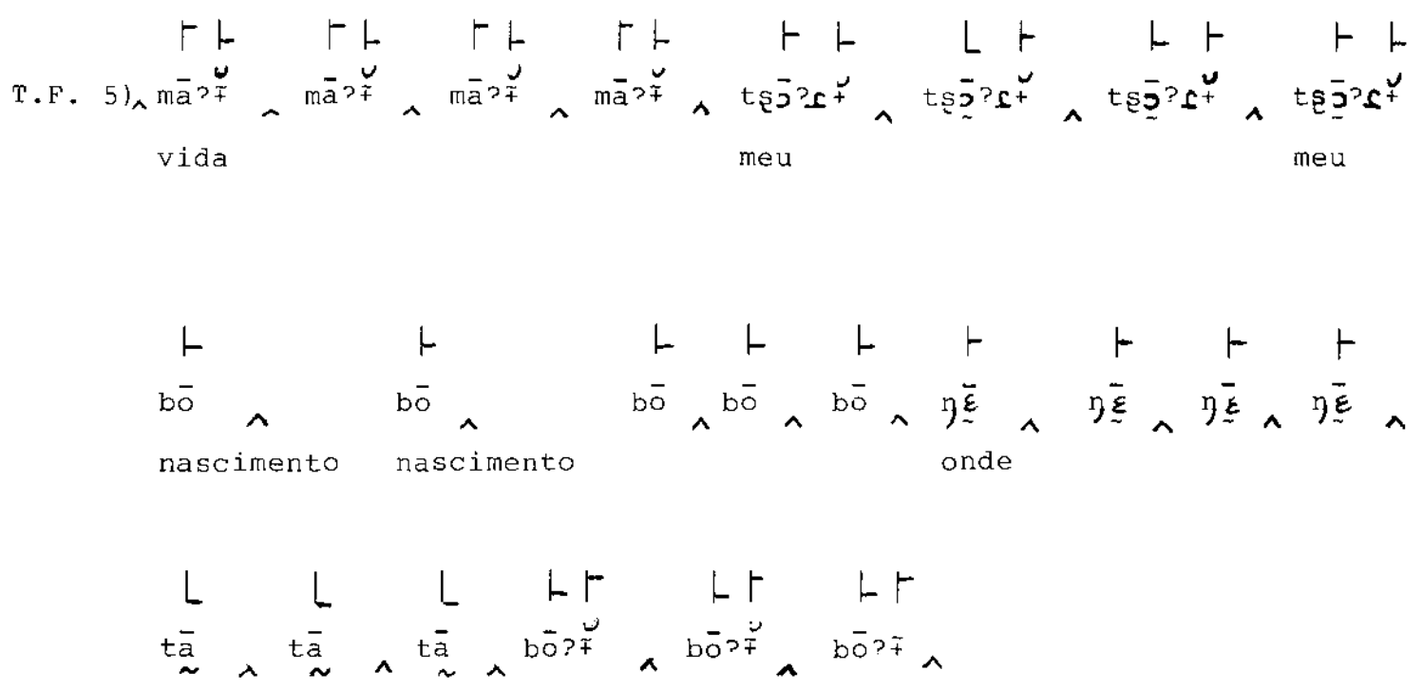
x meu vida e meu nascimento x onde x 1p-criar

'minha vida e meu nascimento, onde me criei'

T.P. 5) ‸tʂɔ̄ɾɨ̆ mā?ə̆̃ ɾɨ̆ ‸ tʂɔ̄ɾɨ̆ bō ‸ nă ŋɛ̰̄tă nă tʂăbōŋ̆

meu vida e meu nascimento onde eu-criar

'minha vida e meu nascimento, onde me criei'


T.F. 5)
vida
meu
meu
nascimento
nascimento
onde

T.F. 6) tchama tchabu cüana i nagu i tunetü

eu eu-nascer origem mesmo x 3p-dentro x Igarapé Preto

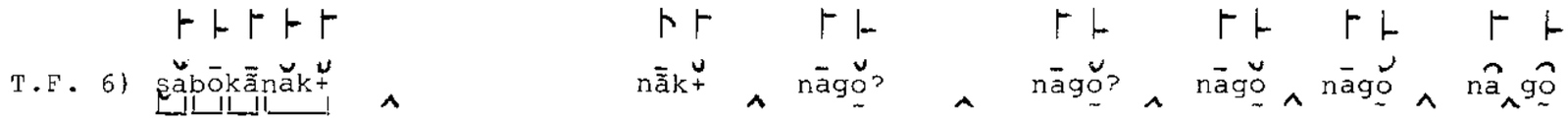
'eu nasci dentro dele, o Igarapé Preto'

T.P. 6) tʂāmǎ tʂǎbǒ kə̄nǎ ǐ nāgǒ ǐ tōnɛ̌tɨ̌

eu eu-nascer origem mesmo x 3p-dentro x Igarapé Preto

'eu nasci dentro dele, o Igarapé Preto'

33



'eu sou natural [daqui] mesmo'

T.E. 7) ngema nucümaütchima ngeta Yoi tüü̃

aquele antigo-intensificador-intensificador onde 1p.pl-dativo
1 2

i pogüü̃wa

x pescar-nominalizador locativo

'aquele onde, há muito e muito tempo, Yoi nos pescou'

├ ├ ├ ┌ ┌ ┌ ├ ┌ ├ ┌ ├┌

T.P. 7) ŋɛ̄mă nōk+mă ɨ̄tʂimă ŋɛ̄tă dʐɔ̄ĭ

aquele antigo-intensificador$_1$-intensificador$_2$ onde Yoi

tɨ̄   ĭ̃   pɔ̃gɨ̆wẵ

1p.pl.   x   pescar-nominalizador-locativo

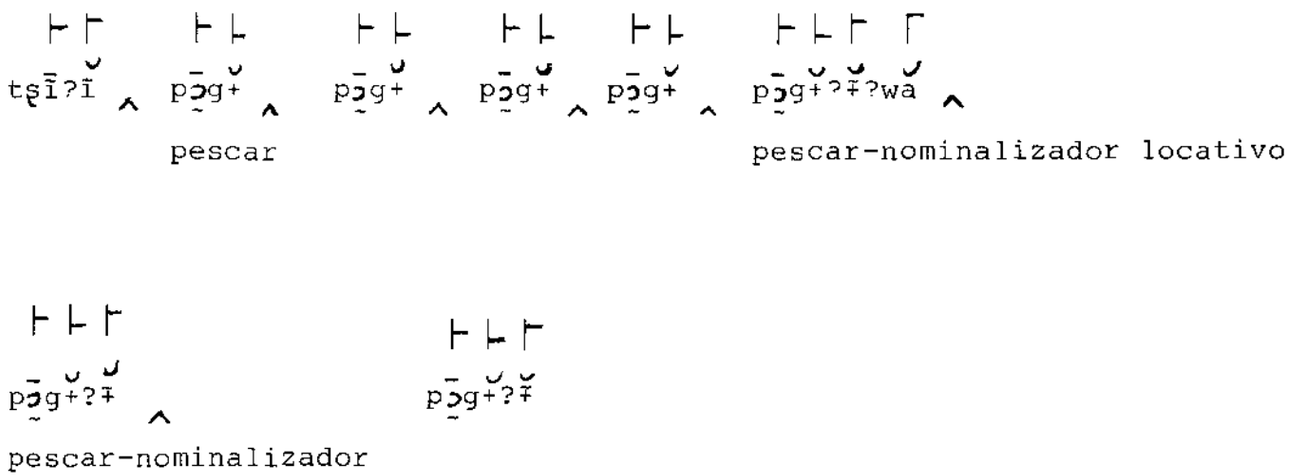
'aquele onde, há muito e muito tempo, Yoi nos pescou'

T.F. 7) ^ ĭ   ŋɛ̄ ^   ŋɛ̄mă ^   ĭ   ŋɛ̄mă ^   ŋɛ̄mă ^   ŋɛ̄mă ^   nōkɨmăɨ̄tʂĭmă ^

x   aquele   aquele   antigo-intensificador$_1$-intensificador$_2$

ŋɛ̄tă ^   ŋɛ̄tă ^   ŋɛ̄tă ^   ŋɛ̄tă ^   dʑɔ̄ʔĭ ^   dʑɔ̄ʔĭ ^   tʂĩʔĭ ^   tʂĩʔĭ

onde   Yoi   1p-ser


tʂɪ̄ʔɪ̄
pɔ̄g+
pɔ̄g+
pɔ̄g+
pɔ̄g+
pɔ̄g+ʔ‡ʔwā
pescar
pescar-nominalizador locativo
pɔ̄g+ʔ‡
pɔ̄g+ʔ‡
pescar-nominalizador

T.E. 8) ngema ɛ̃ware nawangemaũ i tunetũgu

aquele Évare (lugar mítico de origem) 3p-locativo existir x Igarapé locativo Preto (dentro)

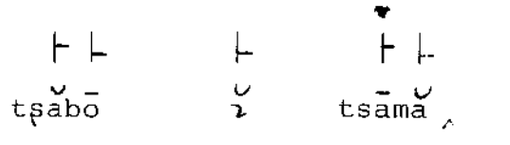
tchabu i tchama

1p-nascer x eu

'aquele Évare, nele a existência, dentro do Igarapé Preto, nasci eu'

T.P. 8) ŋɛ̄ma̋ʔɛ̄βaɛ̄ɛ̄ nāwa̋ ŋɛ̄ɛ̄ma̋ i̋ tɑ̄nɛ̄t+gɑ̄

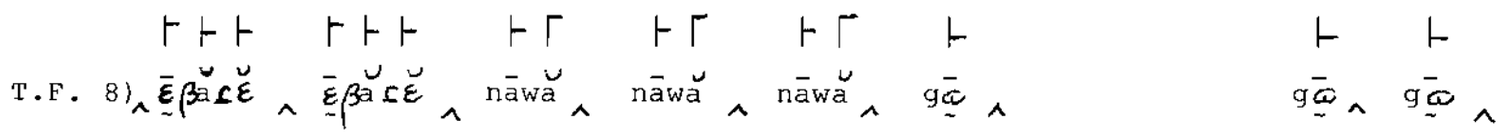
aquele Évare 3p-locativo existência x Igarapé Preto locativo (dentro)



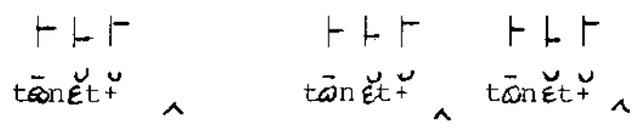
tsãbõ x tsãmã̃ 'aquele Évare, nele a existência dentro do Igarapé

1ªp-nascer x eu Preto, nasci eu'

T.F. 8)



Évare locativo (dentro)

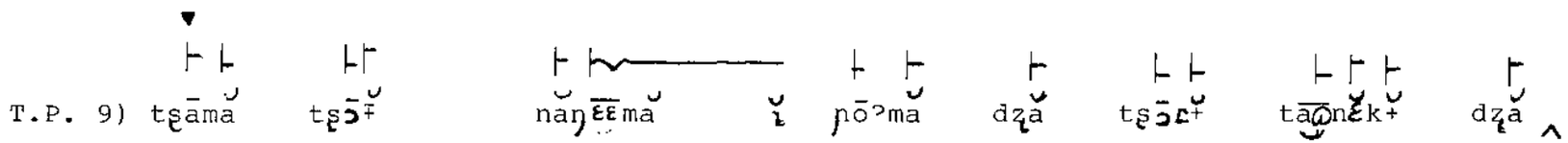


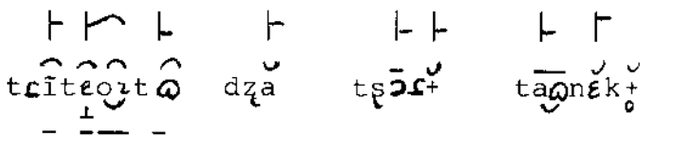
Igarapé Preto

T.E. 9) tchama tchoü nangema i nhuma ya tchorü taunecü ya ,
eu 1p-dativo 3p-existir x agora x meu ano, idade x

38 ya tchorü taunecü
x meu ano, idade

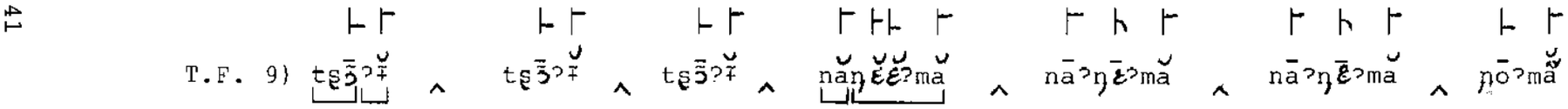
'eu, para mim existe agora a minha idade, 38, a minha idade,'



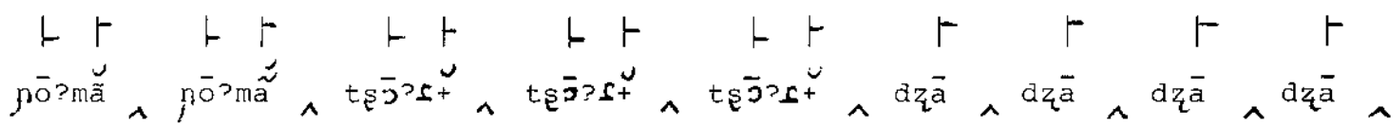


x meu ano, idade

'eu, para mim existir agora a minha idade, 38, a minha idade,'

T.F. 9) 

1p-dativo 3p-existir agora



meu x

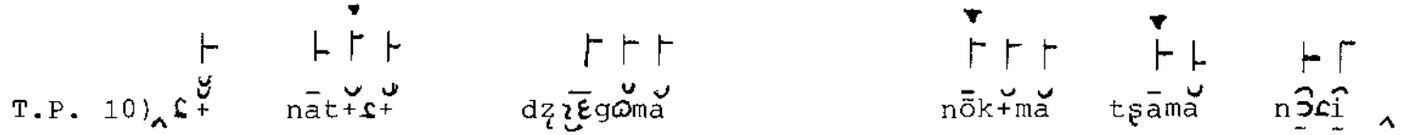
T.E. 10) rü natürü yeguma nücüma tchama

e então, mas naquele tempo/quando antigamente/antigo eu

nori , tchabugu rü

primeiro 1p-nascer locativo (dentro) tópico

'e então quando eu primeiro nasci,'



1p-nascer locativo (dentro) tőpico

'e então quando eu primeiro nasci,'

T.F. 10)

naquele tempo/quando

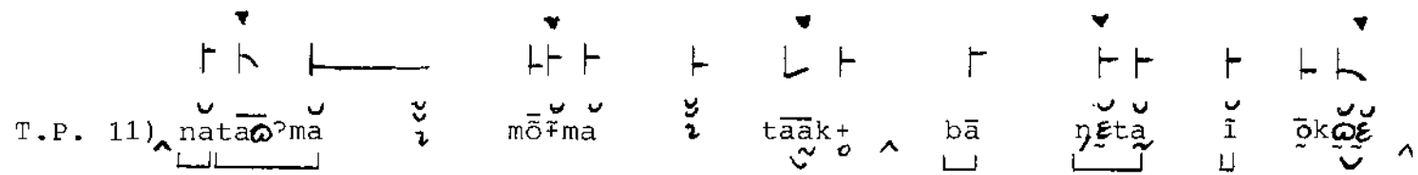
T.E. 11) nataúma i müüma i taacü bai i ngetaü i

3p-negação x muito x coisa nem x onde-nominalizador x

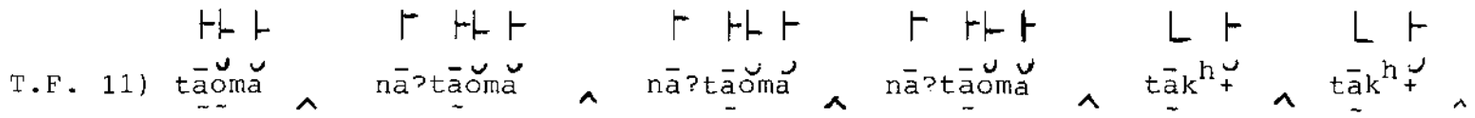
ucuẽ

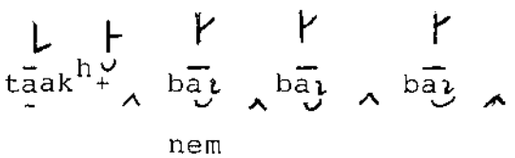
conselho

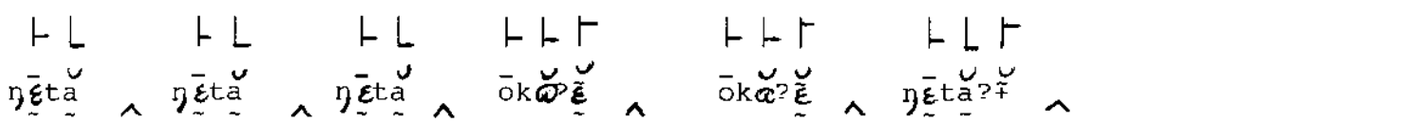
'não havia muitas coisas, nem onde ter conselho'



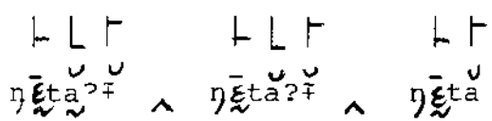
'não havia muitas coisas, nem onde ter conselho'


T.F. 11) tãoma nã?tãoma nã?tãoma nã?tãoma tãk^h tãk^h
negação
3p-negação
coisa


tãak^h bãĩ bãĩ bãĩ
nem



onde conselho onde (para uma única pessoa)



onde (para mais de duas, mais de três pessoas; turma)[18]

T.E. 12) tchaunatũ rũneca tagumatá ngeta tchona

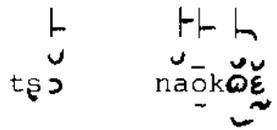
meu dono, pai tópico provavelmente nunca onde 1p-dativo 3p

ũcuẽ

conselho

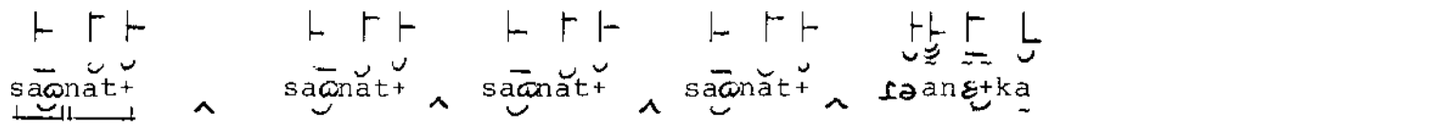
'meu pai, provavelmente nunca me deu conselho'

meu-dono, pai tópico provavelmente nunca não-agora onde

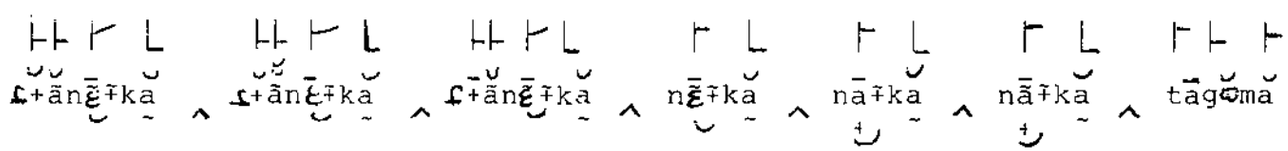


1p- dativo 3p-conselho

'meu pai, provavelmente, nunca me deu conselho'

T.F. 12) 

meu-dono, pai tópico provavelmente



taogama
tagama

T.E. 13)	notürü	ngemaetü	rü	muépücüna	i	tchama	rü
	então, mas	além disso	tópico	muitas vezes	x	eu	tópico

tchatacú
└─┘ └──┘

1p-sem mãe

'então, além disso, muitas vezes eu, fiquei órfão'

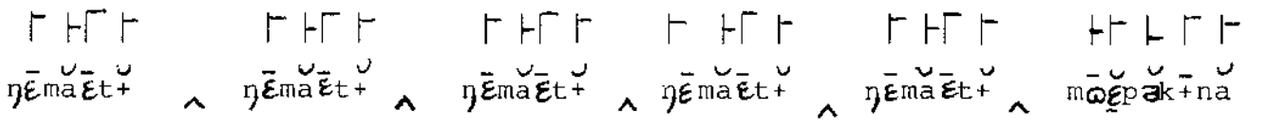
T.P. 13) nāt+ɾ+ ^ ŋɛ̄maɛ̄t+ ɾ+ māɛp+k+n ĩ tsāma ɾ+

então, mas além disso tópico muitas vezes x eu tópico

tsatākw̃

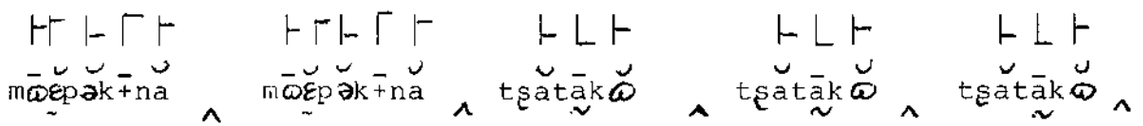
1p-sem mãe

'então, além disso, muitas vezes eu, fiquei órfão'

T.F. 13) 

ŋɛ̄mā ɛ̄t+ ^ ŋɛ̄mā ɛ̄t+ ^ ŋɛ̄mā ɛ̄t+ ^ ŋɛ̄mā ɛ̄t+ ^ ŋɛ̄mā ɛ̄t+ ^ mɯ̄ɛ̄pə̄k+nā

além disso muitas vezes



mɯ̄ɛ̄pə̄k+nā ^ mɯ̄ɛ̄pə̄k+nā ^ tʂātāk ɯ̄ ^ tʂātāk ɯ̄ ^ tʂātāk ɯ̄ ^

1p-sem mãe

TEXTO 2 (texto mítico)

Narração: Dalvina

T.E. 1) Tümama iti'imaũ ga

3p íntima com aspecto contínuo-3p íntima-surrar, matar x

'Surrou-a a ...'

T.P. 1) ?n̄? t+ma? nɛ̄t+mā+ gāg 19

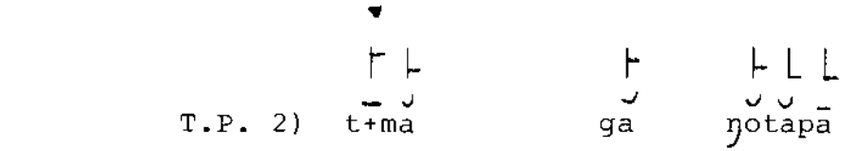
interjeição 3p íntima 3p íntima-surrar x

'Surrou-a a ...'

T.E. 2) tüma ga Ngutapa,

3p-íntima x

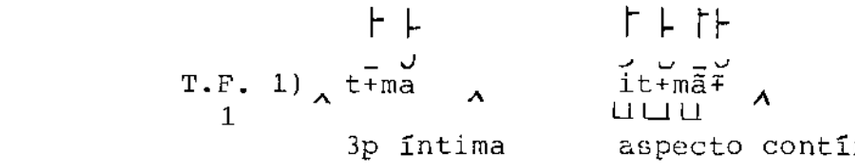
'... ela Ngutapa'



T.P. 2) t+ma ga ŋotapa

3ªp íntima x Ngutapa

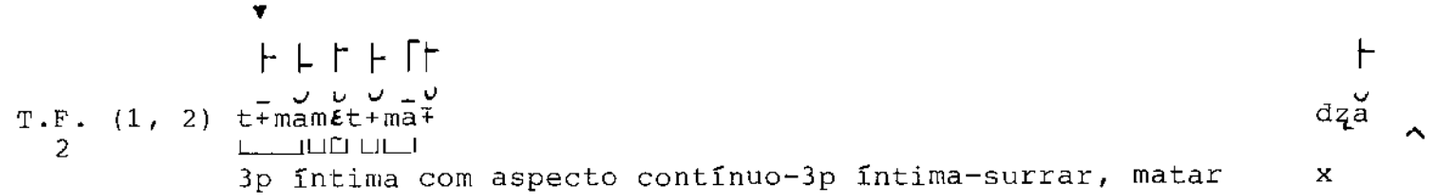
'... ela Ngutapa'

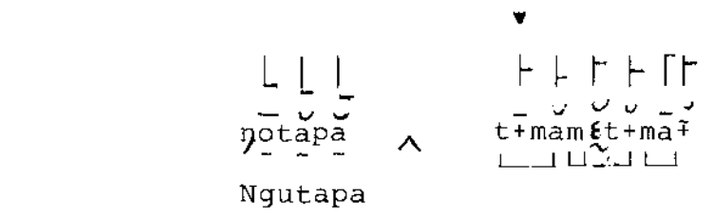


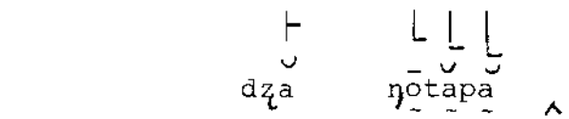
T.F. 1) t+mã ^ ĩt+mãɨ̃ ^

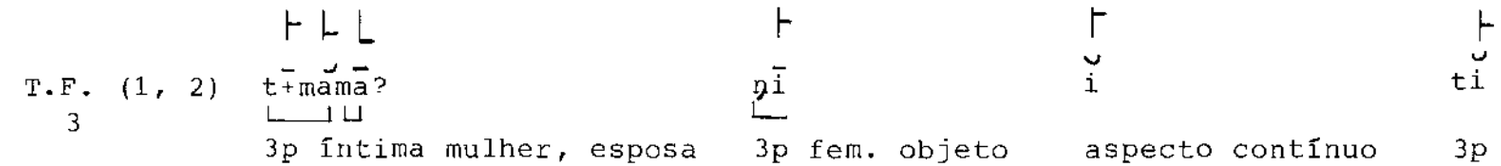
1

3p íntima aspecto contínuo-3p íntima-surrar


T.F. (1, 2)
2
t+mamɛt+ma
dzą
3p íntima com aspecto contínuo-3p íntima-surrar, matar
x


ŋotapa
t+mamɛt+ma
Ngutapa


dzą
ŋotapa


T.F. (1, 2)
3
t+mama?
ŋi
i
ti
3p íntima mulher, esposa
3p fem. objeto
aspecto contínuo
3p íntima

˥˧	˧	˦ ˧ ˩
māɨ̆ʔ ^	dʑă	ŋōtăpā̰ʔ ^
surrar, matar	x	Ngutapa

T.E. 3) ngetamema

onde incerteza

'onde talvez'

T.P. 3) ɲɛtamɛma

onde incerteza

'onde talvez'

T.E. 4) fenɐe arʉ

caçar de

'[é] o de caçar'

˥ ˧˧˧

T.P. 4) Kʷɛ̿nɛ̄ăɾ̄+

caçar de

'[é] o de caçar'

T.E. 5) feneemaū̃ i cuaū̃gu ngiti'īnai,

caçar caminho x fim 3p feminino objeto 3p íntima-amarrar

'no fim do caminho de caçar ele a amarrou,'

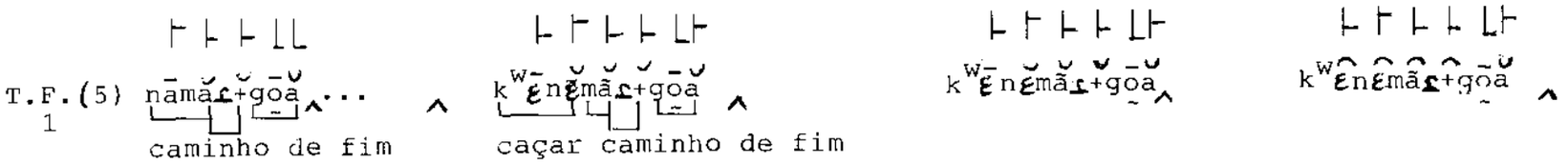
T.P. 5) kʷɛ̄nɛ̆ mā̆ɨ̄ i kʷā̆ă̆gɑ̆ʔă ŋ̆i tī nā̄ɿ

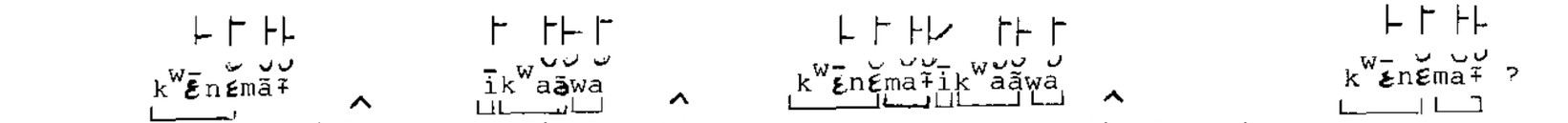
caçar caminho x fim 3p feminino objeto ele amarrou

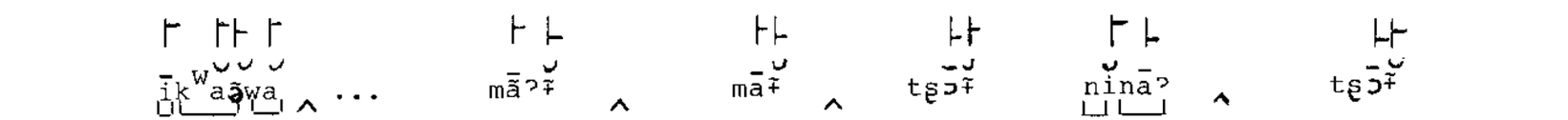
'no fim do caminho de caçar ele a amarrou'

T.F.(3) ^ ŋɛ̄tăməmă ^ ŋɛ̄tăməmă ^ ŋɛ̄tă ^ mɛ̄mă ^
1

onde incerteza







T.F.(5) 1

nāmaɾ+goa ... ^ caminho de fim

kʷɛ̄nɛ̆mãɾ+goa ^ caçar caminho de fim

kʷɛ̄nɛ̆mãɾ+goa ^

kʷɛ̂nɛ̂mãɾ+goa ^

kʷɛ̄nɛ̆mã̄ ^ caçar caminho

īkʷaə̄wa ^ x fim locativo

kʷɛ̄nɛ̆māīkʷaã̄wa ^ caçar caminho x fim locativo

kʷɛ̄nɛ̆mā ?

īkʷaə̄wa ^ ...

mã̄ʔ̄ ^ caminho

mā̄ ^

tʂɔ̄ ^ me

nīnāʔ ^ 3p-amarrar

tʂɔ̄ ^ me

'ele me amarrou'

'ele me

nīnāʔ ^ 3p-amarrar

amarrou'

$T.F._2$ (3, 5) ^ ŋɛ̄tamămɛ̄mă ? tɨ̄măcɨ ^ ɸɛ̆nɛ̄ɨmăĭ ? kʷaã̆gɷ̆ ^

onde incerteza 3p íntima tópico caçar caminho x fim

$T.F._3$ (3, 5) ^ ŋɛ̄tămɛ̄mă ^ ŋɛ̄măĭ̆ tʸăkʷɛ̄nɛ̆ʔĭgɷ̆ ^

dêitico 3p íntima caçar fim

T.E. 6)	naĩacũ		yiã			
	pau, arvoré	filho pé	lá			

'lá, num pé de árvore,'

T.P. 6)	ʔŋ̌ ^	nai̯	ʔǎk+	gǎ	dzǎ	
		pau, árvore	filho, pe	x	lá	

'lá, num pé de árvore,'

T.E. 7) conüwa nhatagüne

taxi, taxizeiro dêitico (isso, assim) 3p dizer

'num pé de taxi - assim dizem -,'

T.P. 7) kɔ̄n+wa ɥa tãŋã

taxi, taxizeiro dêitico (isso, assim) 3p-dizer

'num pé de taxi - assim dizem -,'

T.E. 8, 9) yiã atanũne ya conũwa

lá enformigado x taxi

'lá num taxizeiro enformigado'

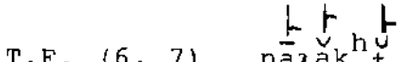
T.P. 8) ãtanãnia

enformigado x

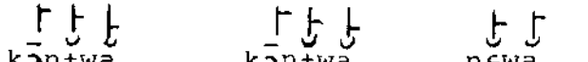
9) kɔ̃n+wa

enformigado

'num taxizeiro enformigado'



T.F. 1 (6, 7) ^ nāʐăkʰ+ ^ kɔ̄n+wă ^ kɔ̄n+wă nɛwă ^



pau, filho, taxizeiro na árvore do taxi

árvore pé

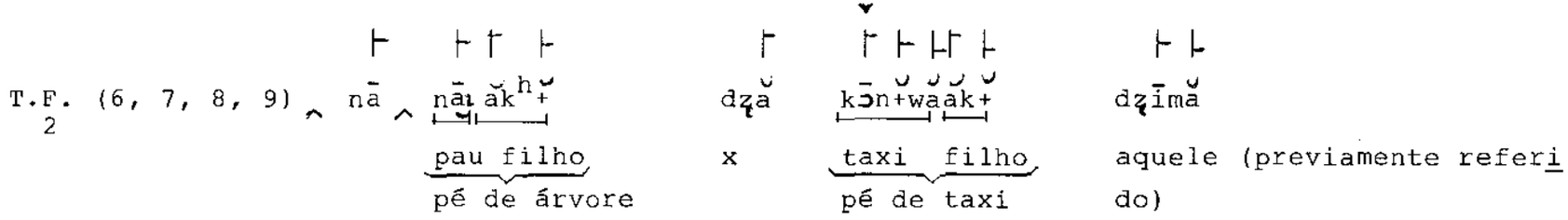
(8, 9) ^ kɔ̄n+wă ă dʐīmă ʔ̄ãtănəni ^ ...

x aquele (previamente referido) enformigado

kɔ̄n+wă tãnə ^ kɔ̄n+wă tãnə ...

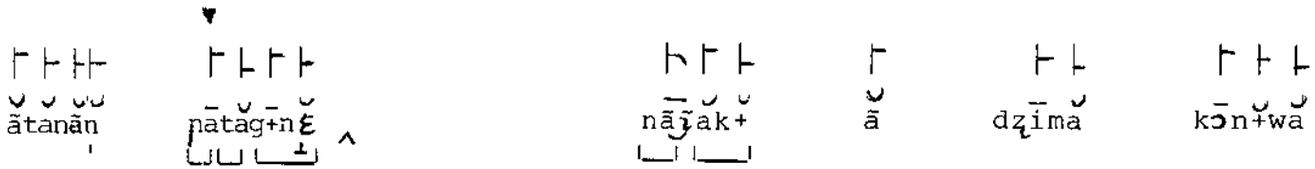
taxizeiro enformigado

T.F. (6, 7, 8, 9) 2

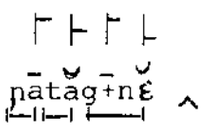


pau filho — x — taxi filho — aquele (previamente referido)

pé de árvore — pé de taxi



enformigago — dêitico 3p-dizer 'isso assim'



T.F. (5, 6, 7, 8, 9) 3

pau, fim árvore — 3ap fem. objeto — 3p íntima-surrar — dêitico (lá)

Cont. TF(5,6,7,8,9) dʑīmă ^ kɔ̄n+wă dʑīmă̰ʔ ^
3

dʑīmă ^	kɔ̄n+wă	dʑīmă̰ʔ ^
aquele (previamente referido)	taxi	aquele (previamente referido)

ăt+nă ^ ʔă tanə̆nĭ ^	ɲā	tă	gɤ̄nɛ̆ ^
	dêitico (isso, assim)	3p íntima	dizer

T.E. 10, 11, 12) Yimawa ã nigiü

aquele-locativo não atestado pelo narrador 3p feminino
(previamente referido)

itataienüeeãcü

aspecto contínuo-3p íntima-fazer ficar de pernas e braços abertos-marca de piedade

iti'imá itümamá

aspecto contínuo-3p íntima-?-surrar, matar x 3ªp íntima-mulher, esposa

'nesse lugar (dizem) ele a fez ficar (coitadinha) de pernas e braços abertos ele a surrou, a sua mulher'

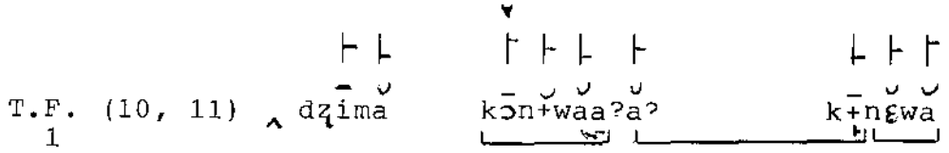
T.P. 10) dẓīmă — aquele (previamente referido)
wă — locativo
ɲĭā ʔ — 3p fem. objeto-aspecto contínuo
tă — 3p íntima

11) tāʔɛ̆n+ăk[h] — ficar de pernas e braços abertos-marca de piedade
ĭ — aspecto contínuo
t+ma ʔ — 3p íntima-surrar, matar

12) ^ ĭt+mămāʔ — x 3ªp íntima-mulher, esposa

'nesse lugar ele a [fez] ficar (coitadinha!) de

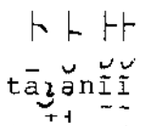
pernas e braços abertos, ele a surrou, a sua mulher'



aquele taxi filho, pé em aspecto contínuo-3ªp íntima-ficar de pernas e braços abertos

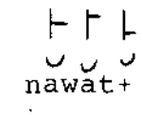
ficar de braços e pernas abertos coitadinha aspecto-3p. íntima-surrar

aquele (previamente referido) taxi lá 3p íntima

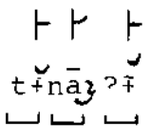


fazer ficar de pernas e braços abertos

x

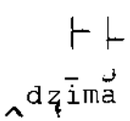


nele 3p objeto

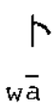


3ªp íntima-amarrar-nominalizador

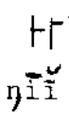
T.F. (10, 11, 12) 3



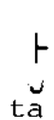
aquele (previamente referido)



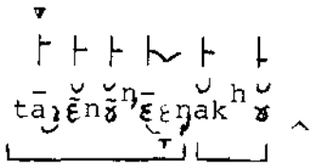
locativo+não-atestado



3p fem. objeto



3p íntima



fazer ficar de pernas e braços abertos

coitadinha

ŋĩĩtimaə̃? ^ dʑĩmawa ^ ŋĩĩtimaə̃gω ^

3p fem. objeto 3p íntima-surrar, matar

dʑĩmawa? ŋĩĩtinaɿ ^ i ŋɛma

3p fem. objeto-3p íntima-amarrar x dêitico (lá)

ŋĩĩtatãɿɛ̃nŋɛ̃aã ^

3p fem. objeto-3p íntima-fazer ficar de braços e pernas abertos

tɨmama? ^

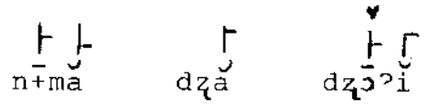
3ªp íntima-mulher, esposa

T.E. 13)	ngü	ya	nanatü	ya	yima	nüma
	sim	x	3ªp-dono, pai	x	aquele (previamente referido)	ele

ya	Yoi,
x	

'Sim, o pai daquele, do Yoi'

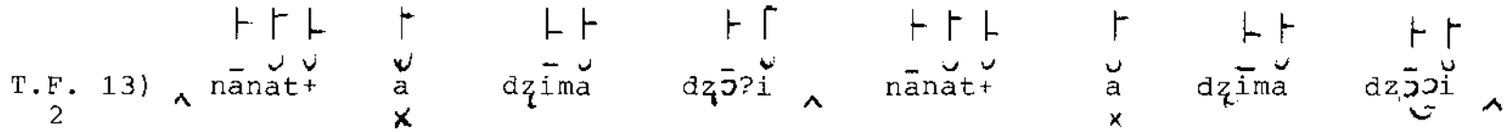
T.P. 13)	h̃ʔ	dʑa	nanatɨ	ja	dʑima
	interjeição	x	3p-dono, pai	x	aquele (previamente referido)

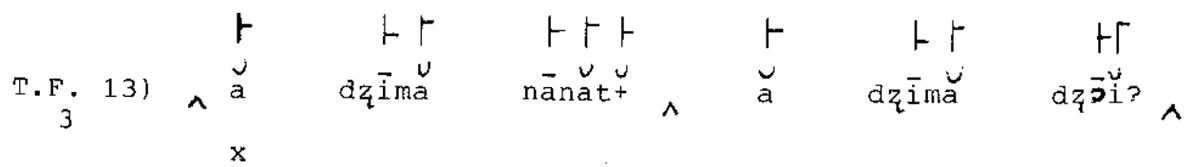


ele x Yoi

'Sim, o pai daquele, do Yoi'

T.F. 13) 1 ———





T.E. 14) ngeguma ngema itiimá

dêitico dêitico aspecto contínuo-3p íntima-surrar, matar

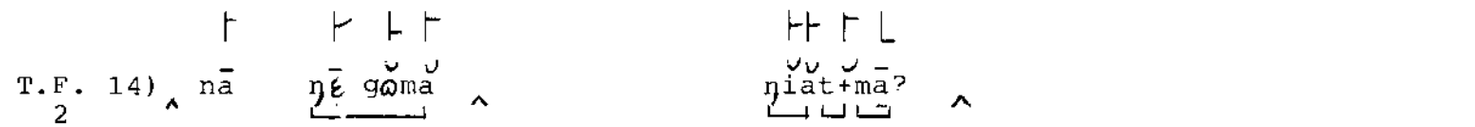
'daí ... ele a surrou'

T.P. 14) ^ (pigarro) ^= ŋɛgɑ̃ma ŋiʔit.imaɛ̃ǂ

dêitico (aí, quando) 3ªp fem. objeto-aspecto contínuo-3p íntima -surrar, matar

'daí ele a surrou'

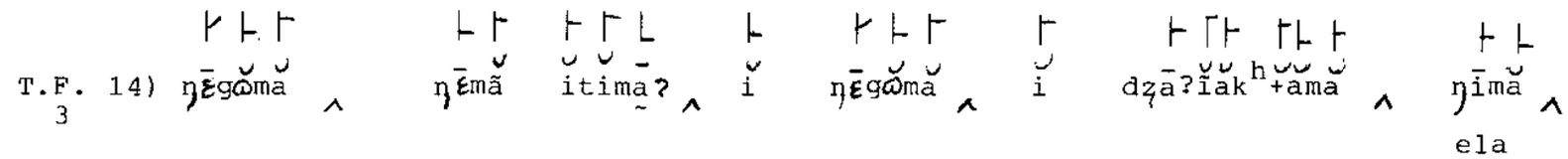
T.F. 14) _____
1



T.F. 14) nā ŋɛ̄ gɷ̆mă ŋiăt+mā?

2

dêitico (aí, quando) 3p fem. objeto 3ap íntima-surrar, matar



T.F. 14) ŋɛ̄gɷ̆mă ŋɛ̄mã̆ itimā̰? ĭ ŋɛ̄gɷ̆mă ĭ dʐā?ĭăkʰ+ămă ŋīmă

3

ela

T.E. 15, 16, 17)	ngema	ã	marü	mema	na	nuugu
	dêitico	não atestado	já	incerteza		possibilidade

tocutchia	uacü	ngemaü	ngia	tawagü,
meio-dia	sol	dêitico	3p fem. objeto	3p-fazer

'aquilo (dizem) já talvez possivelmente ao meio dia aquilo aconteceu a ela'

T.P. 15)	ŋɛ̆mã̄	m.ăɾ̆+	mɛ̄mă
	dêitico (aquele, aquilo)-não-atestado	já	incerteza

voz trêmula

'aquilo (dizem) já talvez'

16)

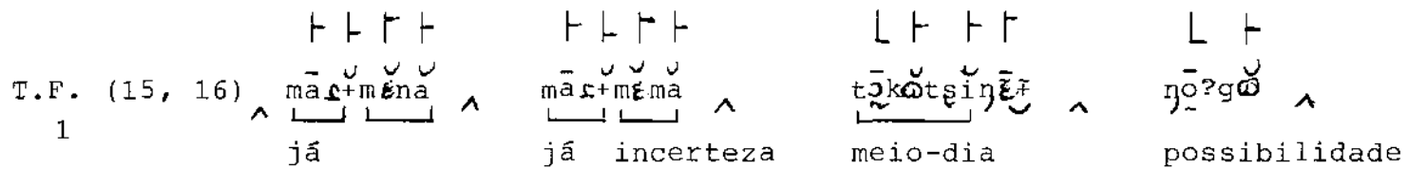
possibilidade meio-dia

'possivelmente ao meio-dia'

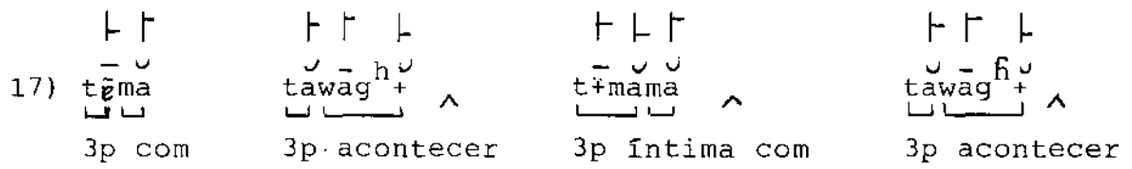
17)

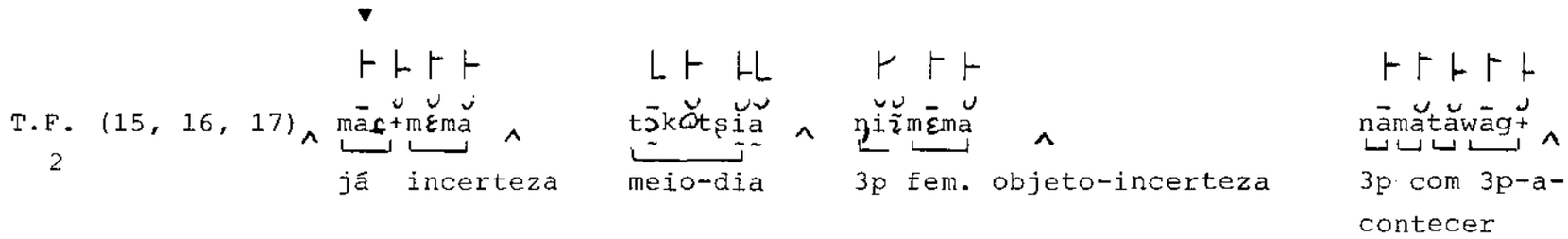
dêitico (aquele, aquilo) 3p fem. objeto-3ªp-acontecer

'aquilo aconteceu a ela'

T.F. (15, 16) 

já já incerteza meio-dia possibilidade


17) tɛ̃ma
3p com
tawag+h
3p acontecer
t+mama
3p íntima com
tawag+ɦ
3p acontecer


T.F. (15, 16, 17)
2
maɛ+mɛma
já incerteza
tɔkɷ̃tʂia
meio-dia
ŋiĩmɛma
3p fem. objeto-incerteza
namatawag+
3p com 3p-a-contecer

T.E. 18) nhugumaacü nhagumaa agamügü ga coüta

nessa hora nesse momento quatro x cancã conjunto

'nessa hora, nesse momento quatro cancãs'

T.P. 18) ^ ŋogɷmak+ ŋagɷma ŋəɾɛʔãgam+g+ ga kɔ+ta ^

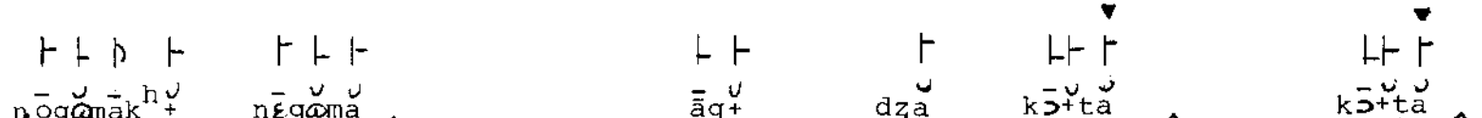
nessa hora nesse momento de repente quatro x cancã conjunto

'nessa hora, nesse momento de repente quatro cancãs'

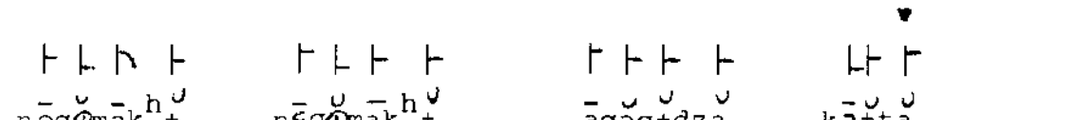
T.F. 18) ^ ŋəɾ+ʔãgamə ^ dʐa kɔ+ ^ ŋəɾ+ʔãgaməgə ^ dʐa kɔ+ ^
1

de repente quatro x cancã

T.F. 18) 2

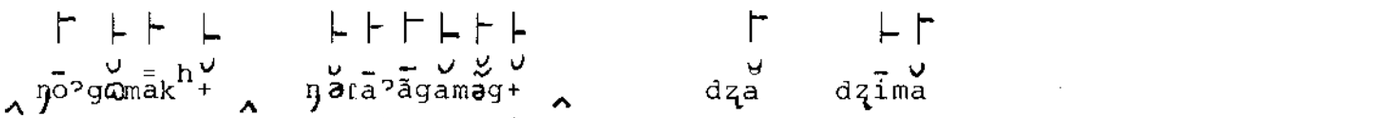


nessa hora | dêitico (aí, quando) | quatro | x | cancã conjunto



nessa hora | nesse momento | quatro x | cancã conjunto

T.F. 18) 3



nessa hora | de repente | quatro | x | aquele (previamente referido)

cancã

T.E. 19) ngeãcü cacan ngicü

presentativo cancã verdadeiro

'eis os verdadeiros cancãs'

T.P. 19) $\vec{h}$? ɲak+ kaka ɓik+

interjeição presentativo cancã verdadeiro

'eis os verdadeiros cancãs'

T.F. 1 _____

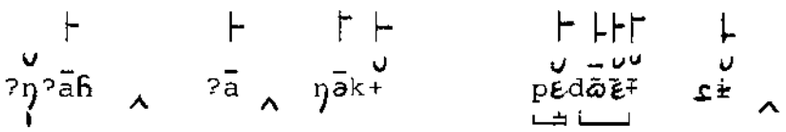
T.F. 2 _____

T.F. 3 _____

T.E. 20) á a nhucũpeduẽẽũ rũ

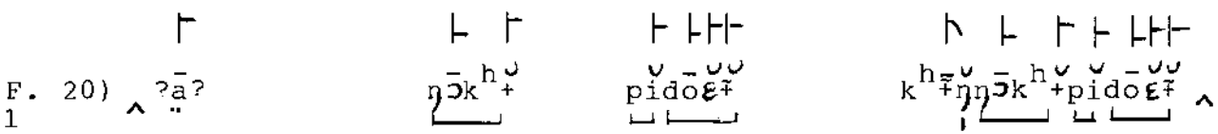
espanto que bom! 2p.pl-gente e

'Ah! Que bom! Vocês são gente e ...'

T.P. 20) 

espanto que bom! 2p.pl-gente e

'Ah! Que bom! Vocês são gente e ...'

T.F. 20) 

1

interjeição que bom! 2p.pl-gente

▼
˥ ˧ ˧ ˧˧˧ ˥

T.F.$_2$ 20) ^ ŋɔ̄kʰɨ̆ pĭdω̄ɛ̆ɨ̆ ǎ ^

˧ ˥ ˧ ˧ ˧˧˥

T.F.$_3$ 20) ^ ʔāʔ ^̄ ŋɔ̄kɨ̆ pĭdω̄ɛ̆ɨ̆ ^

T.E. 21) tchoü ipewẽgü rü ta ngema nutcha yu ngiüã,

1ªp objeto 2ªp.pl-desamarrar e não-agora dêitico 1ªp-morrer 3p-dizer fem.

'Vocês me desamarrem, eu vou morrer - ela disse'

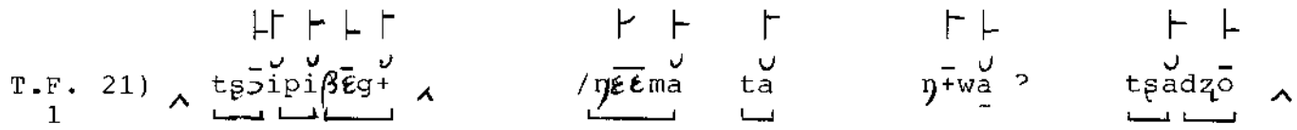
T.P. 21) tʂɔ̄ ĩ piw̃ɛ̃g+ ɛ+ taŋɛ̄ma na

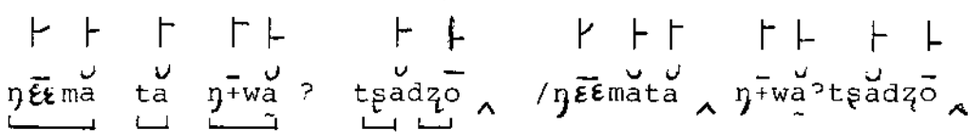
1ªp-objeto aspecto contínuo 2ªp.pl-desamarrar e não agora-dêitico

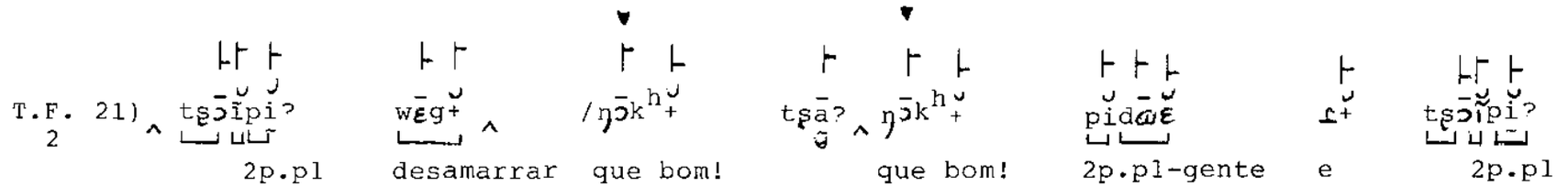
tʂadzōɨ̄ ŋɨɨa

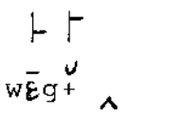
1ªp-morrer-nominalizador 3ªp. fem.-dizer

'Vocês me desamarrem, eu vou morrer - ela disse'


T.F. 21) 1
desamarrar dêitico não-agora ela disse 1p-morrer




T.F. 21) 2
2p.pl desamarrar que bom! que bom! 2p.pl-gente e 2p.pl


desamarrar

T.F.3 21) ^ ɾ+ tʂɔ̄+ pĩwɛ̃g+ ^

1ªp-objeto 2ªp.pl-desamarrar

T.E. 22) ngiũ yeã tümama guã Ngutapa,

ela disse lá 3ªp íntima esposa aquele

'lá ela disse, a esposa dele, aquele Ngutapa'

T.P. 22) ^ ŋiga dʑa t+mama ga ŋotapa?

ela disse lá 3ªp íntima-esposa x Ngutapa

'lá ela disse a esposa dele, o Ngutapa'

T.F. 22) _____
1

89

T.F.2 22) ŋɛ̄mă ^ ŋɛ̄mă ɲātăt+ɛ+dŏ+̃+g+ ^ t+mă ^ ɲātăg+̄

dêitico assim 3p íntima-virar gente-pl 3ªp íntima assim 3p-dizer

ŋŏtăpā ^

Ngutapa

T.F.3 22) ŋiīɛa ^ ŋīdză ^ dză nāmă? ^ ă dzīmă ŋōtăpă ^

x 3p-esposa x aquele (previamente referido) Ngutapa

T.E. 23) ngũ̃, õ ngiũ̃ memana,
sim ela-dizer incerteza

'Sim, ela disse talvez'

T.P. 23) ʔŋ̄ʔ - ŋīmɛmana
incerteza

'Sim, ela disse talvez'

T.F. 23) ^ ŋīmɛmana ^ /ŋīmɛmana / ŋīmɛʔmana ^
1

T.F.$_2$ 23) ^ ɲoãɨ ɲoãɨ ɲãɨmɛmanã ^

acontecer parece

T.F.$_3$ 23) _____

T.E. 24) rü tama nhumarüü narüo'üane rü

e negação agora como 3p deixar terra e

acabar

'E não [era] como agora [em que] acabou e'

T.P. 24) ɾitama ɲomaɾinaɾ+ɔ̃ãnɛɾ+

e negação agora-como 3p-deixar-terra e

acabar

'E não [era] como agora, [em que] acabou e...'

T.F. 24) 1 naɾ+ʔɔ̃ŋãnɛ naɾ+ʔɔ̃ŋãnɛ

3p-deixar-terra

acabar

T.F. 24) ^ tā mɛmana nãɛ+ɔ+g+i ^ i ŋomã? ^
2
negação incerteza 3p-deixar-pl x x

T.F. 24) ^ tāma ŋō?ma ɹɨ̄ na ^ inaɛ+?ɔ̄ãnɛ ^ dza nõkʰ+ma ^
3
negação agora como aspecto-3p-deixar-terra x

T.E. 25) meama tiĩũgũ,

devagar 3p íntima-ir-plural

'devagar eles vieram'

T.P. 25) mɛ̃ãmã tiʔĩg+

devagar 3p-ir-pl

'devagar eles vieram'

T.F. 25) mɛ̃ãmã tiʔĩg+ mɛ̃ãmã tiʔĩg+

1

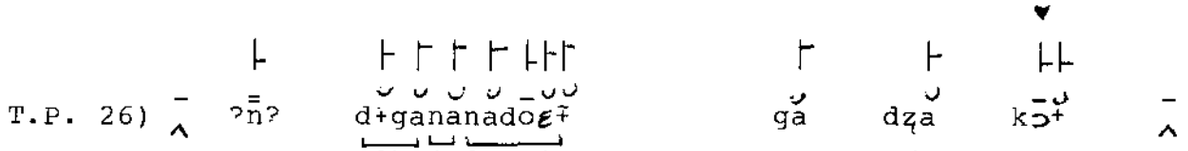
T.F.$_2$ 25) ______

T.F.$_3$ 25) ^ ɛ̆ɪ̆+ mɛ̆ămă tĭʔīğ+ ^ /

T.E. 26) ngɯ̃ dɯ̈gananaduẽdeɯ̃ yeã cou

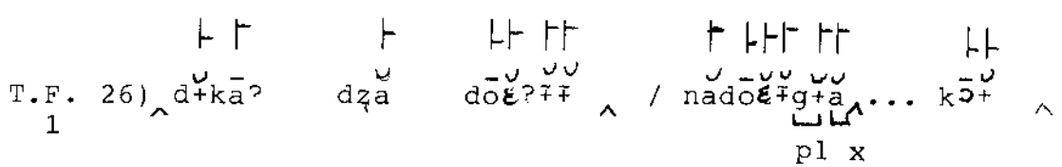
sim olha 3p-virar gente lá cancã

'Sim, olha! Eles viraram gente lá os cancãs'

T.P. 26) 

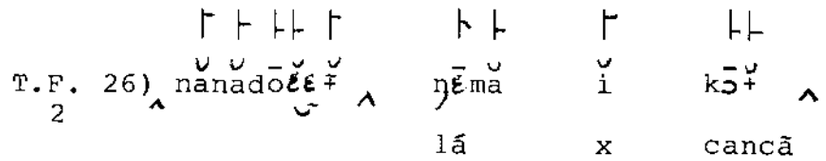
olha! 3p-virar gente x lá cancã

'Sim, olha! Eles viraram gente lá os cancãs'

T.F. 26) 

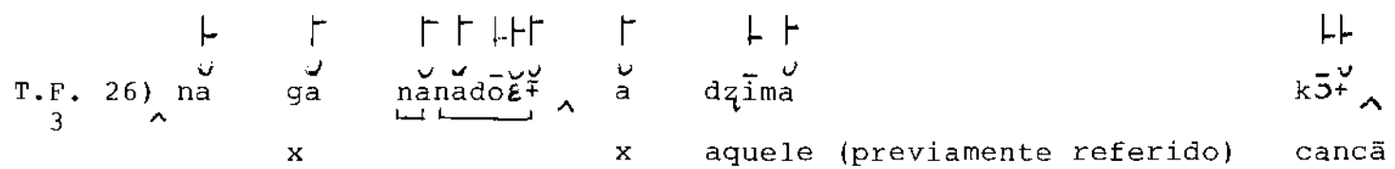
pl x

T.F. 26) 2



lá x cancã

T.F. 26) 3



x x aquele (previamente referido) cancã

TEXTO 3

Autor: Erâncio Pereira Guedes

T.E. 1) Nhumata 'Agora'

Agora

T.P. 1) k+ mãtã 'Êh! agora'

interpelação do assunto agora

T.F. (1) k+? mãtã

2 êh agora

T.E. 2) nagu tchide'aũ i tchorũ wũcatchiga , cũana

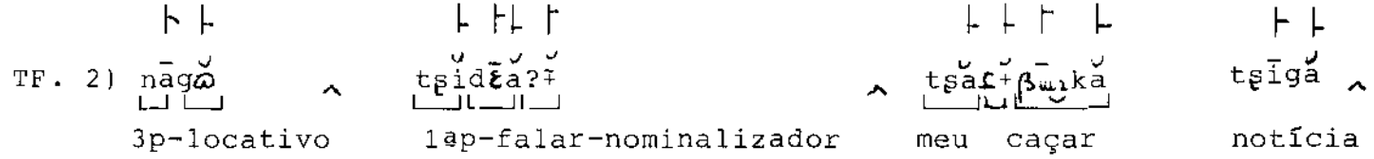
3p-locativo 1p-falar-nominalizador x meu caçar notícia não é mesmo?

'dentro dele vou falar a história da minha caçada, não é mesmo?'

T.P. 2) ˄ nagɯ tsidɛa+ tsɔɾ+ βaɨka tsia ka

3p-locativo 1p-falar-nominalizador meu caçar notícia não é mesmo?

'dentro dele vou falar a história da minha caçada, não é mesmo?'


TF. 2)
3p-locativo
1ªp-falar-nominalizador
meu caçar
notícia

T.E. 3)	ũ̃pa	tchamearũ	airuãgu	guũguma	tchigu	ne	tchamaũũ
	Antes	1p-bom-de-	cachorro-ter-locativo	sempre	cutia	origem; passado	1p-matar-nominalizador

i tchama;

x eu

'Antes, quando eu tinha cachorro bom, eu sempre matava cutia, eu;'

T.P. 3)	ɨ̃pa	tʂa	mɛ	aʐɨ	aɪɾɔ	ã	gɯ	gɔɯga	tʂigɔ	tʂan	maɨ
	antes	1ªp	bom	de	cachorro	ter	locativo	sempre	cutia	1p passado	matar-nominalizador

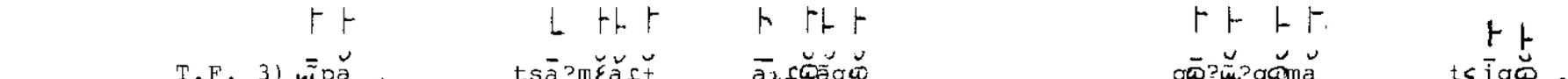
tʂẽm

eu

'Antes, quando eu tinha cachorro bom, eu sempre matava cutia, eu;

T.F. 3) ^ɯ̄pa ^ tʂā ʔmɛ̆ăɾ+ ^ ārɾɔ̆ɑ̆gɯ̆ ^ gɯ̄ʔɯ̆ʔgɯ̆ma ^ tɛīgɯ̆ ^

2



antes 1p-bom de cachorro-ter locativo sempre cutia

tʂana ʔma ʔɯ̃tʂa ^

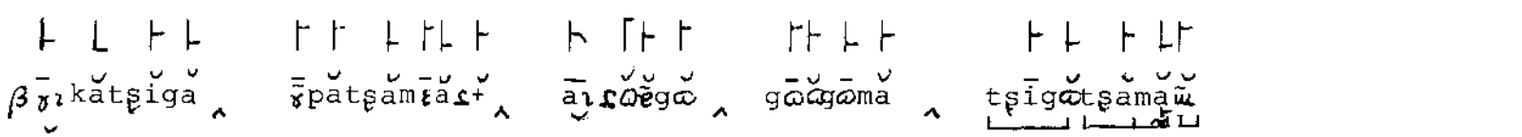
1p-objeto interno-matar-nominalizador eu

T.F. 3 (1, 2, 3)

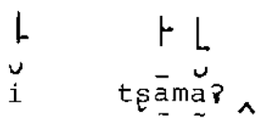
^ ɲomãta ^	ɲomãta	nagɯ	tʂidɛaɨ ^	i	tʂɔɾ+	βɣɨkatʂiga ^	
agora	agora	3p-dentro	1p-falar	x	meu	caçar notícia	

ɣpa	tʂamɛaɾ+ ^	aɨɾɯɛgɯ	tʂigɯ
antes	1p-bom-de	cachorro-ter locativo	cutia

tʂadʐamaʔɯ ^	i	tʂamaʔ ^	ɲomãta ^	nagɯ	tʂidɛaɨ	tʂɔɾ+
1p-objeto interno-matar-nominalizador	x	eu	agora			



sempre cutia eu matar nominalizador



x eu

T.E. 4) ngã rũ ngeũrũ'ũmare nhuguacu tchiama'

paca e outros tipos de caça às vezes 1p-?-matar

'paca e outros tipos de caça às vezes eu matava,'

T.P. 4) ŋã̄ ɾɨ̆ ŋɛ̄ɨ̆ ɾɨ̆ măɾĭ ŋŏăkə̆ tʃĭmā?

paca e outros tipos de caça às vezes 1p matar

'paca e outros tipos de caça às vezes eu matava,'

T.F.2 4) ŋã̄ɾɨ̆ ^ ŋɛ̄ʔɯ̃̆ɾɨ̆ʔɯ̃̆ ^ mā ɾɨ̆ ^ ĭŋŏgʷāk ɨ̆ ^ tʃĭmaᵏ ^

paca e outros tipos de caça já às vezes 1p-matar

T.F.$_3$ 4) ^ ɲāɾɯ̟   ɲ.āʔɯ̟ɾɯ̟maɾɛ   ɲoakɯtʂimāʔ ^

para e   outros tipos de caça   às vezes 1ªp-matar

T.E. 5) nge'guma nhuguacü itchatü'ũ

dêitico (aí, quando) às vezes aspecto contínuo-1p-perder

'aí às vezes eu me perdia'

T.P. 5) ŋɛ̄gœ̌mǎ ŋoaki tʂǎtɨ̄

dêitico (aí, quando) às vezes aspecto contínuo 1p-perder

'aí às vezes eu me perdia'

T.F.2 5) ŋɛ̄g.œ̆ă? ŋŏg^wāk+̆ ĭtʂă? tɨ̄?ɨ̆

dêitico (aí, quando) às vezes aspecto contínuo-1ªp-perder

T.F.$_3$ 5) ŋŏākɯ̆ ɾ+i tsătɯ̄ɯ̆ ^

às vezes tópico aspecto contínuo 1p-perder

T.E. 6) Ngemama tama nüü̃ tchacuaü̃ i nama tchanaü'ü̃

E aí negação 3p-dativo 1p-saber-nominalizador x caminho 1p-objeto interno-fazer -nominalizador

ngeguma,

dêitico (aí, quando)

'E aí não soube o caminho, eu o fazia aí,'

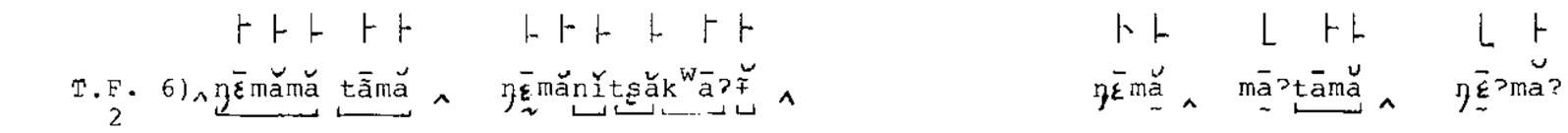
T.P. 6) ŋɛ̄ma tā ŋɛ̆ga nɨ̄ tʂakʷāɨ̄ ɨɛ̆ nā̃ma

E aí negação 3p-dativo 1p-saber-nominalizador x caminho

tʂanaʔə̄ɨ̄ ɨ ŋɛ̄gʷa

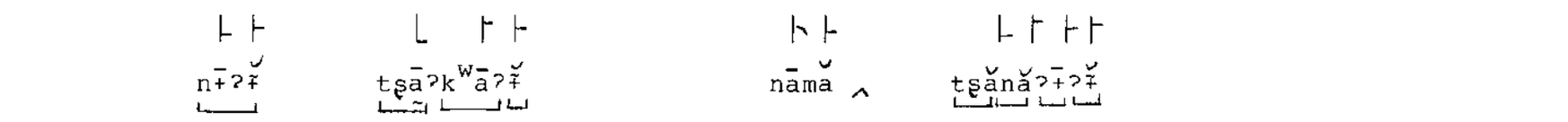
1ª p-objeto interno-fazer-nominalizador x dêitico (aí, quando)

'E aí eu não soube o caminho, eu o fazia aí,'



T.F. 2 6) ˄ ŋɛ̄mămă tā̆mă ˄ ŋɛ̃mănĭtʂăkʷāʔɨ̆ ˄ ŋɛ̄mă̆ ˄ mā̃ʔtāmă̆ ˄ ŋɛ̃ʔmăʔ

aí não 3p 1ªp-saber-nominalizador aí não

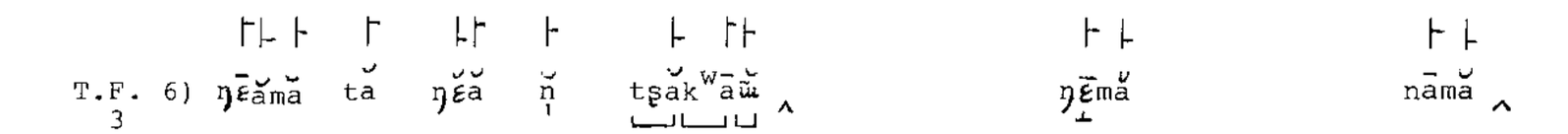


n+̄ʔɨ̆ tʂā̃ʔkʷāʔɨ̆ nāmă ˄ tʂănăʔ+̄ʔɨ̆

3p-dativo 1p-saber-nominalizador caminho 1p-objeto interno-fazer-nominalizador

ĭʔŋɛ̄gɑ̆mă ˄

x dêitico (aí, quando)



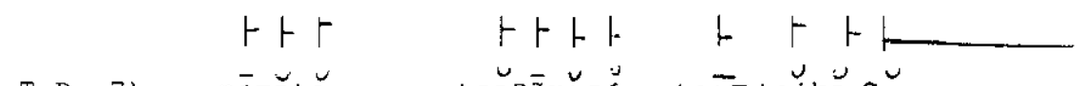
T.F. 3 6) ŋɛ̄ămă tă ŋɛ̆ă ŋ̆ tʂăkʷāɯ̆ ˄ ŋɛ̄mă nāmă ˄

e aí negação 3ªp 1p-saber-nominalizador dêitico (aquele) caminho

T.E. 7) ngematama itchaũ'ũ'ũmare tchautchicagu i ngeguma

aí mesmo aspecto contínuo-1p-ir-nominalizador-só meu-lugar locativo x dêitico (aí,quando)

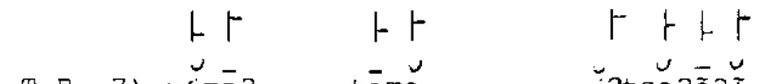
'aí mesmo quando eu só ia para a minha aldeia'



T.P. 7) ˄ ŋɛ̄mătăɪ̆ tʂăʔõmăɾɛ̆ tʂăɷ̄ tʂĭkă βɯ̆ ɪ ŋɛ̆ ɯ̃

aí mesmo 1p-ir só meu-lugar locativo x dêitico (aí, quando)

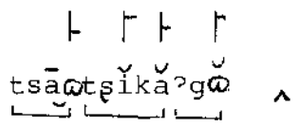
'aí mesmo quando eu só ia para a minha aldeia'



T.F. 7) ˄ ŋɛ̆mā? tāmă ˄ ĭʔtsăʔõʔɨ̆

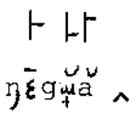
2

aí mesmo aspecto contínuo-1p-ir-nominalizador



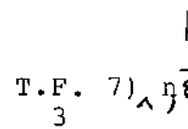
1p-lugar locativo

área

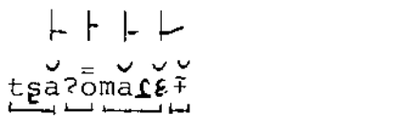


dêitico (aí; quando)

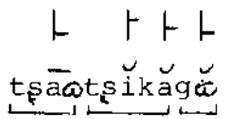
T.F. 7) 3



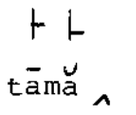
aí mesmo



1p-ir só nominalizador



1ªp-lugar locativo



negação

T.E. 8)	I	nge'guma	tchorũ
	x	dêitico (aĩ; quando)	meu

'Aĩ minha'

T.P. 8)	^	ŋɛ̄gɯ̆mă	tʂɔ̄ɾ+̆
		dêitico (aĩ; quando)	minha

'Aĩ minha'

T.E. 9) tchamaẽ'ẽ i ngema tataiya,

1ªp esposa afetividade x dêitico (lá) 3ªp íntima-estar com fome

cüana ? Ngema ticucuneca cüana ?

não é mesmo dêitico (lá) 3ªp íntima-roncar barriga não é mesmo?

Yoni

Enquanto isso

'minha mulherzinha aí estava com fome, não é mesmo?

Aí a barriga dela estava roncando, não é mesmo?

Enquanto isso

T.P. 9)

1ªp mulher, esposa-afetividade | dêitico (aí) | 1p-estar com fome

não é mesmo | dêitico (aí) | 3p-roncar barriga íntima | não é mesmo?

enquanto isso

'minha mulherzinha aí estava com fome, não é mesmo?
Aí a barriga dela estava roncando, não é mesmo?
Enquanto isso'

T.F.₂ (8, 9) ^ tʂāɛ̆ɨ̆ — meu
tʂā?mă? — meu-mulher, esposa
ɛ̃̆ ? ŋɛ̄mă — dêitico (lá)
t.ĭkō̆kŏ̆ã̆ — 3 p íntima-roncar

nī?ĭ ^ — 3 p-ser
tā?tāɪdʐă — 3p-estar com fome
kəɛ̆̃nă ^ — não é mesmo?

T.F.₃ (8, 9) ŋɛ̄gɯ̆ă̆ — dêitico (aí; quando)
tʂʌɛɯ̆ — meu
tʂāmăɛ̆? ^ — lªp-esposa x
ŋɛ̄ă — dêitico

tătā̰ʔă	ʔɨ	ŋɛ̄mă̆tĭ ^	kā̰kă̰nɛ̄kă ^
3p íntima-estar com fome	e	dêitico 3ªp	roncar barriga

T.E. 10) na'ca tchadauũta'a i ngema

3ªp por 1ªp-procurar-nominalizador inultilmente x dêitico

tchamaũ na ngeta ninadaũ.

1p-caminho -? para onde origem 3ªp-vir-nominalizador

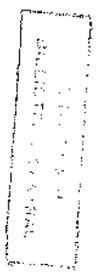
'por ele eu procurava em vão, aquele meu caminho, para |ver| de onde ele vinha'

T.P. 10) nā?kă tʂădāɷɨtʂa̧ ŋʌ̄ ɾɯ̆ tʂămāɨ

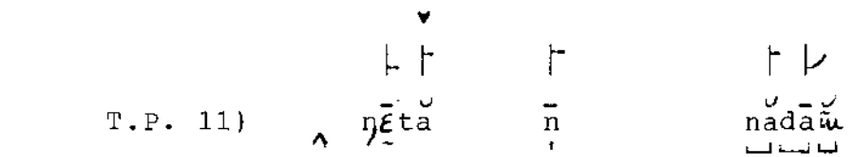
3p-por 1p-procurar-nominalizador inultilmente tõpico 1p-caminho

ŋɛ̃ta	nĩ	na	dãɯ̃
onde	de	3p- vir	- nominalizador

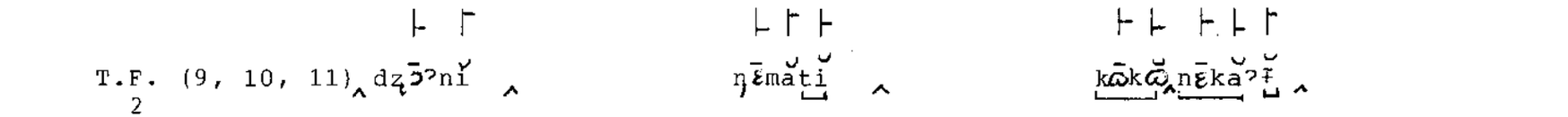
'por ele eu procurava em vão, aquele meu caminho, de onde ele vinha'



T.E. 11) _____

T.P. 11) 

'de onde ele vinha'

T.F. (9, 10, 11)$_2$ 

enquanto isso dêitico (aí) 3p-íntima roncar-barriga-nominalizador

nā?kă? ^	tʂa?dāɷ?ɨ̆ ^	tă? ^ ī ^	ŋɛ̄mă ^
3p-por	1ªp procurar-nominalizador		dêitico (aquele)

tʂămā̃ ^	nă?	ŋɛ̄?tă	nĭnădā?ɯ̃̆ ^
1 p-caminho	para	onde	de-3p-vir-nominalizador

nă?ŋɛ̄tā?nī nā dā?ɯ̃̆ ^	nă?ŋɛ̄tanĭnīnădā?ɯ̃̆ ^
para onde de 3p-vir-nominalizador	

T.F. (9, 10, 11) 3	dʐɔ̄nĭ	nākă	tʂădāɷn	ŋɛ̄tă	nĭnĭ
	enquanto isso	3p-por	1p-procurar-nominalizador	onde	de

nadãω	ɿ	ŋĩmã	ŋɿmã	nãmã
3p-vir	x	dêitico (aquele)		caminho

T.E. 12) Tama ngema nũ' ũ tchacuaũ ; nge'guma

negação dêitico 3p-dativo 1p-saber-nominalizador dêitico (aí, quando)

'Lá eu não o sabia, quando'

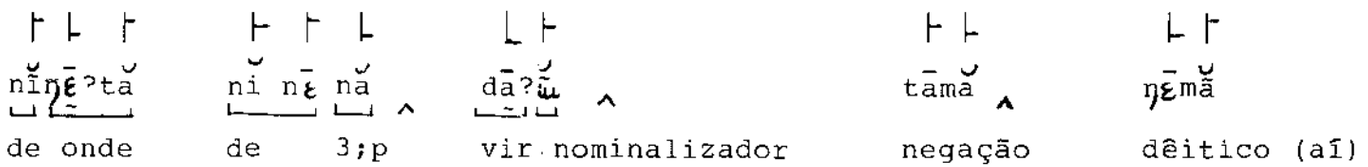
T.P. 12) tãmã pã nɨ̃ tʂakʷãɨ̃ ŋɛ̃gʷã

negação dêitico (lá) 3p-dativo 1p-saber-nominalizador dêitico (aí, quando)

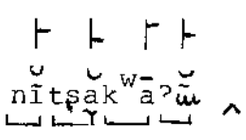
'Lá eu não o sabia, quando'

T.F. (11,12) 2 tãmã ŋɛ̃ʔmã̃ nɨ̃tʂã kʷãʔɨ̃

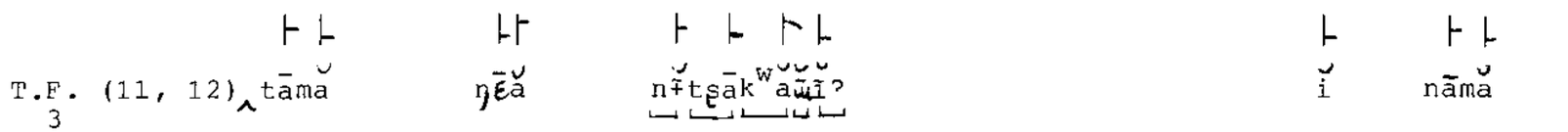
negação dêitico (aí) 3 p 1 p saber-nominalizador



de onde de 3;p vir nominalizador negação dêitico (aí)

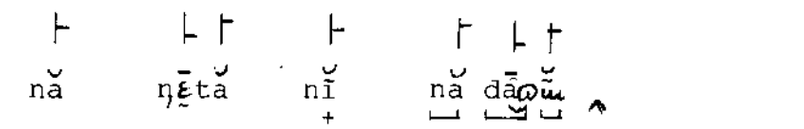


3p 1ªp saber nominalizador



T.F. (11, 12) 3

negação dêitico 3p 1ªp-saber-nominalizador x x caminho



x onde de 3p-vir-nominalizador

T.E. 13) ga wũitama i natchicagu tchatchiũ

x um x 3p locativo 1p em pé

'um caminho ( ), eu fiquei de pé'

T.P. 13) ^ dʐa βɣ̄ĭ tāmă nā tʂĭkă βɯ̆ tʂātʂĭɯ̃̆ ^

x um 3ªp locativo 1p-em pé

'um caminho, eu fiquei de pé'

T.F. 13)^ gă? βʷɣ̄ʔĭ ^ tāmã̆ ^ dʐă nāt.ʂĭkăgɯ̃̆ ^ tʂāʔtʂĭʔɯ̃̆ ^
2

x um x 3p lugar locativo 1 p em pé

˧ ˨ ˥ ˨ ˥ ˦ ˨ ˩˥

$T.F._3$ 13) ^ ŋɛ̄gɯ̆mă ŋɛ̄mă tă tātʂĭɯ̆̃ ^

dêitico (aí, quando) dêitico em pé

T.E. 14) ũacũna tchadaumareũetcha i ngeguma

sol para 1p-ver-só-nominalizador mesmo x dêitico (aí, quando)

'para o sol eu fiquei só olhando mesmo, aí'

T.P. 14) ɣăk+ nă tʂadăɷmăcɛ̆ dʐ ĭ ŋɛgwăn

sol para 1p-olhar-só mesmo x dêitico (aí, quando)

'para o sol eu fiquei só olhando mesmo, aí'

T.F. 14) w̃ăkʰw̃ nă tʂăd.āɷ măcɛ̆ w̃ɛ̆tʂăɪ ŋɛ̄gɷ̆mă
2

sol para 1p-ver só nominalizador mesmo x dêitico (aí, quando)

ŋɛ̄ʔgɯ̆mă ^

T.F.$_3$ 14) ^ɣ̆ākʰɣ̆nă   tʂ̆adāɯ̆măɾɛ̆ɯ̃̆ʔ ^

sol para   1p-olhar-só-nominalizador

T.E. 15) Rü naēpetüane , tama nü'ü̃ tchacuana ngeta

e 3p escuro mundo tempo negação 3p-dativo 1p-saber para onde

natchaü'ü̃ ,

x 1p-ir-nominalizador

'E o tempo estava escuro, eu não sabia para onde eu ia'

T.P. 15) ŋɛ̄gɯ̌ma ɾɨ̆ nã̆ⁿ nã̄ʔɛ̄pɯ̆dʒɯ̆ãnɛ̌ ɾɨ̆ tã̄ nɨ̆

aí tópico 3p 3p-escuro-mundo, tempo negação 3p-dativo

tşak^w^ã nã? ŋɛ̄tă nă tsăõ

1p-saber x onde x 1p-ir

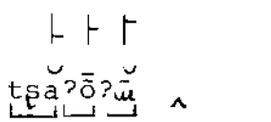
'Aí, o tempo estava escuro e eu não sabia para onde eu ia'

T.F. 15) ɾ+ ^ na?ɛ̄pɤ̆t+anɛ ^ tāānītşăk^w^ā? ^ nā? ŋɛ̄tă nă
2

3p-escuro-mundo, tempo negação 3ªp 1ªp-saber para onde x

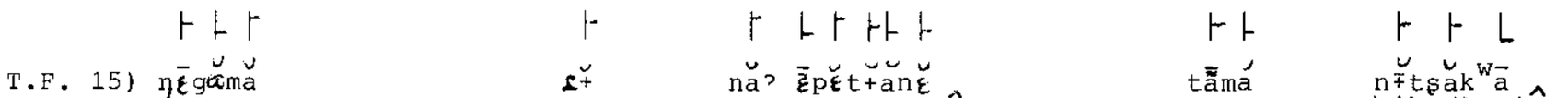
tşa?ō?ɯ̃ ^ tāānītşak^w^ā? ^ nā? ŋɛ̄?tă ^ na

1p-ir-nominalizador negação 3ªp 1ªp-saber para onde x

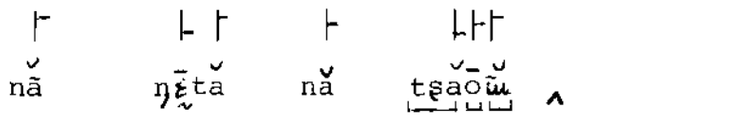


1p-ir-nominalizador

T.F. 15) 3



dêitico (aí, quando) | tópico | 3p-escuro-mundo, tempo | negação | 3p 1;p-saber



para | onde | x | 1p-ir-nominalizador

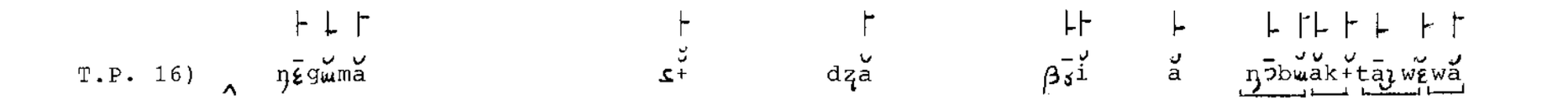
T.E. 16) nge'guma rü düwa wüi ngobüacütawewa

dêitico (aí, quando) tópico finalmente um jabuti filho casco locativo

ngema tchaayumareü nge'guma cüana?

dêitico (lá) 1p-pisar-só-nominalizador dêitico (aí, quando) não é mesmo?

'Aí, finalmente no casco de um filhote de jabuti lá eu pisei, aí, não é mesmo?'

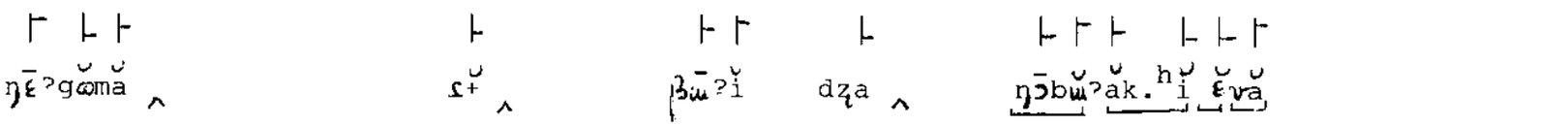
T.P. 16) ^ 

dêitico (aí, quando) tópico finalmente um x jabuti filho casco locativo

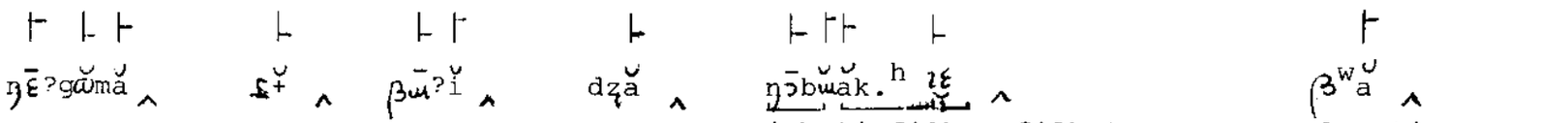
lá 1p-pisar-só-nominalizador dêitico (aí, quando) não é mesmo?

'Aí, finalmente no casco de um filhote de jabuti lá eu pisei, aí, não é mesmo?

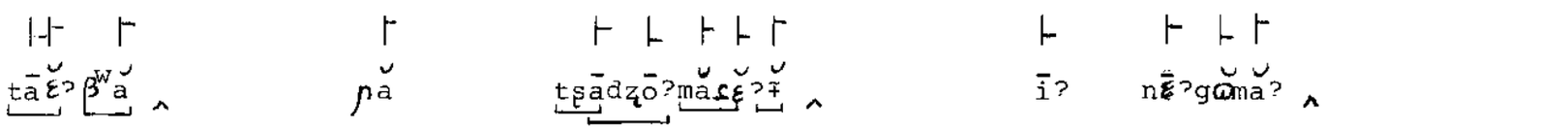
T.F. 16) 2



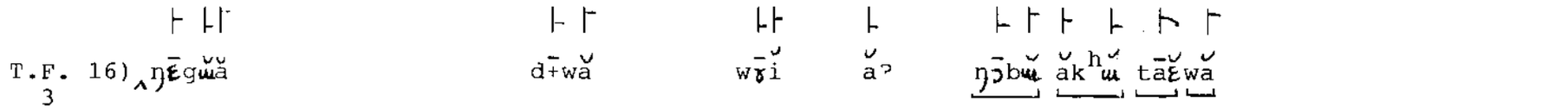
dêitico (aí, quando) tópico um x jabuti filho, filhote casco locativo



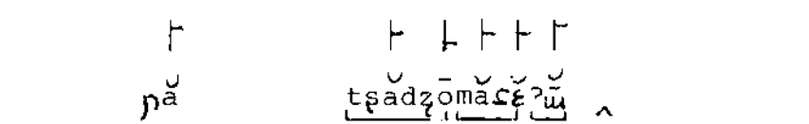
jabuti filho, filhote casco locativo



casco locativo dêitico 1p-pisar só nominalizador x dêitico (aí, quando)

T.F. 16) 

dêitico (aí, quando) finalmente um x jabuti filho, filhote casco locativo



dêitico 1p-pisar só nominalizador

T.E. 17) Yiema tũ'ũ tchayaumareũ ,

dêitico (aquele) 3p íntima-dativo 1p-pegar-só-nominalizador

'Aquele eu o peguei'

T.P. 17) dzɛã tʂădzāɷmăɾɛ̆ɨ̆ ŋɛ̄gɯ̆ă

dêitico (aquele) 1p-pegar-só-nominalizador dêitico (aí, quando)

'aquele eu peguei, aí'

T.F. 17) tɯ̄tʂă dzāɷmăɾɛ̆ʔɨ̆ ĭʔ ŋɛ̄ʔgɷ̆măʔ
2

3p íntima 1 p pegar só nominalizador x dêitico (aí, quando)

˦˨ ˦	˦	˦ ˨ ˦ ˦	˦ ˨ ˦
T.F.3 17) ^dzi̯ī̆ɛ̆mă	tɨ̆	tʂădzāɡ̆ʔmăɕɛ̆ɯ̃	ŋɛ̄ɡɯ̆mă ^
dêitico (aquele)	3p íntima	1p-pegar-só-nominalizador	dêitico (aí, quando)

T.E. 18) nucüütchima ni nge'guma

tempo-intensificador-intensificador origem, passado dêitico (aí, quando)

bem depois

'um tempo bem depois, aí'

T.P. 18) nōgɤ̆tʂā̆ nĭ ŋɛ̄gɯ̆ă

bem depois origem, passado dêitico (aí, quando)

'um tempo bem depois aí'

T.E. 19) ũpaüra inawücaeüwa tarüyimareü̃.

antes aspecto contínuo-3p-caçar-nominalizador locativo 1p.pl-sair-só-nominalizador

Ngeguma

dêitico (aí, quando)

'nós saimos no lugar onde a gente caçava antes. Daí'

T.P. 19) ˆ ʔλ̄paʃɛ̆naʔ ĭnaβɯ̆kaɛ̆ɣ̆ taʃɯ̆dʐ̆imaʃɯ̃

antes aspecto contínuo-3p-caçar locativo 1p.pl-sair-só-nominalizador

nɛ̃ɯ̃

dêitico (aí, quando)

'nós saímos no lugar onde a gente caçava antes.
Daí'

T.F. (18, 19) 2 nõkʰɯ̃ʔɯ̃tʂimã ʔ — nĩ — ŋɛgɑ̃mã

tempo intensificador-intensificador — origem, passado — dêitico (aí, quando)

ʔʔ ɯ̃pãɯ̃sãʔɯ̃tʂimã ^ — nõkʰɯ̃ʔɯ̃tʂimãni ^

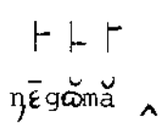
antes intensificador intensificador — tempo-intensificador-intensificador-origem, passado

i ʔ nɛ̃ʔgɑ̃mã ^ — ʔɯ̃pãʔɯ̃tʂimã ^

T.F. 18) ^ nȭkʰɯ̆tʂĭmắ ^

3 tempo-intensificador-intensificador

T.F. 19)
3
antes
aspecto contínuo-3p-caçar-locativo
1p.pl-sair-só-nominalizador



T.E. 20) erü ngema tchautücü arücutchiatchicawa tcharügomareü̃

dêitico meu-tia de cozinha lugar locativo 1p-varar-sõ-nominalizador

nge'guma erü ngema üagü̃ü ya de'ne yimagu

dêitico (aĩ, quando) dêitico crescidos x cana aquele-locati-vo

'daĩ eu varei no lugar da cozinha da minha tia,

daĩ nuns pés de cana crescidos'

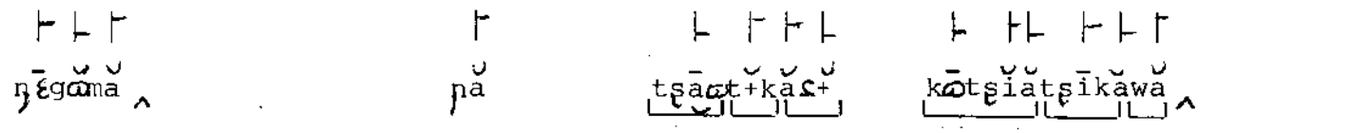
T.P. 20) ^ ŋɛ̄ŋɤ̆ ^ tʂaω̄ tɯ̆kaɾ̆+ ^ kɶtʂiătʂika tʂăɾ̆+gɔ̄maɾɛ̆

dêitico (aĩ, quando) meu-tia de cozinha lugar 1p varar sõ

dêitico (aí, quando) crescidos cana aquele locativo

'dái, no lugar da cozinha da minha tia eu varei,
daí nuns pés de cana crescidos'

T.F. 20) 3



dêitico (aí, quando) dêitico meu tia de cozinha lugar locativo

1p.pl-sair-só-nominalizador dêitico (aí, quando) dêitico (aquele)

crescidos x dêitico (aquele previamente referido) cana

T.E. 21) tchaugü tchima'ũ ngema naca , i

1'p reflexivo 1p-matar-nominalizador dêitico 3p-por x

ngema taiya

dêitico (aquele) fome

'eu matei aí ela, a aquela fome'

T.P. 21) tşãɯ̃ tşimãã ŋɛ̃ŋʌ̃ kɤ̃nã

1p reflexivo 1p-matar-nominalizador dêitico (aí, quando) não é mesmo?

nãkaĩ taɂdzã

3ªp-por x fome

'eu matei aí - não é mesmo? - ela, a fome'

146

T.F.3 (20, 21) dẓă dẓīmă gω̆

x dêitico (aquele previamente referido) locativo

tṣădẓ̆imāmăɾɛ̆ɯ̆ ^ ŋ̄ɛgω̆mă nākă

1p-objetivo interno-matar-só-nominalizador dêitico (aí, quando) 3p-por

ĭ tāɪdẓă ^

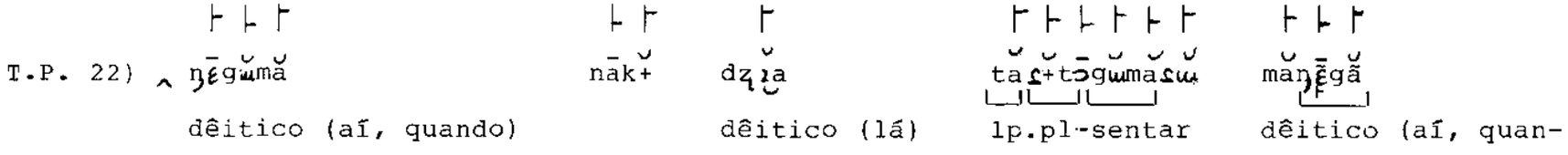
x fome

T.E. 22)	Nge'guma	na'ca	i	ngema	tarütogümareü̃
	dêitico (aí, quando)		x	dêitico (lá)	1p.pl-sentar-pl-só, à toa-nominalizador

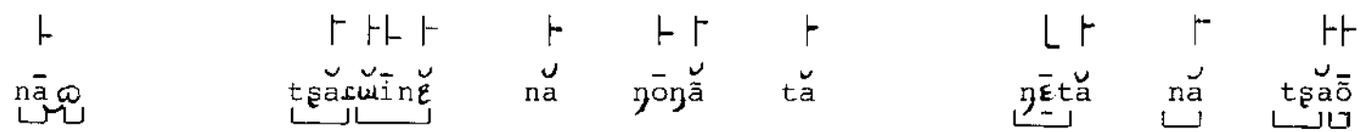
Nge'guma	nagu	tcharüinü̃'ü̃	nge'guma
dêitico (aí, quando)	3p-dentro	1p-pensar-nominalizador	dêitico (aí, quando)

nge'gumatama	ngetama	tchaũ'ü̃ ,
nesse momento	onde	1p-ir-nominalizador

'Ai ... lá nos sentamos.
Aí fiquei pensando, aí nesse momento, aonde eu ia,'

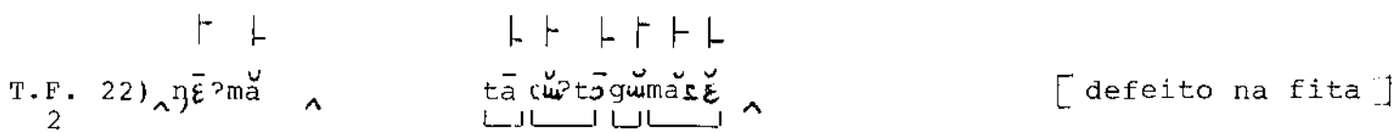
T.P. 22) 

dêitico (aí, quando) | nãk+ | dzɻa dêitico (lá) | taʂ+tɔgɯmaʂɯ 1p.pl-sentar | mãŋẽgã dêitico (aí, quando)



3p-localtivo | 1p-pensar | x | como | não-agora | onde | x | 1p-ir

'Aí ... lá nos sentamos, aí fiquei pensando aonde eu ia,'

T.F. 22) 2 

dêitico (lá) | 1p.pl-sentar-pl só, à toa

[defeito na fita]

tă ^ nĭ ^ ŋɛ̄ʔtă   nă   dʐīʔɨ̆ ^   ŋɛ̄ʔgɯ̆mă̆t.ānĭ   nāgɯ̆

onde   x   1p-estar   dêitico (aí, quando)   3p-locativo

tʂaɾɯ̆ʔīnɨʔɯ̆ ^   tã   ŋɛ̄ʔtă   năʔ   dʐīʔɯ̆   ŋɛ̄ʔgɯ̆mă

1p-pensar-nominalizador   onde   x   1p-estar

tăʔnĭʔĭ ^   ŋɛ̄tă   nă   tʂăʔōʔɯ̆ ^

onde   x   1p-ir-nominalizador

T.F. 22) ŋɛ̄gɯ̆mă   nākʰɯ̆ ^   dʐā   tăɾɨtɔgɯ̆măɾɛ̆
3

dêitico (aí, quando)   x   1p.pl-sentar-pl-só

dʐiɛ̄gɑ̆mã̆ ^ nāgɑ̆ ^ dʐiɛ̄mã̆ ^ tʂă ɾ̆+ʔīn+ɯ̃̆ ^

dêitico (aí, quando (passado)) 3p locativo dêitico 1p-pensar-nominalizador

nã̆ ŋɛ̄tă nă? tʂăō̄ɯ̃̆ ^

para onde x 1p-ir-nominalizador

T.E. 23) nge'guma nuã Camiru tchipenẅwa

dêitico (aí, quando) dêitico (aqui) Camilo beira locativo

tcharẅco'otchi , na ngetąama na nhãẅtchi'ẅ i

1p-espiar de repente-intensificador x onde x líquido x

de'a

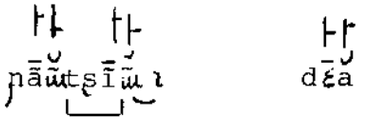
água

'aí aqui na beira do [igarapé] Camilo eu fui dar uma espiada [para ver] para onde corria a água'

T.P. 23)

dêitico temporal passado (aí, quando) dêitico localtivo (lá) Camilo

beira locativo 1p-espiar de repente-intensificador onde



líquido × água

'aí lá na beira do [igarapé] Camilo eu fui dar uma espiada para [ver] para onde corria a água]

T.F. 23) na ŋɛgɷma ŋɛma ^ Kamiɾɷ ^ tsɛ̤ip.ɛnəwa ^
2

dêitico (aí, quando) dêitico (lá) Camilo beira locativo

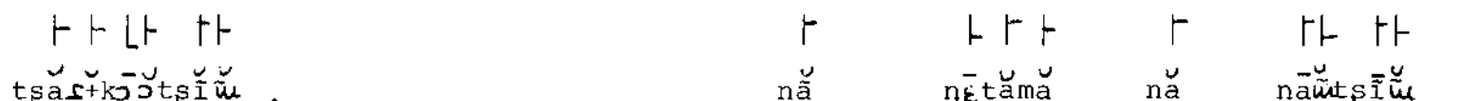
tsaŋo ^ tsaɾɯk.ɔʔɔtsi̤ʔɯ̃ ^ ŋɛʔta ^ mani ^ naʔɲaɯ̃tsiɯ̃ʔɯ̃ ^

1p chegar 1p-espiar-intensificador nominalizador onde líquido

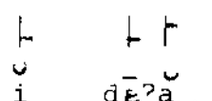
i dɛʔa ^ tsaɾɯkɔʔɔtsi̤ʔɯ̃ ^ ŋɛʔtama ^ ni ^ na ɲaʔɯ̃tsiʔɯ̃ ^ i ^ dɛʔa ^

T.F. 23) 3

dêitico (aí, quando) dêitico (lá) Camilo beira locativo



1p-espiar-intensificador-nominalizador para onde x líquido



x água

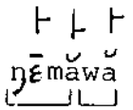
T.E. 24) ngemawa nge'guma

dêitico locativo (aquele, esse, aquilo, isso) dêitico (aí, quando)

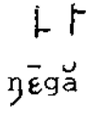
tchangugũũ

1p-marcar, observar-nominalizador

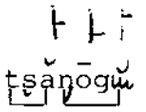
'Nisso aí eu observei'

T.P. 24) ^ 

dêitico locativo (aquele, esse, aquilo, isso)

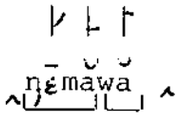


dêitico (aí, quando)

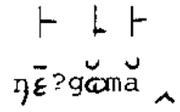


1ªp-marcar, observar

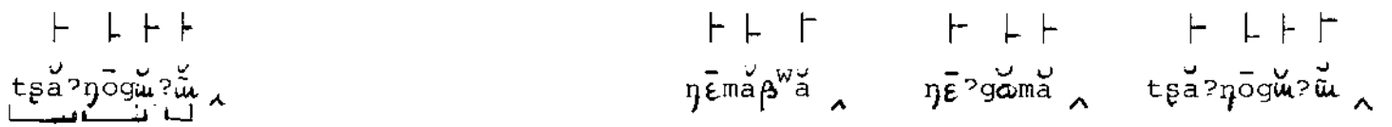
'Nisso aí eu observei'

T.F. 24) 2 

dêitico locativo (aquele, esse, aquilo, isso)



dêitico (aí, quando)



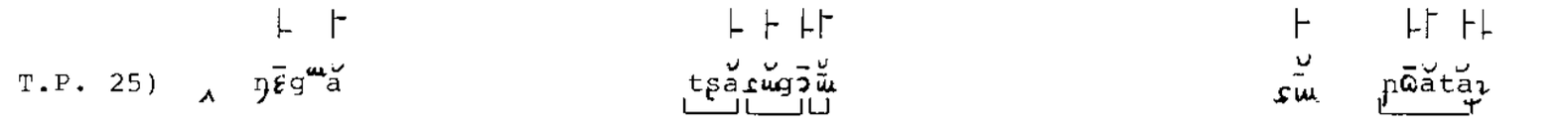
1p-marcar, observar-nominalizador

T.F. 24)

dêitico locativo (aquele, esse, aquilo, isso) dêitico (aí, quando) 1;p-observar

T.E. 25) i	nge'guma	tcharügo'ũ		rũ	nhumata
x	dêitico (aí, quando)	1ªp-sair, varar-nominalizador		e	agora

'aí a minha saída [possível] e agora'

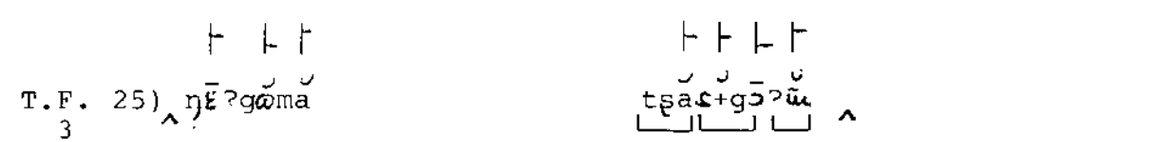
T.P. 25) 

dêitico (aí, quando) 1ªp-sair, varar-nominalizador e agora x

'aí a minha saída [possível] e até que'

T.F. 25) 2

dêitico (aí, quando) 1p-sair, varar-nominalizador

T.F. 25) 3 

dêitico (aí, quando) 1p-sair, varar-nominalizador

T.E. 26) tchawiĩwa tchangu'ũ

1ªp-canoa locativo 1p-chegar-nominalizador

'na minha canoa eu cheguei'

T.P. 26) tsãwĩwã tsãŋõ

1p-canoa locativo 1p-chegar

'na minha canoa eu cheguei'

T.F. (25, 26) 3 ŋõmãta tsaβĩ?wa tsãno

agora 1ª p canoa locativo 1ªp chegar

T.E. 27) ngema	anũ'ũ	i	tchigu ,	rũ	ngã	rũ
dêitico (lá)	colocar-nominalizador	x	cutia	e	paca	e

nhumatchi

bem agora

'lá [houve] a colocação da cutia, da paca e bem nesse momento'

T.P. 27) ˄ ŋā tʂăn̄ō̄ ɲă tʂīgɯ̆ ɾɯ̆̄ ɲătʂĭ

dêitico (lá) lap-colocar dêitico (esse) cutia e bem agora

ŋā

paca

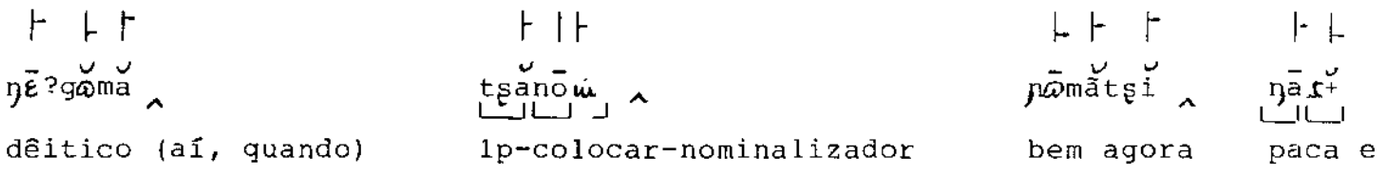
'lá eu coloquei a cutia e bem nesse instante a paca'

T.F. 27) ˄ ĭ tʂīgɷ̆ ˄ ɾɯ̆ʔ ɲā ˄ ŋɛ̄ʔgɷ̆mă ˄ tʂă̆ʔnō̄ʔɯ̆

2

x cutia e paca dêitico (aí, quando) lp-colocar-nominalizador

T.F. 27) 3



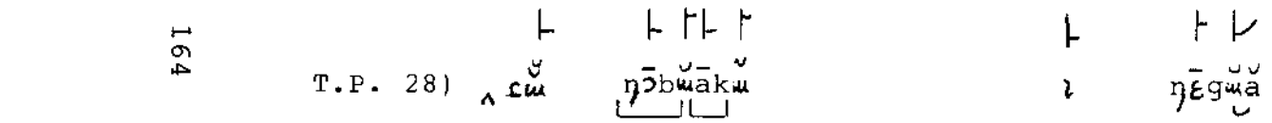
dêitico (aí, quando) 1p-colocar-nominalizador bem agora paca e

ben agora cutia

T.E. 28) ngobʉacʉ — i — nge'guma.

jabuti filho, filhote — x — dêitico (aí, quando)

'do filhote de jabuti, aí.'

T.P. 28) 

e — jabuti filho, filhote — x

'do filhote de jabuti, aí'

T.F. 28)

jabuti filho, filhote — x — dêitico (aí, quando)

T.E. 29) Ngema tü'ũ tchaüe

dêitico (lá) 3p íntima-dativo 1p-embarcar com outra pessoa dona de outra canoa

rü ngemama, woe marü tchataegu

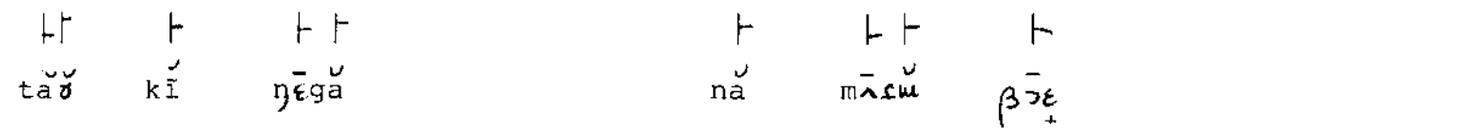
e nesse momento já 1p-voltar

'lá eu os embarquei e ... nesse momento eu já esta va voltando'

T.P. 29) ^ nā tă̆ tʂă̆ɣ̄ɛ̆

dêitico (lá) 3p íntima 1p-embarcar com outra pessoa dona de outra canoa

tă̆ɣ̆ kĭ̆ ŋɛ̄gă̆ nă̆ mʌ̄ɛɯ̆ βɔ̄ɛ̣



dêitico (aí, quando) nesse momento

tʂă̆tā̆ɩgɷ̆ ŋɛ̄gă̆ɛɯ̆

1p-voltar dêitico tópico (aí; quando)

'lá eu os embarquei ... aí já nesse momento eu estava voltando, aí'

T.E. 30) Yauanecũ ' ũtchima i nuã tchautchiũwa tchangu.

tarde - intensificador-intensificador x aqui 1;p-casa locativo 1p-chegar

'bem de tardinha aqui na minha casa eu cheguei.'

T.P. 30) ^ dzā̃ɷănɛk w̃tʂĭ   ĭtãŋō w̃   nă

tarde intensificador   aspecto-1ªp.pl-chegar-nominalizador   aqui

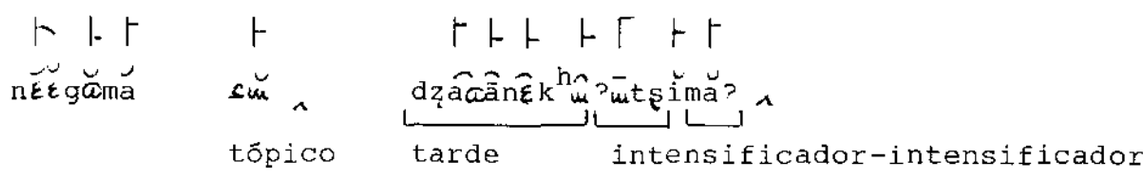
tsā̃ɷtʂĭã ^

1p- casa locativo

'bem de tardinha nós chegamos aqui na minha casa'

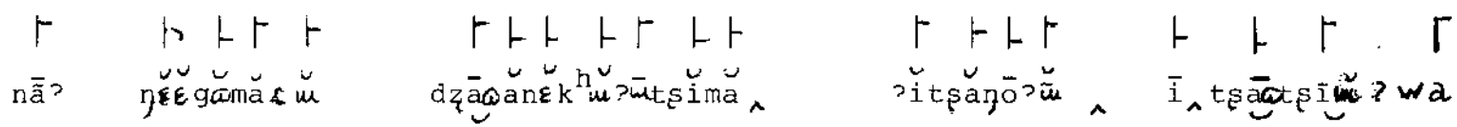
T.F. (28, 30) sw̃ʔ   ŋɔ̄bw̆ăkʰw̆tă ʔ   i   ŋɛ̄ʔgɷmãʔ   nā
2

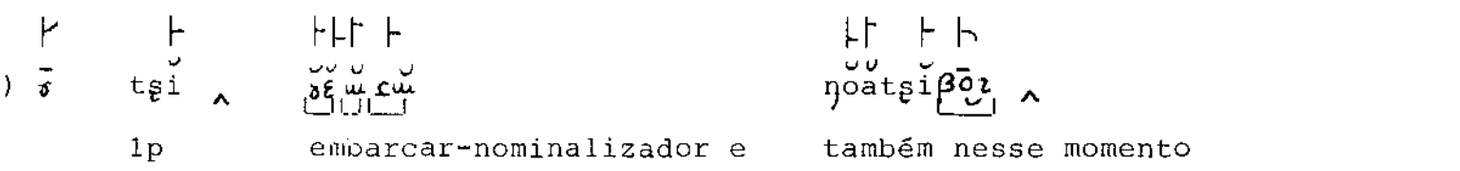
e   jabuti filho, filhote também   x   dêitico (aí, quando)



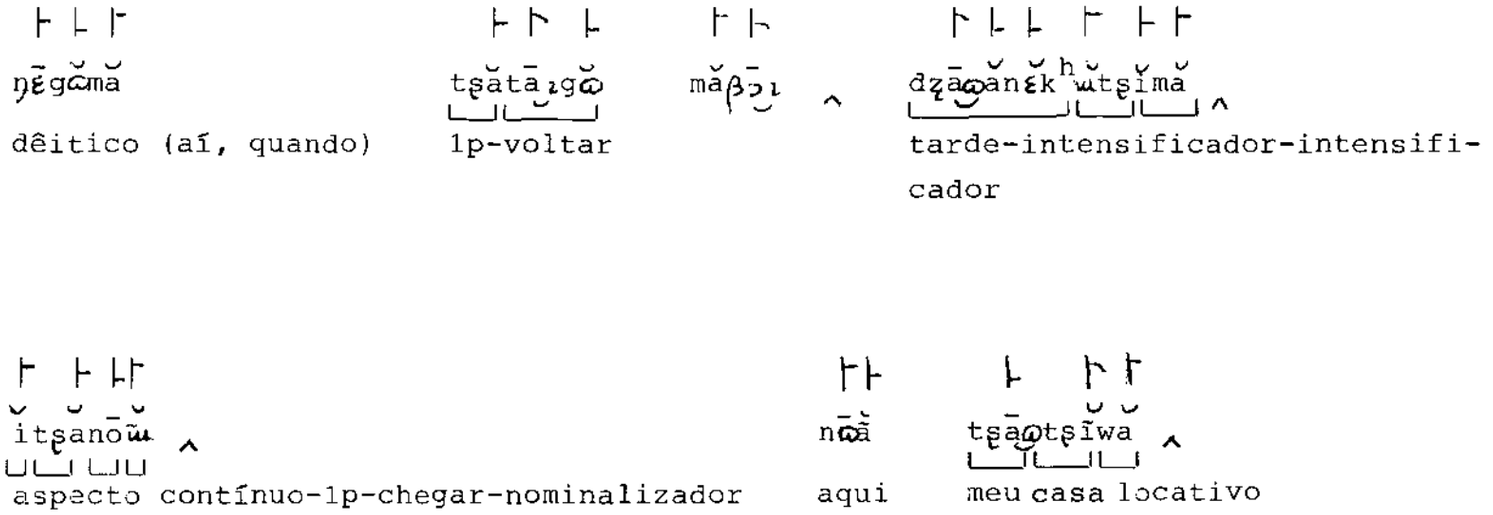
tõpico tarde intensificador-intensificador

aspecto contínuo-1ap-chegar-nominalizador x meu casa locativo





T.F. (29, 30) 3 1p embarcar-nominalizador e também nesse momento



dêitico (aí, quando) 1p-voltar tarde-intensificador-intensificador

aspecto contínuo-1p-chegar-nominalizador aqui meu casa locativo

Algumas coisas sobressaem à primeira vista nos dados apresentados.

No primeiro conjunto de dados (texto 1), os agrupamentos fonológicos resultantes do ato de fragmentar exibem uma visível repetição de seqüências. Essa repetição tem sua origem na relação entre pesquisador e informante. Entendendo ser seu papel o de ensinar e o de bem explicar, o informante - no caso, o próprio autor do texto produzido - repetiu por várias vezes, e em fala lenta, muitas das seqüências, tendo adotado esse procedimento sobretudo com relação a tudo o que, introduzido no texto produzido, ainda não havia sido objeto de fragmentação. Com relação àquilo que, já tendo aparecido no texto produzido e já tendo sido submetido ao processo de fragmentação, retornava ao texto produzido, a tendência do informante, em termos de procedimento durante a fragmentação do texto, foi a de omitir: por já haver ensinado e explicado algo anteriormente, entendeu ele não ser mais necessário fazê-lo novamente.

No segundo e no terceiro conjunto de dados (textos 2 e 3), pode-se notar nos agrupamentos fonológicos tanto a existência de uma repetição de seqüências quanto a sua ausência. Os momentos em que a repetição não se deu ou se deu de maneira parcimoniosa coincidiram com fragmentações em que os informantes, atribuindo-se um outro papel de que não o de professores/explicadores, refizeram o texto objeto da fragmentação.

Em termos da nossa análise, os dois acontecimentos tiveram as suas conseqüências. O primeiro possibilitou que verificássemos a concretização e a manutenção de distinções, e o

segundo nos colocou próximos de critérios que os informantes utilizaram para operar uma seleção no texto produzido. Ambos os acontecimentos estão relacionados e dão oportunidade - como se verá bem mais adiante - para que se reflita sobre a relação entre agrupamentos fonológicos obtidos a partir de diferentes fragmentações. Um outro ponto que se destaca nos dados apresentados diz respeito às formas neles presentes.

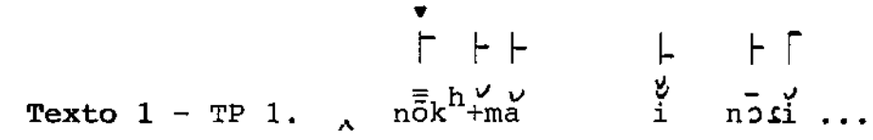
Nos agrupamentos fonológicos, algumas parecem plenas, se comparadas as que lhes correspondem no texto produzido. Outras - sufixos, posposições e as chamadas partículas - revelam-se, nos agrupamentos fonológicos, como elementos que podem ter independência em relação às palavras às quais se referem: podem ser pronunciadas isoladamente; podem ser constituídas de uma única sílaba longa cuja duração não está relacionada a nenhuma outra duração veiculada por segmentos. E essas observações são tanto mais verdadeiras quanto mais próximo está o informante do papel de professor/explicador. Quando o informante se afasta desse papel e passa a refazer o texto, as mesmas observações continuam válidas, só que os fatos a elas relacionadas se dão em menor escala - algo previsível se se levar em conta que aqui o informante refaz o texto objeto da fragmentação.

Nos textos produzidos, chama inicialmente a atenção a presença de sílabas ultrabreves em uma fala em velocidade andante. Também constituem um ponto de interesse a composição segmental das sílabas e a constituição dos padrões de altura. Exemplos disso podem ser vistos nos dados que destacamos adiante (Quadro I).

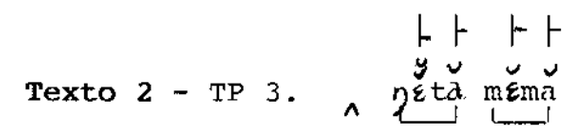
Da mesma forma, podem ser objeto de interesse os trechos em que, do ponto de vista segmental, ocorrem aproximações, isto é, ocorrem processos pelos quais segmentos e seqüências de segmentos são tornados mais próximos, ao ser diminuída a distância articulatória entre traços de um segmento e segmentos adjacentes. Ou ainda resultam em ser interessantes trechos em que distanciamentos são mantidos, isto é, trechos em que há intensificação de traços salientes de segmentos e/ou o contraste desses com segmentos adjacentes. E observações semelhantes podem ser feitas com relação ao plano que, reunindo altura, duração e intensidade, estamos chamando - sem maiores reflexões - de plano suprassegmental. Exemplos a respeito também se seguem destacados mais adiante (Quadros II, III, IV, V).

Aproximações e distanciamentos são termos que, na realidade, incorporam, respectivamente, tendências assimilativas, redutivas e tendências polarizantes, dissimilativas. As aproximações e os distanciamentos observados em texto produzido são um ponto por onde o ritmo pode ser abordado, e por ele vamos começar.

QUADRO I

Texto 1 - TP 1. 

antigamente x primeiro

Texto 2 - TP 3. 

onde incerteza

Texto 3 - TP 10.

dêitico tópico 1p-caminho

(*TP 1, TP 3, TP 10* : exemplos com sílabas ultrabreves em velocidade andante)

Texto 1 - TP 1. tʂāmă kăn̆ tʂɔ̄ ...

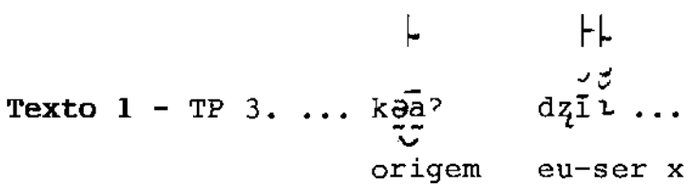
eu não é mesmo eu-

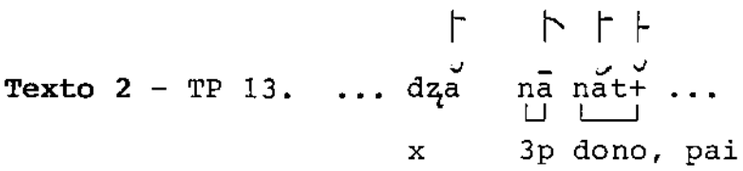
Texto 2 - TP 23. ʔŋ̄ʔ ^̄ ŋiɐ̆mɛ̆măna

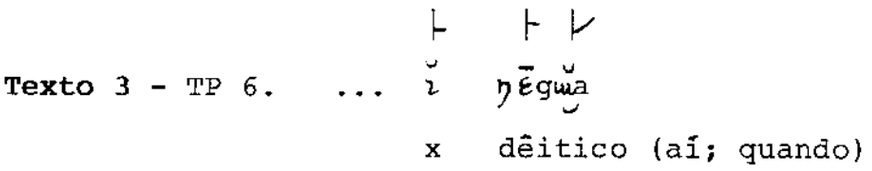
'incerteza'

Texto 3 - TP 3. ... tʂăn̆ măɨ̄ tʂɐ̄m

(*TP 1* e *TP 23*: exemplos com nasais silábicas; *TP 3*: presença de nasal silábica e de nasal travando sílaba)







(*TP 3*: exemplo com núcleo silábico longo, movimento no plano segmental conjugado a nivelamento no plano da altura; *TP 13*: exemplo com núcleo silábico longo, ausência de movimento no plano segmental e movimento no plano da altura; *TP 6*: exemplo com núcleo silábico breve, movimento no plano segmental e movimento no plano da altura)

Texto 1 - TP 9. ... nǎŋɛ̄ɛ̆mǎ ǐ ɲōʔmǎ ...

3p-existir x agora

Texto 2 - TP 13. ... dʐǎ dʐɔ̄ʔǐ

x

(*TP 9 e TP 13*: presença de oclusão glotal e existência de sílaba portadora de nível de altura mais alto do que a sílaba precedente)

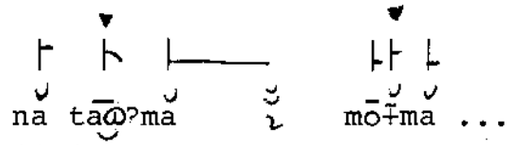
Texto 1 - TP 5. tʂɔ̄ɛ̆ɨ mā'ə̆ ...

meu vida

Texto 3 - TP 6. ... tʂăna'ə̄ɨ̆ ...

1ª p-objeto interno-fazer-nominalizador

(*TP 5 e TP 6*: presença de oclusão glotal e existência de sílaba portadora de nível de altura mais baixo do que a sílaba precedente)

Texto 1 - TP 11. ... 

3p-negação x muito

Texto 2 - TP 6. ...

pau, filho,

árvore pé

x lã

(*TP 11* : presença de oclusão glotal após núcleo silábico longo com movimento no plano segmental e no plano da altura; *TP 6* : oclusão glotal seguindo-se a núcleo silábico breve com movimento no plano segmental, mas sem movimento no plano da altura)

QUADRO II

Aproximações no plano segmental:

TEXTO 1 - TP 3.	tɑ̰nɛ̰t+	kə̰a̰ʔ	dzi̯ĩ	ɩ
	Igarapé Preto	origem	eu-ser	x

TP 11.	... ŋ̃ɛ̃ta̰	ḭ	o̰kɑ̰ɛ̰
	onde	x	conselho

TP 12.	... tʂa̰ɑnatɐ	sɐ...
	meu-dono, pai	tópico

(*TP 3* : a laringalização é um traço comum a vogais que não só são contíguas, mas próximas do ponto de vista articulatório; a consoante africada, por sua vez, está próxima das vogais através da sonoridade. *TP 11* : é a laringalização que aproxima uma série de vogais adjacentes. Em *TP 12* está diminuída a distância articulatória entre as duas últimas vogais e a vogal que as antecede.)

Texto 2 - TP 16. ... tɔkɷtʂia̰ʔḭa̰kʰ+

meio-dia

↓ ↓

TP 20. ... ŋ̡ək+ pɛdɷɛɨ̃...

↑ ↑

que bom! 2p.pl.-gente

TP 26. ... d+ga nanadoɛɨ̄

olha! 3p.-virar gente

(*TP 16*: é ainda a laringalização que aproxima vogais adjacentes. *TP 20*: as vogais assinaladas estão próximas pela articulação centralizada; as consoantes assinaladas estão próximas pela articulação posteriorizada e alta. *TP 26* : a sonoridade da consoante velar se combina à das vogais que a ladeiam e, também, à sonoridade da consoante que a precede.)

TEXTO 3 - TP 3. ... tsan — maĩ — tşẽm

1p.passado — matar-nominalizador — eu

TP 9. tşamaḭ ...

1ªp-mulher, esposa-afetividade

TP 11. ŋẽta — n — nadaũ

onde — origem — 3p-nominalizador

(*TP 3*: consoantes estão próximas através da nasalidade; vogais, contíguas e não-contíguas, se fazem próximas através da laringalização; a vogal recuada retorna quer como baixa, quer ligeiramente elevada. *TP 9*: a laringalização que aproxima as últimas qualidades vocálicas se combina ao encurtamento da distância articulatória entre essas mesmas qualidades. *TP 11*: não há distância articulatória entre as duas nasais assinaladas, dando-se a diferença entre ambas em termos de silabicidade.)

QUADRO III

Distanciamentos no plano segmental:

TEXTO 1 - TP 4. ... tama na ϕ^{w}a̰ɛga ...
negação 3p- ter conhecimento

TP 5. ... na nɛ̰ta na ...
onde

TP 7. ... nõk+ma+tʂima
└──┘└┘
antigo-intensificador$_1$-intensificador$_2$

... pɔ̰g+wa ...
└──┘
pescar ...

(*TP 4*: toda a seqüência é marcada, por um lado, por uma única articulação vocálica diferenciada ([ɛ̰]) e, por outro lado, pela presença de uma qualidade vocálica que, embora se repita, se faz única ao exibir qualidade de voz laringalizada ([a̰]).
TP 5: cria-se um ponto de distanciamento entre as vogais, sobressaindo-se [ɛ̰] em meio às demais realizações vocálicas.
TP 7: do ponto de vista das consoantes, há dois pontos que

se destacam, isto é, se distanciam dos demais: aqueles em que sons surdos se combinam a uma articulação oclusiva. Ainda em *TP 7* é exemplo de distanciamento a laringalização de uma vogal arredondada.)

TEXTO 2 - TP 2. t+ma ga ŋotapa

3p. íntima x Ngutapa

TP 13. ... dʐima n+ma ...

aquele (previamente referido) ele

TP 14. ŋɛgɑma ŋi?it.imaʂ̃

dêitico 3ªp.fem.asp.contínuo-3ªp. íntima-

(aí,quando) surrar, matar

(*TP 2*: distanciamento obtido através das duas únicas vogais que não são baixas; *TP 13*: distanciamentos obtidos através das duas únicas vogais altas; *TP 14*: distanciamento obtido através da única oclusiva que, sendo surda, é também alongada.)

TEXTO 3 - TP 4. ... ŋoãkə tʂimã? ...

às vezes 1p matar

TP 5. ... ŋɛgɑ̃ma ŋoaki ...

dêitico às vezes aspecto contínuo

(aí; quando)

TP 9. ŋɛ̃ã tikɤ̃kɤnɛka

dêitico 3p roncar barriga íntima

(*TP 4*: distanciamento obtido através das duas únicas vogais baixas e laringalização; *TP 5* : distanciamento obtido, entre as consoantes, através da única consoante oclusiva surda; *TP 9* : a laringalização distancia uma vogal de todas as demais.)

QUADRO IV

Aproximações no plano suprassegmental:

TEXTO 1 - TP 1. ... kan tsɔnãŋɛ̃mã

não é mesmo?

TP 4. ... ɩ dōɨ̄ɨ̄ gɨ ɾɨ

x pessoa plural (monte)

TP 6. tsãmã tsãbõ kẽnã ...

eu eu-nascer origem mesmo

(*TP 1*: a altura meio-alta reúne e aproxima três sílabas; *TP 4*: a seqüência se divide em duas alturas (meio-baixa e média), cada uma delas se aplicando a mais de uma sílaba em sucessão. *TP 6*: para a maior parte da seqüência, continua válida a observação anterior, mesmo que uma das duas alturas envolvidas seja concretamente outra (altura meio-alta).)

TEXTO 2 - TP 3. ŋɛ́tamɛma

onde incerteza

TP 20. ... ŋə̄k+ pɛdω̄ɛ+ ...

que bom! — 2p.pl - gente

TP 21. ... piw̃ɛ̃g+ ɛ+

2ªp.pl. desamarrar — e

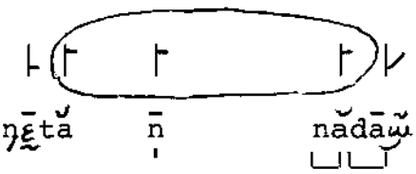
tãŋɛ̄mã ...

não-agora — dêitico

(*TP 3*: o enunciado novamente se divide em duas alturas, uma delas se aplicando a mais de uma sílaba em seqüência. *TP 20* : a altura que reúne duas sílabas (altura média) se estende, aparentemente, de uma palavra para outra. *TP 21* : o enunciado comporta duas alturas (média e meio-baixa), havendo um prolongamento de cada uma das alturas por sobre mais de uma sílaba.)

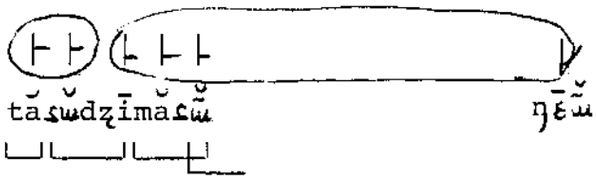
TEXTO 3 - TP 9. ... tatarɨdzą k+nã ...

1ªp-estar com fome não é mesmo?



TP 11. ŋɛ̃tã n̄ nãdãɯ̃

onde origem 3p-vir-nominalizador



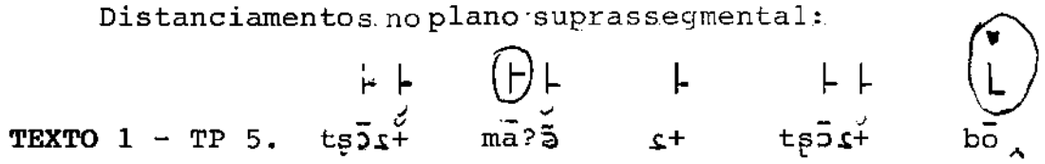
TP 19. ... tãsɯ̃dzīmãɕɯ̃ ŋɛ̃ɯ̃

1p.pl-sair-só-nominalizador dêitico (aí; quando)

(*TP 9*: um dado nível de altura se repete dentro do que seria uma mesma palavra. *TP 11* : um mesmo nível de altura se faz presente em uma seqüência que abrange desde o que seriam porções de palavras diferentes a uma forma que, indicando 'origem', aparece como segmentalmente ligada ao marcador de pessoa integrante do verbo. *TP 19* : a maior parte do enunciado comporta duas alturas (média e meio-baixa), havendo um prolongamento de cada uma das alturas por sobre mais de uma sílaba.)

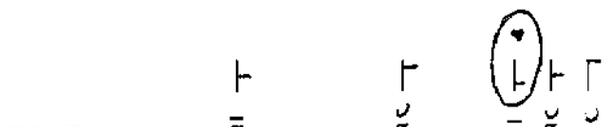
QUADRO V

Distanciamentos no plano suprassegmental:



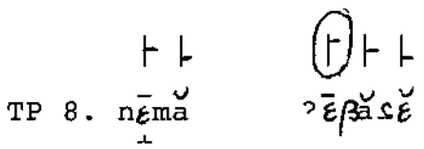
TEXTO 1 - TP 5. tʂɔ̄ɾ+ mā?ə̃ ɾ+ tʂɔ̄ɾ+ bō

meu vida e meu nascimento



TP 7. ... t∓ ĭ pɔ̄g∓wă

1.p.pl. x

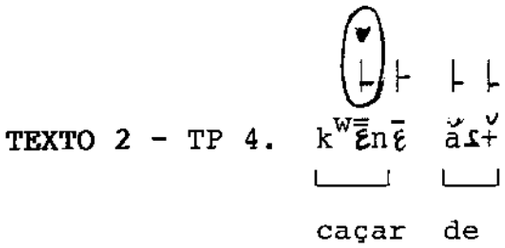


TP 8. nɛ̄mă ʔɛ̄βăɾɛ̆

aquele Évare

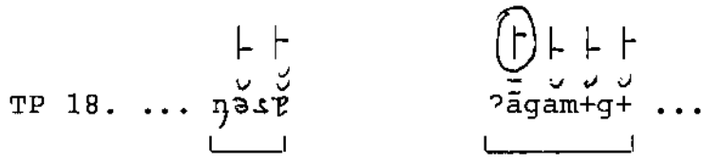
(*TP 5*: em uma seqüência marcada pela presença hegemônica da altura meio-baixa, as alturas média e baixa aparecem como pontos de distanciamento.

TP 7: a altura meio-baixa - única na seqüência - se combina à alta intensidade e cria um ponto de distanciamento. *TP 8*: a altura meio-alta é, dentro da seqüência, um ponto extremo e, por ser única, é um ponto de distanciamento.)



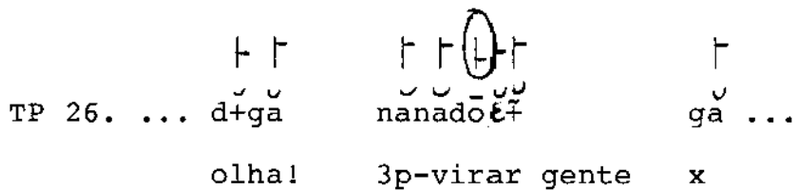
TEXTO 2 - TP 4. $k^{w}\bar{\bar{\varepsilon}}n\bar{\varepsilon}$ $\breve{a}\breve{\iota}+$

caçar de



TP 18. ... ŋə̆ɪɐ̆ ʔā̄gam+g+ ...

de repente quatro



TP 26. ... d+gă nănădō̄ɛ̃+ gă ...

olha! 3p-virar gente x

(*TP 4*: duração ultralonga, alta intensidade e altura em nível extremo criam um ponto de distanciamento. *TP 18* : a altura meio-alta, um ponto extremo dentro da seqüência é também aí única, o que faz dela um ponto de distanciamento. *TP 26* : aqui o nível extremo e único é a altura meio-baixa, um ponto de distanciamento.)

TEXTO 3 - TP 4. ... ŋŏăkă   tɕĭmā?

às vezes   1p. matar

TP 9. ... kɨ̄nă   dʑɔni

não é mesmo?   enquanto isso

TP 11. ŋ̄ɛtă   n̄   nădāŭ

onde   origem   3p-vir-nominalizador

(*TP 4*: na seqüência há dois pontos distanciados em relação aos demais: aqueles referentes à altura baixa, que coincide com à ocorrência de laringalização. *TP 9* : um único ponto de distanciamento no plano da altura: a altura meio-baixa. *TP 11* : dois pontos de distanciamento: a altura meio-baixa, cujo reaparecimento é intermediado pela presença prolongada da altura meio-alta .)

2.2.1. Aproximações e distanciamentos

Nos textos produzidos, as aproximações ou os distanciamentos que acabamos de mencionar trazem consigo determinadas possibilidades de abordagem do ritmo no nível da sua manifestação. A nosso ver, três dessas possibilidades se apresentam de imediato:

1) a visão das aproximações e distanciamentos como algo que deva ser necessariamente associado quer a um ritmo alternâncias, quer a um ritmo de sucessões.

2) a visão das aproximações e distanciamentos como algo cuja existência, sem estar necessariamente ligada a um tipo de ritmo, serve inevitavelmente à identificação e ao recorte de seqüências rítmicas no interior de enunciados;

3) a visão das aproximações e distanciamentos como resultado de configurações intrinsecamente ligadas à existência de domínios definidos no âmbito fonético.

Cada uma dessas possibilidades implica uma determinada postura em relação aos dados. Em razão do rumo impresso à nossa análise, algumas considerações serão tecidas em relação a trabalhos representativos dessas possibilidades.

2.2.1.1. Sucessões e alternâncias

A primeira possibilidade há pouco apontada pode ser melhor explicitada. Aproximações, quer no nível segmental, quer no nível suprassegmental, podem favorecer a construção de

alternâncias, desde que se combinem a distanciamentos regularmente distribuídos ao longo do tempo. Distanciamentos podem favorecer a construção de sucessões, desde que possam regularmente se suceder sem a intervenção de aproximações ou desde que se sucedam de maneira irregular ao longo do tempo.

Uma possibilidade como essa seria facilmente inserida em uma determinada tradição de estudos que têm o ritmo com seu objeto de preocupação. Nessa tradição, os ritmos lingüísticos naturais aparecem, amplamente, como sendo ou simples alternâncias ou simples sucessões. E a essa tradição podem ser filiados alguns dos trabalhos tidos como referências indispensáveis na questão do ritmo. Entre esses trabalhos estão Jones (1972), Stetson (1951), Pike (1945), Abercrombie (1965, 1967).

Jones (1972) estudou a quantidade silábica relacionada ao ritmo da fala servindo-se de uma notação musical. Pike (1945) e Abercrombie (1965, 1967) realizaram estudos sobre o ritmo com base nas modificações operadas na corrente da fala.

Nenhum desses estudiosos realizou uma tentativa de incorporação do ritmo a uma teoria lingüística, mas todos eles, a seu modo, terminaram por dar a sua contribuição para a construção de uma teoria do ritmo na qual sucessões e alternâncias são peças-chave. Pike, por exemplo, ao usar explicitamente o ritmo com fins descritivos, distinguiu dois tipos de ritmo nas línguas - o ritmo acentual e o ritmo silábico - que são, respectivamente, um ritmo de alternância e um ritmo de sucessão. Abercrombie, um outro exemplo, vê o ritmo acentual e o ritmo silábico como os únicos tipos primitivos de ritmo, já que o ritmo, na sua concep-

ção, está assentado sobre uma base fisiológica que impõe certas restrições: o ritmo surge da combinação de sílabas, que são, por sua vez, resultado de uma modificação do mecanismo aerodinâmico pulmonar; e as sílabas, no tipo silábico, possuem características provavelmente não-compatíveis com aquelas apresentadas pelas sílabas relacionadas ao tipo acentual.

O ponto básico sobre o qual concordam ambos os autores - a existência de dois tipos de ritmo como um divisor de línguas - traz embutida a idéia de que elementos do nível segmental ou suprassegmental, quando considerados com o propósito de se verificar o seu papel na manifestação do ritmo, devam de saída estar vinculados àquilo que, em tese, sua investigação serviria para elucidar: o status, nas línguas humanas, das sucessões (ritmo silábico) e das alternâncias (ritmo acentual). Exemplos disso podem ser encontrados em muitos trabalhos, desde aqueles que mostram uma aderência entre resultados obtidos e a dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico até aqueles que, lidando com uma falta de ajuste perfeito entre os fenômenos estudados e a dicotomia em questão, dela, no entanto, partem e dela não conseguem se afastar ou nela ainda se mantêm inspirados.

Um exemplo de trabalho em que é exibida uma falta de ajustamento entre os fenômenos estudados e a dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico é aquele publicado, em 1979, por Balasubramanian sobre o Tamil (língua dravídica falada no sul da India e no norte e oeste do Ceilão).

Apresentando um texto inicialmente marcado pela preocupação de obter uma decisão quanto ao status, em Tamil, de plosivas

surdas intervocálicas duplamente grafadas, Balasubramanian justifica tal preocupação com a necessidade de determinar a duração das unidades fonológicas intervocálicas e, com ela, a duração silábica. Ao lado dessa necessidade, ele coloca uma outra, que diz respeito à resolução do acento em Tamil. Valendo-se da sua intuição enquanto falante nativo e da realização de experimentos, Balasubramanian afirma que as primeiras sílabas das palavras polissilábicas são aquelas que têm a possibilidade de receber acento. Reunindo essa afirmação à decisão anterior quanto ao status de plosivas surdas intervocálicas, pode ele, então, realizar a mensuração de pés e sílabas e chegar à conclusão de que o Tamil não é nem uma língua de ritmo acentual, nem uma língua de ritmo silábico.

Para, de certa forma, tentar resolver o impasse colocado, Balasubramanian retorna à sílaba, testando aí a "teoria dos foneticistas do sânscrito antigo", que postula, para o Tamil, a existência de sílabas pesadas em contraposição a sílabas leves. O teste feito se revela proveitoso e encontra apoio na poesia Tamil. Entretanto, a poesia e as convenções de versificação em inglês e em francês - línguas tomadas como exemplos típicos, respectivamente, de ritmo acentual e ritmo silábico - fazem retornar ao texto o acento e a sílaba como elementos básicos e diferenciadores do ritmo. E o texto chega ao fim com a afirmação de que há alguma regularidade na duração de sílabas de certas estruturas em Tamil, afirmação acompanhada pela constatação de que é necessária mais pesquisa a respeito desse importante traço do Tamil.

Outros trabalhos também exibem a mesma falta de ajustamento

apontada por Balasubramanian. Mas como uma diferença instigante: o desajustamento entre fenômenos observados e a dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico não é constatado para uma longínqua língua dravídica, mas para línguas já localizadas em um dos lados - o lado silábico - da dicotomia em questão: o espanhol e o francês. Entre esses trabalhos se encontram Manrique & Signorini (1983) e Wenk & Wioland (1982). Ao contrário, porém, do que se vê em Balasubramanian (1979), nos trabalhos em questão há um percurso no sentido de se tentar resolver o problema apresentado pelos fatos, recolocando-se a própria dicotomia através da qual os fatos são olhados. Nessa tentativa, há uma referência indispensável a ambos: Allen (1975), um artigo seminal que se insere nos caminhos percorridos por Manrique & Signorini e por Wenk & Wioland e na própria história da dicotomia que nos ocupa.

Allen (1975) viu o ritmo não só como o padrão de uma seqüência temporal, mas também como o padrão de qualquer seqüência independente do tempo. Além disso, ele admitiu que, com referência à língua, a maior quantidade de efeito rítmico é proveniente de restrições fonológicas e fonéticas originárias, de um lado, de princípios organizadores do comportamento perceptual e motor humano e, de outro lado, de restrições específicas à língua e ao falante na produção da fala. Uma tal admissão caracteriza Allen (1975) como uma busca explícita de descrição de tais princípios de comportamento e de sua relação com o ritmo da fala. Nessa busca, constituem pontos importantes a referência a limites temporais e à imposição de uma estrutura rítmica a uma seqüência percebida, além da tradução de comportamentos motores em interva-

los temporais. Todos esses são pontos que terminam por conduzir à constatação de que os ritmos percebidos são geralmente sucessões e alternâncias e, para além da constatação, os pontos em questão servem à construção do caminho que leva, no referido trabalho, à hipotese de que a língua "parece ser governada pelas mesmas restrições rítmicas que outros comportamentos motores e perceptuais humanos"[20]. De um lado, essas restrições colocam limites sobre os tipos de ritmo que podem ser encontrados nas línguas naturais: os tipos rítmicos encontráveis estão confinados a sucessões e alternâncias. De outro lado, os limites colocados são suficientemente amplos para que maiores especificações quanto a ritmos lingüísticos só possam ser obtidas no nível de cada língua em particular: segundo Allen, grande parte das características diferenciadoras do ritmo da fala são dependentes de um "timing" articulatório cujo controle está associado a gramáticas particulares.

Se a busca explicitada em Allen (1975) é uma tentativa de incorporação do ritmo a uma teoria lingüística, o que mais claramente resulta dessa tentativa é a colocação de sucessões e alternâncias no nível de universais.

Por outro lado, o próprio Allen fornece o caminho para que o nível dos universais contenha apenas alternâncias, dele ficando excluídas as sucessões. E o caminho, no caso, passa pela manifestação fonética do acento.

Allen, ao mencionar a relação entre duração, altura e volume (loudness) em inglês e em francês, toma por aceito o resultado de análises[21] que fazem da altura, no inglês, a mais importante

pista para o acento e da duração longa combinada a um ligeiro decréscimo do volume, no francês, as marcas necessárias à existência de um acento terminal dentro de um grupamento semântico[22]. No inglês, duração e volume estariam vinculados à altura (as sílabas mais altas em altura usualmente seriam mais longas e emitidas com maior volume), e esse seria um fato que se ajustaria, sem surpresas, à impressão de que, no inglês, as sílabas acentuadas parecem conduzir os grupos nos quais ocorrem. No francês, as sílabas dentro de um grupo de sentido seriam semelhantes em altura, duração e volume, com exceção da última sílaba - muito mais longa e com ligeiro decréscimo no volume -, e esse fato conferiria ao francês um padrão rítmico diferente, o qual se caracterizaria por possuir grupos rítmicos com um acento baseado na duração e por apresentar, como sílaba ritmicamente percebida como forte, a última sílaba.

Das colocações feitas por Allen (1975), é sobretudo aquela referente às alternâncias o ponto de maior interesse tanto para Manrique & Signorine (1983) quanto para Wenk & Wioland (1982). Esse interesse tem, em cada um dos textos, um destino diferente não só em função da própria história de análise de cada língua tratada - o espanhol e o francês -, mas também em razão do próprio posicionamento que cada par de autores mantém com relação à dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico.

Voltado para o espanhol, Manrique & Signorini (1983) é um texto que tem como sua referência inicial Pointon (1980).

Ao comparar e revisar criticamente os resultados obtidos, quanto ao ritmo no espanhol, pelos autores espanhóis Navarro

Tomás e Gili Gaya e por Delattre e Olsen (não-espanhóis)[23], Pointon chegara à conclusão de que o espanhol não possui um ritmo regular, no sentido de exibir seqüências isócronas de eventos similares, sejam esses eventos sílabas ou acentos. No entender de Pointon, o espanhol apresenta alguma forma de regulação ("timing") segmental, na qual o número e o tipo de segmentos em cada sílaba, juntamente com a presença ou ausência de acento, determina a duração silábica. Com isso, pareceu claro a Pointon que mais trabalho necessitaria ser executado, para investigar se a regulação segmental apresentada pelo espanhol constitui ou um tipo de transição - usado por línguas que estariam sofrendo uma espécie de mudança relacionada à passagem do ritmo acentual para o ritmo silábico ou vice-versa - ou um terceiro tipo que seria uma espécie de não-ritmo com seus próprios direitos.

Tendo essas colocações de Pointon como a sua referência e levando em conta ainda observações feitas por Navarro Tomás e Gili Gaya, Manrique & Signorini (1983), empreendem uma tentativa para prover dados preliminares sobre duração segmental e ritmo em espanhol. Nessa tentativa, verificam que a duração segmental é afetada por vários fatores como, por exemplo, maneira de articulação nas consoantes, posição do segmento em relação a acento e pausa, tipo de palavra e velocidade de fala. Além disso, as investigadoras lidam com resultados vindos da comparação entre razões obtidas a partir do valor duracional de consoantes e vogais em condições de tonicidade e atonicidade e em situações de pausa e não-pausa. Tais resultados mostram que, em espanhol, as vogais são mais afetadas pelo acento e pela posição pré-pausa do que consoantes, e esses são resultados que, não sustentando a

isossilabicidade comumente postulada para o espanhol, ligam a duração silábica a fatores de diferentes ordens. Entre esses fatores Manfrini e Signorini fazem sobressair o acento e procuram rever o seu status fonético em espanhol, já que ele "parece ser um traço central na discussão do ritmo".

Na breve revisão feita, o espanhol e o inglês aparecem como línguas próximas. Em espanhol, como no inglês, o acento está associado a variações de altura (seguindo-se Bolinger 1965). No espanhol da Argentina, de acordo com experimentos entre os quais se encontram os da própria Manrique, as sílabas acentuadas são mais altas em altura, mais longas e às vezes, emitidas com mais volume (loudness), sendo que a única exceção é a sílaba acentuada em final de frase, quando se tem o alongamento extra da vogal acentuada.

A associação obtida entre altura e volume na manifestação do acento em espanhol não só fazem Manrique & Signorini seguirem Allen (1975) na sua afirmação de que o acento conduz grupos, mas também as deixa em condições de afirmar que, em espanhol, a sílaba acentuada é o foco rítmico do grupo de acento. A afirmação feita abre espaço para que a questão da redução vocálica e a da produção de intervalos entre acentos sejam recolocadas, ganhando impulso, conseqüentemente, a idéia de que os aspectos revelados na análise são suficientes para aproximar o espanhol do modelo de uma língua de ritmo acentual.

Assim, Manfrini & Signorini (1983), que inicialmente lidam com as conclusões de Pointon (1980) - para quem o espanhol não exibe seqüências isócronas de eventos similares, quer se tome

como base desses eventos a sílaba ou o acento -, terminam por resolver o encaixe do espanhol na dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico: o espanhol apresenta uma tendência ao ritmo acentual com características diferenciadoras no modo como esse é manifestado.

As características diferenciadoras incluem a alta ocorrência do tipo silábico CV e uma diferente maneira de reduzir vogais átonas. Essas características, se podem tornar as sílabas perceptualmente mais nítidas, podem também ser vistas como uma particularização, no nível da fonologia da língua, do modo universal de se executar o ritmo acentual - o que na prática significa a adoção, como abertamente admitem as investigadoras, do esquema teórico delineado em Allen (1975).

A adoção de um tal esquema não significa, porém, que o posicionamento de Manfrini & Signorini (1983) seja de negação da dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico. A adoção que ambas fazem do esquema de Allen é no sentido de se reposicionar uma língua dentro dessa dicotomia e, além disso, de reposicionar a própria dicotomia em termos daquilo que ela passa a acolher: o esquema de Allen fornece os meios, que são a construção de alternâncias e o papel que nelas desempenha o acento, aos quais se soma uma particularização imposta por cada língua à maneira de se executar o ritmo acentual.

Já a adoção do esquema de Allen (1975) vai levar em Wenk & Wioland (1982), ao que parece ser um novo posicionamento sobre o ritmo.

Wenk e Wioland (1982) têm como ponto de partida de seu texto

um contra-exemplo à opinião corrente que vê no francês uma língua de ritmo silábico[24]. A apresentação de um contra-exemplo serve, no texto, à lembrança de que são conhecidos os variados fatores dos quais dependem as durações do enunciado. Esses fatores incluem a duração dos segmentos, a estrutura silábica, a velocidade de fala, a capacidade de resposta bioquímica dos articuladores, além das condições aerondinâmicas. São fatores já apontados em Allen (1973) e, se a sua lembrança parece útil a Wenk e Wioland, o seu papel parece diminuto diante da hipótese de que o elemento determinante das durações relativas de seqüências pode ser rítmico. Portanto, mais do que à lembrança de fatores conhecidos, o contra-exemplo apresentado serve como introdução ao exame de grupos rítmicos.

Grupos rítmicos no francês possuem um antecedente conhecido: Delattre (1966) e Armstrong (1932) reconheceram a relação entre sentido e "stress" em francês, ao notarem a ocorrência de sílabas "acentuadas" ("stressed") na posição final de grupos de sentido. A percepção do acento, se daria, nos termos de Delattre, através da duração, já que a intensidade das vogais em sílaba final aparece como sendo mais baixa do que a de vogais em sílaba não-final e já que a variação na freqüência se apresenta como um acompanhante possível, mas dispensável, do acento em francês. A existência de grupos rítmicos nessa língua surge, então, para Wenk e Wioland, como algo que seguramente derivaria do alongamento de sílaba final. Para determinar se grupos rítmicos assim caracterizados são perceptualmente significativos, os dois investigadores realizam experimento com falantes nativos,

constituindo-se esse experimento na apresentação de um corpus do francês falado e na sua audição por um determinado número de ouvintes. O corpus contém pares de enunciados fonemicamente ambíguos, pares que os ouvintes terminam por desambiguar ao se valerem de pistas rítmicas.

Os resultados mostram que os ouvintes se fiam nos grupos rítmicos para decodificar a sua própria língua, o que constitui, para Wenk e Wioland, uma evidência acústica e perceptual dos grupos rítmicos no francês falado. A essa evidência ambos juntam uma outra, nascida de um estudo cinerradiográfico: articulações que envolvem segmentos acentuados e aquelas que abrangem segmentos não-acentuados diferem entre si por refletirem a existência de programas neuro-fisiológicos distintos. Reunidas, assim, as evidências de que as manifestações do acento em final de grupo são acusticamente reais, perceptualmente significativas e articulatoriamente complexas, o caminho por elas indicado é o da reconsideração da noção de acento (stress).

Na visão de Wenk e Wioland, a falha em se detectar sinais de acento em francês foi, aparentemente, o que permitiu a classificação da língua como sendo de ritmo silábico. Mais claramente, foram os conhecidos sinais associados a "stress" que levaram a essa classificação. Por exemplo, acento (stress) tem como traço comumente a ele associado uma intensidade acústica relativamente maior, ligada a vogais acentuadas; no francês, porém, aumentos de intensidade que podem ser associados a "stress" não estão normalmente presentes em sílabas acentuadas. O acento (stress) pode estar associado à variação de altura; no francês, porém, as sílabas acentuadas apresentam ascensão ou

queda de altura somente depois de um período de freqüência fundamental relativamente estável e que corresponde, aproximadamente, à primeira metade da duração da vogal. O acento (stress) tem como uma de suas pistas a redução vocálica; no francês, porém, as vogais átonas não seguem os padrões de redução encontrados na língua que é o protótipo do ritmo acentual - o inglês. Diante da falta de ajustamento entre os sinais comumente associados a stress e o que é a evidência do acento identificado em francês, Wenk e Wioland não se limitam a constatar que o rótulo ritmo silábico atribuído a uma língua fica se devendo a uma impossibilidade de essa língua exibir características comumente associadas a stress. Indo mais além, afirmam que negar a existência de sílabas acentuadas no francês é negar a existência de ritmo na fonética da língua, "visto que ***sem acentos o ritmo é foneticamente inconcebível***[25].

Igualando, com essa última afirmação, ritmo a alternâncias, Wenk e Wioland postulam, então, um nível de organização que, separado dos níveis semântico, sintático e fonético, seria o lugar de exposição de unidades rítmicas. Esse nível abrigaria elementos abstratos, cuja manifestação variaria de língua para língua e de cuja organização dependeria, em última análise, a percepção de um enunciado como um grupo de estímulos. Entre esses elementos estaria um **regulador**, a unidade rítmica abstrata que determinaria os limites dos grupos rítmicos. No nível fonético, o regulador se manifestaria como acento - acento que tanto pode recair em pausas quanto em sílabas e que tanto poderia

conduzir um grupo rítmico quanto fechá-lo. No caso de se ter um regulador que opere no início de grupos rítmicos, dir-se-ia da língua assim regulada que ela é "leader-timed". No caso de o regulador existente operar no final de grupos rítmicos, a língua por ele regulada seria chamada de "trailer-timed". O francês seria um típico exemplo de língua "trailer-timed" e o inglês, um exemplo típico de uma língua "leader-timed".

Não é por acaso que os tipos de organização temporal resultantes da postulação de Wenk e Wioland são em número de dois. Eliminada a possibilidade de o francês ser considerada língua de ritmo silábico, não só em função da ausência de um isossilabismo classicamente associado a línguas de ritmo silábico, mas também em razão da detectação de uma regularidade baseada no acento, a oposição entre o inglês e o francês (os pontos de referência dos dois investigadores) continua a existir, mesmo que o francês passe a ser identificado por um novo rótulo que o faz ficar contido, nesse instante, dentro de uma organização rítmica cujo elemento básico é manifestado como acento. A polarização obtida através da oposição entre as duas línguas é traduzida na construção de uma curva rítmica estilizada e na elaboração de determinados princípios[26]. A curva rítmica construída permite a visualização das sucessivas fases de tensão e relaxamento que - pressupõem os autores - estão envolvidas nos padrões rítmicos presentes na fala. Além disso, essa curva rítmica prevê a localização de determinadas características fonéticas em relação às fases nela visualizadas[27]. Quanto aos princípios elaborados, eles contemplam de perto o francês, sendo extensíveis a outras línguas[28]. A curva rítmica e os princípios elaborados

aparecem, assim, como um meio possível para a reunião, de um lado, de línguas com características fonéticas opostas e, de outro lado, como um meio de operar uma separação entre essas línguas utilizando-se um mesmo plano - o plano da manifestação do acento. Nesse plano as sucessões não constituem ritmo: o ritmo é alternância e nesse plano, se não há lugar para o chamado ritmo silábico, há lugar, porém, para um recorte que mantém uma divisão entre dois tipos de língua[29].

Servindo-se do esquema de Allen (1975) para chegar ao que seria um novo posicionamento sobre o ritmo e, conseqüentemente, à negação da dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico, o que Wenk & Wioland acabam por fazer é recuperar uma dicotomia rítmica em outro plano - o plano da manifestação do acento.

Nos caminhos de cada um desses três últimos trabalhos abordados - trabalhos que são exemplos da associação prévia entre elementos dos níveis segmental/suprassegmental e a postulação de dois tipos de ritmo -, há uma constante: a necessidade de detectação do acento. Ora essa detectação pode passar pela verificação das pistas fonéticas do acento conjugada à determinação da duração e mensuração de pés, como se dá em Balasubramanian (1979), que chega a uma solução provisória sobre o impasse da classificação rítmica do Tamil recorrendo aos elementos básicos e diferenciadores dos ritmos acentual e silábico. Ora essa detectação pode estar vinculada à duração segmental, como é o caso de Manfrini & Signorini (1983), que reposicionam o espanhol dentro da dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico. Ora ainda é a própria existência de ritmo que depende

da detectação do acento, como chegam a ver Wenk & Wioland (1982).

Na constante que se apresenta não é difícil reconhecer a necessidade de alternâncias para a constituição de um ritmo natural. E se sucessões nem sempre são aceitas como constituidoras de ritmo, elas não ficam de fora quando se trata de rever uma classificação lingüística operada com base na dicotomia acentual/ritmo silábico. Na realidade, os trabalhos que buscam uma revisão rítmica a partir da dicotomia em questão não dão passos muito além daqueles dados pelo estudiosos cujos trabalhos são uma referência indispensável na questão do ritmo - trabahos mencionados no início desta seção e aos quais se ligaria a primeira possibilidade de análise aberta pelas aproximações e distanciamentos presentes nos textos produzidos que exibimos: a possibilidade de analisar esses textos, a partir da consideração de que aproximações e distanciamentos podem favorer ou a um rítmo de alternôncias ou a um rítmo de sucessões.

2.2.1.2. Recorte de seqüências rítmicas

A segunda possibilidade de análise seria olhar as aproximações e distanciamentos existentes nos textos produzidos com os olhos de quem procura os indícios necessários para identificar e recortar seqüências rítmicas no interior de enunciados. Esses indícios poderiam ser pensados em termos de intensidade, altura, duração, componentes segmentais, devendo-se, para lidar com eles, levar em consideração o que tem sido observado a propósito do seu aparecimento e combinação nas muitas línguas em que foram estudados. Transportados para textos de uma

língua determinada, esses índicios teriam a respaldá-los o seu funcionamento em um conjunto determinado de línguas e respaldariam, por sua vez, decisões tomadas quanto à língua materializada nos textos sob análise. Colocando de uma outra maneira, a segunda possibilidade de tratamento de textos produzidos encontraria a sua tradução numa atitude eminentemente prática, com garantia de eficácia previamente assegurada.

Uma perspectiva de utilização dessa segunda possibilidade de análise é aberta, por exemplo, em Pike (1962) - um texto que merece algumas considerações.

Deixando expressamente de lado a base fisiológica que orientou seu trabalho anterior[30], Pike (1962) é uma tentativa de concretização de uma prática fonética realizada a partir de "impressões cruas". Assentada na percepção do foneticista, a prática em questão possui objetivos pedagógicos: ela visa ao preparo do estudante no registro de unidades rítmicas O foneticista, com a sua percepção aguçada por um exercício analítico que o fez registrar e armazenar fatos fonéticos diversos e pertencentes, de maneira diversa, a várias línguas, surge no texto de Pike como aquele que, inicialmente, apresenta ondas rítmicas a um estudante ainda não afetado por conceitos teóricos. Na apresentação feita, Pike vê as unidades rítmicas como constituídas de núcleo e margens[31] - elementos básicos que têm a sua identificação dependente da presença e possível combinação de características fonéticas e componentes segmentais. Essas características são a intensidade[32], a duração e a altura, e o seu aparecimento varia conforme esteja em jogo a determinação do núcleo ou das margens. Vejamos como isso se dá.

A alta intensidade pode caracterizar e determinar o núcleo, e uma queda de intensidade pode delimitar a margem final de uma unidade rítmica, assim como o ponto inicial de um crescimento em intensidade pode identificar a margem inicial dessa mesma unidade. Uma tal situação de determinação comporta, porém, fatores que levam à configuração de situações de indeterminação. E as situações de indeterminação podem surgir com referência tanto ao núcleo quanto às margens. Nas margens, uma situação de indeterminação pode estar associada à existência de um núcleo altamente determinado: um alta intensidade no núcleo não leva por si a uma situação de determinação das margens pós-nuclear e pré-nuclear - o que a alta intensidade permite por si é que sejam identificados apenas os picos das ondas rítmicas e ainda o número de unidades rítmicas. No núcleo, a existência de um acento de intensidade gradual em decrescendo gera indeterminações quanto ao próprio núcleo - um fato que faz com que a situação de determinação seja, nesse instante, transferida para as fronteiras das ondas rítmicas, já que o início de cada unidade rítmica será caracterizado por uma intensidade que volta a crescer[33].

Com relação à duração, ela não apresenta, no interior das ondas rítmicas, um comportamento que a diferencie ou a desvincule da intensidade. Ao caracterizar o núcleo, a longa duração que nele opera repete situação de determinação e indeterminação delineada acima para a intensidade, mas com um adendo: aqui núcleos determinados convivem com fronteiras completamente indeterminadas. Ao lado disso, a duração pode funcionar como um

reforço da sílaba que recebe o acento de intensidade. Quando associada à margem final das unidades rítmicas, a longa duração com que se manifestam os segmentos também está vinculada à intensidade: aqui o nível de intensidade é baixo ou diminuído. A frqüente associação da duração à intensidade termina por transformar essa última em critério para se distinguir entre o uso da duração longa no núcleo e o uso igualmente longo da duração na margem final das unidades rítmicas. Assim, a duração resulta em ser um elemento ambíguo cuja desambigüização depende de um outro elemento.

No que diz respeito à altura, essa é tão ambígua quanto a duração[34], mas apresenta a sua utilidade na identificação das unidades rítmicas e na constituição das mesmas. A altura alta pode determinar o núcleo, sendo que o estudo de línguas tonais demonstra que tons contrastivos aparecem restritos aos núcleos das unidades rítmicas e que alotones nucleares, ao serem mais altos do que os não-nucleares, se tornam uma ajuda quando se trata de assinalar o lugar do núcleo na unidade rítmica. A altura tem ainda a sua utilidade quando se constata a sua conjugação a outros fatores, uma conjugação especialmente importante quando se trata de procurar elementos que ajudem a determinar as fronteiras das unidades rítmicas. Como exemplos desse último tipo de utilidade, Pike cita os casos de combinação da altura descendente a um acento de intensidade em decrescendo e de combinação rara da queda rápida de intensidade a uma elevação da altura. Cita ele, ainda, um outro caso de conjugação útil de fatores no qual a altura está envolvida: a intensidade ou a duração de uma sílaba, ao preceder ou seguir aquela em que se dá

uma mudança brusca de altura, pode constituir uma conexão que auxilia o ouvinte na interpretação daquilo que a mudança brusca de altura, sozinha, não é capaz de aclarar.

Em termos dos componentes segmentais, esses são apresentados como o local onde a intensidade, a duração e a altura se materializam, isto é, onde essas características fonéticas deixam de ser componentes abstratos . No núcleo da onde rítmica, os segmentos que as manifestam se tornam peculiares: eles podem ser alofones vocálicos quer longos, quer com volume ou quer ainda com altura alta; eles podem também ser alofones consonantais sobre os quais se distribui a intensidade ou a duração. Nas margens da onda, realizações consonantais ou vocálicas podem se apresentar como marcas relevantes para esse ponto das unidades rítmicas. Podem também ser o resultado da ação da intensidade da altura e/ou da duração que modificam as margens das unidades rítmicas. No núcleo ou na margem, componentes segmentais assim materializados são um veículo que ajudam a assinalar partes da onda rítmica e, por essa razão, Pike assume que certas manifestações ocorridas no nível segmental podem ser contrastivas do ponto de vista das unidades rítmicas (mesmo que sejam subfonêmicas do ponto de vista da análise segmental).

De acordo com o que foi exposto, intensidade, altura e duração não são elementos que possam ser tomados isoladamente, quando se trata não só de identificar unidades rítmicas, mas também de determinar as suas partes. Ás situações de indeterminação aparecem como uma realidade cuja manipulação é dependente de uma suposição quanto ao status perceptual das

partes da onde rítmica e, ao mesmo tempo, da conjugação de intensidade, altura e duração. Essa conjugação, por sua vez, não aparece como se dando em termos de igualdade: a duração não apresenta um comportamento próprio e mais de uma vez surge como dependente da intensidade; a altura tem um papel importante na determinação do núcleo, embora seja ambígua quanto às margens da onde rítmica e necessite, para ser útil, de uma conjugação a um outro elemento que, no caso, vem a ser a intensidade. O papel de relevo que desempenha a intensidade face à altura e à duração não se esgota na determinação das partes de uma onde rítmica simples.

As ondas rítmicas, ainda na visão de Pike (1962), podem ser ritmicamente complexas, e as situações de indeterminação se repetem: aqui, como ondas menores surgem entre ondas maiores, a questão é saber se a onda menor é parte da primeira ou da segunda onde maior. Quando, através da presença em seqüência de acentos perceptualmente iguais ou aproximadamente iguais, é a intensidade que serve à constituição de um núcleo complexo, Pike se vale de condições construídas a partir de características detectadas nas ondas rítmicas simples[35] para determinar o pertencimento de uma onda menor a uma onda maior. Tais condições não têm na sua base unicamente a intensidade[36], mas é em relação a um núcleo complexo que se constitui a partir da intensidade que as demais características são colocadas e que uma hierarquia perceptual é estabelecida. Quando é a duração que é vista como servindo à constituição de um núcleo complexo, ela vem, no texto de Pike, desacompanhada de outras características que auxiliem o analista na resolução do problema da indeterminação da onda

menor. Além disso, se é possível discernir uma possível hierarquia de ondas de duração, os limites perceptuais dessa hierarquia não são conhecidos[37]. Por fim, quando se trata da altura, Pike não fala em ondas complexas, inexistindo aqui uma colocação sobre hierarquia.

Delienado o papel das características fonéticas acima na determinação das partes da onda rítmica e na verificação do seu grau de complexidade e abordada a sua materialização no nível segmental, o passo seguinte, segundo o texto em foco, é a determinação do envelope das ondas rítmicas. Tal envelope nasce da consideração daquilo que é básico na constituição da onda rítmica: o núcleo e as margens. Assim, para a determinação do envelope, são considerados o formato da onda entre o ponto inicial e o núcleo e o seu formato entre o núcleo e o ponto final. E como nesses pontos estão características fonéticas distribuídas por sobre segmentos, retornam ao texto a intensidade, a duração, a altura e os componentes segmentais.

Os envelopes das ondas rítmicas que têm a sua definição assentada sobre a intensidade podem ter um contorno suave, abrupto, quadrado ou ainda com um rápido decrescendo: tudo depende do modo como a intensidade se eleva ou cai por sobre os pontos básicos da onda e mesmo por sobre pontos intermediários.

Os envelopes de onda rítmica definidos com base na duração são estabelecidos a partir da existência prévia de um **contorno pré-acentual** (no qual se tem freqüentemente uma seqüência de sílabas muito breves) e de um **contorno pós-acentual** (em que é esperada uma seqüência de sílabas meio-longas)[38]. Embora outras

combinações de durações possam afetar o formato da onda, é digno de nota que, também aqui, as previsões feitas a partir da duração têm, na realidade, como seu ponto de referência primeiro o acento de intensidade.

Quanto aos envelopes de altura, neles podem se repetir as formas de envelope referidas para o acento de intensidade. Afora o paralelismo entre altura e acento de intensidade, a postulação de um envelope de altura tanto permite que fatos de altura sejam expressos e déem a sua contribuição na definição do próprio envelope, quanto permite que no seu âmbito haja uma associação entre fatos relativos às chamadas línguas tonais e fatos de ordem entoacional[39].

Por fim, em se tratando de envelopes segmentais de onda rítmica, neles há algo de particular em relação aos precedentes. Em primeiro lugar, o envelope entre núcleo e margem parece menos relevante, já que a maior parte das restrições de interesse quanto a conteúdo segmental de envelopes rítmicos está relacionada à estrutura silábica, sendo que algumas restrições estão relacionadas ao núcleo da unidade rítmica e outras às suas margens[40]. Em segundo lugar, a noção de envelope no nível segmental pode, apesar das aparências, ressurgir como relevante, desde que considerada a alofonia. é a partir dela que podem ser estabelecidos tipos de envelope contrastivos em termos segmentais: uma articulação indistinta leva à existência de alofones imprecisos, o que acentua o efeito de curva suave de séries silábicas pré-nucleares; uma articulação precisa, em staccato ou em ritmo silábico dá lugar a um envelope com

componentes silábicos nítidos. Aqui, no ponto em que um envelope no nível segmental aparece como relevante, Pike introduz obliquamente no texto, através da alofonia ligada a uma articulação precisa, a noção de ritmo silábico. Como há um contraponto entre essa articulação e aquela referida como indistinta e geradora de alofones imprecisos, parece-nos que não é de todo ilícito supor que o último tipo de articulação, que está relacionado à produção de séries silábicas pré-nucleares, seja dependente da existência de um acento no núcleo da onda. Se essa suposição, fundada em um contraponto entre articulações geradoras de envelopes contrastivos, tem razão de ser, os prováveis candidatos a realizadores do acento, a se levar em conta a importância que recebem no texto de Pike, seriam a intensidade e, às vezes como um seu paralelo, a altura.

A intenção de Pike, em seu texto de 1962, não é a de procurar por manifestações do acento, nem a de tecer considerações sobre as relações entre intensidade, altura e duração. Suas intenções são, como já foi dito, pedagógicas. O objetivo expresso é preparar estudantes no registro de unidades rítmicas, mas com uma pré-condição: a de que os estudantes ainda não tenham sido afetados por conceitos teóricos. Uma tal condição se justifica pela existência de um objetivo maior que, aliás, também é no texto claramente expresso. O objetivo maior é a validação do princípio fonêmico. Assim, enquanto o estudante ouve e pronuncia variedades de unidades rítmicas que diferem pelo núcleo, margens e envelope, ele vai vivenciando uma prática que o prepara para a aceitação de operações analíticas relacionadas à postulação de uma hierarquia fonológica. Dessa hierarquia fazem

parte, progressivamente, o fone, a sílaba, a frase fonológica[41], o grupo de pausa (que às vezes coincide com sentenças gramaticais e que, nesse caso, poderia ser rotulado de sentença fonológica), o grupo de respiração, o parágrafo Fonológico, o período retórico. Cada uma dessas unidades hierárquicas constitui uma onda, cada qual com seu núcleo, margens e envelope. E a elas é aplicável a idéia de contraste: pode haver contraste quanto ao núcleo de uma onda; margens e envelopes podem ser contrastivos. Em outras palavras, há uma hierarquia extensiva de ondas fonológicas que podem ser vistas do ponto de vista êmico. é esse o ponto de vista que interessa de perto a Pike, e é em nome dele que se treina o estudante para perceber, registrar unidades rítmicas e, conseqüentemente, recortar enunciados.

Diante do ponto de vista êmico, as características fonéticas como intensidade, altura e duração e mesmo os componentes segmentais passam a ter interesse enquanto elementos demarcadores de unidades ou partes de unidades concebidas numa ótica fonologizante.

A ótica fonologizante adotada poderia ser vista como estando restrita unicamente ao ponto de vista êmico, já que é ele que sustenta Pike (1962) - um texto pouco citado no âmbito das questões referentes ao ritmo da fala e nunca relacionado ao texto de 1945, com que Pike se tornou referência obrigatória nessas questões. No entanto, a prática fonética seguida, que identifica e recorta seqüências com base na existência postulada de unidades rítmicas e de elementos que as demarcam, só é levada a termo se

realizações puderem ser percebidas enquanto manifestações de entidades situadas fora da fonética. Tais entidades, por sua vez, estão relacionadas à postulação de uma hierarquia fonológica, que é, na realidade, aquilo que direciona e organiza o trabalho do foneticista quando esse lida com o que é chamado de "impressões cruas". A força da hierarquia fonológica é tão grande que é ela que, indiretamente, fornece o pano de fundo para a resolução de situações de indeterminação e ambigüidade e, conseqüentemente, para a determinação do papel de características fonéticas e componentes segmentais. Nesse sentido, o texto de Pike (1962) é um texto exemplar. Ele é um exemplo do ponto de vista que pode ser assumido em relação à própria fonética, qual seja: o da fonética guiada pela fonologia. Portanto, indo além do próprio texto que nos serviu de exemplo nesta seção, diremos que sempre será possível reconhecer uma postura fonologizante em certas práticas fonéticas. Diremos ainda que, no que diz respeito à questão das aproximações e distanciamentos existentes nos textos produzidos que apresentamos, também aí seria possível a adoção de uma prática fonologizante: bastaria, para isso, que olhássemos os textos produzidos com os olhos de quem procura os indícios necessários para identificar e recortar - com base em concepções fonológicas - seqüências rítmicas no interior de enunciados.

2.2.1.3. Configurações e domínios fonéticos

A terceira possibilidade de análise a nós oferecida, a

partir das aproximações e distanciamentos observados nos textos produzidos, seria ver tanto as aproximações quanto os distanciamentos como o resultado de configurações intrinsecamente ligadas à existência de domínios definidos no âmbito da própria Fonética.

Uma tal possibilidade vem se viabilizando, nos últimos anos, não só através de trabalhos que reposicionam a fonética em face da fonologia, mas também através de investigações que focalizam a própria produção do acento.

Um exemplo de reposicionamento da fonética em relação à fonologia pode ser encontrado em Ladefoged (1984). De acordo com o que aí se coloca, a fonética e a fonologia resultam em ser duas estratégias que, lidando com os mesmos dados empíricos, se apresentam como sendo essencialmente incompatíveis e como servindo a diferentes propósitos.

Na visão de Ladefoged (1984), a fonética lida quer com a codificação mental, quer com a realização articulatória/acústica/auditiva da corrente da fala, mas a partir de um ponto de vista em que todos os detalhes disponíveis à observação são de fato levados em conta. E, por ser assim, não há espaço na fonética para unidades como fonema, traços distintivos ou algo semelhante: a corrente da fala não admite, em função da perspectiva adotada na fonética, ser segmentada em termos de unidades semelhantes ao fonema.

A fonologia também lida, ainda na visão de Ladefoged (1984), com a codificação mental e com a realização articulatória/acústica/auditiva da corrente da fala, mas a partir de um ponto de vista em que se assume que é necessário operar uma seleção num

conjunto total de observações: aqui a corrente da fala é vista como uma combinação restrita de detalhes.

A colocação da fonética e da fonologia como estratégias de pesquisa radicalmente distintas impede que características fonéticas sejam vistas como especificações que complementam um conjunto limitado de informações estabelecidos na fonologia ou como um mero detalhamento de unidades vinculadas à fonologia. A colocação feita impede, portanto, que a fonética seja guiada pela fonologia.

Em virtude da separação operada entre ambas as estratégias, cria-se espaço para que a questão da existência de domínios no âmbito da própria fonética assuma o primeiro plano. A essa questão associa-se a da produção do acento, de longa presença na literatura fonética e inevitavelmente ligada a domínios.

Uma das mais conhecidas associações encontradas na fonética entre produção do acento e domínio é aquela realizada por Albercrombre (1967) entre sílaba e acento: a sílaba é o resultado de uma modificação do mecanismo aerodinâmico pulmonar e, ao receber ela própria um pulso acentual, se torna o espaço de manifestação do acento. Com essa associação, faz-se do acento um incremento energético adicionado a uma unidade da corrente da fala independentemente definida. No entanto, é possível um outro tipo de associação, em que o domínio do acento seja definido a partir do próprio acento. Para isso, é suficiente que o acento seja visto não como um incremento energético, mas como uma quantidade de energia total que se caracteriza por possuir fases. é essa a possibilidade que exploram Eek & Help (1986), em um

trabalho que tem, como seu suporte, a mencionada separação entre fonética e fonologia.

Em Eek & Help (1987), o acento é a quantidade total de energia gasta pelos movimentos expiratórios, fonatórios e articulatórios realizados pelo falante em uma extensão da corrente da fala. O acento, seguindo-se ainda Eek & Help (1987), é energia e seu domínio é uma unidade que organiza temporalmente uma quantidade de energia da fala: o pé.

O pé, enquanto unidade integral mínima do acento, possui um **formato geral** e um **formato detalhado**. Seu formato geral, (na realidade um envelope de energia temporal hipotético, segundo Eek & Help) é fisiologicamente determinado pelas fases de tensão e relaxamento, necessárias às atividades dos órgãos da fala. Seu formato detalhado é controlado quer por comandos universais, quer por comandos específicos à língua.

Como comandos energéticos essenciais, Eek & Help propõem os comandos "switching" e "striving". Ambos são hipotéticos e determinam o ponto crítico entre as fases de tensão e relaxamento:

A) Comando switching

Um pé com comando do tipo "switching" possui usualmente dois desses comandos. O primeiro deles é o que liga o impulso acentual e pré-determina o caminho mais rápido para o nível de energia máximo. O seu controle se dá principalmente sobre os segmentos que abrem o trato vocálico, isto é, sobre a qualidade vocálica. O segundo comando "switching" de um pé liga a fase do relaxamento

fisiologicamente condicionado e serve à localização do ponto crítico entre as fases dentro do pé, além de garantir uma qualidade sonora relativamente exata. A postulação de um controle de pé do tipo "switching" está ligada a um determinado tipo de previsão: a existência, nesse tipo de pé, de uma co-articulação relativamente tesa, firme antes do ponto inicial do nível de energia máxima e a existência de conexões relativamente frouxas entre segmentos subjacentes (sic) depois desse ponto.

B) Comando "striving"

O comando do tipo striving só se apresenta uma vez no pé que o possua. Esse comando liga um impulso acentual de modo brando e sua principal força é direcionada para o nível de energia máxima do pé. A fase de relaxamento começa automaticamente depois que o ponto final da fase de tensão é alcançado. A previsão feita quanto ao pé com comando striving é a de que, no começo do pé, são esperadas conexões relativamente frouxas entre segmentos subjacentes (sic), como, por exemplo, a ditongação. Também é esperado um contato estreito imediatamente antes do ponto final exatamente definido. No que é a fase de relaxamento energeticamente não-controlada, uma redução de qualidade do movimento vocálico subjacente (sic) é predizível. Como o trecho controlável do pé é aqui mais longo do que no pé com comando "switching" (no qual há usualmente dois comandos), é com relação ao pé com comando striving que se espera o

aparecimento de uma tendência isocrônica mais forte.

Os comandos em questão influenciam segmentos no interior do pé, e Eek & Help (1986) lidam com esse tipo de influência através de duas unidades: a meia-sílaba e a sílaba.

A meia-sílaba é uma seqüência articulatória unitária que gera um quantidade indispensável de energia da fala suficiente para o movimento complexo e que tem a sua duração determinada pelas durações inerentes dos movimentos combinados. Os movimentos de meia-sílaba (CV- e -VC) são, supostamente, controlados por comandos meio-silábicos. Esse tipo de comando escande todos os canais musculares explorados na geração da respectiva seqüência articulatória mínima e liga simulteamente os canais cuja atividade não entra em contradição com o estado concreto do movimento. Situadas no interior do pé, as meias-sílabas possuem um papel específico: dividir um pé em blocos mínimos de energia.

Quanto à sílaba, essa também recebe uma definição de base articulatória. Articulatoriamente, ela é uma seqüência relativamente homogênea de meias-sílabas delimitada por movimentos de abertura do trato vocal. À definição articulatória oferecida juntam-se fatos de acústica e percepção, reunidos a partir de duas descobertas:

1) os comandos energéticos essenciais - "switching" e "striving" - inclinam-se para uma aplicação aos comandos meio-silábicos em que começa uma transição para a abertura do trato vocal;

2) **os comandos meio-silábicos que estão direcionados para um movimento de fechamento** estão usualmente sob a influência dos comandos "switching" e "striving" precedentes[42].

Tais descobertas estão diretamente relacionadas a uma regularidade estabelecida em termos acústicos e que é um suporte crucial para a percepção da fala: na onda sonora acústica correspondente, as sílabas têm seu começo marcado, de maneira definida, por transições para um aumento de intensidade da onda sonora. Embora o início acústico de uma sílaba não coincida imediatamente com o ponto temporal relativo marcado pelo início da atividade dos órgãos da fala, um estreito relacionamento fisiológico, sugerido na literatura fonética[43], entre produção e percepção da fala, fornece a base para que sílabas articulatórias e fatos de percepção da fala estejam relacionados. No interior do pé, portanto, as sílabas, que são definidas articulatoriamente, acabam por surgir como unidades caracterizadas por envelopes de intensidade temporal separados.

Os comandos essenciais - "switching" e "striving" - e as unidades intra-pé - a meia-sílaba e a sílaba - são os elementos básicos de que necessitam Eek & Help para discriminar os tipos de organização rítmica encontráveis nas línguas naturais. As línguas diferem com relação à maneira com que os comandos acentuais energéticos se aplicam a seus pés. Nessa aplicação, há tipos mais naturais e tipos menos naturais de línguas.

Os tipos mais naturais são aqueles em que o controle do pé é resultante dos comandos aplicáveis à sílaba. A aplicação impõe

certas características às línguas, características que, por sua vez, passam a ser indicativas da própria aplicação que se supôs ter sido realizada. Assim:

1) Controle de pé com comando "switching" aplicável à sílaba:

   -- os pés que exibem tal comando tendem a ser polissilábicos prototípicos;

   -- o início das sílabas recebe muita atenção e, conseqüentemente, a meta da vogal seguinte é claramente definida (não há, por exemplo, ditongação de vogais breves);

   -- consoantes em início de pé também podem tomar parte na regulação dos graus de acento;

   -- sílabas ao final do pé possuem um conjunto aberto de vogais a escolher e regularmente exibem menos vogais reduzidas;

   -- segmentos longos podem se opor a segmentos breves;

   -- a isocronia no nível do pé e no nível da sílaba é relativamente fraca.

2) Controle de pé com comando "striving" aplicável à sílaba:

   -- os pés que exibem tal comando são, de modo característico, monossilábicos prototípicos (o que faz com que palavras polissilábicas não possam ser analisadas em uma alternância contínua de sílabas acentuadas e não-acentuadas);

-- a fase de relaxamento ocupa a parte final de uma sílaba, mais propriamente do que uma sílaba separada;

-- o controle sobre a matéria vocálica e o segmento de energia máxima total desenvolve condições para a tonogênese.

As línguas citadas como possuindo comandos "switching" aplicáveis à sílaba são o finlandês e o italiano. Como exemplo do comando "striving" aplicável à sílaba aparece o vietnamita. São línguas que exibem pés "naturais", no sentido de que neles é observado o princípio de acordo com o qual cada sílaba sozinha é afetada por um comando energético. No entanto, esse é um princípio que pode ser violado em certas línguas, o que dá lugar a tipos menos "naturais". Embora isso aconteça, os comandos energéticos essenciais e as unidades intra-pé estabelecidas são ainda elementos úteis à classificação rítmica. Com uma pequena exceção (referente ao comando "striving"), todas as afirmações anteriores feitas sobre os comandos essenciais continuam válidas para os tipos menos "naturais", podendo a medida de sua utilidade ser visualizada na caracterização, reproduzida abaixo, desses tipos rítmicos:

3) Controle "striving" sobre o pé:

-- os pés se apresentam como monossilábicos e polissilábicos;

-- algumas sílabas são deixadas completamente sem qualquer controle energético;

-- a redução vocálica no final do pé apresenta-se como traço característico;

-- a eleição de diferentes segmentos silábicos em diferentes palavras como ponto de energia máxima leva a uma forte correlação temporal negativa entre consoante e vogal e, conseqüentemente, a uma forte tendência à isocronia do pé.

4) Controle de pé com comando "switching" aplicado à meia-sílaba:

-- os pés podem ser mono e polissilábicos;

-- nos pés, uma sílaba é afetada por dois comandos separados, o que converte o comando "switching" aplicável à sílaba em comando "switching" aplicável à meia-sílaba;

-- não há isocronia do pé nem da sílaba; o que se espera é que meias-sílabas representem unidades temporalmente mais ou menos iguais.

Os tipos de língua mais naturais e os menos naturais são o resultado de respostas possíveis a uma restrição de ordem fisiológica - a alternância de tensão e relaxamento nos pés. Nas respostas dadas, os comandos essenciais e as unidades intra-pé surgem como elementos que, além de básicos e imprescindíveis, possuem características que fazem supor uma excludência em termos de possibilidades de combinação. No entanto, essa excludência é apenas aparente e possui um limite situado no próprio âmbito da

restrição fisiológica que gera a alternância no interior dos pés. Enquanto tal alternância não está diretamente ligada à diferenciação de significado, as possibilidades de combinação dos elementos mencionados são limitadas e levam à constituição dos tipos rítmicos ("naturais" e menos "naturais") apontados. A partir do momento em que entram em jogo os acentos contrastivos, que direcionam a atenção para o próprio comportamento energético, pode ter lugar uma combinação de controles sobre o pé. É o que acontece, de acordo com a ótica aqui apresentada, com o estoniano. Sendo uma língua que exibe acento e quantidade, nela os controles com comando "switching" aplicável à sílaba e com comando "striving" aplicável ao pé se combinam e formam um todo integrado. A integração é comprovada pela presença na língua de características relacionadas como pertencentes a um e outro tipo.

O modelo proposto por Eek & Help (1986) possui como categorias básicas o acento e o pé. A proposição do pé como domínio básico do acento dá margem, na visão de ambos os pesquisadores, à constituição de um quadro mais complicado quando se trata de investigar, nas diferentes línguas, uma interrelação de fatores e, conseqüentemente, de estabelecer fronteiras entre tipos rítmicos. A mesma proposição permite, ainda, uma recolocação da dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico, que, suplantada pelo modelo proposto, pode, através dele, receber uma outra interpretação.

Seguindo-se as colocações apresentadas, as porções dos pés que exibem os níveis mais altos de energia são locais de concentração de energia da fala. Quando tais locais se encontram acima do limiar de batida acentual (um limiar para a percepção do

acento) e quando, sob o efeito da regulação temporal inter-pés, recaem, de maneira freqüente, em torno de um intervalo médio de 0.4 a 0.5s, uma língua assume a aparência de tipo acentual. Se isso não acontece, a aparência da língua será a de tipo não-acentual[44]. Com relação ao chamado ritmo silábico, ele não pode ser associado a uma regulação temporal[45], e a sua interpretação deve estar ligada à estruturação interna dos pés, da seguinte maneira: uma língua possui ritmo silábico se exibe um controle de pé com comando "switching"; uma língua é de ritmo silábico se tem sempre uma sílaba para um comando "striving" ou "switching".

Permitindo uma reiterpretação da aparentemente superada dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico e possibilitando a construção de quadros complexos no tocante a ritmos lingüísticos, o modelo proposto por Eek & Help (1986) apresenta, no entanto, suas limitações.

A primeira delas diz respeito a algo que é vital ao modelo: a unificação em uma totalidade energética (energia da fala) de movimentos expiratórios, fonatórios e articulatórios realizados pelo falante. Enquanto o material sonoro traduzido em energia acústica permite a mensuração desse tipo de energia, o mesmo não se pode dizer das atividades fisiológicas envolvidas na produção e percepção desse material. Mesmo que Eek & Help admitam que o termo "energia da fala" possui uma má conotação[46] justamente pela dificuldade em se fixar o exato valor da energia fisiológica; mesmo ainda que optem pela manutenção de um termo problemático com base na necessidade de apontar para a formação

de uma cadeia unitária que envolve as atividades fisiológicas do falante e do ouvinte, o termo energia da fala é mais do que inadequado: com todas as restrições que o cercam, ele envolve um problema de conceituação e conduz um risco, que é o de comprometer pela base um modelo no qual ele é peça-chave.

A segunda limitação que pode ser atribuída ao modelo é a da circularidade: por estipulação, os comandos essenciais - hipotéticos - são responsáveis pela imposição de certas características às línguas; por outro, a existência dessas características se torna a evidência que comprova a operação dos comandos essenciais.

Ainda com relação ao modelo, há um ponto que, sem ser em si uma limitação, termina por se relacionar a uma das limitações apontadas. Trata-se da questão referente às unidades intra-pé: a meia-sílaba e a sílaba. Ambas são unidades definidas articulatoriamente e para ambas é concebido um equivalente energético. No caso da meia-sílaba, a relação entre movimento articulatório e a constituição de blocos mínimos de energia se fragiliza na medida em que, ao se supor que o movimento articulatório gera uma indispensável quantidade de energia, não são fornecidos os meios de discriminação dessa energia, de tal forma que, a partir dela se possa recapturar o movimento unitário que lhe deu origem. No caso da sílaba, a relação entre movimento articulatório e energia gerada se fortalece quando à sílaba articulatoriamente definida corresponde um envelope de amplitude temporal que a identifica e, portanto, a recupera. A assimetria, do ponto de vista energético, entre sílaba e meia-

sílaba, pode ser atribuída a um uso indiscriminado do termo energia, o que, em certos momentos, leva à ausência de um tratamento transparente entre movimento articulatório e constituição de blocos de energia. A meia-sílaba faz parte desses momentos e pode, em face disso, ser relacionada à primeira limitação aqui levantada quanto ao modelo em foco.

As limitações mencionadas e relativas a um modelo que, como o de Eek & Help, se concebe unicamente dentro da fonética são um indicativo apenas da necessidade de mais pesquisa no que diz respeito à produção do acento e, conseqüentemente, ao estabelecimento de seu domínio no âmbito da própria fonética. No entanto, no que diz respeito a impulsos acentuais que, presentes nas línguas, não são fruto de uma restrição fisiológica, a aplicação de um modelo construído para lidar com uma restrição dessa ordem resultará em um amálgama de características relacionadas, por estipulação, a tipos que não só são diferentes mas também se constituem em respostas possíveis e alternativas a uma restrição fisiológica. Para lidar com esse amálgama, não restará outra saída a um modelo assim concebido que não a tentativa de desenredar, em um todo diversamente constituído, os seus elementos básicos. No caso, os candidatos a desempenhar o papel de elementos básicos serão cada uma das possíveis e inevitáveis respostas à restrição fisiológica que está na base da produção do acento. Como o modelo não prevê que tais respostas possam ser simultâneas, o caminho para a sua identificação e articulação em um todo será constituído ao longo do tempo. Ou seja: o caminho da análise deverá aqui se situar necessariamente no plano diacrônico, com mudanças fonológicas se associando a

ajustamentos fonéticos, entre os quais se situam aqueles que determinam o tipo de controle sobre o pé. É o caminho da diacronia o indicado pelo modelo de Eek & Help para a análise de pés compostos e esse é, na realidade, o caminho que ambos seguem concretamente na análise do ritmo em estoniano. No entanto, por não ser possível ao modelo lidar com o impulso acentual a não ser em termos da hipótese de um domínio fisiologicamente determinado, pode-se colocar uma indagação quanto à possibilidade da manutenção de um convívio entre estratégias que, sendo alternativas, se entrelaçam a ponto de uma não eliminar inteiramente a outra. Colocando em outros termos, diremos que a perspectiva diacrônica do modelo não é explicativa para a manutenção, em um determinado estágio de uma língua, de tipos complexos caracterizados por conterem comandos alternativos integrados.

Ao deixar de ser explicativo, o modelo em questão se torna um instrumento que serve apenas à classificação do ritmo lingüístico. Assim, construído sobre um domínio estabelecido exclusivamente no âmbito da fonética, o modelo tem seus limites em termos daquilo que ultrapassa o poder explicativo da própria restrição fundadora do domínio em causa. É certo que o modelo de Eek & Help não é o único a estabelecer domínios no âmbito da fonética, mas também é certo que os limites que nele visualizamos são um bom indicador do tipo de dificuldade que enfretaríamos, caso circunscrevêssemos a configurações intrinsecamente ligadas a restrições fundadoras de domínios fonéticos nossa análise das aproximações e distanciamentos observados nos textos produzidos

que apresentamos.

2.2.1.4. Conjuntos rítmicos e características fonéticas

As possibilidades há pouco apontadas de abordagem do ritmo no nível de sua manifestação apresentam, como acabamos de ver, dificuldades previsíveis. Assim, não será nosso interesse utilizar as aproximações e distanciamentos observados com o fim de procurar por manifestações do acento, associando essa procura ao intuito de posicionar/reposicionar o Tikuna em termos da dicotomia ritmo acentual/ritmo silábico ou mesmo de reposicionar a própria dicotomia. Também não será nosso interesse efetuar uma prática fonética que busca a identificação e o recorte de seqüências rítmicas comprometida com concepções fonológicas. E não será igualmente nosso interesse o de adotar, como ponto de partida para entender o ritmo em Tikuna, a hipótese da existência de um domínio fisiologicamente determinado. Ao contrário, o nosso interesse será o de buscar a relação entre características fonéticas e, através dela, a revelação rítmica de um texto. E, para isso, poderemos utilizar as aproximações e os distanciamentos anteriormente observados, mas fazendo-os participar de um outro percurso analítico.

A análise aqui realizada tem com um de seus pontos de apoio a noção de agrupamento fonológico. As razões para a utilização dessa noção já foram registradas em 2.1. Uma dessas razões está na necessidade de abordar o nível fonológico sem aceitar previamente o predomínio do que é sintático, e morfológico sobre o que é fonológico. Ligado a essa razão está o nosso objetivo de

verificar os limites do desajustamento observado, em Tikuna, entre a sintaxe e a fonologia.

Os agrupamentos fonológicos obtidos constituem domínios a partir dos quais certas características fonéticas podem não só ser extraídas, mas também relacionadas entre si. Como domínios constituídos sem uma vinculação prévia à estrutura morfológica e sintática, é de se esperar que nem sempre sejam os agrupamentos fonológicos coincidentes com categorias lingüísticas conhecidas. Os agrupamentos fonológicos obtidos durante a fragmentação de um texto são peças lingüísticas, isto é, pedaços onde o lingüístico se materializa. Como peças lingüísticas, eles se constituem em domínios passíveis de articulação com outros domínios, que podem estar incluídos em textos produzidos, podem coincidir ou se relacionar com textos produzidos ou ainda com categorias lingüísticas amplamente reconhecidas e aceitas. é na visão do agrupamento fonológico enquanto domínio - peça lingüística - com possibilidade de constituição independente da estrutura morfológica e sintática que reside, portanto, nosso ponto de partida para a análise de aproximações e distanciamentos.

O modo como aproximações e distanciamentos atingem, nos agrupamentos fonológicos, segmentos e seqüências de segmentos, além de elementos do nível suprassegmental, pode ser objeto de investigação. E os resultados dessa investigação podem ser estendidos e/ou confrontados com o que se passa nos textos produzidos.

A investigação, no caso, é realizada sem que se lance mão a priori de uma determinada característica fonética como

manifestadora do acento nem como elemento demarcador de unidades rítmicas. Ao contrário, características fonéticas presentes em um determinado domínio são vistas, em um primeiro momento, cada uma de per si. Depois, são elas consideradas de maneira articulada nesse mesmo domínio a fim de que se tenha não só a visão dos padrões rítmicos básicos que estão funcionando na constituição desse domínio, mas também a visão exata da relevância, no que diz respeito ao ritmo, de cada uma dessas características fonéticas.

Com a proposta de assim trabalhar, estamos de imediato fazendo algumas afirmações.

Em primeiro lugar, ao considerar e ao relacionar ao ritmo da fala determinadas características fonéticas estamos dizendo que pela materialização dos padrões rítmicos poderão passar sílabas longas, breves, ultrabreves, ultralongas. Também poderão fazer parte dessa materialização nivelamento/manutenção das diferenças de altura, aproximações/distanciamentos em segmentos. Da mesma materialização poderão fazer parte igualmente outras características fonéticas.

Em segundo lugar, ao procurar focalizar características fonéticas e ao indagar pelo grau de interrelação entre elas na constituição de padrões rítmicos, estamos afirmando que não se deve tomar previamente uma determinada característica fonética como parâmetro na determinação de um dado conjunto rítmico. E, mais do que isso, estamos afirmando que, no que diz respeito à materialização de padrões rítmicos em uma língua, vale a pena investigar quer a possibilidade da existência de uma hierarquia

entre características fonéticas, quer a possibilidade de uma utilização oportunista dessas mesmas características.

Em função das afirmações feitas, realizamos a análise testando três pressupostos nossos, quais sejam:

1) padrões rítmicos em um texto e padrões rítmicos em agrupamentos fonológicos estão ligados entre si devido a uma ligação primeira que detêm com padrões rítmicos possíveis na língua;

2) padrões rítmicos estão contidos ou coincidem com agrupamentos rítmicos;

3) todo padrão rítmico contém pelo menos um elemento que está na base da organização do próprio padrão e que, articulado com outros elementos, contribui para a inserção desse último em um agrupamento rítmico.

Os pressupostos em questão dizem respeito à implementação do fluxo rítmico, sendo que o terceiro está marcadamento relacionado à função delimitadora possivelmente desempenhada por um determinado elemento que, do interior de um padrão rítmico, serviria à organização do padrão e influiria na sua delimitação em um dado contexto. Como a implementação do fluxo rítmico é, por sua vez, referente à materialização de um projeto rítmico disponível em uma dada línguas, pelos pressupostos mencionados podem passar ainda a projeção das formas lingüísticas em um modelo rítmico e informações, essenciais sobre essas mesmas formas lingüísticas. Comecemos, pois, a ver como operam características fonéticas no domínio que é o nosso ponto de

partida e a ver que tipo de relação se estabelece entre essas características.

2.2.1.4.1. Altura

Padrão de duas alturas

A) Dois níveis de altura distribuídos por sobre duas sílabas

Um grande número de agrupamentos fonológicos obtidos é constituído por um padrão de duas alturas distribuídas por sobre duas sílabas. Esse tipo de padrão marcou a sua presença quer durante as fragmentações em que o falante nativo, devido ao papel por ele assumido de professor/explicador, superfragmentou o texto produzido, quer durante as fragmentações em que o falante nativo, não se vendo como professor/explicador, refez o texto produzido. Nesse tipo de padrão, o intervalo entre as alturas pode ser grande e os níveis de altura utilizados vão do baixo (˩) ao alto (˥), passando pelo meio-baixo (˨), médio (˧) e meio-alto (˦). As combinações encontradas seguem-se abaixo:

- meio-alto/médio: ˦ ˧

Texto 1 - TF(4) ^ tāmă ^ tāmā ^

negação

TF(7) ^ ŋēmă ^

aquele

Texto 2 - $TF_1(3)$ ^ mɛ̄mă ^

incerteza

Texto 3 - $TF_2(3)$ ^ ɯ̄̄pă ^

antes

$TF_2(11,12)$ ^ k^wā̄ʔɨ̆ ^

saber-nominalizador

$TF_2(23)$ ^ tsă̆ŋō ^

lp-chegar

- meio-alto/meio-baixo: ┌ ├

Texto 1 - TF(5) ^ mā̄ʔɨ̆ ^ ...

vida

Texto 3 - $TF_2(22)$ ^ ŋɛ̄ʔmă ^

dêitico (lá)

- meio-alto/baixo: ├ └

Texto 1 - TF(12) ‸ nε̃ɨkă ‸ nãɨka ‸ ...

provavelmente

- médio/meio-baixo: ├ ├

Texto 1 - TF(2) ‸ tʂădʐā ‸ tʂădʐā ‸

eu-criar

TF(5) ‸ tʂɔ̄ʔɾɨ ‸

meu

TF(7) ‸ ɲε̄mă ‸ ...

aquele

TF(7) ‸ ŋε̄tă ‸ ...

onde

˫ ˪
TF(7) ‸ p$\bar{ɔ}$g$\breve{ɨ}$ ‸ ...
pescar

˫ ˪
Texto 2 - TF(1) ‸ t$\bar{ɨ}$m$\breve{a}$ ‸
3p íntima

˫ ˪
TF_1(3) ‸ ŋ$\bar{ɛ}$t$\breve{a}$ ‸
onde

˫ ˪ ˫˪
TF_1(5) ‸ m$\bar{a}$ʔ$\breve{ɨ}$ ‸ m$\bar{a}$$\breve{ɨ}$ ‸
caminho

˫ ˪
TF_3(5,6,7,8,9) ‸ dẓ$\bar{i}$m$\breve{a}$ ‸
aquele (previamente referido)

˫ ˪
TF_3(14) ‸ ŋ$\bar{i}$m$\breve{a}$ ‸
ela

Texto 2 - $TF_2(22)$ ^ t̄+mă ^

3p íntima

Texto 3 - $TF_2(3)$ ^ tʂīgɷ̆ ^

cutia

$TF_2(4)$ ^ ŋ̄ā̄ɛ+̆ ^

paca e

$TF_2(4)$ ^ māɛ+̆ ^

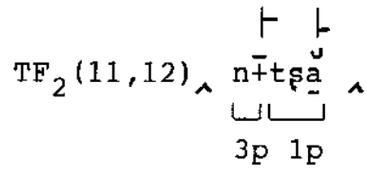
já

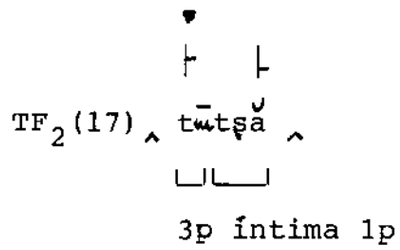
$TF_2(9,10,11)$ ^ ŋɛ̄mă ^

dêitico (aquele)

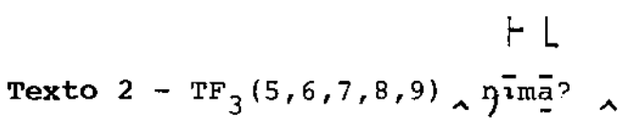
$TF_2(11,12)$ ^ tāmă ^

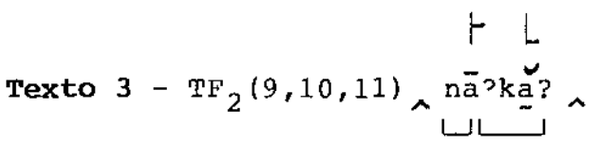
negação



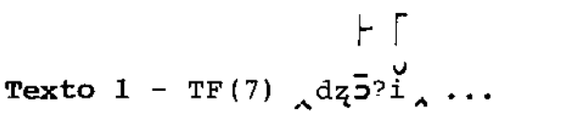


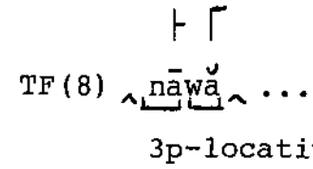
- médio/baixo: ⊢ ⌊





- médio/alto: ⊢ ⌈

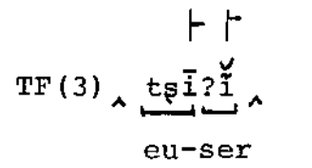




TF(8) ^ nāwă ^ ...

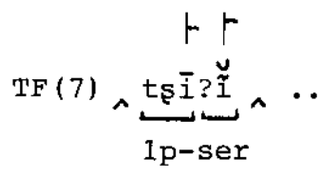
3p-locativo

- médio/meio-alto: ⊢ ⌜



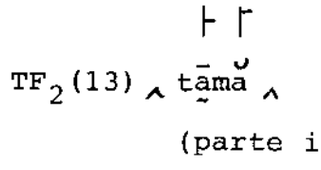
Texto 1 - TF(3) ^ tʂīʔĭ ^

eu-ser



TF(7) ^ tʂīʔĭ ^ ...

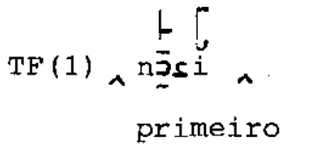
1p-ser



Texto 3 - TF_2(13) ^ tāmă ^

(parte integrante de wüitama 'um')

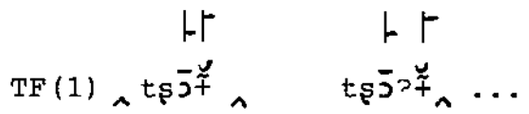
- meio-baixo/alto: ⊦ ⌜



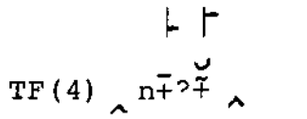
Texto 1 - TF(1) ^ nɔ̄ʐi ^

primeiro

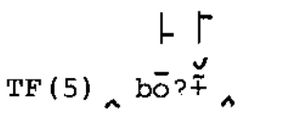
- meio-baixo/meio-alto: ˩ ˥

Texto 1 - TF(1) 

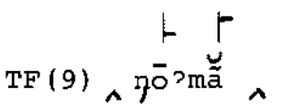
eu-para

TF(4) 

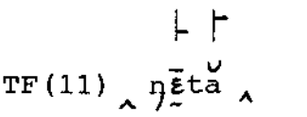
3p-dativo

TF(5) 

criança

TF(9) 

agora

TF(11) 

onde (para mais de duas, mais de três pessoas)

Texto 3 - $TF_2(9.10,11)$ ^ dzɻ̄ɔ̄ʔnĭ̆ ^

enquanto isso

$TF_2(11,12)$ ^ ŋ̄ɛ̄ʔmā̆ ^

dêitico (aí)

$TF_2(16)$ ^ βw̄̃ʔĭ̆ ^

um

$TF_2(23)$ ^ dɛ̄ʔă̄ ^

água

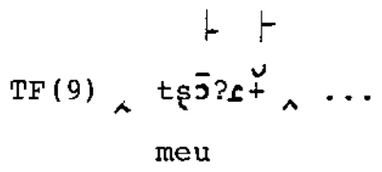
$TF_2(27)$ ^ ɾw̃̆ʔ ŋ̄ā ^

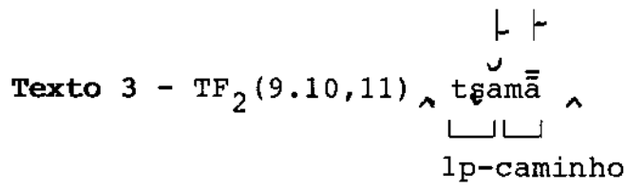
e paca

- meio-baixo/médio:

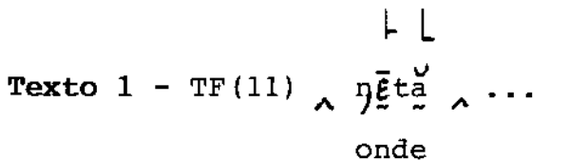
Texto 1 - $TF(5)$ ^ tʂ̄ɔ̄ʔɾ+̆ ^

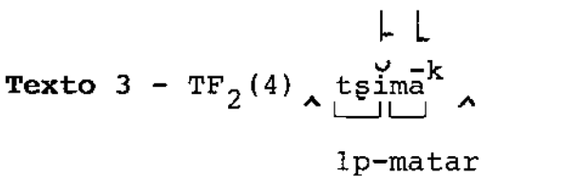
meu



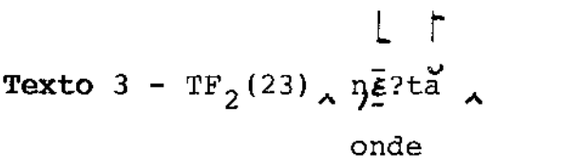


- meio-baixo/baixo: ⊦ ⌊





- baixo/meio-alto: ⌊ ⊦



- baixo/médio: ⌊ ⊢

⌊ ⊢

Texto 1 - TF(5) ‸ tʂɔ̃ʔɾɨ ‸

meu

⌊ ⊢

Texto 2 - TF_1(15,16) ‸ ŋõʔgɶ̆ ‸

possibilidade

⌊ ⊢

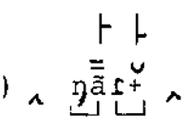
Texto 3 - TF_2(11,12) ‸ dãʔɯ̃ ‸

vir-nominalizador

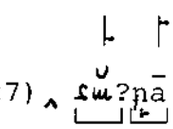
As observações mais imediatas que podem ser feitas com relação às manifestações do padrão de duas alturas dizem respeito à freqüência de determinadas manifestações e às seqüências que tal padrão recobre.

Em termos da freqüência de manifestações associadas ao padrão de duas alturas, estão as realizações médio/meio-baixo (⊢ ⌊) e meio-baixo/meio-alto (⌊ ⌈) - realizações que exibem, respectivamente, um intervalo de dois graus consecutivos (intervalo de segunda) e um intervalo de três graus consecutivos (intervalo de terça).

No que diz respeito às seqüências recobertas pelo padrão de duas alturas, elas na sua maioria coincidem com itens isolados, morfologicamente simples ou não. Há, no entanto, entre os agrupamentos fonológicos constituídos pelo padrão de duas alturas, a presença de seqüências que são o resultado de uma combinação que ultrapassa o nível da palavra, como em

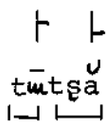
Texto 3 - $TF_2(4)$ ^  ^

paca e

$TF_2(27)$ ^  ^

e paca

ou de uma combinação que não resulta em uma forma com sentido completo que pudesse, em função disso, ser associada a uma palavra ou seqüência de palavras. Ao contrário, é possível encontrar seqüências fruto de uma combinação que tanto pode ser vista como a reunião de uma palavra mais o pedaço de uma outra incompleta quanto ser considerada a justaposição de pedaços de uma única palavra, também ela incompleta. Exemplo desse tipo de combinação está em

Texto - $TF_2(17)$ ^  ^

3p.íntima 1ªp.

Longe de participar de um momento de hesitação do falante, esse último tipo de combinação - combinação de pedaços de formas - parece apontar para um fato significativo. Embora um padrão de altura (no caso, o padrão de duas alturas) se faça presente no léxico da língua estudada através das formas que possuem entrada nesse léxico, a força desse padrão parece ser grande, na medida em que ele pode se aplicar a seqüências lingüísticas independentemente, ao que parece, do status que essas seqüências possam ter em termos do léxico. Voltaremos a essa questão mais adiante.

Ao lado das observações mais imediatas, podemos adiantar outras, relativas à interação entre altura e oclusão glotal. Esse último conjunto de observações se torna relevante no ponto em que estamos, porque é justamente no padrão de duas alturas distribuídas por sobre duas sílabas que estão as maiores possibilidades de utilização de uma escala diferenciada de níveis de altura em Tikuna .

No que diz respeito a uma possível interação entre altura e oclusão glotal, essa começa a se apresentar, de maneira, regular, em seqüências que exibem intervalo de terça: , , , .

Entre as seqüências com intervalo de terça, há aquelas em que a ocorrência da oclusão glotal pode ser imediatamente asso

ciada à laringalização e essa a uma depressão da altura. As seqüências em questão são aquelas associadas às realizações ⊢ ⊥ e ⊥ ⊢ .

Nas seqüências associadas ao primeiro conjunto dessas realizações (⊢ ⊥), a oclusão glotal corta a emissão de uma vogal laringalizada; essa vogal pertence à segunda sílaba. Nas seqüências associadas ao segundo conjunto dessas mesmas realizações (⊥ ⊢), é a vogal da primeira sílaba - vogal laringalizada - que tem a sua emissão cortada pela oclusão glotal. Nos dois casos, a vogal atingida pela oclusão e pela laringalização porta a mais baixa das alturas até aqui discriminadas. Aqui a associação entre oclusão glotal e laringalização não fere expectativas gerais, uma vez que a laringalização pode ser vista como uma série de oclusões glotais que atingem um segmento ou seqüência de segmentos.

Nas seqüências associadas aos dois outros tipos de intervalo de terça acima mencionados (⊥ ⊢ e ⊢ ⊥), a vogal em nível mais baixo de altura nem sempre está laringalizada. Na realidade, entre as seqüências em questão, há apenas uma em que a vogal mais baixa em altura se faz acompanhar de laringalização (e, registre-se, não tem a sua emissão cortada ao final por uma oclusão glotal):

⊥ ⊢

Texto 1 - TF(11) ^ ŋ̱ɛ̱̄tă ^

onde

Nas demais seqüências, o que se tem é ou uma oclusão glotal seguindo-se à vogal mais baixa em altura, tal como se vê em

Texto 3 - TF_2 (9,10,11) ^ dʐɔ̄ʔnĭ ^

enquanto isso

ou uma oclusão glotal precedendo a vogal ou sílaba mais baixa em altura, como se observa em

Texto 1 - TF(5) ^ mā?ă ^

vida

Texto 3 - TF_2(22) ^ ɲɛ̄ʔmă ^

dêitico (lá)

ou ainda uma oclusão glotal sujeita à queda, sem que essa queda provoque necessariamente alteração na relação entre os níveis de altura:

Texto 1 - TF(1) ^ tʂɔ̄ʔ̆ ^ tʂɔ̄ʔ ^ ...

eu-para

Nessas últimas situações, a ocorrência da oclusão glotal não pode ser associada à laringalização e essa, por sua vez, a uma depressão da altura. Isso significa que a associação entre oclusão glotal e depressão da altura, se efetuada, terá de

sê-lo sem o intermédio da laringalização. Uma tal associação pede algumas considerações.

Uma primeira consideração é que, para manter a afirmação de que a oclusão glotal atua como um elemento depressor da altura, será necessário fazer algumas suposições.

A primeira dessas suposições é a de que a oclusão glotal pode atingir o núcleo de uma sílaba - uma vogal de modo geral. Atingido apenas o núcleo, esse, que em termos de uma possível representação básica se associaria a um nível de altura um grau acima daquele que é efetivamente realizado, não necessitaria obrigatoriamente ser laringalizado. Além disso, sendo esse núcleo laringalizado ou perdendo a sua laringalização por efeito de um possível processo de enfraquecimento[47], não necessitaria ele exibir ao final de sua emissão um perceptível golpe de glote. O golpe de glote, por sua vez, estaria ele próprio sujeito a um desaparecimento após cumprir o seu papel de elemento depressor da altura - um papel geral, que não estaria restrito a seqüências com intervalo de terça (cf. intervalos de segunda acima).

A segunda suposição é a de que a oclusão glotal pode atingir uma sílaba por inteiro. Essa segunda suposição seria aplicável não só a seqüências que exibem intervalo de terça, como

Texto 3 - $TF_2(22)$ ^ ŋɛ̄?mă ^
dêitico (lá)

mas também a seqüências que não exibem tal tipo de intervalo, como

˧ ˩

Texto 1 - TF(5) tʂɔ̄ʔɾɨ̆

meu

Além de considerar a necessidade de lançar mão de certas suposições, há uma outra consideração a ser feita, e essa diz respeito ao próprio papel depressor da altura possivelmente desempenhado pela oclusão glotal.

No seu possível papel de depressor da altura, a oclusão glotal tanto pode preceder a vogal de uma sílaba quanto a ela se seguir. E, ainda, ao deprimir a altura de uma sílaba por inteiro, ela se apresenta antecedendo essa sílaba.

No caso de efeito depressor sobre a altura portada por uma sílaba, a obtenção de tal efeito não encontraria, na presença da consoante que abre essa sílaba, um obstáculo fonético: nos dados que até agora exibimos, essa consoante é uma nasal ou uma líquida, o que vale dizer que ela possui estrutura de formantes e pode, por isso, ser portadora de altura.

Em termos da associação entre oclusão glotal e altura, essa se daria diretamente. A grosso modo, tal associação poderia ser colocada da seguinte maneira, com a oclusão glotal representando um estado das cordas vocais capaz de deprimir a altura previamente associada a uma sílaba ou a seu núcleo. Assim (A = alto; M = médio; B = baixo; números indicam etapas da associação):

˩ ˧

d a ɯ̃ [dā̠ʔɯ̃̆]

| -1- vir-nominalizador

Altura: B M

| -2- (Texto 3, TF_2(11,12))

Cordas vocais: ?

	n a	k a		[nā?kǎ?]
	|	|	-1-	3p-por
Altura:	A	B		
	|	|	-2-	(Texto 3, TF_2(9,10,11))
Cordas vocais:	?	?		

	ŋ o	m ã		[ŋ̄o?mǎ]
	|	|	-1-	agora
Altura:	M	A		
	|		-2-	(Texto 1, TF(9))
Cordas vocais:	?			

	d ɻ ɔ	n i		[dɻɔ̄?nǐ]
	|	|	-1-	enquanto isso
Altura:	M	A		
	|		-2-	(Texto 3, TF_2(9,10,11))
Cordas vocais:	?			

˥ ˩

m a ǂ [mā?ǂ̆]

| | -1- vida

Altura: A M

| -2- (Texto 1, TF(5))

Cordas vocais: ?

˥ ˩

ŋ ɛ m a [ŋɛ̄?mă]

| V -1- dêitico (lã)

Altura: A M

| -2- (Texto 3, TF_2(22))

Cordas vocais: ?

˥ ˩

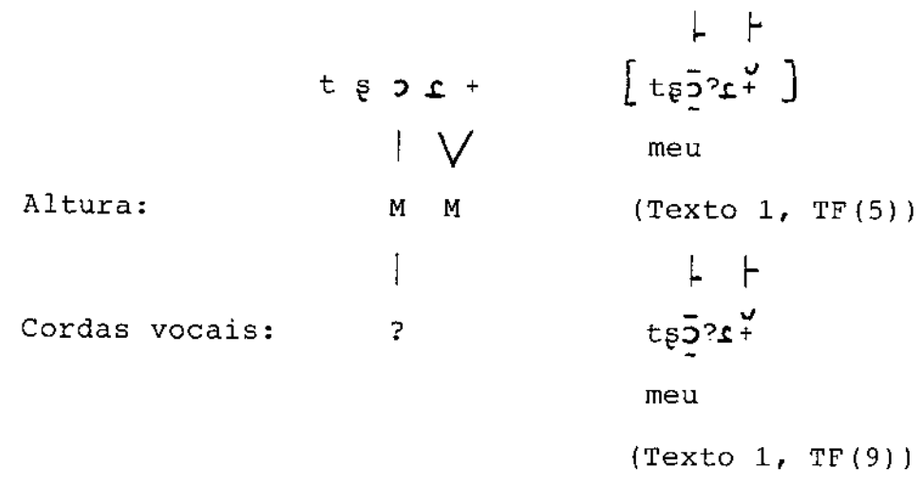
t ʂ ɔ ɾ + [tʂɔ̄?ɾ+̆]

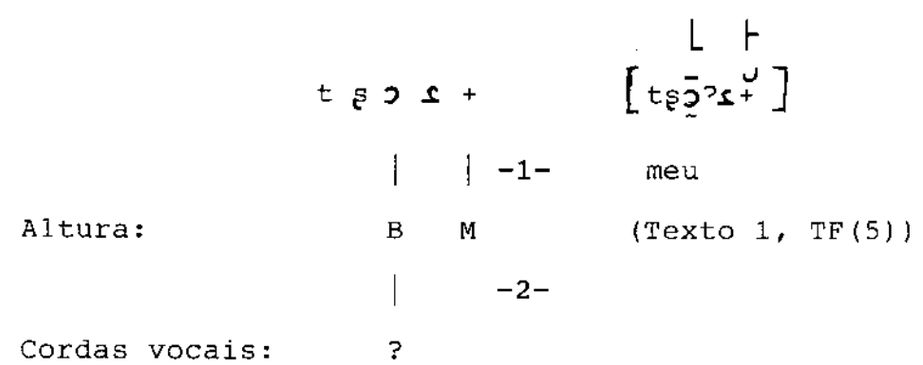
| V -1- meu

Altura: M M

| -2- (Texto 1, TF(5))

Cordas vocais: ?

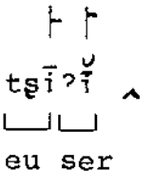




Alguns problemas se apresentam de saída na associação colocada; o problema fonológico da relação temporal entre a oclusão glotal e o segmento ou seqüência de segmentos que ela atinge ; a instabilidade que surge no léxico de falantes quanto à

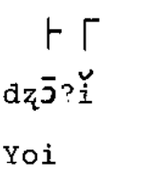
atribuição da altura básica à qual a oclusão glotal vai se associar; a instabilidade que aparece em termos da direção - se à esquerda, se à direita - assumida pelo próprio processo que associa a oclusão glotal à altura. Além disso, se é nos intervalos de terça em que a oclusão glotal faz seu aparecimento mais regular, ela não deixa de estar presente em intervalos de segunda, inclusive quando esse tipo de intervalo envolve níveis de altura situados em um plano não-baixo, como se vê em

Texto 1 - TF (3)



Também não deixa de ser a oclusão glotal - dada a dubiedade de direção com que se apresenta o suposto processo que a associa à altura - um possível elemento a ser igualmente levado em conta na obtenção do nível mais elevado de altura dentro de um intervalo, algo bastante plausível em dados como

Texto 2 - TF (7)



Por fim, somando-se a esses problemas, existe a questão da própria viabilidade fonética da proposta de associação entre a oclusão glotal e uma depressão da altura.

Em termos fonéticos, o efeito da oclusão glotal sobre a altura da vogal precedente é, de acordo com experimentos expressamente realizados para testar esse efeito[48], o de elevar a

freqüência fundamental da vogal em questão. E os resultados de laboratório coincidem aqui com os resultados de análises diacrônicas de línguas tonais que, como o vietnamita, viram o desaparecimento de oclusivas glotais pós-vocálicas ceder lugar a tons ascendentes[49] . Por outro lado, são praticamente nulas as referências quanto ao efeito da oclusão glotal sobre a freqüência fundamental da vogal imediatamente seguinte. Não é difícil imaginar, porém, que tal efeito seja semelhante ao de consoantes oclusivas surdas pré-vocálicas: ao contrário de oclusivas sonoras, que deprimem de maneira significativa a freqüência fundamental da vogal seguinte, as oclusivas surdas afetam a vogal seguinte elevando-lhe a freqüência. O caráter divergente das diferentes explicações fornecidas para esse fato (e que buscam apoio ora em fatores aerodinâmicos, ora na tensão das cordas vocais, ora ainda na altura da laringe) não muda aquilo que se apresenta como um fato. Um fato que foi constatado para línguas não-tonais, como o inglês, e para línguas tonais, como o Yoruba e o Thai.

Um fato, porém, sempre pode receber novos matizes. No caso da perturbação causada por oclusivas surdas e sonoras em línguas tonais, já se demonstrou que a duração da perturbação diferenciada que elas causam na vogal seguinte é sensivelmente menor do que aquela existente em línguas não-tonais. Do ponto de vista da percepção, os efeitos dessa perturbação ainda não foram dados como definitivamente avaliados. Por outro lado, acrescente-se que expectativas fundadas em fatos conhecidos podem ser frustradas pela constatação da não-universalidade desses mesmos fatos. E, em se tratando de oclusivas, expectativas

frustradas já foram de alguma forma externalizadas: ao se considerar a série de oclusivas que abrange surdas não-aspiradas, surdas aspiradas e sonoras com o fim de se tentar manter a suposição de que as oclusivas surdas aspiradas levariam o início da vogal seguinte a um nível de freqüência fundamental mais alto, viu-se essa suposição esbarrar em dados conflitantes provenientes de línguas diferentes e até de uma mesma língua[50].

Assim, não vamos de imediato colocar a oclusão glotal pré-vocálica do Tikuna na companhia de consoantes oclusivas e prever para ela efeitos fonéticos semelhantes àqueles de uma oclusiva surda. Nem vamos supor que a oclusão glotal pós-vocálica deva atuar sempre no sentido de elevar a freqüência fundamental da vogal precedente.

Voltando à hipótese do possível papel de depressor da altura desempenhado pela oclusão glotal, vamos fazer reserva dos problemas que ela coloca para retomá-los mais adiante. Podemos, no entanto, já deixar registrado que, nos agrupamentos fonológicos, os maiores distanciamentos observados no padrão de duas alturas distribuídas por sobre duas sílabas são obtidos com a utilização de recursos entre os quais se encontram a oclusão glotal e, de alguma forma associada a ela, a laringalização.

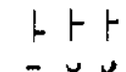
B) Dois níveis de altura distribuídos por sobre conjunto de três sílabas

No conjunto de dados abaixo, as melodias utilizadas são construídas a partir de um repertório em que estão disponíveis quatro níveis de altura: alto (⌜), meio-alto (⌐), médio (⊢) e meio-baixo (⌊). São utilizadas duas entre as

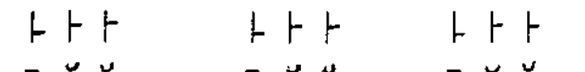
quatro alturas.

Foram encontradas melodias nas quais cabe a um dos níveis de altura, devido à sua ocorrência única, se tornar saliente em relação a um outro nível, que se repete na seqüência. Assim, o que encontramos foi (o nível saliente se encontra sublinhado):

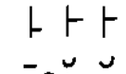
- meio-baixo/médio: ˩ ˧ ˧

Texto 1 - TF (1) 

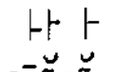
antigo

TF (2) 

mas, então

TF (4) 

muito

TF (4)  ...

gente

- médio/meio-baixo: ⊢ ⊢ ⊢

⊢⊢ ⊢

Texto 1 - TF (11) ^ tā̰ŏ̰mă ^

negação

⊢ ⊢ ⊢

Texto 3 - TF_2(27) ^ ĭ tʂīgɷ̆ ^

x cutia

- meio-baixo/alto: ⊢ ⊢ ⌈

⊢ ⊢ ⌈

Texto 1 - TF (1) ^ ĭ nɔ̰̄ɾĭ ^

x primeiro

- meio-baixo/meio-alto: ⊢ ⊢ ⌈

⊢ ⊢ ⌈

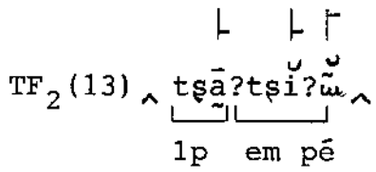
Texto 1 - TF (11) ^ ōkɷ̆?ɛ̰̆ ^ ...

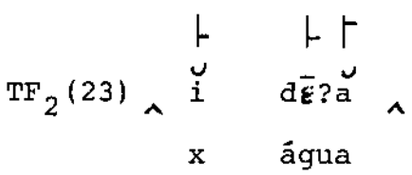
conselho

⊢ ⊢ ⌈

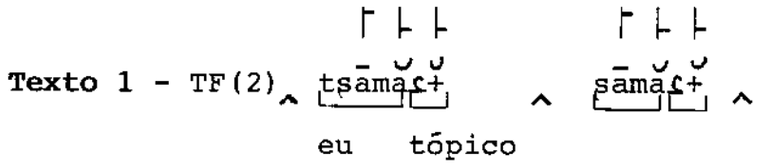
Texto 3 - TF_2(9,10,11) ^ tʂă?dāɷ̄?ɨ̆ ^

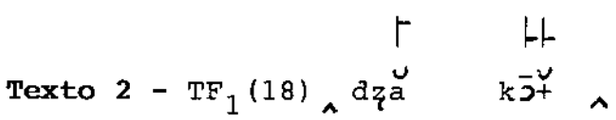
lp-procurar-nominalizador

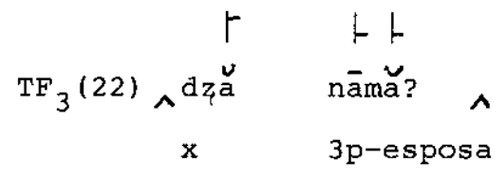




- meio-alto/meio-baixo: ˦ ˧ ˧







- meio-alto/<u>meio-baixo</u>: ┌ ┌ └

┌ ┌ └

Texto 3 - TF_2(23) kamiɾɷ

Camilo

- <u>meio-alto</u>/médio: ┌ ├ ├

┌ ├ ├

Texto 1 - TF(8) ^ ɛβaɾɛ ^...

Eware

┌ ├ ├

Texto 2 - TF_3(5,6,7,8,9) ^ at+na ^ (Observação: o falante aqui esbarra na parte segmental do item referente a 'enfor migado')

┌ ├ ├

TF_1(11,12) ^ taɾan+ ^

ficar de braços e pernas abertos

┌ ├ ├

Texto 3 - TF_3(19) ^ ɣpaɾa ^

antes

Também foram encontradas melodias em que o nível de altura a se destacar se situa entre duas extremidades igualadas em altura. Aqui a distribuição dos níveis de altura se caracteriza pelo retorno do nível de altura que abre o padrão:

- médio/<u>meio-baixo</u>/médio: ├ └ ├

├ └ ├

Texto 3 - TF_2(24,25,27) ŋɛ̄ʔgɷ̆mă
dêitico (aí, quando)

- meio-alto/<u>meio-baixo</u>/meio-alto: ┌ └ ┌

┌ └ ┌

Texto 3 - TF_2(13) ^ gă? β^{w}ɤ̄ʔĭ ^
x um

┌ └ ┌

TF_2(15) ^ nā? ŋɛ̄ʔtă ^
para onde

- meio-alto/<u>médio</u>/meio-alto: ┌ ├ ┌

┌ ├ ┌ ┌ ├ ┌ ┌ ├ ┌

Texto 1 - TF(1) ^ kə̄ā̄năk+̆ ^ kə̄ā̄năk+̆ ^ kā̄năk+̆ ^
mesmo

- médio/meio-alto/médio: ⊢ ⌈ ⊢

Texto 2 - TF_3(22)‸ ŋiĩɛa ‸

Texto 3 - ‸ tʂanõɯ̃ ‸

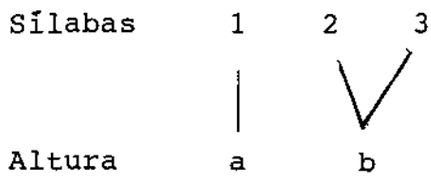
1p-colocar-nominalizador

No pequeno conjunto dos agrupamentos fonológicos constituídos pelo padrão em que dois níveis de altura se distribuem de modo a se ter o retorno do nível de altura que abriu o padrão, constata-se a existência da configuração ⌈ ⌊ ⌈ - em que um nível de altura pertencente ao plano alto é separado de nível idêntico que o antecede por um nível de altura pertencente ao plano baixo. Não se observa aqui, portanto, o fenômeno do downdrift. Identificado sempre que um tom alto se segue a um tom baixo e se realiza como mais baixo do que o tom alto que precede o referido tom baixo, o downdrift já recebeu diversas propostas de formalização. Essas propostas se distribuem de maneira desigual. A grande maioria das propostas vê no downdrift um padrão entoacional descendente que afeta tons altos e baixos. Um número menor de propostas, nascidas do desejo de se encontrar uma motivação fonética para o fenômeno, considera o downdrift o resultado de um processo de assimilação de tons altos a tons baixos[51]. Sem entrar na questão da interpretação do downdrift, diremos apenas que, nos termos em que ele é classicamente identi-

ficado, não há elementos para postular a sua existência em Tikuna.

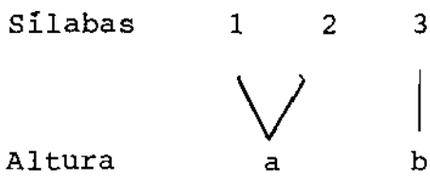
Ao lado da aparente inexistência de downdrift, uma outra característica surge quando dois níveis de altura se distribuem por sobre três sílabas: a adjacência de idênticos níveis de altura. Assim, independentemente dos níveis de altura concretamente realizados, o que se tem no primeiro conjunto de dados acima é o seguinte: ou uma seqüência finalizada por alturas idênticas, isto é,

Sílabas	1	2	3
Altura	a	b	



ou uma seqüência iniciada por alturas idênticas, isto é,

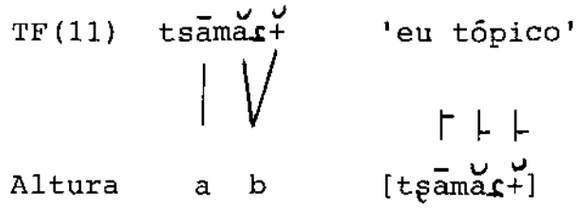
Sílabas	1	2	3
Altura	a		b



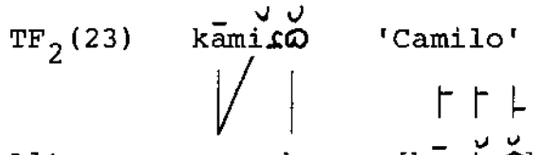
Nessa situação, é possível o surgimento de casos como

Texto 1 - TF(11) tsāmǎɾ̆+̆ 'eu tópico'

Altura a b [tʂāmǎɾ̆+̆]



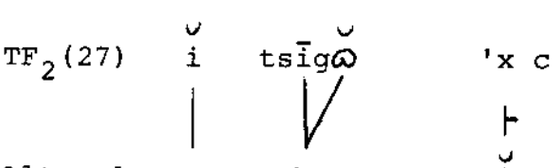
Texto 3 - $TF_2(23)$ kāmiɾ̆ω̆ 'Camilo'



Altura a b [kāmiɾ̆ω̆]

em que, aparentemente, a associação entre elementos pertencentes ao plano da altura e sílabas estaria sujeita à ambigüidade, uma vez que essa associação tanto poderia se processar da esquerda para a direita quanto da direita para a esquerda. Ao contrário disso, no entanto, há uma outra sugestão presente na adjacência de certos níveis idênticos que se fazem presentes em seqüências de três sílabas. Como alguns agrupamentos bem mostram, há seqüências nas quais se incluem mais de uma forma. Do encontro entre formas resultam certas configurações e, com elas, a aparência de uma ambigüidade no direcionamento da associação entre elementos do plano da altura e sílabas. Em outros termos, o que estamos dizendo é que a informação morfológica deve ser levada em conta ao se tratar da associação entre altura e elementos que a portam. Assim, os dois casos acima bem como outros estariam resolvidos sem dar margem a qualquer ambigüidade na direção do processo de associação em questão. O curioso, no entanto, é que, de alguma maneira, uma configuração de altura resultante de junção de formas termine por reproduzir uma configuração portada por uma única forma. Isso é o que se passa, por exemplo, com

Texto 3 - $TF_2(27)$ ĭ tsīgω̆ 'x cutia'



Altural a b [ĭ tsīgω̆]

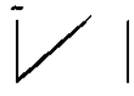
que reproduz a mesma configuração de altura de uma única forma como

Texto 1 - TF (11) tãõmã 'negação'

Altura ab [tãõmã]

e isso é também o que se vê em

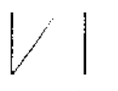
Texto 3 - TF_2(13) tsã?tsi?ũ 'lp-em pé'



Altura a b [tʂã?tʂi?ũ]

agrupamento no qual se reencontra a mesma configuração de altura exibida por uma raiz como

Texto 1 - TF (11) õkɷ̃?ɛ̃ 'conselho'



Altura a b [õkɷ̃?ɛ̃]

Assim, parece estar em funcionamento aqui algo que ultrapassa a informação vinda do plano morfológico e que, ultrapassando-a, faz com que formas diferentemente estruturadas possam reproduzir uma mesma configuração de altura.

Ainda com referência à informação proveniente da morfologia, repete-se aqui uma situação possível de ser constatada já nos dados dissilábicos que abriram esta seção: entre as possibilidades de ocorrência da oclusão glotal está o seu aparecimento em seqüências formalmente complexas, situando-se ela na junção entre formas.

Por fim em se tratando de padrão de duas alturas distribuídas por sobre três sílabas, certos agrupamentos fonológicos trazem consigo um problema e uma revelação.

O problema, que se acrescenta aos já apontados anteriormente sobre a suposição da existência de um papel depressor generalizadamente atribuído à oclusão glotal, envolve o aparecimento de tal oclusão em circunstâncias em que ela, necessariamente, não pode ser associada a uma altura de plano baixo. Isso se vê em

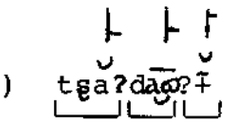
	┌	└ ┌	
Texto 3 - TF_2(13) ‸	ga?	βʷɤ̄?i	‸
	x	um	

	┌	└ ┌
Texto 3 - TF_2(15) ‸	nā?	ŋɛ̰̄?tǎ
	para	onde

em que o golpe de glote se segue a partículas portadoras de altura meio-alta. Nesse ponto o golpe de glote dificilmente poderia ser responsabilizado pelo nível de altura exibido pelo nú-

cleo da sílaba seguinte: esse último já estaria, em tese, sofrendo a ação da oclusão glotal que a ele se segue.

Quanto à revelação, ela vem de um dado como

Texto 3 - $TF_2(9,10,11)$ 

1p-procurar-nominalizador

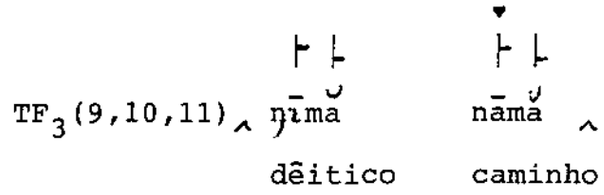
no qual a raiz referente a 'procurar' tem como seu núcleo silábico um ditongo ao qual se segue uma oclusão glotal, ficando aqui claro qual pode ser uma das posições de ocorrências dessa última: uma posição fora do núcleo silábico.

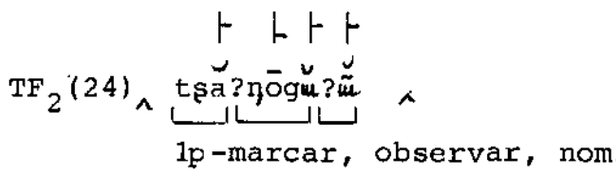
Ambos, problema e revelação, também serão retomados mais adiante.

C - Dois níveis de altura por sobre conjunto com quatro sí-
labas:

```
                      ├     ┌ ├ ├
                      ˇ     ̄ hˇ ˇ
Texto 2 - TF3(24) ^ dʒa    nõkʰɨma  ^
                      x    antigamente/an

                      ├ ├ ┌ ├
                      ̄ ˇ ̄ ˇ
Texto 3 - TF3(8,9)^ kɷkɷnɛka  ^
                    └──┘└───┘
                    roncar-barriga
```



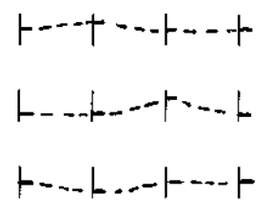


Aqui as possibilidades se apresentaram de duas maneiras:

. uma altura - que pode pertencer tanto ao plano alto quanto ao baixo - se torna saliente em relação a uma outra pelo fato de ser única dentro do agrupamento fonológico, enquanto a outra altura aí se repete/se estende; o ponto em que uma altura aparece como saliente é a segunda ou terceira sílaba, quer se conte da esquerda para a direita, quer se conte da direita para a esquerda;

. as duas alturas retornam, mas de maneira alternada.

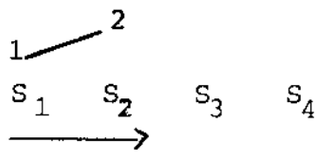
Responsável pela criação de desenhos melódicos como

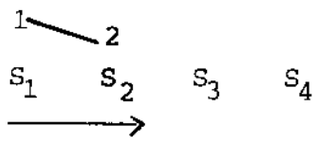


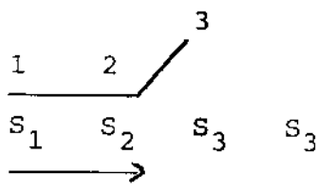
a primeira possibilidade aponta para a existência de um repertório restrito de combinações de altura. Nesse repertório, a localização da altura saliente pode ser traduzida em termos de obe-

diência a um esquema binário ou ternário.

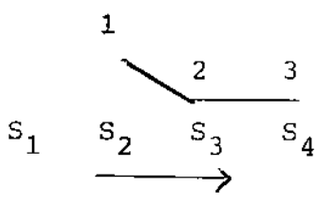
A saliência, se vista da esquerda para a direita, recai, nos dados de que dispomos, sobre a 2ª ou 3ª sílaba. Se considerada ainda a altura de sílaba ou das sílabas imediatamente anteriores àquela que porta a saliência, tem-se a constituição de um padrão binário ou ternário como parte integrante do conjunto de quatro sílabas. Assim (S= sílaba; S em negrito = sílaba portadora da saliência em altura; linha com inclinação = movimento no plano da altura; números na linha de altura = localização dos pontos de altura do padrão em relação às sílabas; número em negrito = saliência na altura; seta = direção de leitura):

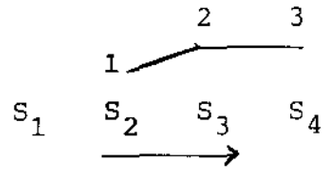


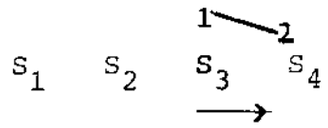




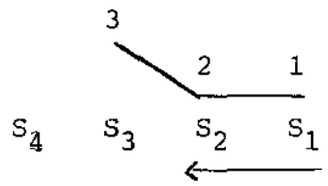
Por outro lado, se o nosso olhar incluir, além da sílaba que porta a saliência, aquela ou aquelas que lhe seguem, novamente surgirão diante de nossos olhos ou um padrão binário ou um padrão ternário como parte integrante do conjunto de quatro sílabas. Assim:

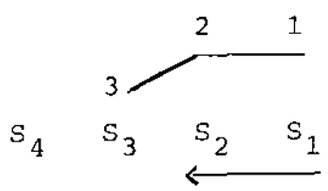


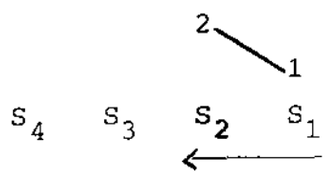




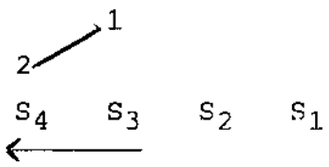
Mudando-se o ângulo devisão e vendo-se agora a mesma saliência da direita para a esquerda o que se nota é que ela recai sobre a 3ª ou 2ª sílaba. Se considerada, além da sílaba saliente aquela ou aquelas que imediatamente a precedem, tem-se ainda a visão ou de um padrão binário ou de um padrão ternário de altura. Ou seja:

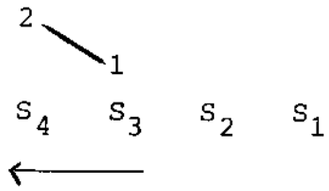


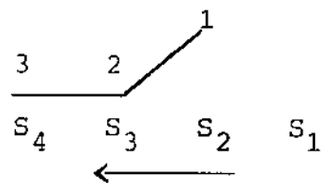




Mantendo-se ainda o mesmo ângulo de visão - isto é, da direita para a esquerda - e considerando-se, ao lado da sílaba que porta a saliência, aquela ou aquelas que a seguem, o que se vê é o reaparecimento do padrão binário e do padrão ternário no plano da altura. Deste modo:



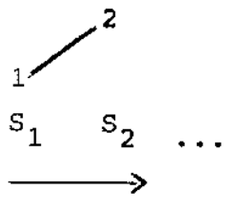


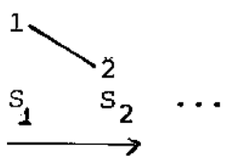


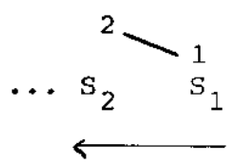
A primeira possibilidade aqui apresentada traz consigo não apenas a indicação de um repertório restrito de combinações e de obediência a um esquema binário ou ternário de veiculação de pontos de altura. Ela traz também a questão do duplo olhar sobre seqüências, olhar que termina por nos deixar diante do que parecem ser idênticas realidades. O duplo olhar a que nos referimos diz respeito ao ângulo pelo qual pode ser olhada uma sequência - se da esquerda para a direita, se da direita para a esquerda - e já havia se apresentado anteriormente quando abordamos a distribuição de dois níveis de altura por sobre conjuntos de três sílabas. Aliás, ao leitor atento certamente não terá escapado, além da ambivalência na direção de leitura do padrão de altura, que a constituição de um padrão de altura binário ou ternário depende, nos agrupamentos fonológicos aqui apresentados bem como nos anteriores, de uma relação dos pontos de altura com o número de sílabas. Isso significa dizer que, embo

ra sejam dois os níveis de altura em jogo, o padrão só se concretiza como binário ou ternário a partir de um vínculo entre pontos de altura e seqüências silábicas:

Nos agrupamentos fonológicos constituídos de conjuntos de quatro sílabas relacionadas a dois níveis de altura, não se observou a existência de saliências em altura em sílabas situadas na extremidade dos conjuntos (1ª ou 4ª sílaba). Essa inexistência não se deve, entretanto, a uma impossibilidade na construção de uma expectativa quanto ao plano da altura. E isso porque o padrão de altura binário, que se apresenta como parte integrante inclusive de conjuntos de quatro sílabas, vê a sua materialização passar não somente por uma saliência que se apresenta como o segundo ponto de uma seqüência, como se pode constatar nos seguintes trechos de esquemas anteriores,

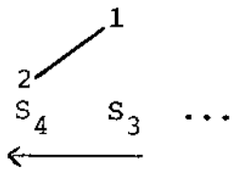


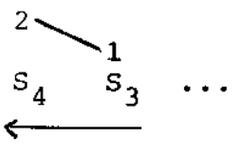


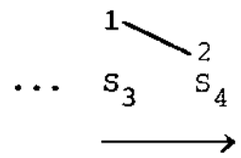


mas também por uma saliência que se apresenta como primeiro pon

to de uma seqüência, como se pode igualmente constatar nos seguintes trechos de esquemas anteriores:





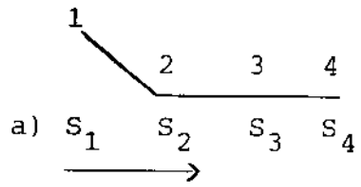


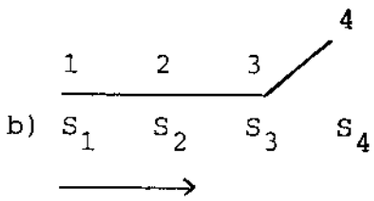
A existência de um padrão binário de altura com saliência quer no seu segundo ponto, quer em seu primeiro ponto abre caminho para algumas coisas.

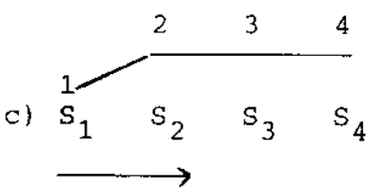
Em primeiro lugar, há caminho para que se veja, naquilo que é uma aparente inexistência, o fruto de uma opção: em nossos agrupamentos fonológicos com quatro sílabas e dois níveis de altura, não se apresentaram saliências em altura situadas na extremidade dos conjuntos (1ª e 4ª sílaba) porque não foi essa, momentaneamente, a opção dos falantes - uma suposição decorrente de manifestações obtidas.

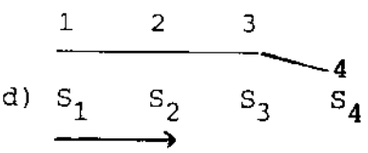
Em segundo lugar, o que se infere de manifestações obtidas permite que se faça uma previsão quanto ao desenho melódico e ao tipo de padrão relacionados a conjunto de quatro sílabas que, com dois níveis de altura, venha a se realizar com saliência na 1ª e 4ª sílabas. Seu desenho melódico poderá estar entre os que

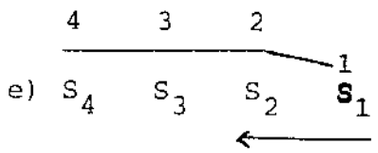
seguem abaixo:

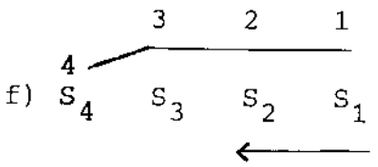


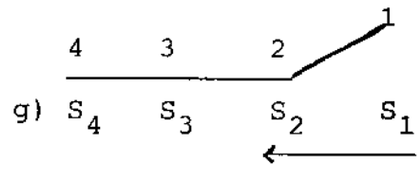


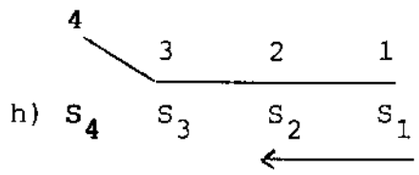










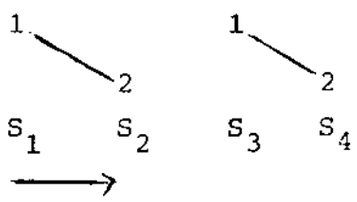


Os quatro últimos desenhos são o resultado de uma leitura feita da direita para a esquerda, enquanto os quatro primeiros resultam de uma leitura feita da esquerda para a direita. Nos dois tipos de leitura, o que surge é um padrão de altura que, com um ponto de saliência destacado em relação a pontos nivelados, pode vir a ser considerado como possuindo características próprias, que o separariam de um padrão binário. Em princípio, a expectativa construída por um padrão de altura binário está fundada em um jogo de duas alturas que se concretiza através de uma relação com um par de sílabas. E não é essa a expectativa construída pelo padrão que estamos inferindo: assuma ele qualquer um dos desenhos melódicos levantados como possíveis, estará ele apresentando características que o diferenciam. Essas características incluem, além de uma relação dos pontos de altura com um número maior de sílabas, a própria possibilidade de extensão, na linha do tempo, de um determinado nível de altura. O limite dessa extensão será vital para que se possa ver nesse pa

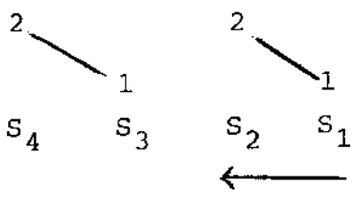
drão uma configuração própria, como será igualmente vital saber, no caso da sua manifestação, qual o tipo de relação por ele mantida com as unidades que o portam.

Por fim, em se tratando ainda de agrupamentos fonológicos constituídos de quatro sílabas relacionadas a dois níveis de altura, resta falar ainda de uma utilização do padrão binário: aquela que foi aqui mencionada como a segunda possibilidade de manifestação da altura nos agrupamentos fonológicos que nos ocupam.

A segunda possibilidade de utilização da altura que concretamente se apresentou - a do retorno alternado dos dois níveis de altura - possui clara ligação com a reprodução de um padrão binário. Tal como na possibilidade anterior, essa ligação se dá quer se direcione o olhar a partir da margem esquerda da seqüência, quer o olhar inspecione a seqüência a partir da sua margem direita. Assim, o que se tem é: ou

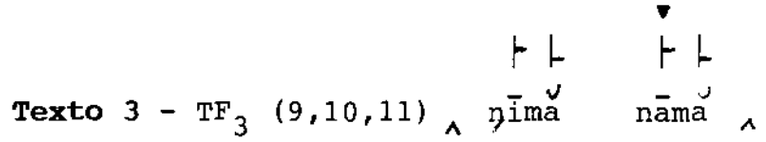


ou



O agrupamento que apresentamos como manifestando essa possibilidade foi

Texto 3 - TF_3 (9,10,11)

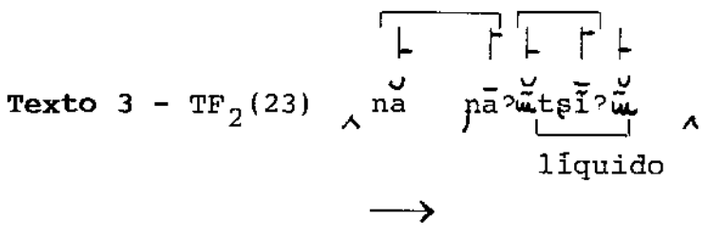


e nele se reencontra a concretização de uma possibilidade e uma conseqüência dessa concretização. A possibilidade concretizada e reencontrada é a apresentação da saliência em altura como primeiro ponto de uma seqüência. A conseqüência dessa concretização é que, com a sua repetição, tem lugar a alternância de um padrão - um fato, como se verá mais adiante, de grandes implicações para a questão do ritmo.

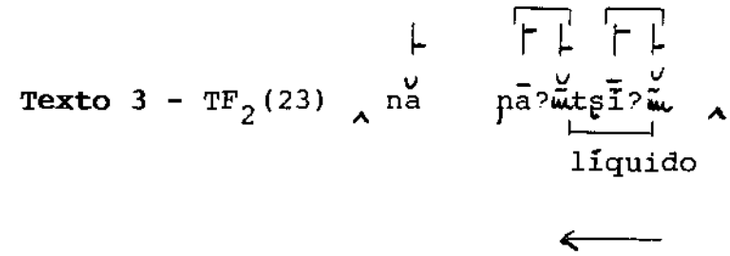
D - Dois níveis de altura por sobre conjuntos de cinco ou mais sílabas

Agrupamentos fonológicos constituídos de cinco sílabas relacionadas a dois níveis de altura se revelaram muito pouco freqüentes. Além de escassamente presentes, eles se caracterizaram por apresentar ou a reprodução de um padrão binário, como se vê no agrupamento abaixo (que tanto pode ser lido a partir da esquerda quanto a partir da direita),

Texto 3 - TF_2(23)

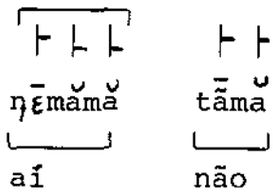


Texto 3 - TF_2(23)



ou a inclusão de um padrão apresentado anteriormente como ternário, como se vê em

Texto 3 - TF_2(6)



As revelações feitas pelos agrupamentos fonológicos constituídos de cinco sílabas e dois níveis de altura nos deixam diante de uma realidade: a realidade de um limite. O limite, no caso, é revelado pela impossibilidade de um conjunto de cinco sílabas apresentar um desenho melódico próprio e criador de expectativas fundado na relação de duas alturas. Esse limite, com toda a certeza, está situado abaixo da seqüência de cinco sílabas.

Se conjuntos de cinco sílabas ultrapassam um limite e, conseqüentemente, não revelam uma face própria em termos de veiculação de padrão com duas alturas, agrupamentos fonológicos constituídos de seqüências acima de cinco sílabas não fazem mais do que anunciar a existência de uma realidade cuja instauração depende da combinação de elementos básicos. Exemplos dessa realidade seguem-se abaixo, através de agrupamentos fonológicos constituídos de seis sílabas. Nesses agrupamentos

os níveis de altura são, no mínimo, em número de três; além disso, no seu interior é possível encontrar melodias cujo desenho coincide ou se relaciona com o de seqüências já apresentadas anteriormente, como, por exemplo, o de seqüências em que dois níveis de altura se encontram associados a três e a quatro sílabas (o desenho melódico de tais seqüências se encontra assinalado abaixo, com os níveis de altura em negrito, e pode ser confrontado com os das seções **B** e **C**):

Texto 1 - TF(7) ^ nõk+ma+tʂima ^
antigo-intensificador-intensificador

Texto 3 - TF_2(2) ^ tʂaɾ+βɯkatʂiga ^
meu caçar notícia

TF_3(1,2,3) ^ ðpatʂamɛaɾ+ ^
antes 1p-bom-de

TF_2(6) ^ ŋɛ̃mãnitʂakʷaʔɨ̃ ^
3p 1p-saber-nominalizador

TF_2(11,12) ^ nĩŋɛ̃ʔtãninɛ̃na ^
de onde de 3ªp

TF_2(16) ^ ɲǎ tʂādʐō?mǎɾɛ̌?ɨ̌ ^

dêitico 1p-pisar-só-nominalizador

TF_2(18,19) ^ nōkʰɯ̌?ɯ̌tʂimāni ^

tempo-intensificador-intensificador-origem

TF_3(19) ?ǐnǎβ̄ɣ̌kǎiwǎ

aspecto contínuo-3p-caçar locativo

TF_2(22) ^ tāɾɯ̌?tɔ̄gɯ̌mǎɾɛ̌ ^

1ppl-sentar-pl-só, à toa

TF_2(22) ^ ŋɛ̄tǎ nǎ tʂǎ?ō?ɯ̌ ^

onde x 1p-ir-nominalizador

TF_2(23) ^ tʂǎɾɯ̌kɔ̄?ɔ̌tʂi?ɯ̌ ^

1p-espiar de repente-intensificador

TF_3(23) ^ tʂǎɾɨ̌kɔ̄ɔ̌tʂǐɯ̌ ^

1p-espiar de repente-intensificador-nominalizador

O reconhecimento da coincidência ou da relação dos desenhos assinalados com o de seqüências anteriores não é difícil: acompanhando os desenhos marcados acima na ordem em que eles foram apresentados, temos que:

. ⊢ ⊢ ⊢ se relaciona com ⊢ ⊢ ⊢ (cf. B) através da oposição de um nível que se estende por mais de uma sílaba;

. ⊢ ⊢ ⊢ , ⊢ ⊢ ⊢ são coincidentes com padrões anteriormente apresentados (cf. B);

. ⊢ ⊢ ⊢ ⊢ se relaciona com uma das possibilidades já vistas em C, aquela em que, em um conjunto de quatro sílabas, uma altura se torna saliente em relação a uma outra, pelo fato de ser única dentro da seqüência, enquanto a outra altura aí se repete/estende;

. ⊢ ⊢ ⊢ coincide com padrão anteriormente apresentado (cf. B);

. ⊢ ⊢ ⊢ ⊢ e ⊢ ⊢ ⊢ ⊢ se relacionam com uma outra possibilidade presente em C, que é a apresentação da saliência em altura como primeiro ponto de uma sequência;

. ⊢ ⊢ ⊢ se relaciona com ⊢ ⊢ ⊢ (cf. B) através da manutenção de um mesmo tipo de jogo no plano da altura, havendo apenas a diferença de um grau em termos das alturas que se substituem (o nível alto substitue o nível meio-alto);

. ⊢ ⊢ ⊢ se relaciona com ⊢ ⊢ ⊢ (cf. B) através da recolocação dos pontos de altura (médio/meio-baixo/ médio é recolocado como meio-baixo/médio/meio-baixo);

. ⊢ ⊢ ⊢ coincide com padrão anteriormente apresentado (cf. B);

Desenhos melódicos que são reencontrados ou cuja relação uns com os outros é constatada apontam, em primeiro lugar, para um universo de coincidências e correspondências - um registro que por ora fazemos, mas que deverá ter as suas conseqüências. Em segundo lugar, os reconhecimentos feitos no interior de agrupamentos fonológicos constituídos por seis sílabas apontam para a existência de uma combinação de padrões de altura no interior desses agrupamentos - combinação que leva a crer que esses últimos sejam o resultado de uma composição no plano da altura. Anunciando-se, assim, como produto de uma composição, a realidade exposta acima necessita ainda, para a sua abordagem, que algumas coisas a mais se façam conhecidas no plano da altura.

Padrão de 3 alturas

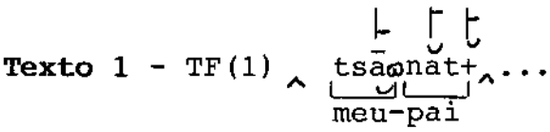
A - Três níveis de altura por sobre conjuntos com três sílabas

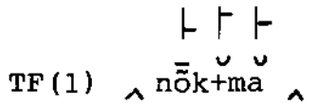
Aqui os agrupamentos fonológicos revelaram duas situações, que passamos a expor.

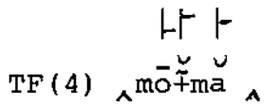
Na primeira situação, o que se tem é a configuração de melodia tonal com ponto de fechamento em nível de altura aproximado

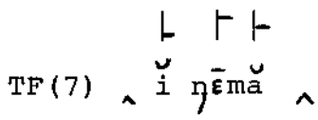
ao do ponto de abertura. Nessa configuração, não se apresentaram todas as combinações de altura passíveis de existência na língua[52]. Chamou a atenção, entretanto, o modo como, dentro desse tipo de configuração, as situações se correspondem. Vejamos como isso se dá.

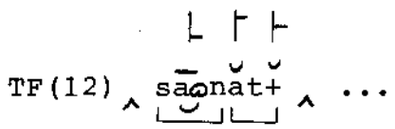
A uma situação em que se tem a seqüência **meio-baixo/meio-alto/médio** (˩ ˧ ˦), exemplificada em











Texto 3 - $TF_3(1,2,3)$ ^ nomata ^

agora

$TF_2(9,10,11)$ ^ nɛmati ^

dêitico 3p. íntima

(aí)

$TF_2(23)$ ^ nɛ?tama ^

onde

corresponde uma situação que é o seu espelho, ou seja, aquela que apresenta a seqüência **médio/meio-alto/meio-baixo** (├ ┌ └):

Texto 2 - $TF_1(17)$ ^ tawag^{h}+ ^

3p. acontecer

Uma situação, por sua vez, em que se tem a seqüência **baixo/médio/meio-baixo** (└ ├ └) - como se vê em

Texto 3 - $TF_2(6)$ ^ mã? tama ^

não

- é a exata reprodução da primeira apresentada (**meio-baixo/meio-alto-médio** - └ ┌ ├)

só que realizada em uma chave de altura um nível mais baixa. Continuando, temos que uma situação com seqüência **médio/meio-baixo/meio-alto** (├ ├ ┌), vista em

Texto 1 - TF(2) ‸ tə̃nɛ̆t+̆ ‸ tə̃nɛ̆t+̆ ‸

e Igarapé Preto

TF(8)

TF(7) ‸ pɔ̃g+̆ʔ+̆ ‸ ...

pescar-nominalizador

Texto 2 - TF_3(10,11,12) ‸ dzīmăwă ‸

aquele locativo (previamente referido)

TF_1(17) ‸ t+māmă ‸

3p.íntima com

Texto 3 - TF_2(7) ‸ ŋɛ̄gwă ‸

dêitico (aí; quando)

TF_2(24) ‸ ŋɛ̄ʔgə̆mă ‸

dêitico (aí; quando)

├ ├ ┌

TF$_2$(24)^ ŋɛ̄mǎβʷǎ ^
dêitico locativo
(aquele)

encontra correspondência em uma situação que é o seu espelho, isto é, aquela com seqüência **meio-alto/meio-baixo/médio** (┌ ├ ├),
que pode ser observada em

├ ├ ├

Texto 1 - TF(12)^ tāgǒmǎ ^
nunca

┌ ├ ├

Texto 2 - TF$_2$(21) ^ /ŋɔ̄kʰ+̌ tsā̌? ^
que bom!

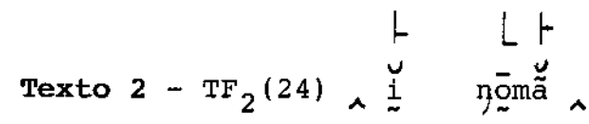
┌ ├ ├

Texto 3 - TF$_2$(16) ŋɛ̄?gǒmǎ
dêitico (aí; quando)

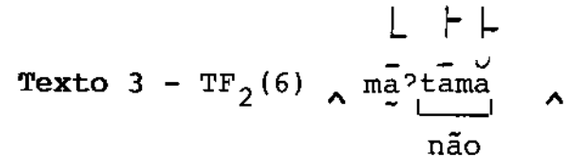
Por sua vez, a situação com seqüência **médio/meio-baixo/meio-alto** (├ ├ ┌), que há pouco apresentamos e que acabamos de ver espelhada acima, encontra a sua cópia plena na situação com seqüência **meio-baixo/baixo/médio** (├ └ ├), observada, por exemplo, em

├ └ ├

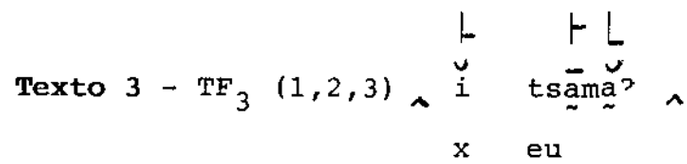
Texto 1 - TF(13)^ tʂ̌atākǒ ^
1p.-sem mãe

Texto 2 - $TF_2(24)$ 

toda ela realizada em uma chave de altura um nível mais baixa. Por fim, uma situação como a apresentada pela seqüência **baixo/médio/meio-baixo** (˩ ˧ ˧), que vimos em

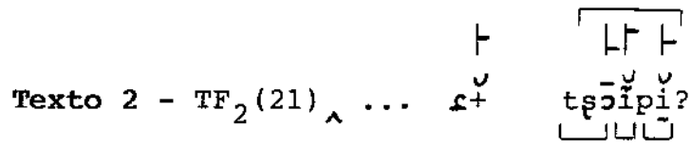
Texto 3 - $TF_2(6)$ 

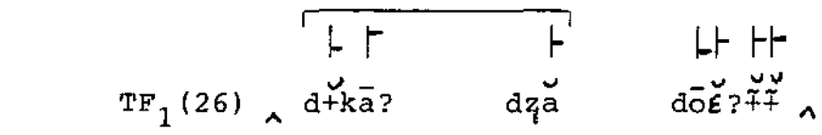
e que foi apresentada como reprodução, realizada em chave de altura um nível mais baixa, de **meio-baixo/meio-alto/médio** (˧ ˦ ˧), possui ela própria o seu espelho, configurado na seqüência **meio-baixo/médio/baixo**(˧ ˧ ˩),

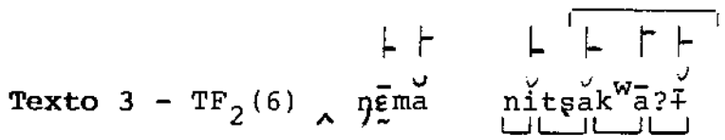
Texto 3 - TF_3 (1,2,3) 

O jogo de correspondências, dos quais participam os espelhos e as reproduções acima apontados não é privilégio dos agrupamentos fonológicos que, apresentando três alturas, vêem a sua extensão coincidir com o número de três sílabas. Esse jogo se reapresenta em agrupamentos mais extensos e, com ele, vem a possibilidade do reconhecimentos de seqüência com três níveis de altura que, relacionadas a três sílabas, são parte de um todo maior. Isso pode ser visto a seguir:

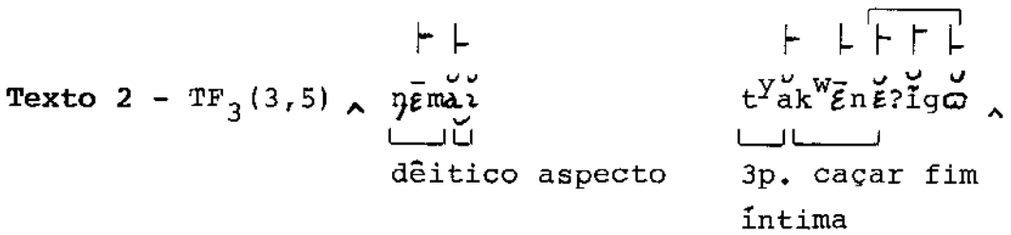
a) seqüência **meio-baixo/meio-alto/médio** (˩ ˧ ˦):

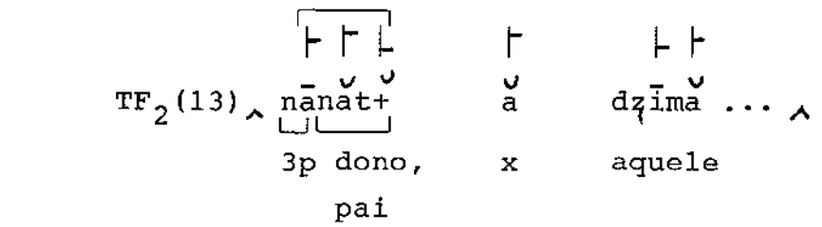






b) seqüência **médio/meio-alto/meio-baixo** (˦ ˧ ˩) (espelho de a):





c) seqüência **médio/meio-baixo/meio-alto** (├ ╘ ┌):

Texto 2 - TF_3(10,11,12) ^ dʐīmǎwǎʔ — ŋīǐtǐnā̰ ^

aquele locativo (previamente referido) — 3p.fem.objeto 3p.íntima-amarrar

TF_3(13) ^ ǎ dʐīmǎ dʐɔ̄ǐʔ ^

x aquele Yoi

TF_3(13) ^ ǎ dʐīmǎ nānǎtɨ̆ ^

x aquele 3p-dono, pai

TF_3(21) ^ ɾɨ̆ tʂɔ̄ɨ̆ pǐwɛ̄gɨ̆ ^

e 1ª p.obj. 2p.pl-desamarrar

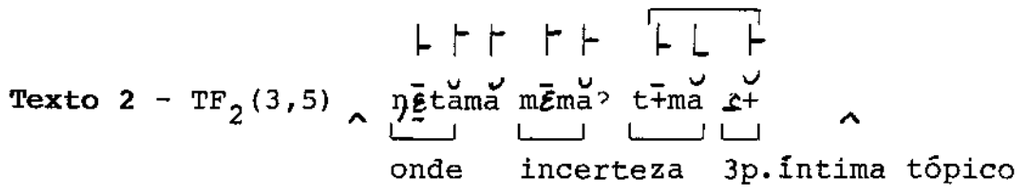
TF_2(23) ^ ɲōǎɨ̆ ɲōǎɨ̆ ... ^

acontecer

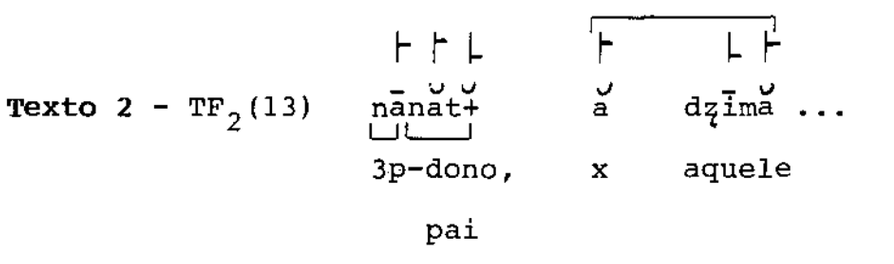
Texto 3 - TF_2(5) ŋɛ̄gǒǎʔ ŋǒgʷākɨ̆ ... ^

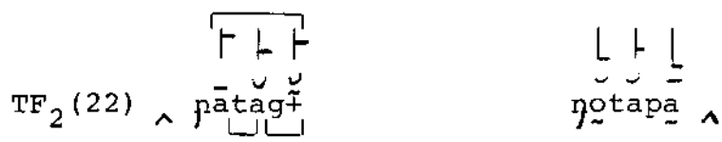
dêitico (aí; quando) — às vezes

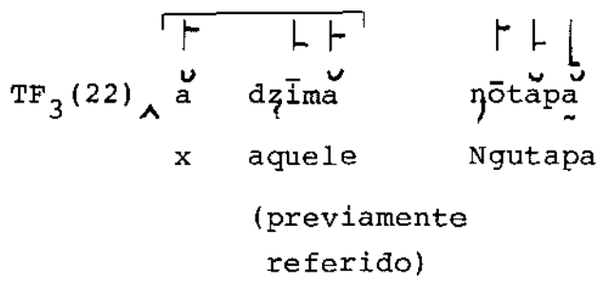
d) seqüência **meio-baixo/baixo/médio** (˩ ˩ ˦) (reprodução de **c** em chave de altura um nível mais baixa):

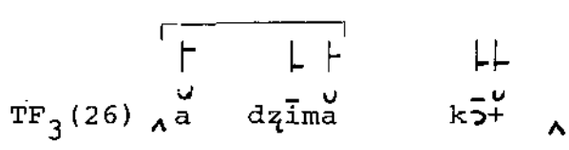


e) seqüência **meio-alto/meio-baixo/médio** (˧ ˩ ˦) (espelho de **c**):









Na segunda situação revelada pelos agrupamentos fonológicos cuja extensão coincide com três sílabas associadas a três alturas, o que temos é a configuração de melodia tonal com ponto de fechamento afastado do ponto de abertura. Essa segunda situação revela as seguintes padronizações:

a) melodia tonal com configuração inteiramente descendente:

˨ ˨ ˩

Texto 2 - TF_2(1,2) ^ ŋotapa ^

Ngutapa

˥ ˧ ˨

TF_1(6,7) ^ kɔn+wa ^

taxizeiro

˧ ˨ ˩

TF_3(10,11,12) t+mamã?

3p.íntima-mulher, esposa

b) melodia tonal com configuração inteiramente ascendente:

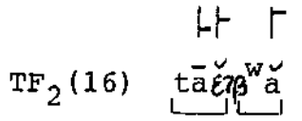
˨˧ ˥

Texto 2 - TF_2(18) ^ kɔ+ta ^

cancã.conjunto

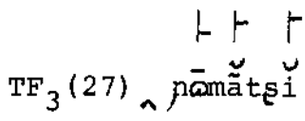
˨ ˧ ˥

Texto 3 - TF_3(1,2,3) ^ ɲõmata ^



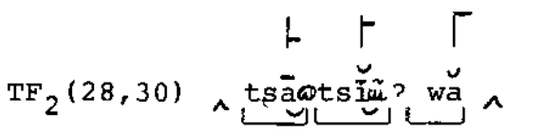
$TF_2(16)$ tāɛ̌ʔβ^{w}ǎ

casco locativo



$TF_3(27)$ ^ ɲɑ̄mā̌tʂǐ ^

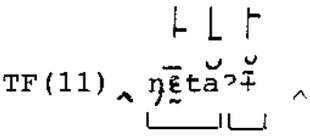
bem agora



$TF_2(28,30)$ ^ tsāɑ̄tsĩ̌ɯ̃ʔ wǎ ^

meu casa locativo

c) melodia tonal com configuração de pontos extremos afastados entre si no plano da altura e, ao mesmo tempo, temporalmente separados por um ponto de altura que, situado entre ambos, tanto pode estar em nível abaixo ou acima daqueles que são os pontos extremos; a presença desse tipo de configuração foi rara nos agrupamentos fonológicos cuja extensão coincide com três sílabas; exemplo dele está em

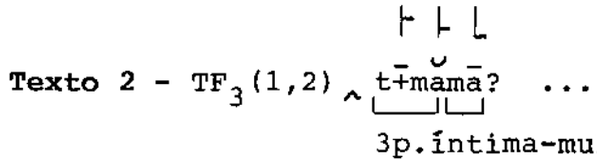


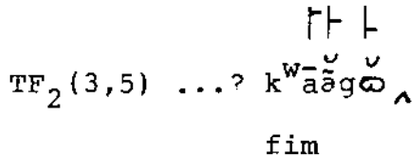
Texto 1 - TF(11) ^ ŋɛ̄tǎʔɨ̌ ^

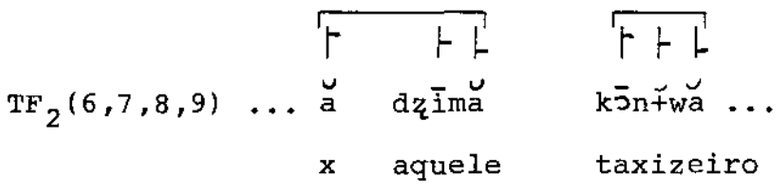
onde-nominalizador

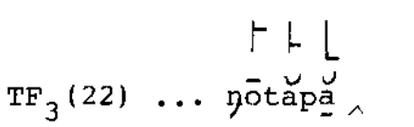
Tal como já ocorrem anteriormente, também na segunda situação se verifica a possibilidade de reconhecimento de melodias tonais com três alturas no interior de agrupamentos fonológicos com extensão superior a três sílabas. Neles é possí-

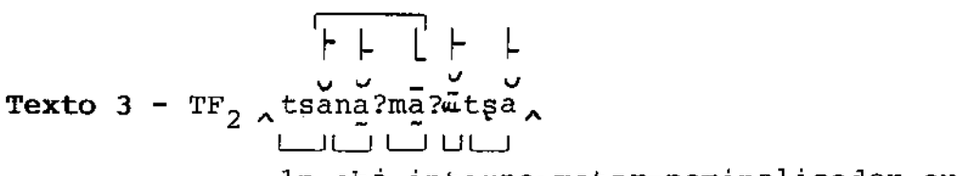
vel reencontrar as mesmas padronizações, que acabamos de ver, isto é, melodia tonal com configuração inteiramente descendente,











melodia tonal com configuração inteiramente ascendente

Texto 2 - TF_1(11,12) ... ak^h+mãĩt.+mã? ^

coitadinha aspecto contínuo-3p-íntima-surrar

TF_3(26) ... dõẽɨ ^

gente

TF_2(18) ãgɨ dʑa kɔ̃ɨta

quatro x cancã-conjunto

e melodia tonal cujos pontos extremos, afastados no plano da altura, são temporalmente separados por um ponto de altura que, de permeio, está em nível de altura acima ou abaixo daquele em que se situam os extremos:

Texto 2 - TF_3(14) ... itimã? ^

aspecto contínuo-3p.íntima-surrar, matar

Texto 3 - TF_2 ... tsã?k^wã?ɨ ^

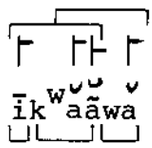
1p-saber-nominalizador

As duas situações acima expostas possuem um ponto em comum. Esse ponto é que, relacionados três níveis de altura a três sílabas, o resultado dessa relação é não só uma realidade em que desenhos melódicos coincidem ou se correspondem, mas também uma realidade em que o espaço de coincidências e correspondências de desenhos melódicos (detectadas nas duas situações expostas) se revela como sendo um espaço construído de acordo com uma determinada extensão fonológica: um limite de três sílabas.

Como observação a ser posteriormente desenvolvida, registre-se ainda que, nos agrupamentos fonológicos em que três níveis de altura estão distribuídos por sobre conjuntos de três sílabas, foi coincidente com a ocorrência da laringalização, combinada ou não à existência de oclusão glotal, uma boa parte da presença da melodia tonal com configuração de pontos extremos afastados entre si.

B - Três níveis de altura por sobre conjunto com quatro sílabas

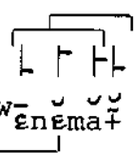
Não se observa nos conjuntos em questão a existência de uma altura que, por ser única dentro do agrupamento fonológico, possa ser vista como destacada em relação às demais. Diferentemente do que se aventou para conjuntos de quatro sílabas associados a dois níveis de altura, não há aqui a possibilidade de que os conjuntos em foco detenham uma configuração própria no plano da altura. Ao contrário, a observação nos mostra que é possível encontrar, contidos nesses últimos, não só um padrão de altura coincidente ou semelhante a um padrão já apresentado anteriormente, mas também uma superposição de padrões já igualmente apresentados. Assim:

Texto 2 - $TF_1(5)$ 

x fim locativo

: padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)

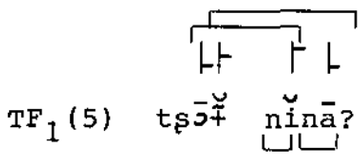
: idem

$TF_1(5)$ ^  ^

caçar caminho

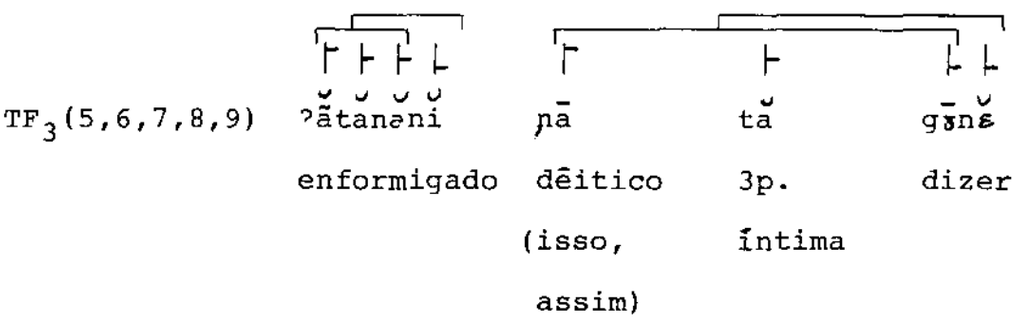
˩ ˥ ˩ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˥ ˩ ˩ : idem



˩ ˩ ˥ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas

˥ ˩ ˩ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

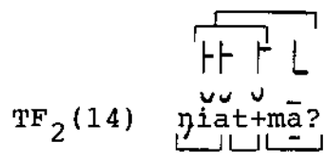


˥ ˩ ˩ : padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)

˩ ˩ ˩ : espelho de ˩ ˩ ˩ padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)

˦ ˦ ˧ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˦ ˧ ˧ : padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)



TF$_2$(14) ŋiat+mā?

3p.f. 3p.íntima-surrar, matar

objeto

˦ ˦ ˥ : espelho de ˥ ˦ ˦ (cf. B, em padrão de duas alturas)

˦ ˥ ˩ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

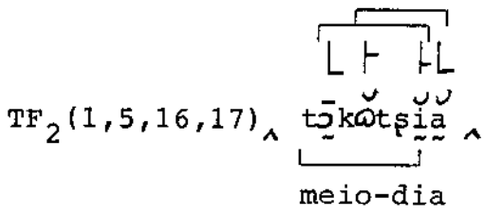
TF$_1$(15,16) tɔ̄kɷ̆tʂiŋɛ̄ɟ̃

meio-dia

˩ ˦ ˦ : padrão que se assemelha a ˧ ˦ ˦ (cf. B, em padrão de duas alturas) e dele se diferencia quanto ao primeiro nível de altura que, sendo baixo, coincide com

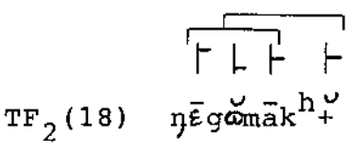
a emissão de vogal laringalizada

˥ ˧ ˧ : espelho de ˧ ˧ ˥ (cf. B, em padrão de duas alturas)



˩ ˧ ˧ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˧ ˧ ˩ : idem



˧ ˩ ˧ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˩ ˧ ˧ : padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)

┌ ├ └ ┌

TF_2(24) tã mɛ̆mănă

negaçao incerteza

┌ ├ └ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

├ └ ┌ : idem

┌ ├ └ ┌

Texto 3 - TF_2(1) ‸ kɨ̆? ŋɷ̃̄mătă ‸

êh agora

┌ ├ └ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de 3 alturas)

├ └ ┌ : idem

┌ ├ └ ┌

TF_2(3) ‸ gɷ̃̄?ɯ̃̆?gɷ̆mă ‸

sempre

┌ ├ └ : idem

├ └ ┌ : idem

TF$_2$(4) ^ iŋog^{w}ak+ ^

às vezes

└ └ └ : padrão relacionado a └ └ ┌ através da oposição de um nível (cf. B, em padrão de duas alturas)

└ └ ├ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

TF$_2$(5) ^ itsa?t+?+ ^

aspecto-1p-perder

┌ ├ └ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

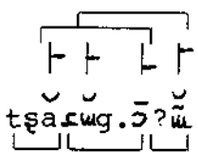
├ └ ┌ : idem

Tf$_2$(23) ^ tsīp.ɛ̃nəwa ^

beira locativo

˥ ˦ ˥ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

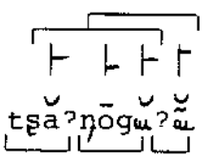
˦ ˥ ˥ : idem

TF_2(25) 

1p-sair, varar-nominalizador

˥ ˥ ˦ : espelho de ˦ ˥ ˥ (cf. B, em padrão de duas alturas)

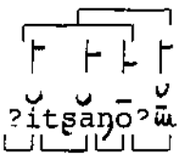
˥ ˦ ˥ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

TF_2(24) 

1p-marcar, observar-nominalizador

˥ ˦ ˥ : padrão já apresentado (cf. B, em padrão de duas alturas)

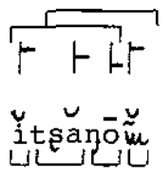
˦ ˥ ˥ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

Texto 3 - $TF_2(28,30)$ ^  ^

aspecto contínuo-1p-chegar-nominalizador

˥ ˦ ˩ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˦ ˩ ˥ : idem

Texto 3 - $TF_3(29,30)$ ^  .

aspecto contínuo-1p-chegar-nominaliza - dor

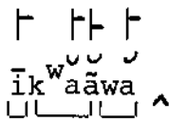
˥ ˦ ˩ : idem

˦ ˩ ˥ : idem

Desprovidos de uma configuração própria no plano da altura e revelando no seu interior a existência de padrões de altura coincidentes ou semelhantes a padrões já apresentados, os conjuntos com quatro sílabas apontam para a possibilidade da superposição de padrões. Tal superposição, há pouco mostrada como envolvendo desenhos melódicos associados a padrões de duas e/ou de três alturas, não se dá, conforme é de se esperar, através de uma correspondência estrita entre um número de sílabas (no caso, quatro sílabas) e um número de pontos de altura (os possíveis padrões em superposição envolvem pontos de altura que, repetindo-se ou não, excedem o número de sílabas). A ausência de uma correlação estrita entre número de sílabas e seqüência de pontos de altura em padrões embutidos e superpostos nos agrupamentos em questão traz aqui uma possibilidade: a de que uma seqüência que é resultado de uma composição no plano da altura não só possa ser olhada por mais de um ângulo - por exemplo, da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita - mas também que, no olhar que se submete a um determinado ângulo, uma das unidades passíveis de associação com o plano da altura possa ser deixada de fora para efeito de veiculação de um padrão. Colocando em outros termos, teríamos que padrões possíveis na língua, como

a a b e a b a

seriam lidos, quando em combinação, a partir de mais de um ângulo. Por exemplo:

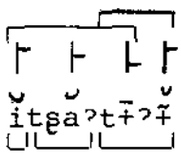
Texto 2 $TF_1(5)$ 

ab a

a ab

A possibilidade de um duplo olhar no plano da altura já havia se apresentado antes. Aqui ela se combina ao abandono de uma unidade para efeito de veiculação de cada um dos padrões envolvidos. E com o abandono de uma das unidades - no caso, uma sílaba -, ressurge nesse momento o limite de três sílabas como espaço de veiculação de padrão de altura com perfil próprio.

Uma outra possibilidade não menos importante do que a que acabamos de apresentar diz respeito à detectação da presença, no interior dos agrupamentos fonológicos com quatro sílabas de padrão de duas alturas relacionadas a duas sílabas. Essa presença pode ser constatada em mais de um dos exemplos fornecidos acima. Entre eles está

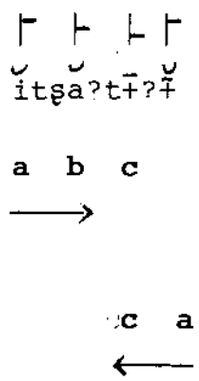
Texto 3 - $TF_2(5)$ 

aspecto-1p-perder

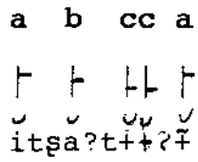
˥ ˦ ˩ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de três alturas)

˩ ˥ : padrão já apresentado (cf. A, em padrão de duas alturas)

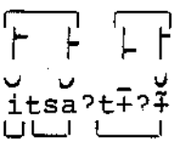
Também nesse caso os padrões em jogo envolvem pontos de altura que excedem o número de sílabas. E também nesse caso é possível se obter a leitura dos padrões a partir de um duplo direcionamento do olhar sobre a seqüência :



Só que, em casos como esse, ao invés do abandono de uma unidade para a veiculação dos padrões envolvidos, é possível ver os padrões que se combinam como tendo os seus pontos de altura linear e integralmente associados às unidades que os portam. Para isso, basta que se deixe de ver a sílaba como a única unidade portadora de pontos de altura e que se considere, além dela, a possibilidade de existência de uma outra unidade que, não sendo coincidente com a sílaba, pode, no entanto, ter na sua extensão um pedaço de sílaba. Se considerada a existência de uma tal unidade, a veiculação de padrões em casos como o que está acima poderia ser esquematicamente representada da seguinte maneira:



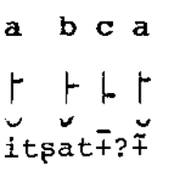
Ambas as possibilidades que acabamos de mencionar convivem com uma terceira, também constatada em mais de um dentre os exemplos fornecidos acima: a possibilidade de que sejam binários os dois padrões existentes no interior de um agrupamento fonológico com quatro sílabas. Retomando, por exemplo, o último dado acima, nele poderiam coexistir dois padrões binários

Texto 3 - $TF_1(5)$ 

: padrão já apresentado (cf. A, em padrão de duas alturas)

: idem

com número de pontos de altura coincidentes com o número de sílabas:



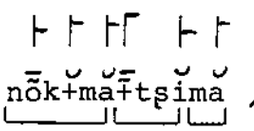
O fato de três possibilidades coexistirem em parte de um

mesmo conjunto de dados não é, certamente, fruto do acaso. Um caminho para a explicação de uma tal coexistência pode ser encontrado nos próprios padrões de duas e três alturas distribuídas por sobre aquilo que é a sua extensão mínima: respectivamente, um espaço de duas e três sílabas. Embora não contenha todas as possibilidades de combinação de pontos de altura exploradas no padrão de duas alturas por sobre duas sílbas, o padrão de três alturas apresenta, dentro do espaço de três sílabas, a inclusão de parte do que é manifestação do padrão de duas alturas - uma inclusão que também pode, ela própria, ser vista por mais de um ângulo (isto é, da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda). Assim, o universo dos padrões de altura em Tikuna que, como já vimos, comporta uma realidade de correspondências e coincidências, comporta igualmente uma realidade de inclusões. Correspondências, coincidências e inclusões estariam, em última análise, relacionadas ao fato de três possibilidades, como as apresentadas acima, coexistirem em parte de um mesmo conjunto de dados.

C - Três níveis de altura por sobre conjuntos com cinco ou mais sílabas

Agrupamentos fonológicos constituídos de cinco ou mais sílabas relacionados a três níveis de altura se revelaram freqüentes, sobretudo na fala dos informantes que refizeram o texto objeto da fragmentação. Nesses agrupamentos, foi possível reencontrar padrões de duas e três alturas combinados e, em função de uma realidade que comporta, além de coincidências e correspondências, também inclusões, em muitos casos é possível mais de uma visão quanto à combinação dos padrões que estão em jogo. Assim:

Texto 1 - TF(7) ^ **b a aa' b a**



^

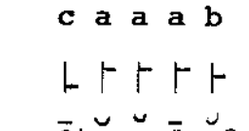
antigo-intensificador-intensificador

b a a + a' b a

Obs.: **a' b a** se assemelha a **a b a**;

b a a se assemelha a **b c c** por oposição de nível (cf. B, em padrão de duas alturas)

Texto 2 - $TF_2(3,5)$ ^ **c a a a b**



^

onde incerteza

c a a + a b

c a + a a b

c a a + a a b

ca b c a

$TF_1(21)$ ^ ^

1p.objeto aspecto contínuo-2p.pl.-desamarrar

c a + b c a

c a b + c a

c a b + b c a

a a b bc c

$TF_3(24)$ ^ ^

-aspecto - 3p- deixar-terra

acabar

a a b + b c c

a b cc a

$TF_2(26)$

'eles viraram gente'

a b c + c a

a b + c c a

a b c + c c a

a cba aa

⊢ ⊥⊢⊢ ⊢⊢

$TF_1(26)$ ^ nǎdōɛ̄ɨ̃g+ǎ ^

pl x

a c + b a a a

(**b a a a**: ver **D** em padrão de duas alturas)

b c b b d

⊢ ⊥ ⊢ ⊢ ⊥

Texto 3 - $TF_3(15)$ ^ tā̃mǎnɨ̃tʂǎkʷā̃ ^

negação 3p 1p-saber

b c b + b d

b c + b b d

b c b + b b d

Obs.: **b b d** se relaciona com **b b c** (⊢ ⊢ ⊥)

(ver **B**, em padrão de duas alturas)

b c a' b a

⊢ ⊥ ⊤ ⊢ ⊢

$TF_2(18,19)$ ^ ʔɯ̄pǎʔɯtʂǐmǎ ^

antes-intensificador-intensificador

b c + a' b a

b c a' + b a

b c a' + a' b a

Obs.: **a' b a** se assemelha a **a b a** (⊢ ⊢ ⊤)

(ver **A**, em padrão de três alturas)

b b a cb

⊢ ⊢ ⊢ ⊥⊢

$TF_3(22)$ ^ tʂaɕ+?īn+ɯ̃ ^

1p-pensar-nominalizador

b b a + c b

b b a + a c b

c bc a b

⊢ ⊢⊥ ⊢ ⊢

$TF_2(23)$ ^ nǎ?ɲāɯ̃tʂīɯ̃?ɯ̃ ^

líquido

c b c + a b

c b + c a b

c b c + c a b

Obs.: c b c se assemelha a b c b (⊢ ⊥ ⊢) através da recolocação dos pontos de altura (ver B, em padrão de duas alturas)

a b c a c

⊢ ⊢ ⊥ ⊢ ⊥

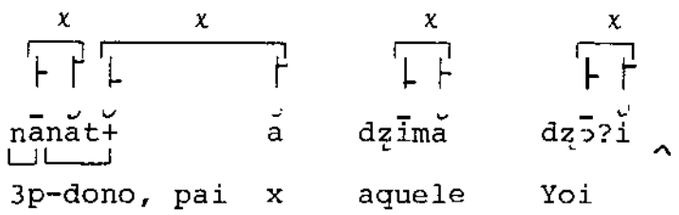
$TF_2(28,30)$ ^ ǐtʂǎɲō?ɯ̃ ī ^

aspecto contínuo-1ªp-chegar-nominalizador x

a b c + a c

a b + c a

A existência de mais de uma visão quanto à combinação dos padrões de altura em jogo tem a apoiá-la tudo o que vimos até aqui. No entanto, tudo o que vimos também apóia a existência de padrões de duas e três alturas como basicamente vinculados a um número de unidades - que na maior parte dos casos se apresentaram como sílabas. Dessa vinculação surgiram os espaços mínimos sobre os quais se constroem não somente os padrões melódicos, mas também as suas possibilidades de combinação e, com elas, as correspondências, coincidências e inclusões de que já falamos. Uma tal vinculação pode, em certos momentos, criar a sensação do retorno de um mesmo tipo de padrão melódico a espaços regulares de tempo, em uma clara associação, como se pode ver abaixo, com o que se consagrou como sendo característico de línguas de ritmo acentual (a letra *x* indica o tipo de padrão - padrão de duas alturas por sobre duas sílabas):



Texto 2 - $TF_2(13)$

Embora aquilo que se consagrou como sendo ritmo acentual tenha estado quase sempre ligado à repetição temporalmente regular do acento de intensidade (ver início deste volume), a reprodução de um determinado padrão de altura a espaços regulares de tempo cumpre as mesmas funções. O modo como essa função pode ser cumprida e, ao mesmo tempo, associada às unidades portadoras da altura e, sobretudo, relacionada a um universo que se

viu ser de correspondências, coinciências e inclusões se torna um importante ponto a ser desenvolvido. Vamos, assim, prosseguir, tendo-o em mente e, juntamente com ele, os problemas que foram até aqui levantados no âmbito da altura em Tikuna.

Volume II

TOMO I

NOTAS

1. As razões dadas anteriormente para a identificação tanto da marca de tópico quanto das partículas índice como palavras fazem parte de uma lista de sintomas que cercam a identificação de certos termos que funcionam como primitivos teóricos. Com isso, deixamos claro que não partimos de nenhum critério "definicional" de palavra. Quanto à validade da utilização de critérios de caráter sintomático na identificação de certos termos lingüísticos, ver discussão conduzida em Zwicky (1977); ver também Zwicky (1985).

2. A nota originalmente construída para este ponto e à qual remetemos o leitor é a seguinte: "Face aos nossos objetivos, não consideramos de utilidade nesse ponto fazer com que o falante baixasse consideravelmente a velocidade de fala, já que não estávamos interessados em fazer com que ele intuitivamente silabasse" (ver nota 32 em Soares (1991: 134)).

3. Remetemos o leitor à nota 33 de Soares (1991: 134): "Tomamos esse cuidado porque a relação do falante com a linguagem certamente mudaria com o domínio da escrita".

4. A manutenção desse percentual foi constatada em Soares (1991).

5. Devo tal observação a Luiz Carlos Cagliari.

6. Esse trabalho foi apresentado, sob a forma de comunicação, no IX Encontro Nacional de Lingüística, PUC/RJ, 5-8 de novembro, 1984.

7. A fragmentação de texto foi por nós posta em prática, pela primeira vez, em pesquisa de campo realizada no início de 1984 (meses de janeiro a fevereiro). A decisão de fragmentar textos foi tomada em campo (aldeia Vendaval).

8. Pequenas partes do texto político e do texto mítico que se seguirão foram considerados em Soares (1991).

9. No momento de produção do texto, Pedro se caracterizava também por ser líder religioso de uma das facções da Irmandade da Cruz na aldeia. Acrescente-se a isso que, um dia antes da gravação, Pedro foi escolhido capitão geral, para tratar dos assuntos da terra junto ao governo. Sobre as representações que envolvem esses dados, ver Nimuendaju (1952), Oliveira Filho (1986) e Soares (1991).

10. A arte do bem contar poderia ser enquadrada em uma arte verbal, tal como essa última é caracterizada, em termos de performance, por Bauman (1977). No entanto, uma compreensão da arte do bem contar ultrapassaria o levantamento de traços que Bauman considerou como definidores de uma performance de arte verbal. Estudos detalhados no campo das narrati

vas orais em línguas indígenas do Brasil ainda estão por ser feitos.

11. Acreditamos que um dos passos essenciais para o estabelecimento das diferenças de gênero em sociedades marcadas pelo uso oral da linguagem está, justamente, no estudo do ritmo e da sua exploração em determinados tipos de discurso.

12. O consenso alcançado entre os Tikuna quanto à representação de certos aspectos da língua na grafia não eliminou dessa última a instabilidade. Facilmente constatável no material escrito aqui exibido, a instabilidade na grafia é algo comum em processos de estabelecimento de escrita, sobretudo em processos não conduzidos.

13. O texto político de Pedro Inácio Pinheiro, que possui cerca de quarenta minutos, foi integralmente passado para a escrita, no ano de 1984, por Reinaldo Otaviano do Carmo (Mepawecü), Tikuna originário da aldeia Campo Alegre e que, vivendo em Vendaval, realizou o trabalho de retirar o texto do gravador em sua própria casa, sem a presença do pesquisador e com a participação ocasional de outros Tikuna, que paravam em sua porta para ouvir e conversar. Reinaldo Otaviano do Carmo (Mepawecü) foi quem também realizou a passagem parcial do texto mítico para a escrita, um trabalho que realizou, sozinho, em 1987, durante uma longa viagem de barco que tinha como destino final a aldeia de

Betânia, no rio Içá, município de Santo Antonio do Içá. Quanto ao terceiro texto apresentado, a sua passagem para a escrita é resultado de uma obra coletiva, realizada, em setembro de 1987, por monitores Tikuna de diferentes aldeias logo após a produção do texto, que se deu na aldeia Canimaru, município de Amaturá. O processo, coletivamente realizado, teve lugar na escola da aldeia e foi inteiramente conduzido por um também falante nativo (Alírio Mendes Moraes - De'tanücü). O pesquisador assistiu à passagem do texto para a escrita.

No que diz respeito à solicitação que fizemos aos realizadores do texto escrito, no sentido de que mantivessem fidelidade ao que o falante autor ou narrador estava efetivamente produzindo, essa teve por objetivo um cotejo futuro entre textos transcritos com e sem observância rigorosa da produção e, conseqüentemente, uma verificação daquilo que a escrita elimina por estar situado no âmbito exclusivo da oralidade.

14. O texto fragmentado também não ficou imune a cortes, acréscimos, substituições.

15. Remetemos o leitor aqui a Soares (1991: 79), onde é possível ler: "Ainda com relação à transcrição, distribuímos os textos em linhas, não porque já tivéssemos uma idéia prévia de sua estrutura rítmica, mas porque estávamos interessados em verificar a relação grupamentos rítmicos/marcações de acento de intensidade e em começar a tornar visí-

vel em papel para a pausa. A transcrição do texto em linhas reflete essa preocupação: ou elas se iniciam onde há uma marcação de acento de intensidade ... ou por pausa. Tal preocupação não impede, porém, que sejam encontradas em uma linha mais de uma marcação de acento de intensidade ou mesmo uma pausa não-inicial".

O nosso interesse pelo papel da intensidade não se esgotou em Soares (1991), texto em que vimos não ser a marcação da intensidade, sozinha, suficiente para gerar a percepção de uma batida acentual. E o mesmo se dá com o nosso interesse pelo papel da pausa, visivelmente ligada ao jogo temporal que comprovamos existir na língua, ao procurarmos, ainda em Soares (1991), por uma medida temporal relevante acima dos segmentos e das sílabas.

O modo como inicialmente o texto produzido foi dividido em linhas prende-se ainda a esse nosso interesse, muito embora o estudo da intensidade, projetado para desenvolvimento no projeto de tese, tenha sido deslocado para trabalho à parte.

Como última observação, fica a de que, não tendo sido alteradas as razões que nos fizeram estabelecer uma divisão inicialmente arbitrária dos textos, foi aqui, porém, por mais de uma vez alterado o ponto de corte de linhas do texto produzido, uma vez que tínhamos que conciliar a apresentação desse texto com a sua contraparte escrita e com as fragmentações realizadas a partir dele. Por essa razão, ao leitor que porventura busque confrontar a transcrição dos pequenos trechos dos dois textos (o texto político e o texto mítico) materialmente exibidos em Soares (1991) com a transcriçao que aqui

que aqui lhes corresponde fica, então, o aviso de que nem sempre haverá uma coincidência exata na apresentação das linhas: o ponto de corte, que continua a se dar tendo por base a marcação da intensidade e/ou a existência da pausa, nem sempre será idêntico ao que efetuamos e exibimos no trabalho mencionado.

16. Em se tratando de línguas indígenas ver em Leite, Soares & Souza (1987) uma reflexão sobre a busca, no processo de aprendizagem da escrita, de validação de análises linguísticas a partir da captação da intuição do falante nativo. Tendo por base o caso Tapirapé, tal reflexão focaliza o papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas.

17. O sistema de parentesco Tikuna é patrilinear: quem faz o filho pertencer a uma nação é o pai.

18. O sufixo - ta indica o coletivo:

bõ?ta	'criançada'
criança coletivo	
ŋẽta	'onde' (para mais de duas
onde	mais de três pessoas; turma)

19. A oclusiva velar não-explodida só foi percebida por nós em novas audições da gravação.

20. Cf. Allen (1975:82).

21. Tais análises são as de Fry (1955), para o inglês, e de Delattre (1966), para o francês.

22. Em francês, a sílaba que combina duração longa e ligeiro decréscimo no volume (loudness) é também mais alta em altura. Segundo Allen, embora uma sílaba mais alta em altura tenda a conduzir um grupo rítmico, é um grande aumento da duração e um ligeiro decréscimo no volume que cooperam com o grupo semântico para dar um acento terminal ao ritmo do francês falado. (Cf. Allen (1975: 78)).

23. O fato de um lingüista não ter como sua língua nativa aquela cujo ritmo ele estuda é, para Pointon, um dado relevante: "to some extend one's perception of rhythm in a foreign language must be dependent on one's native language habits, however hard one tries to eliminate such influence" (cf. Pointon (1980: 293).

24. O contra-exemplo apresentado por Wenk & Wioland surge do teste por eles feito, a partir de uma sentença como

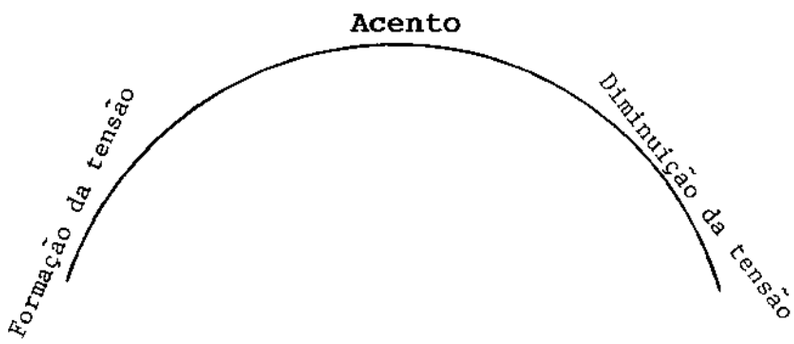
Il a sollicité ma collaboration, car Pierre aime toujours l'art.

da afirmação de que uma seqüência, com um número de sílabas dobrado em relação a uma outra, levará comparativamente, devido ao ritmo silábico, o dobro do tempo para ser articulada. O teste feito consistiu na leitura, por doze fa

lantes nativos do francês, da sentença mencionada, tendo sido as gravações extraídas de uma breve história, escrita em francês coloquial e com referência pronominal e traços situacionais explícitos. Os resultados, quando não considerado o tempo de pausa, revelaram que a segunda parte da sentença (car Pierre aime toujours l'art), possuidora de seis sílabas, é, na realidade, mais longa do que a primeira parte (Il a sollicité ma collaboration), que conta com doze sílabas. Quando considerado o tempo de pausa, os resultados levaram a um quadro ainda menos favorável à noção comumente mantida de que seqüências com um número maior de sílabas levam proporcionalmente uma quantidade de tempo maior em francês padrão.

25. O grifo é meu.

26. A curva proposta por Wenk & Wioland é a seguinte:



Curva rítmica estilizada

Em uma língua "leader-timed", energia articulatória máxima e intensidade também máxima, por exemplo, correspondem aos picos rítmicos visualizados na curva, sendo que na parte descendente da curva o que se tem é uma diminuição da intensidade e da energia articulatória. Em uma língua "trailer-timed", espera-se encontrar maior intensidade em sílabas em início de grupo do que em sílabas em final de grupo. Como resultado, intensidade e curvas rítmicas em uma língua "trailer-timed" estão fora de fase - situação inversa àquela encontrada para intensidade e curvas rítmicas em uma língua "leader-timed". Devido à sua posição na parte de formação de tensão na curva, as sílabas átonas em uma língua "trailer-timed" exibem um grau maior de tensão muscular do que as sílabas átonas de uma língua "leader--timed", que recaem na parte da curva em que a tensão diminui.

Quanto aos princípios elaborados por Wenk & Wioland, estão eles intimamente relacionados ao desenvolvimento de uma visão coerente da organização rítmica do francês. Nesses princípios estão abrigados, por exemplo; a visão de que o ritmo é o guia para a estrutura de informação e um princípio de regulação pelo qual governarão um grupo, de maneira final, sílabas acentuadas caracterizadas por duração relativamente maior combinada a uma menor intensidade acústica. Os princípios em questão também englobam a manutenção de tendências: a tendência a manter um ritmo preestabelecido, a qual influencia um falante a produzir grupos sucessivos de contagem igual ou aproximadamente igual; a ten-

dência à produção de grupos rítmicos pequenos, relacionada à maximização das chances de comunicação por parte do falante. Por fim, nos princípios ainda há lugar para procedimentos e/ou formulações de ordem prática. Nesse caso, está um possível relacionamento tecido no texto entre ocorrência de pausa e o tipo "trailer-timed" - na prática, talvez, um procedimento útil para se chegar ao tipo de ritmo postulado utilizando-se a pausa como indício. E no mesmo caso está a formulação de um princípio de clímax rítmico, que tem como um de seus efeitos a captura da diferença maior entre sílabas átonas em línguas "trailer-timed" e "leader-timed".

27. As características fonéticas levadas em consideração são: no caso das sílabas acentuadas, a clareza da articulação, o alongamento, o aumento ou não da intensidade, a mudança retardada da altura ou a subida repentina da altura; no caso das sílabas átonas, a articulação relativamente tensa ou frouxa, a centralização fraca ou forte das vogais.

28. A extensão desses princípios a outras línguas não é imediata. Ao contrário, Wenk & Wioland não pretendem que a distinção entre "trailer-timing" e "leader-timing" seja tomada como um universal linguístico de acordo com o qual todas as outras línguas seriam posicionadas. Proposta para caracterizar formas padrão do francês e do inglês, a conveniência do uso dessa distinção para a descrição de

outras línguas só pode ser determinada através de uma análise cuidadosa dessas mesmas línguas.

29. Ver nota anterior.

30. Cf. Pike (1962: 9, nota 1)

31. O núcleo é o pico da onda rítmica, e a margem é a depressão existente entre duas ondas rítmicas.

32. Pike utiliza o termo loudness (volume), que é o correlato perceptual da intensidade.

33. Ao tratar da intensidade e de situações de indeterminação, Pike parte da suposição de que o núcleo da onda rítmica é percebido positivamente, enquanto suas bordas possuem um status perceptual negativo. Em outros termos, o núcleo da onda é um centro perceptual, uma crista, ao passo que as bordas são percebidas como uma depressão.

34. Em sistemas não-tonais, a ambigüidade da altura também reside no fato de que, contando-se somente com ela para identificar as partes das ondas rítmicas, tem-se a possibilidade de determinação do núcleo, mas não a de determinação das fronteiras entre unidades rítmicas.

35. Essas condições são de duas ordens: negativa e positivas. Negativamente, a primeira de duas sílabas adjacen-

tes de intensidade igual ou aproximadamente igual não deve exibir as características finais de uma unidade rítmica (por exemplo, ela não deve terminar em um descrescendo brusco, nem com uma queda brusca na altura, nem deve possuir o complemento pleno de características nucleares possíveis (por exemplo, ela não deve ser ultralonga)). Positivamente, é esperado que, precedendo muitos dos pares nucleares, possa haver uma série de sílabas típicas de início de margem e que, seguindo o par, ou possa ser encontrada uma série de sílabas típicas de final de margem ou possa existir uma margem final constituída de características em descrescendo distribuídas por sobre a última parte da segunda sílaba do par. Espera-se ainda que a altura por sobre o núcleo complexo seja de nível.

36. Ver nota anterior.

37. Mesmo assim, Pike vê, no mínimo, uma diferença de três graus de duração e, no máximo, de cinco graus - uma diferença útil para uma fonética prática (cf. Pike (1962:12).

38. O destaque dos termos é meu.

39. A expressão de fatos de altura, a sua contribuição na definição do próprio envelope e, ainda, a associação entre fatos entoacionais e fatos tonais são pontos claros no texto de Pike: a altura distribuída por sobre uma se

qüência de unidades rítmicas é freqüentemente associada a essa seqüência (fato entoacional); as características podem ser superpostas a unidades rítmicas, e mesmo a fonemas tonais incluídos nas unidades rítmicas (fato tonal associado a fato entoacional); o intervalo em altura entre os níveis de altura pode diminuir longe do núcleo e aumentar no núcleo, e alotones mais baixos de fonemas tonais ou entoacionais podem freqüentemente ocorrer afastados do núcleo, descendo relativamente mais baixo em direção à margem (fatos de altura que contribuem para a definição do próprio envelope).

40. São exemplos dos tipos de restrição em foco a existência de grupos consonantais permitidos em início de sílaba versus grupos consonantais finais, a constituição segmental dos núcleos silábicos, a existência admitida de tons no núcleo da unidade rítmica ou de certos segmentos na margem da unidade.

41. No texto em questão, a frase fonológica é um termo especialmente aplicável a unidades rítmicas que incluem mais de um núcleo e várias palavras gramaticais (como as que constituem frases nominais ou verbais). Quando a unidade rítmica contém de maneira característica somente uma palavra gramatical, pode-se atribuir a ela o rótulo de palavra fonológica. E uma unidade rítmica simples pode ser chamada de pé.

42. O destaque é meu.

43. Entre os trabalhos em que esse relacionamento é sugerido estão, na ótica de Eck & Help: Liberman et alii 1962 (A motor theory of speech perception. Proceedings of the Speech Communication Seminar, vol. 2: Paper, D3, Stockholm); Ladefoged et al. 1972 (An auditory-motor theory of speech production. UCLA Working Papers in Phonetics 22: 48-75).

44. A referência de Eek & Help é aqui Allen (1975), que enfatiza a distinção entre ritmo motor geral (padrão de seqüência) e ritmo temporal (padrão de seqüência temporal).

45. Ver nota anterior.

46. Tal admissão é feita na p. 231, nota 2.

47. Para uma visão de processos de enfraquecimento e fortalecimento em Tikuna, ver Soares (1986).

48. Ver Hombert (1978).

49. Idem, ibidem.

50. Em um dialeto siamês da província de Trang, por exemplo, foi constatada uma tendência ao desenvolvimento de tons

mais altos em vogais que se seguem a oclusivas que historicamente provêm de surdas aspiradas. Já em Sack, houve um split tonal envolvendo o proto-tom A condicionado pelas séries surdas aspiradas/não-aspiradas: o tom que se segue à série aspirada é mais baixo do que aquele que se segue à série não-aspirada. Hombert (1978: 87), que cita o caso, possui como referências Haudricourt (1961) e Sarawit (1973) (Haudricourt, A. G. 1961. Bipartition et tripartition des systèmes de tons dans quelques langues d'Extrême-Orient. Bulletin de la Société Linguistique de Paris, 56, 163-180; Sarawit, M. 1973. The Proto-Tai vowel system. Unpublished Ph.D. dissertation. University of Michigan).

51. Ver Hyman (1973) e Schuch (1978).

52. Voltaremos a esse assunto ao tratarmos do ritmo em Tikuna (ver 2.2.2.3.)

O SUPRASSEGMENTAL EM TIKUNA E A TEORIA FONOLÓGICA

Volume II

R I T M O

Tomo II

Marília Facó Soares

Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre

Trabalho apresentado junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título Doutor em Ciências

Este exemplar é a redação final da tese defendida por MARÍLIA LOPES DA COSTA FACÓ SOARES e aprovada pela Comissão Julgadora em 29/05/92.

PROFA. DRA. MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE

Campinas, fevereiro de 1992

So11s
v.3
17153/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

O Suprassegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica

Marília Facó Soares

Errata (volume II, tomo II)

A presente errata visa à correção imediata de trechos do texto da tese que não são passíveis de reconstituição ou recuperação imediata pelo leitor.

pp. 377/378 - Leia-se o parágrafo iniciado na pág. 377 e finalizado na pág. 378 como:

Ao mesmo tempo, a exceção que acompanha a restrição feita permite corretamente que entrem na constituição do núcleo silábico as seqüências

ui ɯi oi ɔi

uɹ ɯɹ oɹ ɔɹ

as quais, possuindo dois segmentos igualados quanto a um mesmo traço de abertura, apresentam-no com valores opostos para a postura dos lábios, sendo necessário que a seqüência seja iniciada por aquele que é [+ labial] (e que haja menção ao valor oposto desse mesmo traço devido à própria seleção do valor positivo na formulação da exceção). Além disso, uma previsão correta do que é aqui excepcionalmente permitido está na dependência de uma definição em termos tradicionais do traço coronal. (Estendido às vogais, o traço coronal é, na formulação apresentada, ainda entendido como

Sobre transcrições que aparentemente revelam a existência, em uma mesma sílaba, de segmentos vocálicos articulatoriamente idênticos, ver nota 90.

p. 641 - Leia-se a nota 90 como:

90 - Para registrar essa alteração no plano da fonação que atinge parte de um segmento, fizemos a transcrição acolher a repetição do próprio segmento. O mesmo procedimento adotamos quando uma diferença no plano da altura envolvia um segmento e quando um segmento se apresentava como portador de nasalidade parcial.

p. 642 - Leia-se a nota 96 como:

96 - Como informação suplementar a respeito de [ɔ] e [ɔ̰], é importante assinalar que, enquanto não afetadas por processo de debucalização, essas realizações, em nossos dados, não se fazem presentes em sílabas breves: elas só ocorrem em sílaba longa (ver 2.2.1.5.2.)

a referência dos sons produzidos com a lâmina da língua levantada a partir da posição neutra).

p. 450 - Os exemplos referentes à melodia vocálica FE AB FE são:

├ ├ ┌

Texto 1 TF(1) ˄ ĭ nɔ̄̃ɾĭ ˄

x primeiro

├ ├ ┌

TF(2) ˄ tω̄̃nɛ̆t+̆ ˄

Igarapé Preto

┌ ├ ┌

TF(1) ˄ kə̄năk+̆ ˄

mesmo

p. 451 - Os três primeiros dados que abrem a p. 451 dizem respeito à melodia vocálica AB FE AB.

p. 638 - Leia-se a nota 73 como:

73 - Sobre a inclusão, em uma mesma sílaba, de [ɛ+], [ɛ+̃], [ɛ̃+̃], [ɛω̃] ver nota 63.

2.2.1.4.2. Duração

Uma primeira inspeção dos agrupamentos fonológicos cuja extensão cobre de duas a quatro sílabas revela, de imediato, padrões duracionais dependentes da quantidade das sílabas e que, seguindo-se uma tradição consagrada em termos de métrica [53], podem ser identificados como se segue:

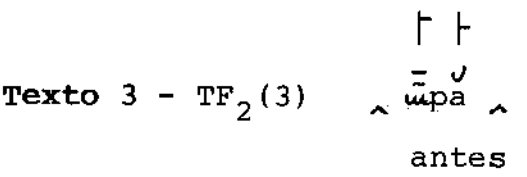
- duas sílabas: a) troqueu: - ∪
  b) iambo: ∪ -
  c) espondeu: - -
  d) pirríquio: ∪ ∪
- três sílabas: a) dátilo: - ∪ ∪
  b) anapesto: ∪ ∪ -
- quatro sílabas: a) peão: - ∪ ∪ ∪

Esses padrões são facilmente reconhecíveis em exemplos como

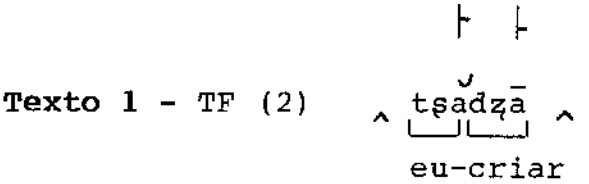
Texto 1 - TF (1) ^ tʂɔ?ɨ̆ ^
eu-para

Texto 2 - TF_1(5) ^ mā+̆ ^
caminho

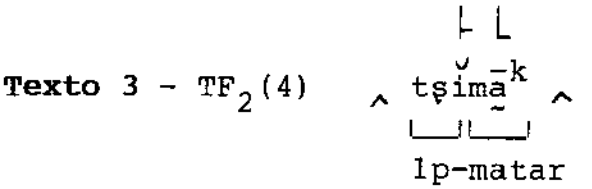
Texto 3 - TF_2(3)



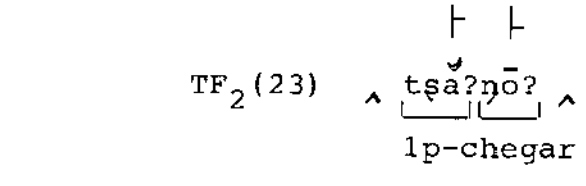
Texto 1 - TF (2)



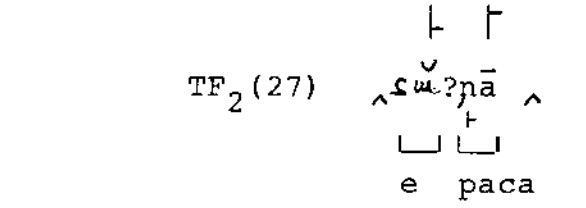
Texto 3 - TF_2(4)



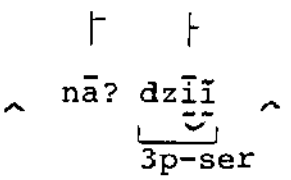
TF_2(23)



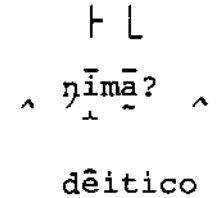
TF_2(27)



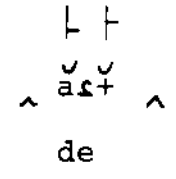
Texto 1 - TF (4)



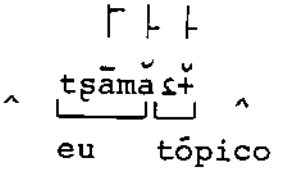
Texto 2 - TF_3(5,6,7,8,9)



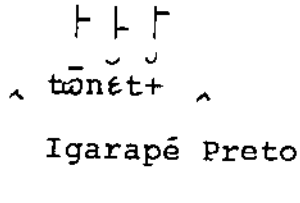
Texto 3 - TF_2(20)



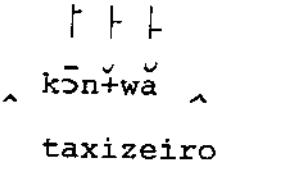
Texto 1 - TF (2)



TF (2)



Texto 2 - TF_1(6,7)



TF_3(10,11,12) ^ dʐīmǎwǎ ^

aquele locativo

(previamente

referido)

TF_3(10,11,12) ^ t+mǎmā? ^

3p. mulher

íntima esposa

Texto 3 - TF (1,2,3) ^ ɲōmā̃tǎ ^

agora

Texto 1 - TF (7) ^ pɛ̄g+?+̃wǎ ^

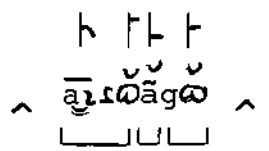
pescar-nominalizador locativo

Texto 2 - TF_2(15,16,17) ^ tɔ̄kǒtʂi̯ǎ ^

meio-dia

TF_2(18) ^ āgǎg+dʐǎ ^

quatro x

Texto 3 - TF_2(3) 

cachorro-ter locativo

Ao lado dos padrões acima, os agrupamentos fonológicos mencionados veiculam padrões duracionais menos facilmente identificáveis. Esses últimos, que também são dependentes da quantidade das sílabas, se apresentam da seguinte maneira.

- três sílabas: - - ◡

◡ - ◡

- quatro sílabas: - - ◡◡

_ ◡ ◡ _

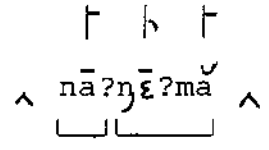
◡ ◡ ◡ ◡

◡ _ ◡ ◡

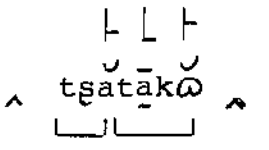
◡ ◡ ◡ -

◡ ◡ - ◡

Seus exemplos podem ser vistos em

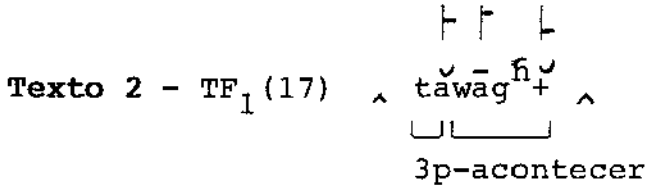
Texto 1 - TF (9) 

3p-existir

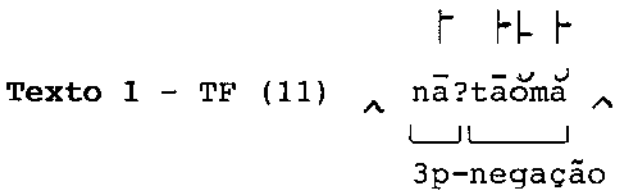
TF (13) 

1p-sem mãe

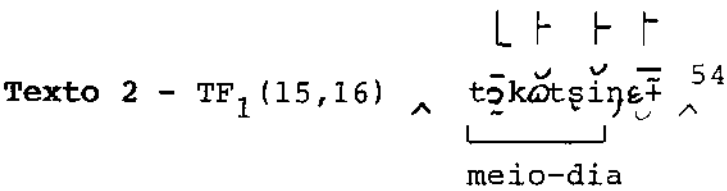
Texto 2 - TF_1(17)



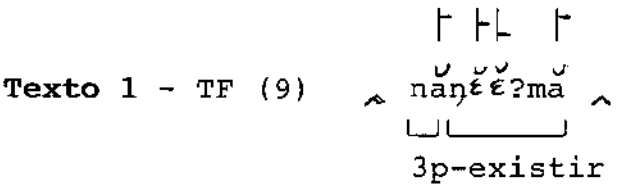
Texto 1 - TF (11)



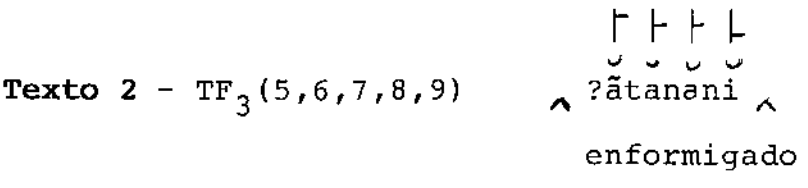
Texto 2 - TF_1(15,16)



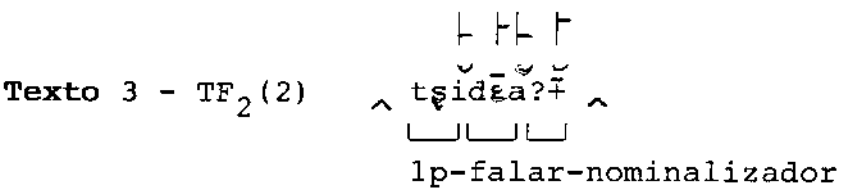
Texto 1 - TF (9)



Texto 2 - TF_3(5,6,7,8,9)



Texto 3 - TF_2(2)



Texto 2 - TF_2(14) ^ ɲiat+mã? ^

3p.f. 3p.íntima-surrar, matar objeto

Texto 1 - TF (12) ^ ɾ+ãnɛ̃+ka? ^

tópico provavelmente

Entre os últimos agrupamentos fonológicos acima, há aqueles que exibem mais de uma sílaba longa (--⏑; --⏑⏑; -⏑⏑). Para esses, é possível fazer algumas suposições. Em primeiro lugar, uma de suas sílabas longas - aquela que se encontra em uma das extremidades da seqüência, entraria em jogo com a pausa e com ela constituiria um padrão, enquanto as sílabas restantes do agrupamento constituiriam um outro padrão duracional. Uma segunda suposição é que, na seqüência em que cada uma das sílabas longas é ocupante de uma das extremidades do agrupamento (-⏑⏑-), esse na realidade estaria subdividido em dois padrões - no caso exemplificado, um troqueu e um iambo.

As suposições levantadas encontram apoio em Soares (1991). Aí, ao procurarmos por uma medida temporal relevante situada acima dos segmentos e das sílabas, tivemos a oportunidade de comprovar, por mais de uma vez, o papel rítmico da pausa: essa pode integrar um padrão rítmico juntamente com uma sílaba não-silenciosa, quer essa última seja longa ou breve.

No mesmo trabalho, tivemos ainda a oportunidade de verificar que seqüências que apresentam como distribuição de suas quantidades sílabicas uma sílaba breve seguida de uma longa e uma breve, isto é,

$$\breve{} - \breve{}$$

constituem todos fonológicos que contam com durações totais semelhantes às de um dátilo ou anapesto, embora à primeira vista não possam passar por dátilos ou anapestos. Ainda no mesmo trabalho, todos fonológicos que apresentam quatro sílabas e que exibem como disposição de suas quantidades silábicas

$$\breve{} - \breve{} \breve{}$$

$$\breve{} \breve{} \breve{} -$$

jogam, na realidade, com a mesma duração total de um peão ($- \breve{} \breve{} \breve{}$), muito embora a disposição de suas quantidades silábicas não seja igual àquela tradicionalmente identificada como sendo a de um peão[55]. Por fim, subdivisões no interior de todos fonológicos com a conseqüente revelação de padrões duracionais menores neles incluídos também são apontados em Soares (1991), da mesma forma que o são o papel rítmico de sílabas ultrabreves. Essas, tendendo a estar agregadas a uma ou mais sílabas precedentes, levam à formação de um padrão rítmico modificado e/ou à materialização de uma medida temporal relevante que, no final das contas, vem a coincidir com a veiculação de um dos conhecidos e tradicionais padrões duracionais já mencionados.

Tomando-se por base, portanto, resultados alcançados em

Soares (1991), podemos dizer não só que as suposições há pouco levantadas estão bem amparadas, mas também que, indo além delas, há fatos que nos permitem ter uma outra visão dos padrões duracionais que de início se apresentaram como menos facilmente identificáveis. Se considerados o papel da pausa, a possibilidade de subdivisão rítmica no interior de todos fonológicos, o papel rítmico de sílabas ultrabreves e a própria totalidade duracional de padrões com disposição incomum de quantidades silábicas, aqueles padrões antes referidos como de identificação menos fácil passam a se alinhar junto com aqueles outros que uma determinada tradição tornou conhecidos: troqueus, iambos, espondeus, pirríquios, dátilos, anapestos, peões.

Os padrões duracionais identificados em Tikuna são, como já foi dito, dependentes da quantidade das sílabas. Essa dependência confere à sílaba um papel de relevo na língua. Um papel que de certa feita já foi reconhecido quando, em trabalho bastante anterior (Soares 1983a), afirmamos ser o Tikuna uma língua de ritmo silábico, porque nela sílabas longas e breves se sucedem regularmente. E um papel que se delineou com clareza quando, ao tratarmos da altura em seção anterior, demonstramos existir um espaço de coincidências e correspondências construído de acordo com uma determinada extensão fonológica que tem, na sua base, a sílaba.

A questão da duração em Tikuna encerrar-se-ia com o reconhecimento de que é a sílaba a unidade temporal básica da língua, não fosse a existência de um fato, assinalado também na seção anterior: colocada a possibilidade da superposição

de padrões de altura (ver B em Padrão de 3 alturas), essa não poderia se dar através de uma correspondência estrita entre um número de sílabas e um número de pontos de altura que, repetindo-se ou não, excederiam o número de sílabas. À parte a questão da autonomia fonológica das unidades pertencentes ao plano da altura [56], a ligação dos pontos de altura às unidades que, pertencentes a um outro plano, são passíveis de portá-los coloca, de imediato, não só a questão da identificação de tais unidades, mas também a do seu valor temporal. É dessas questões que vamos falar agora, tocando em um ponto necessário para o seu tratamento e que, trazendo no seu bojo tudo aquilo que vimos deixando de reserva desde a seção anterior [57], é crucial para o entendimento do tempo em Tikuna. Esse ponto diz respeito à existência de elementos em contorno na língua e basicamente envolve movimentos/cortes de movimento nos planos segmental e suprassegmental.

Movimentos/cortes de movimento no plano segmental. O papel da oclusão glotal.

De acordo com o que foi por nós afirmado no primeiro trabalho que realizamos sobre a língua Tikuna (Soares 1983a), no centro da sílaba ocorrem os seguintes sons vocálicos:

a) orais

	anterior	central	posterior
fechado	i	+	u ɯ
meio-fechado		ə	o
meio-aberto	ɛ		ɔ
aberto		a	

b) nasais[58]

	anterior	central	posterior
fechado	ĩ	ɨ̃	ũ ɯ̃
meio-fechado		ə̃	õ
meio-aberto	ɛ̃	ɜ̃	ɔ̃
aberto		ã	

c) orais laringalizados

	anterior	central	posterior
fechado	ḭ	ɨ̰	ṵ
meio-fechado			o̰
meio-aberto	ɛ̰		ɔ̰
aberto		a̰	

d) nasais laringalizados

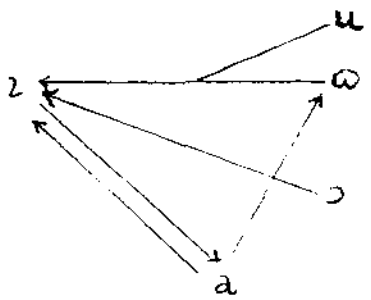
	anterior	central	posterior
fechado	ḭ̃		
meio-fechado			õ̰
meio-aberto	ɛ̰̃		
aberto			

Ainda de acordo com o mesmo trabalho, como centro de sílabas pode haver também consoantes nasais ([n̥], [ŋ̥]) e ditongos. No caso dos ditongos, esses se apresentaram, em itens isolados, como possibilidades restritas de movimento. Essas possibilidades foram: movimento a partir de uma vogal posterior em direção à posição anterior fechada (como [u͡ɪ], [ɔ͡ɪ]); movimento a partir dessa posição em direção à vogal [a] ([ɪ͡a]); movimento a partir dessa vogal em direção às posições anterior ou posterior fechada ([a͡ɪ]), [a͡ʊ]). Devido aos tipos de movimento permitidos, afirmamos, no trabalho em questão, que as sílabas com ditongo em Tikuna estão caracteriza-

das por uma palatalização ou velarização que se dá entre pontos extremos.

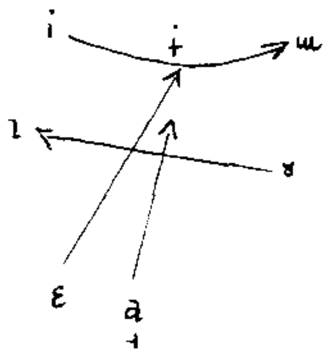
Nos agrupamentos fonológicos resultantes das fragmentações realizadas nada há que contrarie a afirmação acima - uma afirmação feita, no trabalho mencionado, com base em itens lexicais isolados. No entanto, uma observação dos agrupamentos fonológicos nos deixa em melhor condição para avaliar a constituição daquilo que vimos chamando de ditongo.

Os ditongos observados nos agrupamentos fonológicos obtidos são em sua quase totalidade ditongos longos. A sua ocorrência mostra que as qualidades vocálicas que comumente se alteram podem sofrer acréscimos. Provenientes de um conjunto não-numeroso de realizações, esses acréscimos modificam, aparentemente, o quadro de ditongos anteriormente construído para a língua. Assim, ao quadro abaixo -



Quadro I

quadro comum de movimentos no plano segmental em Tikuna e construído a partir de informações contidas em Soares (1983a) - pode-se sobrepor um outro, relacionado a movimentos envolvendo qualidades vocálicas diferentes daquelas que fornecem, acima, o ponto de partida para o movimento e, em certos casos, o seu ponto de chegada:



Quadro II

Exemplos de situações expressas em ambos os quadros seguem-se abaixo. Nesses exemplos, a nasalidade e a laringalização, quando presentes, não afetam as qualidades vocálicas em jogo[59]:

Texto 1 - TF (12) ^ sãɷnăt ɨ̆ ^
meu-pai

TF (11) ^ bãɿ ^
nem

Texto 2 - TF_1(6,7) ^ nãɿăk^{h}ɨ̆ ^
pau, filho, pé
árvore

TF_3(3,5) ^ ŋε̄mă ɿ̆ t^yăk^{w}ε̄nε̆ ĭ gɷ̆ ^
dêitico aspecto 3p.-caçar fim
íntima

Texto 1 - TF (10) ^ dʐɿɛ̄gɑ̆mă ^
naquele tempo/
quando

Texto 3 - TF_3(22) ^ dʐɿɛ̄mă ^
dêitico

Texto 1 - TF (12) ^ ɾ̄+ăn ɛ̄+kă ^
tópico provavelmente

nɛ̄+kă ^ — provavelmente
nā+kă ^ — provavelmente

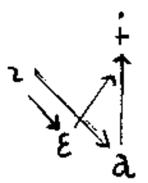
Texto 3 - TF_2(2) ^ tʂăɾ+ βɯ̄kă tʂīgă ^
meu caçar notícia

TF_3(1,2,3) ^ ĭ tʂɔ̄ɾ+ βɤ̄kă tʂĭgă ^
x meu caçar notícia

Texto 3 - TF_2(23) ^ nă ? ɲaũ tʂĩũʔũ ^
líquido

Os acréscimos trazidos pelo segundo quadro de movimentos apresentado não importam em uma modificação substancial das afirmações anteriormente feitas e que se fundam nos movimentos mais comumente encontrados no plano segmental e que estão expressos no primeiro quadro. Vejamos por que.

No segundo quadro, aquela que foi apresentada como a mais aberta das vogais aparece, através de uma realização anteriorizada[60], como se dirigindo à posição central fechada. Perfazendo o mesmo movimento está [ɛ], que, tal como [a], é também posição terminal de um movimento iniciado na posição anterior fechada. Os dois segmentos vocálicos exibem, portanto, o mesmo comportamento. Um comportamento que é bastante visível quando informação pertinente contida nos dois quadros apresentados é reunida. Uma tal reunião de informação, expressa no esquema abaixo,



nos diz que os segmentos em questão são o ponto de partida ou de chegada de movimentos que aparecem como únicos: não há nenhum outro segmento que forneça, além de [a] e [ɛ], a base do movimento para a posição central fechada; da mesma forma, não há nenhuma outra base de ditongo, afora [a] e [ɛ], que tenha o seu movimento iniciado na posição anterior fechada.

Entendendo aqui a base do movimento do ditongo como o seu ponto de maior sonoridade, podemos dizer que o tipo de base à qual é permitido ser parte dos movimentos mencionados deve-se distinguir dos demais sons vocálicos. Essa distinção pode ser obtida se considerarmos que a base focalizada é produzida sem arredondamento dos lábios e detém, ao mesmo tempo, um grau de abertura que reúne [ɛ] e [a] e os opõe a uma vogal fechada. Uma tal consideração implica afirmar que, embora [a] e [ɛ] não se apresentem foneticamente como possuindo o mesmo grau de abertura, ambos se mostram estreitamente relacionados quanto à abertura no caso dos ditongos [61]. Devido a essa relação, podemos dizer que os movimentos que têm na sua base [a] e [ɛ] são dissimilativos na medida em que em uma de suas extremidades está um segmento aberto e, na outra extremidade, um segmento fechado. Ao lado disso, são do mesmo tipo os movimentos de que participam, em conjunto, tanto [ɛ] quanto [a]. É o que procuraremos mostrar.

O movimento em direção à posição central fechada é resultado, nos exemplos disponíveis, da ditongação da vogal mais aberta que, produzida de maneira anteriorizada em relação a outras vogais e participando de um núcleo silábico longo, é seguida de consoante velar: no exemplo fornecido em

Texto 1 - TF (12) ... nɛ̃ɨ̃kɐ̃ ^ nɐ̃ɨ̃kɐ̃ ^

provavelmente provavelmente

o surgimento de um componente não-anterior fechado na vogal

ditongada se deve a uma tendência à assimilação de um traço pertencente à consoante seguinte, que é não-anterior. Cada um dos componentes desse ditongo obteve, fora do texto fragmentado, um registro que lhes conferiu um status diferenciado. Na representação escrita de trecho do texto produzido correspondente ao dado acima, foi registrado como vogal sem movimento aquilo que, no âmbito do texto fragmentado, constitui a base do ditongo[62]:

Texto 1 - T.E. 12 ... rü neca
tópico provavelmente

Paralelamente, essa representação escrita possui como seu referente o trecho de texto produzido abaixo,

Texto 1 - TP (12) ... ɾɛ̆ nɨ̆ka ...
tópico provavelmente

trecho que a transcrição fonética aponta como contendo a realização, no núcleo silábico longo, de vogal com qualidade constante e com altura correspondente ao que é o ponto terminal do ditongo no texto fragmentado. À parte a questão de saber como um elemento de menor sonoridade dentro de um ditongo pode vir a eliminar o componente de maior sonoridade e ocupar todo um núcleo vocálico, é importante salientar que, no caso, esse elemento de menor sonoridade - coincidente com a posição central fechada - surge em função de uma posição velar forne-

cida pela consoante seguinte que, presente nos dados imediatamente acima, pode vir a ser eliminada em certas circunstâncias. Uma revelação nesse sentido pode ser obtida através da comparação de dados pertencentes aos três tipos de texto (texto escrito, produzido e fragmentado), como acontece abaixo, onde é possível comparar a representação e as realizações do dêitico referente a 'aí; quando':

Texto 3 - T.E. (19)... tarũyimareũ Ngeguma
1p.pl-sair-só-nominalizador dêitico (aí; quando)

˧ ˧ ˨ ˨ ˩ ˨˥
Texto 3 - TP (19) ... tăɽɯ̆dẓīmăɽɯ̃̆ ŋɛ̄ɯ̃̆
1p.pl-sair-só-nominalizador dêitico (aí; quando)

˧ ˨ ˧ ˧˥ ˧ ˨ ˦
Texto 3 - TF_3(17) ... tşădẓāɷʔmăɽɛɯ̃̆ ŋɛ̄gɷ̆mă
1p-pegar-só-nominalizador dêitico (aí; quando)

Patente a partir da comparação, a possibilidade de eliminação da consoante velar não apaga o fato de que é ela quem coloca o núcleo silábico a caminho de uma velarização. Os últimos dados acima apontam para uma velarização completa de um segmento vocálico cujo lugar fora de um núcleo silábico

longo, como ocorre em

Texto 3 - TP (19) ... ŋɛ̃ɯ̃ ^
dêitico
(aí; quando)

pode-se dever a uma reestruturação temporal ligada à eliminação da seqüência da qual faz parte a consoante velar.[63] Quanto ao ditongo com movimento em direção à posição central fechada, exibido pelo exemplo que contém o item referente a 'provavelmente' (**Texto 1** - TF (12)), o caminho em direção à velarização do núcleo silábico se caracteriza por não ser totalmente percorrido. No entanto, sem ser completamente percorrido, o caminho que perfaz o ditongo mostra que, estando o seu ponto terminal, que é a posição central fechada, motivado pela posição velar da consoante seguinte, há uma solidariedade entre a posição que é ponto terminal do ditongo e a posição em que se encontra a consoante motivadora desse ponto terminal. Por fim, resta dizer que o apontado processo de velarização de um núcleo silábico se dá facultativamente, como se pode constatar a partir da comparação de dados acima com outros como

Texto 2 - TF_1 (21) ^ tʂɔ̄ĭpiβɛ̄gɨ̆ ^
desamarrar

$TF_2(21)$ ^ tʂɔ̃ĩ pĩ? wɛ̃g+ ^

2p.pl desamarrar

$TF_3(21)$ ^ ɛ̃ tʂɔ̃+ pĩwɛ̃g+ ^

e 1p.objeto 2p.pl-desamarrar

Texto 3 $TF_3(8,9)$ ^ kɷ̃kɷ̃nɛ̃kã ^

roncar barriga

nos quais não participa de ditongação o segmento [ɛ] seguido de consoante velar e com a presença ou não de nasalidade adicional.[64]

Em relação ao movimento iniciado na posição anterior fechada em direção à base aberta não-arredondada, ele é tendência nascida após a ocorrência de consoante africada que, na língua, se apresenta com ligeira retroflexão. Esse movimento, exemplificado anteriormente através de dados envolvendo [ɛ] (**Texto 1** - TF (10); **Texto 3** - $TF_3(22)$), também possui [a] como a sua base: ausente dos dados relativos ao texto fragmentado, o movimento contendo [a] foi atestado com itens isolados,[65] como

tʂãnãdzɻ̃ã?õ 'eu lavo'

1p-objeto interno-lavar

├ ├ └├

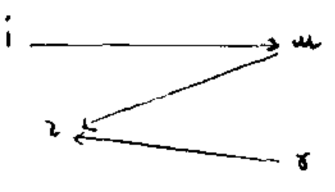
tʂănǎdʐɨāǒ — 'eu recebo, eu ganho'

1p-objeto interno-
receber, ganhar

Visto que na produção de consoantes retroflexas está sempre envolvida a parte anterior da língua (isto é, a sua ponta ou lâmina), não é de surpreender que um movimento no plano segmental tenha início na posição anterior fechada logo após uma consoante com retroflexão mesmo que ligeira. A palatalização do movimento vocálico está, assim, segmentalmente justificada.

De acordo com o que vimos até aqui, os movimentos de que participam, em conjunto, tanto [ɛ] quanto [a] se realizam, mesmo nos casos não incluídos no Quadro I, em consonância com o que foi afirmado em Soares (1983a) a partir de dados constituídos por itens lexicais isolados.

Mantendo o mesmo tipo de consonância estão mais três movimentos, que se encontram incluídos no Quadro II:



Esses movimentos integraram agrupamentos fonológicos exemplificados anteriormente (**Texto 3** - TF_2(2); TF_3(1,2,3); TF_2(23)). Os dados através dos quais eles foram mostrados envolvem os morfemas referentes a 'caçar' e a 'líquido'. Tais

morfemas são repetidos abaixo, encontrando-se acrescidos de sua realização no texto produzido e de sua representação no texto escrito, além de outras possibilidades encontradas no próprio texto fragmentado.

Texto 3 - T.E. 2 ... i tchorü wücatchiga ...

x meu caçar notícia

TP (2) ... tʂɔɾ+ βəɨ̄kă tʂĭă ...

meu caçar notícia

TF_2(2) ^ tʂăɾ+ βɯ̄ɪkătʂīgă ^

meu caçar notícia

TF_3(1,2,3) ^ ĭ tʂɔ̄ɾ+ βɤ̄ɪkătʂĭgă ^

x meu caçar notícia

Texto 3 - T.E. 19 ... inawüca üwa ...

aspecto contínuo-3p-caçar-nominalizador-locativo

T.E. 19 ... inawüca üwa ...

aspecto contínuo-3p-caçar-nominalizador-locativo

TP 19 ... ĭnaβɯ̄kăɛ̆ ...

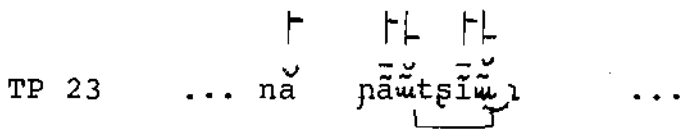
aspecto contínuo-3p-caçar

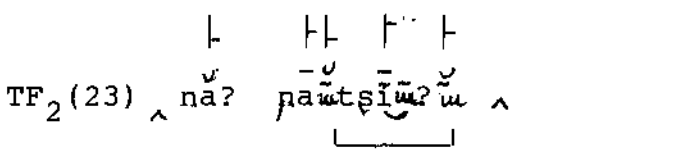
TF_3(19) ?inaβɔ̄kaiwa

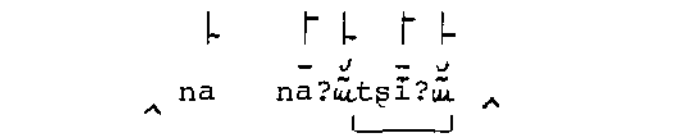
aspecto contínuo-3p-caçar locativo

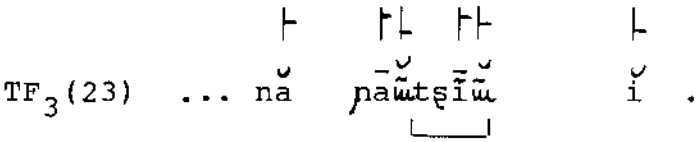
Texto 3 – T.E. 23 ... na nhaütchi'ü ...

x líquido

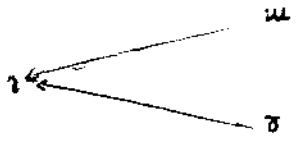








Com os últimos dados, é possível fazer algumas observações. A primeira delas é que os movimentos

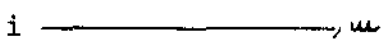


que foram exemplificados, nos agrupamentos fonológicos, através de ocorrência no interior de morfema (ver morfema referente a 'caçar'), possuem como movimento correspondente

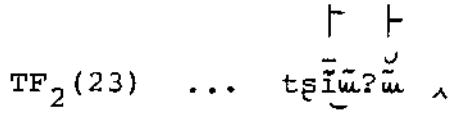
o qual, obtido no texto produzido, também ocorre no interior de morfema (ver acima o mesmo morfema referente a caçar). Tal correspondência coloca numa relação de equivalência os pontos de maior sonoridade desses movimentos, pontos esses que são [ə], [ɯ], [ɤ]. Por sua vez, a equivalência aqui existente permite supor que os pontos [ɯ] e [ɤ] são o resultado de uma realização mais recuada e limitada na altura de uma vogal que é basicamente não-anterior e cujo grau de abertura possível é muito limitado. Ao lado dessa suposição, há o fato de que as bases dos movimentos em questão, as quais são não-anteriores, exibem movimento em direção à posição anterior fechada em um tipo de dado que apresenta, após o núcleo silábico ditongado, uma consoante velar.

Reunindo-se fato e suposição, ambos nos dão a visão de que, em núcleos silábicos longos constituídos de vogal não-anterior com grau de abertura relativamente limitado e seguida de consoante velar, a tendência será a de ditongar a vogal através da formação de movimento para ponto situado em direção contrária àquele onde é produzido a consoante seguinte. Nessa visão, o ditongo constituído apresenta uma dupla dissimilação: uma dissimilação interna, na medida em que o movimento possui em uma de suas extremidades um segmento de abertura mínima e não-anterior e, na outra extremidade, um outro segmento que, apresentando igualmente restrições com relação à abertura, é, no entanto, anterior; uma dissimilação na passagem de seu ponto de menor sonoridade para a consoante que abre a sílaba seguinte, na medida em que esse ponto é anterior e a consoante, não-anterior. Assim, os últimos movimentos, que envolvem uma palatalização da sílaba ditongada, são o resultado de uma tendência inversa àquela apresentada pelos movimentos anteriormente apresentados, os quais envolveram [a] e [ɛ]. Enquanto nesses últimos a tendência foi a da formação de ditongo dissimilativo com um ponto de menor sonoridade assimilado à consoante adjacente, naqueles o ditongo dissimilativo formado é também dissimilativo em termos da consoante seguinte. No entanto, apesar da diferença, esses dois tipos de movimento possuem uma característica em comum: no interior do morfema, ambos se processam a partir de uma informação proveniente de uma consoante adjacente que, conforme o caso, pode colocar o núcleo silábico longo a caminho de uma velarização ou de uma palatalização.

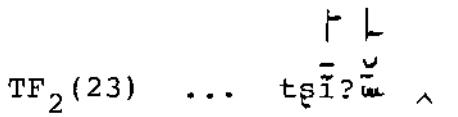
De maneira diferente dos dois tipos de movimento que acabamos de mencionar, o último movimento incluído no Quadro II



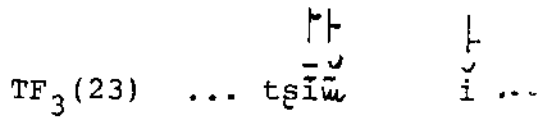
parece não ser fruto de um processo de assimilação ou dissimilação do núcleo silábico longo a uma consoante adjacente. De acordo com o que deixam ver os dados que, acima, incluem o morfema referente a 'líquido', o movimento em questão pode ser o resultado de um processo de assimilação parcial de um núcleo silábico longo portador de vogal anterior fechada ao núcleo silábico seguinte, que contém vogal recuada fechada. Exemplificado acima em



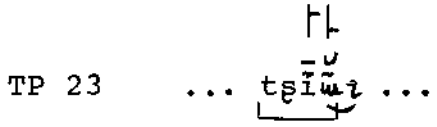
e ausente em



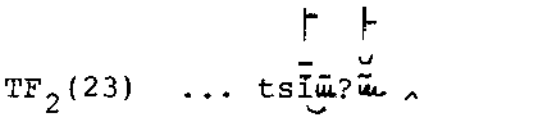
o movimento em questão não se concretiza em



nem em



Nesses dois últimos dados, houve queda da oclusão glotal, um processo que colocou em contato os segmentos vocálicos [ĩ] e [ũ̃], mas que não os reuniu obrigatoriamente em um ditongo. A existência aqui de um ditongo [ĩ̯ũ̃] dependeria de um processo de ressilabificação a ter lugar após a queda da oclusão glotal.[66] No dado acima em que se tem o ditongo [ĩ̯ũ̃]



a oclusão glotal está presente. Sem condições de ser considerada como o elemento desencadeador do próprio ditongo, ela, no entanto, não representa um impedimento para uma assimilação parcial do núcleo silábico longo ao núcleo silábico seguinte - um processo que, por outras vias, também pode dar a um núcleo silábico longo a característica da velarização.

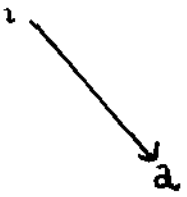
Os movimentos vocálicos que se apresentaram durante o pro-

cesso de fragmentação e que se encontram relacionados no Quadro II não fogem, portanto, às expectativas geradas pelo quadro mais comum de movimentos observados no plano segmental em Tikuna e já expressos em Soares (1983a).

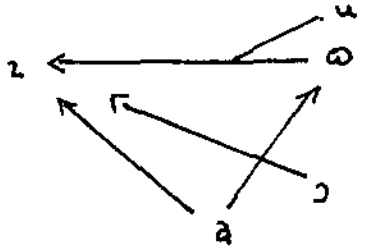
Sem fugir às expectativas mencionadas, ditongos observados nos agrupamentos fonológicos resultantes das fragmentações realizadas se caracterizaram por colocar um núcleo silábico longo a caminho de uma palatalização ou velarização segmentalmente condicionada. Isso vale dizer que a constituição dos movimentos relacionados no Quadro II não foi uma conseqüência direta da duração vocálica: não se tem aqui o caso de segmentos vocálicos que, sendo basicamente monotongos, se ditonguizam porque são longos. Também não são os movimentos em foco o resultado do contato entre determinados segmentos vocálicos que passam a fazer parte de uma mesma sílaba. Isso significa que esses mesmos movimentos não são o resultado de processos de silabificação ou ressilabificação. Na qualidade de processos segmentalmente condicionados, os movimentos exibidos no Quadro II são uma boa fonte para a discriminação de elementos fonologicamente ativos na língua, ao mesmo tempo em que constituem um conjunto de dados necessário à solução do problema da bi-segmentalidade de ditongos na língua - um problema cuja solução, dada um pouco mais adiante, é fundamental para a questão do tempo.

No que diz respeito aos movimentos segmentais apresentados no Quadro I - movimentos comuns em Tikuna -, esses possuem uma particularidade face àqueles do Quadro II. Enquanto nesse últi-

mo os movimentos são o resultado de um processo dependente de um ambiente consonantal, esse tipo de dependência não caracteriza os movimentos do Quadro I como um todo. Afora o movimento[67]



que foi devidamente reunido a movimento semelhante apresentado no Quadro II (ver passagem anterior sobre reunião de informação pertinente contida nos dois quadros) e considerado como uma palatalização condicionada segmentalmente, os demais movimentos



são o resultado de um processo de silabificação e/ou ressilabificação. Com exemplos fornecidos no início desta seção (**Texto 1**, TF (11,12); **Texto 2**, TF_1 (6,7), TF_3(3,5)), esses outros movimentos merecem uma consideração.

No movimento a $\longrightarrow$ [68], o ponto terminal possui duas fontes. Uma dessas fontes é a vogal anterior que é basicamente fechada. No interior do morfema, como se vê em

Texto 2 - $TF_1(6,7)$ ^ naiakʰɨ ^

pau, filho, pé

árvore

$TF_2(6,7,8,9)$ ^ nāiakʰɨ ...

pau filho

pé de árvore

$TF_3(5,6,7,8,9)$ ^ nāigoa ...

pau, fim

árvore

ela sempre se realiza como um segmento fechado, independentemente da velocidade imprimida pelo falante ao enunciado e mesmo em situações em que, também em função da velocidade de fala, o falante é levado a silabar. Em situação de fronteira, quando um morfema termina em /a/ e o seguinte se inicia ou é todo ele constituído por segmento anterior fechado, como se dá em

Texto 3 - $TF_3(1,2,3)$ ... nāgω tsidzai ^ i

3p-dentro 1p-falar x x

˫ ˪

tʂɔ̄ɾɨ̆ ...

meu

em que se tem a partícula índice 'x' constituindo sílaba com a vogal precedente, não se alteram os traços do segmento em foco: nas mesmas condições que acabamos de mencionar, ele se mantém como anterior e fechado. A outra fonte do ponto terminal do movimento em questão é a vogal anterior aberta. Realizada como tal no interior do morfema pronunciado em velocidade de fala lenta ou silabado, ela pode ser realizada como segmento fechado, como se observa abaixo, em trecho que contém o morfema referente a 'voltar'

Texto 3 - TF_3(29,30) ‸ ŋɛ̄gω̆mă ... tʂătāɪ̆gω̆ ...

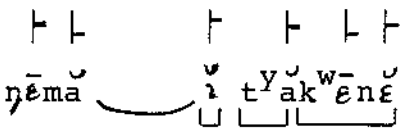
dêitico (aí; quando) — 1p-voltar

para o qual foi sistematicamente escolhida representação escrita como a que se encontra a seguir:[69]

Texto 3 - T.E. (29) ... tchataegu ...

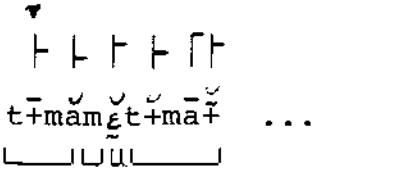
1p-voltar

Uma situação idêntica se repete quando são considerados morfemas em contato. Por exemplo, manifestado através de um segmento vocálico que se realiza como anterior e fechado, o morfema referente a aspecto, presente em

Texto 2 - $TF_3(3,5)$ 

dêitico aspecto-3p. íntima-caçar

pode aparentemente também ser manifestado através de um segmento vocálico realizado como anterior e aberto, como se vê através da comparação dos dados abaixo:

Texto 2 - $TF_2(1,2)$ ^ 

3p. com aspecto-3p. íntima-surrar, matar
íntima

$TF_1(1)$ ^

aspecto-3p. íntima-surrar

A situação descrita acima se repete, em princípio, em um outro movimento, ↄ ⟶ ɿ . Aqui o ponto terminal, idêntico ao do movimento precedente, também possui como suas fontes a vogal anterior aberta e a vogal anterior fechada, como comprovam os exemplos abaixo, os quais foram

obtidos parte em itens isolados[70] e parte nos agrupamentos fonoló gicos referentes a um dos textos aqui apresentados.

(W) pɔ̄ʔĭ 'banana'

(L) pɔ̄ʔĭ 'banana'

(S) pɔ̄ǐ 'banana'

(A) pɔ̄ɪ 'banana'

Texto 3 - TP (29) ... mʌ̄ɾɯ̆ βɔ̄ɛ̌ ...

já nesse momento

TF_3(29,30) ... ŋŏătʂĭ βɔɪ ^

também nesse momento

... tʂătāɪgω̆ mă βɔɪ

1p-voltar nesse momento

De maneira diferente, porém, da situação anterior, a tendência observada no movimento é a de se ter a existência do ponto terminal cuja fonte é a vogal anterior fechada associada necessariamente a um processo de ressilabificação que tem lugar, no interior do morfema, após a queda de consoante glotal: variações como aquelas apresentadas pelo item referente a 'banana' são comuns e, admitida a hipótese de que a oclusão glotal faz parte, em dados desse tipo, da forma subjacente, poderíamos dizer que vem vendo quebrada a tendência, existente na língua, de evitar que fiquem lado a lado vogais que se localizam de maneira extremada em relação à abertura e que, ao mesmo tempo, combinam o seu valor de abertura a um recuo ou avanço extremos da língua.[71] Colocada a situação peculiar do movimento ɔ ⟶ ɿ , restaria dizer que a sua incidência em nossos dados se deu significativamente no interior de morfema, e não na junção de morfemas.

No que se refere ao movimento a ⟶ ω , a fonte de seu ponto terminal é sempre uma vogal labializada não-aberta. Se não há diversidade de fontes, há, porém, em termos de constituição da sílaba, um resultado diferente relacionado à realização dessa vogal labializada e não-aberta: se essa vogal é realizada de maneira fechada, ocorre a ditongação, como se vê em inúmeros exemplos presentes nos agrupamentos fonológicos e mesmo em trecho de texto produzido, como

Texto 1 - TP (11) ^ natãω?mã ɿ ...
3p-negação x

se essa vogal é realizada com um mínimo de abertura, a ditongação não ocorre e as vogais em contato pertencem a sílabas diferentes, como se vê em

Texto 1 - TF (11) ^ nā?tāŏmă ^

3p.-negação

Assim, embora não se encontre oposição no âmbito dos segmentos labializados não-abertos em Tikuna,[72] do ponto de vista da silabificação uma diferença de abertura no âmbito desses segmentos aparece como relevante .

Por fim, quanto aos movimentos u ⟶ ɿ , ω ⟶ ɿ , esses não apresentam diversidade de fonte em termos de seu ponto terminal (a fonte é sempre uma vogal anterior fechada), nem peculiaridades quanto à silabificação.

Os movimentos que acabamos de considerar, e que são maioria no Quadro I, constituem um conjunto ao qual se contrapõe um conjunto maior, formado por seqüências de segmentos vocálicos que, ficando em contato, não integram a mesma sílaba. Por sua vez, esse conjunto maior pode ser visto como contendo dois subconjuntos: um formado por segmentos vocálicos orais ou que contêm nasalidade em igual medida; outro formado por seqüência de segmentos vocálicos em que um é oral e o outro contém nasalidade. Esses dois subconjuntos estão expressos nos quadros abaixo, os quais exibem os segmentos tal como esses foram foneticamente realizados.

V_2 \ V_1	i	u	ɯ	+	ɪ	ɷ	o	ɤ	ə	ɛ	ɔ	a
i	ii		ɯi	+i								
u												
ɯ	iɯ		ɯɯ									aɯ
+				++	ɪ+		o+			ɛ+	ɔ+	a+
ɪ												
ɷ						ɷɷ				ɛɷ		
o												ao
ɤ												
ə												
ɐ						ɷɛ	oɛ			ɛɛ		aɛ
o				+ɔ								
a	ia		a	+a		ɷa	oa	ɤa		ɛa	ɔa	

Quadro III

Seqüências de segmentos vocálicos orais ou que contêm nasalidade em igual medida. Os segmentos em contato pertencem a sílabas diferentes[73]

V_2 \ V_1	i	u	ɯ	+	ɿ	ɷ	o	ɤ	a	ɛ	ɔ	a
i	iĩ										ɔĩ	ãi
u												
ɯ	iɯ̃						oɯ̃			ɛɯ̃	ɔɯ̃	aɯ̃
+						ɷɨ̃	oɨ̃			ɛɨ̃	ɔɨ̃	aɨ̃
ɿ												
ɷ												
o												aõ
ɤ												
ə												aə̃
ɛ												
ɔ				+ɔ̃								
a	ĩa					ɷã			aã			

Quadro IV

Seqüências de segmentos vocálicos em que um dos segmentos contém nasalidade e o outro não. Os segmentos em contato pertencem a sílabas diferentes.[74]

O Quadro III é revelador dos elementos que impedem dois segmentos vocálicos de participar de uma mesma sílaba.

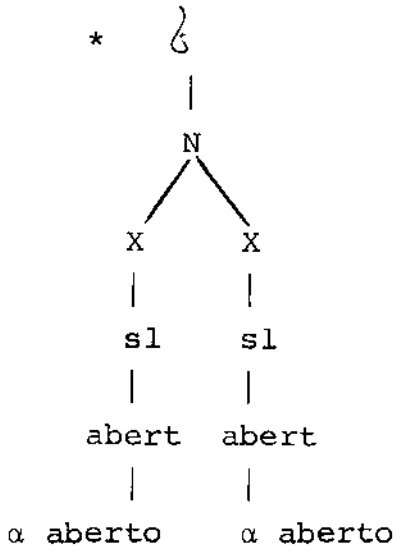
Em primeiro lugar, na grande maioria dos casos os dois segmentos não podem possuir a mesma abertura ou altura vocálica. Se a altura vocálica for vista como integrando uma teoria da sonoridade, tal como o faz Clements (1989), pode-se conceber um traço abertura que organiza um único parâmetro articulatório e acústico - no caso, a altura vocálica - em uma série de registros e sub-registros. Aplicada aos fatos trazidos pelo Tikuna, essa concepção permite ver os segmentos vocálicos realizados como estando organizados da seguinte maneira (também é feita referência às unidades fonológicas às quais se vinculam as realizações):

/i/	/u/	/ɨ/	/o/	/e/	/a/	
ɪ ι	u ω o	ɯ ɤ ɨ ə	ɔ	ɛ	a	
- -	- - -	- - - -	-	-	+	aberto 1
- -	- - -	- - - -	+	+	+	aberto 2

Na organização resultante, /a/ aparece como oposto ao conjunto dos demais segmentos, o que corresponde ao fato de que é só a partir desse segmento que pode haver movimento em direção à posição anterior ou posterior fechada ([aι]), [aω]). Da mesma organização também resulta que outros segmentos compartilham de um mesmo traço de abertura atribuído a /a/, o que corresponde, conforme já se viu, a fatos de ditongação condiciona

da segmentalmente. Com essa organização, é possível formular a primeira restrição à participação de dois segmentos vocálicos no núcleo de uma mesma sílaba (σ = sílaba; N = núcleo ; X = unidade do esqueleto prosódico, expressa o tempo; r = unidade fundamental dos segmentos fonológicos; sl = supralaríngeo; abert = abertura):

1)



Exceção : a 1ª vogal é [+labial], e a 2ª, [+coronal, -labial]

Nos termos em que se encontra formulada, a restrição impede que um enorme número de sequências participe da constituição de um mesmo núcleo silábico:

* ii	* ɪi			* ɯi	* +i	* ʊi
* iɪ	* ɪɪ			* ɯɪ	* +ɪ	* ʊɪ
* iu	* ɪu	* ɯu	* ɷu	* ɯu	* +u	* ʊu
* iɷ	* ɪɷ	* uɷ	* ɷɷ	* ɯɷ	* +ɷ	* ʊɷ
* iɯ	* ɪɯ	* uɯ	* ɷɯ	* ɯɯ	* +ɯ	* ʊɯ
* i+	* ɪ+	* u+	* ɷ+	* ɯ+	* ++	* ʊ+
* iʊ	* ɪʊ	* uʊ	* ɷʊ	* ɯʊ	* +ʊ	* ʊʊ
* iə	* ɪə	* uə	* ɷə	* ɯə	* +ə	* ʊə
* io	* ɪo	* uo	* ɷo	* ɯo	* +o	* ʊo
* iɛ	* ɪɛ	* uɛ	* ɷɛ	* ɯɛ	* +ɛ	* ʊɛ
* iɔ	* ɪɔ	* uɔ	* ɷɔ	* ɯɔ	* +ɔ	* ʊɔ

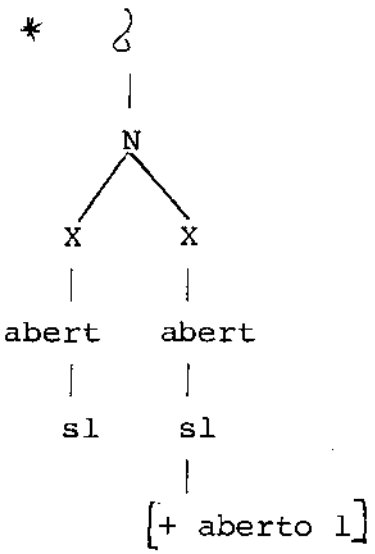
* əi			* ɛi		
* əɪ			* ɛɪ		
* əu	* ou	* ɔu	* ɛu		
* əɷ	* oɷ	* ɔɷ	* ɛɷ		
* əɯ	* oɯ	* ɔɯ	* ɛɯ		
* ə+	* o+	* ɔ+	* ɛ+		
* əʊ	* oʊ	* ɔʊ	* ɛʊ		
* əə	* oə	* ɔə	* ɛə		
* əo	* oo	* ɔo	* ɛo		
* əɛ	* oɛ	* ɔɛ	* ɛɛ	* aɛ	* ɐa
* əɔ	* oɔ	* ɔɔ	* ɛɔ	* aɔ	* ɔa

Ao mesmo tempo, a exceção que acompanha a restrição feita permite corretamente que entrem na constituição do núcleo silábico as sequências

ɯi	ɷi	oi	ɔi
ɯɪ	ɷɪ	oɪ	ɔɪ

as quais, possuindo dois segmentos igualados quanto a um mesmo traço de abertura, apresenta-no com valores opostos para a postura dos lábios, sendo necessário que a seqüência seja iniciada por aquele que é [+ labial].

Uma outra revelação feita pelo Quadro III é a de que as possibilidades de uma sequência ocupar o núcleo de uma mesma sílaba estão estreitamente ligadas à existência de um jogo de graus de abertura no qual o segundo segmento não pode possuir a maior abertura. Essa revelação nos leva à segunda restrição que é

2) 

Com essa restrição, ficam de fora do núcleo silábico as seqüências.

* ia	* ɯa	* ɛa
* ɪa	* +a	* ɔa
* ʉa	* ʊa	
* ɷa	* ə a	
* oa		

As restrições que acabamos de formular vinculam a silabificação em Tikuna à abertura vocálica. Com essa formulação fica apoiada uma visão de sílaba em que essa possui membros simultâneos desde o seu início (cf. Milliken 1988: 122-137). Ao mesmo tempo, com a formulação de restrições que vinculam a estrutura silábica à abertura vocálica, estamos excluindo, na nossa análise do Tikuna, uma concepção de estrutura silábica construída progressivamente por um processo de adjunção iterativa como o que é, por exemplo, proposto por Clements & Keyser (1983:46-48). Uma tal exclusão está apoiada no fato de que de uma incorporação seqüencial de elementos à sílaba não resultaria uma afirmação imediata sobre a escala de sonoridade existente no interior da sílaba em Tikuna, abarcando essa escala tanto o onset quanto a coda .

Uma outra maneira de considerar a constituição da sílaba em Tikuna é, no entanto, possível. Nessa outra maneira, relacionada à concepção iterativa, a constituição da sílaba seria desvinculada da abertura vocálica, propondo-se, conseqüentemente, que cada segmento vocálico determina a existência de uma sílaba.[75] Em decorrência disso, haveria uma ressilabificação dependente da elevação daquele que é o segundo em uma seqüência de dois segmentos vocálicos; como os segmentos vocálicos que podem sofrer elevação são a vogal anterior aberta e a vogal labializada não-aberta, o resultado, em termos do que a sílaba pode comportar, será idêntico ao da nossa proposta, que vincula silabificação e abertura vocálica. Além de evitar que seja feita menção a detalhes da realização de certos segmentos vocálicos - como ocorre no caso da vogal labializada não-aberta -, haveria ainda, nessa outra maneira de considerar a constituição da sílaba, a vantagem de evitar o hiato. Nos caminhos percorridos por essa tendência estariam a inserção de oclusão glotal entre vo-

gais heterossilábicas e a própria existência de seqüência de segmentos no interior de uma mesma sílaba. Prova disso seriam exemplos do tipo abaixo, que, há pouco apresentados, envolvem o morfema referente a 'banana'[76]:

(W) $\overset{\vdash\ \ulcorner}{p\bar{ɔ}ʔ\breve{i}}$ 'banana'

(L) $\overset{\vdash\ \ulcorner}{p\bar{ɔ}ʔ\breve{i}}$ 'banana'

(S) $\overset{\vdash\ulcorner}{p\bar{ɔ}\breve{i}}$ 'banana'

(A) $\overset{\vdash}{p\underset{\smile}{\bar{ɔ}ɪ}}$ 'banana'

De acordo com a visão de que a oclusão glotal é elemento inserido, a sua presença, como é possível constatar nos últimos exemplos, evita o hiato; e a sua ausência, que pode permitir a existência de hiato, é acompanhada da ressilabificação de segmentos vocálicos em seqüência.

Essa outra maneira de ver a constituição da sílaba em Tikuna esbarra, porém, em alguns obstáculos. O primeiro deles é que os hiatos existem. Eles existem no texto fragmentado e no texto produzido. No texto fragmentado, eles se fazem presentes inclusive nas fragmentações realizadas por falantes nativos que assumiram o papel de professor/explicador de coisas da língua Tikuna e que, em função do papel assumi

do, realizaram a fragmentação do texto em velocidade de fala constantemente lenta. (Isso aconteceu na fragmentação do **Texto 2** realizada por José Tenazor - TF_1). Expressos nos Quadros III e IV, os hiatos do texto fragmentado podem mesmo ser encontrados no interior de seqüências monomorfêmicas sistematicamente realizadas sem oclusão glotal por todos os falantes que participaram da fragmentação de um texto, como aconteceu em

Texto 2 - TF_1(18) ... dʐă kɔ̄̆+

x cancã

TF_2(18) ^ kɔ̄̆+tă ^

cancã conjunto

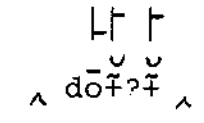
TF_3(18) ^ dʐă dʐīmă kɔ̄̆+

x aquele cancã

(previamente referido)

Eles podem ainda se fazer presentes em formas que, contendo oclusão glotal entre vogais, contêm também, de maneira inexplicada, vogais em hiato. Exemplo disso pode ser encontrado [77] em

Texto 1 - TF (4)



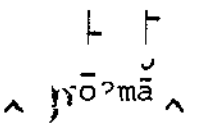
pessoa

Texto 2 - TF_1(26) ... dõɛ̃ʔt̃t̃ ^

gente

Um outro obstáculo enfrentado pela proposta em questão é a existência de oclusão glotal travando sílaba, fora da situação intervocálica e no interior de um mesmo morfema, sem que se possa aqui levantar a hipótese de que a oclusão glotal é um elemento fonético automaticamente realizável ao final de uma determinada unidade lingüística - no caso, ao final do morfema. Exemplos da existência de oclusão glotal na situação mencionada podem ser encontrados nos agrupamentos fonológicos e também em itens lexicais isolados:

Texto 1 - TF_1(9)



agora

Texto 3 - TF_3(20) ... dɛ̃ʔnɛ̃ ^

cana

Itens lexicais isolados: ī?t+̆ 'pupunha'

tʂɔ̄?nĭ 'peixe'

tʂī?n+̆ 'abacaxi'

dʐɔ̄?βă̆ɹĭ 'camã' (tipo de arbusto)

tə̄?tʂĭ 'jabotipõ'

Mais um obstáculo à visão de que a língua tende a evitar o hiato está no fato de que é possível encontrar, na queda de segmento consonantal,[78] um fator propiciador da existência da quilo que, em tese, a língua tenderia a evitar - o hiato:

Texto 3 - TF_2(4) ^ ĭŋŏgʷāk+̆ ^
às vezes

TF_3(4) ... ŋŏăkɯ̆ tʂĭmā? ^
às vezes matar

E um outro obstáculo ainda está na própria ressilabificação. Se a ressilabificação é a outra resposta - ao lado da inserção de oclusão glotal - que a língua possui para evitar o hiato, deve-se registrar que a elevação daquele que é o segundo em uma seqüência de dois segmentos vocálicos não é condição suficiente para que a ressilabificação seja alcançada. Conforme já foi apontado antes, há restrições que impedem dois segmentos vocálicos de participar de uma mesma sílaba. São essas restrições que impedem, por exemplo, que se realizem em uma mesma sílaba [ɛ̯ɪ], [o̯ʊ], [ɔ̯ʊ], [ɛ̯ʊ]. O fato de que a elevação do segundo segmento vocálico não seja suficiente para levar à ressilabificação nos deixa diante de duas constatações.

A primeira delas é que, não ocorrendo a suposta inserção de oclusão glotal para desfazer hiato, o hiato será mantido nos casos em que é impossível ressilabificar - e a ressilabificação não poderá ser tida como um processo simétrico à inserção de oclusão glotal, isto é, ambos os processos não poderão ser tidos como cumprindo a mesma função. A segunda das constatações é que, se é possível desvincular a abertura vocálica da silabificação, a questão da abertura vocálica retornará no momento de ressilabificar.

Como os obstáculos apontados não nos parecem facilmente contornáveis, vamos voltar à nossa proposta, que vincula silabificação e abertura vocálica.

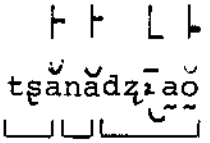
As revelações feitas pelo Quadro III são reencontradas no Quadro IV. Nesse último, o acréscimo da nasalidade a um dos segmentos em seqüência não altera, de modo geral, o conjunto

dos segmentos que continuam impedidos de participar de uma mesma sílaba. As únicas exceções dentro desse conjunto são [ɔĩ] e [ãi]: podendo integrar uma mesma sílaba, de acordo com o que se observou a respeito dos movimentos mais comuns no plano segmental, as seqüências em questão parecem ter na nasalidade de um de seus segmentos um impedimento à sua reunião em uma única sílaba. Como, nessas seqüências, os segmentos a portar nasalidade são a vogal anterior fechada e a mais aberta das vogais e como ainda cada uma dessas vogais se faz acompanhar, respectivamente, de vogal posterior aberta (que em nossos dados só ocorre em sílaba longa) e de vogal anterior fechada, é provável que a impossibilidade de os segmentos em questão ocuparem uma mesma sílaba se deva a um alargamento temporal provocado pela nasalidade.

Tendo observado os tipos de movimento no plano segmental permitidos no interior da sílaba em Tikuna, podemos agora considerá-los do ponto de vista do tempo.

Nos casos em que se tem uma palatalização do movimento vocálico que é resultado de assimilação a uma consoante precedente (movimento iniciado na posição anterior fechada em direção à base aberta não-arredondada), a vogal que fornece a base do movimento possui ela própria uma longa duração, e não são capazes de traduzir esse fato transcrições que a deixam ligada ao ponto de menor sonoridade, como se viu em itens isolados como

˧ ˧ ˦˨ ˩
tʂə̃̆nə̃̆dʐɿ̄a̰?ǒ 'eu lavo'
1p-objeto interno-lavar

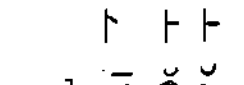


'eu recebo, eu ganho'

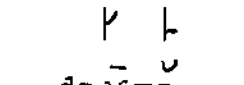
1p-objeto interno-

receber, ganhar

e em agrupamentos fonológicos como

Texto 1 - TF (10) 

naquele tempo/quando

Texto 3 - TF_3(22) 

dêitico

Uma expressão adequada da realidade duracional do núcleo longo que é palatalizado será vincular a palatalização ocorrida ao tempo da própria consoante que é o fator condicionante do movimento. E, nesse caso, ter-se-á como transcrição correspondente aos fatos aquela em que o segmento consonantal condicionador esteja palatalizado ([dz^{Y}]).

Nos casos em que se tem uma velarização do núcleo vocálico por assimilação à consoante seguinte ou uma palatalização do núcleo vocálico por dissimilação também à consoante seguinte[79] , a base do movimento e o seu ponto de menor sonoridade compartilham o tempo longo do núcleo de maneira equilibrada, isto é, no interior do núcleo ambos oferecem à percepção do a

nalista a impressão de que possuem igual duração. Uma tal percepção sustenta a divisão do núcleo longo em duas unidades temporais — uma divisão extensível aos casos de núcleo longo com vogal que não exibe ditongação ou com vogais que o integram por efeito de processo de silabificação/ressilabificação.

Tais considerações possuem suas conseqüências. Uma delas é que, ao se vincular ao tempo de uma consoante aquele que foi apresentado como ponto de menor sonoridade de um movimento vocálico, eliminam-se os ditongos crescentes da língua [80]. Uma outra conseqüência é que, com a existência de apenas ditongos decrescentes — sejam eles segmentais ou seqüenciais [81] —, o perfil de sonoridade da sílaba em Tikuna será descendente [82], na medida em que o grau de abertura vocálica será sempre menor no segundo ponto do ditongo [83]. E, uma outra conseqüência ainda é que, com um perfil de sonoridade descendente, prevê-se que a língua admita a existência de uma escala de redução de sonoridade e, ao mesmo tempo, exclua como inadmissível, no interior da rima, uma escala progressiva de sonoridade. Uma tal previsão se confirma através da observação do papel da oclusão glotal.

A oclusão glotal em Tikuna pode abrir e travar sílaba. Ao abrir sílaba, a oclusão glotal possui a mesma distribuição dos sons consonantais existentes em Tikuna, podendo ela própria ser interpretada como um elemento pertencente ao nível segmental:

˪ ˥
ŋɔ̄bɨ̌ 'jabuti'

kɔ̄w+ 'veado'

kɔ̄ʔ+ 'castanheiro; caju'

Ao final da sílaba, a oclusão glotal se apresenta em mais de uma situação.

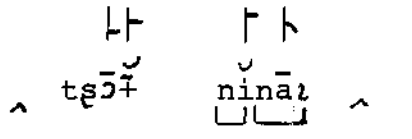
Uma primeira situação é aquela em que ela representa um corte abrupto na sonoridade de uma vogal pertencente a uma sílaba longa, caso em que pode se apresentar com a mesma distribuição daquele que é o ponto de menor sonoridade dentro de um ditongo[84]:

Texto 1 - TF (9) ^ nõʔmã̄ ^
agora

TF (11) ^ nāʔtãomã ^
3p-negação

Texto 3 - TF_2(9,10,11) ^ dzɔ̄ʔnĩ ^
enquanto isso

Texto 2 - TF_1 (5) ^ tsɔ̄+ nĩnāʔ ^
me 3p-amarrar



Nessa situação, estão sílabas longas no interior de um mesmo morfema e sílabas longas que constituem elas próprias um morfema, como se vê no exemplo referente ao **Texto 1**, TF (11).

Uma segunda situação é aquela em que a oclusão glotal representa o ponto terminal de uma escala em que se tem uma redução progressiva da sonoridade. Nessa situação, ela se apresenta como fecho de ditongo que, em nossos dados, é sempre sequencial e tem a sua presença invariavelmente relacionada ao final de um morfema, que pode, ele próprio, não estar em situação final no enunciado. Isso se observou quer em agrupamento fonológico, como

Texto 3 - TF_3(17) ... tsadzãʔ maɾɛ̃ ...
lp-pegar-só

quer em itens lexicais isolados como

pãɪʔβa 'árvore da família do araçapeva'
araçapeva-unidade taxonômica

Uma outra situação é aquela em que a oclusão glotal é simplesmente aposta a uma vogal que não é breve, sem reduzi-la

na sonoridade de sua última porção. Essa situação se apresentou quando o falante tendeu a silabar e, fazendo-o, deixou claro que a oclusão glotal pode entrar em uma relação de substituição com a pausa:

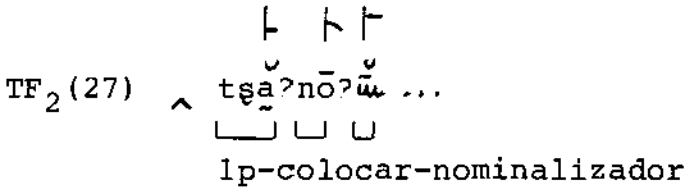
Texto 3 - TF_2(3) ^ gω̂ʔω̃̂ʔgω̄ma ^
sempre

TF_2(9,10,11) ... ŋɛ̰tāʔnī ^ nā ^
onde de 3p-

Mais uma situação é encontrada quando a oclusão glotal parece ser a resolução previsível de um segmento laringalizado, seja esse longo ou breve :

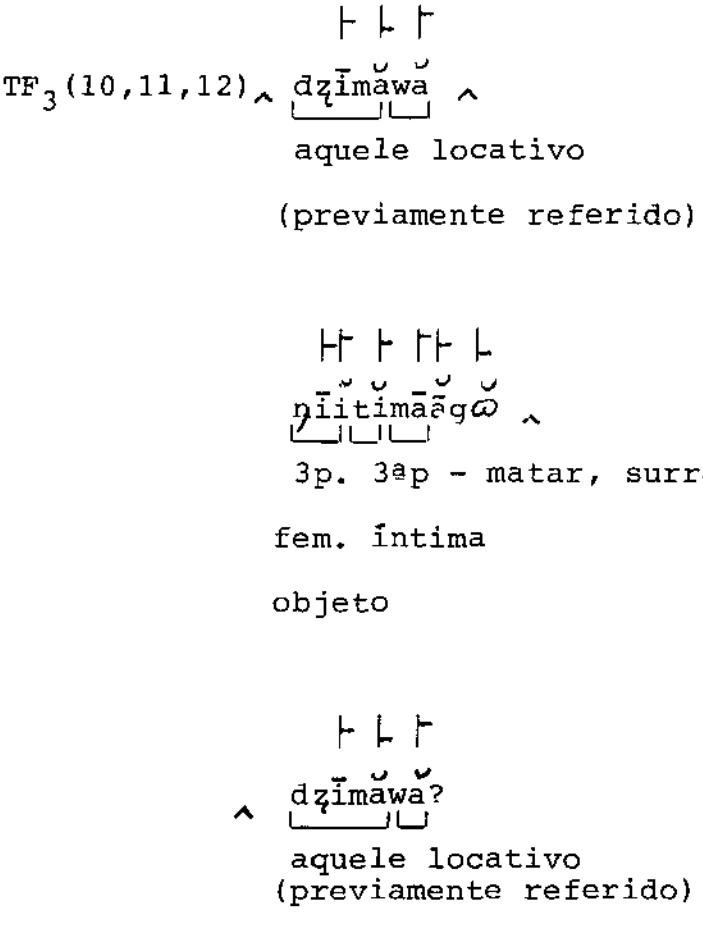
Texto 3 - TF_2 (3) ^ tṣănăʔmāʔω̰̆tṣă ^
1p-objeto interno-matar-nominalizador eu

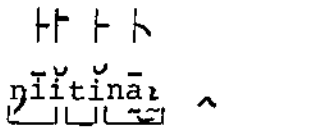
TF_2 (11,12) ^ nĭŋɛ̰ʔta ninɛ nă ^ dāʔω̰̆ ^
de onde de 3p vir-nominalizador



Por fim, a oclusão glotal é encontrada em mais duas situações. Uma em que ela pode ser associada à realização de altura alta e outra em que a sua presença é o resultado de realizações vocálicas recuadas.

Com possibilidades de associação à altura alta, por efeito de uma tensão muscular aumentada das cordas vocais após um tom ascendente - que pode ser interpretada como oclusiva glotal pós-vocálica [85] -, a oclusão glotal pode servir à demarcação de um padrão rítmico e, nesse caso, desempenhar as mesmas funções da pausa, como acontece em





3p. 3p - amarrar

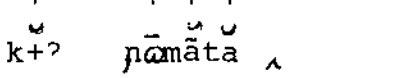
fem. íntima

objeto

e pode, juntamente com a altura alta que a provoca, marcar interjeições, como acontece em

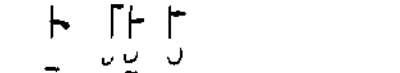
Texto 2 - TF_1 (26) ^ ...

olha x

Texto 3 - TF_2 (1) ^  ^

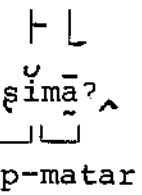
êh agora

ou servir à expressão da ênfase, como acontece abaixo com o locativo [gɷ], que, em circunstâncias não-enfáticas, porta altura em plano baixo:

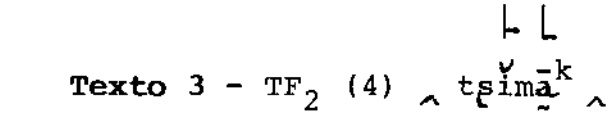
Texto 3 - TF_3(1,2,3) ^  ^

cachorro-ter locativo

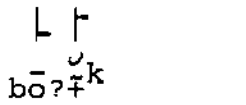
Como resultado de realizações vocálicas recuadas, a oclusão glotal se faz presente ao final de agrupamento fonológico constituído por uma só palavra ou ao final de palavra em final de agrupamento fonológico,

Texto 3 - TF_3 (4) ... 

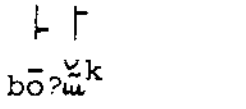
ocasião em que alterna com oclusiva velar não-explodida,

Texto 3 - TF_2 (4) 

a mesma oclusiva velar por nós encontrada - também em situação final e após realização vocálica recuada - em itens isolados[86]:



'menina, criança'



'menina, criança'

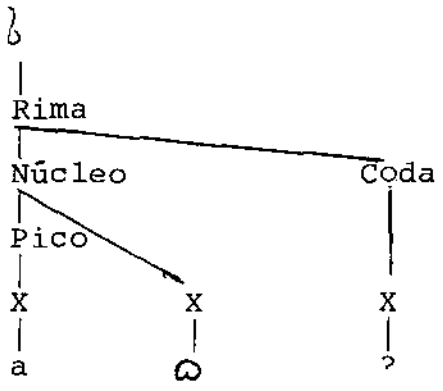
Em uma boa parte das situações arroladas acima, não é necessário procurar por um lugar para a oclusão glotal na estrutura silábica. Isso é claro nas situações em que a oclusão glotal pode marcar palavras especiais - interjeições - ou estar relacionada à ênfase ou silabação. Isso é claro também naquelas situações em que, sendo a oclusão glotal periférica, ela pode ser tida como um elemento caracterizador de um determinado domínio acima da sílaba: esse tanto pode ser um padrão rítmico quanto uma palavra fechada por um setting que inclui a oclusão glotal.

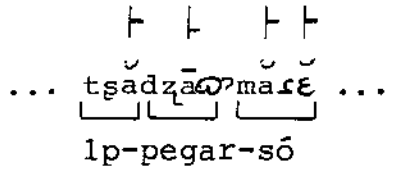
E, aparentemente, isso é igualmente claro naquelas situa-

ções em que a oclusão glotal parece ser a resolução previsível de um segmento laringalizado[87].

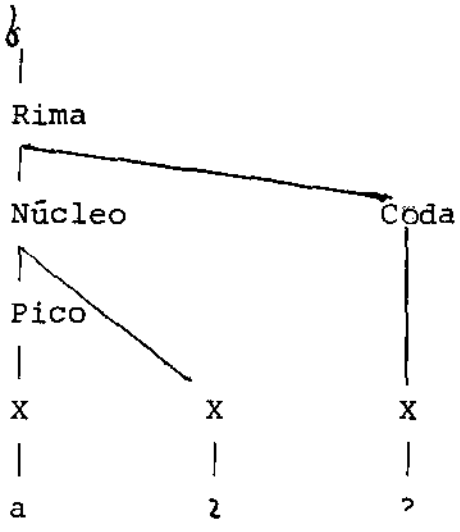
Em duas situações, porém, a oclusão glotal não pode ser desvinculada da sílaba: aquela em que, representando um corte abrupto na sonoridade de uma vogal pertencente a uma sílaba longa, a oclusão glotal se apresenta com distribuição semelhante ao ponto de menor sonoridade dentro de um ditongo; aquela outra em que, representando o ponto terminal de uma escala em que se tem uma redução progressiva da sonoridade, a oclusão glotal se apresenta como fecho de ditongo.

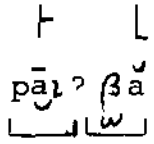
Na última das duas situações que acabamos de mencionar, a oclusão glotal está claramente fora do núcleo. Sendo pós-nuclear, ela, tem, no entanto, um lugar na sílaba, uma vez que não detém aqui um status invariavelmente periférico em relação a um domínio acima da própria sílaba: encontrada ao final de um morfema geralmente constituído de uma única sílaba e integrado a um outro morfema através de processo de formação de palavra, a oclusão glotal deve possuir aqui um lugar nos relacionamentos de dominância postulados para a sílaba. A ocupação de um tal lugar faz surgir na sílaba uma rima ramificante e, por conter o núcleo um ditongo, se torna possível falar aqui de uma rima com três tempos:





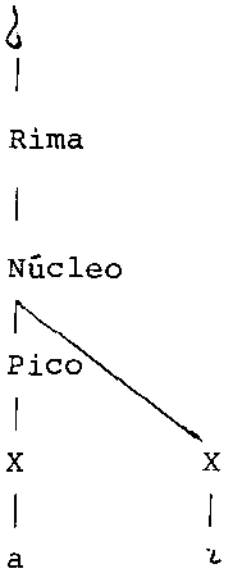
1p-pegar-só

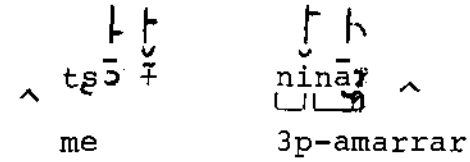




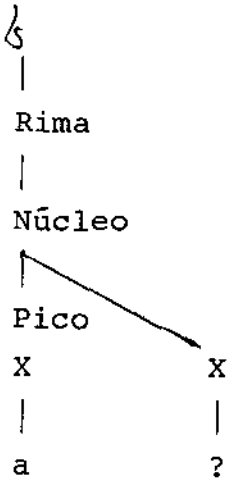
araçapeva-unidade taxonômica

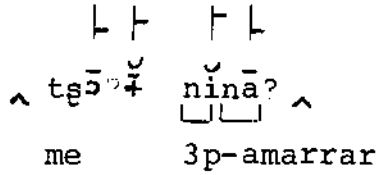
Na primeira das duas situações há pouco mencionadas, a oclusão pode ser tida como participando do núcleo, uma vez que apresenta a mesma distribuição daquele que é o ponto de menor sonoridade dentro de um ditongo:



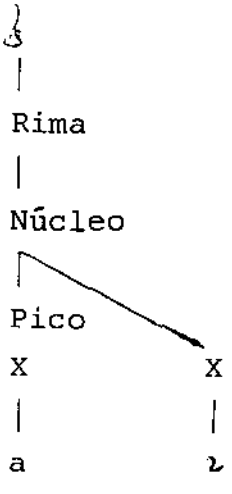


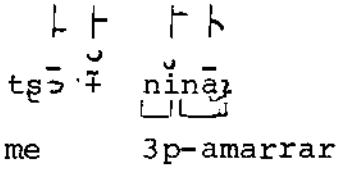
me 3p-amarrar

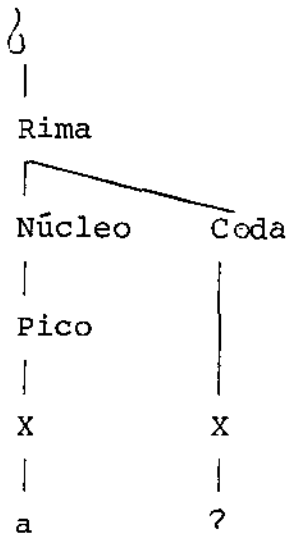


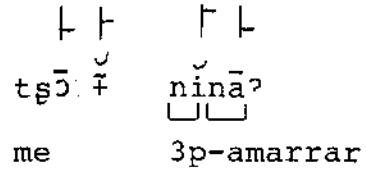


Por outro lado, nessa mesma situação, também pode-se aventar para a oclusão glotal um lugar fora do núcleo, utilizando-se como argumento as relações de sonoridade entre os elementos da sílaba. Se o pico é definido como o lugar da maior sonoridade, pode-se supor que o caminho que leva do elemento não-pico do núcleo à coda deve estar marcado por uma queda progressiva no nível de sonoridade. Nesse caso, as duas últimas representações silábicas deveriam ser diferenciadas; assim:









Entretanto, como o elemento não-pico opcional do núcleo pode ser definido somente em termos da posição ocupada na camada temporal (o elemento não-pico opcional do núcleo é o nódulo temporal que se segue imediatamente ao pico)[88], o núcleo pode ser visto como admitindo a presença, na qualidade de seu elemento opcional, de segmentos com nível zero de sonoridade.

A dupla possibilidade de análise que aqui se apresenta possui uma solução. Essa é encontrada na própria definição do elemento não-pico opcional do núcleo feita em termos da posição ocupada na camada temporal. Se se admite que somente o nódulo temporal que se segue ao pico deve ser exclusivamente dominado pelo núcleo da sílaba, admite-se igualmente que um segmento, ao estar ligado a um único nódulo temporal que se segue imediatamente ao pico, deverá fazer parte, de maneira exclusiva, do núcleo [89]. Assim, se ocorrer uma situação em que se tenha um nódulo temporal pós-pico com possibilidade de dominação não só pela sílaba cujo núcleo está em foco, mas também pela sílaba se

guinte, ter-se-á uma evidência de que, nesse caso, o segmento associado de maneira exclusiva a tal nódulo não é nuclear, uma vez que um segmento nuclear pode pertencer somente a uma sílaba. Como a oclusão glotal em Tikuma pode estar situada, quer no final, quer no início da sílaba, uma observação dos efeitos da sua presença em uma sequência na qual ela esteja ladeada por segmentos de maior sonoridade nos deixa em melhor condição para decidir quanto ao seu status em relação ao núcleo. Vejamos os dados abaixo:

Texto 1 - TF(9)

(1)a. ^ tʂɔ̄ʔɨ̃ ^

1p.dativo

(me)

Texto 2 - TF_1(5)

b. ^ tʂɔ̄ɨ̌ ...

1p-dativo

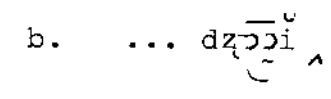
(me)

Texto 2 - TF_2(13)

(2)a. ... dʐɔ̄ʔi ^

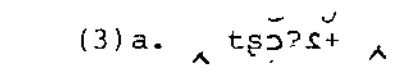
Yoi

Texto 2 - TF_2(13)

b. ... 

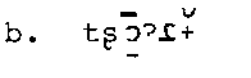
Yoi

Texto 1 - TF (5)

(3)a. 

meu

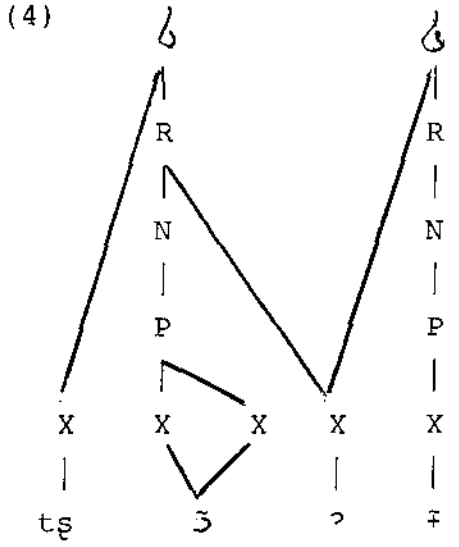
Texto 1 - TF (9)

b. 

meu

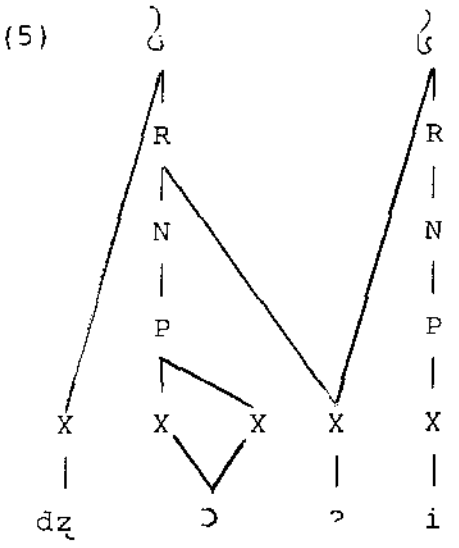
Nos três conjuntos de dados apresentados, notam-se variações no plano da altura e mesmo, como em (2)b, uma alteração no plano da fonação que atinge parte de um núcleo silábico longo.[90] Variações e alteração têm aqui uma possibilidade de previsão, se se postula uma representação inicial em que o nódulo temporal ao qual se liga a oclusão glotal seja duplamente dominado (σ = sílaba; R = rima; N = núcleo; P = pico; X = nódulo temporal):

(4)



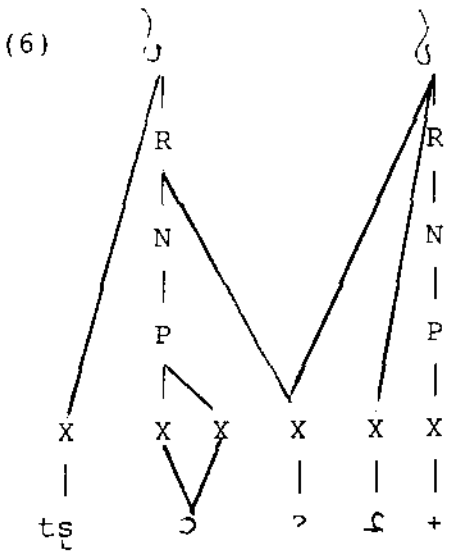
'me'

(5)



'Yoi'

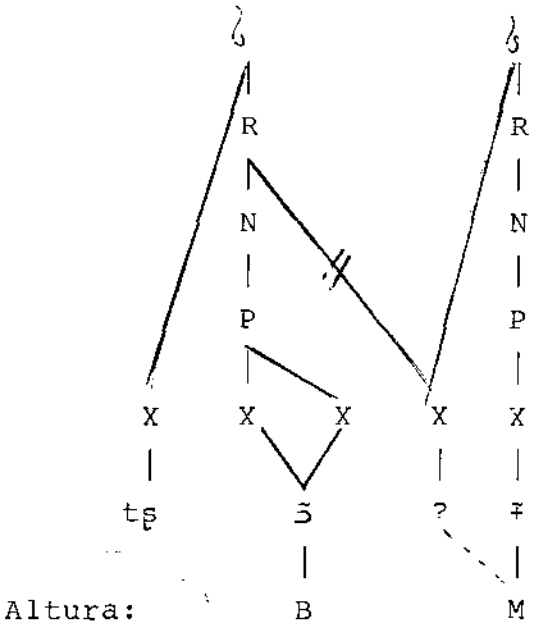
(6)



'meu'

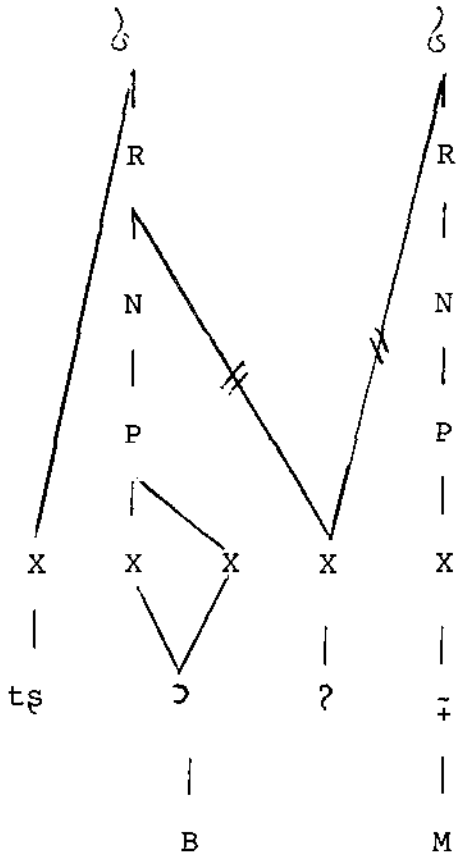
A dupla dominação exibida pelo nódulo temporal ao qual se liga a oclusão glotal pode ser interrompida durante a derivação dos itens que integram os três conjuntos de dados exibidos. No primeiro desses conjuntos, a presença da oclusão glotal na segunda sílaba (sílaba breve), eleva de um intervalo a altura da segunda vogal (cf. (1)a.), enquanto a sua ausência deixa ambas as sílabas intocadas do ponto de vista da altura (cf. (1)b.). Esse fato pode ser expresso da seguinte maneira (a interrupção de uma linha de associação por dois traços indica a sua desconexão da representação; uma linha pontilhada indica uma associação estabelecida; no plano da altura, estão sendo reconhecidos três níveis básicos - A = alto; B = baixo; M = médio - e, na maior parte das vezes, cinco níveis de realização: ⌈ 'alto'; ⌐ 'meio-alto'; ⊢ 'médio'; ⌙ 'meio-baixo'; ⌊ 'baixo'):

(7) Derivação de (1)a.:



|tʂɜ̃ʔɨ̃| 'me'

(8) Derivação de (1)b:

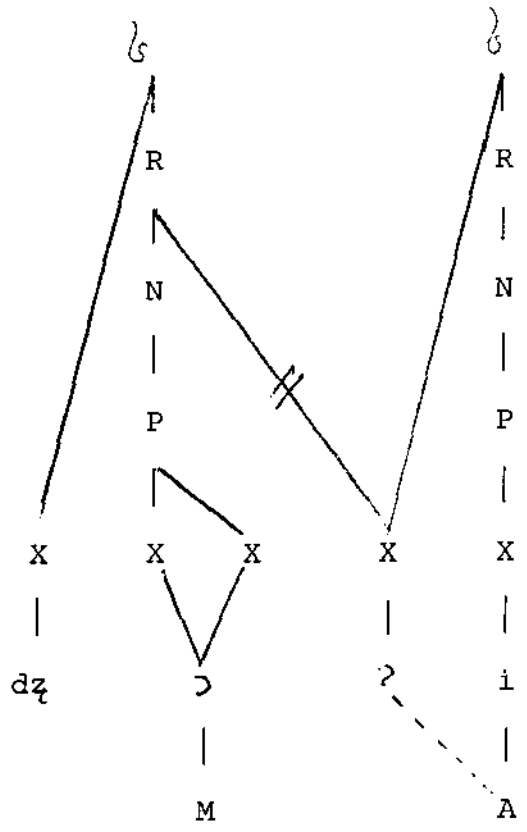


Altura:

[tʂɔ̃˧˜]'me'

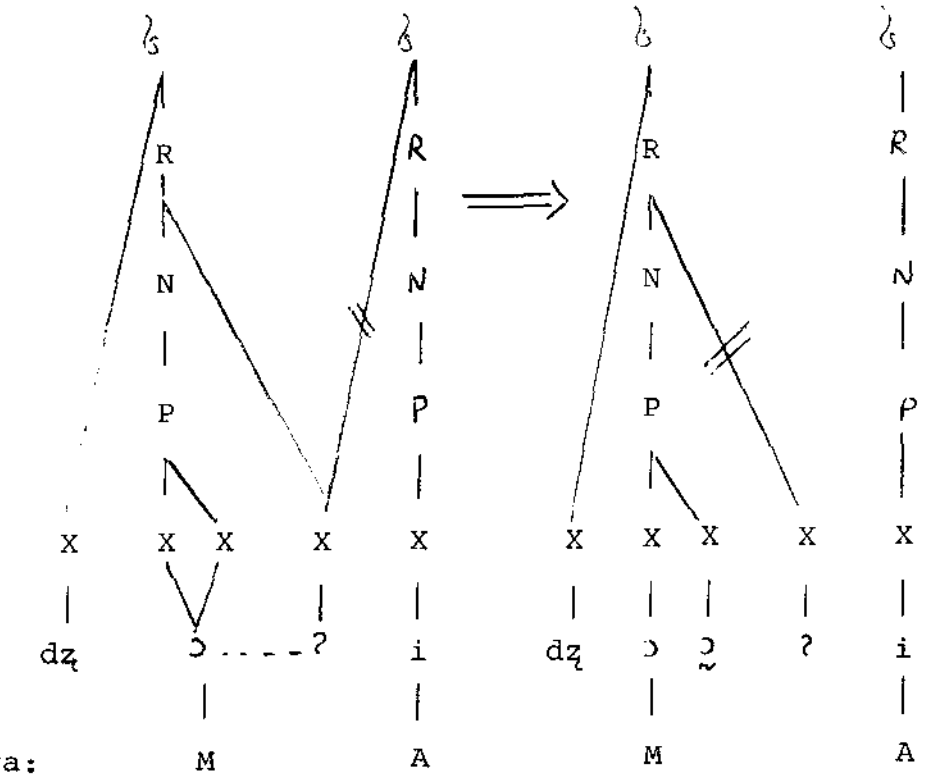
No segundo dos conjuntos exibidos, a presença da oclusão glotal na segunda sílaba (sílaba breve) também eleva de um intervalo a altura da segunda vogal (cf. (2)a), enquanto a sua ausência, sem afetar os níveis de altura postulados como básicos para cada sílaba, não se dá sem que antes uma porção da vogal da primeira sílaba seja laringalizada (cf. (2)b). Assim:

(9) Derivação de (2)a:



[dʐɔ̃ʔĩ] 'Yoi'

(10) Derivação de (2)b:

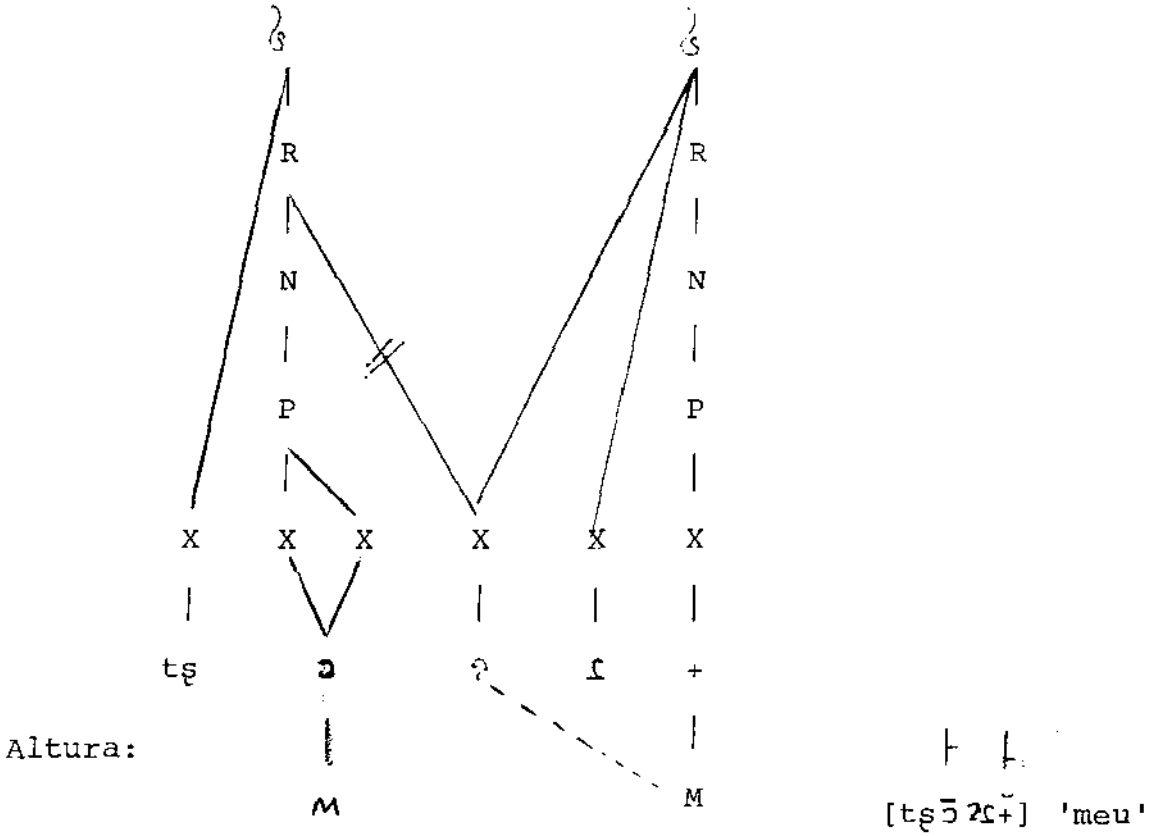


[dʐɔ̃ɔ̃ĩ] 'Yoi'

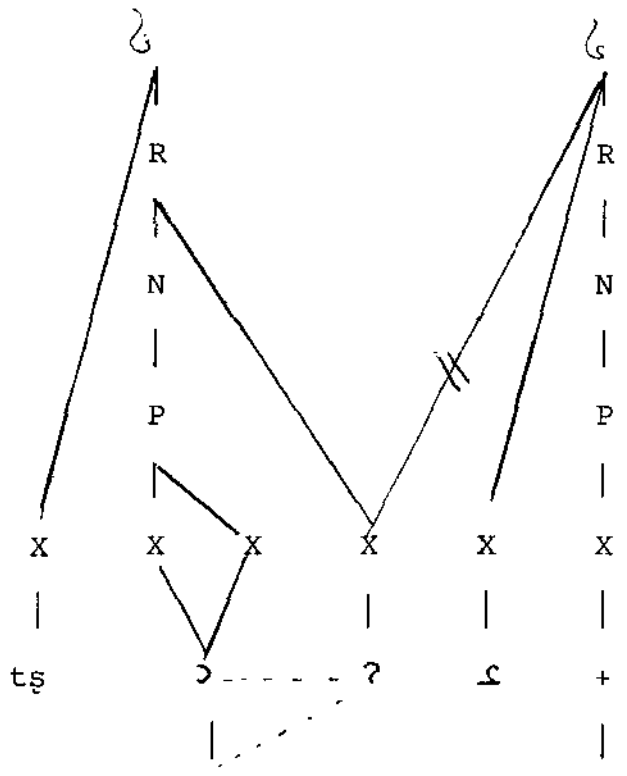
Altura:

No terceiro dos conjuntos apresentados, a ligação da oclusão glotal à segunda sílaba cria uma sequência de sons obstruintes em que o segundo desses sons - um tap - possui um nível de sonoridade que falta à oclusão glotal e passa a constituir com ela uma cadeia de sonoridade crescente antes do pico. Nessas circunstâncias, o efeito da oclusão glotal é o de abaixar a altura da vogal seguinte, através do que poderia ser considerado uma glotalização da consoante (cf.(3)a). Se a ligação da oclusão glotal for com a primeira sílaba, ela pode não só laringalizar a vogal precedente, mas também abaixar-lhe a altura (cf. (3)b):

(11) Derivação de (3)a:



(12) Derivação de (3)b:



As possibilidades de previsão de variações nos planos da altura e da fonação feitas a partir da posição prosódica da oclusão glotal dentro da sílaba são dependentes, como deixam claro os diagramas iniciais apresentados, da existência de um nódulo temporal dominado por duas sílabas. Uma tal dominação - justificável pelas previsões que possibilita - é incompatível com uma visão que confere um status nuclear à oclusão glotal enquanto segmento associado ao primeiro nódulo temporal pós-pico. Em outros termos, a oclusão glotal só pode ter aqui um status extranuclear.

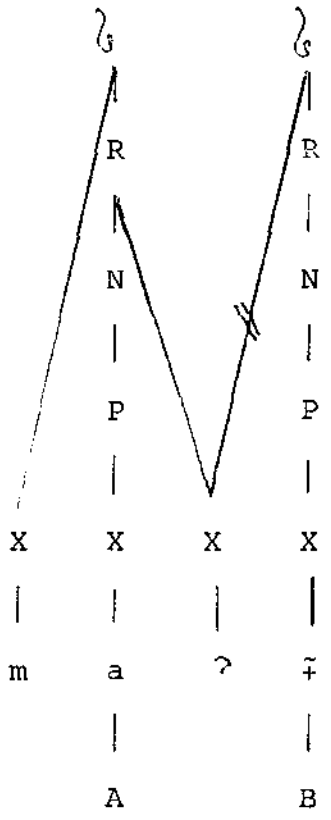
Ver como um segmento ambissilábico e, portanto, extranuclear a oclusão glotal que pode integrar o nível da sílaba

nos permite não só retomar e solucionar alguns pontos colocados como problemáticos ao tratarmos do plano da altura, mas também abordar a relação entre as ramificações existentes no interior da sílaba e a questão do tempo.

No que diz respeito aos pontos problemáticos levantados na seção anterior, basicamente esses se derivaram, de um lado, do reconhecimento da existência de uma interação entre altura e oclusão glotal e, de outro lado, da aparente impossibilidade de tornar visível a relação temporal entre a oclusão glotal e o segmento ou sequência de segmentos que ela atinge, além de uma constatação feita quanto à instabilidade da direção assumida pelo próprio processo que associa a oclusão glotal à altura. Com as últimas colocações aqui feitas, esses pontos problemáticos se resolvem no nível da sílaba enquanto entidade possuidora e organizadora de uma camada temporal. Conforme foi possível ver através dos diagramas que acabamos de apresentar, a oclusão glotal: ao abrir uma sílaba breve e estar seguida imediatamente por um segmento de sonoridade máxima - o pico - eleva de um grau a altura basicamente portada por esse segmento; ao abrir uma sílaba breve e estar seguida de uma consoante com um certo nível de sonoridade e que constitui com ela uma cadeia de sonoridade crescente antes do pico, abaixa a altura da vogal que a segue, através do que pode ser visto como uma glotalização da consoante; ao fechar uma sílaba, pode abaixar a altura e/ou laringalizar a vogal que a precede, sendo esse um processo - a serem considerados os últimos dados expostos - que atinge principalmente vogais cujo nível básico

de altura não está situado em plano alto. Assim, com o que foi possível ver, podemos retomar alguns dados apresentados na seção anterior e, assumindo a ambissilabicidade da oclusão glo tal, revê-los sob uma outra ótica (o sinal sotoposto a uma vogal indica exclusivamente a duração desse segmento):

(13)

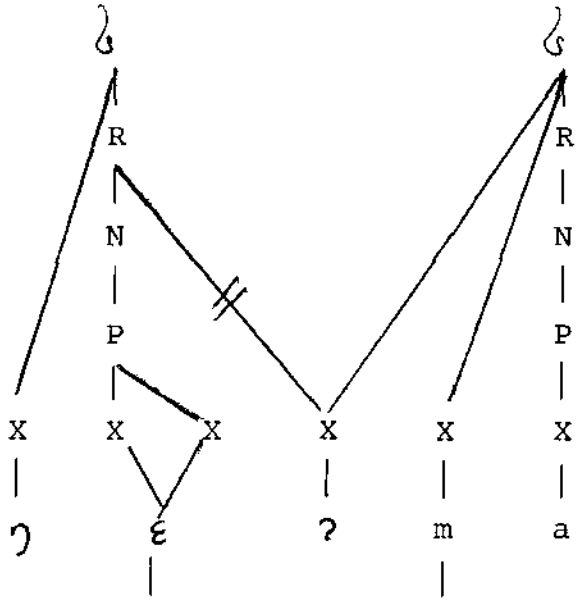


Altura:

[mã?ɨ̃] 'vida'

Texto 1, TF(5)

(14)

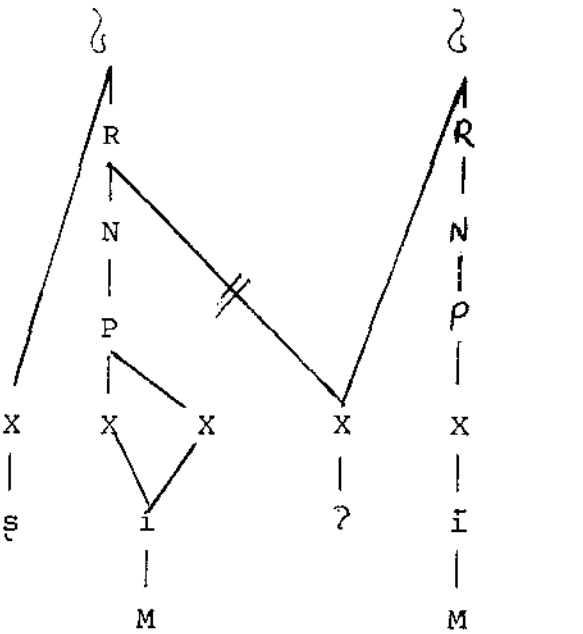


Altura: A M

[ŋɛ̄ʔ mă] 'dêitico'
(lã)

Texto 3, TF_2 (22)

(15)

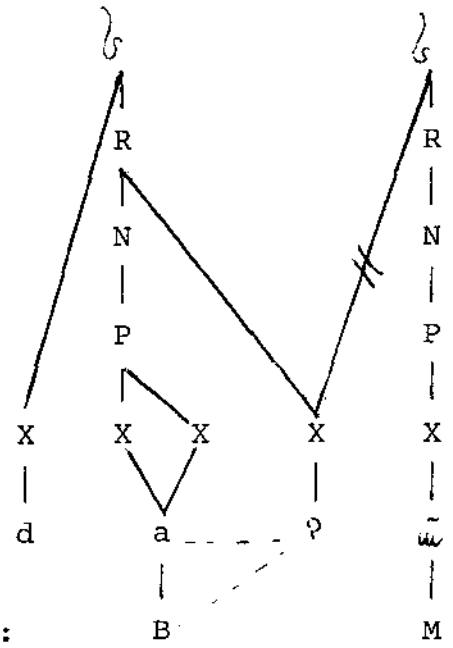


Altura: M M

[tsī ʔ ĭ]
eu ser

Texto 1, TF (3)

(16)[91]



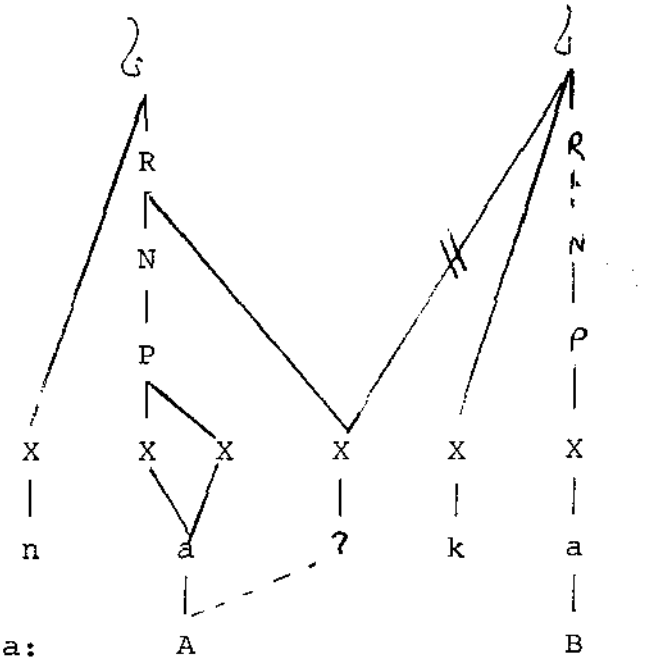
Altura:

[dã ʔɨ̃]

vir - nominalizador

Texto 3, TF_2 (11, 12)

(17)



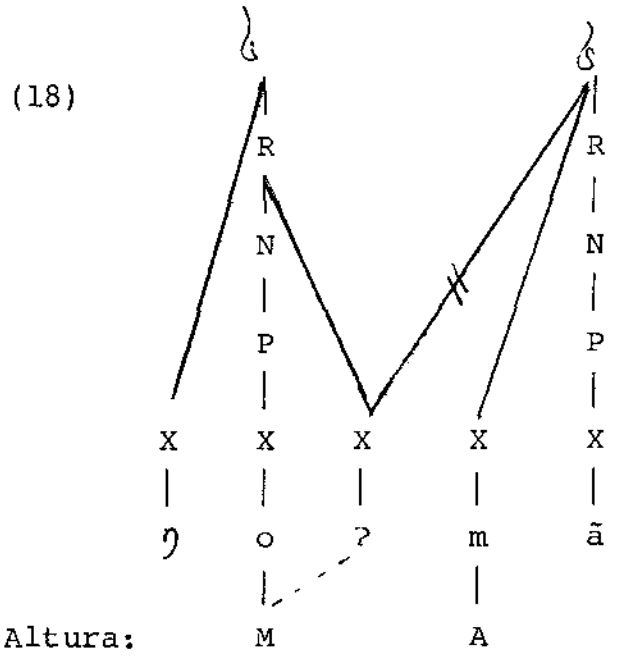
Altura:

nã ʔ kaʔ

3p - por

Texto 3, TF_2 (9,10,11)

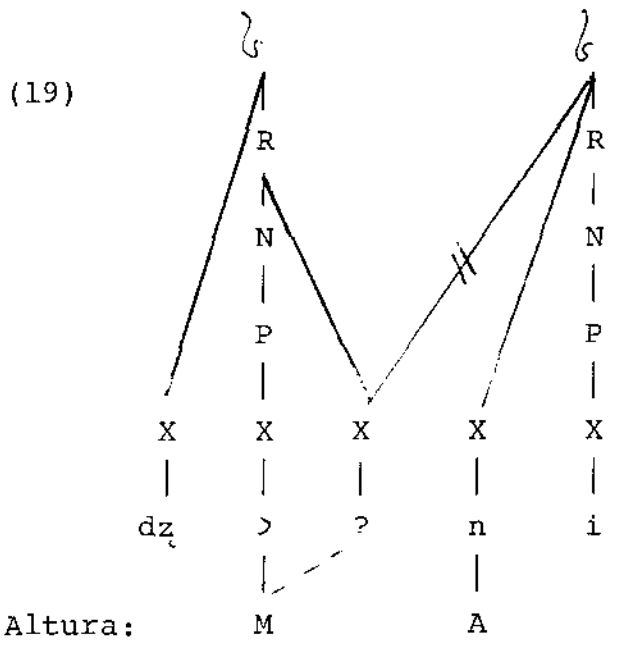
(18)



[ŋ ō̯ʔmã̆] 'agora'

Texto 1, TF (9)

(19)



[dz̨ɔ̄ ʔ ni̯]
'enquanto isso'

Texto 3, TF_2 (9, 10, 11)

A visibilidade da relação temporal entre a oclusão glotal e o segmento ou segmentos que ela atinge nasce da sua condição de elemento pertencente à sílaba: ao deixar de ser colocada em uma possível camada laringal - possibilidade aqui levantada na seção referente à altura - e integrar, quando esse é o caso, a sílaba, a sua relação temporal com os demais segmentos se segue naturalmente. Quanto à instabilidade da direção assumida pelo processo que associa a oclusão glotal à altura, não é difícil constatar que a direcionalidade do processo - ligada à posição prosódica assumida pela oclusão glotal no interior da sílaba no curso de uma derivação - pode ser pensada em termos do tempo: de acordo com os dados apresentados, as tendências observadas foram as seguintes: a oclusão glotal abre uma sílaba cada vez que o pico da sílaba anterior domina dois nódulos temporais (pico longo); a oclusão glotal surge como elemento que fecha um pico longo (situação em que, laringalizando um ou os dois tempos do pico, pode ser dispensada); a oclusão glotal fecha uma sílaba que, constituída de um pico com um só nódulo temporal (pico breve) foi percebida como longa. Cada uma dessas tendências aponta para um mesmo fato: o de que a língua , se não coloca em uma relação de exclusão a existência de um núcleo silábico com dois tempos e a presença de uma coda, privilegia a caracterização de uma sílaba longa como sendo aquela que ou é constituída de um núcleo com dois nódulos temporais ou de um núcleo com um nódulo temporal acompanhado de um tempo de coda preenchido. Assim, o papel da oclusão glotal é não só o de provocar alterações no plano da altura e da fona-

ção, mas também, provocando-as, o de revelar a configuração de peso silábico privilegiada na língua.

Mais exemplosdesse fato podem ser encontrados em termos de agrupamentos fonológicos, quer a expressão desse fato seja buscada no interior de morfemas, quer na junção de morfemas. Trazemos aqui exemplos que envolvem sequências silábicas que, podendo ter seus pontos de maior sonoridade (picos) separados por oclusão glotal, pertencem a diferentes morfemas. Em especial, os morfemas envolvidos são um nominalizador e um dos intensificadores existentes na língua:

a) nominalizador

. a oclusão glotal abre sílaba breve e eleva de um grau a altura basicamente portada pela vogal do sufixo nominalizador que constitui essa sílaba; a sílaba anterior possui núcleo com dois tempos:

Texto 3 TF_2 (9, 10, 11) ...ni na dā ʔɯ̃

de-3p-vir-nominalizador

TF_2 (9, 10, 11) tʂaʔ dãɯ̃ ʔɯ̃

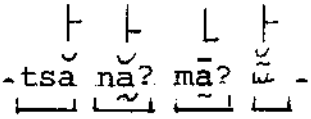
1p.-procurar-nominalizador

TF_2 (25) tʂa ɾɯ̃ g.ɔ̃ ʔɯ̃

1p-sair,varar-nominalizador

. desconectada do sufixo nominalizador, a oclusão glotal fecha a sílaba anterior, laringalizando-lhe a vogal; tal sílaba pode possuir núcleo longo:

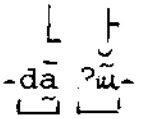
Texto 3 TF_2 (3)



-tsã nã? mã? ɛ̃̃-

1p-obj.interno-matar-nominalizador

TF_2 (11, 12)

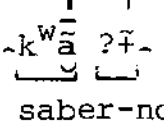


-dã ʔɯ̃-

vir-nominalizador

. desconectada do sufixo nominalizador, a oclusão glotal fecha uma sílaba longa possuidora de núcleo breve:

Texto 3 TF_2 (11, 12)



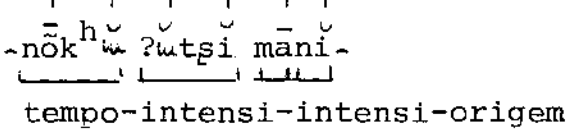
-k^wã ʔɨ̃-

saber-nominalizador

b) intensificador

. a oclusão glotal abre a sílaba inicial do intensificador e eleva-lhe em um grau a altura; a sílaba precedente possui núcleo breve:

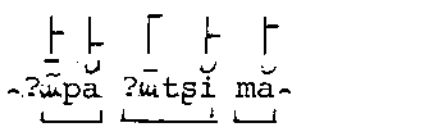
Texto 3 TF_2 (18, 19)



-nõk^hɯ̃ ʔɯtsi mãni-

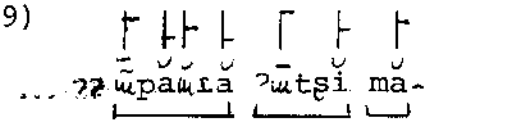
tempo-intensificador 1 intensificador 2 origem

Texto 3 TF_2 (18, 19)



antes-intensi-intensi
ficador ficador
1 2

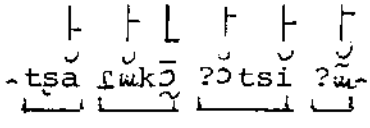
TF_2 (18, 19)



antes-intensi-intensi
ficador ficador
1 2

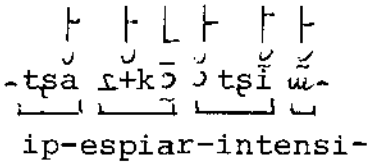
. a oclusão glotal integra o núcleo vocálico precedente, que é longo; laringaliza-lhe a vogal e pode ser dispensada; a vogal inicial do intensificador está um nível ou mesmo dois níveis mais baixa:

Texto 3 TF_3 (23)



ip-espiar-intensi-nominalizador
ficador

TF_3 (23)



ip-espiar-intensi-nominalizador
ficador

Observada a manutenção de tendências que confirmam um mesmo fato, podemos dizer que a ramificação da rima (núcleo + coda) está diretamente relacionada à existência de uma ramifi-

cação no interior do núcleo - existindo, essa última não impe de uma rima ramificante, mas tende a eliminá-la.

No que diz respeito ao tempo, essa afirmação possui como consequência o se ter o estabelecimento do tempo do segmento como algo relacionado a uma ou mais unidades temporais cuja identificação não só depende da sílaba, mas também de certas posições dentro da sílaba (núcleo e coda). A afirmação em questão não permite que se trate do tempo do segmento fora dessas posições. Entretanto, a serem levadas em conta dados como os que se seguem abaixo, um tal tratamento parece ser necessário, uma vez que consoantes na língua, em posição inicial de sílaba, podem-se apresentar como longas e, em certo momento, podem influir na percepção da vogal, que as precede ou segue, fazendo com que essas sejam tidas como longas ou breves:

Texto 3 TF_2 (14)

...tsã d.ãõ mãɛɛ̃-

ip- ver só

TF_2 (16)

-ŋɔ̃bʊ̃ ʔãk.hĩ ɛ̃ vã-

jabuti filho, casco locativo
filhote

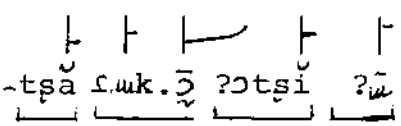
TF_2 (22)

-ŋɛ̃ʔgʊ̃mã t.ãnĩ...

dêitico

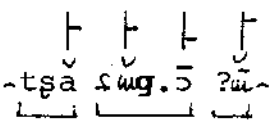
(aí; quando)

TF_2 (23)



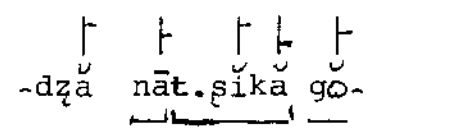
lp-espiar-intensificador-nominalizador

TF_2 (25)



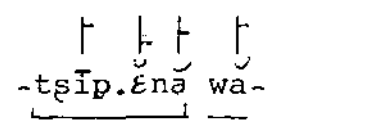
lp-sair, varar-nominalizador

Texto 3 TF_2 (13)



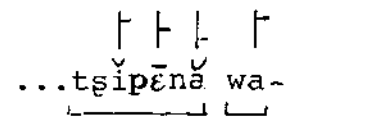
X 3p-lugar locativo

TF_2 (23)



beira locativo

TF_3 (23)

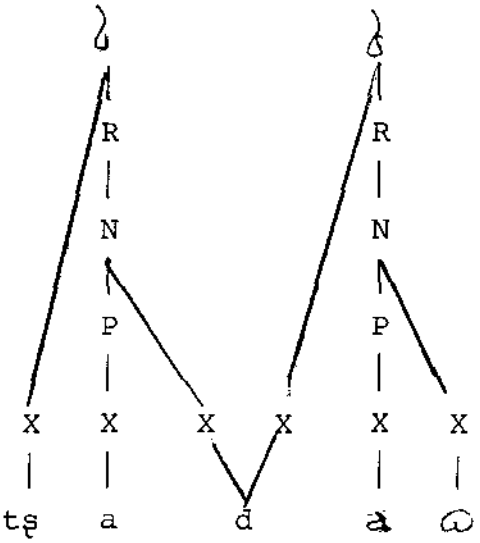


beira locativo

Alguns dos dados acima fazem supor que consoantes, em determinadas circunstâncias, possam se tornar alongadas, devendo, em razão disso, ser tratadas como geminadas. Como, na maior parte dos dados, é breve a vogal que antecede a consoante registrada como longa, uma análise em termos de geminação

da consoante estaria de acordo com uma das expectativas mantidas com relação a consoantes geminadas: essas implicam a existência de dois nódulos temporais, um dos quais, pertencendo de maneira exclusiva à sílaba anterior, pode ser visto como nuclear e como fechando completamente essa sílaba que, sendo tida como pesada (longa) devido à contribuição temporal da consoante, tem no seu núcleo uma vogal breve. Por exemplo, uma análise nesses termos do primeiro dos dados acima nos dá:

(20)

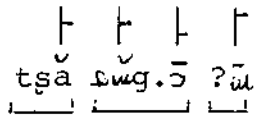


Texto 3 TF_2 (14)

'lp-ver...'

Nessa análise, o nódulo temporal que se segue imediatamente ao pico da primeira sílaba pertence somente a essa sílaba, domina parcialmente a consoante em foco e, sendo nuclear, faz com que essa sílaba seja fechada em sentido absoluto e com que ela contenha uma vogal que só pode ser breve.

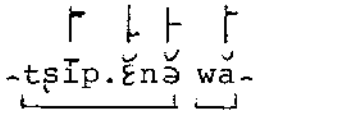
Quanto à segunda sílaba, seu núcleo, ramificado, contém um pico com apenas um nódulo temporal, não havendo entre ele e a consoante geminada qualquer relação. Essa mesma análise poderia ser aplicada também a dados como



lp-sair,varar-nominalizador

Texto 3 TF_2 (25)

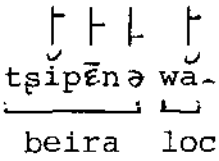
com a observação de que, nesse caso, a sílaba aberta pela consoante longa, contendo um núcleo não-ramificado, é possuidora de um pico ramificado (isto é, com vogal longa), também não havendo entre esse pico e a consoante dita geminada qualquer relação. Entretanto, essa relação parece existir nos três últimos dados da lista acima apresentada: para eles é possível se tentar o estabelecimento de uma relação entre a duração da consoante longa e a percepção como breve do núcleo silábico seguinte, somada à percepção como longo do núcleo silábico precedente, como acontece em



beira locativo

Texto 3, TF_2 (23)

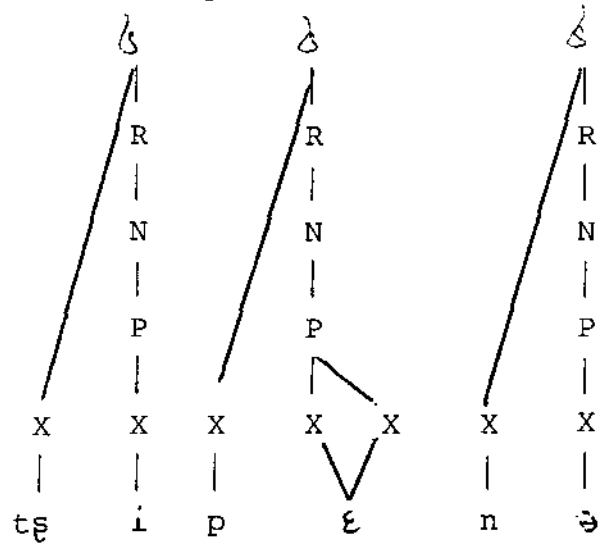
em contraposição a



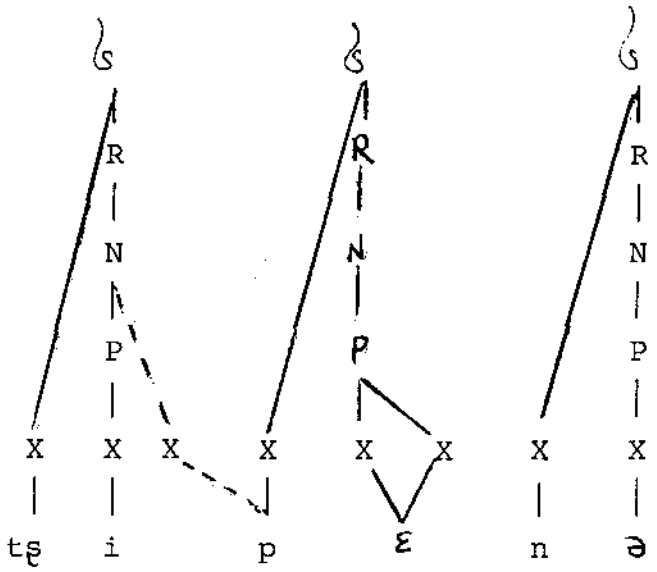
Texto 3, TF_3 (23)

Para que a relação em questão possa ser estabelecida, será necessário, em primeiro lugar, supor que, na sílaba, há uma relação temporal entre uma consoante e a vogal que a segue e, em segundo lugar, que, simultaneamente, é possível uma relação temporal entre uma consoante e a vogal da sílaba precedente. Essa relação pode ser expressa em uma derivação em que se aproveita a representação da consoante longa como geminada, havendo necessidade, porém, de associar o tempo dessa consoante ao das vogais que a ladeiam. Esse processo poderia ser como se segue:

(21) Representação inicial possível de [tsīp.ɛ̆nə̆...] 'beira':

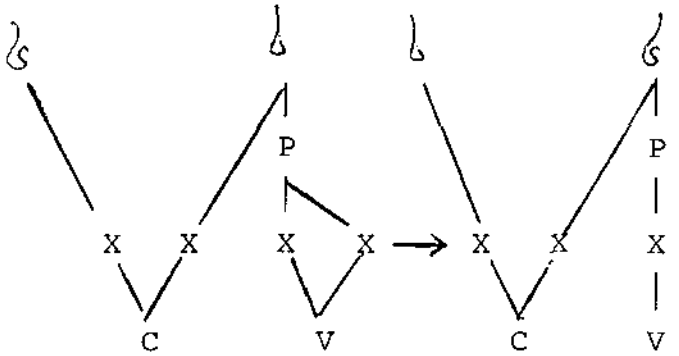


(22) Geminação da consoante:

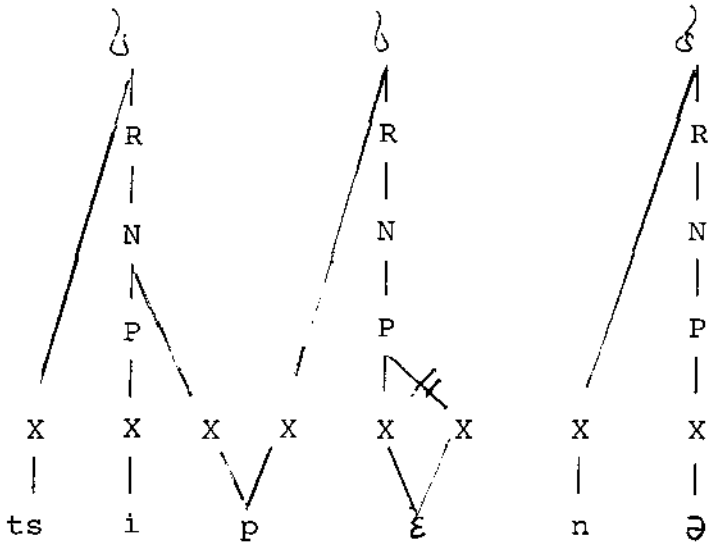


(23) Abreviação da vogal que se segue à geminada:

Regra facultativa



Derivação:



Notar bem: A percepção do primeiro núcleo silábico como longo se explica por conter ele dois nódulos temporais, um dos quais associado a [p].

O que expressa a derivação provisoriamente aqui estabelecida é que na língua há a possibilidade de um controle temporal de segmentos que estão em sucessão. Tal controle faz pensar em um processo de composição temporal no qual a relação entre os segmentos em jogo não se restringe a ramificações no núcleo ou na rima e chega mesmo a ultrapassar o âmbito de uma mesma sílaba - algo que poderá ser melhor visto quando tratarmos do texto produzido.

Movimentos no Plano Suprassegmental

Em nossos dados, movimentos no plano da altura possuem como lugar preferencial de manifestação a sílaba longa. Tais movimentos podem ser agrupados como se segue abaixo, merecendo cada grupamento uma breve consideração.

A) Movimento resultante de alteração no plano segmental ligada à crase, ou simples queda de segmento, constituindo-se, assim, o contorno. Vogais que sofrem crase podem pertencer a morfemas diferentes que são palavras distintas, como acontece em

Texto 2 TF_3 (10, 11, 12)

˄ dz̨ī́má wā...

aquele (previamente referido) — locativo + não atestado pelo narrador

TE (10, 11, 12)

yima wa ã...

aquele (previamente referido) — locativo não-atestado

ou a morfemas diferentes situados no interior de uma mesma palavra, como se vê abaixo no item lexical isolado referente a 'roça dele',

ŋīăn ɛ̆   (ŋĭ-'ela' + ănɛ̆ 'roça') 'roça dela'

nānɛ   (nă-'ele' + ănɛ̆'roça') 'roça dele'

ou ainda a um mesmo morfema, como se vê em

Texto 2 TF_3 (24) ...ŋō?mă   ɾɨ̃...
agora   como

T.E. (24) ...nhumarũã...
agora   como

A constituição de contorno ligada à queda de vogal diferenciada em relação à vogal adjacente ou separada da vogal próxima por consoante soante é algo mais facilmente encontrável no interior de uma mesma palavra:

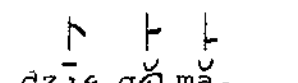
Texto 3 TF_3 (1, 2, 3)   i   tsāmă?
X   eu

TP_3 (3)   ...tsām
eu

B) Movimento no plano da altura correspondente a movimento no

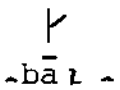
plano segmental:

Texto 1 TF (10)



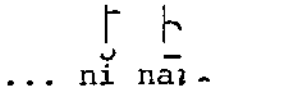
naquele tempo; quando

TF (11)



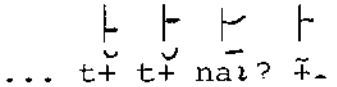
nem

Texto 2 TF_1 (5)



3p- amarrar

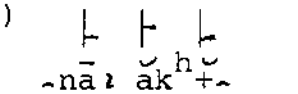
TF_2 (10, 11)



3p 3ª p - amarrar-nominalizador

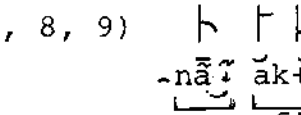
objeto íntima

TF_1 (6, 7)



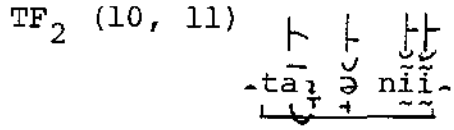
pau, árvore filho, pé

TF_2 (6, 7, 8, 9)



pau, árvore filho, pé

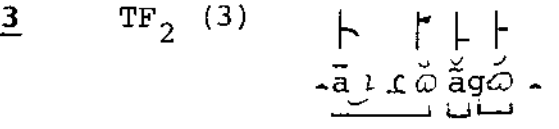
TF_2 (10, 11)



fazer ficar de pernas
e braços abertos

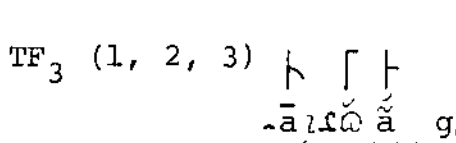
Texto 3

TF_2 (3)



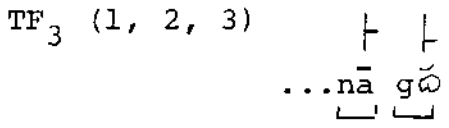
cachorro - ter locativo

TF_3 (1, 2, 3)



cachorro-ter locativo

TF_3 (1, 2, 3)



3p-dentro lp-falar X

TF_2 (9)

estar com fome

TP (29)

lp - voltar

Nesse tipo de movimento há que se distinguir entre aquele que se encontra associado a segmentos vocálicos reunidos em uma única sílaba e aquele que acompanha movimento no plano segmen-

tal iniciado a partir de um tempo tomado à própria consoante. O primeiro é fruto da própria associação entre tons e segmentos vocálicos: sua direção não pode ser prevista e os tons em que se decompõe o movimento se manifestam em uma única sílaba porque estão lexicalmente associados a segmentos que se submetem à silabificação/ressilabificação. O segundo movimento pode ter a sua direção prevista: ele acompanha movimento no plano segmental que é condicionado pela presença, como se viu na seção anterior, de consoante africada sonora; o início do movimento se dá tomando-se um tempo à consoante e a partir da posição vocálica anterior fechada, isto é, o movimento é palatalizado; esse movimento se inicia em plano alto quando não é alto o nível de altura com que se realiza o tom associado à vogal que basicamente se segue à consoante, como se vê em

<u>Texto 1</u>   TF (10)   ˦˨ ˧˦ ˧˦

-dzɿɛ̄gòmá -
naquele
tempo/quando

ou o movimento se inicia em plano não-alto quando é alto o nível de altura com que se realiza o tom associado à vogal que basicamente se segue à consoante, como ocorre em

<u>Texto 3</u> TF_3 (22)   ˧˦ ˥˧

-dzɿɛ̄má-
dêitico
(lá)

Algumas vezes esse movimento no plano da altura se processa

sem que fique aparente o movimento no plano segmental, como acontece no item abaixo, obtido de maneira isolada,

dzą̄at+ 'homem'

e também nos itens isolados

nădzą̄ 'ele é pesado'

nădzą̄ 'ele cresce'

os quais, entretanto, chegaram a ter, em determinada oportunidade, a sua parte segmental registrada como [nadzą̄a].

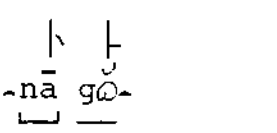
C) Movimento por assimilação vertical parcial: um tom a assimila parcialmente ou vai parcialmente na direção de um tom b sem que seu domínio segmental se altere:

Texto 2 TF_3 (10, 11, 12)

ĭ ŋ̄ɛ mă ...
X dêitico (lā)

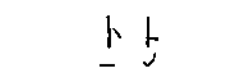
/ŋ e m a / 'dêitico (lā)'
| |
A B

Texto 3 TF_2 (2)

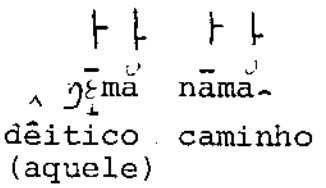


/ n a g u /
| |
M B

TF_2 (6)

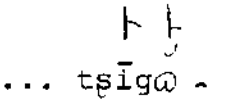


TF_3 (6)



/ n a m a / 'caminho'
| |
M B

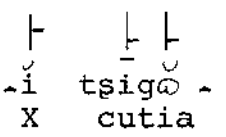
TF_2 (27)

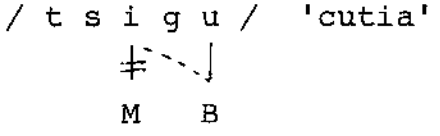


/ ts i g u / 'cutia'
| |
M B

Esse tipo de movimento pode levar à assimilação total:

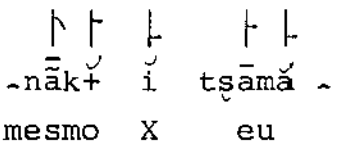
Texto 3 TF_2 (27)



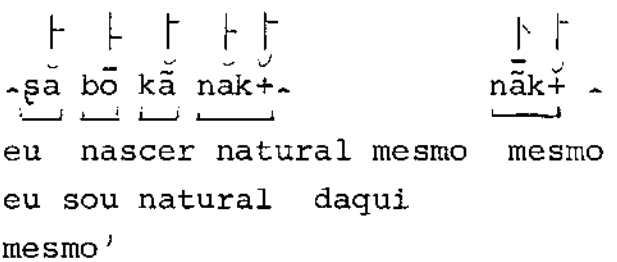


D) Movimento constituído em razão de um processo enfático que se utiliza da duração:

Texto 1 TF (1)



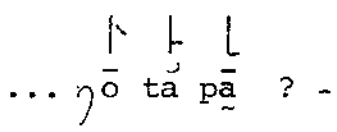
TF (6)



TF_2

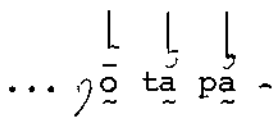
Texto 2

TF_3 (1, 2)

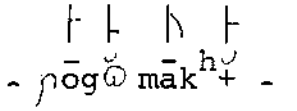


Ngutapa

TF_2 (1, 2)

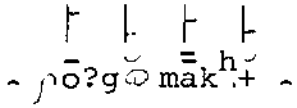


TF_2 (18)



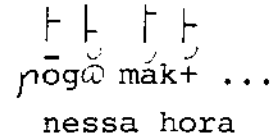
nessa hora

TF_3 (18)



nessa hora

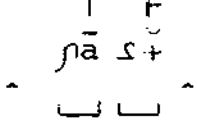
TP (18)



nessa hora

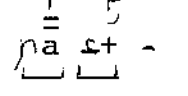
Texto 3

TF_3 (4)



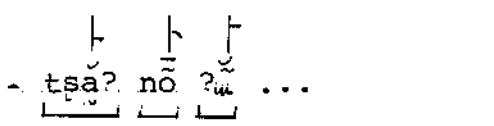
paca e

TF_2 (4)



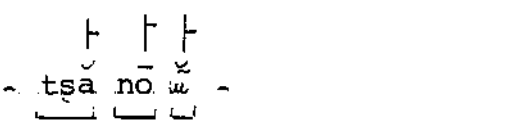
paca e

TF_2 (27)



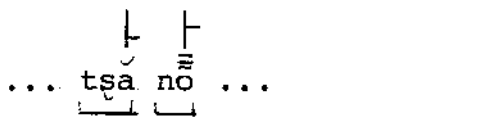
lp-colocar-nominalizador

TF_3 (27)



lp-colocar-nominalizador

TP (27)

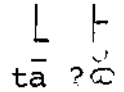


lp-colocar

Esse tipo de movimento é encontrado, como mostra uma boa parte dos dados, como uma alternativa ao ultra-alongamento, sendo ambos recursos de expressividade.

E) Movimento com possibilidades distintivas

Devido às escolhas lexicais feitas pelos falantes, nos grupamentos fonológicos não se apresentaram movimentos no plano da altura que pudessem constituir uma prova da oposição entre tons de nível e tons de contorno. Em itens lexicais isolados essa prova aparentemente existe para alguns itens, como



'poraquê'

tā̰ ʔω̌ 'tucano'

e corre o risco de se desvanecer em outros itens isolados para os quais já foi proposto um tom de contorno: (Os dados abaixo estão acompanhados daqueles lhes correspondem em Anderson 1959 ou Montes 1987) [92]

(1) a. tʂīpǎ 'eu estou enxuto' (cf. Anderson $\check{c}i_{3-5}$ pa_{2})

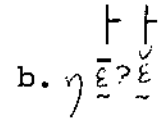
b. tʂǐpā 'eu estou cansado' (cf. Anderson $\check{c}i_{3}$ pa_{5})

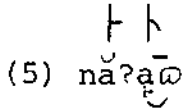
(2) a. nǎdʐā 'ele é pesado' (cf. Anderson na_{2} $\check{j}a_{2-3}$)

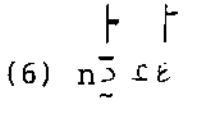
b. nǎdʐā / nǎdʐā 'ele cresce' (cf. Anderson na_{2} $\check{j}a_{4}$)

(3) pɔ̄ɾǐ 'tabaco' (cf. Montes [po^{2} rɩ$^{2-5}$] 'tabaco' versus [po^{4} rɩ^{3}] 'batata doce')

(4) a. ŋɛ̌ɛ̰̄ 'mulher' (cf. Anderson ŋe_{3}ʔe_{4} 'mulher')

b.  'guariba' (cf. Anderson $\eta e_{3-5}\ ?e_3$ 'guariba')

(5)  'ele é preguiçoso' (cf. Anderson $na_2?o_{3-5}$ 'ele é preguiçoso)

(6)  'pouco(s)' (cf. Anderson $no'_{3-5}\ re_2$ 'alguns')

O par de itens em (1) apresenta, ao lado da diferença observada quanto à presença/ausência de movimento no plano da altura, uma diferença em termos de duração, coincidindo o contorno com a duração longa no item referente a 'estou enxuto', e a altura de nível com a duração breve no item referente a 'estou cansado'. Tal coincidência se vê acrescida do fato de que o contorno se aplica à vogal de marcador de pessoa que, quando não associada ou fundida com o que é parte de um outro morfema ou mesmo todo um outro morfema, é sempre breve em formas verbais.[93] A existência de uma sílaba longa associada a contorno no plano da altura em marcador de pessoa integrante de forma verbal abre, pois, caminho, para que se veja no contorno existente o resultado de uma junção de níveis de altura ligados a formas diferentes. Um tal caminho levanta problemas para a hipótese da existência fonológica de tons de contorno na língua.

Quanto ao par de itens em (2), neles os contornos podem

ter duas fontes de explicação. A sua existência pode ser expicada segmentalmente - a consoante que precede a vogal que os porta é favorecedora, como já se viu, de movimentos no plano segmental e suprassegmental. Eles também podem ser explicados através de um processo de assimilação pelo qual um tom alarga seu domínio para abarcar um tom adjacente, isto é, um processo pelo qual se dá a extensão de um único tom para além de seu domínio original. Nesse caso, os dois dados em questão teriam as suas representações e derivações exemplificadas como se segue

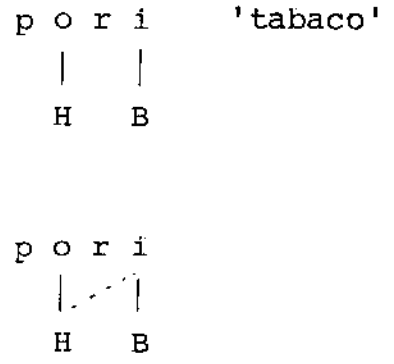
```
(2) a.  na dz̨ a                b.  na dz̨ a
         |    |                     |    |
         H    M                     H    B

        na dz̨ a                    na dz a
         |    |                     |    |
         H    M                     H    B
```

devendo ser explicado em termos puramente fonéticos o fato de que o contorno em 2b se realiza a partir de uma altura média (e não de uma altura exatamente no mesmo nível da sílaba anterior). Além disso, na hipótese de ser verdadeira a atuação do processo de assimilação mencionado, esse se caracterizaria por ser facultativo, uma vez que, como se viu em 2b, o item referente a 'ele cresce', também possui realização sem contorno. Sendo o processo facultativo, fica prevista a possibilidade de que o item referente a 'ele é pesado' também possa vir a ser

realizado sem contorno - o que se daria, como deixam ver os dados, sem prejuízo das distinções mantidas no léxico.

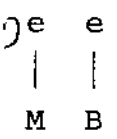
É possível aplicar a (3) a mesma hipótese de existência de um processo de assimilação pelo qual se alarga o domínio de um tom para abarcar o tom adjacente. Se o processo opera, obtém-se o item referente a 'tabaco' tal como o registrou Montes. Representação e processo estão ilustrados abaixo (observando-se que aqui não está em causa a derivação do nível de altura com que se realiza aquele que é ponto terminal do contorno):



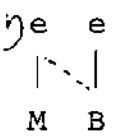
Não operando o processo em questão, obtém-se o mesmo item tal como eu o registrei (continuando válida aqui a observação feita quanto à realização do último nível de altura do item).

Se é difícil a manutenção da hipótese da existência fonológica de tons de contorno na língua ao serem observados os primeiros itens da lista apresentada, a situação de dificuldade da hipótese não muda quando se passa para os itens restantes. Em (4)a, o contorno - efetuado em sílaba breve - não foge às características da assimilação vertical, processo pelo

qual um tom assimila parcialmente ou vai parcialmente na direção de um tom b sem que seu domínio segmental se altere:[94]



'mulher'



Facultativo, esse processo pode não se concretizar, como acontece em dado correspondente de Anderson. Em (4)b, enquanto no nosso registro não há presença de contorno, no de Anderson o contorno é presença necessária. Sem poder ser explicado pela atuação de um processo de assimilação tonal, o contorno no dado de Anderson pode, entretanto, possuir uma outra origem. Essa pode ser encontrada se se comparam os seus dados referentes a 'guariba' e 'alguns', que repetimos abaixo, com outros de seus dados que exibem o mesmo tipo de contorno (o sinal de apóstrofo nos dados de Anderson indica laringalização da vogal):[95]

ɲ e $_{3-5}$? e$_3$ 'guariba'

n o'$_{3-5}$ r e$_2$ 'alguns'

d e$_{3-5}$? a$_1$ 'água'

n a_{3-5} ? $\tilde{+}_3$ 'tipo de animal'

t o_{3-5} ? $+_3$ 'macaco branco'

η^{e} $_{3-5}$? e_3 n $+_3$ 'tipo de gavião'

Os dados acima possuem alguns pontos em comum: o contorno em foco se apresenta em vogal que, segundo a análise fonêmica de Anderson, é de realização aberta[96]; a oclusão glotal se faz presente; a sílaba seguinte àquela com contorno exibe vogal com tom não-baixo.

O contorno em questão pode ser visto como uma dissimilação tonal parcial. Tal dissimilação não estaria relacionada à impossibilidade de realização de certos níveis de altura em sucessão, já que, de acordo com os dados de Anderson, as sequências tonais

3 - 1 exs.: ta_3ra_1 'facão de mato'

3 - 2 ku_3pi_2 'tipo de peixe'

3 - 3 $\check{c}anu$ $_{3\ 3}$ 'estou zangado'

3 - 5 $\check{c}a_3jo_5$ 'corto com tesoura'

5 - 3 i_5'$?e_3$ 'zarabatana'

são sequências permitidas. A dissimilação tonal aqui estaria relacionada a uma conjunção de fatores que incluem não só os níveis de altura das sílabas em contato (o nível da primeira sílaba é médio e o da segunda não é baixo), mas também a duração longa da primeira sílaba e a presença da oclusão glotal que, em função das suas possibilidades enquanto depressor da altura, pode criar condições para a inserção de um tom baixo associável à vogal precedente.[97] Visto como dissimilação tonal parcial, o contorno em questão não necessita fazer parte da representação subjacente de certos itens lexicais.

Com relação ao dado ainda não mencionado de nossa lista,

(5) nã?ã 'ele é preguiçoso'

o contorno coincide com a existência de movimento no plano segmental ligado à silabificação/ressilabificação. Quanto ao dado correspondente de Anderson,

$na_2\ ?\ o_{3-5}$ 'ele é preguiçoso'

pode-se considerá-lo tomando-se por base alguns dos seguintes pontos:

. a correspondência entre /a/ e /o/ - vista na comparação dos dois dados - é algo que parece comum na língua: em nossos dados, diferentes falantes e até um mesmo falante podem alternar as duas vogais para produzir um mesmo item; por exemplo:

```
   ⊢ ⊢
[ mãɾ+ ]      'jã'

   ⊢ ⊢
[ mɔ̃ɾ+ ]     'jã'
```

. o ditongo [a͡ʊ̯], de acordo com a nossa análise, é sempre ditongo sequencial, fruto de processo de silabificação/ ressilabificação; isso significa que ele não pode ser visto como resultado de ditongação espontânea;

. ainda de acordo com a nossa análise, há restrições que impedem que seguências como [o͡ʊ̯], [ɔ͡ʊ̯] façam parte da mesma sílaba.

Com esses pontos, é possível pensar em uma modificação da forma

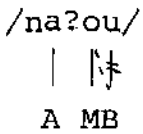
```
/na?au/     'ele é preguiçoso'
  | ||
  A MB
```

de modo que, para certos falantes, ela passasse a ser

```
/na?ou/
  | ||
  A MB
```

e, assim acontecendo, estaria criado um problema para a sequên

cia vocálica final do item. Impedida de permanecer na mesma sílaba, essa sequência sofreria redução, com a eliminação do último segmento e a reassociação do tom a ele ligado:

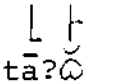


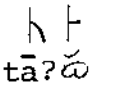
Com isso, estaria derivado o dado de Anderson

$na_2?o_{3-5}$ 'ele é preguiçoso'

e, mais uma vez, criado um embaraço para a hipótese de tons fonológicos de contorno na língua.

Por fim, o próprio par





que, em nossos dados, é uma prova aparentemente insuspeita da oposição entre tons de nível e tons de contorno, se torna ele próprio suspeito na medida em que, em face da existência na língua de um processo de dissimilação tonal parcial, não seria despropositado propor para os dois itens lexicais em questão formas básicas como

/ta?u/ 'poraquê'
| |
B M

/ta?u/ 'tucano'
| |
M M

ficando a última sujeita a processo de dissimilação tonal.

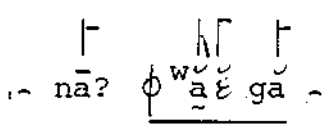
Independentemente do fato de os movimentos no plano da altura poderem ser reunidos em tipos de movimento, todos eles participam de uma mesma revelação, qual seja, a de que o seu lugar preferencial de realização é a sílaba longa. A isso acrescente-se que mesmo a revelação de movimentos em sílaba breve tem, na sua base, uma motivação temporal: exemplos existem em que sílabas longas portadoras de movimento na altura, como se vê em

Texto 1 TP (4) ˗ tă mă nā ɸʷā̰ɛ̆ gă ...

negação 3p - ter conhecimento

se apresentam, em função de uma determinada organização temporal, como breves, mas, ainda assim, mantendo-se como portadoras de movimento na altura, como se vê em

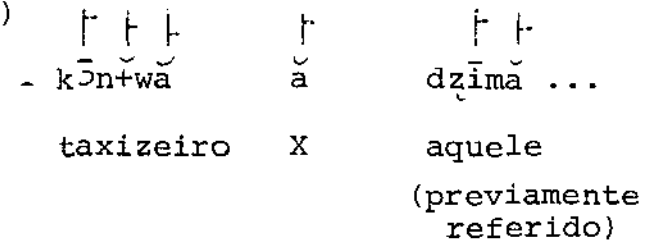
Texto 1 TF(4)



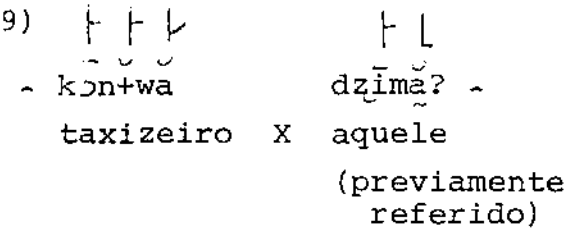
3p - ter conhecimento

exemplos também existem em que é a eliminação de um tempo breve - associado a um segmento - que leva à constituição de movimento na altura em sílaba breve, através da reassociação tonal:

Texto 2 TF_1 (8, 9)



TF_3 (5, 6, 7, 8, 9)



Exemplos assim dão os primeiros indícios da relação entre altura e duração. Nessa relação, a duração se coloca como o elemento condutor, que propicia e/ou revela determinadas manifestações no plano da altura.

2.2.1.4.3 - Segmentos Vocálicos

De maneira semelhante ao que se passa no plano da altura, os segmentos vocálicos são constituidores de melodias que, por sua vez, se tornam uma fonte para a constituição de padrões rítmicos. Ao contrário, porém, do que se vê no plano da altura, não há uma extensão-limite sobre a qual operem melodias específicas. Esse fato se deve à inexistência de restrições quanto à combinabilidade, no interior de um determinado domínio, dos elementos que fornecem a base para a constituição de melodias. Esses elementos pertencem a um único parâmetro articulatório e acústico - a altura/abertura vocálica - e a ausência de restrições quanto à sua combinabilidade se evidenciam a seguir.

De acordo com o que se viu na seção anterior, a altura vocálica pode ser organizada em registros e sub-registros a partir da utilização do traço abertura. Repetimos abaixo a organização resultante da utilização do traço abertura:

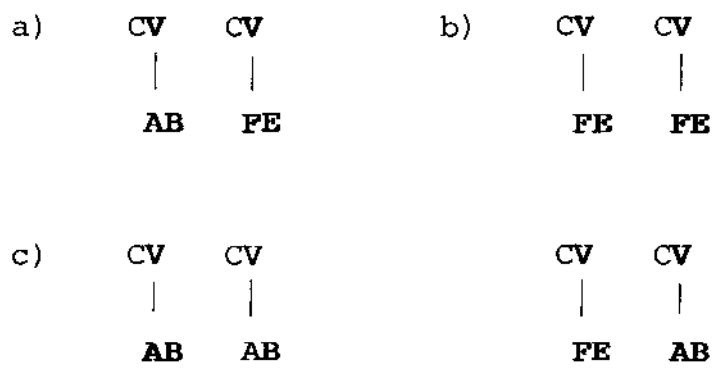
/i/	/u/	/+/	/o/	/e/	/a/	
i	u o	ɯ ɤ ɨ ɐ	ɔ	ɛ	a	
- -	- - -	- - - -	-	-	+	aberto 1
- -	- - -	- - - -	+	+	+	aberto 2

Com essa organização, há segmentos que constituem uma classe por compartilharem valor positivo quanto a um dos traços de abertura, enquanto uma outra classe é constituída por segmentos que compartilham valor negativo para quaisquer dos

dois traços de abertura. Chamemos aos segmentos da primeira classe de abertos e aos da segunda de fechados. Segmentos abertos se combinam a segmentos fechados na constituição de melodias formadoras de padrões rítmicos. Vejamos como isso se dá no interior de domínios cuja extensão coincide com agrupamentos fonológicos de duas e três sílabas. Em princípio, chamemos os padrões melódicos constituídos por sobre duas sílabas de binários e de ternários aqueles que se constituem por sobre três sílabas.

Padrões Binários

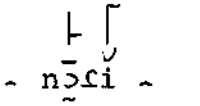
Aqui as melodias vocálicas alternam ou repetem aberturas vocálicas conforme as seguintes possibilidades (AB = aberto , FE = fechado):



Como exemplos dessas possibilidades estão:

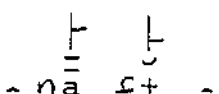
CV CV
| |
AB **FE**

Texto 1 TF (1)



primeiro

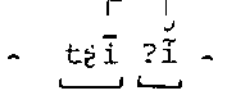
Texto 3 TF_2 (4)



paca e

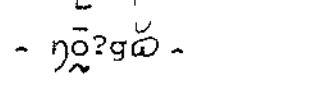
CV CV
| |
FE **FE**

Texto 1 TF (3)



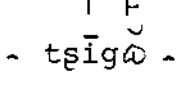
eu - ser

Texto 2 TF_1 (15, 16)



possibilidade

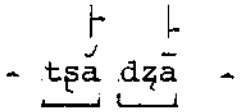
Texto 3 TF_2 (3)



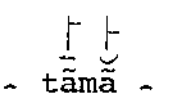
cutia

CV CV
| |
AB AB

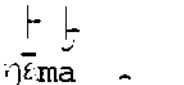
Texto 1 TF (2)



TF (4)

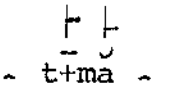


TF (7)

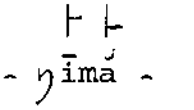


CV CV
| |
FE AB

Texto 2 TF_1 (1)

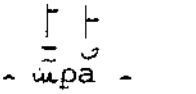


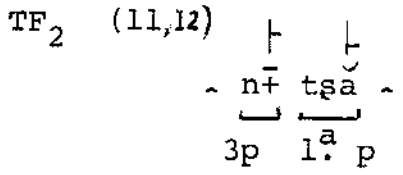
TF_3 (14)



Texto 3

TF_2 (3)





Padrões Ternários

Padrões ternários são constituídos com base na melodia vocálica a partir das seguintes possibilidades:

a) CV CV CV
| | |
FE FE AB

b) CV CV CV
| | |
AB AB FE

c) CV CV CV
| | |
AB FE FE

d) CV CV CV
| | |
FE AB AB

e) CV CV CV
| | |
FE AB FE

f) CV CV CV
| | |
AB FE AB

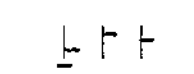
g) CV CV CV
| | |
FE FE FE

h) CV CV CV
| | |
AB AB AB

Exemplos dessas possibilidades são encontrados em:

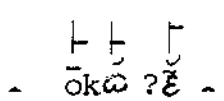
CV CV CV
| | |
FE FE AB

Texto 1 TF (1)



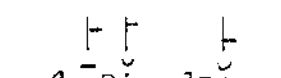
antigo

TF (11)



conselho

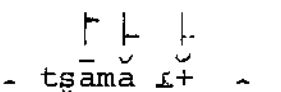
Texto 3 TF_2 (16)



um X

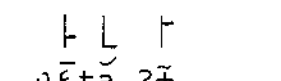
CV	CV	CV
|	|	|
AB	**AB**	**FE**

Texto 1 TF (2)



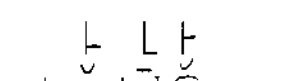
eu tópico

TF (11)



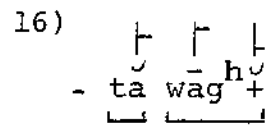
onde nominalizador

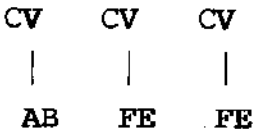
TF (13)



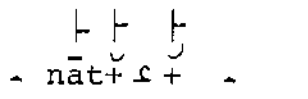
lp - sem mãe

Texto 2 TF_1 (15, 16)

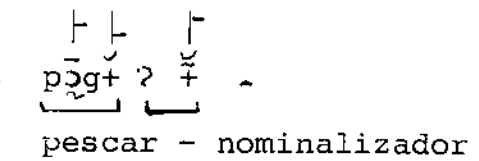




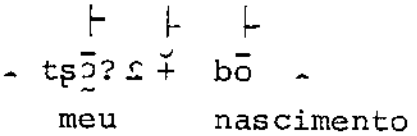
Texto 1 TF (2)



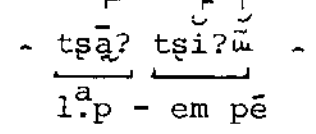
TF (7)



TF (5)



Texto 3 TF_2 (13)



CV CV CV
| | |
FE AB AB

Texto 2 TF_2 (1, 2)

- ŋōtăpă -
Ngutapa

TF_3 (10, 11, 12)

- dẓīmă wă -
aquele locativo
(previamente referido)

TF_1 (17)

- tɨ̄mă mă -
3p com
íntima

Texto 3 TF_3 (1, 2, 3)

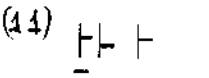
- ŋōmăta -
agora

TF_3 (1, 2, 3)

- ĭ tsāma -
X eu

CV CV CV
| | |
FE AB FE

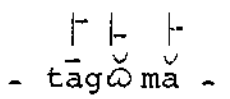
Texto 1 TF (11)



- tãoma -

negação

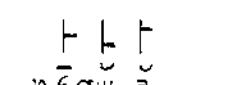
TF (12)



- tãgω̆mă -

nunca

Texto 3 TF_2 (7)



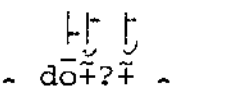
- ŋɛ̃gɯ̆ă -

dêitico

(aí; quando)

CV	CV	CV
FE	FE	FE

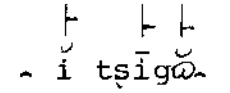
Texto 1 TF (4)



- dõ̃ʔ̃ -

pessoa

Texto 3 TF_2 (27)

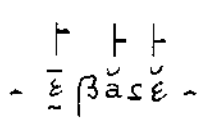


- ĭ tʂĩgω̆ -

X cutia

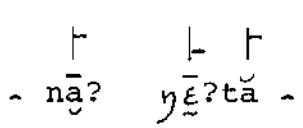
CV	CV	CV
AB	AB	AB

Texto 1 TF (8)



Évare

Texto 3 TF_2 (15)

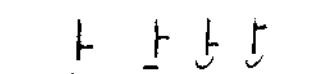


para onde

Diante da inexistência de restrições quanto à combinabilidade de vogais abertas e fechadas no interior de agrupamentos fonológicos cuja extensão vai de duas a três sílabas, sempre se poderá encontrar em domínios mais extensos a reprodução, a combinação e mesmo a superposição de padrões já apresentados, sem que se tenha uma visão clara de qual ou quais padrões rítmicos estão sendo efetivamente explorados com base na abertura vocálica. Esse fato nos deixa diante da constatação de que a abertura vocálica, se é a base constituidora de melodias elas próprias fontes de padrões rítmicos, não é capaz de, sozinha, servir à constituição de padrões rítmicos de maneira clara e precisa. Essa constituição, quando passa pela abertura vocálica, passa de maneira a combiná-la à duração e/ou à altura. Os exemplos que damos a seguir são uma prova disso. Deles procuramos extrair as proeminências e/ou repetições de motivos em cada um dos planos estudados - altura, duração e segmentos vocálicos - de modo a que se pudesse ter uma visão integrada do ajuste existente entre os elementos pertencentes a cada um dos planos em foco na constituição de padrões rítmicos (a proeminência e/ou repetição de motivo em cada plano é

marcada com um asterisco; as sílabas de cada um dos esquemas construídos a partir dos exemplos são referidas através de números arábicos):

a) **Texto 1** TF (1)



- i ŋɛ̄gɷma -

X dêitico

'quando'

Plano da altura: reprodução de padrão binário

Plano da duração: padrão quaternário (tipo de peão) com proeminência na 2ª. sílaba, a contar da esquerda, ou na 3ª. sílaba, a contar da direita

Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

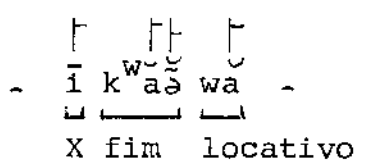
CV	CV	CV	CV
FE	AB	FE	AB

Esquema rítmico: binário

	*		*	Altura
	*			Duração
	*		*	Segmentos vocálicos
1	2	3	4	

BIBLIOTECA GERAL

b) **Texto 2** TF_1 (5)



Plano da altura: saliência na terceira sílaba, a contar da esquerda, ou na 2ª. sílaba, a contar da direita (obs.: uma altura se torna saliente pelo fato de ser única dentro de um agrupamento fonológico);

Plano da duração: padrão quaternário (peão), com proeminência na 1ª. sílaba, a contar da esquerda, ou na 4ª. sílaba a contar da direita;

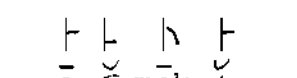
Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

CV	CV	CV	CV
FE	AB	FE	AB

Esquema rítmico: binário

		*		Altura
*				Duração
*		*		Segmentos vocálicos
1	2	3	4	

c) **Texto 2** TF_2 (18)



nessa hora

Plano da altura: . saliência na 3ª. sílaba, a contar da esquerda, ou na 2ª. sílaba, a contar da direita (saliência obtida através de movimento iniciado em nível meio-alto-único dentro do agrupamento fonológico);

. reprodução de padrão de duas alturas através de seu espelho, se levado em consideração no contorno apenas o ponto terminal (⊢ ⊦ ⊦ ⊢); o modelo e o seu espelho têm início, respectivamente, na 1ª. e 3ª. sílabas, a contar da esquerda, ou na 2ª. e 4ª. sílabas a contar da direita;

Plano da duração: dois troqueus (- ⏑)

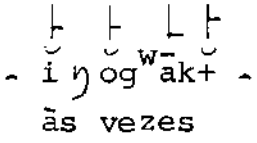
Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

CV	CV	CV	CV
FE	FE	AB	FE

Esquema rítmico: binário

```
*     *      Altura
*     *      Duração
      *      Segmentos vocálicos
1  2  3  4
```

d) **Texto 3** TF_2 (4)



Plano da altura: nivelamento em duas sílabas (as duas iniciais ou as duas finais, conforme se olhe da esquerda ou da direita); nível extremo de altura com ocorrência na 3ª. sílaba, a contar da esquerda, ou na 2ª. sílaba, a contar da direita;

Plano da duração: um tipo de peão, cuja sílaba longa é a 3ª., a contar da esquerda, ou a 2ª., a contar da direita;

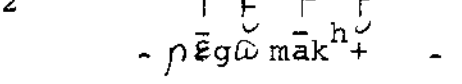
Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

```
CV   CV   CV   CV
|    |    |    |
FE   FE   AB   FE
```

Esquema rítmico: quaternário

* Altura
* Duração
* Segmentos vocálicos
1 2 3 4

e) **Texto 2** TF_2 (18)



nesse momento

Plano da altura: saliência, através de nível de altura em plano alto, na 1.ª sílaba, a contar da esquerda, ou na 4.ª sílaba, a contar da direita;

Plano da duração: dois troqueus

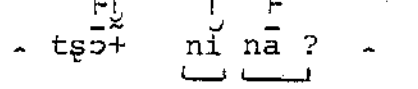
Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

CV	CV	CV	CV
AB	**FE**	**AB**	**FE**

Esquema rítmico: binário

* Altura
* * Duração
* * Segmentos vocálicos
1 2 3 4

7) **Texto 2** TF_1 (5)



Plano da altura: dois padrões binários, com o segundo padrão sendo finalizado em nível de altura idêntico ao do primeiro;

Plano da duração: um troqueu (- ∪) e um iambo (∪ -), isto é, um padrão representa a inversão do outro;

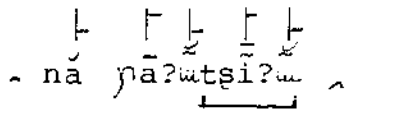
Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

CV	CV	CV	CV
AB	FE	FE	AB

Esquema rítmico: binário

* * Altura
* * Duração
* * Segmentos vocálicos
1 2 3 4

g) Texto3 TF_2 (23)



Plano da altura: reprodução de um padrão binário que tanto pode ser lido a partir da esquerda (⌊ ⌈ ⌊ ⌈) , quanto a partir da direita (⌈ ⌊ ⌈ ⌊); conforme o ângulo de leitura, um dos níveis de altura - o último à direita ou o último à esquerda - será abandonado.

Plano da duração: são encontrados dois troqueus, (- ˘), desde que a 1ª sílaba à esquerda seja abandonada, ou dois iambos (˘ -), desde que a última sílaba à direita seja deixada de lado;

Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

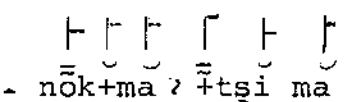
CV	CV	CV	CV	CV
|	|	|	|	|
AB	AB	FE	FE	FE

Esquema rítmico: binário

	*		*		Altura			*		*			Altura
	*		*		Duração	ou		*		*			Duração
	*		*		Segmentos vocálicos			*		*			Segmentos vocálicos
1	2	3	4	< 5 >			< 5 >	4	3	2	1		

(Obs.: o sinal < > indica sílaba não - considerada para efeito de constituição do padrão rítmico).

h) **Texto 1** TF (7)



Plano da altura: há dois padrões de altura diferenciados distribuindo-se por sequências de 3 sílabas; a saliência do primeiro padrão (⊦ ⊦ ⊦) recai na primeira sílaba (a contar da esquerda) ou na última sílaba do agrupamento fonológico (a contar da direita), relacionando-se a saliência à ocorrência única de um nível de altura (⊦) no interior do padrão em foco; a saliência do segundo padrão (⌜ ⊦ ⊦) recai na 4ª. sílaba (a contar da esquerda) ou na 3ª. sílaba do agrupamento fonológico (a contar da direita), relacionando-se a saliência à elevação do nível de altura de uma das extremidades (⌜) em face do nível de altura da outra extremidade (⊦) ;

Plano da duração: dois dátilos (- ◡ ◡)

Plano dos segmentos vocálicos: constituição da melodia

CV	CV	CV	CV	CV	CV
|	|	|	|	|	|
FE	**FE**	**AB**	**FE**	**FE**	**AB**

Esquema rítmico: ternário

*			*			Altura
*			*			Duração
*			*			Segmentos vocálicos
1	2	3	4	5	6	

Em quase todos os exemplos acima a abertura vocálica surge como matéria para o ritmo a partir da sua conjugação à duração e/ou à altura. Em a) e b) ela se conjuga à altura, e, em função disso, pode-se falar em uma melodia (FE AB) (FE AB), isto é, em uma melodia com disposição binária. Em c), a abertura vocálica se combina, de maneira não-iterativa, à altura e à duração, e, assim, não dando margem à exploração no plano dos segmentos vocálicos de um movimento rítmico que acompanhe aquele desenvolvido nos dos demais planos, a abertura vocálica funciona, no exemplo em questão, apenas como um reforço à saliência de um dos padrões constituído com recursos dos dois outros planos (altura e duração). Em d), um padrão quaternário é identificado através de altura, duração e abertura vocálica conjugados, podendo-se então falar em uma melodia (FE FE AB FE) que acompanha o movimento rítmico desenvolvido nos dois outros planos. Em e), a abertura vocálica está conjugada à duração, o que dá margem à constituição, no plano dos segmentos vocálicos, de melodia com disposição binária - (AB FE) (AB FE). Nos exemplos restantes, apresenta-se a conjugação dos elementos pertencentes aos três planos e uma consequente participação da melodia vocálica na construção do ritmo: é em

função da associação da abertura vocálica à duração e à altura que, por exemplo, pode-se apontar a existência de uma melodia vocálica binária invertida em f) - (AB FE (FE AB) - e de uma melodia ternária repetida em h) - (FE FE AB) (FE FE AB). Quanto a 9), a melodia vocálica muda conforme a direção que se assuma para a constituição do padrão rítmico: se os padrões binários em jogo em g) são vistos como constituídos da esquerda, a melodia vocálica será (AB AB) (FE FE); se os padrões em questão são vistos como tendo a sua constituição iniciada à direita, a melodia será (AB FE) (FE FE). E, como a melodia vocálica serve ao ritmo de maneira não-primária (isto é, ela não é o elemento primeiro ao qual se liguem os elementos dos demais planos), não cabe recorrer à ela para solucionar a ambiguidade direcional da constituição de padrões rítmicos em Tikuna.

Por fim, não sendo encontrada no plano dos segmentos vocálicos a base da organização rítmica da língua, essa deve ser buscada naqueles planos aos quais os segmentos vocálicos se conjugam. É a partir da relação entre altura e duração, portanto, que se poderá fazer afirmações sobre a organização de padrões rítmicos na língua.

2.2.1.5 - Relações entre Características Fonéticas

2.2.1.5.1 - Relações com base na análise auditiva

Nas seções anteriores, a observação, realizada no domínio do agrupamento fonológico, de características fonéticas como altura e duração, além da observação de um elemento que participa da composição dos segmentos vocálicos (a abertura vocálica), nos deixou diante de determinados fatos que convém resumir, antes que passemos à questão da construção da estrutura rítmica do Tikuna.

Os primeiros fatos nos vêm do plano da altura. Nesse plano, viu-se que há um limite com relação à distribuição de dois níveis de altura por sobre um determinado número de sílabas: esse limite está situado abaixo da sequência de cinco sílabas, dada a impossibilidade de um conjunto de cinco sílabas apresentar um desenho melódico próprio e criador de expectativas fundado na relação de duas alturas. Em sequências com quatro sílabas relacionadas a dois níveis de altura, constatou-se a existência da reprodução clara de padrão binário ou, quando não foi clara essa reprodução, a existência de um repertório restrito de combinações de altura traduzíveis em termos de obediência a um esquema ainda binário ou a um esquema ternário. Em sequências com número superior de sílabas, o que surge como realidade é que aí a instauração de um ritmo fundado na altura depende da combinação de elementos básicos. Ainda no plano da altura, foi possível encontrar, em agrupamentos fonológicos

acima de cinco sílabas, desenhos melódicos que, identificados em domínios com um número menor de sílabas, apontam para um universo de coincidências e correspondências e, ao mesmo tempo, para a realidade de uma composição no plano da altura. Relacionada a essa composição, tem-se a revelação de que, quando estão em jogo três níveis de altura, há uma extensão fonológica que determina a existência daquele que é o espaço de coincidências e correspondências de desenhos melódicos. Essa extensão coincide com um limite de três sílabas. Por fim, como a ampliação da extensão do agrupamento fonológico para além do limite de três sílabas nos revela um mesmo universo - que é de correspondências, coincidências e inclusões; que é resultante de uma composição -, a realidade que esse universo funda permite o surgimento da sensação do retorno de um mesmo tipo de padrão melódico a espaços regulares de tempo.

No que diz respeito aos fatos vindos do plano da duração, os padrões duracionais são dependentes da quantidade das sílabas. Nos padrões duracionais estabelecidos e que são construídos através da combinação, na maior parte das vezes, de uma sílaba longa a uma ou mais sílabas breves, a sílaba longa possui núcleo com duas unidades temporais - uma afirmação que se aplica a núcleos longos que contêm vogal que não exige ditongação ou vogais que o integram por efeito de processo de silabificação/ressilabificação. Além disso, como é possível vincular ao tempo de um dado segmento consonantal o ponto de menor sonoridade transcrito como início de um movimento vocálico, um núcleo silábico longo termina por admitir somente ditongos de-

crescentes, sejam eles segmentais ou sequenciais. Em outros termos, dois segmentos associados a duas unidades temporais conferem à sílaba, a partir de seu núcleo, um perfil de sonoridade descendente. A sílaba longa em Tikuna, entretanto, não se esgota na composição do núcleo. Levando-se em conta ainda as relações de sonoridade entre os elementos da sílaba, chegou se à postulação de uma rima ramificante possuidora quer de três tempos (dois tempos no núcleo, um tempo na coda), quer de dois tempos (um tempo no núcleo, um tempo na coda). Uma decisão quanto à utilização de tempo na coda foi tomada com base na própria definição do elemento não-pico opcional do núcleo, que deve ter a sua posição na camada temporal dominada exclusivamente pelo núcleo da sílaba. Como em Tikuna o elemento não-pico opcional do núcleo associado a segmento com nível zero de sonoridade (a oclusão glotal) possui possibilidade de dominação por duas sílabas - isto é, ele é ambissilábico -, o seu status é extranuclear. Os efeitos da ocupação, em função da ambissilabicidade, de um tempo de coda terminam, porém, por revelar a configuração de peso silábico privilegiada na língua: não havendo uma relação de exclusão entre um núcleo com dois tempos e a presença de uma coda, há, no entanto, uma caracterização privilegiada da sílaba longa como sendo aquela que é constituída de um núcleo com dois nódulos temporais ou de um núcleo com um nódulo temporal acompanhado de um tempo de coda preenchido. Em outras palavras, a caracterização privilegiada de uma sílaba longa se dá nos termos ou de uma ramificação no interior do núcleo ou de uma ramificação a partir da ri

ma. A ramificação no interior do núcleo pode-se dar a partir do pico (pico com dois nódulos temporais - caso de vogal longa) ou a partir do próprio núcleo (o pico comporta um nódulo temporal e o pós-pico um outro nódulo temporal - caso dos ditongos). A ramificação a partir da rima reserva um nódulo temporal para o interior do núcleo e um outro para a coda. De acordo com as tendências observadas na língua, a ramificação da rima (núcleo + coda) está diretamente relacionada à existência de uma ramificação no interior do núcleo, de tal forma que, existindo essa última, a primeira tenderá a ser eliminada. De uma forma ou de outra, o peso de uma sílaba longa em Tikuna poderá ser capturado através da idéia de ramificação, quer essa ramificação se dê a partir do pico, do núcleo ou da rima. Uma generalização a respeito pode ser obtida através da afirmação de que o peso silábico está diretamente relacionado a uma ramificação **na** rima, sem especificação do ponto a partir do qual se dá essa ramificação. Para completar o quadro da duração em agrupamentos fonológicos, dados existem a partir dos quais é possível falar em um controle temporal de segmentos em sucessão, através de um processo de composição temporal no qual a relação entre os segmentos, não se restringindo a ramificação no núcleo ou a partir da rima, envolve consoantes em posição inicial de sílaba e ultrapassa o âmbito de uma mesma sílaba.

A sílaba longa (isto é, com ramificação **na** rima) é favorecedora de movimentos no plano suprassegmental. E, quando esses últimos aparecem em sílaba breve, não é difícil encontrar exemplos em que esse aparecimento se dá por uma motivação de

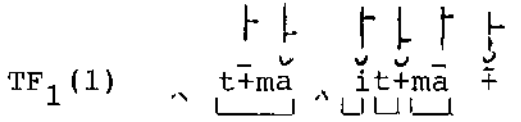
ordem temporal. Os movimentos no plano suprassegmental que têm na sua base um tal tipo de motivação constituem uma evidência a favor da visão da duração como um elemento condutor, que propicia e/ou revela certas manifestações no plano da altura.

Quanto ao plano dos segmentos vocálicos nele o parâmetro da abertura vocálica é matéria para a constituição de melodias que, no entanto, só se tornam elas próprias matéria para o ritmo quando conjugadas à altura e/ou à duração. Essa conjugação, quando efetuada, revela esquemas binários, ternários e mesmo quaternários. Apesar da revelação, ela não permite que se tenha a visão do processo de organização dos padrões rítmicos na língua. Essa visão, no entanto, pode ser alcançada se considerada a relação entre agrupamentos fonológicos e observado, à luz desses últimos, o texto produzido.

Nos agrupamentos fonológicos que são o resultado de fragmentações realizadas por mais de um falante, as relações entre eles revelam sempre os mesmos tipos de esquemas rítmicos, não importando que, em função do próprio agrupamento e da ordem impressa pelo falante aos itens lexicais por ele escolhidos, os todos fonológicos constituídos se diferenciem entre si. Vejamos como isso se dá, observando os três grandes conjuntos de exemplos abaixo, que foram retirados do segundo e terceiro textos e que têm as suas proeminências e/ou repetições de motivos assinaladas de maneira idêntica àquela introduzida na seção anterior. Ao mesmo tempo, vejamos de que a maneira a altura se relaciona com a duração.

(I)

Texto 2

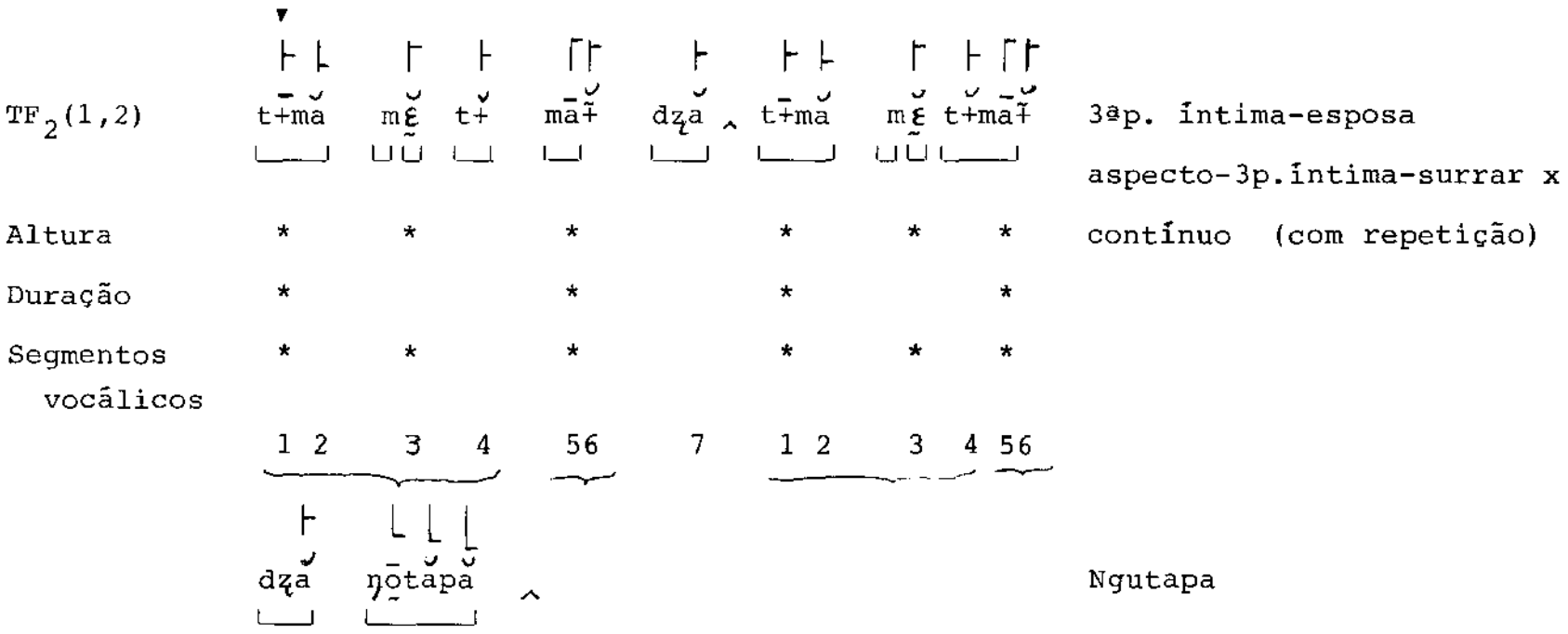


3p. íntima aspecto contínuo - 3p. íntima - surrar

(I)

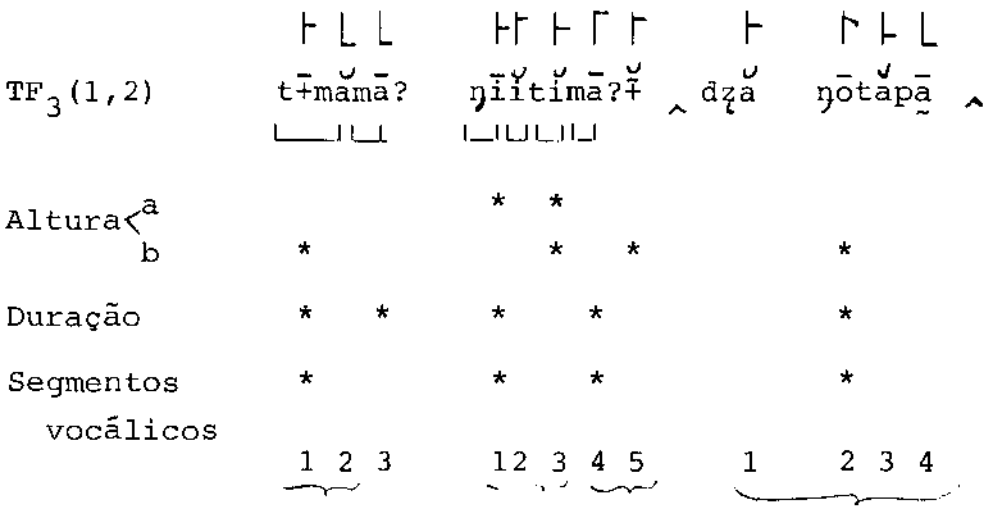
Texto 2

$TF_2(1,2)$	t+ma	mɛ̃	t+	mãɨ̃	dʐa	^	t+ma	mɛ̃	t+mãɨ̃		3ªp. íntima-esposa
											aspecto-3p.íntima-surrar x
Altura	*	*		*			*	*	*		contínuo (com repetição)
Duração	*			*			*		*		
Segmentos vocálicos	*	*		*			*	*	*		
	1 2	3	4	56	7		1 2	3	4 56		



	dʐa	ŋõtapa	^								Ngutapa
Altura											
Duração		*									
Segmentos vocálicos		*									
	7	8 9 10									

(I)



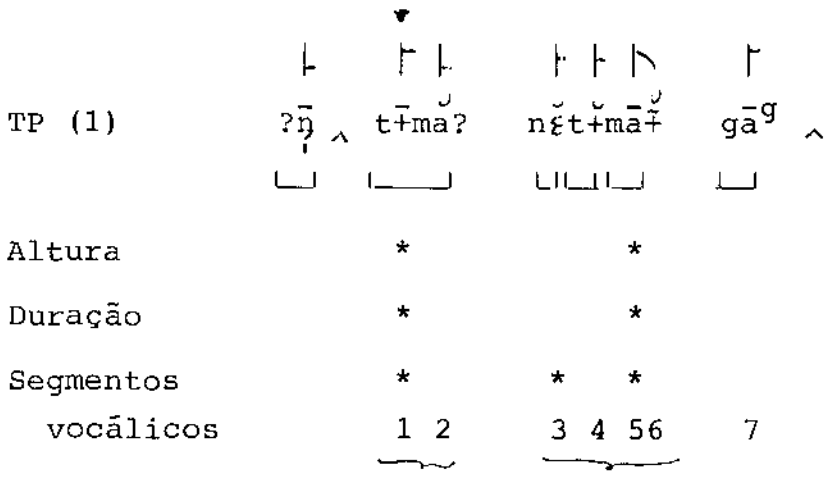
3p íntima-esposa

3p.fem.objeto aspecto-3p.íntima-surrar, contínuo

matar

x Ngutapa

(I)

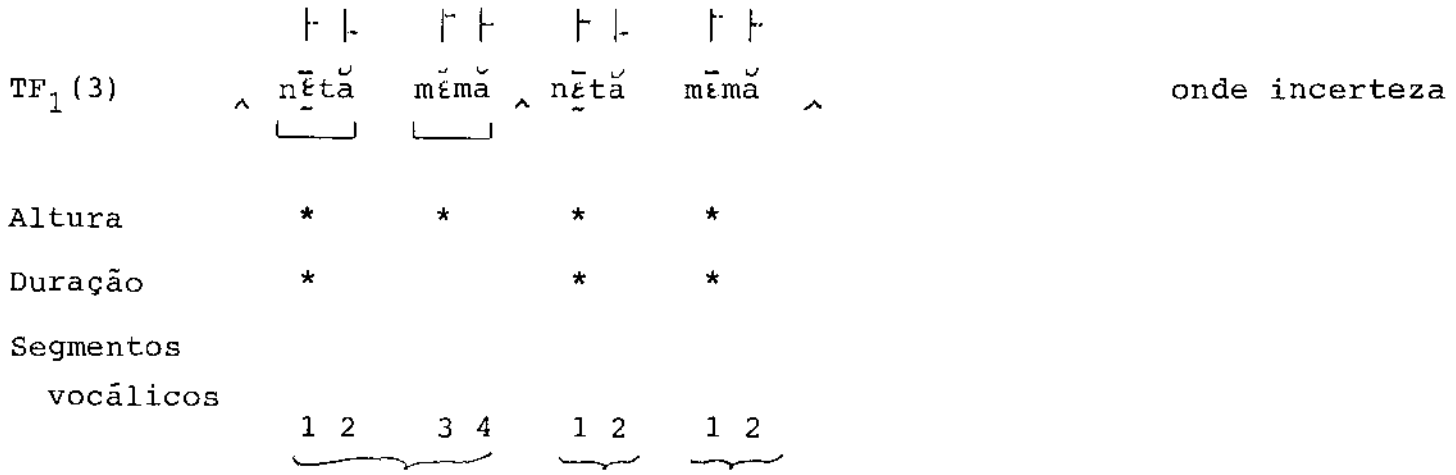


interjeição 3ªp.íntima

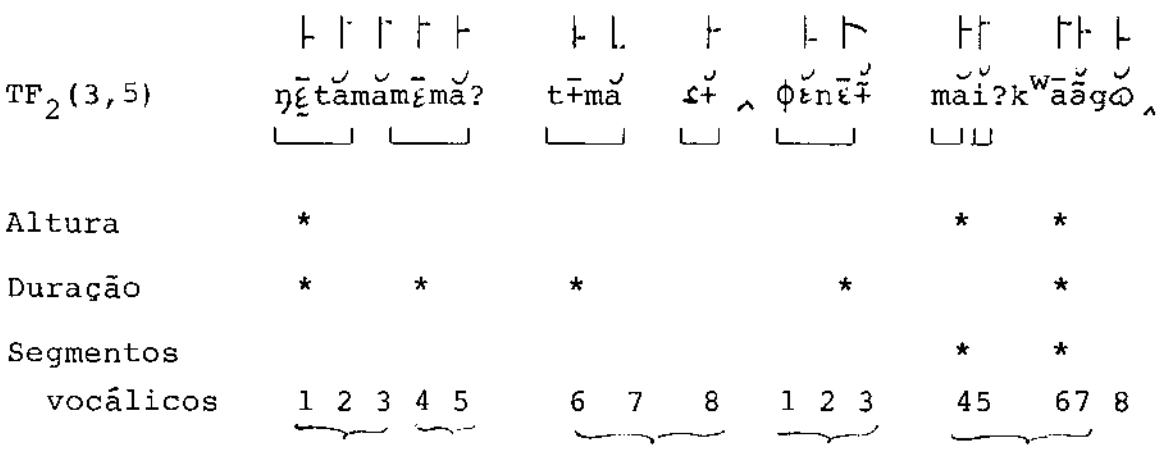
aspecto contínuo-3p.íntima-surrar x

(II)

Texto 2


TF1 (3)
nɛ̃tɐ̃ mɛ̃mɐ̃ nɛ̃tɐ̃ mɛ̃mɐ̃
onde incerteza
Altura
Duração
Segmentos vocálicos
1 2 3 4 1 2 1 2

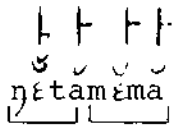
(II)


TF2(3,5)
ŋɛ̃tãmãmɛ̃mã?
t+mã
ɛ+
ɸɛnɛ̃+
mãi?kʷããgɷ̃
onde incerteza 3p.íntima tópico
caçar caminho x fim
Altura
Duração
Segmentos
vocálicos
1 2 3 4 5
6 7 8
1 2 3
45
67 8

(II)

$TF_3(3,5)$	ŋε̄tă	mε̃mă ‸	ŋε̄măĭ̆	tʸăkʷε̄nε̆	ĭ̆	gω̆ ‸	onde incerteza dêitico 3ªp.íntima caçar fim
Altura	*	*	* *	*	*		
Duração	*	*	*	*			
Segmentos vocálicos	1 2	3 4	1 23	4 5 6	7	8	

(II)

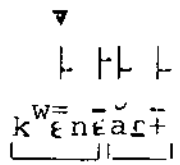
TP (3)  onde incerteza

Altura *

Duração *

Segmentos

vocálicos 1 2 3 4

TP (4)  caçar de

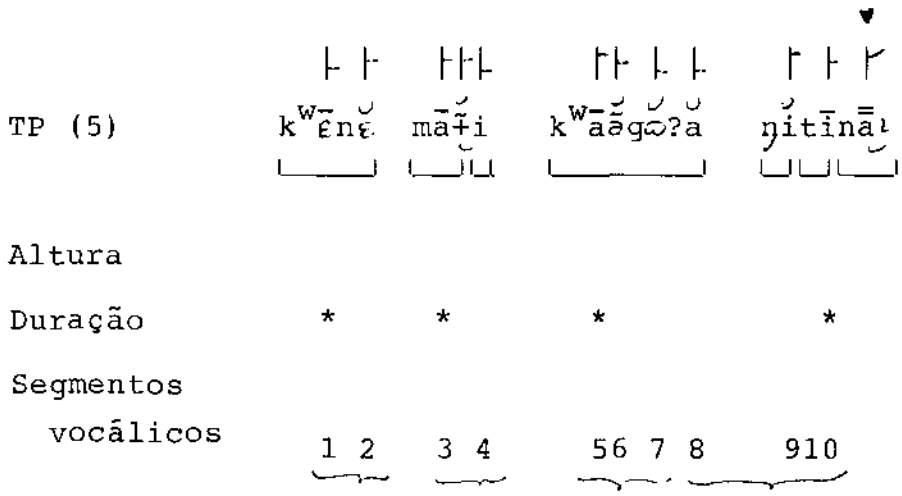
Altura *

Duração

Segmentos

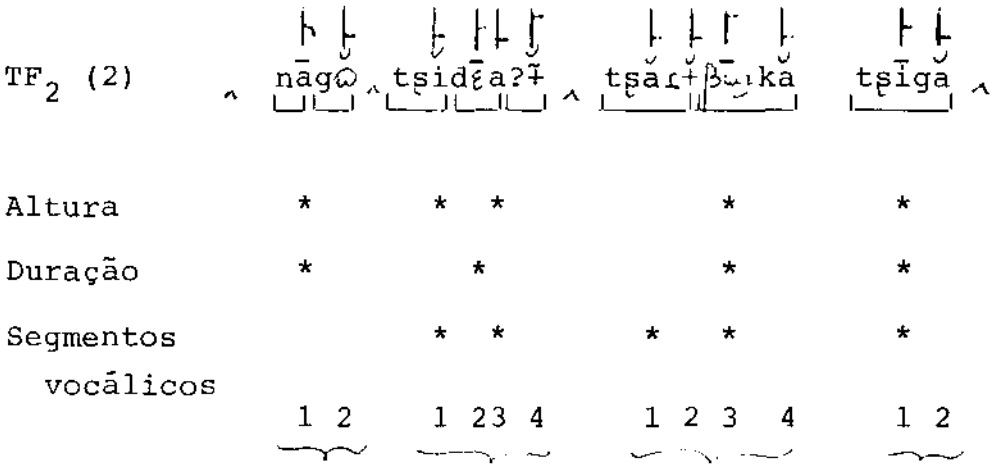
vocálicos 1 23 4

(II)


TP (5)
Altura
Duração
Segmentos vocálicos
1 2 3 4 56 7 8 910
caçar-caminho x fim 3p. - 3ªp-amarrar
fem
objeto

(III)

Texto 3



3p-locativo 1p-falar-nominalizador

meu caçar-notícia

(III)

TP (2) ^ nãgɯ̆ tʂidɛ̄ăɨ̆ tʂɔ̆ɾ̆+βə̄ɪ̆ka tʂĭăkā ^ 3p-locativo 1p-falar-nominalizador meu caçar-notícia não é mesmo?

Altura	*		*		*		*		*			*	
Duração	*			*					*				*
Segmentos vocálicos			*		*		*		*				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13

TF$_3$(1,2,3) ɲōmã̆tá ‿ ɲōmã̆tá nāgɷ̆ tsĭdɛ̄ăĭ ‿ ĭtsɔ̄ɾ̆+ βɛ̄ĭkătsĭgá

Altura * * *

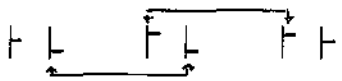
Duração * * * * * *

Segmentos vocálicos * * *

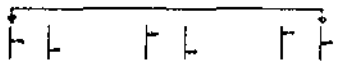
1 2 3 1 2 3 3 4 5 678 1 2 3 4 5 6 7

agora agora 3p-dentro 1p-falar x x meu caçar-notícia

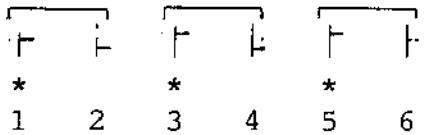
O primeiro conjunto apresentado (I) envolve fragmentações realizadas por três falantes, além do trecho de texto produzido que forneceu a base para as fragmentações. Na primeira delas ($TF_1(1)$), tem-se o desenvolvimento, no plano da altura, de um motivo construído de maneira binária: a partir de dois níveis de altura, que alternam de maneira simétrica,



e de mais um nível que fornece o ponto de abertura e de fechamento do motivo,

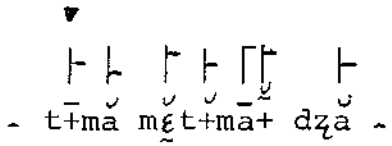


é possível reunir, em uma seqüência total de seis sílabas, pares cujo início assinala a presença de um padrão binário:

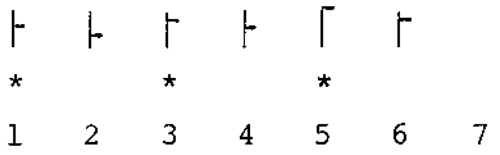


Do ponto de vista da duração, os pares de sílabas se reúnem em dois grupos: um binário e um quaternário, determinados, cada um, pela duração de uma sílaba longa e separados por pausa. À duração que determina os dois grupos se conjuga a abertura vocálica: no primeiro grupo há uma única vogal fechada e no segundo, uma única vogal aberta. Se na primeira fragmentação um padrão quaternário se segue a um binário e pode ser subdividido em dois com o recurso da altura, no trecho correspondente da segunda fragmentação

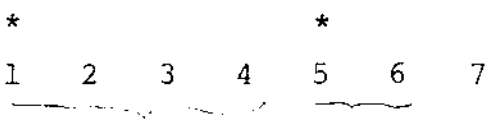
TF_2 (1,2)



a mesma situação se apresenta, mas de maneira invertida. Aí a a altura, em marcha ascendente



também constitui padrões binários, a ela se conjugando a abertura vocálica ((FE AB) (AB FE) (AB FE)). E a duração constitui, a partir da localização da sílaba longa, um padrão quaternário e um binário não separados por pausa,



comportando o padrão quaternário também uma subdivisão com base na altura. Com relação à sétima sílaba,

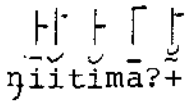
ela não se encaixa no padrão anterior e, em função disso, sua relação deve ser estabelecida com a pausa que a segue.

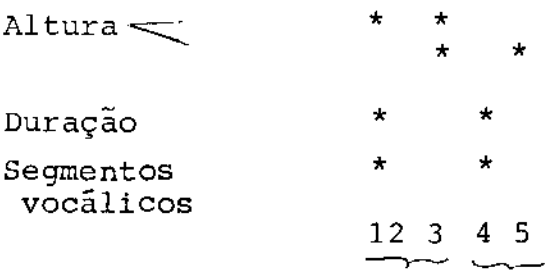
O trecho de texto produzido (TP (1)) que foi referência para as duas fragmentações mencionadas delas não se afasta substancialmente: constituído de um padrão binário e de um quater-

nário - nessa ordem -, a sua peculiaridade consiste em revelar um padrão duracional quaternário não - subdividido binariamente do ponto de vista da altura; nele o início do padrão quaternário vê o plano da altura acompanhando o da duração. E, como em uma das fragmentações anteriores, também uma sílaba ímpar

não se encaixa no padrão anterior e se relaciona com a pausa que a segue.

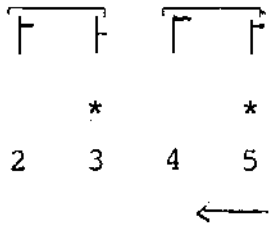
A terceira fragmentação obtida a partir do mesmo trecho de texto produzido introduz um outro padrão: ao lado de padrões binários e de um quaternário, o padrão ternário, identificado em



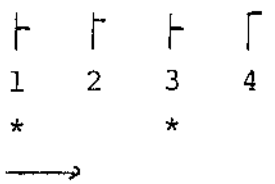


se caracteriza por ter no seu espaço - que é determinado pela duração - um desenho de altura próprio de padrão de duas alturas por sobre três sílabas (cf. 2.2.1.4.1) e a repetição de uma mesma vogal fechada. Por esse espaço podem passar partes

de motivos desenvolvidos no plano da altura ao longo do conjunto de cinco sílabas no qual se encontra incluído o padrão considerado como ternário. Olhando-se da direita para a esquerda, pode-se encontrar um motivo cujos pontos iniciais coincidem, de maneira descendente, com as sílabas numeradas como 5 e 3;



uma das partes desse motivo se ajusta a padrão binário construído com elementos dos dois outros planos, e a outra parte se inclui no padrão ternário construído também com elementos dos dois outros planos. Da esquerda para a direita, encontra-se o desenvolvimento de um motivo cujos pontos iniciais coincidem com as sílabas numeradas como 1 e 3;



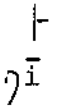
uma das partes desse motivo estará inteiramente incluída no padrão que, a partir da duração e da abertura vocálica, se constrói como ternário, e a outra parte estará apenas parcialmente incluída nesse mesmo padrão. Se forem assim considerados, os fatos da altura mostram um desajuste parcial em relação ao plano da duração - que basicamente constrói os padrões

mencionados, já que a abertura vocálica não é, como se viu na seção anterior, um elemento primário na criação de padrões rítmicos. Não se colocando um perfeito ajuste entre altura e duração, os motivos que a partir dela são passíveis de desenvolvimento permitem, entretanto, falar em uma superposição parcial ao plano da duração com a criação de efeitos rítmicos paralelos. Em casos como o que vimos de exemplificar, apesar de nem sempre se colocar com clareza um ajuste total com os padrões rítmicos gerados a partir da duração, o ritmo desenvolvido a partir da altura não fundará padrões diferentes daqueles criados pela duração. Esses padrões, conforme se viu até aqui, estarão circunscritos aos mesmos tipos. E é uma mesma identidade de tipos de padrão que permite, entre outras coisas que, ao se ter um ajuste entre altura e duração, um padrão quaternário duracional seja subdividido em partes binárias com recursos da altura - tal como se viu nas duas primeiras fragmentações exibidas em (I).

Ainda com relação à terceira fragmentação mostrada em (I), é importante assinalar que a presença de sílaba longa não é por si só criadora de padrão rítmico: se uma sílaba longa não é, sozinha, o núcleo em torno do qual ou a partir do qual se organiza um número de sílabas breves, essa sílaba longa não será levada em conta para a constituição de padrão rítmico e, funcionando como um elemento bloqueador, fará com que os padrões rítmicos sejam novamente organizados a partir dela, sem que ela, no entanto, seja computada nessa organização. Exemplo disso está na passagem

na qual a sílaba referente à 'esposa'

não pode funcionar como núcleo para a sílaba breve precedente porque essa já possui como seu núcleo a primeira sílaba longa da sequência. Ao mesmo tempo, não pode a mesma sílaba longa em foco funcionar como núcleo para as sílabas breves que a seguem de maneira não-imediata: essas últimas já têm o seu próprio núcleo em uma outra sílaba longa,

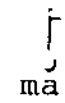


'3p. fem. objeto'

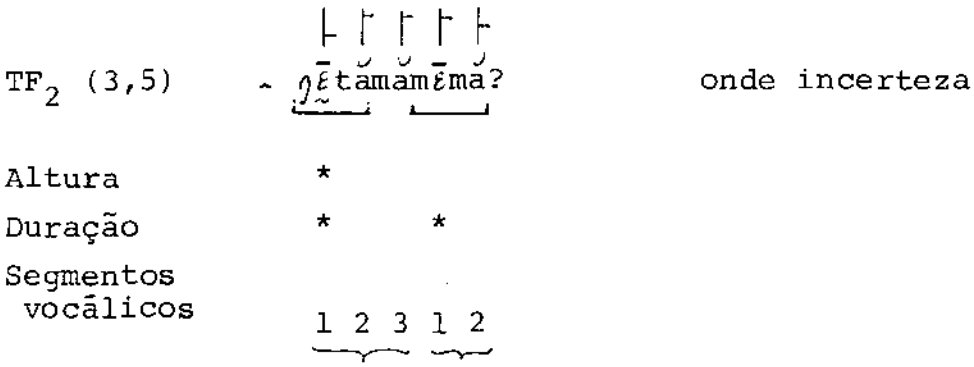
Sem poder constituir padrão rítmico, a sílaba em questão faz com que a organização de padrões rítmicos seja reiniciada a partir dela.

No segundo conjunto apresentado (II), além da presença de padrão duracional quaternário subdividido a partir do plano da altura (o exemplo pertence à primeira fragmentação - TF_1 (3)),

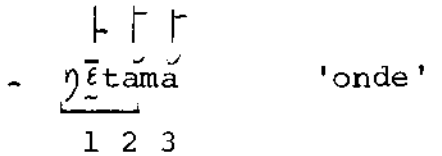
tem-se a registrar que a introdução aparentemente inesperada de uma sílaba, como acontece com a sílaba



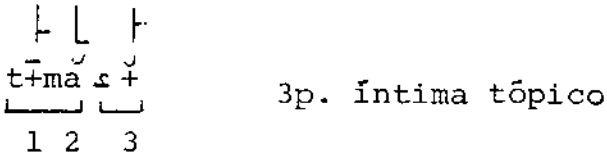
em



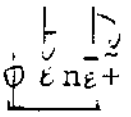
pode estar a serviço de uma simetria a ser mantida em termos de padrão rítmico. No caso em questão, a simetria a ser mantida é entre dois padrões ternários



e

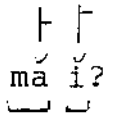


ambos primariamente determinados pela duração. No restante da segunda fragmentação exibida em II (TF_2 (3,5)), um outro padrão ternário se faz presente:



caçar

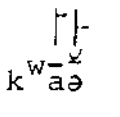
Esse é criado pela duração, que determina o espaço de três sílabas - uma breve, uma longa e uma breve - como sendo aquele onde se desenvolve desenho melódico típico de padrão de 3 alturas por sobre três sílabas (cf. 2.2.1.4.1; quanto à transcrição da altura em contorno, essa poderia ter sido feita através de níveis). Esse padrão não inclui as duas sílabas breves seguintes,



caminho X

Altura	*
Duração	
Segmentos vocálicos	*

Essas, constituídas de maneira simétrica - do ponto de vista da altura e da abertura vocálica - em relação ao par de sílabas que as segue



fim

Altura	*
Duração	*
Segmentos vocálicos	*

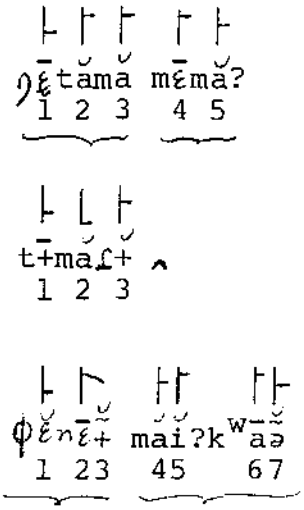
integrariam um padrão duracional quaternário subdivido com

recursos da altura. Quanto ao padrão ternário precedente, ele não só se alinharia de maneira harmônica em relação aos outros padrões ternários que, no mesmo trecho o precedem, como também faria parte de uma disposição harmoniosa que combina padrões ternários com padrões ou de tipo binário ou de tipo quaternário sujeito à subdivisão em binário. Assim:

ternário binário

ternário

ternário quaternário

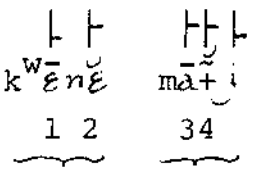


A proposta que fazemos para o trecho da segunda fragmentação presente em (II) tem suas consequências. Em primeiro lugar, com a disposição de padrões proposta, a última sílaba do trecho, que é

estaria ritmicamente ligada à pausa - algo que, a se levar em conta dados anteriormente analisados, não se apresenta como problemático. Em segundo lugar, o padrão quaternário do trecho em questão possui internamente sequência que foi tratada em outra parte como participando de esquema duracional biná-

rio. É o que ocorre no trecho de texto produzido que forneceu a referência para a fragmentação em pauta. Isso acontece em

TP (5)



onde o morfema referente a "caminho" (**ma**) tem sua única sílaba longa tratada como base de padrão binário. Esse tratamento diferenciado permite supor que a duração breve apresentada pelo mesmo morfema em trecho da segunda fragmentação (TF_2 (3,5)) está relacionada a um processo de redução duracional visando à incorporação da sílaba ao padrão quaternário dessa fragmentação. A consequência aqui é que, para que tal redução pudesse ter-se dado, ela teria que ter sido calculada levando-se em conta não só a existência primeira do padrão binário, mas também a posição de cada núcleo silábico longo dentro de cada padrão binário primariamente constituído, a posição de um núcleo silábico longo em relação a outro núcleo silábico longo e também a direção do processo de redução. Para exprimir o processo de redução, podemos lançar mão da retirada do sinal que está nos servindo para assinalar proeminências e/ou repetições de motivos - o asterisco. Para exprimir a direção do processo, podemos considerar a posição do núcleo silábico longo que sofre redução em relação à do núcleo que se mantém como longo. E para dar forma à posição dos núcleos silábicos longos no interior de cada padrão e entre padrões, podemos considerar a po

sição de cada asterisco em relação a conjuntos de sílabas representadas por números arábicos e colocadas entre parênteses. (A ordem de numeração das sílabas está relacionada à direção de constituição do padrão básico. Por razões que explicitaremos um pouco adiante, essa constituição já está sendo representada aqui da direita para a esquerda). Assim, a partir de uma sequência

	māĭ?kʷāə̃̆
Duração	* *
	(21) (21)

chegar-se-ia ao padrão quaternário

	măĭ?kʷāə̃̆
Duração	*
	(43 21)

através de uma regra

$$* \longrightarrow \emptyset \; /\text{Duração } (\bar{2}\ 1)\ (\overset{*}{2}\ 1)$$

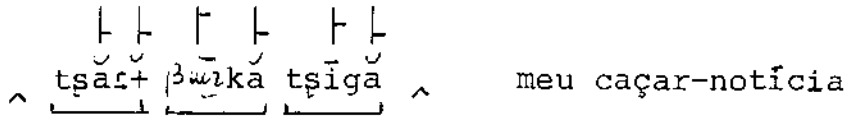
que elimina o asterisco que assinala a duração longa da primeira sílaba e que deve ser complementada por uma regra de reescrita pela qual

$$(2\ 1)\ (\overset{*}{2}\ 1) \longrightarrow (4\ 3\ \overset{*}{2}\ 1)$$

isto é, pela qual um conjunto de duas sílabas sem uma cabeça (leia-se sem uma duração longa à qual se submeta uma duração breve) deve-se subordinar à duração longa cabeça de um par de sílabas adjacente. No exemplo em questão, a subordinação se dá com sílaba subordinante se situando à direita daquelas que lhe serão subordinadas. Mas uma situação inversa também é possível, como bem o demonstram sequências presentes em (II).

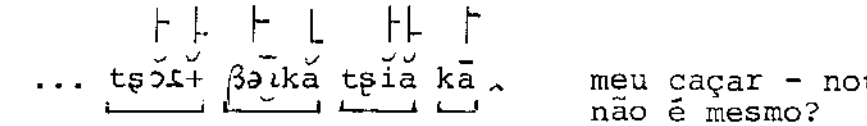
Em (III) são encontradas as sequências

TF_2 (2)



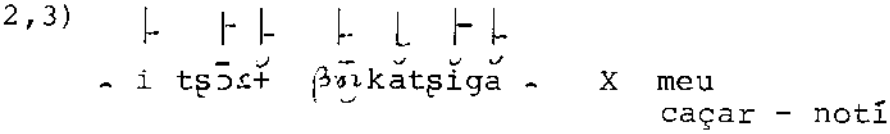
Altura		*	*
Duração		*	*
Segmentos vocálicos	*	*	*

TP (2)



Altura	*	*	*	
Duração		*		*
Segmentos vocálicos	*	*		

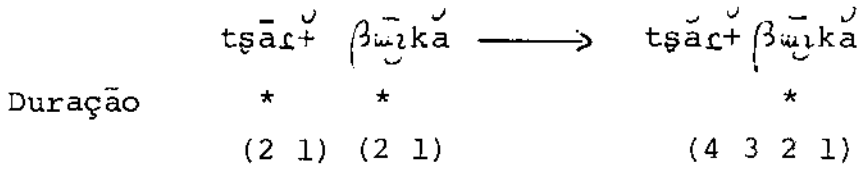
TF_3 (1,2,3)



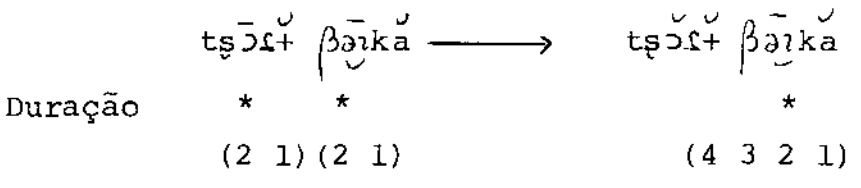
Altura		*	*	*
Duração		*	*	
Segmentos vocálicos		*	*	*

Uma comparação entre tais sequências revela um processo de subordinação iniciado à direita de par de sílabas destituídas de sua cabeça longa em $TF_2(2)$ e TP(2):

TF_2 (2)

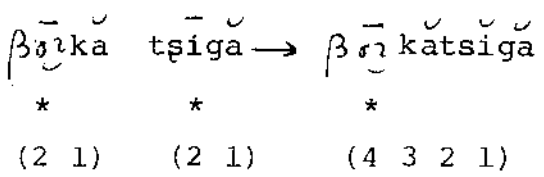


TP (2)



E ainda uma comparação entre essas mesmas sequências revela um processo de subordinação iniciado à esquerda em $TF_3(1,2,3)$

TF_3 (1,2,3)

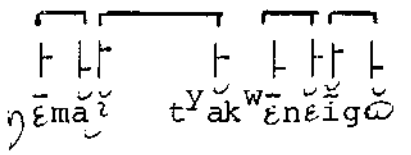


Para dar conta do duplo direcionamento desse processo, a regra que elimina acima uma duração longa terá que ser concebida em espelho, como em espelho terá que ser formulada a regra que reescreve um conjunto de duas sílabas sem cabeça como subordinada à duração longa de um par de sílabas adjacente.

O duplo direcionamento do processo que acabamos de focalizar está relacionado à formação de um padrão derivado como é

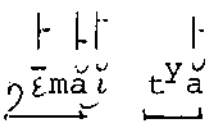
o caso do padrão quaternário. Ele nada nos diz, porém, sobre a direção que assume o processo de construção de padrões rítmicos no âmbito da duração, sejam esses padrões básicos ou derivados. Para começar a tratar dessa questão, vamos voltar a (II), mais especificamente a um agrupamento fonológico contido em TF_3 (3,5). Nele se tem uma construção de padrão rítmico - que envolve padrões quaternário - calculada a partir de ponto terminal.

Em TF_3 (3,5), toda uma sequência de oito sílabas entre pausas



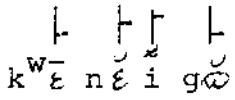
Altura	* *	* *
Duração	*	*
Segmentos vocálicos	8 76 5	43 2 1

é subdividida, através da altura, em pares de sílabas. Os padrões binários constituídos a partir da altura revelam dois grandes grupos de desenhos melódicos: o primeiro deles

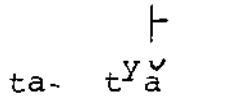


dêitico 3p. íntima

envolve uma marcha ascendente, se visto da esquerda para a direita ou uma marcha descendente, se visto da direita para a esquerda. O segundo deles

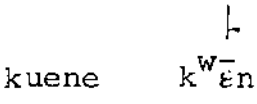


apresenta, afora a possibilidade de uma leitura em termos de superposição de padrões de três alturas (⊢⊢⊤ e ⊢⊤⊢ - ver B, em Padrão de 3 alturas, seção 2.2.1.4.1), a possibilidade de uma leitura no sentido da combinação de padrão de duas alturas relacionadas a duas sílabas (⊢⊢ e ⊤⊢). Os dois grandes grupos de desenho melódico - que são de constituição interna binária - coincidem com dois grupos duracionais de quatro sílabas cada um, isto é, com dois padrões quaternários. Nesses, o primeiro padrão apresenta um marcador de pessoa



ta- $t^{y}\check{a}$ '3ª p. íntima'

que, por se integrar ritmicamente a esse primeiro padrão, se desvincula, também ritmicamente, da raiz à qual ele morfologicamente se subordina

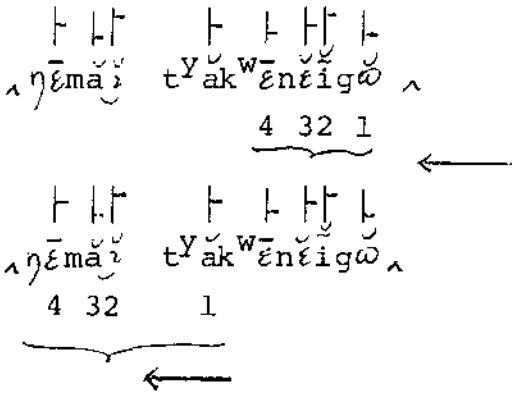


kuene $k^{w}\bar{\varepsilon}n\check{\varepsilon}$ 'caçar'

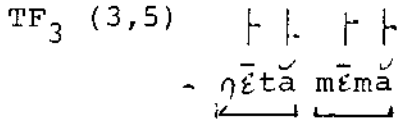
A razão para que o marcador de pessoa se desvincule de uma forma à qual se refere e se vincule a uma outra forma pode ser encontrada na constituição do segundo padrão quaternário. Esse, se constituído da direita para a esquerda, verá terminar a sua extensão na primeira sílaba da raiz. Não podendo ser incluída no segundo padrão, a sílaba referente ao marcador de

pessoa se agrega às antecedentes, com elas constituindo um padrão rítmico que, no caso, também é quaternário.

Assim:



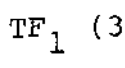
Padrões duracionais quaternários podem ter, como mostramos há pouco, a sua formação ligada a padrões duracionais binários. Por outro lado, padrões duracionais quaternários são, como também já mostramos, subdivisíveis em binários com recursos da altura. Esses dois fatos são relacionáveis entre si, sendo possível ligá-los a um terceiro, que diz respeito à integração entre movimentos no plano da altura e movimentos no plano da duração. É disso que tratamos a seguir, a partir da comparação de casos como os que se encontram abaixo e que fazem parte de (II):



onde incerteza

Altura	*	*
Duração	*	*
Segmentos vocálicos	*	*

TF_1 (3)



- ŋɛ̄tămɛ́mă - onde incerteza

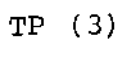
Altura * *

Duração *

Segmentos vocálicos * *

TP (3)

- ŋɛ̌tămɛ́mă



Altura *

Duração *

Segmentos vocálicos *

Os três últimos exemplos acima mostram, mais uma vez, que padrões duracionais quaternários possuem um vínculo com padrões duracionais binários (cf. TF_1 versus TF_3 (3,5)). Em segundo lugar que, uma vez ocorrida uma modificação no plano da duração no sentido de fazer de uma sucessão de dois padrões binários um único padrão quaternário, a altura ainda pode sustentar o movimento binário através da já apontada subdivisão de padrão quaternário (cf. ainda TF_1 (3) versus TF_3 (3,5)). E, em terceiro lugar, que a composição duracional que leva à constituição do padrão quaternário pode, por sua vez, criar condições para que também se estabeleça, no plano da altura, um padrão quaternário, isto é, um padrão de altura que, distribuido por sobre quatro sílabas, possua um perfil melódico próprio (cf. TP (3) versus TF_1 (3) e ver C em Padrão de duas alturas, seção 2.2.1.4.1).

Da comparação dos dados acima resulta que à duração cabe a criação de um domínio rítmico. Dentro desse domínio a altura pode suprir a duração, desempenhando um papel que primariamente pertence a essa última - caso da subdivisão de padrão duracional quaternário com recursos da altura. Ainda dentro desse domínio, a altura pode acompanhar a duração, dando margem ao surgimento de um perfil melódico próprio de padrão quaternário, um perfil que, existente em (II),

TP (3) - ŋɛ̆tă mɛ̆mă onde incerteza

Altura	*			
Duração	*			
Segmentos vocálicos	1	2	3	4

exemplifica um caso de aproximação no plano da altura provocado pelo plano da duração. Nesse último plano, também é possível falar em aproximações, se levadas em conta as reduções duracionais que, motivadas, por exemplo, pela construção de padrão quaternário, igualam sílabas pela duração breve, como se vê ainda em (II)

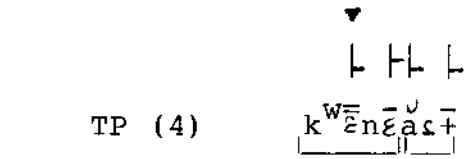
TP (3) - ŋɛ̆tă mɛ̆ma onde incerteza

Altura	*			
Duração	*			
Segmentos vocálicos	1	2	3	4

Nesse mesmo exemplo, há um caso de sílaba com núcleo ultrabre-

ve que também se vincula à própria construção do padrão rítmico que nos serve de exemplo. A primeira sílaba de tal padrão é saliente do ponto de vista da altura porque porta nível de altura único dentro do padrão. Do ponto de vista da duração, essa sílaba não deixa de ser saliente apesar da duração ultrabreve em seu núcleo: o jogo duracional que, em um padrão rítmico , opõe uma sílaba longa a sílaba(s) brev(s) , é levado para o interior da própria sílaba que é a base (isto é, o núcleo, a cabeça) do padrão: nela, a duração ultrabreve de seu núcleo (núcleo silábico) é compensada pela duração da consoante nasal que está em seu início e que lhe garante a duração longa. Uma tal compensação, comprovada experimentalmente como se mostrará mais adiante, está de acordo com afirmações que, ao tratarmos da duração (cf. 2.2.1.4.2), fizemos quanto à participação, em processo de composição temporal, de consoantes em posição inicial de sílabas.

Na construção de padrão rítmico, a altura pode, em alguns momentos, suprir a duração e, em outros momentos, acompanhar a duração. Diante disso, a previsão é que, nas ocasiões em que utilização da altura dê lugar à constituição de um perfil melódico próprio como consequência de um acompanhamento feito a composições no plano da duração, essa última possa ser liberada para fins de expressividade sem riscos de comprometimento da identificação do padrão que, primariamente, foi com base nela construído. Uma confirmação dessa previsão pode ser encontrada em (II)



TP (4) caçar de

Altura *

Duração

Seg. vocálicos

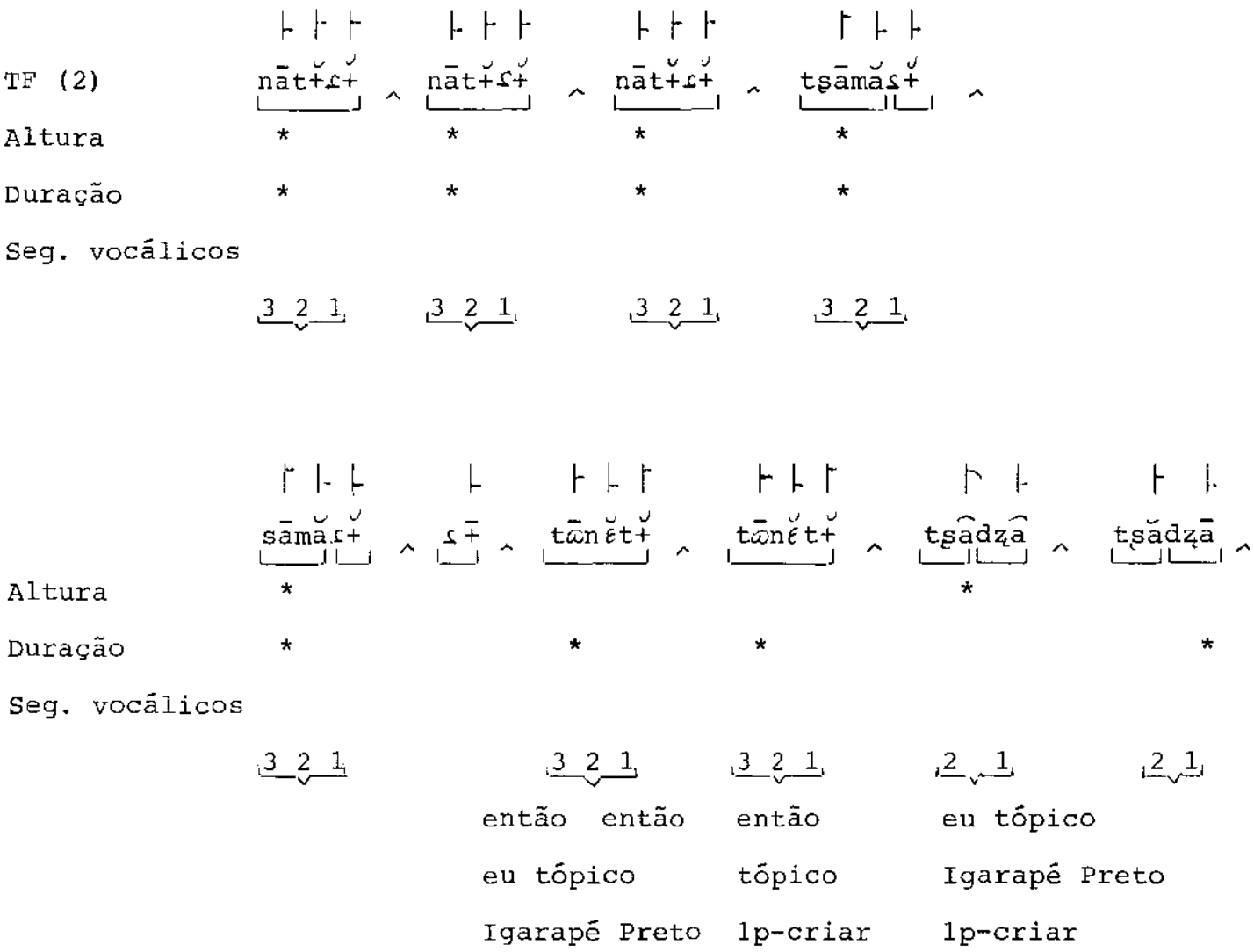
exemplo que conta com perfil melódico próprio de padrão quaternário (cf. C em **Padrão de duas alturas**, seção 2.2.1.4.1) e que apresenta alongamentos expressivos, nem todos eles passíveis de uma reinterpretação dentro da dicotomia longo/breve [98].

A liberação da duração para fins de expressividade é uma das decorrências do seu relacionamento com a altura. Nesse relacionamento, a altura pode suprir ou acompanhar a duração, e ainda não dar lugar a desenhos melódicos que se ajustem inteiramente aos espaços rítmicos que a duração delimita. Entre as alternativas existentes, as duas primeiras se revelam produtivas na construção do ritmo. Como, nos três grandes conjuntos de exemplos examinados, foi predominante a presença do padrão derivado que é o quaternário, passemos agora a um outro tipo de padrão, o ternário. Tendo em mente o que vimos até agora, vamos dar atenção, principalmente, ao processo de construção desse padrão, já que é nele que estão as principais evidências quanto à direção com que se constróem padrões rítmicos na língua.

Vejamos os dois conjuntos de dados a seguir, um referente ao primeiro texto, e o outro, ao terceiro texto.

(IV)

Texto 1


TF (2)
Altura
Duração
Seg. vocálicos
Altura
Duração
Seg. vocálicos
então então então
eu tópico tópico
Igarapé Preto 1p-criar
eu tópico
Igarapé Preto
1p-criar

(IV)

TP (2) nātɨɾɨ̆ tsāmăɾɨ̆ tūnɛ̆tɨ̆ ^ wătsădzā ^

Altura * * *

Duração * * * *

Seg. vocálicos

3 2 1   3 2 1   3 2 1   3 2 1

mas, então eu tópico Igarapé

Preto locativo 1p-criar

Na superfragmentação que, em (IV), é feita do trecho de tex to produzido que lhe serve de referência, há três coisas por notar. A primeira é que, naqueles padrões que coincidem com itens lexicais de até três sílabas, a cabeça ou núcleo do padrão é sempre a primeira sílaba que, contando-se da direita para a esquer da, possui ramificação **na** rima. Isso faz com que sejam construídos padrões cuja cabeça possa estar na última sílaba, como

```
                ˧  ˨
               tşădz̧ā        '1p-criar'
Duração            *
               (2  1)
```

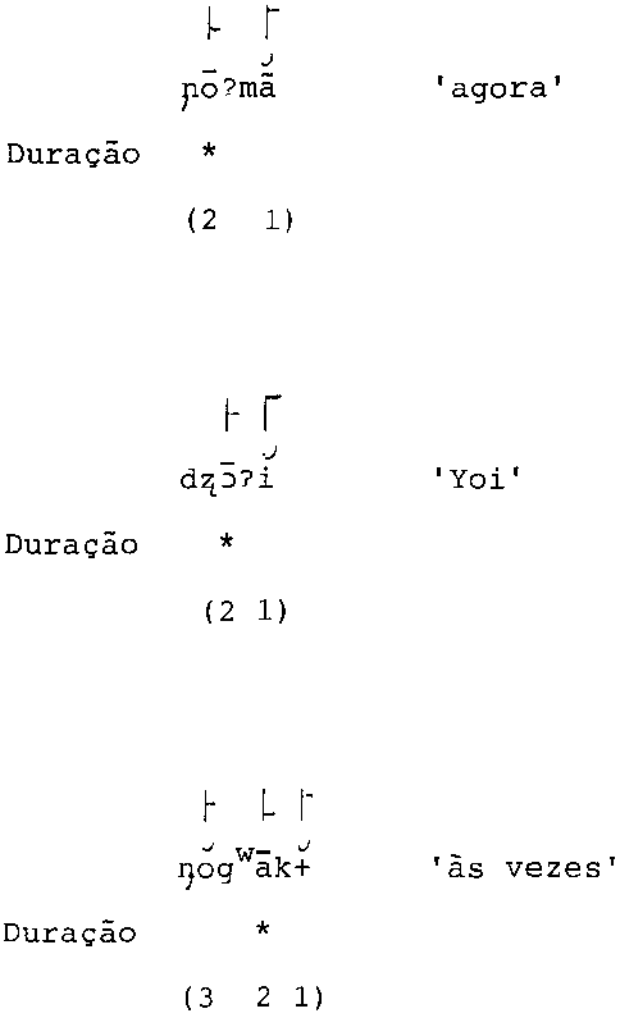
ou na antepenúltima sílaba, como em

```
               ˨ ˧ ˧
               nāt+̆ɿ+̆        'então'
Duração        *
               (3 2 1)
```

```
               ˧ ˨ ˦
               tω̄nɛ̆t+̆       'Igarapé Preto'
Duração        *
               (3 2 1)
```

sem falar dos padrões que, nas mesma condições, têm sua cabeça na na penúltima sílaba, como se vê em outros itens lexicais da lín-

gua com até três sílabas:



A segunda coisa a ser notada é que essa situação não muda quando um todo fonológico de até três sílabas é constituído com o acréscimo de uma sílaba ao que é um padrão duracional binário. A cabeça do padrão que passa, em função do acréscimo, a ter três sílabas, manter-se-á como sendo aquela sílaba que, contando-se da direita para a esquerda, possui ramificação **na** rima. Essa contagem se dá independentemente do fato de o acréscimo de uma sílaba se processar pela esquerda ou pela direita. Assim, um padrão du-

racional binário, ao receber uma sílaba à esquerda não verá mudar a localização da cabeça do padrão porque tal localização se dá a partir de um ponto terminal; exemplificando com dados de (IV):

```
              ⊢  ⊢
TF (2)   ˰ tşǎdẓā ˰      'eu-criar
Duração          *
            (2   1)
```

```
            ⌈  ⊢  ⊢
TP (2)  ˰ wătşǎdẓā ˰    'locativo eu-criar'
Duração            *
           (3  2  1)
```

Da mesma forma, um acréscimo de sílaba à direita não mudará a localização da cabeça do padrão, porque estarão sendo respeitados o limite e as condições de localização da cabeça; exemplificando:

```
                  ⊢ ⊢
item isolado: ˰ tşāmă  ˰      'eu'
      Duração     *
                (2 1)
```

┌ ┴ ┴

TF (2) tṣāmăɾ̆+ 'eu tópico'

Duração *

(3 2 1)

A terceira e última coisa por notar é que, tratando-se da direção assumida por acréscimos silábicos (acréscimos à esquerda ou acréscimos à direita), ela será determinada pela escolha que o falante faz no sentido da exploração de um determinado padrão rítmico. Isso é exemplificado em (IV), onde o texto produzido exibe uma exploração de padrão ternário (dátilos e anapestos, na terminologia métrica tradicional, ou seja, respectivamente - ⏑⏑ e ⏑⏑ -). Tal exploração foi efetuada com acréscimo silábico ora à esquerda, ora à direita de um padrão básico binário, e dela resultou uma disposição simétrica de quatro padrões rítmicos:

ternário ternário

ternário ternário

Uma exploração de padrão ternário pode-se dar de maneira a combiná-lo com padrão binário ou com padrão quaternário (um padrão derivado de base binária). Damos em (V) exemplo desse tipo de combinação em agrupamento fonológico e em texto produzido. No texto fragmentado a seguir (TF_3(27)), a disposição dos padrões rítmicos também é simétrica

ternário ternário
ternário binário
ternário binário

e o seu padrão ternário

┴ ┌ ┌

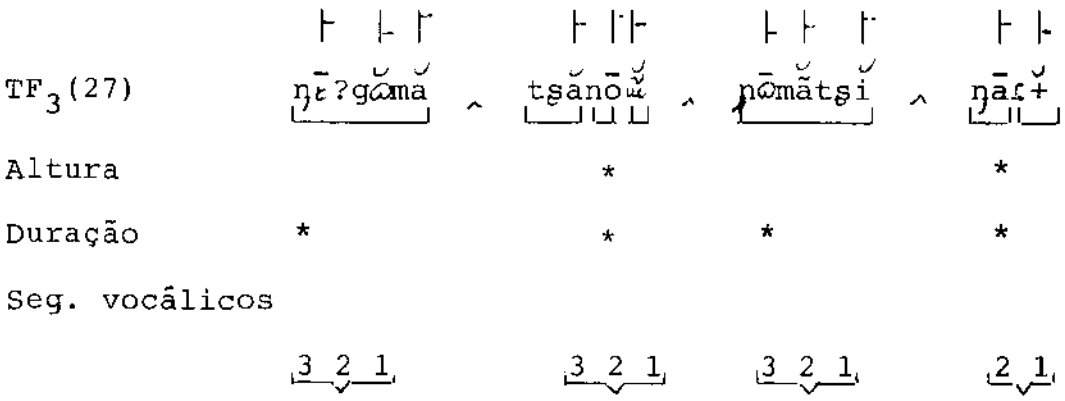
ŋōmătṣĭ 'bem agora'

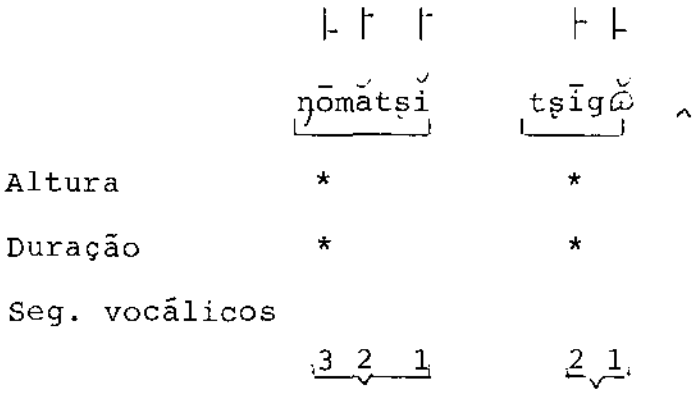
Duração *

(3 2 1)

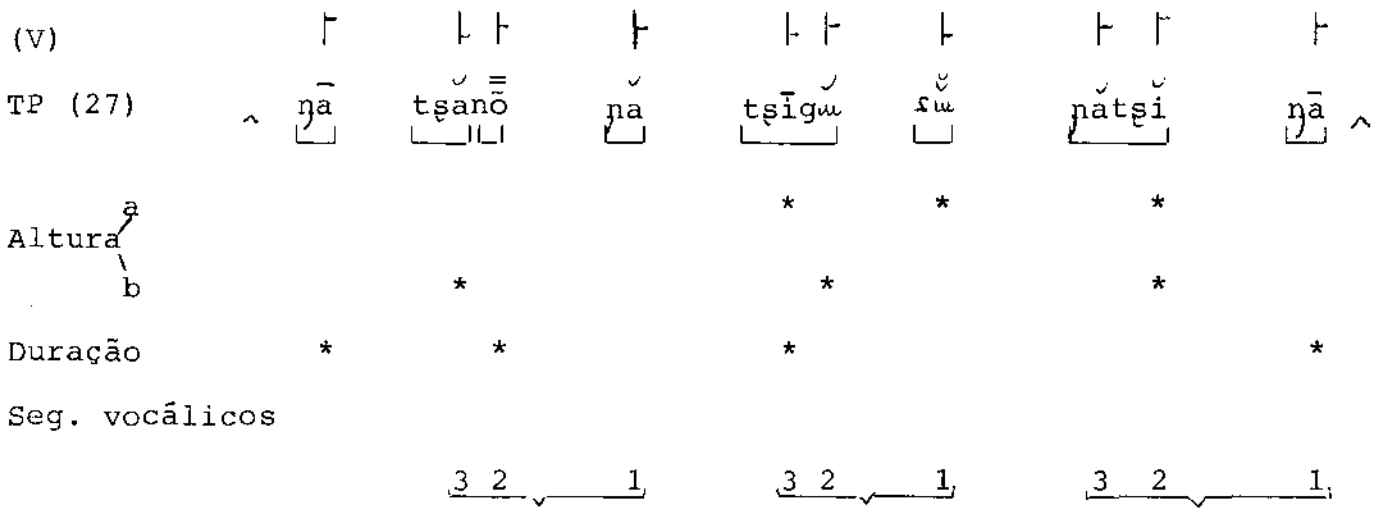
(V)

Texto 3





dêitico (aí; quando)
1p-colocar-nominalizador
bem agora
paca e bem agora cutia

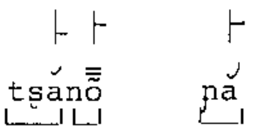


dêitico(lá) 1p-colocar dêitico(esse) cutia e bem agora paca

que não se encontra delimitado por pausa repete, no plano da altura, um tipo de desenho melódico que vimos (em 2.2.4.1.) ser típico de agrupamentos fonológicos de apenas três sílabas com dois níveis de altura. Nesse tipo de desenho, um dos níveis de altura, devido à sua ocorrência única, se torna saliente em relação a um outro nível, que se repete na seqüência. No caso, os níveis de altura em seqüência encontrados no último exemplo acima são (o nível saliente se encontra sublinhado):

meio-baixo/meio-alto:

No texto produzido (TP (27)), sem tocar de imediato na questão da simetria dos padrões, é possível reencontrar o mesmo tipo de dese nho melódico que acabamos de apontar. Ele aparece em

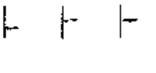


1p-colocar dêitico (esse)

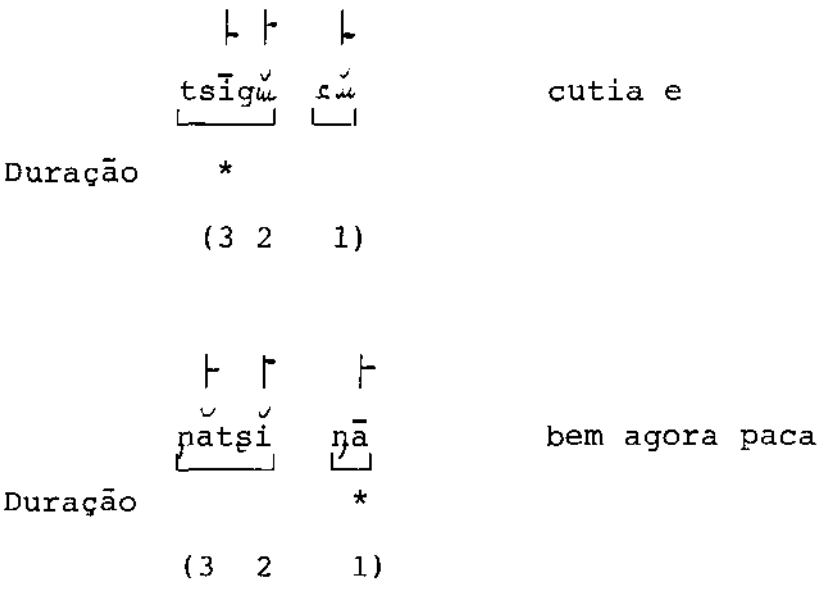
Duração *

(3 2 1)

sob a forma de seqüência (na qual se sublinha o nível saliente).

meio-baixo/médio: 

Esse tipo de aparecimento, que aproxima duas sílabas do ponto de vista da altura, pode servir como delimitação de espaço rítmico, desde que esteja em consonância com a regra que faz de uma sílaba longa com ramificação **na** rima a cabeça do padrão. Essa consonân- cia, no caso, existe, como também existe nos outros dois outros padrões que podem ser delimitados no mesmo trecho de texto produ- zido:



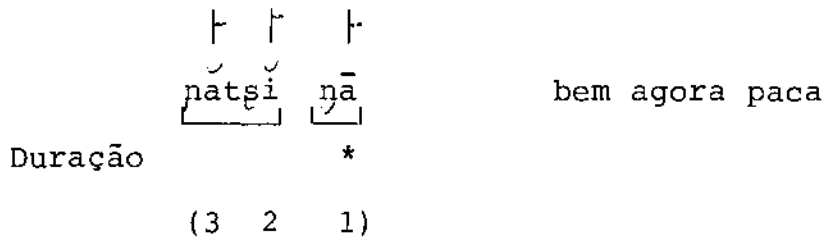
Nesses dois outros padrões, tal como também foi visto em 2.2.1.4.1, o nível de altura a se destacar fica situado entre duas extremidades igualadas em altura, caracterizando-se a distribuição dos níveis pelo retorno do nível de altura que abre o padrão (o nível saliente se encontra sublinhado). Respectivamente:

meio-baixo/**médio**/meio-baixo: ˩ ˦ ˩

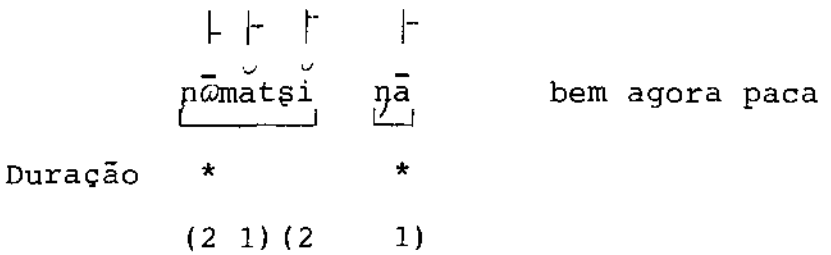
médio/**meio-alto**/médio: ˦ ˥ ˦

A consonância requerida é encontrada, mesmo que o nível considerado saliente no plano da altura (ver aí a possibilidade **b**) não coincida com a duração longa do plano da duração. O espaço que a altura delimita é também o espaço no qual se localiza a cabeça do padrão: três sílabas.

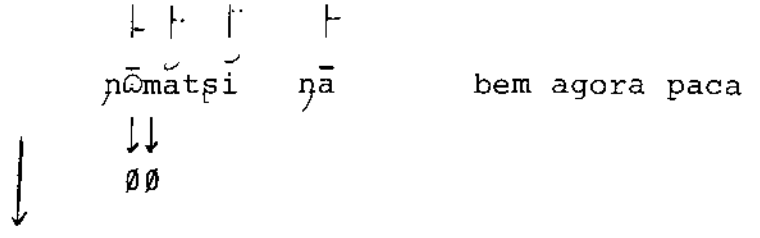
Em termos desse espaço, é possível verificar a existência de processo de reestruturação temporal que visa justamente a mantê-lo. Isso pode ser observado, no texto produzidc TP (27) em

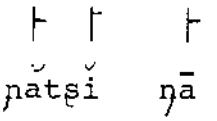


Essa seqüência é resultado da junção do item lexical trissilábico referente a 'bem agora' e do item monossilábico referente a 'paca' - ambos presentes no texto fragmentado. A simples junção dos dois itens com a preservação de suas respectivas sílabas longas nos daria uma sucessão de padrões binários



não-condizente com o tipo de padrão explorado no trecho de texto produzido em foco. Tendo em vista uma simetria que se estabelece a partir de uma repetição de padrões ternários, tem lugar uma reestruturação temporal que leva à eliminação, no item referente a 'bem agora', da parte segmental associada ao núcleo silábico longo e da consoante nasal que o segue. Com a eliminação realizada, dá-se a subordinação das duas sílabas desprovidas de uma cabeça (isto é, internamente sem uma duração longa à qual se submete uma duração breve) à sílaba longa do monossílabo referente a paca. Assim, sem formalizar, teríamos:

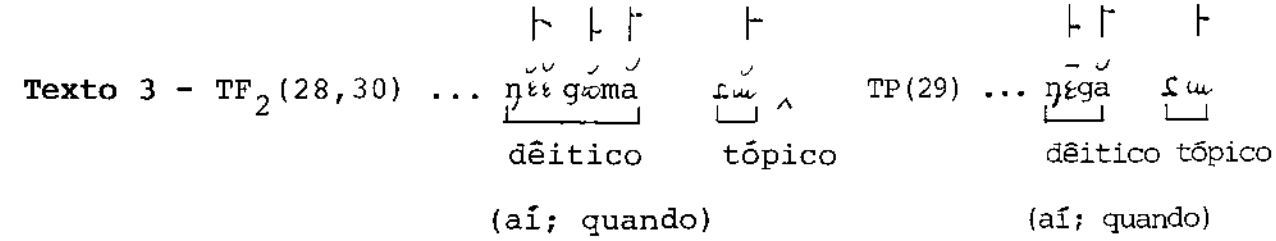




Duração *

(3 2 1)

Aqui a eliminação de um núcleo silábico longo e da consoante nasal que o segue possuiria uma motivação no ritmo. Essa mesma motivação poderia estar por trás de quedas segmentais semelhantes, como as que se pode observar, por exemplo, em[99]



Evidentemente, quedas desse tipo, para as quais vemos uma motivação no ritmo, devem estar amparadas em uma comprovação do grau de solidariedade existente na língua entre uma consoante que abre sílaba e o núcleo da sílaba precedente. Indicações nesse sentido foram explicitadas ao final da seção em que abordamos a duração (cf. 2.2.1.4.2.) e, com base nessas indicações e nos fatos de queda no plano segmental como os que acabamos de mencionar, levamos a termo análise experimental cujos resultados serão fornecidos mais adiante em uma seção separada (ver 2.2.1.5.2.).

Reportando-nos ainda à consonância encontrada (em V) entre os planos da altura e da duração, teríamos a observar que essa consonância poderia em parte ser contestada no trecho de texto produzido (TP (27)), caso se veja, no plano da altura, um jogo de duas alturas por sobre duas sílabas que percorre o trecho que vai do item lexical referente a 'cutia' até aquele referente a 'paca'.

Esse jogo, assinalado em **a** no plano da altura, poderia nos dar, caso fosse levada em conta apenas a altura, uma outra configuração para o trecho em questão em termos de padrão rítmico. Se levado em conta esse jogo, teríamos

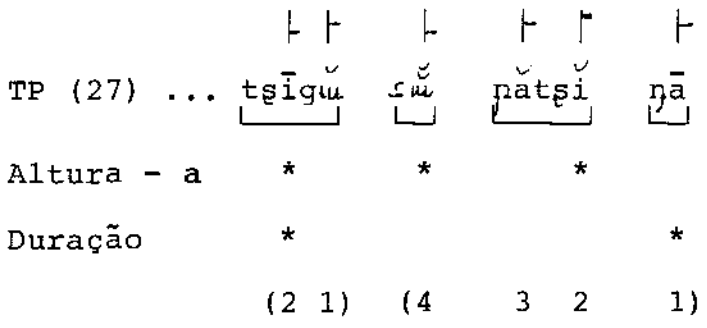
TP (27) ... tṣīgɯ̆ ʃɯ̆ ɲătṣĭ ŋā

Altura - a * * *

6 5 4 3 2 1

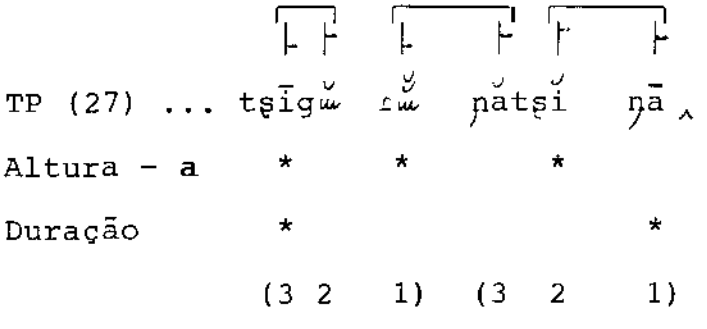
cutia e bem agora paca

mas veríamos a regulação binária proporcionada pela altura ser ainda consoante com o plano da duração. Isso porque ou ela serviria à subdivisão de um padrão duracional quaternário precedido de um binário ,



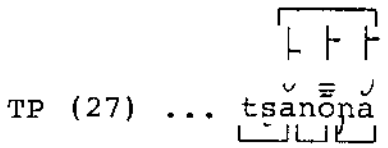
cutia e bem agora paca

ou ela atuaria dentro de padrões duracionais ternários, mas segundo um ajuste parcial com o plano da duração: duas partes do motivo que ela constrói recairiam inteiramente dentro de cada um dos padrões ternários e uma outra parte se situaria por sobre as sílabas fronteiriças dos dois padrões duracionais:



No primeiro caso, a consonância entre altura e duração é total. No segundo, ela é parcial. Num caso como no outro, como as regulações que a altura funda não são diferentes daquelas que a própria duração pode basicamente fundar, não constitui uma surpresa

o seguinte fato: precedendo o motivo de base binária que se poderia ver percorrendo o trecho que vai do item lexical referente a 'cutia' até aquele referente a 'paca', há um outro motivo no plano da altura que, construído sobre um espaço de três sílabas, coincide com um padrão organizado do ponto de vista da duração:



TP (27) ... tsanõna

Altura *

Duração *

(3 2 1)

1p-colocar dêitico (esse)

Essa coincidência está fundada em uma identidade de tipos rítmicos relacionáveis tanto à altura quanto à duração, e é essa identidade que permite reencontrar pontos de ajuste entre ambos os os planos durante a construção e a exploração de padrões rítmicos.

A exploração de padrões rítmicos feita pelo falante durante a produção de um texto pode-se dar com acréscimos silábicos à esquerda ou à direita de padrões já constituídos. A regra que os forma localiza a cabeça do padrão na primeira de uma série de três sílabas que, contando-se da direita para a esquerda, possua ramificação na rima. Nesse ponto, é pertinente indagar sobre as conseqüências que provocariam, em termos do ritmo, acréscimos silábicos à direita que fizessem com que a distância da cabeça do padrão básico em relação ao ponto terminal superasse a extensão - limite de três sílabas dentro da qual deve ficar a cabeça.

Parte da resposta a essa indagação pode ser encontrada

naqueles agrupamentos fonológicos em que é possível observar o crescimento de uma seqüência para a direita:

a) **Texto 1** - TF (7) ... ^pɔ̄gɨ̆ ^

pescar

b) **Texto 1** - TF (7)^pɔ̄gɨ̆ʔɨ̆ ^ ...

pescar-nominalizador

c) **Texto 1** - TF (7)^pɔ̄gɨ̆ʔɨ̆wă ^

pescar-nominalizador locativo

d) **Texto 2** - TF_1(6,7)^kɔ̄nɨ̆wă ^ kɔ̄nɨ̆wă nɨ̆wă ^

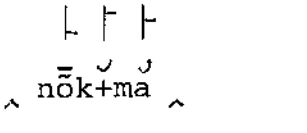
taxizeiro na árvore do taxi

e) **Texto 2** - TF_1(8,9) ...^kɔ̄nɨ̆wă tā̄nə̆ ^

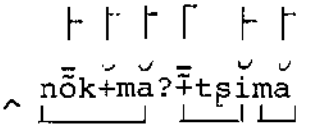
taxizeiro enformigado

f) **Texto 3** - TF_3(5,6,7,8,9) ^ʔā̆tănănĭ ^

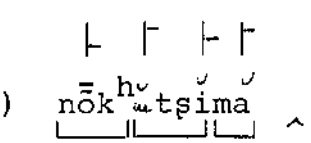
enformigado

g) **Texto 1** - TF (1) 

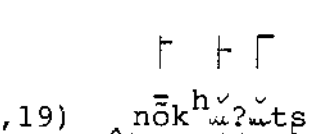
antigo

h) **Texto 1** - TF (7) 

antigo-intensificador$_1$-intensificador$_2$

i) **Texto 3** - TF$_3$(18) 

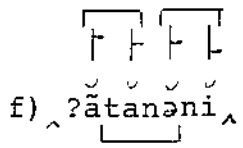
tempo-intensificador$_1$-intensificador$_2$

j) **Texto 3** - TF$_2$(18,19) 

tempo-intensificador$_1$-intensificador$_2$

Dados como **c** e **d** mostram que acréscimos de sílabas à direita que façam a sílaba longa ficar fora da extensão-limite de três sílabas não provocam um deslocamento da duração longa para a direita nem uma atribuição necessária de duração longa a uma das sílabas acrescentadas.[100] Esses dados também mostram que a ausência de modificações no plano da duração são compensadas com a existência, no plano da altura, de um jogo rítmico binário envolvendo as sílabas acrescentadas. Em **e**, as sílabas acrescentadas não estão envolvidas por um jogo binário no plano da altura. Em compensação, esse jogo se faz presente no plano da duração: há a atribuição da duração longa a uma das duas sílabas acrescentadas. Em **f** essa duração se encontra ausente por ser possível aí compor um jogo binário no nível da altura envolvendo as sílabas do mesmo mor-

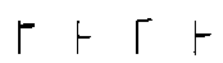
fema matéria de acréscimo em **e**:



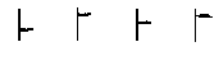
f) ^ ?ãtanəni ^

enformigado

Um jogo binário no plano da altura é o que também existe em **i**. Aí se tem: de um lado, um morfema relacionado a 'tempo' e que, muito provavelmente envolvido na formação do item lexical referente a 'antigo' - cf. **g** e **h** -, tem sua última vogal fundida à vogal que abre o primeiro intensificador, devido à total identidade fonológica entre ambas [101]; de outro lado, dois morfemas intensificadores cujas sílabas exibem duração breve. Com o acréscimo dessas sílabas, em número de três, é ultrapassada a extensão-limite que separa a cabeça do padrão básico do ponto terminal da seqüência. Essa ultrapassagem, no entanto, se dá com a existência de um jogo binário no plano da altura que envolve inclusive a cabeça do padrão, percorrendo o conjunto total das quatro sílabas. É de se notar que, nesse jogo, o motivo do desenho melódico não é idêntico ao que se processa nas quatro primeiras sílabas de **j**: nesse último, o motivo melódico



é desenvolvido em sentido inverso ao de **i**, que se apresenta como

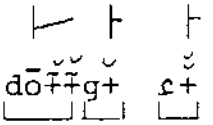


podendo-se atribuir a diferença entre ambos ao nível de altura escolhido para abrir cada um dos motivos: com uma abertura realizada em nível meio-baixo e com uma regulação binária imprimida à altura, os maiores efeitos rítmicos seriam no sentido ascenden -

te (caso de **i**); com uma abertura de motivo realizada em nível meio-alto somada à regulação binária do plano da altura, os maiores efeitos rítmicos seriam no sentido descendente (caso de **j**). A regulação binária pode ser interrompida no plano da altura através de aproximações (assimilações), tal como se dá nas duas sílabas finais de **j**. Mas, da mesma maneira como já se viu anteriormente, a regulação binária - interrompida no plano da altura - é recuperada no plano da duração, que é o que se vê no final de **j**. Assim, o quanto uma seqüência pode crescer para a direita e separar uma sílaba longa, cabeça de um padrão básico, do ponto terminal da seqüência está estreitamente relacionado a uma regulação que opera em mais de um plano. Esse tipo de operação pode ser ajustado de forma a que uma regulação operada em um plano possa prosseguir em um outro. Ou então a operação se dá de modo a ajustar expectativas geradas com recursos de ambos os planos. Exemplo disso é **h**, em que um mesmo padrão duracional ternário se casa com dois tipos de padrões desenvolvidos no plano da altura, os quais, em outra parte, foram identificados como típicos de uma distribuição por sobre três sílabas. Esses dois padrões integram um mesmo item lexical, que cresceu para a direita sem gerar problemas para a manutenção da primeira sílaba longa (primeira à esquerda) no lugar em que ela está: uma outra duração longa, a um espaço regular de tempo, foi atribuída - dentro da extensão - limite de três sílabas - tendo sido essa atribuição devidamente acompanhada por movimento no plano da altura.

Uma outra parte da resposta à indagação que fizemos pode ser encontrada naquelas seqüências que, exibindo um nítido crescimento para a direita, apresentem, a partir de um certo ponto, uma

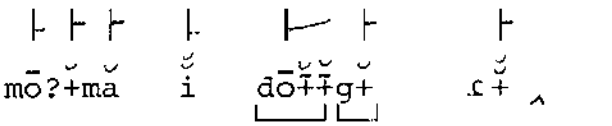
igualdade entre altura e duração que torna impossível se falar em um jogo rítmico compensatório de um plano em relação a outro. Seqüências que se encontram nesse caso não constituem uma contra-evidência à existência de uma regulação temporal combinada a uma regulação no plano da altura. Os exemplos disponíveis nos textos fragmentados e nos textos produzidos mostram que é justamente à existência de uma tal regulação que se deve a determinação da extensão sobre a qual podem operar aproximações que, à primeira vista, eliminam simultaneamente um jogo rítmico em ambos os planos. Um desses exemplos, a seqüência



pessoa-plural tópico

cuja ocorrência se dá no interior de uma seqüência maior, que é

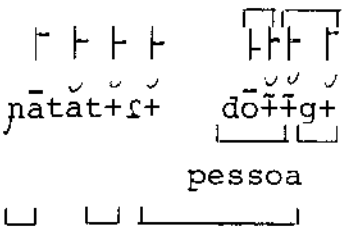
Texto 1 - TP (4)



muito x pessoa-pl tópico

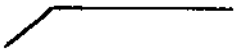
tem a sua duração longa separada do ponto terminal da seqüência por quatro sílabas, uma das quais é a marca de tópico, de duração ultrabreve e por nós considerada como possuindo o status de palavra. Mesmo que essa sílaba, devido à sua duração ultrabreve, não seja numericamente computada, para efeito de caracterização de padrão rítmico; ou mesmo que se queira não considerá-la, devido ao seu status de palavra, para efeito do cálculo terminal que determina a distância dentro da qual deve-se localizar a sílaba longa cabeça de um padrão básico; ainda assim se estará diante da ul-

trapassagem da extensão-limite de três sílabas dentro da qual se esperaria encontrar a duração longa. Uma ultrapassagem que não é acompanhada de um jogo no plano da altura. Se considerado, porém, que isso se dá em seqüências que, em outros momentos, são produzidas com um jogo binário no plano da altura, como acontece com os morfemas referentes à 'pessoa' e 'plural', que também se congregam no âmbito de uma mesma palavra em

Texto 2 - TF_2 (22) ... 

assim 3ªp íntima virar gente-plural

ver-se-á que a possibilidade de se ter aproximações simultâneas no plano da duração e da altura é ela própria dependente da existência prévia de distanciamentos nesses planos que, nos exemplos de que dispomos, são construídos sobre uma base binária. Em outros termos, deve-se a um processo assimilativo que tem seus limites circunscritos à junção de bases binárias, a eliminação do jogo rítmico que congrega altura e duração quando é ultrapassada a extensão-limite de três sílabas dentro da qual, a partir de um ponto terminal, dissemos que deveria ser localizada a duração longa cabeça de um padrão básico . Não por acaso, desse processo assimilativo os dados de que dispomos mostram quase sempre resultar um padrão quaternário, que, com proeminência em apenas uma de suas sílabas, termina por apresentar um perfil próprio (cf. C em Padrão de duas alturas - 2.2.1.4.1.); no exemplo já focalizado, esse perfil se manifestou como



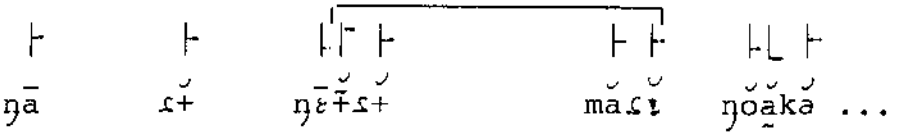
4 3 2 1

E, como a junção de bases rítmicas binárias não opera apenas no interior de uma mesma palavra, o mesmo processo assimilativo pode reunir sílabas pertencentes a mais de uma palavra, daí também resultando um padrão que pode ser identificado como um quaternário com perfil próprio. É o que se vê abaixo:

Texto 3 - TF (4)

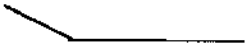
outros tipos de caça já

Texto 3 - TP (4)



paca e outros tipos de caça às vezes ...

No primeiro exemplo, há um jogo binário no plano da altura e ainda um jogo binário no plano da duração envolvendo seis sílabas, duas das quais separadas do todo fonológico anterior por pausa. No segundo exemplo, o processo assimilativo que atinge altura e duração faz com que as duas sílabas correspondentes àquelas que são finais no exemplo precedente se reúnam ritmicamente ao item lexical anterior, referente a 'outros tipos de caça'. Como esse último item apresenta queda de sua última sílaba, passam a estar reunidas quatro sílabas que configuram um padrão melódico quaternário com perfil próprio:



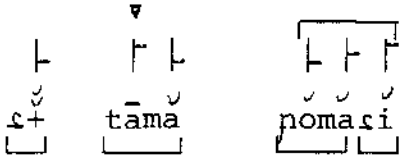
4 3 2 1

Há uma diferença entre essa manifestação de padrão melódico quaternário e a primeira apresentada: a primeira é produzida com a inclusão de uma sílaba longa na sua quarta sílaba a contar da direita para a esquerda, e a última, sem a inclusão de qualquer sílaba longa entre as quatro sobre as quais se assenta o padrão. Essa diferença indica um mesmo fato, qual seja: uma ultrapassagem da extensão-limite de três sílabas, dentro da qual se esperaria encontrar uma duração longa, se dá quando é possível, em primeiro lugar, vincular essa ultrapassagem a uma regulação binária prévia, e, em segundo lugar, quando dessa ultrapassagem possa resultar um padrão melódico que, com o seu perfil próprio, se articule com os padrões rítmicos circundantes. Essa articulação pode-se dar com uma sílaba longa incluída ou não na seqüência que porta o referido padrão melódico. E, como a exigência é que da ultrapassagem em foco resulte um padrão melódico com um perfil próprio e articulado com padrões rítmicos circunvizinhos, mais uma vez o plano da altura se liga ao da duração na construção do ritmo.

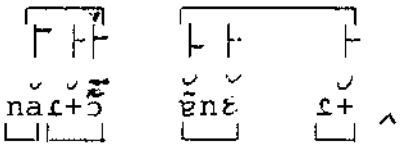
Com a constatação, mais uma vez, da ligação entre altura e duração, podemos manter a afirmação de que existe na língua uma regulação que, operando em mais de um plano, permite não só que haja um ajuste de expectativas geradas com recursos de ambos os planos, mas também que uma regulação operada em um plano possa prosseguir em outro. E, à luz dessa afirmação, podemos então olhar as aproximações existentes em um plano como processos que não quebram a regulação do ritmo, uma vez que essa regulação pode apresentar continuidade devido à sua programação para desenvolvimento em mais de um plano. Exemplo de trecho mais extenso de tex

to produzido em que a afirmação que fizemos se faz verdadeira pode ser visto na narrativa mítica, o segundo tipo de texto que apresentamos:

TP (24) –



e negação agora como



3p-deixar-terra e

acabar

As sílabas longas do trecho acima estão separadas entre si por seis sílabas breves, isto é, por seis sílabas igualadas do ponto de vista da duração; acompanhadas de intensidade, tais sílabas longas não ocorrem, no trecho em questão, a intervalos regulares de tempo. A irregularidade da ocorrência da duração longa é, no entanto, acompanhada de regularidade no plano da altura: após a primeira sílaba breve, que está subordinada à duração longa precedente, cada grupo de três sílabas se constitui em espaço para o desenvolvimento e repetição de padrões semelhantes no plano da altura: o primeiro padrão, ascendente (˩ ˧ ˥) é espelhado parcialmente no segundo (˥ ˧ ˧) que, por sua vez tem no terceiro uma sua quase repetição, ambos se distinguindo apenas quanto ao primeiro nível de altura, que no terceiro padrão (˩ ˧ ˧) aparece como o oposto daquele que abre o segundo (˥ ˧ ˧). Esses padrões repetem aqueles encontrados em agrupamentos fonológicos constituídos de apenas três sílabas (cf. 2.2.1.4.1.) e estão, portanto, longe de ser uma arbitrariedade do analista que

recorta inadvertidamente melodias.

Por fim, uma última questão antes de passarmos às relações entre altura e duração vistas do ângulo da análise experimental. Dissemos, em passagem anterior, que a cabeça de um padrão básico deve ser localizada, a partir de um ponto terminal, na primeira de uma série de três sílabas que possua ramificação na rima. Essa afirmação precisa ser ajustada à realidade do crescimento de uma seqüência para a direita. Dessa realidade não fazem parte o deslocamento concomitante de uma duração longa ou a reatribuição necessária da duração longa a uma sílaba, à medida que aumenta a distância da cabeça do padrão básico em relação ao ponto terminal. Ao mesmo tempo, dessa realidade faz parte uma regulação rítmica programada para desenvolvimento em mais de um plano.

O ajuste entre a afirmação que fizemos e a realidade que acabamos de apresentar pode ser obtido, desde que voltemos a observar os padrões que coincidem com itens lexicais de até três sílabas e que constituem, sozinhos, um agrupamento fonológico:

Texto 1 - TF (2) ^ tsadzā ^

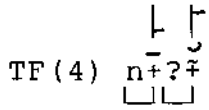
eu-criar

TF (2) ^ nāt+ɛ+ ^

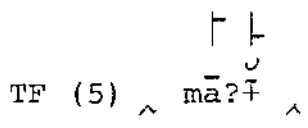
mas, então

TF (4) ^ dō+?+ ^

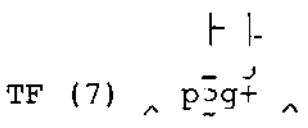
pessoa

TF(4) 

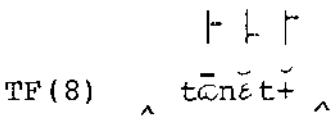
3p-dativo

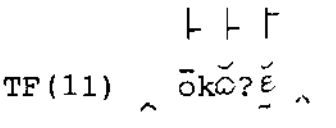
TF (5) 

vida

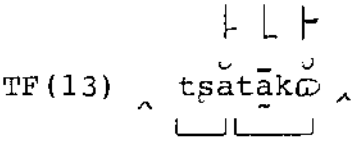
TF (7) 

pescar

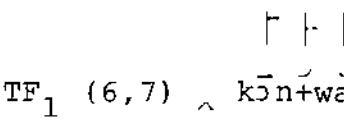
TF(8) 

TF(11) 

conselho

TF(13) 

1p-sem mãe

Texto 2 - TF_1 (6,7) 

taxizeiro

Texto 3 - $TF_3(22)$ ^ nãgw̃ ^

3p-locativo

Há algumas coisas que a observação dos dados acima esclarece: primeiro, que coincide com um limite de raiz o ponto terminal a partir do qual é calculada a extensão silábica dentro da qual deve ser localizada a cabeça de um padrão básico. Segundo, que no âmbito da raiz a cabeça do padrão, que é identificada como sendo aquela sílaba que possui ramificação **na** rima, aparece como sendo a sílaba mais à esquerda dentro da raiz. Como a extensão das raízes na língua vai de uma a três sílabas, itens lexicais de até três sílabas podem ter a sílaba que apresenta ramificação **na** rima como sendo - ao se contar da direita para a esquerda - a primeira, a segunda ou a terceira sílaba: a diferença da posição da sílaba longa no interior de um item lexical de até três sílabas está diretamente relacionada à extensão das raízes. Terceiro, que a própria ramificação **na** rima da sílaba que é localizada como a cabeça de um padrão básico pode ser dependente da sua posição de sílaba mais à esquerda dentro da raiz.

Ajustada a esses fatos, a afirmação que fizemos anteriormente passará a ser: a cabeça de um padrão básico deve ser localizada, a partir de um ponto terminal, na sílaba mais à esquerda de uma raiz.

O modo como a constituição de um padrão básico se associa à regulação que, em seqüências mais extensas, opera nos planos da altura e da duração, será matéria para o capítulo seguinte deste trabalho, voltado para o tratamento fonológico do ritmo. Antes, porém, vejamos os resultados a que chegamos sobre as relações en-

tre características fonéticas tal como essas se estabeleceram em análise experimental.

2.2.1.5.2. Relações com base na análise experimental

Dos três textos que estão sob a nossa atenção, escolhemos apenas um para a realização de análise experimental voltada para os segmentos entre si e para a relação desses com elementos suprassegmentais. O texto escolhido foi o produzido por Pedro Inácio Pinheiro, porque, sendo longo, também se apresenta como formalmente fechado[102]. Três minutos desse texto constituíram o material principal - espectrograma em wide-band e narrow-band - sobre o qual executamos a análise. A segmentação foi feita em consonância com Peterson e Lehiste (1960), tendo sido analisada também a freqüência fundamental. Os resultados obtidos na análise de um trecho desse texto foram checados com os resultados obtidos na análise de um pequeno conjunto de sentenças proferidas por falantes masculinos e femininos que vivem em Vendaval e com os resultados obtidos na análise de um pequeno fragmento do texto narrado pela velha Dalvina, o qual combina a sua longa extensão a uma estrutura narrativa formalmente aberta[103].

Sempre levando em consideração a transcrição fonética estrita feita do material, examinei a duração segmental, mantendo à parte consoantes encontradas em sílabas longas e aquelas encontradas em sílabas breves, tendo feito o mesmo com as vogais. Consoantes e centros vocálicos pertencentes a sílabas em situação de pré-pausa também foram mantidos à parte. Além disso, consideraram-se igualmente segmentos pertencentes a sílabas alongadas.

Para a mensuração de unidades acima do nível segmental, considerei: (1) a estrutura silábica, dando atenção aos centros silábicos; (2) a colocação da pausa e o tempo de pausa; (3) a inserção de uma seqüência de sílabas, pertencentes a uma ou mais palavras, em um intervalo entre duas pausas ultralongas. Para a mensuração da distância entre centros vocálicos, abandonei a distinção entre sílabas longas e breves. E, como base necessária para o exame do plano segmental e da interação entre características segmentais e suprassegmentais, utilizei informações contidas em SOARES (1984, 1986).

Os resultados da mensuração da duração de vogais e consoantes são como se segue.

Quadro 1

Durações médias (ms) dos sons consonantais em Tikuna. Razões de: consoantes em sílabas longas/breves; consoantes em sílaba em condição de pré-pausa e em sílaba alongada fora da situação de pré-pausa.

Quadro 1-A

OCLUSIVAS SURDAS **labial - [p]**	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
(aspiração excluída)	147.03	122.99	147.03	150.80
(aspiração incluída)	150.80	122.52	--	--
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pre-pausa		Pré-pausa: longa
(aspiração excluída)	1.19	0.9		1
(aspiração incluída)	1.23	--		--
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
(aspiração excluída	1.19	1.02		1.22
(aspiração incluída)	--	--		--

Quadro 1-B

OCLUSIVAS SURDAS **alveolar - [t]**	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pre-pausa
(aspiração excluída)	132.33	105.21	147.03	183.78
(aspiração incluída)	135.71	111.39	156.45	189.13
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
(aspiração excluída)	1.25	0.80		1.11
(aspiração incluída)	1.21	0.82		1.15
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
(aspiração excluída)	1.39	1.38		1.74
(aspiração incluída	1.40	1.39		1.69

QUADRO 1-C

	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
OCLUSIVAS SURDAS				
velar - [k]				
(aspiração excluída)	92.15	102.96	125.65	125.23
(aspiração incluída)	112.26	125.35	160.42	147.85
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
(aspiração excluída)	0.89	1.00		1.36
(aspiração incluída)	0.89	1.08		1.42
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pré-pausa: breve
(aspiração excluída)	1.22	1.35		1.21
(aspiração incluída)	1.27	1.31		1.17

Quadro 1-D

	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
OCLUSIVAS SONORAS				
labial - [b]	94.43	75.40	105.56	--
alveolar - [d]	113.51	--	--	--
velar - [g]	107.44	86.74	80.94	82.88
velar labializada - [g^w]	--	79.17	--	--
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
labial	1.25	--		1.11
alveolar	--	--		--
velar	1.23	0.97		0.75
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
labial	1.40	--		--
alveolar	--	--		--
velar	0.93	0.77		0.95

Quadro 1-E

FRICATIVAS	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
surdas				
labial - [ɸ]	--	--	--	--
labial labializada - [ɸʷ]	124.61	--	--	--
alveolar [ʂ]	45.24	--	--	--
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
labial	--	--		--
labial labializada	--	--		--
alveolar	--	--		--
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
labial	--	--		--
labial labializada	--	--		--
alveolar	--	--		--

Quadro 1-F

FRICATIVAS	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
sonoras				
labial - [β]	88.38	66.91	--	173.42
labial labializada - [βʷ]	94.25	--	--	--
alveolar - [ʐ]	--	--	--	--
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
labial	1.32	--		--
labial labializada	--	--		--
alveolar	--	--		--
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
labial	--	1.96		2.59
labial labializada	--	--		--
alveolar	--	--		--

Quadro 1-G

	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada não-pré pausa
AFRICADAS				
alveolar surda - [ts̪]	126.96	101.74	158.24	168.16
alveolar sonora - [dz̪]	105.73	70.83	150.80	84.82
	Longa: breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
alveolar surda	1.24	0.94		1.24
alveolar sonora	1.49	1.77		1.42
	Pré-pausa:	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré -pausa: breve
alveolar surda	1.55	1.32		1.65
alveolar sonora	2.12	0.80		1.19

Quadro 1-H

	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pre-pausa
NASAIS				
labial - [m]	95.52	64.18	66.74	100.53
alveolar - [n]	91.28	58.43	61.26	107.44
palatal - [ɲ]	103.59	52.78	120.64	173.42
velar - [ŋ]	84.82	56.71	--	--
	Longa breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
labial	1.48	0.66		0.69
alveolar	1.56	0.57		0.67
palatal	1.96	0.69		1.16
velar	1.49	--		--
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré -pausa: breve
labial	1.03	1.05		1.56
alveolar	1.04	1.17		1.83
palatal	2.28	1.67		3.28
velar	--	--		--

Quadro 1-I

	Sílaba longa	Sílaba breve	Pré-pausa	Alongada em não-pré-pausa
TAP	--	27.52	34.76	29.21
CONTÍNUA	--	55.88	80.11	--
	Longa breve	Pré-pausa: Alongada não-pré-pausa		Pré-pausa: longa
TAP	--	1.19		--
CONTÍNUA	--	--		--
	Pré-pausa: breve	Alongada não-pré-pausa: longa		Alongada não-pré-pausa: breve
TAP	1.26	--		1.06
CONTÍNUA	1.43	--		--

Nas consoantes (Quadro 1), tem-se que, entre oclusivas surdas há uma bipartição duracional se a aspiração não está incluída na duração da consoante: a diferença temporal encontrada entre oclusivas labiais em sílabas longas e aquelas em sílabas breves é próxima à diferença encontrada entre oclusivas alveolares, as quais, em sílabas longas, excedem um pouco mais as que estão em sílaba breve; as oclusivas velares situam-se à parte, com as oclusivas velares em sílabas breves excedendo aquelas em sílabas longas. Essa situação não muda quando a aspiração é medida como parte da duração da oclusiva, sendo mais evidente o equilíbrio entre oclusivas labiais e alveolares e configurando-se mais uma vez como conjunto à parte as oclusivas velares. As diferenças entre oclusivas surdas em sílabas longas e em sílabas breves recaem dentro do limite de diferença estabelecido para a percepção da duração (ver LEHISTE, 1970), quer se tente ver a aspiração como uma versão desvozeada da vogal seguinte ou não. (A hipótese de a aspiração ser um elemento envolvido na soltura de uma consoante plosiva em Tikuna é, no entanto, sustentada pela progressão temporal na aspira-

ção, que pode ser explicada através da sua ligação com o ponto de articulação da consoante precedente (a aspiração se torna mais longa à medida que o ponto de articulação recua na boca). Considerando-se os resultados duracionais que envolvem outras consoantes, tem-se o fato de que a diferença percentual positiva entre consoantes em sílabas longas e aquelas em sílabas breves cresce nas oclusivas sonoras e na africada surda, é expressiva nas fricativas sonoras e deixa a africada sonora com o maior percentual positivo entre as obstruintes. Constituindo um grupo com um comportamento diferente, há as nasais, cuja diferença percentual em termos de sílabas longas e breves alcança um nível que faz lembrar diferenças moraicas . Essa espécie de caracterização duracional das consoantes, que, de um lado, contrapõe nasais e obstruintes e, de outro lado, estabelece uma diferença graduada entre obstruintes, não é alterada quando consoantes pertencentes a sílabas em situação de pré-pausa são observadas. Aqui, embora as ocorrências de fones seja desigual e haja lacunas, as médias de duração encontradas não estão em contradição com os resultados precedentes: a oclusiva velar surda situa-se ainda à parte; oclusivas sonoras não apresentam diferenças expressivas entre si, não sendo a situação de pré-pausa capaz de trazer ou aumentos consideráveis às medidas estabelecidas antes ou de trazer quaisquer aumentos (dados sobre a oclusiva alveolar sonora estão ausentes das situações mencionadas acima); aumentos observados nas africadas em sílaba em situação de pré-pausa deixam a africada alveolar sonora em posição especial com referência às consoantes que apresentam oclusão; e nasais não apresentam aumentos em situação de pré-pausa, a não ser no caso da

nasal palatal (nos outros casos para os quais se dispõe de dados, as nasais são reduzidas).

Fatos numéricos levaram a conclusões sobre as vogais (Quadro 2). Ao lado do fato de que há lacunas na realização das vogais no que diz respeito a sílabas longas e breves, as mensurações indicaram que há diferenças duracionais entre segmentos: vogal arredondada fechada/meio-fechada e vogal não-arredondada aberta/meio-aberta apresentam maior possibilidade de aumento de duração em sílabas longas do que vogal não-arredondada fechada/meio-fechada; a nasalidade pode alargar a duração de uma vogal não-arredondada fechada e o mesmo faz a laringalização, que, por sua vez, torna próximas, de um ponto de vista duracional, vogais que estão na extremidade da abertura e do fechamento.

Quadro 2

Duração média (ms) de sons vocálicos do Tikuna.

Razões das vogais em sílaba longa e breve.

	Sílaba longa	Sílaba breve	Longa: breve
a	130.67	72.51	1.80
ɛ	155.84	90.02	1.73
i	95.50	85.63	1.11
ɨ	73.30	54.48	1.34
ə	--	82.94	--
ɑ	130.05	41.59	3.12
o	134.12	84.50	1.58
ɔ	144.94	--	--
ĩ	233.74	135.72	1.72
ə̃	--	105.56	--
õ	156.45	--	--
ɨ̃	143.26	89.36	1.60
a̰	151.65	80.60	1.88
ɛ̰	133.82	103.88	1.28
ḭ	188.50	90.48	2.08
o̰	150.80	113.10	1.33
ɔ̰	148.91	--	--

Na condução da altura (cujos níveis são em número de seis)[104], as vogais também apresentaram, no material sob observação, diferenças que não são devidas apenas à qualidade segmental. Vogais em sílabas breves portam uma altura que possui uma faixa mais expandida para a sua localização, tendo as vogais em

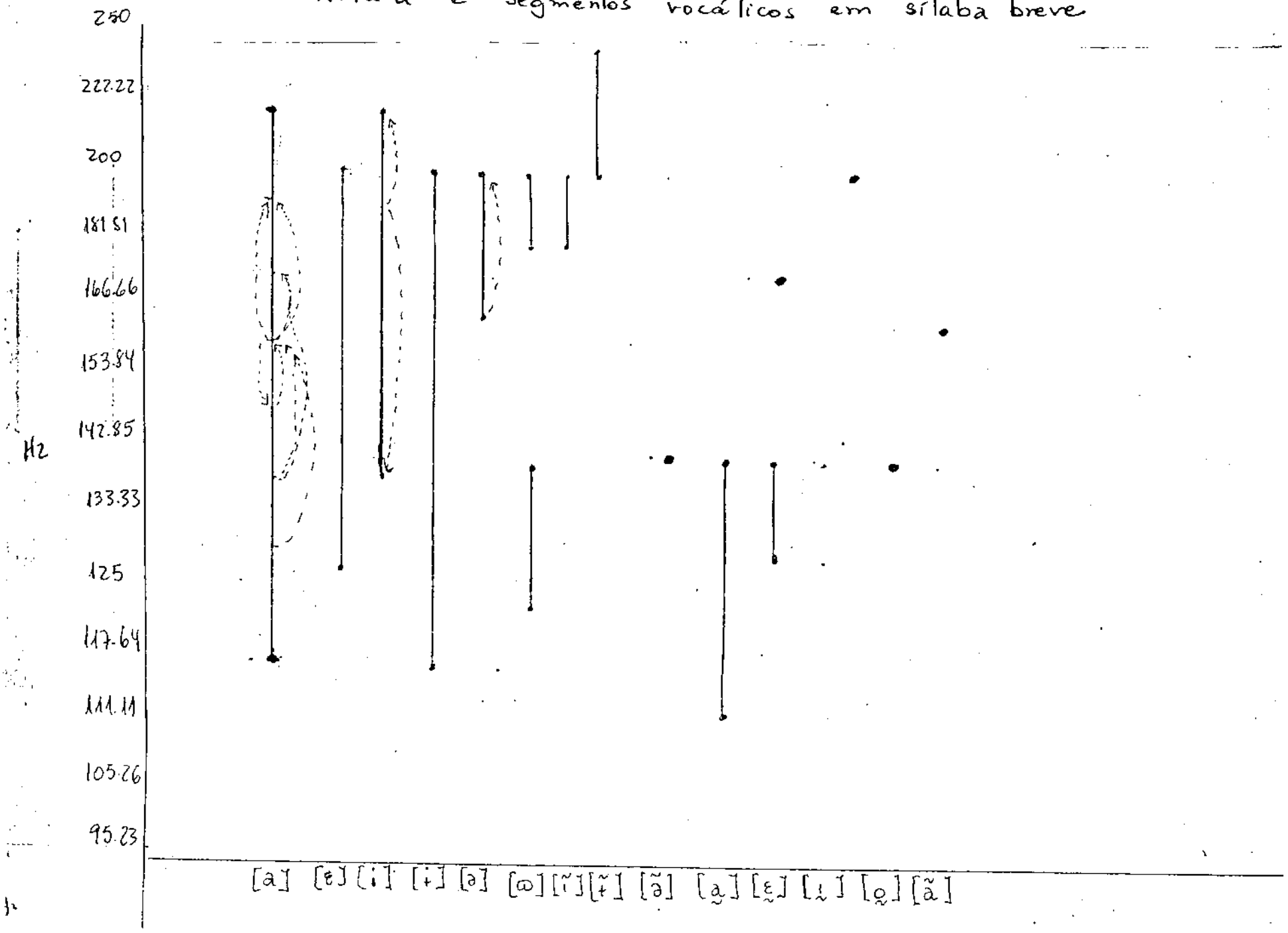
sílabas longas, por comparação, uma faixa menos expandida. E casos que poderiam ser considerados como exceções não são capazes de alterar essa situação. A possibilidade de que uma vogal receba aumentos de Hz em sílaba breve que elevem de somente um intervalo tonal o limite de freqüência superior estabelecido para ela em sílabas longas (caso de [a]) não constitui uma real exceção, da mesma forma que outras vogais não são exceção: devido a escolhas lexicais feitas pelo falante, elas podem estar ausentes ou mesmo serem reduzidas a pontos fixos no que diz respeito à escala de freqüência. De acordo com nossos resultados, sílabas longas são os lugares preferidos para movimento no plano da altura, mas sílabas breves também podem apresentar longos movimentos de altura, embora eles sejam menos freqüentes e paraçam estar restritos a algumas vogais ([a], [i]). (ver Quadros 3, 4).

Sílabas longas também são o lugar preferido para movimentos no plano segmental e o tempo despendido com ditongos e com vogal seguida de oclusão glotal extra-nuclear confirma aquela que dissemos ser a caracterização privilegiada da sílaba longa na língua: ditongos despendem um tempo similar àquele despendido por um núcleo silábico formado de vogal seguida por uma oclusão glotal, fato que está de acordo com a caracterização privilegiada da sílaba longa em termos ou de uma ramificação no interior do núcleo ou de uma ramificação a partir da rima (ver Quadro 5).

As primeiras conclusões apontam para uma interação entre durações silábicas, durações segmentais (movimentos no núcleo segmental sendo considerados), altura e fonação (laringalização). Embora haja um grande controle temporal, não há um relacionamento entre sílabas longas e sílabas breves que possa levar à afirmação de que sílabas longas possuam o dobro da duração das síla-

Quadro 3

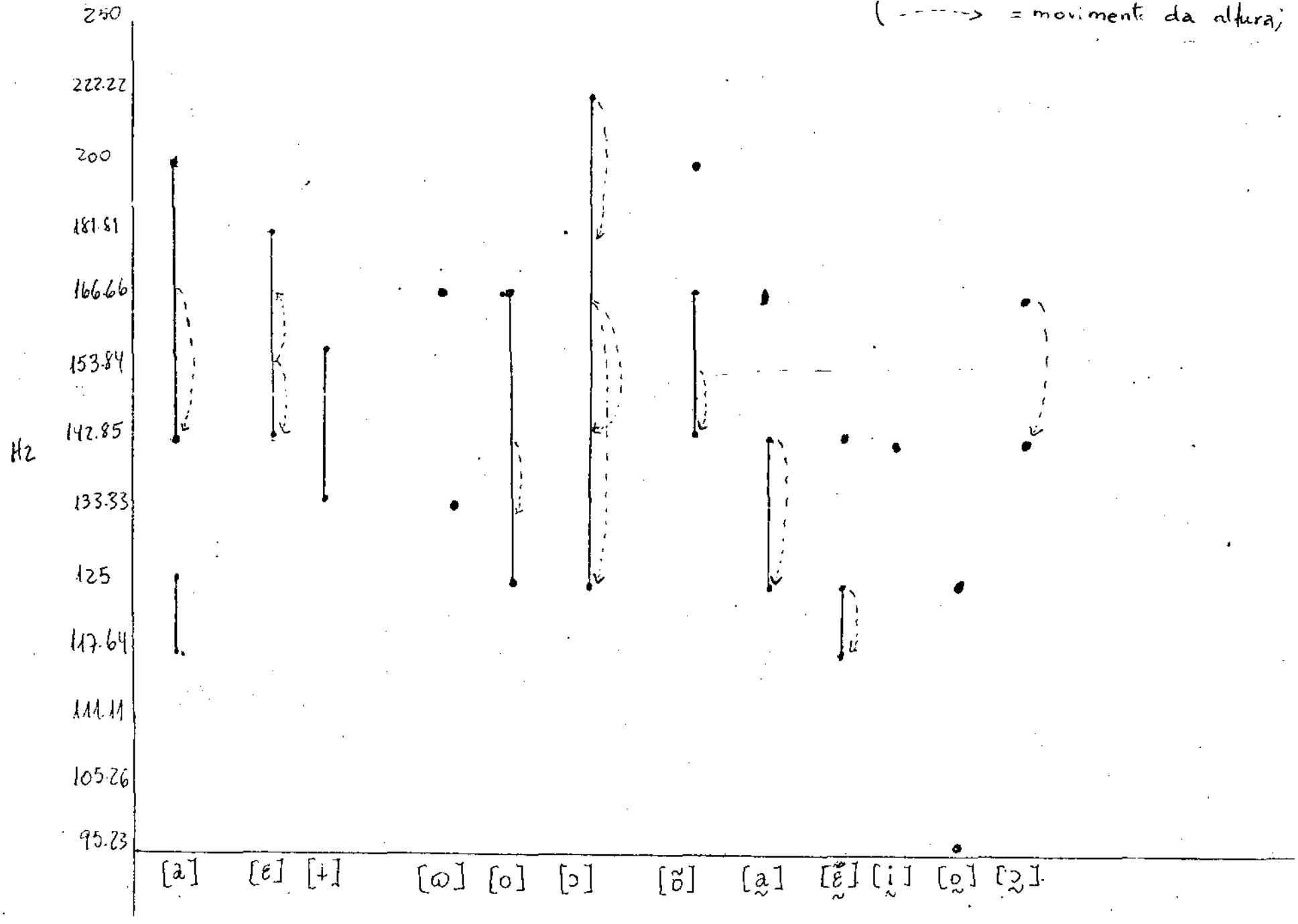
Altura e segmentos vocálicos em sílaba breve



Quadro 4

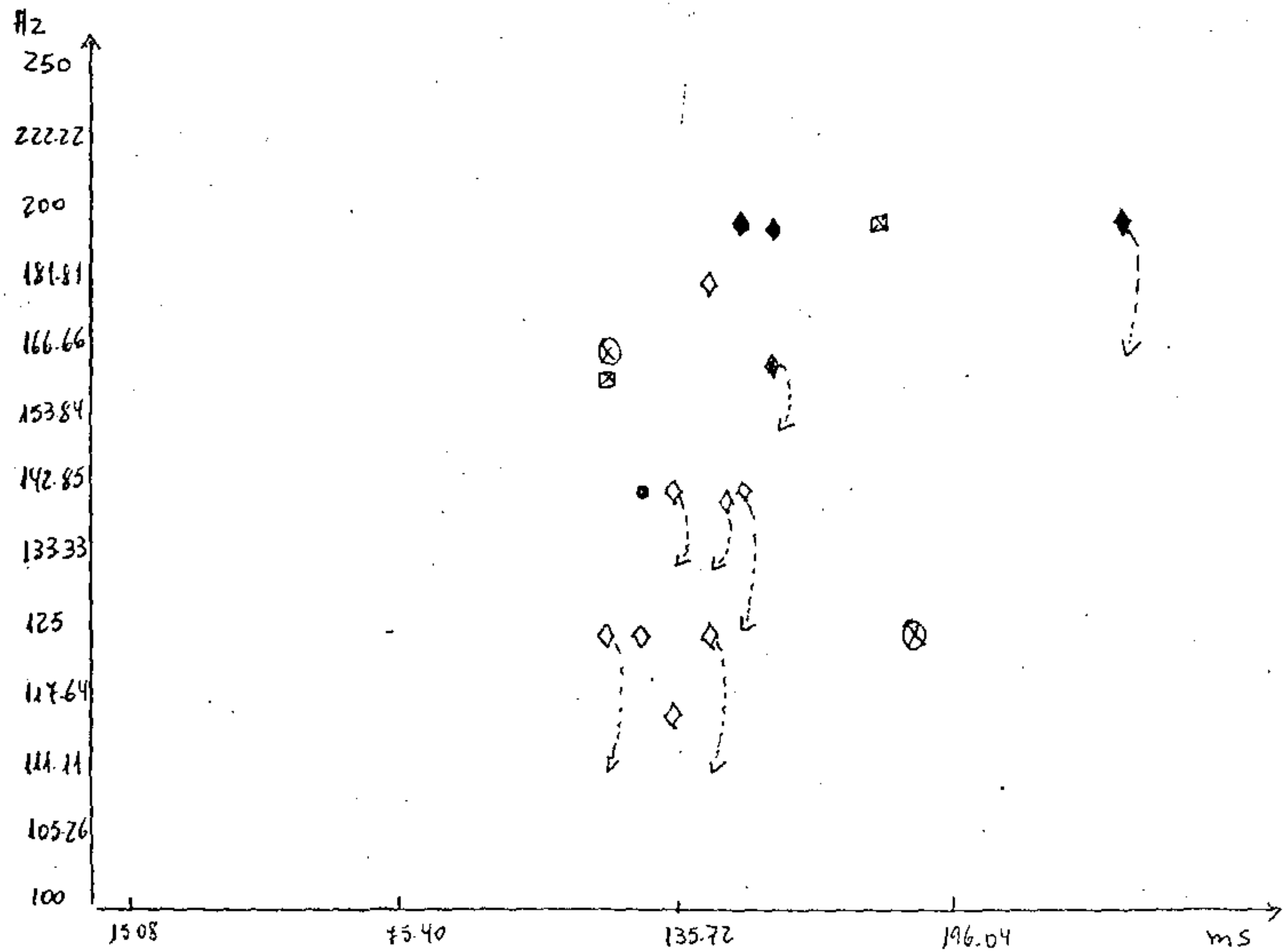
Altura e segmentos vocálicos em sílabas longas

(-----> = movimento da altura)



Quadro 5

Núcleo silábico com ditongos e V?, Ṽ?, Ṽ



Chave:

◊ a@

♦ oɪ, əɪ

• Ṽ?

⊠ V?

⊗ Ṽ

bas breves, nem a possibilidade de que durações segmentais variam para compensar durações intrínsecas de segmentos adjacentes, apesar da existência de nasais cujo comportamento lembra diferenças moraicas. Entretanto, o controle temporal pode ser visto como possuindo um papel nítido, se se considera a interação entre durações silábicas, que estão ligadas à cinestesia, e durações de intervalos vocálicos, que podem levar à percepção de proeminências sonoras. A fim de considerar essa interação, duas espécies de mensuração foram executadas: mensuração da distância entre um centro vocálico e o centro vocálico precedente; mensuração da diferença entre uma duração silábica e a duração silábica seguinte. Com ambas as mensurações, é possível, respectivamente, saber o quanto uma proeminência vocálica ultrapassa a proeminência vocálica precedente e verificar o grau de magnitude de durações silábicas que se seguem umas às outras. Quando ambas as mensurações têm a mesma porção vocálica sob consideração, pode-se vir a conhecer qual é o grau de coesão entre os elementos (características além do nível segmental estando incluídas). Ao lado dessas razões, há ainda uma outra: a execução simultânea dos dois tipos de mensuração permite que fiquem sempre sob a nossa atenção cada grupo de três sílabas que estejam em seqüência em um texto. Dada a importância que vimos possuir, em seções anteriores deste trabalho, uma extensão fonológica de três sílabas, tais mensurações surgem como bastante oportunas.

As situações básicas encontradas em Tikuna com as referidas mensurações são as mostradas abaixo, sendo uma diferença percentual positiva no nível da duração sílabica (DS) ou nível

do intervalo vocálico (IV) chamada de **tensão** e uma diferença percentual negativa em um outro nível chamada de **distensão** (S = sílaba; VC = centro vocálico; C = consoante cuja presença não é obrigatória):

a) DS: tensão/IV: distensão

$$\begin{array}{ll} (\quad S_y > S_z & \text{(DS)} \\ CV_x \quad CV_y \; CV_z & \\ V_xC > V_yC & \text{(IV)} \end{array}$$

b) DS: distensão/IV: tensão

$$\begin{array}{ll} (\quad S_y < S_z & \text{(DS)} \\ CV_x \quad Cv_y \; CV_z & \\ V_xC < V_yC & \text{(IV)} \end{array}$$

c) DS: tensão/IV: tensão

$$\begin{array}{ll} (\quad S_y > S_z & \text{(DS)} \\ CV_x \quad CV_y \; CV_z & \\ V_xC < V_yC & \text{(IV)} \end{array}$$

d) DS: tensão/IV: nivelamento ou quase nivelamento

$$\begin{array}{ll} (\quad S_y > S_z & \text{(DS)} \\ CV_x \quad CV_y \; CV_z & \\ V_xC \cong V_yC & \text{(IV)} \end{array}$$

e) DS: nivelamento ou quase nivelamento/IV: nivelamento ou quase nivelamento

$$\begin{array}{ll} (\quad S_y \cong S_z & \text{(DS)} \\ CV_x \quad CV_y \quad CV_z & \\ V_xC \cong V_yC & \text{(IV)} \end{array}$$

As situações acima, que podem ser traduzidas em um gráfico com curvas onde percentuais são representados e a partir das quais combinações e derivações são possíveis ~~(ver exemplos no final desta seção)~~, dão lugar a arranjos no nível da altura. O nivelamento na altura é sustentado por diferenças no nível duracional (situações **a** e **b**): como diferenças duracionais levam a efeitos rítmicos, elas não têm que ser seguidas por diferenças de altura. O nivelamento na altura pode ser contrabalançado pela laringalização: exemplos são freqüentemente encontrados na situação **c**, onde a laringalização está de acordo com o maior peso da sílaba/intervalo vocálico. A ausência de diferenças ou diferenças mínimas em um ou ambos os níveis de duração (situações **d** e **e**) podem ser seguidas por um correspondente equilíbrio no nível da altura, mas aqui diferenças no nível da altura são freqüentemente usadas, porque elas criam padrões melódicos com efeito rítmico. Em todas as situações apresentadas, diferenças ou equilíbrio no nível da altura são dependentes de equilíbrio ou diferenças (tensões ou distensões) no nível da duração. O fato de que esse nível seja programado de uma maneira dupla possui algumas outras conseqüências. Em primeiro lugar, as durações consonantais são dependentes, de um dupla maneira, dos centros vocálicos: elas dependem do centro vocálico precedente e do seguinte, com os quais podem ser vistas, do ponto de vista do ritmo, como constituindo ou não constituindo uma sílaba. Em segundo lugar, no caso de uma vogal possuir uma duração breve e a vogal seguinte, uma duração longa, sendo ambas responsáveis pela percepção da duração silábica, a tendência será a de que a consoante intermediária somente alterará a percepção da vogal

precedente como uma unidade de duração, se essa consoante possuir, ela própria, uma duração longa. Em terceiro lugar, e mais importante, as duas maneiras de programar o ritmo apontam para um projeto cuja organização é calculada de um ponto terminal: um intervalo vocálico possui acréscimos ou decréscimos em relação ao intervalo precedente, mas esse possui a sua duração ela própria determinada pela unidade de duração que o segue; uma duração silábica tem lugar na parte de distensão de um enunciado se a duração silábica seguinte despende mais tempo do que ela - um tempo calculado antecipadamente. Visto que da interação dessas duas maneiras de programar o ritmo um projeto rítmico organizado a partir de pontos terminais tem lugar, pontos terminais de unidades maiores do que sílabas e do que intervalos vocálicos podem ser localizados em um texto. Esses pontos terminais limitam espaços específicos - padrões rítmicos - a partir dos quais pode-se pensar não só sobre a interação entre duração silábica e durações segmentais, mas também sobre a constituição de padrões melódicos com papel rítmico. Pode-se pensar também sobre a localização de movimentos nos níveis segmental e suprassegmental, e sobre a colocação da pausa, que conta para o projeto rítmico e que freqüentemente pode romper, sem problemas, uma estrutura de constituintes sintáticos.

Por fim, diremos que a análise experimental realizada permite que se tenha elementos para justificar a existência de padrões rítmicos em Tikuna. Essa existência é justificada através da interação de tensões e distensões que pertencem primariamente ao nível da duração. Tensões e distensões são rótulos que se adequam bem a descrições baseadas na colocação do acento

(stress) - um elemento que, aparentemente, não ocorre de maneira regular em Tikuna. No entanto, dado o reconhecimento da existência de uma regulação que se constrói primariamente através de tensões e distensões no plano da duração, temos elementos para atribuir a essa um papel semelhante ao do acento (stress).

2.2.2. Do tratamento fonológico do ritmo

Antes de passarmos à questão da representação fonológica de muitos dos fatos trazidos pela investigação dos padrões rítmicos em Tikuna, vamos aqui expor as linhas de dois modelos que, situados no âmbito da teoria métrica, possuem estreita relação com o que vimos.

2.2.2.1. O modelo determinista de Halle e Vergnaud

A motivação inicial do modelo de Halle e Vergnaud (1987) é uma antiga preocupação com a questão da localidade em regras fonológicas - uma questão que assumiu um primeiro plano desde que pareceu a muitos fonólogos da década de 1970 que uma compreensão do papel da localidade em regras fonológicas seria a chave de um progresso adicional na fonologia. Estreitamente ligadas a essa questão estão tentativas feitas no sentido de se capturar formalmente processos de "ação à distância" - como a harmonia vocálica ou a colocação de acento em certas línguas - e processos que envolvem a repetição de um motivo, como os padrões alternantes de acento no inglês.

Motivados pela questão da localidade em regras fonológicas, Halle e Vergnaud a olham sob o ângulo do acento, e, ao fazê-lo, terminam por conciliar parte do que é a proposta elaborada por fonólogos vinculados à versão padrão da teoria métrica e parte de uma outra proposta que, desenvolvida dentro da teoria métrica, se caracterizou pelo abandono do formalismo centrado em diagramas em árvores e pela adoção de grades métricas.

A conciliação pretendida se efetua, de um lado, através do reconhecimento de que seqüências devam estar hierarquicamente organizadas em constituintes métricos e, de outro lado, através da aceitação da idéia de que se deve atribuir um papel central à grade métrica. Além disso, segue-se, de maneira adaptada, uma concepção de aplicação iterativa de regra desenvolvida, no final dos anos 60 e início dos 70, por Anderson e Johnson. Esses três pontos - organização hierárquica de seqüência em constituintes métricos, papel central da grade métrica e aplicação iterativa de regra - constituem a base sobre a qual Halle e Vergnaud estruturam seu modelo. Esses pontos fundamentais se conjugam da maneira que se segue.

O acento é tratado através do recurso ao formalismo introduzido pela fonologia autossegmental: a sua representação está ligada à postulação de um plano autossegmental no qual uma linha contém uma seqüência de fonemas e uma segunda linha possui marcas que representam os fonemas acentuados. O acento é representado como uma seqüência de posições abstratas em uma linha autossegmental associáveis a unidades portadoras de acento que são, elas também, posições em uma linha. As posições abstratas ocupadas pelo acento são marcadas por um asterisco, e a própria colocação do acento reflete uma organização imprimida à seqüência de unidades - posições - aptas a portá-lo.

A organização imprimida pelo acento a uma seqüência está, no modelo de Halle e Vergnaud (1987), diretamente relacionada às restrições que pesam sobre os tipos de estruturas de constituintes métricos admitidas. Vejamos como isso se dá.

No plano acentual, cada unidade passível de portar acento

é representada por um asterisco e integra uma linha (linha 0) que, reservada a unidades desse tipo, realiza a mediação entre a linha central de fonemas e a linha acentual (linha 1). A organização que os elementos da linha 0 recebem daqueles que estão na linha 1 surge a partir do momento em que um dos elementos acentuáveis pode ser projetado sobre a linha 1: ao ser projetado sobre a linha 1, esse elemento se define como uma posição rítmica que se distingue das demais por ser mais proeminente; em outros termos, a posição rítmica definida na linha 1 é a cabeça de um constituinte que se constrói na linha 0.

A variedade de constituintes métricos que podem ser construídos recebe restrições impostas por dois parâmetros binários: de acordo com o primeiro deles, importa definir a cabeça do constituinte como sendo ou não adjacente a uma das fronteiras do constituinte, isto é, importa definir a cabeça como sendo ou não terminal; de acordo com o segundo parâmetro, é necessário definir o constituinte a ser gerado como tendo ou não a sua cabeça separada das fronteiras por não mais do que um elemento interveniente, isto é, é necessário definir o constituinte a ser gerado como sendo ou não limitado (bounded) em suas fronteiras. A esses dois parâmetros, junta-se um terceiro, relativo à existência de um valor positivo para o primeiro parâmetro: um constituinte cuja cabeça é positivamente terminal deve ser um constituinte com cabeça à esquerda ou à direita.

Reunidos, os três parâmetros dão lugar aos seguintes tipos de constuinte:

a) não-limitado com cabeça à esquerda

(= + cabeça final, - limitado, esquerda):

```
* . . . .        linha 1
(* * * * *)      linha 0
```

b) não-limitado com cabeça à direita

(= + cabeça final, - limitado, direita):

```
        *        linha 1
(* * * * *)      linha 0
```

c) ternário (= - cabeça final, + limitado):

```
   *             linha 1
(* * *)          linha 0
```

d) binário com cabeça à esquerda

(= + cabeça final, + limitado, + esquerda):

```
*                linha 1
(* *)            linha 0
```

e) binário com cabeça à direita

(= + cabeça final, + limitado, + direita):

```
   *             linha 1
(* *)            linha 0
```

Além de estarem sujeitos aos três parâmetros mencionados, constituintes métricos têm a sua construção submetida à Condição de Recuperabilidade, segundo a qual dada a direção do governo das cabeças de constituinte na gramática, a localização das fronteiras de constituinte métrico devem ser recuperáveis de ma

neira não-ambígua a partir da localização das cabeças, e, da mesma forma, a localização das cabeças deve ser recuperável a partir das fronteiras. Na prática, a imposição dessa Condição impede que seja gerado um constituinte do tipo

```
        *          linha 1
(* * * * * *)   linha 0
```

isto é, com valores negativos para os dois primeiros parâmetros (- cabeça final, - limitado). Como a Condição de Recuperabilidade impõe que haja alguma relação entre a localização das fronteiras e a localização da cabeça, um dos dois primeiros parâmetros deve possuir valor positivo.

Os três parâmetros mencionados definem quais são os constituintes métricos possíveis, mas não são eles que atribuem uma estrutura de constituinte a seqüências concretas de elementos acentuáveis. Essa atribuição é feita por duas regras, que constroem, respectivamente, fronteiras de constituinte métrico e cabeças em posições específicas em uma seqüência. São elas: uma regra que ou constrói fronteiras de constituinte em uma linha do plano acentual se o constituinte é - limitado, ou constrói fronteiras de constituinte da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda em uma linha do plano acentual, se o constituinte é + limitado; e uma regra que localiza as cabeças de uma dada linha de constituintes métricos em uma linha um nível acima.

A regra que constrói fronteiras de constituinte está sujeita a determinadas condições. A primeira delas é a Condição de

Exaustividade, pela qual as regras que constroem fronteiras de constituintes, sujeitas à Condição de Recuperabilidade, se aplicam exaustivamente. A segunda delas é a Condição de Maximalidade, pela qual cada constituinte construído por uma regra de construção de fronteira deve incorporar uma subseqüência máxima, desde que outras exigências que pesam sobre a estrutura de constituinte sejam satisfeitas. Outra condição é a Condição de Fidelidade que, ligada à noção de elemento acentuado, é imposta à estrutura métrica output: essa estrutura respeita a distribuição das cabeças (elementos acentuados), no sentido de que cada cabeça é associada a fronteiras de constituinte na estrutura output e essas são localizadas em posições apropriadas em uma seqüência; fronteiras de constituintes são apagadas quando nenhum dos elementos encerrados no interior de fronteiras é marcado como cabeça.

Quanto à regra que localiza as cabeças de uma dada linha de constituintes métricos um nível acima, ela formalmente gera cabeças que não figuram na representação subjacente. Quando, em uma língua, há elementos inerentemente acentuados, isto é, que são necessariamente cabeças independentemente de uma geração por regra, esses são identificados pelo formalismo através do provimento direto de um asterisco na linha 1. A conseqüência da decisão de assim proceder é que uma seqüência com elementos inerentemente acentuados possuirá tantos constituintes obrigatórios quantas forem as cabeças em que esses elementos necessariamente se constituem.

Uma vez que o modelo é capaz de atribuir uma estrutura de constituinte a seqüências concretas de elementos acentuáveis,

um dos passos seguintes é confrontá-lo com fatos apresentados por línguas reais.

Entre os fatos trazidos pelas línguas estão os efeitos do apagamento e da inserção sobre os padrões acentuais.

No caso do apagamento de um elemento acentuado (isto é, de um asterisco na linha 0), o formalismo prevê que, uma vez que a parentetização não é afetada pelo apagamento de um asterisco na linha 0, o número de acentos em uma palavra será preservado. Tal preservação se faz através da transferência do acento do elemento eliminado para o elemento acentuável mais próximo, que estará à esquerda ou à direita conforme a regra de localização da cabeça. Aqui as previsões do formalismo se ajustam aos fatos trazidos pelas línguas, os quais sustentam a visão de que os padrões acentuais são um subproduto da estrutura de constituinte métrico.

No caso da inserção que traz um elemento acentuável a uma seqüência, os efeitos dessa inserção podem ser devidamente capturados através de uma diferenciação entre inserção que se dá entre constituintes métricos e inserção feita no interior de um constituinte métrico já constituído. O primeiro tipo de inserção não tem qualquer conseqüência sobre a estrutura de constituintes. Já o segundo tipo de inserção desencadeia uma reestruturação de constituintes métricos que leva a uma reatribuição de acentos. Essa reestruturação é expressa pela Condição Dominó, segundo a qual a introdução de uma posição adicional no interior de um constituinte limitado destrói esse constituinte e todos os constituintes à sua direita, se a regra de Construção de Constituinte se aplica da esquerda para a direi-

ta, e todos os constituintes à sua esquerda, se a regra de Construção de Constituinte se aplica da direita para a esquerda; a estrutura de constituinte é reimposta à subseqüência afetada pela reaplicação da regra de Construção de Constituinte. Também aqui as possibilidades do formalismo se ajustam aos fatos trazidos pelas línguas, e como desse formalismo faz parte a estrutura de constituinte, é possível expressar a diferença entre casos de inserção que levam à reconstrução de uma estrutura e casos de inserção em que essa reconstrução não tem lugar.

Se a estrutura de constituinte métrico tem, dentro do modelo, um papel vital para a captura da distribuição de acentos, não menos importante é a concepção de grade métrica: através dela é possível lidar de maneira mais adequada não só com a prominência relativa, mas também com o deslocamento de acento. Na grade métrica, os acentos são representados como colunas de asteriscos dispostas em um espaço bidimensional. Nesse espaço, graus de acento são vistos como colunas que se diferenciam em número de asteriscos, e a expressão do deslocamento de acento se dá através do movimento lateral de um asterisco em uma dada linha.

No modelo, a grade métrica está diretamente relacionada à estrutura de constituinte, de tal forma que as colunas de asteriscos que lhe ocupam o espaço são geradas através da imposição de uma estrutura de constituinte métrico linha a linha no interior da grade. Isso vale dizer que as camadas de constituinte - as diferentes linhas - têm as suas próprias regras de construção, sem que a direção da construção na camada mais baixa - comumente chamada de pé - determine a posição da cabeça em camada

superior. A relação direta, estipulada pelo modelo, entre a grade métrica e a estrutura de constituinte resulta na promoção de uma relação direta entre a representação da estrutura de constituinte e os graus de acento.

A estrutura de constuinte possui, dentro do modelo, um peso muito grande, e é em função dela que não só se lança mão de recursos que já integram o aparato teórico da fonologia métrica, mas também que se criam dispositivos para capturar padrões acentuais menos usuais. Entre os recursos conhecidos no âmbito da teoria métrica, está a utilização do traço diacrítico da extrametricalidade: conhecido por tornar invisível às regras de acento uma unidade terminal, ele opera, no modelo, no sentido de tornar um elemento terminal invisível às regras que constroem constituintes métricos. Quanto à criação de dispositivo para que possam ser capturados, em termos de constituinte métrico, padrões acentuais menos usuais, ela se dá, por exemplo, através da formulação de uma regra que opera a fusão de linhas métricas. Na prática, a fusão de linhas métricas serve à eliminação de acentos secundários gerados por determinadas regras de construção de constituinte (essas regras operam com o parâmetro que define o constituinte a ser gerado como sendo ou não limitado (bounded) em suas fronteiras). Do ponto de vista formal, a fusão de linhas métricas sustenta a eliminação de acentos secundários através da relação entre constituinte e cabeça nas linhas em jogo: quando duas linhas em uma grade métrica são fundidas, um constituinte na linha mais baixa só é preservado se a sua cabeça é também a cabeça de um constituinte na linha de cima; quando constituintes são destruídos, as suas cabe

ças são automaticamente eliminadas.

A importância da estrutura de constituinte se vê aumentada pela maneira determinista com que se relacionam os seus dois componentes elementares - a cabeça e as fronteiras: a estrutura de constituinte completa pode ser reconstruída quer a partir da localização das cabeças, quer a partir das fronteiras. O determinismo da relação entre cabeças e fronteiras permite que, em certos momentos, uma construção de constituinte atue como um mecanismo que, dado um ponto de referência, opera a divisão da seqüência em subseqüências e determina a sílaba sobre a qual é colocado o acento. Esses determinados momentos coincidem com a construção de constituintes métricos binários (um tipo de constituinte limitado (bounded) em suas fronteiras).

Por fim, a importância da estrutura de constituinte se revela mesmo nos casos em que é possível se falar na ausência de uma construção de fronteiras de constituintes em uma dada linha da grade métrica. Esses casos se apresentam em línguas que possuem elementos inerentemente acentuados e, conseqüentemente, formadores de constituintes obrigatórios, mas que não exibem constituintes construídos na linha 0. O problema da inexistência de uma estrutura de constituintes nessa linha - patente a partir do momento em que em uma seqüência não há elementos inerentemente acentuados - se resolve com uma inversão de percurso: não havendo na linha 0 uma cabeça que possa ser projetada sobre a linha 1, estipula-se a existência de uma cabeça através da atribuição de um asterisco em posição terminal (à direita ou à esquerda) na linha 2, asterisco que, também por convenção, é copiado na posição correspondente da linha 1, a qual, por sua

vez, induz a construção de constituinte na linha 0. Na inversão de percurso operada, fica a revelação de que uma exploração no sentido de se abrir mão da regra que constrói fronteiras de constituintes em uma linha mais baixa resulta não só no fortalecimento da noção de cabeça, mas também numa ampliação dos mecanismos que permitem obtê-la.

Preservada a importância da estrutura de constituinte, resta dizer que, de acordo com o modelo, não é apenas uma análise de constituinte métrico que se pode atribuir a uma dada seqüência de fonemas. Ao contrário, como as representações fonológicas são concehidas como objetos tridimensionais que consistem de (semi)planos que se interceptam em uma linha central, o modelo permite a exploração da possibilidade de se atribuir mais de uma análise em constituinte métrico a uma mesma seqüência de fonemas. Essa possibilidade se faz acompanhar de duas suposições, quais sejam: a de que uma estrutura de constituinte métrico não necessita sempre ser interpretada em termos acentuais e a de que há um relacionamento especial entre a cabeça de um constituinte métrico e os elementos restantes nesse constituinte.

A análise em constituinte métrico é feita levando-se em consideração determinados domínios. Na proposta de Halle e Vergnaud (1987) o foco é dirigido em especial para a palavra, um domínio de ha´muito ligado a diferenciações quanto à operação de regras fonológicas, entre as quais se incluem as regras de acento.

Para lidar com as regras de acento no âmbito da palavra, Halle e Vergnaud seguem determinados pontos estabelecidos pela Fonologia Lexical, deixando-se, no entanto, influenciar por tra

balhos que são críticos à versão padrão dessa última. Assim é que, aceitando a distinção entre camadas cíclicas e não-cíclicas e ainda o princípio da ciclicidade estrita, não vêem eles as regras da morfologia como sendo atribuídas a estratos fonológicos particulares. Ao contrário, alinhando-se junto àqueles que fazem a afirmação tradicional de que as regras de morfologia pertencem a um módulo morfológico, vêem a interação da morfologia com a fonologia como se dando a partir do momento em que as regras fonológicas operam sobre os objetos que a morfologia cria. Esses objetos, concebidos em termos de planos autossegmentais, levam à visão de que a combinação de morfemas em uma palavra envolve uma combinação de planos, isto é, de famílias de planos. Nessas famílias, há aqueles planos que, por serem a representação de determinados morfemas, se caracterizam como independentes. Da mesma forma, há planos cuja característica é a de não se situar de maneira independente face a outros planos. A independência ou não dos planos (ou família de planos) é combinada a idéia de camadas cíclicas e não-cíclicas, e o resultado dessa combinação é responsável pela interação ou não que o os objetos morfológicos irão manter com as regras fonológicas - no caso, com as regras de acento -, já que as regras da fonologia podem operar somente em uma família de planos.

Em termos da morfologia, tem-se uma distinção entre afixação cíclica e não-cíclica: os morfemas cíclicos são afixados em um plano (família de planos) distinto daquele da raiz; os morfemas não-cíclicos são afixados no mesmo plano (família de planos) da raiz. Ainda com referência à morfologia, a afixação

cíclica é acompanhada por um processo que copia o conteúdo da raiz no plano do afixo, ficando o conteúdo do plano da raiz intacto e accessível a outras regras. De maneira inversa, na afixação não-cíclica nenhum novo plano é criado, sendo o afixo não-cíclico representado diretamente sobre o mesmo plano da raiz à qual foi juntado.

Em termos da interação dos objetos morfológicos com as regras de acento, presume-se que, na afixação cíclica, quase sempre fica de fora do processo de cópia da raiz a infomação contida na sua grade métrica. Quanto à afixação não-cíclica, a questão da eliminação de informação referente à raiz sequer se coloca: com representação no mesmo plano que o afixo não-cíclico que a ela se junta, a grade métrica da raiz permanece intacta e serve como input para as regras de acento do estrato não-cíclico.

No que diz respeito aos momentos em que, na afixação cíclica, **não** fica de fora do processo de cópia da raiz a informação contida na sua grade métrica, esses momentos coincidem com a existência de uma subseqüência afixada que é ela própria um domínio para as regras de acento. Nesse caso, os acentos gerados em passagens anteriores pelas regras cíclicas são transferidos para o plano do afixo cíclico. Para incorporar formalmente as diferenças que, em termos de grade métrica, provocam os afixos cíclicos que são domínio para regras de acento e aqueles que não o são, realiza-se uma convenção de apagamento de acento. Por essa convenção, no input das regras do estrato cíclico, a informação sobre acento gerado através de passagens prévias por regras cíclicas é levada adiante somente se o constituinte afixado é ele próprio um domínio para as regras cíclicas de acen-

to. Se o constituinte afixado não é um domínio para as regras cíclicas de acento, a informação sobre acentos atribuída em passagens prévias é apagada.

Existem aparentes exceções à convenção de apagamento de acento ou mesmo exceções aparentes ao que basicamente propõe o modelo. No entanto, o que aparece como exceção é devidamente resolvido através do formalismo proposto. Quando acentos atribuídos em passagens prévias por regras de acento cíclicas aparecem no output em formas com afixos cíclicos que não são domínios para regras de acento, esse aparente problema se desfaz com a proposição de uma regra especial que copia asteriscos de um plano acentual para outro - uma regra que faz com que a teoria passe a ter um poder transderivacional, mas que se encontra motivada por fatos de diferentes línguas. Quando, contrariando aparentemente o rumo das formulações feitas, o acento secundário depende da atribuição prévia do acento principal , a solução vem através de um conjunto de regras que, sendo do mesmo tipo daquelas que constroem constituintes, possuem como peculiaridade apenas o fato de serem não-cíclicas.

Evidentemente, cada uma dessas soluções formais gira em torno da mesma questão básica, que é saber como uma estrutura métrica previamente atribuída pode ou não ser modificada por regras mais tardias.

Se o formalismo aqui traduz uma preocupação com uma questão básica, ele pode, porém, ser a própria resposta a outras questões também básicas. Essa possibilidade Halle e Vergnaud tornam explícita ao se voltarem para as condições gerais que governam a construção de constituinte métrico.

Essas condições são as de Exaustividade, de Maximalidade, de Fidelidade e a Condição Dominó - aqui já mencionadas -, além da Condição de Direcionalidade, que restringe especificamente as regras que constroem constituintes limitados (bounded). E as questões básicas ligadas a elas são duas: 1) por que, na construção de constituinte métrico, é encontrado esse conjunto particular de condições e não um outro? 2) na suposição de que esse conjunto de condições possa estar ligado a princípios mais gerais, por qual formalização independentemente motivada poderia ele ser derivado desses princípios?

A resposta a essas duas questões vem sob a forma de uma exposição dos procedimentos deterministas que inserem fronteiras em constituintes não-limitados, binários e ternários.

Na parte da exposição referente aos constituintes não-limitados em suas fronteiras (unbounded), é introduzido um procedimento determinista mínimo, pelo qual se interpretam os constituintes naturais como constituintes métricos. O input da regra que configura tal procedimento são estruturas morfológicas - estruturas de constituintes naturais - cujas fronteiras e parentetização são referidas, respectivamente, como fronteiras naturais e parentetização natural. Os parênteses, que assinalam as fronteiras, são de suma importância: eles denotam limites de subseqüências de constituinte à esquerda ou à direita, e, como tal, são vistos como necessariamente adjacentes enquanto símbolo a alguma posição métrica à sua esquerda ou direita. Além disso, é a interpretação dos parênteses que conduz a aplicação de convenções e regras. No caso dos constituintes métricos não-limitados, o procedimento determinista mais simples - algorit-

mo de identidade - toma uma parentetização natural já existente como input e a interpreta como parentetização métrica.

O mesmo procedimento pode ser aplicado a constituintes métricos não-limitados que contenham elementos inerentemente acentuados.

Para construir constituintes métricos não-limitados, estando neles incluídas a possibilidade da presença de elementos inerentemente acentuados, é necessário:

1. identificar as fronteiras naturais intrínsecas licenciadas pela seguinte convenção bipartida:
   (a) o elemento mais à direita (mais à esquerda) da seqüência input licencia uma fronteira natural direita (esquerda) à sua direita (esquerda);
   (introdução de parêntese intrínseco)

   (b) dentro de uma gramática com constituintes com cabeça à direita (cabeça à esquerda), cada elemento acentuado licencia uma fronteira métrica à direita (esquerda)
   (introdução de parêntese intrínseco)

2. construir estrutura de constituinte natural não-limitado associado com as últimas fronteiras (essa construção segue de acordo com o mais simples procedimento determinista):
   (a) um elemento que é adjacente pela direita (pela esquerda) de uma fronteira direita (esquerda) licencia uma fronteira esquerda (direita) à esquerda des

ta;

(introdução de parêntese dependente)

(b) um parêntese esquerdo (direito) que está emparelhado com um parêntese métrico direito (esquerdo) é interpretado como parêntese métrico;

(regra interpretativa)

3. construir a estrutura de constituinte métrico associada com a estrutura natural previamente definida (essa construção também segue de acordo com o procedimento determinista mais simples, o mapeamento da identidade, pelo qual constituintes naturais são interpretados como constituintes métricos).

A convenção 2(a) acima desempenha os papéis da Condição de Maximalidade e da Condição de Exaustividade para estruturas com constituintes não-limitados. Para Halle e Vergnaud, essa convenção aparece então como sendo a verdadeira fonte formal das duas condições no caso das estruturas com constituintes não-limitados. Quanto à Condição de Fidelidade, segue-se ela da definição formal da noção "constituinte" adotada, que estabelece que a projeção da cabeça de um dado domínio parentetizado em uma linha mais alta é o constituinte que domina esse domínio. As posições obrigatórias da linha 1 em uma representação input devem ser então analisadas como precursoras dos constituintes métricos.

O ato de fazer derivar de convenções formais algumas das

condições que governam a construção de constituinte consiste, pra Halle e Vergnaud, na própria resposta às duas questões básicas há pouco colocadas. Essa resposta é válida para constituintes métricos não-limitados, e não deixa de ser válida para constituintes binários e ternários.

No que diz respeito aos constituintes binários, que são estruturas do tipo limitado em suas fronteiras (bounded), não há como derivar suas estruturas diretamente de uma estrut a natural. Aqui a derivação necessita ser feita por uma regra de construção que torne explícita a relação de adjacência que deve se manter entre a cabeça e as posições governadas. A relação de adjacência, no caso, é alcançada através da fórmula

$$(*(_{a} * _{a}))$$

na qual, fazendo-se uso da notação parentética nos mesmos termos em que essa foi consagrada em SPE (The Sound Pattern of English), encontram-se reunidas as duas possíveis representações de constituintes binários:

(* *) e (*)

Para que a fórmula mencionada - expressão da noção constituinte binário - possa integrar um procedimento determinista, ela deve ter um de seus dois parênteses extremos coincidente com um parêntese natural na seqüência input. Uma vez que essa coincidência exista, pode ser aplicada uma das duas regras que, de maneira determinista, licenciam a existência de uma fronteira métrica. São elas:

a. Licenciamento de fronteira métrica à direita

$$[* (_{a} * _{a}) \dashrightarrow [* (_{a} * _{a}))$$

(uma fronteira métrica é licenciada à direita quando se encontra separada por no máximo duas posições a partir de alguma fronteira à esquerda; o parêntese métrico licenciado é um parêntese dependente)

b. Licenciamento de fronteira métrica à esquerda

$$*(_{a} * _{a})] \dashrightarrow (* (_{a} * _{a})]$$

(uma fronteira métrica é licenciada à esquerda quando se encontra separada no máximo por duas posições a partir de alguma fronteira à direita; o parêntese métrico licenciado é um parêntese dependente)

Como é necessária, para que essas regras possam operar, a referência explícita a uma fronteira natural, o seu input está relacionado à atuação anterior de convenções já apresentadas: a convenção que, aqui referida como 1(a), introduz parênteses intrínsecos resultado da demarcação das extremidades de um constituinte natural (o constituinte natural corresponde a uma estrutura morfológica); a convenção que, correspondendo aqui a 1b, introduz parêntese intrínseco resultado da existência de elemento acentuado; a convenção que aqui apareceu como 2(a) e que introduz parêntese dependente resultado da adjacência de um elemento a uma fronteira.

Aplicada uma das duas regras de licenciamento de fronteira métrica para constituinte binário, tem-se a aplicação da regra interpretativa que, vista aqui como 2(b), lê como fronteira métrica uma fronteira que ainda não está assim caracterizada. Após esse processo, podem-se seguir reaplicações das convenções que introduzem novos parênteses naturais, de uma das regras de licenciamento de fronteira métrica para constituinte binário, a

lém da regra interpretativa de fronteira.

No sistema que se expõe, todas as regras se aplicam obrigatoriamente. O sistema é determinista. E os resultados obtidos, nesse sistema, para estruturas com constituintes binários são uma extensão parcial daqueles obtidos para estruturas com constituintes não-limitados em suas fronteiras (unbounded). No caso das estruturas binárias, a Condição de Exaustividade segue-se da aplicação determinista da convenção que introduz parêntese dependente. (2(a)) e do par de regras que licenciam fronteira métrica para constituinte binário. A Condição de Maximalidade, devendo ser definida, no caso dos constituintes binários, em termos das representações explícitas das seqüências relevantes, obtém essa definição da fórmula que expressa a noção constituintes binário. A Condição de Fidelidade continua a se seguir da definição formal da noção "constituinte" adotada, que estabelece que a projeção da cabeça de um dado domínio parentetizado em uma linha mais alta é o constituinte que domina esse domínio. As posições obrigatórias da linha 1 são precursoras dos constituintes métricos e induzem fronteiras do lado correspondente àquele onde se dá a localização da cabeça. Quanto à Condição de Direcionalidade, ela é derivada dos dois algoritmos deterministas que licenciam fronteiras métricas para constituintes binários.

No que diz respeito aos constituintes ternários, esses diferem dos constituintes não-limitados porque neles os elementos governados devem ser adjacentes à cabeça; diferem dos binários porque neles a direção do governo é indefinida. Apesar disso, também podem resultar de procedimentos deterministas.

A caracterização determinista da "ternaridade" envolve: dois esquemas simétricos de construção direcional, uma propriedade geral e duas convenções simétricas de licenciamento de fronteira para acento.

Os esquemas simétricos de construção direcional estão assentados em uma fórmula que faz uso da já mencionada notação parentética com convenção estabelecida em SPE:

$$(* \ (_b * (_a * a) \ b))$$

E os esquemas simétricos que a incluem introduzem parênteses métricos a partir da esquerda ou da direita:

a. Princípio da "ternaridade" esquerda-para-a-direita:

$$[* \ (_b * (_a * a) \ b) \dashrightarrow [* \ (_b * (_a * a) \ b))$$

(introdução de uma fronteira métrica à direita sob o controle de uma fronteira natural à esquerda)

b. Princípio da "ternaridade" direita-para-a-esquerda:

$$* \ (_b * (_a * a) \ b)] \dashrightarrow (* \ (_b * (_a * a) \ b)]$$

(introdução de uma fronteira métrica à esquerda sob o controle de uma fronteira natural à direita)

A propriedade geral que faz parte da caracterização determinista da "ternaridade" está ligada à Condição de Recuperabilidade. Por causa dessa condição, duas cabeças construídas e consecutivas em uma estrutura métrica ternária devem estar separadas por pelo menos duas posições intervenientes. A propriedade de possuirem os constituintes ternários cabeças separadas por u

ma extensão mínima de posições serve à exclusão da possibilidade de haver cabeças mal colocadas em constituintes ternários degenerados (constituintes com menos de três posições) e, conseqüentemente, serve à Condição de Recuperabilidade: constituintes ternários poderão ser recuperados a partir da localização de suas cabeças.

Quanto às convenções simétricas de licenciamento de fronteira por acento, elas se relacionam à Condição de Fidelidade e nelas é necessário mencionar posições acentuadas e não-acentuadas:

a. Licenciamento de fronteira por acento em padrão esquerda-para-a-direita:

$$\begin{array}{lcl} * & & * \\ * \;(_a \;*\; _a) & \dashrightarrow & *\;)_a \;*\; _a)) \end{array}$$

b. Licenciamento de fronteira por acento em padrão direita-para-a-esquerda:

$$\begin{array}{lcl} \quad\quad\quad * & & \quad\quad\quad * \\ (_a \;*\; _a) \;* & \dashrightarrow & ((_a \;*\; _a)* \end{array}$$

(uma coluna com dois asteriscos representa uma posição acentuada; uma coluna com um único asterisco representa uma posição átona)

Nos constituintes ternários, tal como nos binários, a Condição de Maximalidade está associada à fórmula que, incluída nos esquemas simétricos de construção direcional, é expressa através da notação parentética convencionada em SPE. A Condição de Direcionalidade e de Exaustividade se seguem da exigência de que o algoritmo de construção seja não só determinista, mas maximamente simples. Quanto à Condição de Fidelidade, ligada ao

licenciamento de fronteira por acento, ela não dá nascimento às mesmas convenções vistas nos constituintes binários e nos não-limitados (unbounded). Esse fato está ligado ao caráter indeterminado da direção de governo nos constituintes ternários.

A exposição dos procedimentos deterministas que inserem fronteiras em constituintes não-limitados, binários e ternários é complementado com o exame e a ilustração da Condição Dominó, imposta a constituintes limitados (bounded). Do exame feito, resulta a afirmação de que as regras geradoras de estrutura se aplicam sempre que a sua descrição estrutural é encontrada. Elas são regras com um comportamento especial face às regras fonológicas habituais; são regras "persistentes". E esse comportamento especial se segue do fato de que regras que erguem fronteiras de constituinte devem ser consideradas parte da representação fonológica.

O exame da Condição Dominó tem seus resultados ligados àqueles advindos do exame das demais condições mencionadas. A junção de resultados leva Halle e Vergnaud à conclusão de que tais condições se seguem ultimamente da formalização dos objetos e de um conjunto de relações desenvolvidas. Sua conclusão maior é a de que é possível reunir a construção de constituintes não-limitados e limitados através de um único procedimento:

> "O procedimento para construir a estrutura de constituinte métrico é o mais simples procedimento determinista. As demarcações de constituinte são aquelas licenciadas pelas extremidades da seqüência input, pelas cabeças intrínsecas, e, no caso dos constituintes limitados, pela aplicação iterativa da regra de construção, e só por essas."

As conclusões alcançadas são a própria resposta às duas questões básicas feitas quanto ao porquê da existência de um

conjunto particular de condições encontrado na construção de constituinte métrico e quanto à ligação e derivação dessas condições de princípios mais gerais.

Em primeiro plano com a resposta dada, a formalização é completada com uma diferenciação estabelecida entre a notação geométrica empregada e um conjunto de fórmulas lógicas desenvolvido em moldes semelhantes aos de linguagens de programação declarativa. Com a notação geométrica são descritos aspectos da estrutura métrica; com o conjunto de fórmulas lógicas podem as estruturas métricas ser representadas como estruturas lógicas. E as estruturas métricas são relacionadas às estruturas lógicas que a elas subjazem através da noção de projeção, no sentido que a essa deram Halle e Vergnaud (1978).

2.2.2.2. O modelo paramétrico de Hayes

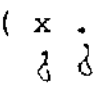
Desde 1980, Hayes vem-se voltando para a formulação, no quadro da fonologia métrica, de uma teoria paramétrica das regras de acento. Apresentamos aqui as linhas gerais de sua proposta esboçada em Hayes (1991).

Adotando a visão de que uma teoria paramétrica do acento é bem sucedida na medida em que é bem definida, maximadamente restritiva e capaz de descrever todos os sistemas acentuais das línguas do mundo, Hayes tem como um de seus objetivos a redução da complexidade dos sistemas acentuais de muitas línguas, o que alcança através de uma argumentação em favor de um pequeno conjunto assimétrico de pés básicos e de um pequeno conjunto de princípios gerais.

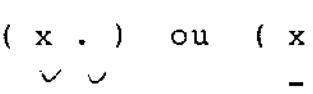
Integram o pequeno conjunto de pés básicos o troqueu silá-

bico, o troqueu moraico e o iambo - pés limitados (bounded), no mesmo sentido que a esse termo atribuem Halle e Vergnaud.

O troqueu silábico é um pé dissilábico que possui proeminência inicial e que tem as suas sílabas contadas sem que seja levada em consideração a estrutura de cada uma delas e, conseqüentemente, o que essa estrutura significaria em termos de duração. Para representar o troqueu silábico - e como ele todos os outros pés -, Hayes lança mão da mesma notação de que fazem uso Halle e Vergnaud, dela eliminando, porém, a linha mais baixa reservada às posições acentuáveis e marcando, na mesma linha em que se representa a proeminência, a sílaba completamente átona através de um ponto. O troqueu silábico é então representado como

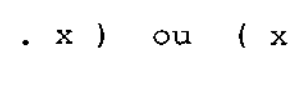


O troqueu moraico é representado como



e se caracteriza por ser um pé que consiste de duas moras, das quais a primeira é a mais forte, quer o pé seja dissilábico ou monossilábico. Quando monossilábico, considera-se o perfil de sonoridade característico de uma sílaba pesada, no qual a primeira mora é tipicamente mais sonora do que a segunda.

O iambo é um padrão que, representado como



possui no máximo duas sílabas das quais a da direita é forte;

sendo dissilábico, possui como seu membro esquerdo uma sílaba breve.

A justificativa para que apenas esses três tipos de pé constituam o conjunto básico de pés limitados é dada através de argumentos cuja base é empírica e de argumentos internos à própria teoria.

Os argumentos de base empírica são levantados levando-se em consideração uma divisão dos sistemas acentuais em dois tipos: sistemas sensíveis à quantidade (que respeitam a distinção entre sílabas pesadas e leves) e sistemas insensíveis à quantidade . No mesmo levantamento, observa-se a direção a partir da qual os pés são computados: se da esquerda para a direita ou se da direita para a esquerda.

Nos sistemas insensíveis à quantidade, o troqueu silábico é o mecanismo básico disponível para a alternância, enquanto a sua imagem em espelho está excluída dos tipos de pé básicos:

a) (x .) - troqueu silábico computado da esquerda para a direita: **bastante comum**

palavras com número par de sílabas

(x .) (x .) (x .) (x .)

palavras com número ímpar de sílabas

(x .) (x .) (x .) (x .) (x...

b) (. x) - pé com proeminência na primeira sílaba, computando-se o padrão da direita para a esquerda: raro (espelho de a)

palavras com número par de sílabas

(. x) (. x) (. x) (. x)

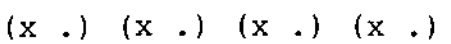
palavras com número ímpar de sílabas

...x) (. x) (. x) (. x)

c) (x .) - troqueu silábico computado da direita para a esquerda: **bastante comum**

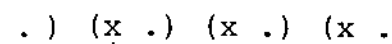
palavras com número par de sílabas

(x .) (x .) (x .) (x .)



palavras com número ímpar de sílabas

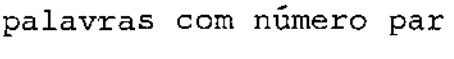
. . . .) (x .) (x .) (x .)



d) (. x) - pé com proeminência na segunda sílaba, computando-se o padrão da esquerda para a direita (espelho de c): **raro**

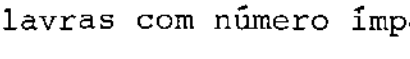
palavras com número par de sílabas

(. x) (. x) (. x) (. x)



palavras com número ímpar de sílabas

(. x) (. x) (. x) (. ...



Os sistemas raros acima são analisados como usando um outro dispositivo formal que não a imagem em espelho: as línguas que os possuem são tratadas como apresentando pés iâmbicos defectivos,

(. x)

nos quais não há sílabas pesadas a serem encontradas pela regra de acento.

Nos sistemas sensíveis à quantidade, há diferenças substanciais na freqüência de um dado padrão e sua imagem em espelho. Ao serem estabelecidas essas diferenças, são levados em consideração, no posicionamento da proeminência, não só a margem da palavra, mas também uma posição medial, relacionada ao reinício da contagem de sílabas em razão de uma interrupção ocasionada por sílaba pesada (sílabas pesadas bloqueiam a contagem alternante). Feitas essas observações, o que se tem em sistemas sensíveis à quantidade é a seguinte situação:

A) sistemas **atestados** com cômputo do padrão da esquerda para a direita:

a) troqueus moraicos - (x .) ou (x):

⏑ ⏑ –

. acento na margem da palavra;

. recomeçam com acento depois de uma sílaba com batida acentual

b) iambos - (. x) ou (x):

⏑ – –

. começam sem acento na margem da palavra;

. recomeçam sem acento após uma sílaba com batida acentual.

B) sistemas **atestados** com cômputo do padrão da direita para a esquerda:

a) iambos - (. x) ou (x):

. começam com acento na margem da palavra;

. recomeçam sem acento após uma sílaba com batida acentual.

b) troqueus moraicos - (x .) ou (x)

. começam com acento na margem da palavra;

. recomeçam sem acento após uma sílaba com batida acentual.

C) sistemas **não-atestados**, com cômputo do padrão da esquerda para a direita:

a) padrão derivável de um pé que é a imagem em espelho do iambo - (x .) ou (x)

. começa com acento na margem da palavra

. recomeça sem acento depois de sílaba com batida acentual

b) padrão derivável somente com algoritmos complexos que poderiam criar pés com dois acentos - (. x) ou (x x) ou (x)

. começa sem acento na margem da palavra;

. recomeça com acento depois de sílaba com batida acentual.

D) sistemas **não-atestados**, com cômputo do padrão da direita para a esquerda:

a) padrão derivável por um pé que é a imagem em espelho do troqueu moraico - (. x) ou (x)

. começa com acento na margem da palavra;
. recomeça sem acento depois de sílabas com batida acentual

b) padrão derivável somente com algoritmos complexos que criariam pés com dois acentos - (x .) ou (x x) ou (x)

. começa sem acento na margem da palavra;
. recomeça com acento depois de sílaba com batida acentual.

Os casos não-atestados em que haveria pés com duplo acento são excluídos pelo princípio da Bijectividade, pelo qual cada marca de grade é cabeça de um único domínio e cada domínio parentetizado possui uma única marca de grade que serve como sua cabeça. Quanto aos outros casos não-atestados, as diferenças substanciais na freqüência de um dado padrão e de sua imagem em espelho levam Hayes a excluir tal imagem da tipologia de pés limitados (bounded) básicos por ele proposta - e, conseqüentemen

te, a restringir os tipos básicos ao troqueu silábico, ao troqueu moraico e ao iambo - constituindo os três um conjunto assimétrico, mas empiricamente suficiente.

Estando os tipos básicos de pés limitados em acordo com os fatos apresentados por diversas línguas, resta apresentar uma justificativa teórica para esses tipos advinda da própria teoria. Essa vem sob a forma de conexão do inventário de pés não só com outros domínios lingüísticos mas também com domínios cognitivos.

Em termos de domínio lingüístico Hayes aponta como suporte para o seu conjunto assimétrico de pés limitados as próprias assimetrias observadas, por exemplo, no domínio da sílaba, assimetrias que se dão quer em termos de possibilidades fonotáticas, quer em termos de cômputo de peso.

Também em apoio à assimetria contida na sua proposta de pés básicos limitados, Hayes considera a tradição de experimentos psicológicos sobre agrupamento rítmico. Nessa tradição, os experimentos estão voltados para a percepção do ouvinte e são realizados com a colocação em seqüência de sons artificialmente criados em ritmo regular e dispostos, na sua apresentação, de duas maneiras: em uma seqüência, cria-se uma alternância com base na intensidade; em outra seqüência, cria-se uma alternância com base na duração. Os resultados desses experimentos revelam de maneira sistemática que, quando os ouvintes agrupam os sons em pares, eles o fazem de modo a que a proeminência pertença ao primeiro som - no caso de a alternância estar apoiada na intensidade - e de modo a que a proeminência

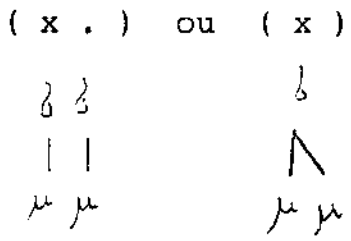
pertença ao segundo som - no caso de a alternância estar apoiada na duração. Esses resultados são suficientes para que Hayes os tome não como o reflexo de algum aspecto mecânico do processo de percepção, mas como o reflexo de uma lei de estrutura rítmica bem formada - uma lei para a qual se encontra evidência em outros domínios rítmicos como a música ou a poesia. Essa lei, chamada de **Lei trocaica/iâmbica**, é expressa nos seguintes termos:

> Elementos que contrastam em intensidade formam agrupamentos com proeminência inicial.
> Elementos que contrastam em duração formam grupos com proeminência final.

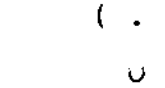
O estabelecimento da lei trocaica/iâmbica permite a Hayes tomar o seu inventário de pés básicos limitados (bounded) como constituindo um conjunto que é o reflexo lingüístico de um princípio puramente rítmico, um princípio que pertence ao domínio da mente.

Seguindo-se a lei trocaica/iâmbica, espera-se encontrar, no caso de pés inicialmente acentuados, unidades de duração aproximadamente igual. Se essas unidades forem sílabas, estar-se-á diante do troqueu silábico:

Se essas unidades forem moras, ter-se-á um troqueu moraico, quer as duas moras se apresentem em duas sílabas breves consecutivas ou no interior de uma única sílaba pesada (μ = mora):

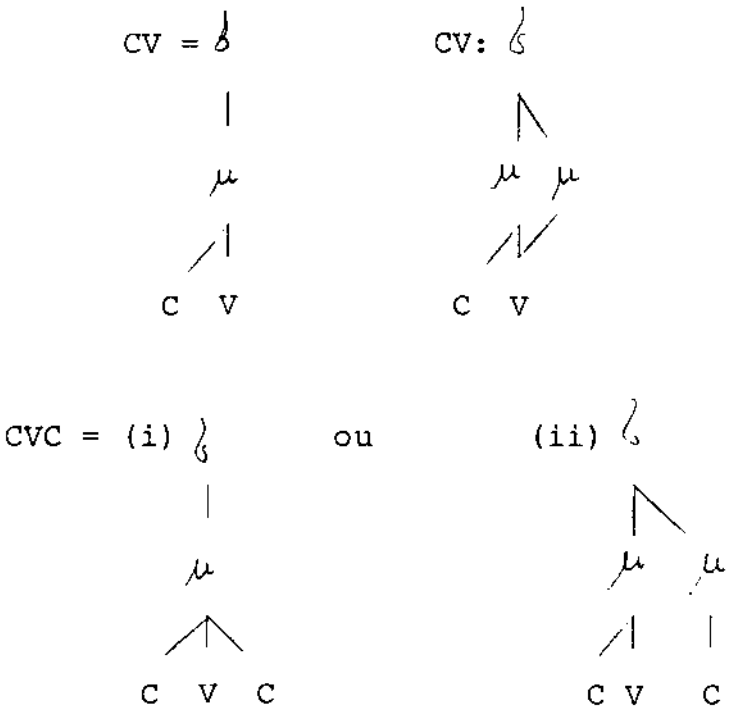


No caso de pés com acento final, espera-se encontrar uma sílaba breve concatenada a uma sílaba longa, ou seja, o iambo em suas forma canônica:



O peso silábico, previsto na lei trocaica/iâmbica, é representado, no modelo de Hayes, somente por moras e tem a sua relevância relacionada não só à construção do pé, mas também a outras regras. No modelo, as moras são unidades às quais a estrutura métrica faz referência, sendo que a estrutura moraica pode variar conforme as línguas. De comum entre as línguas há apenas o fato de que nenhuma delas apresenta mora licenciada por consoante em ínicio de sílaba. Além de explicar a ausência universal de peso silábico baseado na presença de um **onset**, a adoção da mora tem, segundo Hayes, a vantagem de poder fazer acompanhar essa explicação de uma notação em que não se tem uma casa prosódica própria na posição de onset à qual segmentos possam se ligar. Na representação adotada por Hayes, onsets estão ligados à primeira mora, já que, na determinação do peso silábico, pode-se simplesmente contar os "filhos" de um nódulo silábico. Assim, com a adoção da mora, Hayes expressa o fato de que sílabas CV contam universalmente como breves, que sílabas com vogais longas muito provavelmente

contam em termos universais como longas e que sílabas CVC para certas línguas contam como breves e, para outras, como longas (havendo ainda a possibilidade de que, no interior de uma mesma língua, uma sílaba do tipo CVC possa, conforme o contexto fonológico, ser tida ora como longa, ora como breve). A expressão desse fato se dá da seguinte maneira:



A mora, no modelo de Hayes, serve à expressão do peso silábico, importante para a determinação de pé básico limitado sensível à quantidade. Ela, no entanto, não é a base sobre a qual possa diretamente ser criada a estrutura métrica, o que vale dizer que a criação da estrutura métrica se faz com respeito à sílaba.

Apoiado na lei trocaica/iâmbica, o pequeno conjunto assimétrico de pés básicos limitados a que chega Hayes é secundado, face à complexidade dos sistemas acentuais existentes, por con

dições relativas à admissão de pés degenerados e de constituintes extramétricos.

Na questão dos pés degenerados, os menores pés logicamente possíveis relacionáveis ao conjunto estabelecido anteriormente são os seguintes:

a. troqueu silábico: (x)
σ

b. troqueu moraico: (x)
μ

c. iambo: (x)
μ

Em virtude de um número de razões, pés degenerados estão em princípio banidos da teoria, podendo, porém, ser formados em línguas que apresentem um grau de relaxamento quanto à proibição geral que impede a sua constituição.

As razões que levam à interdição de pés degenerados na teoria são de mais de uma ordem.

Há uma razão de ordem morfológica: palavras de extensão mínima que integram uma classe aberta (isto é, palavras de extensão mínima que não são palavras gramaticais) não são, conforme atesta um amplo número de línguas, constituídas de pés degenerados.

Há uma razão de ordem fonológica. Essa razão pode ser encontrada em línguas que apresentam conjugação de determinadas características: direção de construção de um pé (da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita) no mesmo sentido em que se amplia a camada da palavra; localização da proeminência da palavra em ponto oposto àquele em que se inicia a

construção do pé (isto é, proeminência da palavra à esquerda em pé construído a partir da direita; proeminência da palavra à direita em pé construído a partir da esquerda). Em boa parte das línguas que apresentam uma tal conjugação de características, há material suficiente para a obtenção de pés degenerados. Eles, no entanto, aí não se formam, o que é evidenciado pelo fato de serem ignoradas como local de alojamento do acento de palavra as sílabas que poderiam constituir pés degenerados.

Ao lado das razões que simplesmente levam à interdição de pés degenerados, há aquelas que se assentam na própria formação de certos padrões de acento, que ganham em explicação a partir do momento em que para eles se coloca a exigência de não permitirem pés degenerados.

Apesar das razões levantadas, há línguas que permitem a construção de pés degenerados. Diante disso, Hayes procura parametrizar o pé degenerado, submetendo a sua construção a graus de proibição:

a. Proibição forte: completamente rejeitados

b. Proibição fraca: admitidos somente em posição forte, isto é, quando dominados por uma marca de grade mais alta.

No que diz respeito à admissão de constituintes extramétricos, essa se faz com a incorporação das seguintes observações:

(a) constituintes extramétricos de nível mais alto podem dominar constituintes extramétricos de nível mais baixo;

(b) uma consoante não incorporada em qualquer constituinte métrico torna a sílaba ou pé precedente não-periférico;

(c) a extrametricalidade não pode-se encadear, isto é, um constituinte seguido por um constituinte extramétrico não é conta do como periférico.

Tais observações se completam com a proposta de que as regras de extrametricalidade podem-se referir, de maneira limita da, a ambientes à esquerda (o que ocorre quando o constituinte marcado como extramétrico colide com um acento imediatamente precedente ou quando elementos que não pertencem a qualquer constituinte extramétrico são incorporados como um membro metricamente mais fraco de um constituinte adjacente). Uma proposta como essa representa um afrouxamento na teoria, na medida em que se alarga um pouco a classe das possíveis interações da extrametricalidade em diferentes níveis.

Observações quanto à extrametricalidade e pés degenerados representam um complemento ao conjunto assimétrico de pés básicos limitados (bounded). No caso de pés não-limitados (unbounded), isto é, pés que são sensíveis ao peso silábico, mas que não colocam nenhuma limitação quanto à distância entre acentos ou entre acento e fronteira de palavra, Hayes caracteriza os sistemas que os possuem através da proeminência silábica e de uma regra de término, pela qual se cria um novo constituinte métrico no topo da estrutura existente e se coloca a marca de grade formando a cabeça desse constituinte na posição disponível mais à esquerda/mais à direita. Assim:

Sistema A: a ausência de sílaba pesada **não** muda o lado da proeminência.

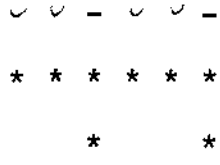
a. Projeção da distinção de proeminência

b. Formação da camada palavra, regra final (esquerda/direita)

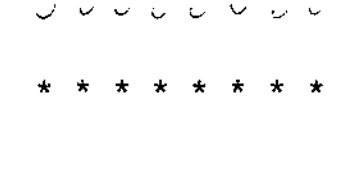
Possibilidades:

(I) Sílaba pesada é a mais à direita; do contrário, regra de término à direita:

(1) (. . . . . x . .)

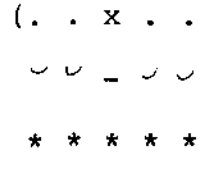


(2) (. . . . . x)

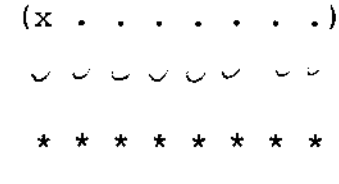


(II) Sílaba pesada é a mais à esquerda; do contrário, regra de término à esquerda

(1) (. . x . . . . .)



(2) (x . . . . . .)



Sistema B: a ausência de sílaba pesada muda o lado da proeminênca.

Possibilidades:

(I) Sílaba pesada é a mais à direita; do contrário, é a mais à esquerda

a. Formação de pés não-limitados com forte à esquerda e sensíveis à quantidade

b. Camada da palavra: regra de término à direita

(1) (x) (2) (x)

(x .)(x . .)(x . .) (x . . . . . .)

⏝ ⏝ – ⏝ ⏝ – ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝

(II) Sílaba pesada é a mais à esquerda; do contrário, é a mais à direita.

a. Formação de pés não-limitados com forte à direita e sensíveis à quantidade

b. Camada da palavra: regra de término à esquerda

(1) (x) (2) (x)

(. . x)(. . x)(. x) (. . . . . x)

⏝ ⏝ – ⏝ ⏝ – ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝ ⏝

Como não há lacunas na tipologia dos pés não-limitados, pouco há que se restringir a teoria, bastando dizer que, nesse caso, tem-se como parâmetro a acentuação da sílaba mais pesada.

Finalmente, a tipologia de pés se completa com uma visão também parametrizada das regras que criam a estrutura métrica. Seguindo-se Hayes, as línguas podem ser categorizadas de duas maneiras: aquelas que apresentam acentuação **persistente** e aquelas que apresentam acentuação **não-persistente**. As primeiras têm seqüências superficiais ajustadas em termos das condições de boa formação do pé mesmo depois da aplicação de regras fonológicas subseqüentes. As segundas parecem ter a sua estrutura métrica atribuída uma única vez. A variabilidade paramétrica aqui revela um aspecto menos defendido da estrutura fono

lógica, e Hayes chega a dizer que "todas as línguas possuem sí labas, mas parece improvável que todas as línguas possuam uma estrutura métrica".

2.2.2.3. Ritmo em Tikuna

O modelo de Halle & Vergnaud e o de Hayes lidam de forma diferenciada com os pés ternários.

Para Halle & Vergnaud (1987), os únicos pés ternários admitidos são aqueles que, como vimos, se mostram limitados (bounded) em suas fronteiras; ou seja, pés ternários têm a sua constituição, devido à Condição de Recuperabilidade, necessariamente ligada à presença de um elemento interveniente entre a cabeça e cada uma das fronteiras:

*

(* * *)

Qualquer outra alternância ternária em uma seqüência deverá ser resolvida, nos termos do modelo, através ou do reconhecimento de que se está diante da alternância fornecida pela recorrência de pés não-limitados (unbounded), ou da admissão da existência de pés limitados combinados ao recurso da extrametricalidade.

No modelo de Hayes (1991), pés ternários não constituem, à primeira vista, um reflexo lingüístico da lei trocaica/iâmbica. Afora isso, a admissão de sua existência representa um desafio ao princípio da localidade em fonologia (Hayes 1991:257). Entretanto, como é possível encontrar línguas que exibem alternância ternária iterativa ao longo da palavra (línguas como o Winnebago, o estoniano, entre outras), Hayes responde ao desafio de incorporá-los a uma teoria geral do acento. Essa res-

posta tem como seu ponto central a manutenção do inventário de pés básicos apresentados na seção anterior, acrescida de uma possibilidade altamente restritiva, qual seja: pés binários podem não ser adjacentes, mas a não-adjacência deve observar uma distância prosódica mínima, definível como uma sílaba breve. Isso vale dizer que pés binários não-adjacentes só poderão sê-lo se estiverem separados por uma única sílaba breve. Uma tal possibilidade é marcada, e a ela Hayes chama de análise local fraca (em oposição à análise local forte, pela qual pés devem ser construídos de maneira adjacente). Ao combinar-se, quando é o caso, ao recurso da extrametricalidade, essa possibilidade permite que sejam encontrados troqueus silábicos, iambos ou troqueus moraicos no interior de seqüências alternantes de três sílabas.

Em Tikuna, os dados evidenciam a impossibilidade de se propor um tratamento de pés ternários com base na concepção de pés não-limitados.

Um tratamento com base em pés não-limitados poderia ser pensado para casos de alternância ternária aparentemente não-problemáticos, como aqueles em que esse tipo de alternância coincide com determinadas estruturas morfológicas. Um exemplo de caso assim é

Texto 1 (TF(7)) nõk+ma ʔɨtʂima

antigo-intensificador$_1$- intensificador$_2$

no qual um conjunto de intensificadores se segue a uma base re

petindo o padrão rítmico dessa última. Um caso assim é resolvível, seguindo-se Halle e Vergnaud, como uma possível sucessão de pés construídos a partir das seguintes formulações:

a. Os constituintes da linha 0 são [+ cabeça terminal, - limitados, com dominância à esquerda].

b. Construir fronteiras de constituintes na linha 0.

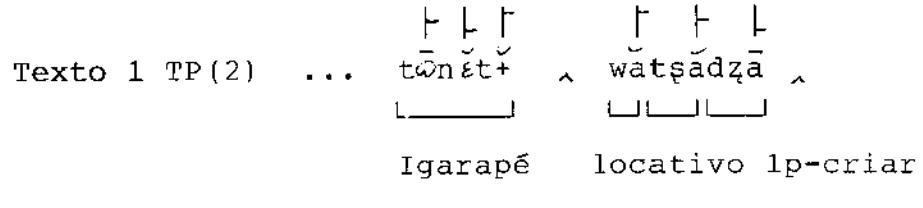
c. Localizar as cabeças dos constituintes da linha 0 na linha 1.

Com essas formulações, a seqüência acima seria então paulatinamente construída:

```
(* * *) (* * *)    linha 0    (a e b)


 *       *         linha 1    (c)
(* * *) (* * *)    linha 0
```

Entretanto, o tipo de construção proposto apresenta um problema: se adotado, ele não poderá ser exatamente o resultado de uma regra de construção de constituinte. Diante de outros dados como



vê-se que não é possível adotar, com base em pés não-limitados, um mesmo parâmetro em termos de localização e lado de dominância da cabeça para uma sucessão de construções morfológicas. Diante desse fato, a alternância ternária deverá ser vista como estando associada a constituintes obrigatórios, nascidos da existência prévia de elementos acentuados que são sempre cabeças de constituinte - e esses elementos, na língua, coincidem com sílabas longas. Assim, tanto o último exemplo quanto o precedente passariam a estar vinculados a uma primeira formulação:

1. Atribuir um asterisco na linha 1 a uma vogal em sílaba longa

```
*     *          linha 1
* * * * * *      linha 0
nõk+ma?+tsima
```

```
*           *    linha 1
* * *   * * *    linha 0
tõnét+ watsadza
```

Como os procedimentos deterministas a que chegam Halle & Vergnaud incluem aquele em que as posições obrigatórias da linha 1 induzem fronteiras do lado correspondente àquele onde se localiza a cabeça (ver introdução de parêntese intrínseco, em 1(b) em 2.2.2.1.), as últimas representações dos dois conjuntos de dados em foco apresentarão uma fronteira de constituinte do lado onde se presume esteja localizada a cabeça - o lado esquerdo:

```
*     *           linha 1
(* * *(*   * *    linha 0
nõk+ma?+tṣima
```

```
*               *    linha 1
(* * *      * * (*   linha 0
tɶnɛt+    watṣadza
```

Como, ainda de acordo com os procedimentos deterministas mencionados, um constituinte finaliza (ou se inicia) onde um outro constituinte natural se inicia (ou finaliza) (ver introdução de parêntese dependente em 2(a), em 2.2.2.1.), as seqüências acima receberão novos parênteses (no caso, parênteses do tipo reto, indicadores de fronteiras naturais):

```
*       *
(* * *](*   * *    linha 0
nõk+ma?+tṣima
```

```
*               *    linha 1
(* * *     * *] (*   linha 0
tɶnɛt+   watṣa dẓa
```

Ainda na esteira do mesmo conjunto de procedimentos deterministas, tem-se que fronteiras de estruturas morfológicas - estruturas de constituintes naturais, segundo Halle e Vergnaud - são fronteiras naturais indicadas por parentetização natural. Uma parente-

tização natural existe nas extremidades dos dados acima

```
 *       *          linha 1
(* * *](*  * *]     linha 0
 ‾ ˘ ˘  ‾ ˘ ˘
nõk+ma? +tʂima
```

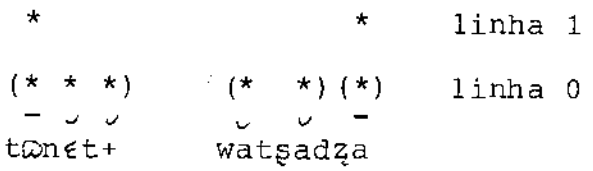
```
 *              *      linha 1
(* * *] [*  *](*]      linha 0
 ‾ ˘ ˘   ˘ ˘  ‾
tɷnɛt+  watsadʐa
```

Além disso, constituintes naturais (indicados por parênteses do tipo reto emparelhados - [ ]) são interpretados como constituintes métricos (indicados por parênteses do tipo angulado emparelhados - ( )) em um dos dados acima

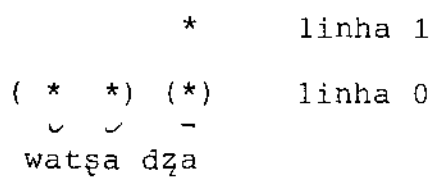
```
 *              *      linha 1
(* * *]  (*  *)(*]     linha 0
 ‾ ˘ ˘   ˘ ˘  ‾
tɷ̄nɛt+   watʂadʐā
```

E, por fim, um parêntese esquerdo (direito) que está emparelhado com um parêntese métrico direito (esquerdo) é interpretado como parêntese métrico (ver 2(b) em 2.2.2.1.), o que nos faz chegar à seguinte visão das seqüências em foco:

```
 *       *          linha 1
(* * *)(*  * *)     linha 0
 ‾ ˘ ˘  ‾ ˘ ˘
nõk+ma ?+tʂima
```



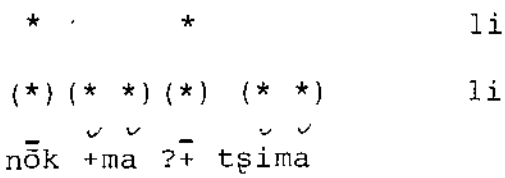
Na visão alcançada, um dos padrões rítmicos anteriormente apontado como ternário exibe agora nítida constituição binária



Uma consonância pode existir entre essa constituição binária e os outros padrões que, nos mesmos exemplos, ainda se apresentam como ternários. Para tanto, é suficiente que, à formulação que faz de uma sílaba longa uma posição acentuada na linha 1 seja acrescentada esta outra:

2. Os parâmetros da linha 0 são [+ cabeça terminal, + limitado, dominância à esquerda]

Respeitada a distribuição inicial das cabeças que representam os elementos acentuados (sílabas longas), o efeito que a última formulação tem sobre as seqüências em jogo é o de igualá-las em termos de uma construção binária :



```
*                  *      linha 1
(*)(* *)    (*  *) (*)    linha 0
_   ◡ ◡      ◡  ◡   _
tω̃ nɛt+     watṣa dẓā
```

A constituição binária de todos os pés vistos anteriormente como ternários apresenta agora só um problema: constituintes devem ter sempre uma cabeça para poderem se caracterizar como constituintes. Aparentemente, essa cabeça estaria faltando para alguns dos pés acima, na medida em que não se tem, sobre a linha 1, a projeção de posições que se encontram na linha 0. No entanto, como não se considerar aqui informação relativa à altura, vamos deixar em suspenso, para retomar logo adiante, a questão da alternância binária e a da projeção de cabeças na linha 1. Em termos do modelo de Halle e Vergnaud é suficiente por ora afirmar que padrões ternários são redutíveis a pés binários e que esses se apresentam sob duas formas:

(* *) e (*)

Seguindo-se Hayes, os padrões ternários acima seriam imediatamente relacionados a pés binários: no conjunto de pés básicos por ele determinado não há lugar para pés ternários. Para dar conta da alternância ternária, seria necessário, à primeira vista, lançar mão aqui da análise local fraca: uma opção marcada, ela permite que pés binários sejam construídos de maneira não-adjacente. Assim:

```
(x .) (x  .)
- ◡ ◡ -  ◡ ◡
nõk+ma?+tṣima
```

```
(x  .)       (x    .)  (x)
 –   ˘  ˘      ˘     ˘    –
tΩnℓt+       watşa  dẓa
```

A imagem resultante de uma análise nos termos em que a pratica Hayes faz do Tikuna uma língua caracterizada pelo pé trocaico, que, por admitir uma dupla manifestação

```
(x .) e (x)
```

já se evidencia como um troqueu moraico

```
(x .) e (x)
         –
```

A razão para que já se fale aqui em troqueu moraico está em que o troqueu silábico só possui uma forma de manifestação.

```
(x .)
```

A evidência que já se apresenta em favor do troqueu moraico em Tikuna, por sua vez, faz com que tenhamos que voltar atrás na proposta avançada de permitir uma análise local fraca e, conseqüentemente, rever a análise feita há pouco para parte dos anteriormente supostos pés ternários. Ao invés de ser a que foi apresentada, ela passaria a ser

```
(x)(x  .)  (x)(x  .)
 –   ˘  ˘    –   ˘  ˘
nok  +ma   ?+tşima
```

(x)(x .)   (x .)(x)

tω̄n ɛ̆t+̆   wăt̆ʂadʐā

Essa análise não está em desacordo com a que foi possível propor com base em Halle & Vergnaud. Mas há entre as duas análises uma diferença fundamental: enquanto, seguindo-se o modelo desses últimos, o Tikuna possui pés binários, adotando-se o modelo de Hayes, o Tikuna surge como língua possuidora de pés binários sensíveis à quantidade. Os efeitos dessa diferença serão vistos também logo a seguir.

O Tikuna possui pés binários, que podem ser especificados como sensíveis à quantidade (troqueus moraicos). Uma decisão quanto à direção de construção desses pés não é dependente da sua visão como simplesmente binários ou como binários sensíveis à quantidade.

Vistos como simplesmente binários, os pés têm, em primeiro lugar, a sua construção ligada a uma possível extrametricalidade da última sílaba à direita em seqüência com número ímpar de sílabas:

^ tω̄nɛ̆t+̆ ^   (Texto 1 TF (8))

Igarapé Preto

^ ōkω̆ʔɛ̰̆ ^   (Texto 1 TF(11))

conselho

⊢ ⊢ ⊢	
kɔ̄n+̆w̆ǎ	**(Texto 2** TF 1 (6,7))
taxizeiro	

Os exemplos acima, todos com três sílabas, podem ser considerados ou como o resultado de uma simples construção de constituinte ou como o resultado de uma construção de constituinte que respeita a distribuição inicial das cabeças que representam elementos acentuados. No primeiro caso, constituintes binários serão obtidos através da estipulação da última sílaba ímpar à direita como extramétrica:

*

(1 2) < 3 >

No segundo caso, não há extrametricalidade a ser considerada nas seqüências acima: se a construção dos constituintes, respeitando a cabeça previamente acentuada, se dá da direita para a esquerda; tem-se

*	linha 1	
1 2 3		(projeção do elemento acentuado sobre a linha 1)
*	linha 1	
(1)(2 3)	linha 0	(construção, da direita papara a esquerda, de constituinte binário na linha $\bar{0}$ com cabeça à esquerda)

se o mesmo procedimento for levado a termo da esquerda para a direita, o resultado da construção será diferente:

*	linha 1	
1 2 3		(projeção do elemento acentuado sobre a linha 1)
*	linha 1	
(1 2)(3)	linha 0	(construção, da esquerda para a direita, de constituinte binário na linha 0 com cabeça à esquerda)

A diferença nos resultados obtidos aqui para a linha 0 - linha em que se encontra expresso o pé básico - pode ser confrontada com os fatos da língua. Uma construção de pés binários da esquerda para a direita, nos fará esperar uma cabeça a ser projetada na linha 1, e o mesmo acontecerá no caso de uma construção de pés binários da direita para a esquerda. A língua não apresenta, para dados como os que se encontram acima, uma projeção de cabeça a partir da posição 2 ou 3 que possa ser manifestada como duração longa. Mas, como vimos em seções precedentes deste trabalho, a altura também é capaz de, na língua, fundar padrões rítmicos - padrões que não são diferentes daqueles que a própria duração funda. Além disso, quando ajustada à duração, a altura pode servir à subdivisão de um espaço rítmico duracional. O nível de ajustamento verificado entre ambas nos levou a afirmar (cf. 2.2.1.5.1.) que o crescimento de seqüências para a direita está estreitamente relacionado a uma regulação que opera em mais de um plano - uma operação que pode ser ajustada ou de forma a que a regulação em um plano possa prosseguir em outro ou de modo a harmonizar expectativas geradas com recursos de ambos os planos - da altura e da duração. Trazidas essas afirmações para o nível fonológico,

ver-se-á que, em uma construção de constituinte da esquerda pa ra a direita, como em

* linha 1
(1 2)(3) linha 0

não há, no espaço do constituinte relacionado à posição 3, a operação de uma regulação binária traduzível como altura. Essa regulação, no entanto, se torna visível se os constituintes são considerados como construídos da direita para a esquerda :

* * linha 1
(1)(2 3) linha 0
├ ├ ┌
tω̄n ɛ̆t+̆
Igarapé Preto

* * linha 1
(1)(2 3) linha 0
├ ├ ┌
ōk·ω̆?ɛ̱̆
conselho

* * linha 1
(1)(2 3) linha 0
┌ ├ ├
k̄n +̆wă

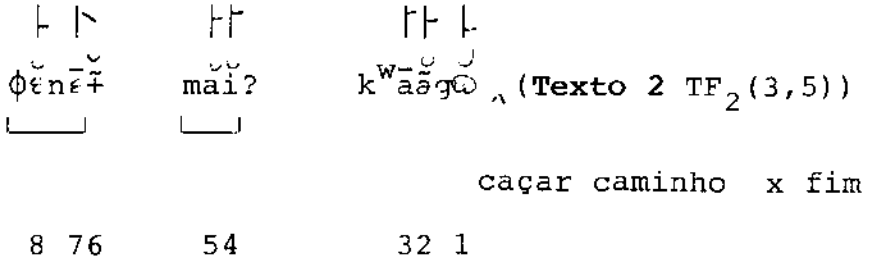
Se os pés binários do Tikuna são vistos como sensíveis à quantidade - isto é, se são troqueus moraicos -, uma seqüência de três sílabas que, como nos dados acima, contenha duração longa seguida de duas breves não possuirá sílaba extramétrica à direita:

$$(\underline{x})(\underline{x}\ .)$$

Ao mesmo tempo, o último par de sílabas breves, sob a forma canônica do troqueu moraico, fornecerá o espaço rítmico para o jogo binário desenvolvido no plano da altura.

Em uma seqüência ampliada em número de sílabas, tem-se a possibilidade do recurso a extrametricalidade, cujo uso, dentro de ambos os modelos, não se dá sem uma observação prévia das condições estabelecidas no interior de cada modelo.

Por exemplo, uma seqüência como



não possuirá extrametricalidade de acordo com ambos os modelos que nos servem aqui de referência, levando-se em conta que a construção da seqüência se dá da direita para a esquerda.

A direção de construção deverá ser a que nos referimos, uma vez que uma admissão de construção em sentido inverso nos deixaria: ou com um iambo (∪ -) no início da seqüência - o que contrariaria a caracterização da língua como possuidora de pés trocaicos; ou nos levaria a admitir extrametricalidade na

margem esquerda da seqüência - o que é probremente atestado nas línguas naturais.

Construída da direita para a esquerda, a seqüência será representada, nos termos de uma construção determinista, como

```
 *        *         linha 1
8(7 6)(5 4)(3)(2 1)  linha 0
```

ficando a sílaba da margem esquerda sem possibilidade de integrar constituinte métrico em virtude da própria regra de construção que opera na linha 0, e não pela estipulação de extrametricalidade na margem esquerda. Quanto às cabeças dos demais constituintes que não possuem duração longa, elas podem ser extraídas do plano da altura, já que tais constituintes podem ser vistos como um espaço em que opera uma regulação binária construída com elementos da altura.

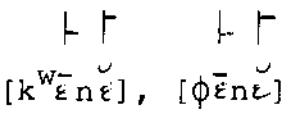
Construída com base em troqueus moraicos, a mesma seqüência terá como sua representação

```
    (x)      (x    .)  (x)   (x   .)
 ˘   –    ˘   ˘    ˘    –     ˘   ˘
 8   7    6   5    4    3     2   1
```

Nessa representação, dois pés são não-adjacentes, estando separados por uma única sílaba breve. Dispensada anteriormente como fonte explicativa de aparentes alternâncias ternárias, a análise local fraca aparece aqui como a solução formal para os casos em que uma sílaba breve entre pés não se vê incluída em nenhum deles. Quanto à sílaba breve não analisada na margem

esquerda da seqüência, ela é excluída da análise pela proibição forte que, de acordo com Hayes, pesa sobre pés degenerados (cf. 2.2.2.2.).

Uma observação aqui é importante, tendo em vista uma mudança de acento que se verifica em uma das raízes que integram a seqüência que ainda está sob a nossa atenção. Nela, a raiz referente a 'caçar' não apresenta duração longa em sua sílaba mais à esquerda. Não se trata de uma exceção à afirmação que fizemos, em seção anterior (cf. 2.2.1.5.1.), quanto à localização da cabeça de um padrão básico coincidente com uma raiz. A raiz referente a 'caçar' é comumente realizada com duração longa na sua sílaba mais à esquerda :



Aumentada para a direita, em processo morfológico que a faz ficar nominalizada, ela, em nossos dados, pode ter a duração longa transferida para a sílaba seguinte, como ocorre na seqüência que apresentamos. Uma tal transferência de acento é, para nós, prova de que o cômputo da proeminência se faz da direita para a esquerda, porque de outro modo não teríamos como associar o crescimento da palavra para a direita à mudança da duração longa. Se essa mudança não tivesse sido efetuada na seqüência que apresentamos, nela não haveria, num modelo como no outro, sílaba não-analisável do ponto de vista rítmico:

```
*           *          linha 1
(8)(7 6)(5 4)(3)(2 1)  linha 0
```

(x) (x .) (x .) (x) (x .)
— ⌣ ⌣ ⌣ ⌣ — ⌣ ⌣

Os exemplos mostrados até aqui não dão provas da existência, ao final da margem direita, de sílaba breve que possa ser ignorada para efeitos de construção do pé. Essas provas, no entanto, existem e, junto com ela estão, mais uma vez, evidências de que a construção de troqueus em Tikuna se dá a partir da direita:

a. ^it+mãɨ̃ ^ (Texto 2 TF_1(1))

aspecto contínuo-3p.íntima-surrar

b. na ɲã?ɯ̃tsĩ?ɯ̃ (Texto 3 TF_2(23))

líquido

Se os troqueus são moraicos, uma sílaba breve final deve ser saltada ao estar antecedida de sílaba longa: uma seqüência /— ⌣/ está excluída como pé pelo limite de duas moras. Assim, vendo-se os últimos exemplos acima como constituídos de troqueus moraicos, teremos a sílba breve à direita ignorada para efeito de constituição de pé, podendo ainda ocorrer a não-adjacência entre pés quando esses se encontram separados por apenas uma sílaba breve:

a. (x .) (x)
⌣ ⌣ — ⌣

b. (x) (x)
⌣ — ⌣ — ⌣

Se os troqueus são vistos simplesmente como troqueus, sem referência à quantidade das sílabas, a sílaba breve ao final da margem direita nos exemplos acima não será saltada, nem com ela qualquer outra que represente um excesso em termos de composição moraica. Ignorada será apenas a sílaba que, na margem esquerda, represente uma impossibilidade em termos de constituição de pé:

```
      *   *
a.  (4 3)(2 1)          (de acordo com Halle e Vergnaud)

      *   *
b. 5(4 3)(2 1)
```

a. (x .)(x .) (de acordo com Hayes)

b. (x .)(x .)

A língua não fornece razões para que tenhamos que, necessariamente, estipular extrametricalidade à direita, no caso de adotarmos uma visão dos pés nascida da aplicação do modelo de Halle e Vergnaud: a integração de sílaba a um constituinte binário se mantém como possível, desde que se associe a construção de constituinte (localização da cabeça, lado de dominância e direção da construção) à presença de elementos acentuados - que podem, sozinhos ou não, formar um constituinte. Esquematicamente, as possibilidades mais gerais de finalização de seqüência em Tikuna são as seguintes

a. - ⏑

b. - ⏑ ⏑

c. - ◡ ◡ ◡

d. - ◡ -

E se, ignorada a quantidade silábica e considerado apenas que a duração longa corresponde a um elemento acentuado que deve ser respeitado durante a construção de constituinte, o resultado, em termos de constituintes formados, não estará ligado à extra-metricalidade à direita, quer a seqüência tenha um número ímpar de sílabas ou não. Assim (mantemos a referência à quantidade apenas por necessidade expositiva; indicamos como cabeça de constituinte apenas o elemento acentuado (duração longa), sem fazer menção aqui à regulação binária operada pela altura):

```
        *
     (2 1)
a.   - ◡
```

```
        *
     (3)(2 1)
b.   -  ◡ ◡
```

```
        *
     (2 1)(2 1)
c.   - ◡  ◡ ◡
```

```
        *    *
     (2 1)(1)
d.   - ◡  -
```

Os dois modelos apresentados se opõem radicalmente pela referência à quantidade silábica. No modelo determinista de Halle e Vergnaud não há uma inspeção da estrutura silábica com

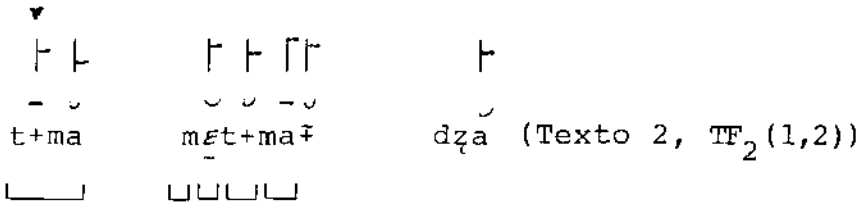
vistas à formação do pé: nele o que pode haver é um respeito a elementos acentuados independentemente da materialidade de sua manifestação. No modelo de Hayes, ao contrário, a referência a uma quantidade silábica a ser ou não computada é fundamental para a parametrização proposta. Nos fatos trazidos pela análise do Tikuna, temos elementos para, em uma dada esfera da língua, propor que a inspeção de quantidades silábicas não é necessária. Ao mesmo tempo, temos elementos para, em outro setor, afirmar que uma tal inspeção é indispensável.

Na parte deste trabalho referente à altura (cf. 2.2.1.4.1) vimos corresponder a um número de sílabas padrões de duas e três alturas, independentemente da quantidade das sílabas envolvidas na veiculação de cada padrão. Na parte em que nos voltamos para a duração e tratamos de movimentos no plano suprassegmental (cf. 2.2.1.4.2.), constatamos que o lugar preferencial de realização de movimentos no plano da altura é a sílaba longa. Ao mesmo tempo, vimos que mesmo movimentos em sílaba breve possuem uma motivação temporal. Nossa conclusão aí foi a de que, fornecidos os primeiros indícios da relação entre altura e duração, essa última se constitui em elemento condutor, que propicia e/ou revela determinadas manifestações no plano da altura.

O fato de que a sílaba longa seja o local preferencial de movimentos no plano da altura não impede um seu tratamento nos termos de uma teoria da proeminência: as diferenças de peso entre as sílabas podem ser representadas como projeções em uma

grade métrica sem prejuízo das associações que, do ponto de vista da materialidade da própria proeminência, podem ser estabelecidas entre elementos fonéticos. No caso, uma representação da sílaba longa como projeção em uma linha métrica não impede que sejam capturadas as relações que se estabelecem entre altura e duração, nem que se possa falar, a partir do mesmo tipo de representação, em padrões de altura que têm a sua base de constituição assentada sobre a sílaba.

Um exemplo das possibilidades explicativas da duração longa como proeminência está na própria construção de constituinte métrico, quando dessa construção participam de maneira ajustada, altura e duração. No trecho abaixo,



duração e altura se encontram ajustadas: a duração longa, que é cabeça final com dominância à esquerda em pé construído da direita para a esquerda, coincide com o nível de altura mais alto dentro do pé; o nível mais alto de altura nos pés, por sua vez, segue coincidindo com a posição à esquerda no pé, mesmo quando a duração longa nele não esteja presente. Tal coincidência permite que a construção dos constituintes métricos

relacionados ao exemplo acima possa ser efetuada a partir das seguintes formulações:

1. A sílaba mais à esquerda de uma raiz é portadora de acento.

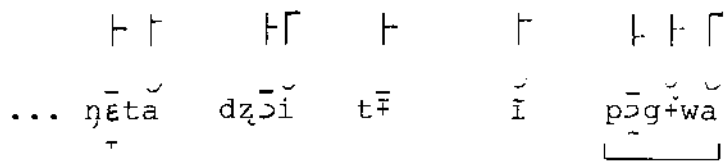
2. Os parâmetros da linha 0 são [+ cabeça terminal, + limitado], dominância à esquerda, construção do constituinte da direita para a esquerda; (esses parâmetros se aplicam utilizando-se a duração e/ou a altura).

3. Localizar as cabeças da linha 0 sobre a linha 1 (as cabeças podem ser materializadas como duração e/ou altura).

O resultado desse processo de construção será:

* * * *	linha 1
(7 6)(5 4)(3)(2 1)	linha 0

Há casos em que duração e altura, participando da construção de pés binários, neles se localizam de maneira invertida, como se vê em



	⊢ ⊢	⊢⌈	⊢	⊢	⊢ ⊢ ⌈
...	ŋ̣ɛ̄tă	dʐ̣ɔ̄ĭ	tɨ̄	ĭ	pɔ̰̄ğ̰+wă ...
	onde	Yoi	1p.pl	x	pescar-nominalizador locativo

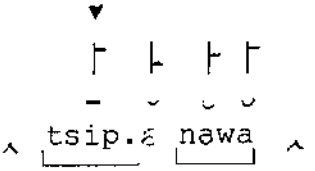
(Texto 1 TP 7)

onde a altura alta se localiza em sílaba breve.

Uma tal localização não cria problemas para o tratamento da duração longa dentro de uma teoria da proeminência nem para as relações entre altura e duração. Prova disso é que as formulações que acabamos de fazer podem ser mantidas, bastando apenas que consideremos altura e duração em planos separados e que vejamos a construção de constituinte com base na altura como operando em sentido inverso ao que é construído com base na duração.

Aspectos da utilização da altura em Tikuna podem receber um tratamento dentro da teoria da proeminência. O mesmo não se dá quando lidamos com processos que estão ligados ao peso silábico.

Ao final da seção em que tratamos da duração (cf. 2.2.1.4.2.), vimos haver um controle temporal de segmentos em sucessão, controle possivelmente propiciador de um processo de composição temporal no qual a relação entre os segmentos não se restringe a ramificações no núcleo ou na rima, chegando mesmo a ultrapassar o âmbito de uma mesma sílaba. Ainda na mesma seção, falamos da representação de certas consoantes como ambissilábicas e, entre os exemplos então trazidos sobre percepção de núcleo silábico como longo estiveram aqueles que, como



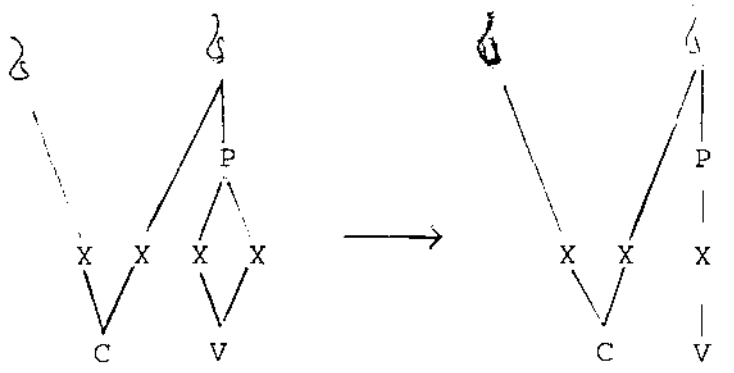
(Texto 3 TF2(23))

... tʂip ɛ nəwa ^ (Texto 3 TF3 (23))

beira locativo

nos permitiram falar de geminação de consoante, com conseqüente reatribuição da duração longa.

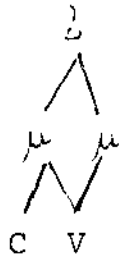
A atribuição ou reatribuição da duração longa pode ser tratada dentro de uma teoria de constituição da sílaba, que, ligada a unidades prosódicas correspondentes ao segmento (as unidades do esqueleto temporal), faria corresponder o peso silábico a uma ramificação no núcleo ou na rima. Um tal tratamento, porém, não alcançaria explicar a relação temporal que, existente, entre segmentos ultrapassa o âmbito de uma mesma sílaba. No final da seção referente à duração (2.2.1.4.2.), tentamos provisoriamente estabelecer essa relação através da formulação tentativa de uma regra de aplicação facultativa

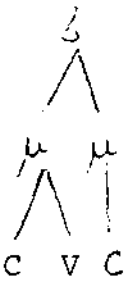


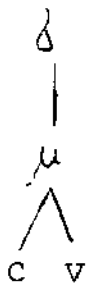
uma regra que não logra alcançar a visão da própria redução temporal operada, na medida em que não é de fato captado o que nela está em jogo: que o tempo de uma vogal em uma sílaba se reduz (a vogal de longa passa a breve) porque na sílaba ante -

terior uma vogal combinada a uma consoante perfaz um tempo longo (VC é tão pesado quanto $\bar{V}$), e sucessão de tempos silábicos longos é geralmente evitada na língua. Uma maneira de representar esse fato é possível, desde que se admita a mora como unidade prosódica relacionada a sílaba, tal com faz Hayes:

- representação do peso silábico na língua[105]:

a. sílba pesada: (i) 

(ii) 

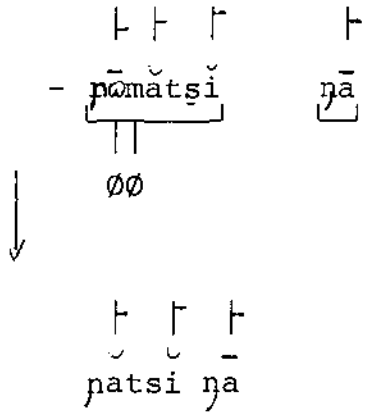
b. sílaba leve: (i) 

- restrição quanto à sucessão de seqüências pesadas:

*

A representação do tempo através da mora enquanto unidade prosódica não permite apenas que se tenha uma visão adequada de processos de redução temporal associados a uma reatribuição de duração longa. Ela também permite que se obtenha, a partir da própria representação, uma explicação para quedas no nível

segmental, quedas como, por exemplo, as que vimos em

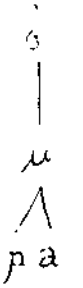


'bem agora paca'

(Texto 3, TP(27))

Como consoantes que abrem sílaba podem se ligar à sílaba precedente e como tal ligação pode ter um efeito em termos de peso silábico, a queda de segmentos em seqüência, como no caso em exemplo, objetiva uma redução do peso. Assim, uma seqüência que pesa duplamente, como

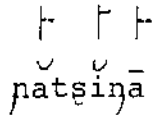
pode ver a eliminação de seus segmentos moraicos em favor de uma outra composição moraica de peso menor:



É bem verdade que quedas como essas podem ser resolvidas dentro de uma teoria da proeminência combinada à representação dos constituintes da sílaba. Por exemplo, é possível propor que a primeira vogal da seqüência referente a 'bem agora' sofre queda e que, sendo as regras ordenadas e havendo uma restrição na língua quanto a consoantes em seqüência,

1. $V \longrightarrow \emptyset$
2. $CC \longrightarrow C$

está derivada a forma



'bem agora paca'

Uma proposta de regras ordenadas formulada nos termos acima expressa de maneira correta um dos fatos da língua - a inexistência de grupos consonantais. Ela não apresenta, entretanto, uma razão para a queda vocálica, nem explica por que essa queda se dá associada a uma consoante que não pode ser vista somente ou como uma consoante que está, em função de uma ambissilabicidade proposta, na coda de uma sílaba ou puramente como consoante sem qualquer referência à sílaba. Sem ser explicativa, a proposta em questão compromete a visão de que os processos de queda segmental em Tikuna ligados à duração podem ser totalmente explicados no âmbito de uma teoria da proeminência e com referência apenas aos constituintes da sílaba.

Essa primeira conclusão que tiramos com relação a proces-

sos relacionados à duração tem suas conseqüências em termos do que foi apresentado por nós, ao abrirmos este volume dedicado ao ritmo, como sendo uma de nossas preocupações: a colocação em primeiro plano das representações lingüísticas ligadas ao ritmo.

Naquilo que é contribuição da análise do Tikuna para a teoria fonológica, as representações subjacentes poderiam ser enriquecidas pela presença, no interior da sílaba, da mora enquanto unidade prosódica. Isso equivale a dizer que a visão favorecida da mora não seria aquela em que ela pode ser incorporada à fonologia através da ramificação de um constituinte silábico, isto é, a mora não seria apenas o resultado de uma ramificação do núcleo (ou mesmo da rima). A admissão da mora enquanto unidade prosódica, por outro lado, se dá aqui sem que estejamos questionando aquilo que é um dos pontos capitais na proposta de sua representação: a inércia prosódica da consoante do **onset**. Na representação proposta, essa consoante, por ser prosodicamente inerte, nunca licencia uma mora e, conseqüentemente, não deve ter um papel em processos fonológicos ligados ao peso silábico. Sem questionar esse ponto, vamos então restringir a nossa primeira conclusão à afirmação de que, estando processos de queda segmental ligados à duração de segmentos diferentemente situados em termos de sílaba, as representações fonológicas, em Tikuna, devem conter uma unidade por meio da qual seja possível veicular o tempo moraico.

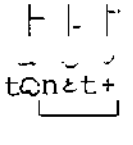
Ainda no âmbito das representações fonológicas, há outros pontos levantados pela análise. Com processos de queda no plano segmental guiados pela duração e com a perspectiva de inserção da própria duração na representação mais abstrata, é preciso distinguir a natureza da duração que estaria aí representada. Por mais de um momento, neste trabalho, se falou da duração. Ela foi considerada importante quando, por exemplo, lidando com a ramificação de constituintes no interior da sílaba através da observação do papel da oclusão glotal, verificamos que uma das tendências da língua é o de privilegiar a caracterização de uma sílaba longa como sendo aquela que ou é constituída de um núcleo com dois nódulos temporais ou de um núcleo com um nódulo temporal acompanhado de um tempo de coda preenchido. Se traduzida para um esquema teórico que admite a mora como unidade prosódica, a verificação feita será expressa sem que se tenha cada segmento correspondendo a uma unidade da camada ou esqueleto temporal (unidade X) que lhe seja própria. Ao contrário, na tradução feita, à consoante do onset não será atribuída uma unidade temporal, ficando a expressão do tempo fonológico restrita ao núcleo e à coda. Nesse ponto, independentemente do fato de termos apontado uma diferença entre uma teoria moraica e uma teoria que vê o tempo submetido à constituição da sílaba diferença relevante em termos da expressão da motivação que leva a determinadas quedas no plano segmental); e independentemente também da afirmação que vem de ser feita quanto à necessidade de veiculação da mora nas representações subjacentes do

Tikuna, vamos dizer que a tradução feita não fere a visão de que há na língua uma duração ligada à posição do segmento. Nessa visão, quer por uma teoria quer por outra, uma consoante na coda possui um tempo próprio: ela licencia uma mora pelo esquema moraico, ela está vinculada a uma unidade temporal X pela teoria que postula o esqueleto temporal. Ainda nessa mesma visão, uma vogal que compõe sozinha o núcleo também possui um tempo próprio: uma mora ou o tempo de uma unidade X, conforme a teoria. Esses são tempos vinculados à posição silábica. Podemos dizer que compõem um peso por posição e que permitem a inscrição da sílaba leve (V = μ ou X) e da sílaba pesada (CVC = $\mu\mu$ ou XX) nas representações subjacentes, além, naturalmente, de poderem se fazer presentes nas representações derivadas.

Quanto à duração longa do núcleo constituído por segmento vocálico, essa deve ser derivada por regra: uma primeira regra que, mostrada há pouco dentro de uma teoria da proeminência, faz da sílaba mais à esquerda de uma raiz a portadora de acento, sendo o acento interpretado como duração longa; e a regra que, ainda dentro de uma teoria da proeminência, constrói constituintes métricos na linha métrica mais baixa e que possibilita, ao localizar a cabeça de um constituinte, o surgimento de uma duração longa associada a um núcleo silábico. Essa última regra - já foi dito - possui como parâmetros para a sua interpretação a duração e/ou a altura, podendo também ter, como um de seus efeitos, a criação de interações entre o plano

da duração e o da altura, com a duração propiciando e/ou revelando determinadas manifestações no plano da altura. (conforme vimos quando abordamos os movimentos no plano suprassegmental)

Em se tratando dos efeitos, em termos de percepção, da atuação dessas regras que levam à localização do acento, já nos foi dito que o Tikuna se assemelha ao latim (Luiz Carlos Cagliari, comunicação pessoal). Uma tal semelhança tem, a nosso ver, um ponto de contato nos efeitos da regra de localização do acento sobre as formas da língua. A primeira regra, por exemplo, faz de uma sílaba mais à esquerda da raiz uma sílaba acentuada. Como a grande maioria das raízes em Tikuna é de dissílabos, a sílaba mais à esquerda da raiz acaba sendo a penúltima. Em composições com raízes que levam à constituição de uma base (isto é, de um núcleo em uma construção morfológica), essas composições, quando se dão com morfema monossilábico seguido de um dissilábico, terão a antepenúltima sílaba acentuada, como ocorre com o item referente a 'Igarapé Preto' , o qual só agora revelamos como resultado de uma composição:



'Igarapé Preto'

igarapé

O resultado será, em casos como esse, o de se ter concretamente, isto é, na realização efetuada, uma palavra polissílaba em que o acento recai sobre a antepenúltima sílaba - estando essa seguida de uma sílaba que, sendo breve, não se apresenta como

possuindo ramificação na rima. Ainda um ponto de contato do Tikuna com uma língua como o latim está em que as palavras monossilábicas de conteúdo nocional são normalmente acentuadas. Em Tikuna, isso significa dizer que esses monossílabos são longos:

⊢ ŋō	'tipo de fruta'
⌈ tɑ̄	'puxão'
⊢ tɔ̄	'outro'
⊢ t±̄	'algodão'
⌊ tɔ̄?	'macaco da noite'

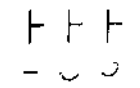
Se considerado ainda que a duração - expressão do acento - está fonologicamente ligada a um tempo moraico, completa-se um quando de semelhança entre o Tikuna e o latim.

Por fim, antes de tocarmos no assunto que nos motivou a escrever este trabalho, vamos tentar explicar, sob a ótica do ritmo, o fato de não terem sido encontradas, em seqüências de três sílabas portadoras de três níveis de altura, todas as combinações de altura passíveis de existência na língua (ver Pa-

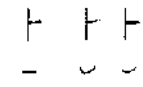
drão de 3 alturas, pp. 228-289).

Já foi aqui mostrado que existe, no plano da altura, um repertório restrito de combinações traduzíveis em termos de obediência a um esquema binário ou a um esquema ternário. Com a relação estabelecida entre altura e duração na construção de constituintes métricos, é de se esperar que não sejam muitos os níveis de altura que servem de fato à distinção no âmbito do léxico. A isso se acrescente que os esquemas de altura, fundando igualmente padrões rítmicos, terão - isso também é de se esperar - um papel preponderante onde diferenças nesse nível suprem um nivelamento existente no plano da duração. Um fato constatado através da análise experimental (cf. 2.2.1.5.2), esse se liga à tendência na língua que é a de manter o recurso a poucos níveis de altura quando o que está em jogo é a criação de padrões melódicos com efeito rítmico. Essa criação pode existir em todos fonológicos constituídos de três sílabas, na medida em que havendo uma atribuição condicionada de duração longa à sílaba que se revela como sendo a mais à esquerda, o que se tem de maneira geral é a existência lado a lado de duas sílabas igualadas pela duração breve. Do ponto de vista da quantidade, essas sílabas são troqueus moraicos. Do ponto de vista de uma teoria da proeminência, essas sílabas constituem um pé binário com uma regulação obtida no plano da altura. E, para efeitos dessa regulação, basta à língua recorrer a poucos níveis de altura, os quais se revelam na produção como sendo habitualmente o meio-alto, o meio-baixo e o médio. Essas alturas são categorizadas pelo falante nativo como sendo, respectivamente, voz masculina, voz feminina e voz geral. Quando, fugindo à tendência de impor u-

ma regulação no plano da altura para suprir nivelamentos no plano da duração, a língua permite que, por exemplo, itens lexicais isolados possuidores de três sílabas portem uma altura de nível ao longo de sua extensão, essa altura, nos poucos itens de que dispomos em nossos dados, serão marcados pela "voz geral":[106]



tatana 'tipo de pássaro'



k+tsana 'coruja'

Excluindo de itens como esses um nivelamento da altura assentado em outro nível que não seja o médio ("voz geral"), a língua abre uma porta e mostra quais são os níveis de altura que sustentam a regulação binária: o meio-alto e o meio-baixo. Saber o quanto interagem esses níveis ritmicamente reguladores com as distinções de altura que estão no léxico é uma questão que, a nosso ver, está na raiz de uma tonologia que se venha a escrepara o Tikuna.

Como último ponto desta seção, vamos passar à questão da representação lingüística da estrutura rítmica de enunciados em Tikuna. Para tratar disso, devemos verificar as possibilidades de subordinação existente entre os constituintes trocaicos que aqui identificamos como sendo a base da alternância rítmica da língua.

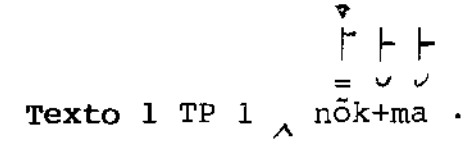
No caminho seguido pela análise, padrões rítmicos quaterná-

rios se mostraram possuidores de uma base binária e padrões rítmicos ternários terminaram por revelar uma constituição interna também assentada sobre uma base binária. O quanto bases binárias podem ser reunidas e submetidas umas às outras em unidades maiores do que seqüências de três e quatro sílabas passa a ser agora a nossa questão principal. Abordando-a através dos textos produzidos aqui já exibidos, neles encontramos de imediato algumas respostas.

A primeira delas é que a subordinação sempre se dá aos pares, de troqueu a troqueu. A segunda, que a extensão sobre a qual opera um processo de subordinação rítmica em Tikuna dificilmente ultrapassa dois pares de troqueus em uma velocidade de fala que não seja rápida - caso dos textos produzidos aqui apresenados. Uma terceira resposta está em que, ocorrendo um processo de subordinação rítmica, esse poderá operar tanto pelo lado direito quanto pelo lado esquerdo. E uma outra resposta é que, no processo de subordinação rítmica, a língua trata indiferentemente palavras, constituintes internos à palavra e constituintes sintáticos. Dados que exemplificam essas afirmações se seguem abaixo, cabendo apenas certas observações: por estar em jogo, no processo de subordinação rítmica em questão, a proeminência de uma sílaba em relação às demais, os dados abaixo se encontram tratados dentro de uma teoria da proeminência; a identificação de cabeças de constituinte métrico que fazemos na linha 1 é justificada por uma outra ocorrência do dado em foco; por estarmos colocando a nossa atenção sobre a proeminência, essa tanto poderá ser vista no plano da duração (duração longa versus duração breve) quanto no plano da altura (altura salien-

te versus altura não-saliente); a extração do dado de seu contexto lingüístico, objetivando a sua exemplificação, se deu com total respeito à contagem trocaica da seqüência completa na qual se encontra inserido o dado, de modo a se ter como exemplo um todo ritmicamente integrado (estamos considerando seqüência completa aquela inserida entre pausas). São os seguintes os dados e as situações de subordinação rítmica que eles exemplificam.

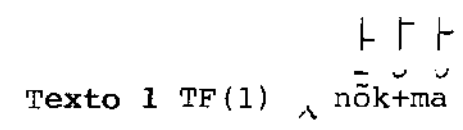
a) Subordinação, no interior de uma seqüência coincidente com a unidade palavra, de um troqueu a outro troqueu, subordinação essa que se dá com o troqueu subordinador se situando à esquerda ou à direita:



Texto 1 TP 1 nõk+ma ...

antigamente

(em outra ocorrência:



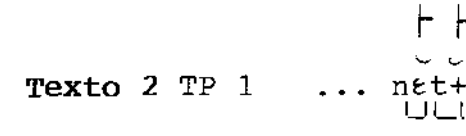
Texto 1 TF(1) nõk+ma

antigo)

Representação rítmica: * linha 2

* * linha 1

(3)(2 1) linha 0

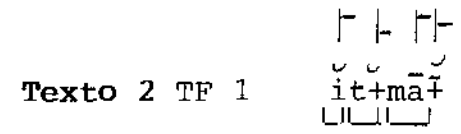


Texto 2 TP 1 ... nɛt+mãĩ ...

aspecto-3ªp. íntima-surrar

(em outra ocorrência:

Texto 2 TF 1 it+mā+̄



aspecto-3ªp. íntima-surrar)

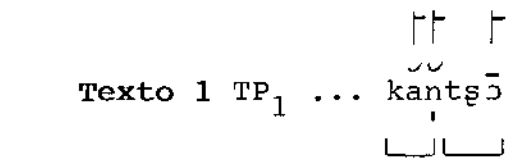
Representações rítmica:

	*	linha 2
*	*	linha 1
(4 3)	(2 1)	linha 0

b) Subordinação, em uma seqüência maior do que uma palavra mas não necessariamente coincidente com palavras completas, de um troqueu a outro troqueu, dando-se a subordinação:

- com o troqueu subordinador situando-se à direita:

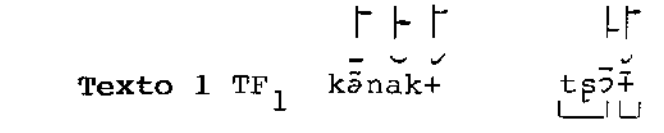
Texto 1 TP_1 ... kan̩tʂɔ̄ ...



não é mesmo? eu-...

(em outra ocorrência:

Texto 1 TF_1 kə̄nak+ tʂɔ̄+̄



mesmo eu-para

Notar bem: O processo de subordinação rítmica se deu com a ausência da última sílaba referente a 'mesmo', que aproximou os troqueus que não estar em jogo no processo de subordinação. A queda dessa sílaba encontra registro nos dados fora da situação acima (ver **Texto 3** TP 9).

Representação rítmica final:		*	linha 2
	*	*	linha 1
	(3 2)	(1)	linha 0

- com o troqueu subordinador situando-se à esquerda:

Texto 2 TP 20 ŋə̄k+ pɛ̆ ...

que bom! 2p.pl-

(em outra ocorrência:

Texto 2 TF_1(20) ... ŋɔ̄kʰ+̆ pĭdōɛ̆+̆ ...

que bom! 2p.pl-gente)

Representação rítmica:	*		linha 2
	*	*	linha 1
	(3)	(2 1)	linha 0

c) Subordinação de parte de um constituinte sintático a um outro constituinte sintático; a subordinação en-

volve troqueus adjacentes:

Texto 1 TP$_3$...	kə̃ã ʔ	dʑĩ	ɨ ...
	origem	eu-ser	x

(em outra ocorrência:

Texto 1 TF(3)	kɨ̄a	tʂĩʔĩ
	origem	eu-ser

Observação: o morfema referente a 'origem' está, no texto produzido, sintaticamente ligado ao item referente a 'Igarapé Preto')

Representação rítmica: * linha 2

* * linha 1

(3) (2 1)

Reveladas no texto produzido, as situações acima não são contrariadas pelo que se encontra nos textos fragmentados, sobretudo pelo que aí se encontra quando o falante refez o texto objeto da fragmentação (ver p. 172). Sem serem contrariadas, tais situações mostram que os processos de subordinação rítmica operam em uma linha métrica muito baixa. Em razão do seu baixo

nível de operação, ficam em primeiro plano na língua a própria construção dos troqueus e a derivação de padrões que, tendo imediatamente troqueus na sua base, estão muito próximos desses últimos. Com isso, o nível mais alto de proeminência que se pode alcançar seria semelhante ao acento principal de palavra, não fosse a dupla lateralidade do processo que atribui essa proeminência maior e não fosse também o fato de que não há um respeito total, do ponto de vista do ritmo, pelo que se possa considerar palavra. Porque ficam em primeiro plano a construção de constituintes rítmicos básicos (troqueus) e a derivação imediata de padrões relacionados a esses constituintes, já não é difícil entender por que todos fonológicos na língua podem ser constituídos independentemente do nível gramatical. Esse fato foi apontado no início deste volume e é evidente tanto em sentenças isoladas (ver pp. 4-10) quanto em textos, onde é possível encontrar um dado como

```
     ˧ ˩ ˥          ˥  ˧  ˩
... tã̄nɛ̆tɨ̆   ^     wătsădzā          (Texto 1, TP (2))
    Igarapé        em eu-criar
    Preto
```

dado esse que, exibindo uma posposição fonologicamente desconectada do termo que ela rege, encontra na estrutura rítmica fundada em troqueus a explicação para a sua existência; assim:

```
 *    *      *     *       linha 1  (seguindo-se Halle e
(6) (5 4)  (3 2)  (1)      linha 0   Vergnaud)
```

(x) (x .) (x .) (x) (seguindo-se Hayes)

6 5 4 3 2 1

Saber por que a língua permite que a constituição rítmica adquira independência em relação a informações vindas da sintaxe foi a nossa primeira questão. Ela nos devolve ao volume de sintaxe deste trabalho, às conclusões que lá se encontram e à necessidade de conjugarmos essas conclusões aos resultados que foram aqui alcançados.

3. Considerações Finais

As principais conclusões alcançadas neste volume foram:

a) altura e duração estão relacionadas do ponto de vista do ritmo, possuindo a duração um papel condutor;

b) os padrões rítmicos fundados pela altura não são diferentes daqueles que a própria duração pode fundar; esses padrões são de base binária, sendo que os padrões ternários inicialmente identificados são possuidores eles próprios de uma base binária;

c) a altura funda padrões rítmicos por sobre uma extensão fonológica que tem na sua base a sílaba; quando estão em jogo três níveis de altura, a extensão fonológica que determina o espaço de coincidências e correspondências de desenhos melódicos coincide com um limite de três sílabas;

d) os padrões binários básicos fundados pela duração são troqueus moraicos atribuídos da direita para a esquerda;

e) certos aspectos da fonologia da língua permitem o tratamento da duração longa nos termos de uma teoria da proeminência (nesses aspectos estão inclúidas as relações entre altura e duração);

f) outros aspectos da fonologia da língua, como aqueles que envolvem quedas no plano segmental, tornam relevante a inspeção das quantidades silábicas; a língua aqui conta moras, que dão indícios de poderem ser consideradas unidades prosodicamente relevantes;

g) a construção dos padrões binários básicos (troqueus) assume um primeiro plano na língua, diante do fato de que processos de subordinação rítmica operam em uma linha métrica muito baixa;

h) a constituição de todos fonológicos independentemente do nível gramatical é resultante do primeiro plano assumido pela construção de constituintes rítmicos básicos (troqueus) e pela derivação imediata de padrões a eles relacionados.

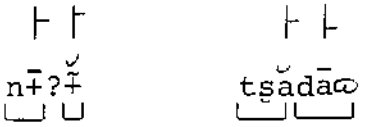
Essas conclusões se colocam em seqüência, tendo sido as últimas alcançadas após um percurso que nos levou às demais. Essas últimas conclusões são as que podem ser relacionadas àquelas a que chegamos quanto à sintaxe da língua.

Estando na língua em primeiro plano a construção de constituintes binários juntamente com uma derivação imediata de padrões de base binária, a conseqüência é que, durante a construção de constituintes rítmicos básicos, serão consideradas as seqüências silábicas (se a construção se apóia em uma teoria da proeminência) ou as seqüências silábicas com quantidade (se a mesma construção tem na sua base uma teoria da quan

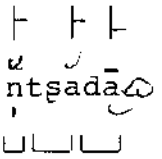
tidade). Se essas seqüências silábicas coincidem ou não com fronteiras gramaticais não é simplesmente visto pelas regras que constroem constituintes métricos e que, por construí-los podem ser consideradas como parte da representação fonológica. No caso, a língua que permite que isso esteja acontecendo é uma língua que apresenta, ao lado de um parâmetro básico estrutural, uma variada manifestação casual - a qual inclui casos estruturais e casos não-estruturais, esses últimos tendo a sua presença ligada ao rompimento da ordem estrutural. Além disso, a língua ainda faz uso de uma distinção entre predicado e adjunto. Sendo rica do ponto de vista dos casos e com uma distinção (predicado x adjunto) relevante para a ordem, a sintaxe não exige que a modelagem rítmica de um enunciado deva ter nela a sua base: a sintaxe Tikuna não precisa, de modo geral, da fonologia para confirmá-la. Assim, não esperamos encontrar em Tikuna uma diferença sintática entre afixos sistematicamente refletida em suas diferentes propriedades fonológicas, entre elas aquelas relacionadas à proeminência. Também não esperamos encontrar padrões de proeminência crucialmente definidos com respeito à estrutura sintática de superfície da sentença ou mesmo uma relação crucial entre a estrutura de constituintes da palavra e os padrões de proeminência.

A sintaxe Tikuna libera a fonologia para a exploração do ritmo em seu nível mais básico. Por outro lado, essa liberação preserva aquilo que, na relação som e estrutura, parece ser o mais relevante para a língua. Dissemos, na conclusão do primeiro volume, que há uma íntima ligação existente entre os elementos que constituem o sintagma verbal no seu nível mais básico,

uma íntima ligação entre O e V. Dissemos também que a prova disso estava na utilização de marcas morfológicas que, fora do SV, readquirem sua autonomia e que, dentro do SV, são tratadas como afixos. No nível mais básico da ligação mencionada, o clítico se liga **sempre** ao verbo, em uma subordinação de troqueu a troqueu:



3p-"dativo" 1p-ver 'eu o vi'



'eu o vi'

Da mesma forma, assim como o núcleo de uma construção sintática é relevante, o núcleo das palavras também o é, e nesse ponto a estrutura se liga imediatamente ao som: as raízes na língua são sempre troqueus indivisíveis, o que significa que suas partes não podem ser desmembradas para a constituição de todos fonológicos independentes.

Fazendo com que a fonologia preserve aquilo que lhe é mais básico, a gramática do Tikuna dá aqui os indícios do que pode ser uma relação entre som e estrutura. Ao mesmo tempo, o estudo integrado de fatos de uma língua como o Tikuna nos faz ver caminhos diferentes que podem ser seguidos pela fonologia no seu relacionamento com a sintaxe. Quão diferentes podem ser

esses caminhos, é ainda matéria de muito estudo. Na realidade, a conclusão maior a que podemos chegar, a partir do estudo de certos aspectos de uma língua indígena como o Tikuna, é a de que é necessário voltar a pensar sobre as relações existentes entre os níveis lingüísticos.

Volume II

Tomo II

NOTAS

53 - A tradução métrica a que estamos nos referindo é aquela fundada por gregos e latinos.

54 - Ver nota 63.

55 - Entre as conclusões de Soares (1991) estão: a consideração de dátilos e anapestos como manifestações de um mesmo padrão básico; a colocação do padrão ⏑ – ⏑ no mesmo nível temporal do dátilo; a visão do peão como comportando diferentes manifestações, todas elas conservando os tipos de quantidade silábica encontrados em um peão.

56 - Fazemos alusão aqui a uma posição que é corrente desde Goldsmith (1976).

57 - Lembramos que estão de reserva, desde a seção anterior, o possível papel de depressor da altura desempenhado pela oclusão glotal (juntamente com os problemas que isso coloca, conforme pp. 254-261; pp. 271-272) e a posição da oclusão glotal em relação ao núcleo silábico (ver p. 272).

58 - Boa parte desses segmentos é condicionada foneticamente pela presença de uma consoante nasal (Ver Soares 1983 a).

59 - De acordo com Soares (1983 b), a laringalização não provoca alterações significativas no espaço acústico de cada vogal em Tikuna, se levados em consideração o primeiro e o segundo formantes. E o mesmo acontece com a nasalidade, que também não altera significativamente os valores acústicos dos dois primeiros formantes. Ainda de acordo com o mesmo trabalho, para uma especificação acústica completa das vogais do Tikuna, é necessário considerar as ressonâncias extras e as anti-ressonâncias que acompanham os sons vocálicos e o efeito que essas têm sobre os dois primeiros formantes. Considerações dessa ordem, tecidas no trabalho em questão, não mudam, entretanto, o quadro dos ditongos na língua quando deles participam qualidades vocálicas portadoras, em igual medida, de nasalização e laringalização.

60 - Estamos desconsiderando, para efeito do movimento em questão, a presença da nasalidade como um possível elemento favorecedor da ditongação das vogais abertas consideradas.

Com relação à realização relativamente anteriorizada de vogais em Tikuna, cabe aqui uma observação. Em "Traços acústicos das vogais em Tikuna" (Soares 1983 b), chegamos à conclusão de que as vogais em Tikuna são produzidas dentro de um "setting" palatal, o que equivale a dizer que todas elas são produzidas anteriorizadamente. Uma tal produção não impede, entretanto, que possam ser feitas afirmações quanto à produção relativamente anteriorizada ou recuada de uma vogal face a uma outra.

61 - Essa relação evidencia aqui uma identidade de comportamento fonológico envolvendo os segmentos em questão. Do ponto de vista

fonético, fizemos, em Soares (1983 b), o registro de que, dependendo da consoante precedente, [ɛ] pode-se expandir na direção de uma vogal mais baixa (em conseqüência da elevação de seu primeiro formante). Esse fato não é, no mesmo trabalho, conflitante com a afirmação de que as vogais em Tikuna se mantêm dentro de sua área.

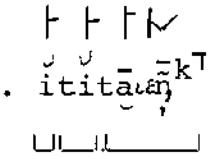
62 - O texto produzido cujo exemplo está em foco possui cerca de quarenta minutos e foi integralmente passado para a escrita Tikuna. Em todas as ocorrências do item referente a 'provavelmente' - ocorrências que foram inúmeras - sempre obteve registro apenas o que estamos considerando ser a base do ditongo no texto fragmentado.

63 - Cabe aqui assinalar que, quando encontrado antes de pausa, o movimento espontâneo que inclui uma base aberta seguida de um componente não-anterior fechado pode continuar a ser visto como estando condicionado por uma oclusiva velar. Como mostraremos em passagem posterior deste trabalho, ao final de agrupamento fonológico constituído por uma só palavra ou ao final de palavra em final de agrupamento fonológico foi encontrada oclusiva velar não-explodida:

Texto 3 - $TF_2(4)$ ^tʂimãᵏ^

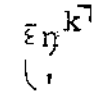
1p-matar

De difícil percepção pela análise auditiva, essa oclusiva - que pode ser vista como participando de um setting caracterizador de final de enunciado - foi também percebida e registrada após núcleo silábico envolvendo vogal anterior aberta e um componente nasal recuado, [ɳ], que ocorre como alternativa a [∓]:

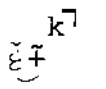
Texto 2 - TF_1(10, 11) ... itit 

aspecto contínuo-3p. íntima- ficar de pernas e braços abertos

Desde Soares (1983 b, 3.2), que sabemos que no caso de [+], *"o aumento da nasalidade é suficiente para torná-lo uma vogal nasal. Porém, como ele tem seu F_1 geralmente elevado, está sempre presente a possibilidade de aparecer a freqüência extra de 250 Hz. Quando essa aparece juntamente com as freqüências extras de nasalidade reforçadas, o segmento adquire um envelope acústico semelhante ao de uma consoante nasal"*. Diante do que sabemos, podemos afirmar que, no exemplo acima, a seqüência final



é uma realização que se dá como alternativa à possível realização



A realização que se concretiza é também manifestação do movimento da base aberta em direção à posição não-anterior fechada.

Quanto à oclusiva velar não-explodida, apesar de ser aí um elemento puramente fonético caracterizador de um domínio acima da sílaba, ela continua a funcionar como um forte elemento condicionador do movimento em pauta. Algumas vezes não percebida auditivamente, como se deu em

Texto 2- TF_1(15, 16) ˄tɔ̄kɶtʂiŋɛ̃ɨ˄

meio-dia

ela ainda é aí a única fonte de explicação possível para o movimento.

Por fim, cabe ainda assinalar que, já no âmbito da ressilabificação, pode ser encontrada uma brecha à restrição que impede que [tɨ] e [tɯ] façam parte de uma mesma sílaba (cf. pp. 373-374): essa brecha está na presença de um segmento velar que, seguindo-se à seqüência, permite que essa seja equiparada a um movimento espontâneo. Exemplo disso está em

Texto 3 - TF_3(17) ... tʂă dʐāɶʔmaɛ̃ ŋɛ̄gɶmă -

1p-pegar-só-nominalizador dêitico

(aí; quando)

no qual, a consoante velar que inicia o dêitico dá condição a que o nominalizador que finaliza a palavra anterior fique na mesma sílaba que o [t] do morfema referente a só.

64 - A propósito do componente de nasalidade que se apresenta em vogais percebidas como orais e em vogais percebidas como nasais, ver em Soares 1983b a seção *Ressonâncias extras e anti-ressonâncias: a questão da nasalidade vocálica e da laringalização.*

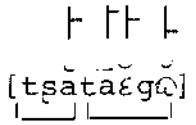
65 - Ver Soares 1983a, 3.2.

66 - Sobre a questão de ser a oclusão glotal um elemento que sofre queda ou elemento inserido, ver colocações feitas mais adiante (nas pp. 379-384).

67 - Ver p. 351 e pp. 356-357.

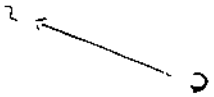
68 - A seta aqui indica apenas a direção do movimento.

69 - Como item isolado pronunciado em velocidade lenta, por exemplo, a forma em questão se realiza como



1p-voltar

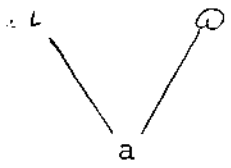
70 - Quando observado em itens isolados, o movimento



se apresentou como resultado de processo de ressilabificação (ver *Ressilabificação e processos relacionados* em Soares (1983a)).

Quanto aos itens isolados que se seguem exemplificados, eles são antecedidos de letra maiúscula que indica o falante nativo fornecedor do dado.

71 - Os movimentos



não são alcançados por essa tendência, dada a própria ambivalência de [a], que ora se comporta como vogal não-recuada (ver pp. 351-352), ora como vogal recuada (ver pp. 392-393, onde os dados mostram o alinhamento da vogal baixa com [+], [ɯ] quando está em jogo o aparecimento de oclusiva velar não-explodida).

72 - Ver Soares (1983a).

73 - Sobre a inclusão, em uma mesma sílaba, de [ɛ̯+], [ɛ̯ɨ̯], [ɛ̯ɨ̯̃], [ɛ̯ɯ̃] ver nota 63.

74 - Ver nota anterior.

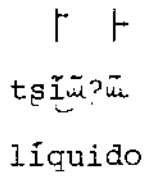
75 - Essa sugestão me foi apresentada por Leo Wetzels durante seminário de fonologia ocorrido em dezembro de 1991 no Setor de Linguística do Museu Nacional.

76 - Lembramos que a letra maiúscula que antecede cada exemplo indica o falante nativo fornecedor do dado.

77 - O primeiro dos dois exemplos que se seguem foi enunciado quatro vezes seguidas e sempre da mesma maneira.

78 - Aqui seria inviável pensar na inserção de um segmento consonantal [g^{w}].

79 - O mesmo se aplica ao caso representado por



líquido

80 - Uma seqüência como [ə̯ã], presente, por exemplo, no item traduzido por 'mesmo' (Texto 1, TF_1), pode ter o seu ponto inicial vinculado ao tempo da consoante que, no caso, é sempre velar. Essa possibilidade, admitida anteriormente para situações de palatalização do movimento vocálico, passa a constituir com essas situações um contraponto, na medida em que será possível falar de velarização do movimento vocálico condicionado pela consoante precedente e com seu tempo inicial computado no tempo da própria consoante.

81 - Nos mesmos termos de Andersen (1972: 18), estamos entendendo o ditongo segmental como constituído de um único segmento cuja fase central é acusticamente heterogênea no seu desenvolvimento, ao invés de apresentar um "steady state"; e o ditongo seqüencial como uma seqüência de segmentos que usualmente fazem parte da mesma sílaba.

82 - Sobre perfil de sonoridade na sílaba ver Milliken (1988).

83 - Como já apontamos na página 375, uma relação entre abertura vocálica e escala de sonoridade é estabelecida em Clements (1989).

84 - Sob a mesma rubrica estamos reunindo, por conveniência, o ditongo segmental (ligado à ditongação espontânea) e o ditongo seqüencial.

Com relação à marcação da duração do elemento sonoro dentro do núcleo silábico, essa se faz logo abaixo do próprio núcleo.

85 - Com base em Hombert (1978: 96), é essa a associação que faz Montes (1987: 55), ao referir-se à presença facultativa da oclusão glotal após tom alto.

86 - Ver "Traços acústicos das vogais em Tikuna" (Soares (1983 b)).

87 - Em Soares (1983 a), consideramos haver segmentos vocálicos laringalizados com status fonêmico. Não vamos discutir isso aqui.

88 - Ver Milliken (1988: 64).

89 - Idem, pp. 64-66.

90 - Para registrar essa alteração no plano da fonação que atinge parte de um segmento, fizemos a transcrição acolher a repetição do próprio segmento. O mesmo procedimento adotamos quando uma diferença no plano da altura envolvia um segmento.

91 - Ao tratar os dados em (16) e (17) como o fizemos, estamos admitindo formalmente que a língua não coloca em uma relação de exclusão a existência de um núcleo silábico com dois tempos e a presença de uma coda.

92 - Os dados de Anderson foram obtidos em aldeia Tikuna constituída em Cushillococha, Peru. Aldeia de formação recente à época do trabalho de Anderson, nela estavam falantes provenientes de uma área mais ampla. Os informantes principais de Anderson provinham de Loretoyacu, Colômbia, e do rio Yacareté, Peru. Quanto aos dados de Montes, eles foram obtidos na aldeia Tikuna de San Martin de Amacayacu, Colômbia.

Os índices numéricos utilizados por Anderson indicam altura fonêmica: 5 indica o tom baixo e 1, o tom alto, ficando os números 2, 3 e 4 para a indicação, respectivamente, dos tons meio-alto, médio e meio-baixo. Na análise da língua, Anderson reconheceu a existência de 5 tons fonêmicos.

93 - Nas formas verbais, como foi afirmado em Soares (1983 a), a sílaba longa pertence comumente à raiz.

94 - Não está em discussão aqui a presença ou não da oclusão glotal como parte da representação fonológica.

95 - Cabe aqui o registro de que Anderson teve uma preocupação em analisar auditivamente e registrar a duração de grupos vocálicos. Em Anderson (1959: 119) lê-se que "Nos grupos vocálicos cada membro recebe aproximadamente marcação de mora igual (com a exceção de /ai/ e /au/ que recebem mora mais curta quando as vogais têm os mesmos tons ou quando o tom da segunda vogal é mais baixo que o tom da primeira)". e em Anderson (1966: 5): "Short mora timing of clusters ai and au is indicated by tone written following the complete cluster".

A vogal que porta o contorno é possivelmente longa - uma possibilidade levantada a partir de dados que possuímos correspondentes aos de Anderson. No entanto, a sua análise de contornos na altura como sendo glides tonais fonêmicos o levou a decidir que, quando o contorno é portado por uma única vogal, essa vogal possui duração de uma mora, podendo, em razão disso, ser considerada uma unidade de colocação tonal.

96 - Cf. Anderson (1959: 81).

Como informação suplementar a respeito de [ɔ] e [ɔ̰], é importante assinalar que essas realizações, em nossos dados, não se fazem presentes em sílabas breves: elas só ocorrem em sílaba longa (ver 2.2.1.5.2).

97 - A criação, pela oclusão glotal, de condições para a inserção de um tom baixo deve estar, a nosso ver, associada à manutenção da hipótese da ambissilabicidade levantada quando focalizamos o papel da oclusão glotal.

98 - A reinterpretação de tais alongamentos dentro da dicotomia longo/breve é possível para as durações silábicas concretamente portadas pelo item referente a 'caçar': ultralonga estaria para longa assim como longa estaria para breve. Uma reinterpretação como breve da duração silábica longa do item referente a 'de' (o qual não se encontra seguido de pausa) esbarra no tempo da sílaba anterior do mesmo item: essa última foi produzida pelo falante e interpretada pelo analista como breve.

99 - Quedas conjuntas de consoante que abre sílaba e vogal pertencente à silaba anterior envolvem com grande freqüência consoantes nasais.

100 - Seria possível também pensar em uma reatribuição da duração longa para uma possível situação de acréscimo silábico à direita combinada a um processo de queda do elemento que porta originariamente a duração longa. Essa situação, porém, não se fez presente em nossos dados.

101 - [ɯ̈] é fonologicamente /i̇/.

102 - O texto produzido por Pedro Inácio tem o seu começo marcado por um tópico discursivo cujo referente é a pessoa do narrador, sendo o seu final elaboradamente encaminhado e apresentado como final. Uma abordagem desse texto do ponto de vista da análise do discurso se encontra em Soares (1991).

103 - A estrutura narrativa formalmente aberta é comum em textos míticos.

104 - Em Soares (1983 a) reconheceu-se a existência de somente cinco níveis de altura.

105 - A ligação da consoante que abre sílaba a uma das moras ou à única mora a que também se encontra associada uma vogal tem, para Hayes, a sua justificativa no fato de que consoantes em onset nunca licenciam uma mora, não acarretando, portanto, diferença para o peso (ver Hayes (1991: 227)). Sendo, assim, universalmente não-moraicos, onsets são inertes em processos compensatórios.

No que diz respeito à restrição que, mais abaixo, formulamos quanto à sucessão de seqüências pesadas, ela é geral sem ser categórica: é possível encontrar em meio aos dados que fornecemos seqüências desse tipo (os tradicionais espondeus); essas são, no entanto, de um baixo nível de ocorrência.

106 - Sobre a associação de um mesmo nível de altura a uma seqüência de sílabas ver também dados de Montes (1987).

BIBLIOGRAFIA

ABERCROMBIE, D. Elements of general phonetics. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1967.

ABERCROMBIE, D. A phonetician's view of verse structure. Studies in Phonetics and Linguistics London, Oxford University Press, 1965.

ALLEN, G. Segmental timing control in speech production. Journal of Phonetics 1:219-237, 1973.

ALLEN, G. Speech rhythm: its relation to performance universals and articulatory timing. Journal of Phonetics 3:75-86, 1975.

ANDERSEN, H. Diphtongization. Language 48, n. 1: 11-50, 1972.

ANDERSON, S. R. The Organization of Phonology. New York, Academic Press, 1974.

ARMSTRONG, L. The phonetics of French. London, Bell, 1932.

BALASUBRAMANIAN, T. Timing in Tamil. Work in progress no. 12:57-74. Department of Linguistics, University of Edinburgh, 1979

BAUMAN, R. Verbal art as performance. Massachusetts, New House Publishers, Rowley

BOLINGER, D. Forms of English. Cambridge, Harvard University Press, 1965.

CLEMENTS, G. N. On the Representation of Vowel Height. (Preliminary version, September 26, 1989) Cornel University.

DELATTRE, P. A comparison of syllable length conditioning among languages. International Review of Applied Linguistics 4: 183-198, 1966.

EEK, A. & HELP, T. The interrelationship between phonological and phonetic sound changes: a great rhythm shift of Old

Estonian. Proceedings of the XI International Congress of Phonetic Sciences, Tallin (1986), Academy of Sciences of the Estonian S.S.R., vol. 6, pp. 218-233, 1987.

FRY, D. Duration and intensity as physical correlates of linguistic stress. Journal of the ACoustical Society of America 27:765-768, 1955.

HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. An Essay on Stress. Cambridge, London, The MIT Press, 1987.

HAYES, B. Metrical Stress Theory. Principles and Case Studies. Draft, UCLA, January 1991.

HOMBERT, J. M. Consonant types, vowel quality, and tone. In: FROMKING, V. A. Tone. A linguistic survey, New York, Academic Press, 1978.

HYMAN, L. M. The role of consonant types in natural tonal assimilations. In: HYMAN, L. M. Consonant types an tone. Southern California Occasional Papers in Linguistics, 1, 151-179, 1973.

JOHNSON, C. D. Formal Aspects of Phonological Description. The Hagna: Mouton, 1972.

JONES, D. An outline of English phonetics. Cambridge, W. Heffer & Sons Ltd, 1972.

KAISSE, E. M. Sentential clitics and Wackernagel's Law. In: FLICKINGER, D. P., MACKEN, M. & WIEGAND, N (ed.) Proceedings of the First West Coast Conference on Formal Linguistics, Stanford University, Stanford, 1-14, 1982.

KAISSE, E. M. Connected Speech The Interaction of Syntax and Phonology. New York, Academic Press, 1985.

KLAVANS, J. The Independence of Syntax and Phonology in Cliticization. Language 61 95-120.

LADEFOGED, P. 'Out of chaos comes order', physical, biological, and structural patterns in phonetics. Proceedings of the Tenth International Congress of Phonetic Sciences, IIB: 83-95, 1984

LEITE, Y., SOARES, M. F., SOUZA, T. C. O papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições lingüísticas. In: OLIVEIRA FILHO (org.) Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro, UFRJ, Editora Marco Zero, 1987.

MANRIQUE, A. M. B., de & SIGNORINI, A. Segmental duration and rhythm in Spanish. Journal of Phonetics 11: 117-128, 1983.

MILLIKEN, S. R. Protosyllables: a theory of underlying syllable structure in nonlinear phonology. Doctoral dissertation Faculty of the Graduate School of Cornell University, 1988.

MONTES, E. Vers une tonologie de la langue Tikuna. Mémoire de D.E.A., Departement de Linguistique, Université de Paris VII - Jussieu, 1987.

NIMUENDAJU, C. The Tukuna. Berkeley & Los Angeles University of California Press, 1952.

OLIVEIRA FILHO, J. P. DE. "O nosso governo": Os Ticuna e o regime tutelar. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.

PIKE, K. L. The intonation of American English. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1945.

PIKE, K. L. Practical phonetics of rhythm waves. Phonetica 8:9-30, 1962

POINTON, G. E. Is Spanish really syllable timed? Journal of Phonetics 8:293-304, 1980.

SAPIR, E. La realité psychologique des phonemes. Journal de Psychologie Normale et Pathologique. Paris, (30), p. 171-192, 1933, Número especial.

SCHUH, R. G. Tone rules. In: FROMKIN, V. A. Tone. A linguistic survey. New York, Academic Press, 1978.

SELKIRK, E. O. Phonology and Syntax. The relation between sound and structure. Cambridge, London, The MIT Press, 1984.

SLUYTERS, W. Representing Diphtongs. Doctoral dissertation, Department of Linguistics, University of Nijmegen, 1991.

SOARES, M. F. "Padrões rítmicos em Tikuna: elementos para uma relação entre som e estrutura". Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Linguística, PUC/Rio, 5-8 novembro, 1984 b.

SOARES, M. F. Alguns processos fonológicos em Tikuna. Cadernos de Estudos Linguísticos nº 10:97-138. Campinas, 1986.

SOARES, M. F. (1987) Aspectos suprassegmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. P. Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade. Campinas, Editora da UNICAMP, 1991. pp 45-138

STETSON, R. H. Motor phonetics. Amsterdam, North Holland, 1951.

WENK, B. J. & WIOLAND, F. Is French really syllable-timed? Journal of Phonetics 10:203-216, 1982.

ZWICKY, A. M. On clitics. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1977.

ZWICKY, A. & PULLUM, G. Cliticization vs Inflection: English n't, Language 59: 502-513, 1983.

ZWICKY, A. M. Clitics and particles. Language 61:283-305, 1985.